



**I SEMINÁRIO NACIONAL
FONTES DOCUMENTAIS E
PESQUISA HISTÓRICA:
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES.**

de 01 a 04 de Dezembro de 2009

**ORGs. Juciene Ricarte Apolinário
Antonio Clarindo Barbosa de Souza**

Caderno de Resumos

**I SEMINÁRIO NACIONAL FONTES
DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA:
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES
DE 01 A 04 DE DEZEMBRO DE 2009**

ISSN 2176-4514

2009@Copyrigh UFCCG

PPGH-ISNFDPH – Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal
da Paraíba

Impresso no Brasil

Todos os direitos reservados

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL DA UFCCG

C719

I Seminário Nacional Fontes Documentais e Pesquisa Histórica (1 a 4 de dezembro de 2009.:
Campina grande, PB - Brasil)

Diálogos Interdisciplinares: Caderno de Resumos do 1º Seminário Nacional Fontes Documentais e Pesquisa
Histórica/Juciene Ricarte Apolinário e Antônio Clarindo Barbosa de Souza (Org.). – Campina Grande: Editora da UFCCG,
2009.

ISSN: 2176-4514

1. Fontes Documentais. 2. História e Diálogos Interdisciplinares. 3. Cultura e Identidade. 4. História, Fontes e
Cidade. 5. História Ambiental. 6. História e Documentação. 7. Fontes e História do Negro no Brasil. 8. História Indígena.

ÍNDICE

GT 01 – TEORIA SOCIAL HISTÓRIA SOCIAL E HISTÓRIA ECONÔMICA	PG. 05
GT 02 – CIDADE, CULTURA E FONTES HOJE: DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES	PG. 17
GT 03 – CULTURA VISUAL E ESCRITA: IMAGENS, NARRATIVAS E CULTURA IMPRESSA COMO FONTES DE PESQUISA	PG. 39
GT 04 – DIÁLOGOS DA HISTÓRIA COM A LITERATURA	PG. 48
GT 05 – DOCUMENTOS E MÉTODOS DA PESQUISA HISTÓRICA EM ARQUIVOS	PG. 56
GT 07 – FONTES PARA A HISTÓRIA AMBIENTAL NO BRASIL CONTEMPORÂNEO DEBATES TEÓRICOS, ENFOQUES CRIATIVOS E TENDÊNCIAS ATUAIS	PG. 69
GT 08 – FOTOGRAFIA E HISTÓRIA: CAMINHOS POSSÍVEIS	PG. 84
GT 09 – FONTES E METODOLOGIA PARA A PESQUISA E O ENSINO EM HISTÓRIA DA ESCRAVIDÃO NEGRA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA	PG. 92
GT 10 – HISTÓRIA E DOCUMENTOS	PG. 109
GT 11 – HISTÓRIA E FILOSOFIA	PG. 121
GT 12 – HISTÓRIA E IMAGENS	PG. 126
GT 13 – HISTORIA E INTERNET: USOS, DESAFIOS E OPORTUNIDADES PARA O TRABALHO COM FONTES HISTÓRICAS NA REDE MUNDIAL DE COMPUTADORES	PG. 137
GT 14 – HISTÓRIA E SENSIBILIDADES CAMINHOS TEÓRICO- METODOLÓGICOS	PG. 146
GT 15 – ENSINO, PESQUISA E FONTES DIGITAIS: O OFÍCIO DO HISTORIADOR EM TEMPOS DE CIBERESPAÇO	PG. 156
GT 16 – HISTÓRIA INDÍGENA: FONTES DOCUMENTAIS E DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES	PG. 167

GT 17 – HISTÓRIA ORAL E NARRATIVAS BIOGRÁFICAS E AUTOBIOGRÁFICAS PG. 177

GT 18 – HISTÓRIA POLÍTICA: ABORDAGENS, FONTES E POSSIBILIDADES PG. 191

GT 19 – HISTÓRIA SERIAL E SÉRIES ESTATÍSTICAS PG. 204

GT 20 – HISTÓRIA, IMAGEM E OUTRAS CENAS JUVENIS PG. 209

GT 21 – HISTÓRIA, MEMÓRIA E IDENTIDADES EM ESPAÇOS URBANOS EXPERIÊNCIAS DE USOS DE FONTES HISTÓRICAS PG. 222

GT 22 – HISTÓRIA/LITERATURA, LITERATURA/HISTÓRIA: CONVERSACIONES MAIS QUE POSSÍVEIS PG. 240

GT 23 – IDENTIDADES DE GÊNERO E IDENTIDADES SEXUAIS PRÁTICAS E REPRESENTAÇÕES PG. 248

GT 24 – MEMÓRIA, ESCRITAS DE SI E IDENTIDADES ESCRITURANDO PAISAGENS DE PESQUISA HISTÓRICA PG. 258

GT 25 – O CINEMA NA HISTÓRIA: MEMÓRIAS, REPRESENTAÇÕES E IDENTIDADES PG. 261

GT 26 – O TRABALHO COM OS DOCUMENTOS JUDICIAIS: OS USOS E POSSIBILIDADES NA PESQUISA HISTÓRICA PG. 267

GT 27 – O USO DO PERIÓDICO COMO FONTE DE PESQUISA HISTÓRICA PG. 276

GT 28 – PELOS BECOS E RUAS DA CIDADE: ESPAÇOS DE SOCIABILIDADES, ESPAÇOS DE SENSIBILIDADES PG. 299

GT 29 – SOCIEDADE, CULTURA E RELIGIOSIDADE NA AMÉRICA PORTUGUESA NOS SÉCULOS XVIII E XIX PG. 303



GT 01 - TEORIA SOCIAL HISTÓRIA SOCIAL E HISTÓRIA ECONÔMICA

Glaudionor Gomes Barbosa – CAA /UFPE
Ana Paula Sobreira Bezerra - CAA/UFPE

Considerando o tema do Seminário, particularmente sua proposta interdisciplinar, este Grupo de Trabalho propõe uma reflexão e um diálogo sobre as relações entre a História e as Teorias Sociais, destacando, essencialmente, de que modo, neste campo, historiadores, em contato com o trabalho de outros cientistas sociais, como sociólogos, geógrafos, antropólogos e economistas, têm pensado as temáticas relativas ao indivíduo e à sociedade, ao sujeito e às estruturas, nas diferentes temporalidades. Nesse sentido, todos os trabalhos, independente de recorte (temporal ou espacial) que se situem no campo da história social e econômica e que sustentem uma reflexão teórica sobre elas, são considerados apropriados ao presente GT. Serão particularmente bem vindos os trabalhos que tratem da História Social Inglesa e de outros autores do campo do marxismo renovado e crítico. No primeiro caso destaca-se Edward. P. Thompson, Christopher Hill e Eric Hobsbawm e no segundo, Ellen Wood, Robert Brenner e Josep Fontana.

**LOJA SIMBÓLICA COTINGUIBA: FRATERNIDADE E PROGRESSO EM
ARACAJU 1918-1922**

Viviane Santos de Almeida- UNIT
Msc. Sheyla Farias - UNIT

O presente artigo pretende mostrar de maneira sucinta a contribuição da Maçonaria através da Loja Simbólica Cotinguiba para a cidade de Aracaju em um período que o surto da gripe espanhola alastrava-se pela cidade e com a chegada de imigrantes estrangeiros que ajudaram a erguer Aracaju, além dos grandes trabalhos sociais que contribuíram com este progresso sócio-econômico.

DO TRABALHO CATIVO PARA O LIVRE NO NORTE OITOCENTISTA.

Débora da Silva Sousa (Graduanda) - UFCG
Izabelle Mayara Ramos (Graduanda) - UFCG
Prof. Dr. Luciano Mendonça de Lima (Orientador) - UFCG

Durante o século XIX, mais precisamente, a segunda metade, é compreendido pela Historiografia brasileira como uma fase de grandes acontecimentos, o qual esta enserido dentre estes, a crise do sistema escravocrata e, conseqüentemente, a substituição gradativa do trabalho cativo para o livre. Tal processo, embora apresente particularidades nas diversas províncias, quando tratada no Norte Imperial é perceptível algumas similaridades. Sendo assim, o presente artigo tem a finalidade de analisar o mencionado ocorrido nas províncias nortistas. Procuraremos, portanto, expor, a partir de comentadores, como se deu a sucessão da mão-de-obra escrava pela livre e pobre e quais mecanismos tornaram essa sucessão viável. Ao discutirmos tal problemática, faremos uso da abordagem da história social inglesa, tendo como embasamento teórico o historiador E. P. Thompson. Em conseqüência disso, explanaremos, de forma sucinta, a utilização desse pensador pela historiografia paraibana.

**A ECONOMIA BRASILEIRA E O NACIONAL DESENVOLVIMENTISMO DA
ERA VARGAS**

Eli Mamede da Silva - UFCG

Este trabalho apresenta abordagens sobre a economia brasileira evidenciando o desenvolvimento nacional da Era Vargas, bem como os pontos que conduziram o Brasil a esse desenvolvimento econômico, para tanto se analisa desde o fim da aliança política café com leite até a já mencionada Era Vargas. Este Desenvolvimento nacional da economia brasileira foi fortemente afetado pela a Era Vargas, que foi de 1930 a 1945, foram 15 anos que dividiram a historia econômica brasileira. Vargas associava o interesse nacional ao desenvolvimento de novas atividades econômicas industriais que se fariam a partir da intervenção estatal, para que dessa forma fosse superada a República velha (aliança política "café-com-leite"), onde o Brasil possuía uma “vocaçao natural” de exportações referentes ao setor primário e importador dos bens industriais. Getulio chegou ao poder apos à revolução de 30 (movimento armado, liderado pelos estados de Minas Gerais, Paraíba e Rio Grande do Sul, que culminou com o golpe de Estado, que depôs o presidente da república Washington Luís em 24 de outubro de 1930, impediu a posse do presidente eleito Júlio Prestes e pôs fim à República Velha) como um governo provisório. No governo provisório Vargas usufruía de poderes quase que ilimitados, e promoveu medidas de modernização do país, como a criação do ministério do trabalho, indústria e comercio; criação do ministério da educação e saúde; nomeação de interventores do estado (os estados perdem a sua autonomia); e a criação da lei da unidade sindical. Já no Governo Constitucionalista (1934-1937) é marcado pela formulação de uma nova constituição, trazendo novidades como o voto secreto e o voto feminino. Vargas também assina o tratado de Washington com o presidente norte-

americano Roosevelt. Já no Estado Novo se consolida como Governo centralizador e autônomo que promovia grandes manifestações patrióticas, cívicas e nacionalistas que eram incentivados pelo DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda), os apelos patrióticos na imprensa e nos livros didáticos (populismo); Vargas também suprimiu a liberdade partidária e a independência entre os três poderes. Em 1945 Vargas é deposto do seu cargo por meio de um golpe militar, o seu grande legado foi marcado pelo seu populismo e por desenvolver a indústria no Brasil.

USOS DO DIREITO DO REINO NA JUSTIÇA LOCAL DE PERNAMBUCO NO SÉCULO XVIII

Jeannie da Silva Menezes - UFRPE

No estudo das conexões imperiais e atlânticas ao longo do século XVIII, as práticas e usos sociais do Direito do Reino na justiça local das capitanias na América Portuguesa podem ser acessados a partir de fontes não judiciais. Isto porque entre as representações presentes nas mentalidades sócio-políticas ibéricas e as carências da situação colonial emergiram novos modos de conceber as instituições, alguns dos quais foram testemunhados pelos súditos que moveram as engrenagens da justiça local. Estes modos podem ser apreensíveis ao acessarmos fontes auxiliares do universo jurídico, por vezes registros únicos que trazem vestígios da atuação de determinados grupos marginalizados no processo de elaboração historiográfica. É com este olhar que selecionamos numa documentação administrativa de Pernambuco no setecentos as percepções da justiça pelos moradores, sobretudo mulheres, do complexo litorâneo de Olinda e Recife que indiciam uma re-elaboração da cultura jurídica europeia para o contexto colonial.

REPARTIÇÃO DO LUCRO E REPRESENTAÇÕES: A ECONOMIA DE COMUNHÃO NO ÂMBITO DAS PRÁTICAS DOS FOCOLARES.

Renan Vilas Boas de Melo Magalhães - UFPE

Sylvana Brandão - UFPE

Este artigo tem por objetivo tentar compreender a Economia de Comunhão através das práticas e representações do Movimento dos Focolares, que consideramos um subcampo conservador dentro da Igreja católica Apostólica Romana. Os Focolares tem sua gênese no decorrer da Segunda Guerra Mundial, no ano de 1943, em Trento, na Itália. A fundadora e idealizadora foi Chiara Lubich, que esteve na liderança do grupo até sua morte. No período pós-guerra, o Movimento teve uma grande expansão pelo mundo, inicialmente na Europa em 1956, e pelo outros continentes a partir de 1958. Em 1959, Ginetta Calliari se transferiu para o Brasil, no início do processo expansão extracontinental. O Movimento recebe a aprovação papal somente em 1962, obtendo o nome de “Obras de Maria”, devido a seus preceitos marianos. Recebem a aprovação durante o contexto do Concílio Vaticano II. Os Focolares são conhecidos por suas obras sociais em toda sua área de atuação. Um dos mecanismos de ação é a criação de

pequenas cidades, chamadas de Mariápolis. No Brasil a primeira fundada foi a Mariápolis Santa Maria, em 1965, em Igarassu, Região Metropolitana do Recife. Este ano os Focolares comemoram 50 anos de sua chegada ao Brasil, onde verifica-se ainda sua grande difusão. A partir de princípios do Movimento foi criada a Economia de Comunhão, sendo eles principalmente a cultura da partilha, a comunhão de bens e a unidade. A Economia de Comunhão foi idealizada por Chiara Lubich, sendo lançada em 1991 na sede brasileira do Movimento dos Focolares. A base da Economia de Comunhão é o lucro tripartido, existindo uma repartição do lucro em três partes, onde uma parte vai para o desenvolvimento da empresa, outra vai para a ajuda aos necessitados ligados ao Movimento e a última vai para a difusão da cultura da partilha. O diferencial da Economia de Comunhão é sua compatibilidade com a economia de mercado, sem a necessidade de uma reviravolta econômica. Nossa análise fez confluências de conceitos advindos da História Cultural, com Chartier e da Sociologia, em especial de Weber e Bourdieu. Da Etnografia tem sido fundamental as reflexões de Geertz, Steil e Brandão. Quanto a metodologia da História Oral são basilares as contribuições de Thompson, Le Goff, Montenegro e Meihy e Holanda, concomitantemente à utilização de autores temáticos, como Alexandre Santos. Nossa pesquisa é de natureza qualitativa, exploratória, documental e bibliográfica.

CAPITALISMO RETARDATÁRIO E A VIA PRUSSIANA: NOTAS SOBRE A INDUSTRIALIZAÇÃO ALEMÃ.

Izaltino Pedro dos Santos Júnior - UFPE

Rodolfo Barbosa Lima da Silva - UFPE

Glaudionor Gomes Barbosa (Orientador) - UFPE

O trabalho parte do suposto teórico de que a Revolução Industrial foi uma profunda mudança política, social, econômica, cultural e tecnológica, porém aquele processo não aconteceu da mesma forma em todas as sociedades, ou seja, houve mediações históricas e culturas nacionais, além do que não existiu um feudalismo, mas muitos feudalismos que determinaram industrializações diferentes. Também, os arranjos políticos são determinantes fundamentais. O objetivo central do trabalho foi de investigar como um país sem unidade nacional consegue se unificar e sob um governo autoritário realiza o que ficou conhecido como via prussiana de transição para o capitalismo. As evidências históricas indicam que a Alemanha vivenciou um singular processo de industrialização no século XIX. O Estado alemão juntamente com a iniciativa privada proporcionou a transformação da sociedade tradicional agrária numa moderna sociedade industrial mantendo e aperfeiçoando a agricultura alemã. Os bancos financiavam o crescimento industrial em todas as regiões e cooperavam com os empreendedores num melhor aproveitamento do capital. No intuito de proteger os produtos alemães, políticas protecionistas auxiliavam na manutenção do mercado interno e externo, enquanto o Estado implementava uma infra-estrutura que adequasse essa nova realidade industrial. Reformas educacionais aumentavam o nível de conhecimento da população e ensinava a doutrina prussiana a fim de combater o socialismo e todas as suas ramificações. A Alemanha chegou assim às vésperas da 1ª Guerra Mundial como uma das maiores potências em todos os níveis possíveis de avaliação.

**SOBRE TEORIA E METODOLOGIA DA HISTÓRIA: QUESTÕES E
DESAFIOS**

Antônio Alexandre Isidio Cardoso-UFC

Empreender discussões sobre os percursos teóricos e metodológicos que pesam sobre o ofício do historiador é o objetivo central do presente trabalho. Entende-se que a seleção da escrita, assim como a análise das fontes, fazem parte de uma espécie de *fabricação*, responsável por muito do que é potencialmente lembrado e esquecido, no jogo de luz e sombra característico da história. Nesses movimentos constantes da História há muito a discutir, desde a diversidade temática, diálogos teórico/metodológicos, até mesmo o papel do historiador na sociedade, o que extrapola as fronteiras da disciplina. Assim, a reflexão em torno do entendimento dessa empreitada volta e meia tem seus encontros com outras áreas do conhecimento (como a filosofia, antropologia, etc) o que ajuda na problematização das maneiras que o trabalho de história vai dando significado aos seus caminhos, ao modo de montar seus métodos. A lida com as fontes e a análise de sua diversidade, suas implicações teóricas, suas potencialidades enquanto matéria prima na perseguição do vivido, também inserir-se-á dentro da discussão. O impulso para tais questões tem razão de ser no movimento incessante que conforma a análise das diversas áreas do conhecimento que se ocupam do registro e análise das ações humanas, que por si mesmas têm um significado confuso, posto que fora de um universo maior de atribuição de sentidos é difícil interpretá-las, seu desencadeamento é misterioso, imprevisível. Portanto, as ações humanas devem ser situadas em seus respectivos contextos, com atenção aos possíveis desdobramentos no presente, submetidos às continuidades e descontinuidades. É uma tarefa perpassada pela interpretação de *outros*. Será dada atenção especial ao exame da problemática da ação dos sujeitos na escrita da história, o que implicará num diálogo com diversos autores, alguns destes tributários das contendas em torno da História Social no século XX, notadamente Edward Thompson e Raymond Williams. Ao ofício dos historiadores urge tornar ações pretéritas inteligíveis, de maneira a organizá-las, atribuindo-lhes sentido, e traduzindo-as para o presente.

**OS CURRAIS E A VILA: A PECUÁRIA E A PRAÇA MERCANTIL DO
RECIFE NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XVIII**

Alberon de Lemos Gomes - UPE

A pesquisa que desenvolvemos em nosso curso de doutoramento estuda a economia interna no nordeste colonial dando ênfase à produção de couro e a exportação deste analisando, em especial, a ação da Companhia Geral de Pernambuco e Paraíba, percebendo esta como o aparelho articulador do mercado interno com o de além-mar favorecendo o movimento de circulação mercantil desse produto no espaço comercial do Atlântico na segunda metade do século XVIII, mesmo com todos os conflitos com os produtores locais. Buscamos analisar, também, o impacto da circulação comercial do

couro na economia interna da Capitania de Pernambuco e suas anexas (Ceará, Rio Grande do Norte e Paraíba), partindo da perspectiva da pecuária enquanto agente conectivo de três universos distintos: o sertão, o litoral e o além-mar.

A FORMAÇÃO DE UMA CULTURA DE CLASSE: UMA HISTÓRIA SOCIAL DOS ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS EM SERGIPE (1950-1987)

José Vieira da Cruz (Doutorando) - UFBA

Pensando do ponto de vista de um historiador social, a interpretação da teia de significados possíveis a respeito dos estudantes universitários e dos movimentos dos quais tomaram parte deve ser buscada à luz do contexto social em que ocorreram. Neste sentido, os estudantes universitários, enquanto sujeitos constituídos e constituidores de experiências e de expectativas construídas a partir de práticas sociais, políticas e culturais estabelecidas no fazer-se do tempo e do lugar histórico em que estudaram, lutaram e sonharam, construíram suas vidas e pensaram a sociedade em que desejam viver. Assim, o objetivo deste texto, portanto, é compreender a partir da noção de classe, no sentido pensado por E. P. Thompson, as experiências e as expectativas forjadas entre os estudantes universitários sergipanos na formação de uma cultura de classe no período de 1950 a 1987. A delimitação destes marcos temporais toma, como ponto inicial, os primeiros documentos escritos produzidos pelos estudantes universitários organizados em instituições de cunho representativo nos idos de 1950 e, como ponto final, os documentos relativos à participação dos estudantes universitários nos movimentos de redemocratização da sociedade brasileira até 1987. Recorte final, estabelecido, a princípio, pelo limite da documentação disponível, no entanto, esta reflexão tece, ainda que de modo parcial, uma discussão sobre as possibilidades do uso da noção de classe para pensar a história social dos estudantes universitários em meio ao debate historiográfico existente sobre o tema. E, por fim, a possibilidade do enlace da noção de classe no exame da documentação escrita e das fontes orais a respeito dos estudantes universitários, de suas ações e dos movimentos de que eles tomaram parte no período em estudo. Uma história forjada a partir das peculiaridades da formação de uma cultura universitária em uma sociedade que até meados do século XX assistia a formação intelectual de seus membros restrita aos que dispunham de recursos para se deslocarem para outros centros urbanos e, mesmo, para fora do país.

Palavras-chave: estudantes, movimento estudantil, classe, juventude

TEMPO HISTÓRICO, SISTEMAS ECONÔMICOS E RELAÇÕES SOCIAIS: DO TEMPO “CÍCLICO” AO TEMPO “ACELERADO”.

Ana Paula Sobreira Bezerra - UFPE
Glaudionor Gomes Barbosa - UFPE

O artigo escolhe como objeto a relação entre o tempo e história. Desse modo, o objetivo proposto é discutir o tempo não apenas como substância da história, mas principalmente como problema da História. É fato que o tempo cíclico dominava a experiência dos

povos nômades, porque são as mesmas condições que se reencontram perante eles a cada momento da sua passagem. Antes do advento do capitalismo e durante todo o tempo que denominamos simplificarmente de feudalismo o produtor direto, o artesão trabalhava em média quatro horas por dia; a sociedade industrial inventou longas jornadas de trabalho, facilitada pela invenção da iluminação a gás. Esta valorização do trabalho foi internalizada por dois meios: produção de um imaginário moral sobre o tempo e punições aos desperdiçadores de tempo. Na verdade, há uma sempre uma penalidade iminente que é de exclusão de todos os que estão fora do padrão estabelecido pelo poder dominante. O mecenas antes e a indústria cultura salvam os artistas. A vitória da burguesia é a vitória do tempo profundamente histórico, e também do tempo-valor, porque ele é o tempo da produção econômica em todos os sentidos. O tempo irreversível da produção é, antes de tudo, a medida das mercadorias, logo o tempo do capital. Assim, pois, o tempo que se afirma oficialmente em toda a extensão do mundo como o tempo geral da sociedade é tempo-valor. As diversas e sucessivas transformações econômicas, políticas, sociais e culturais que ocorreram desde a crise e superação do feudalismo até a completa dominância da sociedade capitalista, criaram a necessidade de tempos diferentes para a adequada contextualização histórica, e para cada tipo de problema a ser estudado investigado. Assim, existem as temporalidades longa, estrutural, milenar que sustentam os processos de longa duração, as temporalidades média, conjuntural, secular ou semi-secular e as temporalidades curtas, ou seja, factual, anual ou quase que diária. A economia, por exemplo, deve ser investigada nos três padrões de temporalidades. A grande questão que envolveu a estruturação da sociedade industrial foi de como tratar o não-trabalho. As horas ociosas dos trabalhadores, foram preocupação constante não só dos capitalistas, mas de outros agentes ideológicos do capital como os padres. Afinal como administrar o tempo livre associado á não-produtividade. Para Thompson, no capitalismo todo o tempo deve ser consumido, utilizado, seria absurdo que os trabalhadores deixem o tempo passar deixando ociosa a força de trabalho. Os controles do ócio e do trabalho são uma só coisa. Por outro lado, o controle individual é também coletivo. Com a passagem, no final do século XIX, do capitalismo concorrencial para o monopolista, e, com o avanço da racionalização dos processos: taylorismo, fordismo, toyotismo, produção flexível e just-in-time. o tempo passa a ser elemento imprescindível na coordenação e integração de todas relações sociais, visto que o número de atividades a serem sincronizadas é sempre crescente e exige maior complexidade. O fenômeno mais recente é de aceleração do tempo. De repente o rock tornou-se uma música mundial, os estudantes “assaltaram os céus em 1968” e a URSS ruiu. Com “a volta do acontecimento” a história passa a sofrer de “presentismo”. A imprensa faz história, ao mesmo tempo em que vulgariza, dramatiza e deforma os fatos: Hotal Ruanda vem para a sala de jantar, mas não seria aquilo uma ficção? Deve ser verdade, mas está muito longe. Será que morreu toda diacronia, e a sociedade tornou-se sincrônica? Qual o verdadeiro significado da obsessão pelo controle do tempo? Onde levará uma sociedade praticante de uma voraz cronofagia?

**O TREM E O SONHO: EXPERIÊNCIA E RESISTÊNCIA DOS FERROVIÁRIOS
DE PERNAMBUCO NA TRANSIÇÃO DOS ANOS QUARENTA PARA OS
ANOS CINQUENTA DO SÉCULO XX.**

Glaudionor Gomes Barbosa - UFPE

O artigo tem como objeto de investigação um estudo preliminar das lutas dos trabalhadores ferroviários nos meados do século passado. As referências teóricas são de um lado, os conceitos de resistência e experiência de Edward Thompson, para o historiador inglês são as práticas cotidianas que estruturam e constituem o próprio processo histórico, isto é, o motor da história é a experiência dos homens. Para se compreender a dinâmica e as lutas dos ferroviários deve-se fazê-lo “ouvindo-se as vozes do passado” dentro da visão de que a história de qualquer grupo social é resultante de experiência e resistência do mesmo. De outro lado, utiliza-se os conceitos de imaginário em Baczko, na medida que as utopias podem fornecer sustentação para as lutas e de discurso político em Mannheim, dado que determinado discurso pode expressar como a experiência dos trabalhadores pode se transformar em força coletiva. Como objetivo central o trabalho buscou analisar como um determinado discurso político, através de uma experiência viva e coletiva, foi capaz de estimular a construção de um imaginário mobilizador e legitimador das lutas e da resistência ferroviária em Pernambuco na transição dos anos quarenta para os anos cinquenta. Ao buscar entender seu objeto de pesquisa a presente contribuição delimitou um campo teórico que conectou a experiência, a resistência, o discurso político e o imaginário social dos trabalhadores ferroviários.

AS FEIRAS LIVRES NORTISTAS PORTUGUESAS E NORDESTINAS BRASILEIRAS COMO CAMPO DE ESTUDO PARA A HISTÓRIA SOCIAL

Giovanna de Aquino Fonseca Araújo - FAVIP

Desde o medievo à contemporaneidade às feiras são caracterizadas como lugares de memória, cenário propício a sociabilidade, diante das relações sociais estabelecidas onde se evidenciam os encontros, os desencontros, as tradições, as conversas, local de perambulações à procura de compras, vendas, trocas, consumo, paquera, prazer, trabalho, entretenimento, diversão, diálogos, amizades, furtos, vícios, enfim, polissêmicas sociabilidades, compadrinamento, relações de parentesco enfim local das múltiplas territorialidades, sejam econômicas, políticas ou culturais, tecidas em mudanças que se misturam, se dissolvem, se transformam, no dia-a-dia, nas reproduções sociais, políticas e capitalistas da vida cotidiana e cidadina. Nesse sentido, objetivamos com o presente trabalho analisar as categorias históricas e de análise vinculadas a História Social (História Oral, classe social, identidades e a memória) presentes nas feiras livres dos dois lados do atlântico, no norte de Portugal e no nordeste do Brasil. Trabalharemos com os historiadores sociais ligados a oralidade e a memória: Marieta de M. FERREIRA, Janaína AMADO, Maurice HALBWACHS e Ecléa BOSI, E.P.THOMPSON, e os teóricos vinculados aos estudos culturais: HALL, Stuart e SILVA, Tomaz Tadeu.

**O FATO HISTÓRICO SOB ANÁLISE DAS TEORIAS SOCIAIS: ANÁLISE DA
GREVE DOS PRAÇAS DA POLÍCIA MILITAR DO PIAUÍ EM 1997**

Nayra Vêras de Araújo - UFPI
Antônia Jesuíta de Lima - UFPI

Os movimentos Sociais são compostos de uma imbricada teia de relações que incluem o social, o político, o econômico e o cultural, apontando para uma diversificada gama de abordagens na esteira de interpretação das ciências humanas e sociais. Assim, a análise e a metodologia vão depender, quase sempre das implicações do problema proposto. Neste sentido a proposta do artigo é apontar o diálogo entre a História e a Ciências Sociais para a compreensão do fato “movimento reivindicatório dos praças da Polícia Militar do Piauí”, ocorrido em julho de 1997. O objetivo principal é compreender as possibilidades de análise para o fenômeno social (Greve), através de uma revisão de literatura sobre as teorias para a compreensão dos conflitos e lutas sociais, ênfase para as teorias dos movimentos sociais, terreno de grande produção nas ciências sociais. E apontar como a relação entre história e Ciências Sociais se manifesta na compreensão dos fatos. Procura-se, para isso analisar a historicidade do evento e revelar que as Ciências Sociais e História, embora assumam o status de autônomas, aderem-se numa relação de mutualidade em que uma completa a outra. Desse modo, o texto tem como objetivo geral revelar como as Ciências Sociais e a História têm analisado teoricamente os conflitos e lutas de interesse no interior da sociedade. Assim o artigo proposto tem como referência básica o estudo das categorias: ação coletiva, movimentos sociais e História, procurando perceber, especificamente, as possibilidades de análise das Ciências Sociais e da História para o fato empírico greve dos policiais militares no Piauí. Diante dos objetivos propostos, o artigo tentará dar conta deste tema em três etapas. Primeiramente, será apresentado o fato empírico, apontando suas variáveis analíticas; em seguida, será oferecida uma revisão teórica para interpretação dos movimentos e conflitos sociais na compreensão da história e das Ciências Sociais e finalmente, a última parte trata sobre o diálogo possível entre as Ciências Sociais e História para a compreensão desses conflitos e lutas no interior da sociedade.

**CAPITALISMO RETARDATÁRIO E A VIA PRUSSIANA: NOTAS SOBRE A
INDUSTRIALIZAÇÃO ALEMÃ.**

Izaltino Pedro dos Santos Júnior - UFPE
Rodolfo Barbosa Lima da Silva - UFPE
Glaudionor Gomes Barbosa (Orientador) - UFPE

O trabalho parte do suposto teórico de que a Revolução Industrial foi uma profunda mudança política, social, econômica, cultural e tecnológica, porém aquele processo não aconteceu da mesma forma em todas sociedades, ou seja, houve mediações históricas e culturas nacionais, além do que não existiu um feudalismo, mas muitos feudalismos que determinaram industrializações diferentes. Também, os arranjos políticos são determinantes fundamentais. O objetivo central do trabalho foi de investigar como um país sem unidade nacional consegue se unificar e sob um governo autoritário realiza o

que ficou conhecido como via prussiana de transição para o capitalismo. As evidências históricas indicam que a Alemanha vivenciou um singular processo de industrialização no século XIX. O Estado alemão juntamente com a iniciativa privada proporcionou a transformação da sociedade tradicional agrária numa moderna sociedade industrial mantendo e aperfeiçoando a agricultura alemã. Os bancos financiavam o crescimento industrial em todas as regiões e cooperavam com os empreendedores num melhor aproveitamento do capital. No intuito de proteger os produtos alemães, políticas protecionistas auxiliavam na manutenção do mercado interno e externo, enquanto o Estado implementava uma infra-estrutura que adequasse essa nova realidade industrial. Reformas educacionais aumentavam o nível de conhecimento da população e ensinava a doutrina prussiana a fim de combater o socialismo e todas as suas ramificações. A Alemanha chegou assim às vésperas da 1ª Guerra Mundial como uma das maiores potências em todos os níveis possíveis de avaliação.

TRADIÇÃO, MODERNIZAÇÃO E O PAPEL DO ESTADO: NOTAS SOBRE A REVOLUÇÃO INDUSTRIAL JAPONESA.

Rafael João Pereira dos Santos - UFPE

Roberto Donato Teixeira - UFPE

Glaudionor Gomes Barbosa (Orientador) - UFPE

O artigo tem suporte teórico na obra de Eric Hobsbawm, particularmente a sua tese de que o ano de 1780 deve ser o marco do processo de industrialização da Inglaterra, que foi denominado pelo historiador de a maior revolução da história no mundo. A Revolução Industrial foi uma profunda mudança política, social, econômica, cultural e tecnológica na sociedade inglesa, e a partir dessa transformação profunda dar-se início a uma nova relação entre o capital e o trabalho dentro de um novo modo de produção, então denominado de capitalismo. O objeto da pesquisa é entender a transição retardatária do Japão de uma sociedade tradicional para uma sociedade industrial. Parte-se do suposto de que o processo de industrialização do Japão foi um dos mais eficientes da história da industrialização mundial. O objetivo central do trabalho foi de analisar como um país de feudalismo asiático conseguiu vencer seus entraves sociais, políticos e econômicos atingindo em poucos anos um nível de industrialização sem precedentes, ou seja, apesar de seu atraso milenar, com relação às potências européias, o Japão conseguiu, entre os anos de 1870 e 1950, passar do sistema feudal de produção para ser uma das grandes potências capitalistas do mundo, demonstrando toda a eficiência da sua modernização. A análise se restringe aos anos de 1868-1914, pois é nesse período que ocorre a gênese e a consolidação do processo industrial daquele país. Além disso, ressalta a importância do estado, sua eficiência e comprometimento com o objetivo inicialmente traçado, a modernização, e quais medidas foram necessárias para que esse processo se tornasse possível.

O CRÉDITO COMO MOTOR DA SOCIEDADE CAPITALISTA: UMA PERSPECTIVA MARXISTA

Luiz José de Almeida Filho - UFCG

A ciência econômica exhibe em seus inúmeros paradigmas estudos sobre a origem e evolução do dinheiro e seus derivados enquanto instrumento meio de troca. O presente trabalho pretende estudar a contribuição da teoria marxista, para o entendimento da gênese do dinheiro e sua evolução para o crédito, como motores da produção e circulação de mercadorias, no contexto do capitalismo. Assim, procuraremos contextualizar o processo de circulação das mercadorias e sua generalização a partir da evolução da forma de organização social de produção capitalista, investigar sobre a gênese e natureza do dinheiro até chegar ao estudo do crédito no ciclo do capital. Para isto, buscamos o embasamento teórico em dois conhecidos estudiosos da ciência econômica: Karl Marx e Rudolf Hilferding, o que não nos impediu de contar com a interpretação de outros autores sobre o tema. A partir de leituras orientadas e discussões subsequentes percebeu-se que o crédito é desde que iniciou sua incursão na sociedade capitalista um dos seus motores, pois o crédito é um resultado direto e perspicaz do desenvolvimento do capital e hoje seria não apenas uma consequência, mas sim uma das premissas para a existência do capitalismo, pois assim como o crédito pode potencializar o crescimento econômico, seu uso desmedido pode vir a provocar a crise de superprodução típica do sistema capitalista. Por outro lado, a ausência deste instrumento que propicia uma ampliação no ritmo das metamorfoses das mercadorias realizando-as sem o contraponto imediato do dinheiro, pode impor obstáculos ao circuito do capital provocando a retração da economia, o que pode ser entendida como um dos reflexos da crise sistêmica de produção. Logo, pode-se compreender que o crédito faz parte do referencial para o entendimento do funcionamento da economia capitalista na atualidade, visto que ele é um dos maiores responsáveis pelo avanço do capitalismo, embora potencialize o germe da crise de superprodução típica desse tipo de sociedade.

ECONOMIA BRASILEIRA NO PERÍODO DO MILAGRE BRASILEIRO – REGIME MILITAR

Janayna Cruz Ibiapina - UFCG
Prof^a. Dr^a. Juciene Ricarte Apolinário - UFCG

Este artigo analisa os aspectos econômicos do período conhecido como “Milagre Brasileiro”, ocorrido durante o Regime Militar. Esta análise é feita de uma forma pouco usual, pois normalmente o período temporal é dividido em governos políticos, onde os presidentes é que são destacados, ao passo que neste trabalho ele é dividido em planos econômicos adotados, onde as pessoas que são enfatizadas são os seus respectivos elaboradores. Pelo fato da impossibilidade de examinar um dado período histórico de forma isolada, já que nada surge por acaso nem tão pouco desaparece sem deixar suas marcas, inicialmente faz-se um breve retrocesso no tempo até 1956, ano de implantação do Plano de Metas (elaborado principalmente pelo então secretário-geral e pelo segundo secretário do Conselho de Desenvolvimento, respectivamente, Lucas Lopes e Roberto Campos), passando pelo fracassado Plano Trienal de Desenvolvimento Econômico e Social (elaborado em 1963 por Celso Furtado, Ministro do Planejamento da época, e

que foi abandonado logo após sua implantação) e pelo Plano de Ação Econômica do Governo – PAEG (formulado em 1964 pelo ministro do Planejamento Roberto Campos e pelo ministro da Fazenda Octávio Gouveia de Bulhões, e que se estendeu até 1966) visando um maior entendimento das causas da crise em que o país se encontrava poucos anos antes de ocorrer o já mencionado período de crescimento econômico. Em seguida o período em questão, ocorrido entre 1969 e 1973, é analisado dando ênfase ao trabalho executado pelo então ministro da Fazenda Antonio Delfim Netto, mostrando quais as metas que foram alcançadas e as que não as foram, bem como as conseqüências que estas causaram para os períodos posteriores. Por fim, os dois últimos planos econômicos do regime militar, II PND (criado em 1974, pelo ministro da Fazenda João Paulo do Reis Velloso), e III PND (estabelecido Delfim em 1980, período em que encontrava-se como ministro do Planejamento), são brevemente avaliados para mostrar os reflexos ocasionados pelas medidas tomadas por Delfim Netto durante o “Milagre”.



**GT 02 - CIDADE, CULTURA E FONTES HOJE: DIÁLOGOS
INTERDISCIPLINARES**

Prof. Dr. Gervácio Batista Aranha – UFCG
Msc. Josinaldo Gomes da Silva – UFCG
Msc. Deuzimar Matias de Oliveira – UFCG

O objetivo deste GT é receber trabalhos que reflitam, a partir do ponto de vista da história cultural e social ou áreas afins, sobre o modo como homens e mulheres vivem, produzem e representam a cidade. Neste sentido, não só homens e mulheres privilegiados ou especiais, a exemplo de cronistas, fotógrafos, pintores, mas a cidade vivida, produzida e representada também pela gente comum. Assim, trata-se de refletir sobre o fenômeno urbano enquanto espaços de vivências, tensões e conflitos: no tocante às artes de curar; aos usos que os populares fazem dos espaços públicos; às formas de lazer; às sensibilidades provocadas pelos equipamentos modernos; aos projetos de cidade higiênica e sensibilidades daí decorrentes, dentre outras possibilidades de enfoque. Porém, é importante lembrar que além da discussão em torno dessas ou outras problemáticas ou novidades temáticas relativas ao estudo do fenômeno urbano, interessa ao GT receber trabalhos focados nas questões metodológicas implicadas nas fontes daí recorrentes. Afinal, desde os fundadores dos Annales que se trabalha com uma noção ampliada de fonte, hoje identificada sob a forma de inúmeras linguagens, decorrentes do diálogo que os historiadores estabelecem com a literatura, a fotografia, o cinema, o teatro, a música etc. Isto para não falar no modo como o historiador constrói suas fontes, nos procedimentos para fazê-las falar, quer se trate das fontes relacionadas a essas novas linguagens, quer as que se relacionam com a oralidade, com o jornal impresso, com processos- crimes. Quer, enfim, no trato com a memória. Em resumo: fontes que resultam do processo heurístico, próprio do ofício do historiador, no tocante a busca de rastros ou testemunhos deixados pelos atores sociais em sua passagem pelo mundo, rastros que, embora frágeis, se oferecem como conectores por excelência entre o presente do historiador e o outro no tempo.

**“A CIDADE DE SÃO PAULO PRA MIM ELA É...” NAS FACETAS DE UMA
MIGRAÇÃO, FLASHS DO COTIDIANO NAS MEMÓRIAS DOS
QUIXADAENSES. (1980-2000)**

Vilarin Barbosa Barros (Mestrando) - UECE.
Prof. Dr. Gisafran Nazareno Mota Jucá (Orientador)

Ao constataremos um fluxo migratório de homens e mulheres quixadaenses, entre os anos de 1980-2000, no trajeto Quixadá – São Paulo e escutarmos histórias de idas e vindas desses sujeitos, rastreamos através de nosso objeto o cotidiano dos migrantes quixadaenses em São Paulo, possíveis significados de mundos que se desvelam e se revelam em meio a justaposições, contrastes e comparações de falas, cartas e fotografias. Quando perante os depoimentos orais, utilizamos a história oral enquanto metodologia. Porém, como através desses indícios históricos poderemos rastrear nosso objeto, resgatar sentimentos, sensações, sentidos de um momento? Que cidades podem aflorar através das memórias de nossos colaboradores? Como se estabeleceu essa migração para São Paulo no fim do século XX? Nossa pesquisa tem apontado elementos que contribuíram para o estabelecimento dessa migração, uma fortificação dos laços de parentescos e relações de vizinhança, talvez, mas o que nos cabe aqui é pensar como isso foi vivenciado e sentido pelos quixadaenses em São Paulo? De que forma se pensou, se investiu se inventou o cotidiano? Tecer uma trama histórica comparando nossas fontes, contrastando esses vestígios e “retalhos” de vidas é um desafio a se constituir, a se construir. Contudo, até então as vozes que nos chegam como “relampejos” do passado parecem permitir enxergar traços de projetos de vida, envolvidos de presente e por valores, marcados por diferenças e identificações, por conflitos e sensações, isso em um lugar rico em historicidade, “de transformações e apropriações”. Referimo-nos nesse momento, em específico, a cidade que, por sua vez tão amada, que desperta saudade; tão rica, bonita e desejada tem ao mesmo tempo o poder de ter sido, de ser tida como indesejada. Os migrantes quixadaenses falam bem da cidade de São Paulo, dizem até que se acostumaram com sua rotina, se adaptaram facilmente, inclusive no que diz respeito às maneiras de se comportar, agir e falar. Mas na verdade ressaltam, também, não quererem mais voltar, preferem o Ceará. O que “de fato” aconteceu? Quais os possíveis significados dessas vozes? Como aflorar esse passado no presente? Qual a relevância dessa pesquisa? Acreditamos que trazer a tona histórias de vidas, histórias sentidas por esses migrantes, principalmente com a perspectiva da História Sócio-Cultural, nos levará a reconstituir e entender sensibilidades ainda encobertas em nossa contemporaneidade.

**O MUSEU DE ARTE NA PLANTA E NO PROJETO: HISTÓRIA,
PATRIMÔNIO E ARQUITETURA NA CIDADE DE LONDRINA**

Zueleide Casagrande de Paula - UEL

Tudo que constitui uma espacialidade urbana, principalmente seus planejamentos, são oriundos da leitura visual de sua paisagem feita por seus habitantes e planejadores e estes a fazem - assim como Marco Pólo (1990) ou Marcovaldo (1985), ambos

personagem das obras de Ítalo Calvino - por meio de seus olhares, definições, intervenções, percepções, conceitos, representações, interpretações. A cidade pode ser entendida como uma construção no espaço a ser percebida no decorrer de longos períodos de tempo, ou, como aponta Certeau, no seu cotidiano, onde cada habitante possui pontos de associação com algumas de suas partes ou com o seu todo, estabelecendo então, sua identidade, reconhecida em suas ruas, residências, comércios, edificações, na própria paisagem urbana, ou no seu palimpsesto. A eleição de bens patrimoniais como pontos de referências é muitas vezes uma forma de seus habitantes manifestarem suas sensibilidades, percepções, afetividades pela cidade e de estabelecerem uma identidade cidadina que se materializa em ações coletivas sobre a preservação de um bem eleito pela coletividade ou muitas vezes resultante de um procedimento político relativo aos poderes instituídos e que elegeram determinados marcos, silenciando outros. Proponho tratar a respeito do Museu de Arte Moderna da cidade de Londrina no Estado do Paraná, como marco urbano e peça museal da e na cidade que congrega tanto a manifestação de instituições dos poderes políticos como das sensibilidades coletivas de seus habitantes. É patrimônio tombando pelo Iphan e uma referência na orientação dos habitantes em razão de sua localização no espaço citadino e de sua significação histórica e arquitetônica. É uma construção planejada e edificada nos primeiros anos de 1950, pelo conhecido arquiteto Vilanova Artigas com a finalidade de ser a primeira rodoviária moderna da região. Na década de 1980 foi tombada e na década de 1990 passou a ser o prédio do Museu de Arte. Para a realização desta pesquisa fizemos uso como documentos principais da planta do edifício e de fotografias sobre suas formas e volumetria. Nossa proposta nesta comunicação é apontar como a planta, e o próprio projeto arquitetônico do edifício, possibilitaram abordar o diálogo entre história e arquitetura e urbanismo ao tratar da história da cidade, da concepção arquitetônica modernista no período de vanguarda “plantada” no meio do sertão.

CIDADE MODERNIDADE E LITERATURA: IMAGENS DO RECIFE NA FICÇÃO DE MÁRIO SETTE.

Prof. Dr. Gervácio Batista Aranha - UFCG

O objetivo deste trabalho é demonstrar que a literatura ficcional, tomada como documento de época, constitui um dos mais ricos acervos no tocante à apreensão de aspectos diversos das modernidades urbanas ou das sensibilidades que aí se delineiam. Embora não seja uma fonte exclusiva para enfoques dessa natureza, devendo ou podendo ser cotejadas com outras fontes, é praticamente impossível focalizar uma experiência urbana dada, do ponto de vista de sua representação sensível, sem explorar inúmeros rastros - esses conectores por excelência na relação presente/passado - fornecidos por um sem-número de imagens literárias. Assim, da Paris de Balzac à Paris de Proust, passando por Flaubert e Zola; da Londres de Dickens à Londres de Forster, passando por Conan Doyle e Joseph Conrad; do Rio de Assis ao Rio de Lima Barreto, passando por Bilac, Aluísio Azevedo e Paulo Barreto; da Fortaleza de Adolfo Caminha ao Recife de Mário Sette; da Maceió de Graciliano Ramos à Salvador de Jorge Amado, dentre outros, temos exemplos emblemáticos que podem ser explorados na consecução daquele objetivo. Ora, na impossibilidade de explicitar a problemática explorando todos

esses exemplos, optamos pela leitura do romance intitulado Os azevedos do Poço, da autoria de Mário Sette, cuja trama está ambientada no Recife, na passagem do século XIX para o século XX. Trata-se da tradução de imagens que forneçam certa representação sensível da experiência moderna recifense no período em questão.

**PRODUZINDO DISCURSOS E HIGIENIZANDO ESPAÇOS: A CIDADE E A
AÇÃO MÉDICO-HIGIENISTA.**

MSc. Fernanda Karoline Martins Lira Alves - UFCG

Ao longo dos séculos XIX e XX, as cidades brasileiras conviveram com as críticas aos modelos de urbanidade e depararam com inúmeras tentativas de equilíbrio, de organização de seus espaços, fossem eles públicos ou privados; de construção de espaços habitáveis, de saneamento, entre outras intervenções necessárias para tornarem-se cidades modernas, aprazíveis para os seus moradores, especialmente suas elites, bem como para seus visitantes e investidores. Mas, embora algumas cidades brasileiras viessem, desde a segunda metade do século XIX, experimentando mudanças estéticas e higiênico/sanitárias, especialmente em suas ruas e áreas centrais, em decorrência da emergência de uma sensibilidade favorável ao moderno, ao novo e que vê como atraso e não civilização, hábitos, costumes e mesmo a arquitetura que remetia à cidade colonial, elas chegam ao século XX ainda atormentadas com o problema urbano. Diante disto, decorreu a idéia de problematizarmos, neste trabalho, os discursos da higiene, que nomearam a cidade de Parahyba do Norte, atual João Pessoa, no início do século XX como insalubre, atrasada e que precisava ser modernizada, higienizada. Discursos que não somente a classificaram dessa forma como também legitimaram as ações do Estado no sentido de construir uma cidade moderna. Objetivo este, representado na implementação dos serviços, que na compreensão das elites, resultaria na edificação da cidade ideal, ou seja, a cidade deveria contar com energia elétrica, ruas calçadas, água encanada, bonde elétrico, entre outros, como a institucionalização da Repartição de Higiene em 1911 e os serviços de saneamento da capital, implantado em 1926, em prol do progresso e civilização. Para tanto, utilizamos como principais fontes os códigos de postura municipal, relatórios médicos e jornais que circulavam na capital no período estudado, especialmente, os jornais A Imprensa e A União.

**NOS CAMINHOS DAS LEIS: INVESTIGANDO A CONSTRUÇÃO DE UMA
NATAL MODERNA POR MEIO DAS RESOLUÇÕES MUNICIPAIS.**

MSc. Alenuska Kelly Guimarães Andrade - UFRN
Renato Marinho Brandão Santos

Entre o fim do século XIX e as primeiras décadas do XX, a cidade de Natal, tendo à frente de sua gestão a elite local, viveu um processo de modernização que atingiu sua estrutura física, e moldou também os novos comportamentos considerados apropriados a uma capital moderna. A instauração da República, no ano de 1889, trouxe consigo

uma reorganização da administração municipal, dando a esta, nos termos da lei, maior autonomia. Os conselhos de Intendência então criados seriam, nessa perspectiva, responsáveis por “tudo quanto dissesse respeito à política econômica e administrativa dos municípios”. As resoluções municipais, versando sobre diferentes temáticas, tais como a educação, saúde, higiene, economia e planos urbanísticos, publicadas na República entre 1892 e 1930, são uma das ferramentas utilizadas por esse Conselho na construção de uma Natal moderna. Assim, o objetivo do estudo é pensar a modernização da cidade a partir das resoluções municipais, considerando essa regulamentação um agente de mudanças e ao mesmo tempo um componente dessa modernização. Diante disso, nos propomos a pensar algumas questões metodológicas: de que modo analisar documentos públicos, como as resoluções, como condensação de desejos ou mesmo exercício de negação de realidades cotidianas? A reflexão sobre tais questões nos ajudará a entender o que essa legislação urbanística pode nos “falar” sobre a vida na cidade de Natal na época em que foram escritas e sobre os personagens que as escreveram estando à frente da gestão dessa cidade. Os caminhos que escolhemos foram tomados tendo como ponto de partida os estudos sobre a legislação urbanística de autores como Sarah Feldman e Raquel Rolnik. Acreditamos que as resoluções expressam antes de tudo os desejos dos gestores da cidade, sentimentos os quais nem sempre se concretizam. Desse modo, essas leis nos ajudam a entender o que esses homens pensavam dessa cidade, que caminhos buscavam para torná-la moderna.

SOMBRAS DA VIOLÊNCIA: AÇÕES DO GRUPO DE EXTERMÍNIO “MÃO BRANCA” NA CAMPINA DE 1980.

Luciana Estevam da Silva (Mestranda) - UFCG
Prof. Dr. Antonio Clarindo B. Souza (Orientador) - UFCG

Procuramos entender como surgiu e se efetivou as ações do grupo de extermínio “Mão Branca” em campina Grande durante os primeiros anos de 1980 em Campina Grande-PB. Grupo este que se configurou aparentemente “justiceiros” particulares integrantes da Polícia Civil e Militar, que combatiam bandidos (ladrões, assassinos, ladras, prostitutas e traficantes), ou melhor, as “classes perigosas”. Busca-se mostrar como os Jornais de época (Jornal da Paraíba e Jornal Diário da Borborema) construíram territórios da violência em Campina. De modo geral o presente estudo, tenta abordar como a violência pela violência praticada pelos grupos armados contribuiu e reafirma a exclusão.

HISTÓRIAS NA CIDADE: AS INVENÇÕES SIMBÓLICAS DO ESPAÇO URBANO DE SOBRAL-CE (1964-1968).

José Valdenir Rabelo Filho - UVA

Como pensar a cidade enquanto vestígio para a produção do saber histórico? As cidades com as quais nos relacionamos podem ser pensadas e lidas a partir, somente, de sua materialidade, do tracejado de suas ruas e avenidas, pela disposição de seus prédios e

praças? A partir de tais questões, e outras tantas formatadas ao longo do diálogo com os vestígios de um tempo outro que não o meu, iniciei a pesquisa histórica de modo a observar como a cidade de Sobral é dita e inventada a partir dos relatos de memória que sobre a mesma são construídos pelos diversos atores sociais que vivenciam, guardam e inscrevem, no tempo e no espaço, lembranças do lugar. Assim, o objetivo deste trabalho é discutir a cidade de Sobral não a partir de sua materialidade, mas sim, a partir de sua subjetividade, a partir dos significados simbólicos que são atribuídos pelos diversos atores sociais que contracenam a trama cidadina, a qual é essencialmente marcada por conflitos, por divergências nas formas de ler, ver e inventar o espaço urbano. Os relatos de memória significados não somente a partir do exercício de narrativa oral são entendidos aqui como relatos de percursos, ou seja, refletimos sobre a arte do narrar como vestígio circunscrito num tempo e num lugar de produção social. Deste modo é que nos utilizamos da metodologia da História Oral, como recurso para a observância da dinâmica inventiva da Cidade, confrontando impressões e formas de ler o complexo citadino. Destarte, de modo a observar as muitas cidades existentes no interior da Sobral, confrontamos discursos, textos, a palavra escrita e a não-escrita, narrativas definidas nos percursos trilhados pelos atores sociais no emaranhado urbano. Nesse sentido, utilizamos, também, como vestígio documental, o periódico *Correio da Semana*, o qual, muito embora seja considerado como instrumento que ambiciona dizer sobre a Cidade em caráter de verdade, é aqui tomado como corpus documental que deixa ver, nas entrelinhas de seus relatos sobre a vida cotidiana sobralense, práticas culturais, projetos de memória e de história em constante confronto na construção simbólica do espaço citadino referido.

**CÍRCULO OPERÁRIO DE IBIAPINA-CE: MORALIZANDO,
DISCIPLINANDO E HIGIENIZANDO ESPAÇOS URBANOS, PRÁTICAS E
COSTUMES COTIDIANOS
(1940-1950).**

Talynne Rose Gomes Portela - UVA
Prof. Agenor Soares e Silva Júnior (Orientador) - UVA

O presente trabalho discute o movimento circulista cearense a partir das experiências elaboradas na cidade de Ibiapina, região serrana situada na Zona Noroeste do Estado do Ceará. Fundado na primeira metade da década de 1940, o Círculo Operário dos Trabalhadores Cristão de Ibiapina, resulta da articulação de uma elite política e religiosa local. Como exercício de doutrinação o Círculo Operário atuava na cidade organizando ações de entretenimento, saúde e assistência sócio-beneficente, bem como, promovendo orientação educacional para a formação social e cristã. Percebemos então que estas são estratégias de manipulação direcionada aos trabalhadores, visando aproximar estes fieis católicos, com o objetivo de formar um grupo coeso, para assim, não permitir que os mesmos se agregassem a propostas desvinculadas do ideal de ordem social que se almejava. Nesta medida, buscamos refletir a atuação dos sujeitos históricos envolvidos nesse movimento, perceber a partir dos relatos de memória, como esse movimento é lembrado e significado no cotidiano citadino. É interesse ainda tornar visível as ações do circulismo, evidenciando como este movimento interferia nas práticas cotidianas

tramadas no espaço citadino ibiapinense, mediante as ações de disciplinarização do exercício do trabalhador e de higienização do espaço. Buscamos, nesse sentido, demonstrar como se articulava o fazer-se relacional dos trabalhadores com a entidade e com o espaço, para assim, evidenciarmos as relações de poder, as tensões e conflitos que circunscreviam tais relações. A análise de atas de reuniões, estatuto, livros de receitas e fotos do Círculo Operário dos trabalhadores Cristãos de Ibiapina, cotejados com outros vestígios não-oficiais, constituídos pelas memórias narradas, indicam possibilidades para a observância das ações e experiências cotidianas dos sujeitos que participaram direta ou indiretamente desse movimento. Nessa medida, nos aproximamos das propostas teóricas levantadas pela História Social de matriz inglesa, a qual nos ajuda a pensar a história enquanto devir, a qual é tramada a partir dos embates elaborados nas experiências cotidianas dos sujeitos históricos. De modo a apreender vivências e embates guardados nas memórias dos trabalhadores do Círculo Operário nos utilizamos da metodologia da História Oral, de modo a que seja possível pensar esse movimento histórico para além do discurso oficial, que sobreleva a atuação de poucos personagens, tendendo a silenciar as estratégias definidoras das relações de poder, e, por conseguinte, os conflitos nas formas de ver, ler, sentir e experimentar essa organização social.

ENSAIO SOBRE OS ASPECTOS MEDIEVAIS DAS FEIRAS DO NORDESTE BRASILEIRO NA ATUALIDADE.

Vinicius Morato Almeida (Graduando) - UFCG
Prof. Dr. Antonio Clarindo B. de Souza (Orientador) - UFCG

Este ensaio pretende analisar alguns pontos e possibilidades de comparações entre as principais feiras medievais da Europa e as feiras e mercados públicos tradicionais do nordeste brasileiro, buscando destacar as características que podiam ser notadas no medievo e que ainda podem ser vistas na atualidade. Estas características podem ser vistas em feiras tradicionais do nordeste brasileiro, como na Feira de Caruaru, em Pernambuco, e na Feira Central de Campina Grande, na Paraíba. As semelhanças entre esses espaços e tempos diferentes podem ser analisadas a partir de diversos pontos, como estudos de movimentos populacionais que nos mostram em que épocas e alguns motivos desses deslocamentos para centros urbanos e comerciais, fontes orais de pessoas que vivem ou viveram a realidade desses espaços públicos, além de obras de arte que representem características dessas feiras, a exemplo de pinturas, cordéis e outras expressões artísticas. Outros fatores que podem ser analisados são os produtos que são encontrados nesses locais, como e por quem eram comercializados, além de analisar os estudos de autores medievalistas para que se possa buscar esses aspectos medievais e compará-los com a contemporaneidade. Sendo assim, a importância da comparação dessas duas realidades distintas visa buscar tanto semelhanças como diferenças entre esses espaços e tempos diferentes, mas acima de tudo destacar a ligação entre a cultura e realidade medieval com a realidade do nordeste brasileiro, tendo nas feiras uma grande riqueza de amostras em diversos níveis da realidade e cultura da sociedade e da importância desses lugares públicos. A ênfase em espaços públicos como as feiras e mercados livres se tornam importantes, tanto na Europa Medieval como no Nordeste

Brasileiro, na medida em que se tornaram o ponto de encontro de diversas realidades e expressões culturais, eram nesses locais que as pessoas de diversos pontos se encontravam e ali partilhavam suas culturas, suas mentalidades, suas negociações e seus divertimentos, enfim, seu cotidiano.

**ENTRE O DESEJO E A DEGENERAÇÃO: UMA VERSÃO ESPAÇO-
LITERÁRIA DA CIDADE.**

Adriana Gama de Araújo Dias (Mestranda) - UFRN

A proposta deste trabalho é refletir sobre um viés teórico-metodológico para a utilização do romance *Vencidos e Degenerados* (1915) de José do Nascimento Moraes na investigação da configuração da cidade de São Luís do Maranhão no início da República. Ao tentar traçar um caminho e ler a cidade da/na obra de Nascimento Moraes, priorizamos a idéia de espaço literário desenvolvida por Maurice Blanchot. A apropriação que Moraes faz da cidade deve ser analisada a partir das influências que orientam a construção de seu discurso como também da influência deste para a produção de uma cidade pautada em seus valores e desejos. Tanto a cidade que Moraes nos oferece quanto a que lemos em seu texto constrói-se a partir de elaborações imaginárias íntimas de cada um. E o significado disso para nosso estudo está na busca desse sentimento do autor e de sua intenção dissimulada ao construir uma idéia de urbano diluída nas denúncias de uma sociedade vencida, degenerada, decadente, cuja trama que envolve os personagens está nitidamente comprometida (como que somente) em apontar as carências e as faltas que se instalaram na São Luís do início da República. Blanchot estabelece que a constituição desse espaço criado pela literatura é um acontecimento que interfere na realidade na medida em que trabalha um sentido para ela. A metodologia proposta para a análise desse tipo de categoria espacial é entendê-la como uma imagem criada pela experiência e pelo sonho do escritor, contudo, considerando-a diversa do objeto que possibilitou a imagem. O que ele propõe é o entendimento de que a arte literária é uma desvinculação, um desprendimento do escritor do plano real para a instituição de uma realidade outra que é reflexo, não do objeto, mas do modo de perceber esse objeto. A literatura, deste modo, assim como outros tipos de arte, não vem a ser uma imitação do real, é uma imagem dentro da realidade cujo universo de nossos valores está intimamente presente em sua constituição. A idéia de cidade, categoria diluída na trama social, leva à questão de como esse espaço urbano foi construído na obra e de como os valores sociais são expressos pelo autor e pela materialidade da obra. Em seu papel de narrador-observador, Moraes constrói uma narrativa cheia de conflitos sociais e práticas que nos revelam os caminhos que materializam a cidade.

**A LEI DE TERRAS E ESCRITURAS: AS FONTES DOCUMENTAIS PARA A
ANÁLISE DA ESTRUTURA FUNDIÁRIA DAS RUAS DA CIDADE DA
PARAHYBA NO SÉCULO XIX E INÍCIO DO SÉCULO XX.**

Rebeca Maria Aguiar do Nascimento (Graduando) - UFPB

Prof. Dr. Doralice Sátyro Maia (Orientadora) - UFPB

Um importante marco para a compreensão da cidade, da vida urbana e portanto, da rua, é a institucionalização da propriedade privada da terra. A divisão das cidades em lotes no Brasil foi na verdade algo que se deu a partir da Lei de Terras, e portanto, foi a atitude necessária para transformar o solo urbano em “mercadoria”. Muito embora a Lei de Terras tenha surgido voltada principalmente para a terra rural, é ela que também irá regulamentar a propriedade privada urbana e que vai, portanto, consagrar a expansão das cidades a partir dos loteamentos. Nesse momento, a separação da Igreja do Estado provoca também modificações no trato da terra urbana. Esta nova lei somada à nova concepção de ordem pública provocam paulatinamente alterações no espaço urbano. É então no século XIX que surgem os termos decorrentes do parcelamento do solo para nomear as ações referentes ao espaço urbano: alinhamento, demarcação, desincorporação, arruamento, as datas ou dadas de chão, e por fim os lotes e os loteamentos. Estes termos expressam procedimentos que marcam o traçado urbano, denotam o parcelamento do solo e surgem tão somente com o sistema de compra e venda da terra. Este conjunto de transformações econômico-sociais implicou na elaboração de normativas e por sua vez em intervenções urbanas. Portanto, entende-se ser de fundamental importância averiguar como se deu a distribuição da terra urbana, o parcelamento do solo urbano a partir da institucionalização da propriedade privada. Para tanto, elegemos as ruas principais da cidade da Parahyba no século XIX e início do século XX. A pesquisa tem como principal recurso metodológico o levantamento e a análise das escrituras dos imóveis localizados nas principais ruas da Cidade da Parahyba entre o final do século XIX e o início do século XX. Serão priorizadas algumas ruas, bem como alguns imóveis, diante a impossibilidade de se levantar as escrituras de todos os imóveis de todas as ruas pesquisadas. Este material será de fundamental importância para a recomposição do quadro fundiário urbano no século XIX, bem como para averiguar as principais transformações ocorridas na morfologia urbana a partir do decreto da Lei de Terras em 1850. Para esse levantamento, foram elaboradas fichas documentais que possibilitem o registro das informações retiradas das escrituras, no que diz respeito ao ano de construção e de compra/venda; às características da construção e ainda da sua disposição na rua.

“ERA UM SUFOCO”: O TRANSPORTE PÚBLICO NA PERIFERIA DE FORTALEZA – DÉCADA DE 70.

Marise Magalhães Olímpio (Mestranda) - UFC

Esta apresentação terá como objetivo tecer um diálogo entre fontes orais e escritas, as experiências vividas pelos moradores do Conjunto Habitacional Prefeito José Walter - construído em 1970 ao sul de Fortaleza - referentes ao transporte público na década de 70. O texto é parte da pesquisa em curso no programa de pós-graduação em História Social da Universidade Federal do Ceará, intitulada “De dia falta água, de noite falta luz”: trajetórias e experiências dos primeiros moradores do Conjunto Habitacional Prefeito José Walter. Muitas eram as reclamações referentes ao transporte público nos primeiros anos de existência do Conjunto, estas se davam, em primeiro lugar, devido à

grande quantidade de moradores (4.776 famílias) e a existência somente de duas linhas de ônibus, ambas com frotas insuficientes; segundo, devido à precariedade dos ônibus que perfaziam as linhas, o que gerava constantes quebras. Contudo, as reclamações dos moradores sempre recaíam sobre a Empresa Nossa Senhora de Fátima, que fazia o trajeto do “José Walter” para o Centro da cidade, de aproximadamente 17 quilômetros, percurso diário de muitos dos moradores. Mas afinal, porque construir um Conjunto tão distante? Compreendemos que a noção de distância é relativa e que o Conjunto na década de 70 era considerado muito mais distante do que é hoje, devido justamente a essa precariedade do transporte público. Esta distância foi fundamental para o desenvolvimento de uma sociabilidade entre os moradores. Sendo assim, que meios, então, foram criados para tentar amenizar o problema? Destacam-se a realização do que ficou conhecido no bairro como “vaquinhas”, que evoluiu para atividade de transporte alternativo, realizado por kombis; e, a denúncia constante em periódicos do período. Os pontos aqui traçados estão embasados no pressuposto de que todo cidadão tem direito a usufruir da cidade e que, portanto a locomoção pelos espaços urbanos não se trata de um favor do Poder Público e sim de uma prerrogativa essencial. Ressaltamos, ainda que, para tanto, realizamos um diálogo com outras áreas do conhecimento, como a geografia e sociologia. Palavras-chave: transporte público – Fortaleza – periferia.

ASPECTOS SÓCIO-HISTÓRICOS E CULTURAIS DA FEIRA DE GUARABIRA-PB.

Dr.^a Josete Marinho de Lucena - UFPB

Observando a história da humanidade, percebemos que desde a Antiguidade Clássica o ser humano se questiona a cerca de suas diferentes maneiras de agir e de comportar-se. O homem é sempre o mesmo em qualquer parte do Planeta Terra, como o são os outros animais. Entretanto, é perceptível que, diferentemente, das demais espécies, o homem rompe formas de agir e de comportar-se, independente dos processos biológicos, do clima e da própria tradição. Tal fato ocorre pela necessidade de melhoria de suas condições de vida. Por isso, ele se torna criativo, possibilitando avanços que vão desde as técnicas mais rudimentares à tecnologia mais sofisticada. A criatividade, a maneira de desenvolver suas habilidades são estruturadas a partir da convivência social e das construções culturais realizadas em determinado grupo geralmente que partilham realidades afins. É perceptível essa expressão cultural por meio, sobretudo, de atitudes lingüísticas, sociais, filosóficas, ideológicas, religiosas entre outras. Nesse sentido, podemos dizer que o espaço da feira livre é considerado palco de grandes representações culturais e de desenvolvimento da identidade peculiar a uma comunidade. Com esse pensamento, o presente trabalho se propõe a tecer um diálogo entre cultura, língua e história que permeiam o cotidiano da feira livre de Guarabira-PB desde seu início, por volta do início do século XX, até os dias atuais, enfatizando sua importância para a região do Brejo, por tratar-se, principalmente, uma cidade pólo. Neste sentido, faz mister considerar que o espaço da feira da cidade considerada Rainha do Brejo trata-se de lugar privilegiado, onde desfila não só a economia inerente ao sentido inicial que este evento comercial assume, mas, sobretudo, as expressões culturais, sociais, históricas e lingüísticas, constitutivas de tal espaço. Para embasar

teoricamente este estudo, usaremos pressupostos sobre cultura popular, sócio-etnolinguística e História das Cidades. NOTAS INTRODUTÓRIAS Entre as mais diversas expressões e atividades culturais, merece destaque a realização da feira livre. Aspectos histórico e geográficos da feira de Guarabira A cidade de Guarabira-PB, encontra-se numa área entre o Brejo e a Caatinga paraibanos, numa região entre serra, numa verdadeira área de depressão, está a aproximadamente 98 KM da capital e sua localização próxima a outros municípios paraibanos e até de algumas cidades norte riograndenses, aliada ao comércio desenvolvido, a presença de escolas em todos os níveis de ensino, inclusive o Superior e o turismo religioso tão forte na cidade, marcado pela presença do monumento ao Frade Capuchinho muito popular na microrregião do Brejo paraibano e em todo a região Nordeste, frei Damião de Bozano, e por ser sede da Diocese, dão-lher destaque como maior pólo comercial da região do brejo e a fazem ser considerada rainha do brejo, convergindo para o município pessoas com finalidades diversas, inclusive a participação à feira livre, que acontece nas quartas e sextas-feiras. A feira livre de Guarabira merece destaque pela frequência de transeuntes das mais diversas localidades, que vêm à feira com objetivos de vender, trocar, comprar, expor produtos e serviços. Entre estes mercê destaque o artesanato, os repentistas, emboladores de coco, fazendo desfilar na feira a cultura popular.

**AÇUDES URBANOS DA CIDADE DE CAMPINA GRANDE/PB. HISTÓRICO
AMBIENTAL POTENCIALIDADE E RESISTÊNCIA COMO FATOR DE
DESENVOLVIMENTO SOCIAL E ECONÔMICO.**

Luciclaudio da Silva Barbosa (Mestrando) - UFCG
Prof. Dr. José Otávio Aguiar (Orientador) - UFCG

A evolução da cidade de Campina Grande como um pólo importante na área atual de desenvolvimento acontece em paralelo com a depreciação do legado dos açudes urbanos que se constituem como fonte de recursos e belezas paisagísticas naturais da cidade. Hoje estes corpos aquáticos estão desaparecendo, mudando a estrutura geográfica do nosso município, e a crise de percepção real de sua importância é óbvia. Pode-se observar o elevado grau de urbanização de diversas cidades brasileiras, notadamente verificamos que surgem geralmente próximos de mananciais do qual retiram a sua sustentabilidade aquífera, e assim desenvolvem-se sem levar em preocupação com esse precioso recurso hídrico. Com o desenvolvimento e sem políticas públicas, as cidades exploram seus recursos naturais e os degradam de tal forma que os tornam inviáveis o seu consumo e a sua qualidade de recursos naturais. Da mesma forma os reservatórios enfrentam os mesmos problemas, talvez mais graves por que aportam além dos esgotos domésticos e industriais os resíduos tóxicos da agricultura, produtos esses que promovem um impacto bem mais forte de forma direta sobre a vida desse reservatório. A qualidade de vida das populações urbanas pressupõe condições mínimas de umidade relativa do ar, ventilação central e difusão do calor, que são necessidades para uma área urbana habitável, ademais, a identificação histórico-ambiental dos motivos pelos quais se tornaram bacias poluídas, e um problema regional de doenças e fatores de riscos sociais, tem fundamental importância para compreensão da atividade urbana. Onde verifica-se que questão dos recursos naturais renováveis corresponde ao principal anseio

interdisciplinar, porém esta realidade contextualizada coloca em risco a questão da gestão representativa da gestão emergente das cidades que buscam a todo custo o seu pleno desenvolvimento urbanístico social e capital. Portanto construir um histórico ambiental dos açudes urbanos do município de Campina Grande/PB, diante da evolução da cidade, é um referencial para se observar a potencialidade e resistência, como fator de desenvolvimento social e econômico que represente a circunstancial necessidade de qualidade de vida de seus moradores. Pois as nossas atitudes não devem apenas replicar os valores, é preciso conhecê-los e deixar de ser pretensioso e simplista, onde devemos partir para o confronto de políticas públicas com humanidade, evitando assim o ceticismo e o pessimismo de que as coisas não têm mais jeito. As correntes dominantes têm milhões de tecnologias e questões práticas que podem ser relevantes para o meio ambiente.

O YOGA NA CULTURA OCIDENTAL: UM ESTUDO DE CASO EM GUARABIRA-PB.

Maria Cristina Alves de Pontes (Mestranda) - UFPB

A história cultural e social de um determinado lugar é, sobretudo, a história individual de cada ser humano em construção com seus semelhantes. É nesta perspectiva que atividades humanas fazem movimentar espaços urbanos, criando novos sentidos para objetos usados em grupos sócio-culturais diversos ao que originou tal utilização. Entre tantos objetos culturais produzidos e utilizados pela humanidade, causa-nos curiosidade o percurso do yoga desde sua origem até chegar ao Ocidente, pois se trata de uma atividade que migrou de uma realidade histórico-sócio-cultural determinada e ganha espaço em praticamente todo o mundo, ultrapassando preconceitos religiosos. Pois sua origem apesar de ser Oriental, de princípios distintos da cultura não-cristã, tem encontrado espaço no Ocidente, sobretudo nas cidades brasileiras de médio e grande porte que possuem um número elevado de Cristãos. Em tais cidades a busca do yoga acontece como alternativa de fugir do estresse cotidiano que atinge seus habitantes. Com esse intuito o presente trabalho se propõe a historicizar o percurso feito pela prática do yoga, desde o seus primórdios na Índia até a cidade brasileira de Guarabira, localizada no interior da Paraíba, a aproximadamente 95 Km da capital, cidade, cuja sua origem, há quem acredite, deu-se por uma motivação religiosa. Na atualidade, sua população é, em sua maioria cristã, e mesmo assim há uma boa receptividade à prática do yoga. Neste sentido, ressaltamos nesta pesquisa, que a palavra yoga, em sua origem, é muito mais uma filosofia que uma prática, apesar de tratar-se de uma prática milenar, ligada a comportamentos e, sobretudo, modos de viver do povo oriental, logo distancia-se um pouco do pensamento cristão vivenciado pelo homem ocidental, chegando ao Ocidente com um novo significado- terapia alternativa, que auxilia na melhoria de vida do ser humano. quer como aplicação, na sua compreensão mais preliminar, há aproximadamente 5000 anos Antes de Cristo; quer como filosofia, postulada por Patanjali. Para embasar a pesquisa, utilizaremos pressupostos teóricos tanto do Imaginário, como da História das cidades, quanto da Antropologia e da Sociologia.

**UMA CIDADE (RE)VISITADA: IMAGENS DO CRATO – CE NAS
NARRATIVAS DO GRUPO DE IDOSOS SÃO JOSÉ DO BAIRRO SEMINÁRIO.**

MSc. Luisa Amanda Santos Brito - UFPE

O artigo em questão nasceu de uma pesquisa bem mais ampla, que deu origem a uma dissertação de Mestrado em Educação intitulada “MEMÓRIA SOCIAL E MEMÓRIA EDUCACIONAL: O CASO DO GRUPO DE IDOSOS SÃO JOSÉ DO BAIRRO SEMINÁRIO, CRATO – CE”, defendida na Universidade Federal do Ceará no ano de 2008. Para isto nos amparamos em conceitos históricos de Memória e História Oral, acreditando na importância da Memória de idosos para a construção do conhecimento histórico. A partir de entrevistas selecionamos quatro histórias de vida, de participantes do citado grupo, para que, através de suas histórias, pudéssemos entender suas trajetórias de vida, e investigar o porquê de hoje se encontrarem reunidos em grupos de socialização, que buscam uma melhoria na qualidade de vida de idosos/pobres. Ao nos depararmos com essas histórias de vida percebemos que estas se emaranhavam com a história cratense. Suas memórias não estavam separadas da memória da cidade por eles vivida e historicizada. Desta forma este trabalho pretende apresentar, baseando-se na linguagem oral e em autores que teorizam esta temática, um olhar sobre a história da cidade do Crato, localizada no sul do estado do Ceará. Onde a história da infância, da vida escolar, da vida adulta, e da velhice de idosos que hoje se reúnem em um grupo de socialização de idosos de um bairro específico da cidade se mostrará e narrará versões da história local.

**OS MODOS NA RUA, AS MODAS EM CASA: O RECIFE OITOCENTISTA E A
BUSCA PELA CIVILIZAÇÃO.**

Sandro Vasconcelos da Silva (Mestrando) - UFRPE
Prof. Dr. Wellington Barbosa da Silva - UFRPE

Muitas vezes rua e casa são apresentados como espaços antagônicos. Entretanto, público e privado, não apenas se confrontavam como se complementavam, influenciando-se mutuamente. Durante a segunda metade dos oitocentos as influências européias tomam mais força no cotidiano da classe dominante brasileira, levando-a a adoção de novos modos e modas. Nosso trabalho visa analisar, com base em documentos, crônicas e relatos, como novas formas de sociabilidade vão surgir no dia-a-dia recifense do período em tela a partir da interiorização de certas ações da esfera pública em espaços privados, afetando a vida dos segmentos mais abastados da cidade.

**AS TRAMAS DO ABC PAULISTA NO DOCUMENTÁRIO PEÕES:
EXPERIÊNCIAS DO TRABALHO E DE LUTA NO ESPAÇO URBANO E A
PROJEÇÃO DE LULA COMO PORTA-VOZ DOS OPERÁRIOS E EX-
OPERÁRIOS.**

Fátima de Paula Albuquerque (Mestranda) - UFCG

Nesta proposta de trabalho, o documentário Peões é compreendido como uma fonte válida para discutir a imagem do ABC paulista como o lugar de experiência do trabalho e das tensões sociais. Nessas condições, Lula torna-se porta-voz dos operários, ao mobilizá-los em espaços públicos, como, por exemplo, praças, avenidas e nas adjacências das fábricas, para lutar contra a exploração do trabalho das multinacionais. Porém, essa trama social, lembrada pelos ex-operários e operários, entrevistados por Eduardo Coutinho, se choca com um presente em que a causa operária está enfraquecida pelas transformações nas relações de trabalho e da produção industrial, no contexto da Globalização. E, ao pensar as mudanças das condições de luta pela causa operária no âmbito do ABC paulista, procura-se dialogar com o conceito de classe como uma experiência histórica, conforme sugere o historiador E. P. Thompson, para compreender os interesses políticos em comum que mobilizam os entrevistados do documentário Peões em torno da liderança de Lula. Por essa razão, a proposta do antropólogo Gilbert Durand, de discutir o papel social do imaginário, torna-se uma referência importante para se pensar algumas imagens de Lula e que são organizadas por motivações em comum dos operários e ex-operários do ABC paulista, nos anos de 1979, 1980 e 2002. Logo, é provável que a importância de Lula, no contexto das greves das décadas de 1970 e 1980, se estenda para além de um simples líder sindical, uma vez que a sua participação procura reivindicar uma nova importância dos operários para o país. Nesse sentido, é possível considerar o imaginário como um conjunto de significações complexas que se traduz pela produção e circulação de imagens visuais, mentais e verbais que se acrescentam e/ou se redefinem como sistemas simbólicos divergentes e que podem cumprir o papel de construir várias representações de um sujeito histórico.

DISCURSOS E NARRATIVAS DE REQUALIFICAÇÃO URBANA EM CAMPINA GRANDE – PB (1970-2008).

Maria Jackeline Feitosa Carvalho (Doutoranda) - UFPB

A presente comunicação é parte integrante de pesquisa de Doutorado em Sociologia (PPGS/UFPB) que tem por objetivo entender o processo de requalificação urbana em Campina Grande(PB), no período compreendido entre 1970-2008. Visa também contribuir para a análise da dinâmica urbana contemporânea que tem por base uma nova forma de planejamento urbano, calcado na execução de projetos de renovação urbana e na construção de um ideário de revitalização de espaços degradados e da recuperação de outros por novos usos. Enquanto recorte metodológico trabalharemos a partir das narrativas construídas pelos Jornais Diário da Borborema e Jornal da Paraíba, mapeando os discursos e vozes que circulam na cidade e entendendo o jornal como fonte e campo das práticas culturais, em suas conexões com a sociologia e a história: polifonia expressa por diferentes vozes, lugares e posições de sujeitos. Buscaremos perceber os discursos que constituíram a Campina Grande contemporânea, pensando-a a partir das transformações ocorridas na estruturação do seu espaço sócio-urbano e da formulação das narrativas sobre a cidade. Analisaremos as principais imagens constituídas na concepção de cidade e o processo de requalificação urbana em Campina Grande. Tem-se assim a necessidade de pensar os discursos formulados sobre a cidade, quanto à

renovação de uso ou de reutilização do seu tecido urbano, entendidas a partir da requalificação urbanística ocorrida: como a cidade é contemplada, pensada e (re) construída simbolicamente. A requalificação trará a “necessidade” de Campina Grande se recriar como cidade; caminho este a ser encontrado pela expansão e especialização das atividades, especialmente dos serviços e consolidação do turismo de eventos e do surgimento de novas centralidades. Os impactos destas transformações na morfologia urbana irão constituir um discurso, onde Campina se reinventa. A imagem da cidade será dada pelo processo de reestruturação urbana, gentrificação social, de vantagem competitiva regional e do surgimento de novas narrativas espaciais: 1) os empreendimentos de grande porte destinados à tecnologia, recreação, consumo e lazer passam a expressar um consumo intensivo do espaço- a exemplo da inauguração do Shopping Campina Grande [hoje, Boulevard]; 2) ocorre o fortalecimento da cidade como pólo tecnológico; 3) franco crescimento dos incorporadores imobiliários e dos condomínios privados. O novo desenho urbano da cidade traz consigo outros sentidos sobre a urbe, novos conflitos e outro imaginário onde a apropriação física e simbólica da imagem da cidade é marcada pela crescente segregação voluntária dos lugares.

A CIDADE REVELADA EM CRÔNICAS: SINAIS DO MODERNO NA CIDADE DE PATOS.

Josinaldo Gomes da Silva (Mestrando) - UFCG
Prof. Dr. Gervácio Batista Aranha (Orientador) - UFCG

O presente trabalho tem como tema central estudar as transformações do moderno a partir de testemunhos escritos, testemunhos esses que são frutos da atitude de alguns letrados que vivenciaram essas transformações nas cidades brasileiras, e assim, resolveram escrever suas experiências. Alguns desses escreveram durante o processo, e outros depois de passado algum tempo, como é o caso dos nossos cronistas, que vivenciaram as transformações que a cidade de Patos sofreu nos idos das décadas de 1930, 1940, 1950. E só algumas décadas depois resolveram registrar suas lembranças por escrito. Portanto, busca-se a partir desse conjunto de crônicas que os autores reuniram em forma de livros, recuperar imagens que descortinem um panorama fascinante de rastros do passado, marcas de um cidade sensível, que só se revela diante daqueles que a vivenciaram. Pois será preciso não esquecer que tudo tem início não nos arquivos, mas nos testemunhos. Pois não existe nada melhor que o testemunho para nos assegurar que algo um dia aconteceu. Com o testemunho inaugura-se um processo epistemológico que parte da memória declarada, passa pelo arquivo e pelos documentos e termina na prova documental. Os testemunhos escritos podem até comportar características ficcionais, porém o universo do social e a sensibilidade de uma época se revelam diante do leitor de maneira verossímil, convincente. Será, nessa perspectiva, inventando o passado sempre a partir de questões do presente, que pretendo recuperar as transformações do moderno na cidade de Patos, e assim como todo trabalho de história cultural, entender a influência dos equipamentos modernos (cinema, trem de ferro, rádio) nas novas sensibilidades da época em estudo, nessa perspectiva o trabalho com testemunhos escritos se faz decisivo.

**UM OBJETO E DUAS VISÕES: MÉDICOS E ENGENHEIROS OBSERVAM A
CIDADE DA PARAHYBA DO NORTE (1910/1920).**

Msc. Chyara Charlotte Bezerra Advíncula
Secretaria Estadual de Educação de Pernambuco

No final da primeira década do século XX, a cidade da Parahyba do Norte iniciou seu programa de modernização. Sua população experimentou o uso do bonde puxado a burro e logo depois o bonde elétrico. Conheceu a vida noturna sob as luzes da eletricidade e passou a assistir a filmes no cinematógrafo. Com isso, novos hábitos e costumes foram sendo incorporados ao seu cotidiano. Novas regras de conduta eram necessárias para indicar que a civilização e o progresso guiavam as novas sensibilidades. Neste mesmo momento, constatou-se que os níveis de insalubridade da cidade não correspondiam aos discursos higienistas, muito menos aos da engenharia sanitária. Desse modo, outros equipamentos passaram a ser inseridos no meio urbano com o intuito de fazer a assepsia dos espaços. Nesse sentido, foi implantado o primeiro sistema de abastecimento de água em rede, destinado a facilitar a vida de todos, mas, principalmente, limpar corpos, espaços e objetos como medida eliminadora dos agentes causadores das enfermidades. Mas, o intento não estaria completo se as águas não tivessem um destino certo. Assim, médicos e engenheiros passaram a propalar a necessidade de se fazer o esgotamento sanitário, o qual só foi concretizado na década de 1920. Sob a orientação técnica do engenheiro Saturnino de Brito, a cidade da Parahyba do Norte experimentou os benefícios de uma rede de esgoto. Pronto! Estava concretizado o desejo do governador João Machado: água e esgoto, o carro chefe do saneamento da capital. Para tanto, gostaríamos de expor que uma pesquisa cuja temática se volta ao saneamento básico, do ponto de vista do historiador, só pode ser concretizado por meio do exercício do entrecruzamento disciplinar e documental. Sendo assim, nossa pesquisa passa pela análise das fotografias e artigos reproduzidos pelos jornais, bem como pelos mapas e relatórios que os engenheiros apresentavam ao término de uma obra, no intuito de perceber as representações que médicos e engenheiros teceram sobre na cidade.

**CINEMA NA PRAÇA: ESPAÇO E SOCIABILIDADE NA CIDADE DE
SALVADOR.**

Alzilene Ferreira da Silva (Doutoranda) - UFRN

São nos lugares da cidade, moldados a partir do uso cotidiano que a vida se efetiva, como produto das relações sociais, da acumulação histórica e da tecedura realizada no presente. A praça é vista como exemplo dessa relação. O trabalho tem por objetivo a análise de espaço de sociabilidade tendo a Praça Tomé de Sousa, localizada no Centro Histórico da cidade de Salvador (Bahia/ Brasil), como palco dessa investigação, observando como os lugares são construídos a partir das práticas sociais e estas, por sua vez, são também moldadas pelos lugares. A Praça era utilizada como estacionamento, atualmente a Prefeitura Municipal vem desenvolvendo eventos como apresentação de

capoeira, shows ligados a cultura local e exibição de filmes semanalmente. A apresentação de filmes na Praça, bem como as demais atividades citadas, podem ser tomadas como exemplos de retomada das funções essenciais – viabilizar o encontro entre as pessoas. Para compreensão dessa articulação, o Projeto Cinema na Praça, torna-se a referência empírica desse trabalho. Ademais, o estudo observa a tendência contemporânea de revitalização de Centros Históricos, em que a cultura é incorporada as essas experiências. Nesse sentido, as tradições locais e patrimônio históricos são tidos como moeda de alto valor. A pesquisa consiste, portanto, em investigar as alterações no uso da praça no que se refere às sociabilidades engendradas; percebendo com isso, como as práticas sociais modelam os lugares e sofrem também influência destes. Para a feitura da pesquisa, realizou-se revisão bibliográfica, observações participantes na Praça, entrevistas semi-estruturadas com cineastas e frequentadores das sessões de cinema. Também investigação em jornais e revistas impressos e na Internet, além de fontes documentais e iconográficas. A construção de etnografia apresenta-se como abordagem de investigação científica. Considerou-se os estudos elaborados por Arantes (2000), Certeau (2001, 4), Sennet (1988), Featherstone (1995, 2000), Frúgoli (1995, 2007), Simmel (1979), Velho (2000), Canclini (1999) entre outros. O caminhar da pesquisa revela o fascínio que o cinema vem tecendo ao longo dos tempos, atraindo e encantando multidões. Nessa perspectiva a praça surge como um locus privilegiado onde afloram-se possibilidades de múltiplas manifestações que as práticas sociais podem engendrar.

AS RE-ELABORAÇÕES DA CIRANDA NA CIDADE: COTIDIANO E MODERNIDADE VIVENCIADOS NA RODA DE CIRANDA EM PERNAMBUCO.

Déborah Gwendolyne Callender França (Mestranda) - UFPE

O presente trabalho visa refletir sobre as transformações empreendidas a partir do processo de urbanização e industrialização da cidade do Recife, enunciadas pelos cirandeiros em uma dança de roda denominada ciranda, no período de 1950 a 1970. A ciranda foi categorizada pelos estudiosos como sendo uma manifestação folclórica e “pertencente” aos populares, sendo seus participantes – trabalhadores rurais, pescadores de mangue e de mar, operários de construção não especializados e biscateiros. Nas décadas de 1940 e 1950, o ambiente em que se configurava a ciranda restringia-se aos locais populares como as beiras de praia, os terreiros de bodega e pontas de rua. Nesse trabalho, analisamos de que forma as transformações urbanas e industriais que atravessavam a cidade, interferiram na composição da ciranda, sobretudo a partir da década de 70, quando a manifestação começou a se popularizar entre a classe média, sendo deslocada para locais turísticos do Recife. A ciranda metamorfoseou-se, apresentando-se com modificações e transformando-se em um espetáculo no calendário turístico da cidade, principalmente para parte dos residentes na região metropolitana do Recife, que se deslocava para o litoral norte em busca de um divertimento alternativo, como representava no período, cirandar a beira-mar. Desse modo, pretendemos compreender como os cirandeiros, indivíduos que faziam parte da ciranda, interagiram com as transformações que permeavam a cidade, constituída de sistemas de símbolos

que articulam significados os quais são construídos dentro de um grupo-tempo-espaço. Discutiremos quais as formas que a ciranda foi apropriada por diferentes atores sociais que a vivenciaram de formas diversas, através das transformações que adentraram nos seus ambientes, modificando-a pouco a pouco, desde as letras, os instrumentos, as coreografias (passos) até a configuração espacial dos mestres cirandeiros. O escopo da pesquisa foram às várias fontes documentais, buscando um diálogo polifônico e plural nos documentos. Percorremos na construção dessa trama histórica, desde os periódicos a história oral, fontes que nos permitiram compreender como uma manifestação “popular” que nos seus inícios, era vivenciada em locais simples, e pelo homem ordinário de que fala Michel de Certeau, tornou-se também um programa da classe média recifense.

OS TRILHOS DA CIDADE: OS BONDES ELÉTRICOS NA DÉCADA DE 1920 EM SÃO LUÍS/MA.

Maria das Graças do Nascimento Prazeres (Mestranda) - UFPI
Francisco Alcides do Nascimento (Orientador) - UFPI

Este trabalho tem por objetivo analisar as transformações ocorridas no espaço urbano de São Luís com a implantação dos bondes elétricos na década de 1920. Partindo do pressuposto que São Luís passava por um processo de modernização, levanto a questão: Como os bondes elétricos contribuíram para modernizar o espaço urbano? Para revolver tal problema utilizo referências bibliográficas sobre cidade, pesquisa em jornais, análise de fotografias e plantas da cidade. Até as décadas de 1960 e 1970 os estudos historiográficos brasileiros ainda enfatizavam os tradicionais relatos de líderes políticos e instituições políticas, tendo nos documentos escritos e oficiais a única fonte de verdade histórica possível, e o ofício do historiador se resumia a selecionar e organizar os fatos em um discurso coerente e convincente. Entretanto, com o advento dos modelos historiográficos inglês e francês houve um alargamento do saber histórico, sobretudo pela ampliação da noção de fonte, o que permitiu ao historiador preocupar-se com a história das pessoas comuns, com seu cotidiano, suas estratégias de sobrevivência, gerando uma expansão das alternativas de análises e favoreceu a abertura de novas abordagens, tendo a admissão de diversos segmentos sociais como objetos e sujeitos da história. Situada neste fazer historiográfico, busco compreender que transformações os bondes elétricos proporcionaram na cidade de São Luís durante a década de 1920, levando em consideração que no início do século XX, a referida cidade passou por um processo de modernização, impulsionada pelo ideal de progresso do novo regime, que trazia um forte sentimento de abnegação ao passado imperial. Os bondes elétricos faziam parte dos “melhoramentos” dos serviços públicos e, segundo os discursos das autoridades, “salvariam” a capital do atraso, pois influenciavam diretamente na dinâmica urbana, além de oferecer transporte digno à população. Os trilhos tinham como um dos objetivos ligarem o centro à periferia e foram fundamentais no crescimento urbano, já que a cidade se estendia acompanhando as linhas dos bondes. Ao cortar alguns logradouros os trilhos os valorizavam, uma vez que para receber este serviço a cidade sofreu transformações em sua infra-estrutura. O alargamento e calçamento de ruas, destruição de imóveis, construções de calçadas e surgimento de

bairros evidenciavam um novo processo de urbanização em São Luís. Portanto, os bondes elétricos contribuíram sobremaneira para a expansão e reformulação do perímetro urbano, já que a ampliação deste espaço acompanhava o roteiro dos trilhos.

A CONTRIBUIÇÃO DOS ENGENHOS DE CACHAÇA E RAPADURA NA FORMAÇÃO CULTURAL DO MUNICÍPIO DE AREIA.

Anna Cristina Andrade Ferreira (Mestranda) - UFPB

A cidade de Areia, na Paraíba, é um dos mais recentes sítios históricos tombados como patrimônio nacional, tendo seu processo homologado pelo IPHAN no ano de 2006, devido a sua implantação urbana e arquitetura, sua história, e seu valor paisagístico, com forte contribuição das propriedades rurais que a circundam. Dentre os diversos ciclos econômicos por que passou desde a sua fundação, e que contribuíram para sua formação histórica e cultural, a cana-de-açúcar foi o único que nunca chegou a ser totalmente abolido da região, tendo o município abrigado mais de cem engenhos de cachaça e rapadura ao final do século XIX, hoje em número bem reduzido, e que mesmo atuando como testemunhas do passado não foram considerados em seu tombamento. A intenção deste trabalho é refletir sobre a necessidade de ações de proteção e salvaguarda deste patrimônio, e sua atuação na formação urbana e identidade cultural do município, e como sua preservação pode garantir a permanência de uma importante fonte para pesquisa histórica de Areia. Hoje, o município é reconhecido como “terra da cachaça e da rapadura”, o que demonstra a importância dos engenhos dentre as tradições ali praticadas.

CAMINHOS E POSSIBILIDADES HISTÓRICAS NAS DISPUTAS PELOS ESPAÇOS DO DESEJO EM ITABUNA-BA (1940-1960).

Carolina dos Anjos Nunes Oliveira (Mestranda) - UFPE

A cidade é um espaço privilegiado para analisar a construção das subjetividades do eu. As profissionais do sexo habitavam e transitavam na área central da cidade de Itabuna-BA, no exercício de seus misteres. Constituíam assim suas territorialidades, que são uma forma de falar da vida, de transgredir, de negociar e inventar novas regras. Contudo, as transformações no tecido urbano da referida cidade geraram, entre outros fatores, disputas espaciais no centro desta urbe. Acostumadas às suas territorialidades estas profissionais foram “convidadas” a deixar no centro da cidade apenas memórias. As trabalhadoras do prazer deviam abandonar o centro de Itabuna-BA, representado como lócus do poder municipal e vitrine da civilização de seus habitantes, pois, neste espaço só havia lugar para um tipo de sexualidade: a sexualidade consentida do matrimônio. Ao conduzirem suas vidas de uma maneira peculiar estas trabalhadoras se destacavam no tecido social por suas práticas e sexualidades irremediáveis. Com isso, ofereciam ao centro da cidade de Itabuna uma imagem que desgostava os segmentos políticos e economicamente hegemônicos desta sociedade. Compreende-se o controle de presenças e ausências como um exercício de invenção de limites para os sujeitos. A

imposição de margens para o viver gera também a diferenciação do que é o “nós” e do que são “os outros”, nesse processo algumas condutas são valoradas e outras depreciadas. Nesse sentido, a comunicação objetiva problematizar no processo de (re) urbanização de Itabuna, entre as décadas de 1940 e 1950, os vários discursos que convergiram para a expulsão das profissionais do sexo do centro desta cidade. Porém, leva-se em conta que as margens são limites tênues, pois, é relacionalmente que se pode compreender melhor as distinções entre os grupos sociais. Para a discussão proposta são utilizados como fontes os periódicos que circularam no período enfocado, documentos produzidos pelas municipalidades e relatos orais de memória.

JOGANDO FLORES NO MAR: A MÚSICA COMO RECURSO DIDÁTICO- PEDAGÓGICO NO ENSINO SOBRE A CULTURA AFROBRASILEIRA.

Paula Maria Fernandes da Silva (Mestranda) - UFPB
José Antonio Novaes da Silva (Orientador) - UFPB

Este estudo tem por objetivo utilizar a música como recurso didático-pedagógico para ensinar sobre a cultura afrobrasileira. Dada a ênfase impulsionada pela lei 11.645 de 10 de março de 2008, da importância, desta cultura, para a sociedade em que vivemos, uma vez que ela esta presente em nosso cotidiano, buscamos formas para que o estudante assimile com maior facilidade os conteúdos. Assim escolhemos a utilização de músicas que expressem a cultura afrobrasileira como recurso didático- pedagógico na sala de aula, uma vez que a linguagem musical, expressa pelas diferentes letras, esta próxima da vivência dos estudantes. As linguagens alternativas, tal como a musical, têm sido utilizadas como uma importante ferramenta didática em diferentes áreas do processo de ensino aprendizagem. Entre essas linguagens, a música popular tem ocupado espaço, como instrumento pelo qual se revela o registro da vida cotidiana, na visão de autores que observam o contexto social no qual vivem. As representações sociais de autores e intérpretes tornam-se instrumentos na transformação dos conceitos espontâneos que facilitam a compreensão pelos estudantes. A música dissemina valores e conceitos nem sempre presentes nas mentes de quem as ouve, permitindo que muitas vezes seja possível compreender valores de algumas religiões sem que seja necessário fazer parte dela. Nesse contexto temos a música como importante veículo para divulgação da cultura afrobrasileiras, uma vez que elementos da cultura afro-brasileira aparecem nas músicas e a interpretação das mesmas, ganha repercussões levando milhões de pessoas a cantarem, dançarem e incorporarem em suas atividades cotidianas ritmos, vocabulários e traços coreográficos do universo religioso afro-brasileiro; contribuindo assim, com a presença do imaginário destas religiões em nosso cotidiano, o mesmo que se encontra diluído na cultura nacional.

COTIDIANO E SOCIABILIDADES EM TORNO DO CANGAÇO.

Deuzimar Matias de Oliveira (Mestrando) - UFCG
Prof. Dr. Gervácio Batista Aranha (Orientador) - UFCG

Pensar no fenômeno do cangaço é pensar, antes de tudo, no cotidiano, experiências e anseios dos homens que habitaram a região que hoje conhecemos como o Nordeste do Brasil. Eram eles escravos fugidos ou libertos, agricultores, vaqueiros, capangas, populares, entre outros homens que, ao entrarem para o cangaço, tiveram seus nomes registrados, de forma estigmatizada ou heróica, em romances, poemas e canções de artistas da própria região, bem como em jornais e processos criminais produzidos por grupos de intelectuais que se colocavam a serviço da Lei e da ordem social da qual falavam. Portanto, objetivamos nessa proposta de trabalho refletir, a partir de fontes documentais, como jornais de época, processos criminais e textos literários, sobre a vida e o cotidiano de alguns homens que experimentaram a vida do cangaço, a exemplo de Antônio Silvino e seu grupo de cangaceiros, bem como as sociabilidades estabelecidas entre eles e vários grupos sociais no Estado da Paraíba, entre fins do século XIX e as duas primeiras décadas do século XX.

CRÔNICA JORNALÍSTICA E HISTÓRIA DO COTIDIANO URBANO: O CASO DO RIO DE JANEIRO NO COMEÇO DO SÉCULO XX.

Joachin de Melo Azevedo Sobrinho Neto (Mestrando) - UFCG
Prof. Dr. Gervácio Batista Aranha (Orientador) - UFCG

A presente proposta de trabalho tem como meta discutir algumas das possibilidades que se abrem diante do historiador do cotidiano urbano quando este se vale das crônicas jornalísticas como fontes. Tomando como recorte contextual a cidade do Rio de Janeiro, no auge da sua Belle Époque, e a produção cronística de escritores como Olavo Bilac, João do Rio e Lima Barreto, pretendo elaborar nexos entre texto e contexto considerando que a crônica, enquanto filha de Chronus, ou seja, ligada a seu próprio tempo, é um gênero literário profundamente ligado a representação dos anseios, paixões, frustrações, alegrias e tristezas que circulam pelas cidades. No caso do Rio de Janeiro do começo do século XX, as crônicas escritas pelos citados autores serão utilizadas como testemunhos entranhados de história, nos quais, através da linguagem literária, temos denúncias, descrições ou apologias ligadas aos processos de modernização do Rio.

CIDADE, LEIS E DECRETOS NACIONAIS: A LEGISLAÇÃO NACIONAL COMO FONTE HISTÓRICA PARA A ANÁLISE DA CIDADE NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XIX.

Prof^a. Dr^a. Doralice Sátyro Maia - UFPB

Na primeira metade do século XIX os Estados Nacionais estão sendo construídos a partir dos ideais dos Estados Liberais ou do Novo Regime inspirados nos movimentos ocorridos em países como Inglaterra, França e Estados Unidos. Este período é bastante peculiar para a compreensão do processo de urbanização brasileiro, bem como da implementação do que se constituirá uma legislação urbana. Sabe-se que nesse período, no Brasil se fazia presente tanto o ideário da Modernidade, quanto o pensamento

Higienista no imaginário da elite e por tanto, dos homens do poder. Essas idéias e decisões políticas se farão presentes na legislação nacional brasileira, que terá como objetivo a regularização do governo imperial que se inicia em 1822. Neste período, são promulgadas leis que determinarão um novo ordenamento urbano, bem como disciplinarão a vida nas cidades. As normativas municipais, mais conhecidas como posturas, são uma regra que se estabelece a partir de então. Essas normativas municipais eram na maioria das vezes determinadas ou decorrentes pelas/das legislações nacionais. Desta forma, o conjunto de leis nacionais revela como vai se constituindo no Brasil o marco jurídico que ordenará e disciplinará o espaço urbano. A pesquisa inicia-se com a instalação do Brasil Imperial, mais exatamente no ano de 1822 e tem como marco final o ano de 1850 quando se aprova a Lei de Terras. Foram consultados os acervos da Câmara Legislativa Nacional e do Senado Federal. A documentação encontrada é composta por Leis, Decretos e Decretos-Leis promulgados por vários ministérios que compunham a estrutura do Governo Imperial. O trabalho ora exposto trata inicialmente da opção metodológica por analisar os documentos oficiais e posteriormente discorre sobre o conjunto de legislações que trata do espaço citadino, seja no que diz respeito às atribuições das Câmaras Municipais e, por conseguinte, das Posturas Municipais, seja no que corresponde à implementação de regras para o ordenamento urbano em função dos preceitos do Higienismo e dos ideais da Modernidade.



**GT 03 - CULTURA VISUAL E ESCRITA IMAGENS, NARRATIVAS E
CULTURA IMPRESSA COMO FONTES DE PESQUISA**

Prof. Dr. Emerson César de Campos - UDESC
Silvia Sasaki (Mestranda) - UDESC

Imagens transitam e são veiculadas. Ao longo das últimas décadas a produção e veiculação de imagens são fontes de pesquisa aos historiadores, pois produzem discursos, forjam hábitos e alimentam conceitos. Jornais, revistas, periódicos, histórias em quadrinhos, folhetins, fanzines, fotonovelas, litogravuras, literaturas de cordel, peças publicitárias, outdoors, cartazes e uma infinidade de impressos vêm se tornando um campo rico de reflexões. Os suportes impressos vão além de sua condição imagética, textual e mercadológica, impelindo a outras significâncias. Imagens explanam e disseminam idéias, criam textos e produzem sentidos, que podem ser capturados por pesquisadores atentos. Enquanto a imagem resume e difunde uma série de conceitos, o texto guia a leitura e entendimento da imagem, em um trabalho de amplas possibilidades para os pesquisadores. Ocultas, mas não obliteradas, as inquietações de ordens de poder, gênero, moral, conduta e outros discursos, se manifestam através delas e se colocam à investigação. Como documento, essas fontes também são evidências de memórias, saberes e práticas de dado período de circulação, onde a produção do objeto corresponde aos anseios e necessidades de cada sociedade que, por sua vez, na recepção, fazem usos destas e ressignificam opiniões, reinterpretam discursos. Diante de fontes tão diversificadas, se instala a urgência na discussão da aplicação metodológica e significativa, dialogando, muitas vezes, com a interdisciplinaridade para um melhor resultado. E, a partir destes dimensionamentos e conexões, bem como dos processos gerativos de sentido através do imagético e do textual, surgem também novas possibilidades de pesquisa e de fontes. Assim, este Grupo de Trabalho visa reunir trabalhos, análises e investigações no campo da imagem e sua escrita, através dos suportes nos quais estas se apresentam (especialmente os impressos), na tentativa de alcance de uma compreensão crítica da cultura visual e escrita (e seus suportes), bem como seus veículos comunicadores e seus meios de disseminação da informação.

**A PRODUÇÃO ARGENTINA DE QUADRINHOS EM DISCUSSÃO: HUMOR E
POLÍTICA NA REVISTA HORTENSIA (1972-1976)**

Msc. Priscila Pereira - UNICAMP

A presente comunicação discorrerá sobre a produção de HQs na argentina contemporânea, sobretudo os chamados quadrinhos de humor que apareceram na revista cordobesa "Hortensia" nos anos 70 do século passado. Interessa-nos, assim, entender os motivos pelos quais se forja uma linguagem humorística naquele contexto político específico, marcado pelas convulsões sociais detonadas pelo Cordobazo (1969) e pelas contundentes discussões que apontavam para uma revitalização do interior argentino. Neste sentido, pretendemos situar a obra de importantes historietistas argentinos que estiveram ligados ao projeto político dessa revista em relação às questões políticas mais gerais daqueles tumultuados anos que antecederam ao golpe militar de 1976.

**ENTRA EM CENA O THEATRO JOSÉ DE ALENCAR: AS RELAÇÕES
SOCIAIS, OS MÚLTIPLOS SIGNIFICADOS E OS CONFLITOS POLÍTICOS
NOS DISCURSOS JORNALÍSTICOS (1904-1912).**

Msc. Camila Imaculada Silveira Lima - UECE

Nos primórdios do século XX, os principais periódicos a circularem pela capital cearense são A Republica, órgão oficial do governo acciolino, O Unitario e Jornal do Ceará, jornais políticos e opositores a gestão de Nogueira Accioly. Ressalta-se, para o desenvolvimento da pesquisa, O Bandeirante, jornal literário e noticioso sob a redação de José M. Nogueira, que durou poucos anos e sendo de edição quinzenal, além de ser favorável a política acciolina. Os discursos destes jornais proporcionam uma análise do cenário artístico da capital cearense, através de anúncios dos espetáculos, da descrição dos concertos ou peças, dos elogios ou desmerecimento dos artistas e ressaltando os cinemas e teatros existentes. Assim, propõe-se perceber como o Theatro José de Alencar se encontrava nesses discursos jornalísticos como um equipamento da cidade e como um espaço de sociabilidade e de prática teatral. O Theatro José de Alencar tornou-se a mais importante casa de espetáculo da cidade de Fortaleza, recebendo grandes produções e artistas brasileiros. Sua arquitetura opulenta no período da construção, destaca-se pela estrutura de ferro importada da Europa através a firma Boris Frères junto à empresa escocesa Walter MacFarlane & Co e pelos padrões do ecletismo, tendo como destaque a Art Nouveau e o Neoclássico. Homenageia o romancista cearense, José de Alencar, que ficou conhecido por obras como Iracema, O Guarani, As Minas de Prata, O sertanejo, Senhora e Lucíola entre outras. Desta forma, propõe-se que o teatro existe enquanto processo, encontra-se em permanente transformação conforme as relações sociais existentes. Desta forma, o significado do teatro não é único, mas se modifica, conservando, através dos tempos, elementos relacionados à expressão artística. O teatro relaciona-se com aspectos culturais e sociais do local onde está sendo

produzido, assim, não se tem uma forma única da atividade teatral, existem muitas formas para o teatro acontecer. O teatro é formado pelo espaço, autores, atores, músicos, produtores, diretores, ajudantes e pelo público. Estes componentes podem produzir uma tragédia, uma comédia, uma ópera e assim por diante, portanto, diversas formas de espetáculos teatrais, que mudam conforme o público. Segundo Raymond Williams, a forma da atividade teatral pode ser reflexo das formas das relações sociais existentes, mesmo contento elementos artísticos que identificam a atividade teatral.

“IMAGENS ESQUIZÓIDES” E O SURREALISMO NO RECIFE. ARTE E LOUCURA NOS ANOS DE 1930.

Msc. José Bezerra de Brito Neto - UFRPE

Após o lançamento do primeiro Manifesto Surrealista, em 1924, do poeta francês André Breton, arte e loucura passaram a ser temas discutidos e relacionados pelos principais intelectuais do mundo. Em Pernambuco, é através de uma contribuição da Liga de Higiene Mental do Recife, publicada em um folheto no ano de 1934, de autoria do médico Gonçalves Fernandes, que o surrealismo é ilustrado com os desenhos de Cícero Dias ao lado das produções de pacientes esquizofrênicos, onde as imagens surrealistas são debatidas sob o limiar da psicanálise. Este artigo tem como objetivo analisar esta publicação, intitulada: “Surrealismo e Esquizofrenia”, dentro dos relacionamentos criados entre as artes plásticas e as políticas culturais de Pernambuco nos anos trinta. Abordando o trato que as autoridades de saúde pública davam aos trabalhos de artistas de vanguardas, sendo comparados a portadores de distúrbios mentais, como a esquizofrenia.

NOS LIMITES DA FRONTEIRA: UM ESTUDO SOBRE A PRODUÇÃO DE DOIS MANUAIS DIDÁTICOS DE HISTÓRIA DE SERGIPE

Msc. Hermeson Alves de Menezes - UFS

Os livros de História de Sergipe destinados ao uso didático tem se caracterizado pela inconstância em sua produção. Entre os anos de 1897 – com a publicação da Chorographia do Estado de Sergipe, de Silva Lisboa, considerado o primeiro livro didático sobre a história sergipana – e o ano de 2008, apenas doze obras foram editadas, algumas delas produzidas por autores não-sergipanos. Nos últimos dez anos, somente duas iniciativas se realizaram. O presente trabalho investiga a produção dos manuais Sergipe nossa história (2005) - dos professores sergipanos Wanderley Corrêa, Marcos Vinicius dos Anjos e Luiz Fernando Corrêa -, e Sergipe História e Geografia (2007) - dos professores da Universidade Federal de Alagoas Celmi Farias Medeiros e Eduardo Frigoletto de Menezes. Nosso objetivo é revelar as aproximações e distanciamentos na construção da narrativa histórica sobre a experiência sergipana, tendo como foco os olhares, textual e imagético, de autores sergipanos e não-sergipanos. Em nossa análise foram levados em conta tanto os aspectos historiográficos quanto de planejamento gráfico-visual. Foram investigados, portanto, o formato, uso das cores, número de

páginas, forma de encadernação, as imagens utilizadas para ilustrar os manuais, de que forma textos e imagens foram inseridos na página impressa, qual a tipografia utilizada, de que maneira foram dispostos os textos, quais as atividades propostas, quais os marcos temporais escolhidos e os personagens selecionados para compor as histórias de Sergipe. Este estudo faz parte das investigações realizadas dentro do Grupo de Pesquisas Sobre Ensino de História – GPEH, ligado ao Departamento de Educação, da Universidade Federal de Sergipe, e complementa as pesquisas sobre os livros didáticos de História de Sergipe desenvolvidas no Mestrado em Educação do NPGED/UFS.

**ENTRE VERSOS E RIMAS DO CORDEL: A CULTURA NEGRA COMO
PATRIMÔNIO PARAIBANO EM OLHARES SOBRE IGNÁCIO DA
CATINGUEIRA**

Ramom de Alcântara Aleixo (Graduando) - UEPB
Prof^ª. Dr^ª. Patrícia Cristina de Aragão Araújo - UEPB

A literatura de cordel consiste num importante espólio da história social e cultural brasileira e nordestina, em particular. Captando nuances do cotidiano e da vivência de nosso povo o cordel tem consistido num importante registro histórico dos acontecimentos, lugares e pessoas que fizeram história nas histórias do cordel. Percebendo o cordel enquanto fonte histórica de produção da cultura escrita cujas narrativas imprimem o saber e o viver de nosso povo. Neste estudo, trabalhamos com o cordel como fonte de pesquisa histórica, que retratam a cultura do povo negro, fazendo com que este ambiente de aprendizagem, artefato cultura e fonte de registro da história cotidiana de paraibanos consistisse num importante meio de expressar sua cultura, visualizada pelo cordel como patrimônio cultural material.

**CONSUMINDO DISCURSOS: ALINHAVOS ENTRE REPRESENTAÇÃO E
IMAGINÁRIO ATRAVÉS DA PUBLICIDADE NA DÉCADA DE 1950**

Silvia Sasaki (Mestranda) - UDESC

A mídia impressa sempre teve grande influência na construção das representações que permeiam o imaginário social. As possíveis manipulações de interesse veiculadas através da informação são reapropriadas e ressignificadas quando chegam ao leitor, abrindo-se também lacunas para as possíveis subjetividades. De um lado, a produção editorial, que discursa conceitos de civilidade, gostos, legitimando e instituindo padrões. De outro lado, a recepção dos leitores que, embora estruturados em conceitos pré-concebidos, também se encontram abertos aos novos ideais, transitando entre estratégias e práticas cotidianas. Este artigo pretende analisar as diferenças entre as representações masculinas e femininas a partir de peças publicitárias disseminadas pelo periódico *Jornal das Moças*, veiculadas na década de 1950. A intenção está em investigar através das propagandas os imaginários construídos e instituídos em dado período, as relações de gostos, costumes e hábitos diferenciados pelo foco pretendido pela produção do impresso e sua relação com o público alvo – ora homens, ora mulheres. Logo, não se

tratam apenas de relações de gênero, e sim de poder estruturado e disseminado pelas visualidades e narrativas apropriadas pela publicidade e pela cultura impressa. Através da pesquisa quantitativa, é possível investigar a repetição de tais peças, evidenciando os interesses engendrados pelo periódico em questão. Tendo a análise do discurso e da semiótica como metodologia, a investigação imagética e textual evidencia a construção de identidades através do consumo, onde o ter também significa ser, demarcando-se claramente os ideais de conduta femininos em relação aos masculinos. Voltados para a higiene, cosmética, comportamento e hábitos, as publicidades veiculadas vão muito além do consumo, engendrando percepções e guiando condutas sociais. Assim, através das diferenciações das propagandas entre as décadas abordadas, é possível analisar as modificações temporais aos discursos de gênero e identidades, construídas a partir da veiculação e repetição de produtos que, conforme os discursos, também necessitam de certa conduta esperada em seus usos.

FESTA CÍVICA: A ESPETACULARIZAÇÃO DA MÍDIA NA COBERTURA DAS DIRETAS JÁ NO DIÁRIO DA BORBOREMA

Givaldo Cavalcanti da Silva (Graduando) - UEPB

A relação entre poder político, mídia e espetáculo se configuram com as relações de transformações existentes movidas por acontecimentos de fatos que são projetados na construção das sociedades. Guy Debord (1992) apontou a necessidade da reflexão sobre o conceito de espetacularização e sua sintonia com a contemporaneidade. Estudiosos apontam que, em certos casos, os veículos de comunicação de massa promoveram uma mudança nas campanhas políticas, tornando-as menos politizadas, uma vez que a mídia promove uma valorização da imagem, ferramenta utilizada na espetacularização, deixando pra trás a política do corpo-a-corpo, baseada na discussão de idéias em grupos politicamente interessados. O panorama social para as transformações políticas que o Brasil sofreu no movimento social conhecido como Diretas Já, foram perpassadas pela mídia que promoveu novas formas de interação social. A vida social e individual puderam se organizar a partir também da função midiática, onde a mídia deixa de ser um apêndice da vida contemporânea e passa a fazer parte dela (Silverstone, 2002). Os 20 anos de luta contra a Ditadura Militar no Brasil foram intensos, uma vez que a imprensa teve um papel importante neste cenário, onde todas as classes sociais brasileiras estiveram unidas em um só coro: a conquista da liberdade de expressão e o poder do voto livre. Os veículos de comunicação que denominamos de “massa media”, correspondem aqueles que têm o poder de atingir uma quantidade significativa de indivíduos em uma sociedade. O jornal Diário da Borborema, fundado no ano de 1957, apresenta nesses 52 anos um registro dos acontecimentos vivenciados na Paraíba que podem dar suporte a uma análise dentro de uma perspectiva do que envolve a mídia no contexto político, onde poderemos identificar a espetacularização política que norteava as notícias das Diretas Já, até a morte do presidente Tancredo Neves, já que nesse período histórico houve esse movimento social que lutou para a conquista da redemocratização do Brasil. Diante do extraordinário espetáculo da campanha é quase inevitável evocar a idéia da festa cívica, como momento de alta emoção em que há uma ruptura considerável de sua estrutura política. Nesse sentido, a análise a partir da

observação das capas do Diário da Borborema nos dará condições de identificar o trabalho desenvolvido pelo veículo, e como foi feita a abordagem das manifestações sociais relacionadas à campanha das Diretas Já e da morte de Tancredo Neves que ganharam destaque na mídia local. Como a pesquisa está inserida dentro de um corte histórico de quatro meses, de janeiro a abril do ano de 1985, já que este período foi o de maior crescimento do movimento das Diretas, e em seu final, teremos a possibilidade de analisar e apontar como o jornal promoveu sua cobertura sobre os fatos, e se essa abordagem é característica do que chamaremos de espetacularização midiática. Esse período de análise poderá responder todas as questões apontadas, no sentido de agrupar o conjunto de documentos inseridos no contexto da pesquisa, para serem submetidos aos procedimentos analíticos.

URBS MODERNA E PROGRESSISTA: CONCEITO DE MODERNIDADE EM CAMPINA GRANDE ATRAVÉS DA FOTOGRAFIA NO JORNAL DIÁRIO DA BORBOREMA

Hallyson Alves Bezerra (Graduando) - UFCG
Prof. Dr. Severino Cabral Filho - UFCG

Durante o período áureo do algodão, chamado na época de “ouro branco”, a cidade de Campina Grande experimentou um considerável crescimento econômico reforçando o discurso de cidade moderna e progressista. Foi seguindo esses preceitos de modernidade que foi inaugurado, a 02 de outubro de 1957, pelos Diários Associados, o jornal Diário da Borborema, que muito contribuiu para o processo de construção da identidade local, fomentando através das suas notícias diárias o forte apelo ao discurso progressista atribuído à cidade. Fazendo uso do fotojornalismo – linguagem utilizada nos moldes do Daily Mirror, primeira publicação diária a utilizar a fotografia como narrativa visual – o Diário representou uma nova opção de divulgação da cidade. Procurando rever o primeiro biênio do periódico campinense, fundado por Assis Chateaubriand, temos por objetivo problematizar acerca das questões de identidade social abordadas no Diário da Borborema utilizando como fonte a vasta iconografia do jornal no que se refere da técnica do fotojornalismo. Para corroborar com a proposta dialogaremos com estudos acerca do conceito de urbs moderna, característica atribuída à cidade.

GINÁSTICA RÍTMICA “DESPORTIVA” EM BELÉM - PA: A HISTÓRIA QUE VIVI

Prof^ª.Ms.Carmen Lilia da Cunha Faro- UEPA/CEDF/ NEPAEL

O presente estudo é a narrativa da história da Ginástica Rítmica “Desportiva”, em Belém, nos anos 1977, 1978 e 1979. Portanto um recorte histórico da chegada desse esporte em solo belenense. O objetivo deste foi reconstruir o início da história da GRD na capital paraense. Centramos esta pesquisa nas seguintes proposições que serviram de ponto de partida: o entendimento que essas experiências não deveriam se perder no tempo, uma vez que elas estavam latentes na memória de “arquivos vivos” e, portanto,

passíveis de uma sistematização escrita para preservação dessa memória; para servir de base para futuras pesquisas acadêmicas; e a evidente carência de referências bibliográficas tematizando manifestações corporais na perspectiva dessa ginástica no âmbito belenense. Para a reconstrução dessa história foi necessário um registro escrito e sistematizado das falas de suas praticantes e das imagens veiculadas nesse período. A metodologia utilizada para a realização da pesquisa foi a história oral, e teve como técnica a história oral temática, que utiliza-se de entrevistas para contar a visão e opinião das pessoas que vivenciaram uma determinada história, ou que pelo menos dela tenha alguma versão discutível, contestatória ou que comprove um determinado fato. Concomitantemente, foi realizada uma análise documental que serviu de base para comparação e confrontação desses dados. Para recuperar essa história e essa memória utilizamos, em grande parte, narrativas orais, dados que organizamos e interpretamos, objetivando compor imagens do passado, esquecidas, mas recuperadas pelas narrativas e das fontes documentais como: imagens, certificados, jornais, portarias, decretos, diplomas, revistas, regulamentos, medalhas, troféus e outros materiais interpretados como fontes históricas do passado e relíquias no presente. Este trabalho teve como resultado o registro escrito e sistematizado dos materiais coletados durante a pesquisa da GRD em Belém, bem como a construção de um acervo composto por cd's contendo as entrevistas, fotos e documentos doados pelas participantes, tanto os utilizados para este trabalho, e os não utilizados que servem de base para novas pesquisas acadêmicas, como também ajudou-nos a ampliar e aprofundar nossos conhecimentos sobre a história da Educação Física do Pará.

NAS TRILHAS DO “REI DO CANGAÇO” E DE SUAS CONTRADIÇÕES

Esp. Wesley Rodrigues - UFPB

A lapidação histórica de qualquer sujeito social é sempre um campo minado de contradições e discursos divergentes, Lampião não fugiria a essa regra. Virgolino Ferreira da Silva foi um dos maiores bandoleiros que o Nordeste brasileiro já conheceu, atuando ativamente no “cangaço oficial”, entre os anos de 1918 a 1938. Sua fama perpassa os seus limites territoriais, ganhando visibilidade nacional e até mesmo internacional. No presente trabalho, pretendemos mapear como foi construído o discurso histórico sobre Virgolino Ferreira, Lampião, como um dos símbolos caracterizadores da cultura nordestina, a partir dos relatos da imprensa. Também é nossa pretensão analisarmos como o Estado lidará com a imagem desse “rebelde” gerando múltiplas contradições. Lampião é cercado por narrativas tão contraditórias e míticas que fascinam os sertanejos até hoje, levando-os a contar seus feitos em verso e prosa, seu nome sendo sinônimo de força, de coragem, de guerreiro, de bandido, de herói, sendo essas, faces de uma mesma moeda e produto de discursos interessados, podendo ser demarcados no tempo e no espaço durante o seu processo de feitura e elaboração, que conseqüentemente desaguará em uma cultura histórica. Como fontes elementares, trabalhamos com os jornais O Diário de Pernambuco, A União, O Ceará e o Mossoroense, buscando neles os indícios das representações que são feitas sobre o nosso objeto.

**APONTAMENTOS SOBRE A IMAGEM CORPORAL NUMA IGREJA
NEOPENTECOSTAL**

Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão - UDESC

Meu objetivo neste artigo é identificar algumas das características do discurso que a igreja neopentecostal Bola de Neve promove em relação à estética corporal de seus membros. A corpolatria, ou supervalorização do corpo, parece receber estímulos por parte desta igreja, bem como a adequação a determinados modismos, aqueles julgados pela igreja como de maior conveniência. Como procurarei apontar, o fiel-frequentador desta instituição, ao adotar uma estética considerada mais adequada para circulação neste meio religioso, espetaculariza a si mesmo e coloca seu corpo como produto veiculador da imagem com que a igreja procura se representar na sociedade, a divulgando e espetacularizando.

A título de contextualização, tomo a liberdade de partir para um breve histórico sobre a igreja Bola de Neve, ou como também é conhecida, Bola de Neve Churchii . Antes, uma explicação necessária: A Bola de Neve se insere na chamada corrente neopentecostal do protestantismo cristão. Mas o que seria afinal o neopentecostalismo?

**AS REPRESENTAÇÕES CÔMICAS NA IMPRENSA PIAUIENSE: A CHARGE
COMO FONTE DE INVESTIGAÇÃO. (PIAUI, 1959-1962)**

Flávia de Sousa Lima (Mestranda) - UFPE

Neste trabalho analiso o discurso da imprensa no Piauí, nas disputas pelo poder político e a construção da imagem do governo de Chagas Rodrigues, entre os anos de 1959 e 1962. Partimos de aspectos biográficos do chefe do executivo piauiense, buscando analisar os pontos polêmicos e relevantes, que marcaram a sua administração, notadamente, em sua dimensão cômica e caricatural arquitetada pela mídia local. O conjunto das fontes documentais relacionadas no trabalho encontra-se nas páginas dos principais jornais, arquivados no arquivo Público do Piauí, “Casa Anísio Brito”. Lá mapeamos os periódicos que circulavam em fins da década de 1950 e primeira metade da década de 1960, são eles, O Dia, Folha do Nordeste, Jornal do Piauí, Jornal do Comércio e Jornal da Manhã. As imagens encontradas na imprensa são reveladas por narrativas que nomeiam um governo perpassado pela dimensão sensacionalista e, ao mesmo tempo, buscando difundir entre a população imagens que cunhavam expressões e variações ridículas do governador. Para tanto, tomamos como fonte o discurso e as imagens de alguns jornais piauienses, por estes terem construído em um corpus de especial interesse, haja vista estar em consonância com os interesses dos saberes/poderes, o que nos possibilita ver e dizer como esses saberes são peças-chave na construção sobre certas condutas e práticas relacionadas à busca pela hegemonia do poder no Estado. Sendo, portanto, eleita a biografia histórica como método de pesquisa possível, e pensando-a na perspectiva de biografia-contexto, é que se teceu esta narrativa analítica acerca do biografado no exercício da chefia do executivo estadual piauiense. A luta travada pela determinação em torno do nome de Chagas Rodrigues

como “moléstia” ou “antídoto”, deixa de ser figurativa e ganha vida real nas lutas pelo poder político nos anos cinquenta e sessenta. Portanto, o presente trabalho se constitui como um instrumento bem humorado para um melhor entendimento da política piauiense na agitada passagem para os anos sessenta.

CRÔNICAS HISTÓRICAS: OS FOLHETINS DE FRANÇA JUNIOR

Raquel Barroso Silva

Nascido na imprensa francesa, o folhetim apareceu pela primeira vez no Rio de Janeiro em 1836, sendo denominado como tal dois anos depois quando ganha os rodapés do *Jornal do Comércio*. Seu surgimento esteve ligado a difusão do hábito da leitura numa pretensa sociedade moderna, através de um texto que visava o entretenimento do(a) leitor(a). Como ressaltou Marlyse Meyer em sua obra, *Folhetim: uma história*, mesmo numa sociedade de maioria analfabeta as leituras em voz alta despertavam aos poucos e em um público crescente o gosto pela literatura. Estudando a participação do folhetim e da imprensa na conformação de uma esfera pública no Rio de Janeiro do século XIX, Jefferson Cano observou que não demorou muito para o folhetim cair no gosto do público, o que contribuiu para um aumento do faturamento dos jornais da Corte no período. Desferindo um julgamento estético sobre este tipo de literatura, seus pais franceses consideraram-no parte de uma “literatura industrial”, cuja qualidade menor decorria de sua regularidade e, relativamente ampla, produção. Contudo, no Brasil, os grandes romances do século XIX foram publicados inicialmente através de folhetins. E é principalmente este caráter “industrial” que nos leva a crer que as crônicas e romances publicados nos rodapés de nossos jornais tenham sido largamente responsáveis pelo forjamento de nossa “nação imaginada” e da retórica que a confirma e a recria, conforme a tese de Benedict Anderson, segundo a qual o advento da imprensa capitalista é fundamental para explicar o surgimento da nação moderna.

Joaquim José da França Junior (1838-1890), em suas crônicas, revelou-se um exímio observador do comportamento político e social da elite urbana, ou burguesa, da qual ele próprio fazia parte, e até mesmo de parte da aristocracia rural participante dos meios de sociabilidade da Corte no Rio de Janeiro. Assim, sua sátira muitas vezes se direcionou aos costumes dessa classe, como a moda afrancesada, as eleições, os tipos freqüentadores dos cafés da Rua do Ouvidor, a corrupção, os casamentos por interesse, os bailes e jantares freqüentados pela burguesia carioca, entre outros. Neste sentido pretendemos analisar os folhetins publicados por França Junior nas três últimas décadas que antecederam o fim do Império no Brasil. A partir da observação de suas crônicas podemos perceber elementos desta construção da nacionalidade assumida pelos homens de letras do século XIX.



GT 04 - DIÁLOGOS DA HISTÓRIA COM A LITERATURA

Francisco José Gomes Damasceno – PUC-SP
José de Arimatéa Vitoriano de Oliveira –n UECE
Samuel Pereira de Sousa – UECE

Sem desconsiderar que tanto a história como a literatura possuem métodos e exigências diferenciados e que mesmo suas metas podem ser distintas, podemos e devemos entrever, a partir dos pressupostos teórico-metodológicos evidenciados com a Nova História Cultural, que estas duas narrativas se empenham num esforço de capturar aspectos da vivência humana, de re-apresentar o real e, embora suas estratégias de argumentação sejam diferentes, ambas, história e literatura, têm por objetivo a reconfiguração de um passado, “real” ou “imaginário”, onde critérios como o da credibilidade e o da verossimilhança são observados. Conforme nos alerta Sandra Pesavento, o historiador, na sua busca de construção de um conhecimento sobre o mundo, objetivando resgatar as sensibilidades de uma outra época, a maneira como os seres humanos representavam a si próprios e à realidade, como não recorrer ao texto literário, que lhe poderá dar indícios dos sentimentos, das emoções, das maneiras de falar, dos códigos de conduta partilhados, da gestualidade e das ações sociais de um outro tempo? E a literatura, por sua vez, não estaria dissociada da narrativa histórica. Sendo assim, buscamos refletir no presente Grupo de Trabalho acerca da historicidade dos textos literários e da ficcionalidade da história, entrevedo diálogos possíveis de serem travados, diálogos estes que, em suma, trazem em si a face da interdisciplinaridade como fomentadora de novos olhares, permitindo a constante tarefa da reescrita da História.

O COTIDIANO NAS CRÔNICAS SOBRE A CIDADE: FORTALEZA NAS DÉCADAS INICIAIS DO SÉCULO XX

José de Arimatéa Vitoriano de Oliveira (Mestrando) - UECE
Prof. Dr. Erick Assis de Araújo (Orientador)

Dentre as variadas possibilidades de acesso ao fenômeno urbano, optamos por seguir aqui as narrativas elaboradas pelos sujeitos que viviam, viam e descreviam o cotidiano da cidade, ou seja, os cronistas, pois sua narrativa é filha da modernidade, visto que se caracteriza através de sua velocidade tanto de produção como de consumo, sendo a velocidade, justamente, um aspecto extremamente ligado à modernidade. Além disso, no que concerne à crônica, seu tempo é o “tempo do agora”. A importância da crônica para o historiador do presente, em sua ânsia por apreender as sensibilidades passadas, consiste em vislumbrar nestas narrativas os registros sensíveis de um determinado tempo, o “tempo do agora” de quem descreve em seu dia-a-dia o modo como os homens percebiam a si mesmos e o mundo em redor. As crônicas podem ser consideradas relevantes documentos na labuta empreendida pelo historiador porque se estabelecem enquanto elementos que descrevem as novidades desse momento de transformações, transformações estas advindas em Fortaleza principalmente nas décadas iniciais do século XX e advindas conjuntamente e em virtude, sobretudo, da modernidade. Visando a remodelação da cidade e a disciplinarização da população, intervenções no espaço tornaram-se prementes, porquanto na intervenção, ordem urbana e ordem social são articuladas. Sendo assim, o “agora” dos cronistas mostra-se a nós, multifacetado e contraditório, sendo que muitas das contradições são surgidas com o advento da modernidade. A ordem que se institui com estas transformações, portanto, é uma ordem urbanística, que para ser eficaz visa não somente a uma remodelação urbana, mas também a uma disciplinarização da população, sendo todos esses elementos inseridos em um contexto onde a modernidade exerce a função de fomentadora. Assim sendo, na contextura espaço-temporal aqui delimitada, ou seja, a capital cearense nas décadas iniciais do século passado, ordem, disciplina, controle e civilização, além de seus opostos, só fazem sentido quando inseridos no âmbito da modernidade. E para entrevermos aspectos dessa modernidade, que se inseria no dia-a-dia da cidade e produzia mudanças e adaptações na vivência cotidiana dos cidadãos, recorreremos às crônicas.

**ALGUMAS LETRAS DE CANTORIAS:
LITERATURA POPULAR E CANTADORES SE APRESENTAM...**

Prof. Dr. Francisco José Gomes Damasceno - UECE

A presente comunicação é uma primeira tentativa de compreensão das letras de alguns motes e canções – entendidas como produção literária – realizadas em cantorias que por algum motivo se tornaram famosas, e, assim, se constituíram em memória das experiências de velhos cantadores, compondo uma espécie de repertório de seus desafios, experiências e canções. As letras recolhidas a partir das indicações dos depoentes da pesquisa “Cantadores: práticas de uma arte-vida e a reinvenção pelo dito pós-moderno (1960-2009)”, ora em andamento, em obras já publicadas, como é o caso de Alberto Porfírio (cantador recentemente falecido) e de Wilson Raulino (apologista) insinuam quem são esses sujeitos sociais e delineiam um espaço social, uma reinvenção da arte e dos atores sócio-históricos.

**DIÁLOGOS COM A LITERATURA PARA A IDENTIFICAÇÃO DE
MUDANÇAS E PERMANÊNCIAS NA FACHADA LITORÂNEA DE MACEIÓ –
AL**

Elaine Albuquerque de Medeiros (Graduanda) - UFAL
Prof.^a. Dr.^a. Adriana Capretz Borges da Silva Manhas - UFAL

O trabalho propõe-se a identificar, registrar e analisar as graduais e as impactantes mudanças versus permanências remanescentes no espaço natural e edificado, ao longo de toda a área relativo à faixa litorânea que margeia o trecho compreendido entre os bairros de Jaraguá, Centro, Trapiche e Pontal da Barra na cidade de Maceió. Subsidiando o estudo da constituição da imagética dessa ‘fachada’ urbana, a metodologia é aportada em análise cartográfica e iconográfica, associada ao registro de relatos bibliográficos e jornalísticos, levantados desde o século 19 até a atualidade, com especial ênfase às obras literárias de escritores alagoanos e de viajantes estrangeiros que transitaram por Maceió no final do século 19 e meados do 20. Particularmente na década de 1930, muitos autores de ficção que vão atingir o mercado nacional estavam em Maceió e se encontravam em reuniões, como Raquel de Queiroz, José Lins do Rêgo, Jorge de Lima, Pontes de Miranda e Aurélio Buarque de Holanda. O poeta Jorge Amado descreve inclusive o dia em que conhece Graciliano Ramos e cita a fama do grupo e de suas discussões. Nas obras destes referidos autores, o imaginário da cidade foi freqüentemente construído, com descrições de trechos facilmente reconhecidos pela cidade, mesmo que não citados diretamente. A importância deste trabalho evidencia-se diante da ameaça constante de esquecimento da história dos ‘lugares’ e da identidade cultural dos mesmos, visto esta área representar um grande pólo de desenvolvimento urbano no passado e assim manter-se no presente. São registradas as modificações já ocorridas no âmbito do tratamento paisagístico nessa área, tais como: aterros de área oceânica e curso de rio, cortes de dunas, definições formais de passeios e leito da via margeante, implantação de caminhos de bondes, tipo de arborização e canteiros, etc. e, no âmbito do espaço edificado registrar também a disposição de equipamentos urbanos como coretos, praças, monumentos, etc., e a concentração de edificações residenciais, repartições públicas e de usos diversos como a sede do Porto marítimo, a indústria Salgema (atual Braskem), o Emissário Submarino, as tipologias alternativas de edificações no estigmatizado bairro do antigo ‘Ouricuri’ até as implantações de edifícios verticalizados – hotéis, prédios comerciais, etc., pontuando-se as permanências materiais e imagéticas que vêm remanescendo ao longo de todo o processo de formação/consolidação desse trecho urbano, tão representativos para a feição identitária da cidade de Maceió.

**OS DEUSES E A DEGRADAÇÃO DE ROMA:
SANTO AGOSTINHO CONTRA OS PAGÃOS**

Cibely Ferreira da Silva (Graduanda) - UPE
Prof. Dr. José Maria Gomes de Souza Neto - UPE

No ano de 410 as tropas do rei visigótico Alarico invadem e saqueiam Roma. Apesar de ser um breve domínio, o colapso de Roma abalou todo o Império, já fragilizado por causa da crise político-militarista-econômica em que se encontrava. Porém, admitir a crise era o mesmo que admitir a derrota do Império. Assim, a população romana preferiu transferir a culpa da crise para a religião: acusaram o cristianismo e seus adeptos de terem enfurecido os Deuses do panteão mitológico, visto que esses deixaram de prestar os devidos cultos em seus altares para adorar o novo Deus. Em contraposição aos ataques feitos ao Cristianismo, Santo Agostinho escreveu a Cidade de Deus, onde mostra que os seres mitológicos que a população insistia em adorar como deuses na verdade eram demônios disfarçados, que distanciavam a população da doutrina do único e verdadeiro Deus. Examinando a obra do Santo como fonte primária, propomos uma análise da mitologia romana pelo olhar de Agostinho, que precisava destruir a imagem que os romanos tinham dos seus deuses – muitas vezes idealizadas, como podemos ver nas obras literárias de Homero e Virgílio – para mostrar que somente o Deus cristão seria o único responsável pela salvação de Roma. Assim, nos utilizamos de um estudo de caso para mostrar Agostinho – um africano que observou todo o caos que acontecia em Roma durante as invasões bárbaras – para propor uma nova forma de ensino da História das Religiões e, principalmente da História da África dentro das salas de aula, com base no que propõe a Lei 10.639 (2003), a qual estabelece novas diretrizes e bases para a educação nacional, instituindo a obrigatoriedade do ensino de História da África e dos Afro-descendentes, desconstruindo a idéia de que a história deve ser abordada unicamente pelo viés europeu, formando uma ponte entre a História de Roma e a História da África.

AS FÁBULAS DE FEDRO NA SALA DE AULA

Higo Henrique Pessoa da Silva (Graduando) - UPE
Prof. Dr. José Maria Gomes de Souza Neto - UPE

No decorrer das últimas três décadas o ensino da história tem passado por transformações. Antes uma disciplina isolada, atualmente o estudo da história tornou-se interdisciplinar porque passou a analisar os fatos através, também, de outras disciplinas como a antropologia e a sociologia. No entanto, quando a história abordada sai do âmbito da sociedade contemporânea para a idade antiga e média encontramos inúmeras dificuldades, pois a época abordada está separada por um intervalo de tempo muito grande e as fontes documentais e arqueológicas das quais se dispõe são mínimas e muitas vezes utilizadas de maneira que dificulta o aprendizado e o entendimento sobre a sociedade que as produziu. Diante dessa realidade, este trabalho tem por objetivo facilitar esse aprendizado através da utilização de uma fonte latina específica – as fábulas de Fedro – como um meio propício para a obtenção de informações da sociedade a qual estas se referem, creditando às aulas de história mais dinamismo e qualidade. O acesso a essas estórias permite aos alunos refletir acerca das cenas, personagens e diálogos trazendo uma reflexão sobre o comportamento daquela sociedade. Esses detalhes têm o poder de proporcionar aos alunos a formação de idéias mais concretas a respeito da história e do contexto social que as produziu, além de permitir que o alunado entre em contato com a língua latina, essa língua clássica que

deixou de ser ensinada nas escolas, vista por este trabalho de uma maneira diferente de seu uso restrito a citação e tradução de umas simples sentenças. Espera-se que esse contato com as fábulas latinas originais incentive os alunos a analisar, pesquisar essas observações tiradas desses textos, a descobrirem os objetivos, implícitos propositalmente pelo autor, e que são facilmente notados nas fábulas, e que são de fundamental importância para compreender as particularidades do período em que a mesma foi escrita. Por isso, mostra-se de extrema relevância trabalhar esse tipo de fonte histórica, já que as fábulas trazem em si ensinamentos referentes à moral e a ética de um povo e devem, portanto, serem exploradas e analisadas nas salas de aulas, tornando o ensino da história prazeroso e eficaz.

**VOZES DA HISTÓRIA NA METAFICÇÃO DE JOSÉ SARAMAGO:
FIOS E RASTROS DA MEMÓRIA PORTUGUESA**

Prof. Dr. Madson Góis Diniz - UAL/UFCG

A obra de Saramago representa um marco na literatura de língua portuguesa pelo seu representativo alcance universal, além do reconhecimento da crítica literária através do Nobel. Sendo detentor de uma estética popular e oral, o romancista consegue nas suas obras reinterpretar a história portuguesa através do jogo dialógico e reflexivo sobre os sentidos da existência humana e as temáticas sociais e políticas. Dialogando fortemente com a História, o escritor luso sempre se mostrou ligado às questões da injustiça social, impregnando nos seus textos um forte viés reacionário, buscando contar a história pelo olhar dos marginalizados. Assim, o discurso literário e histórico se funde na obra saramaguiana, tornando-se signo e símbolo concomitantemente, a partir dos quais ficção e realidade se alternam no plano da ação. Objetivamos, portanto, analisar como as vozes históricas tornam-se registros literários na escrita do autor, e os desdobramentos estéticos dessa apropriação.

**BOEMIA LITERÁRIA TERESINENSE: ENTRE CONDUTAS
TRANSGRESSORAS E CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE MASCULINA**

Bárbara Silva Nunes (Graduanda) - UFPI
Prof. Dr. Pedro Vilarinho Castelo Branco

Este artigo tem como objetivo apreender a obras dos poetas Celso Pinheiro, Zito Baptista, Nogueira Tapety e Baurélio Mangabeira, publicados em jornais, revistas ou livros, elaboradas durante as décadas de 1880 a 1920, buscando através deles, entender as práticas sociais boêmias na virada do século XX em Teresina e analisar como essa boemia contribuiu para a construção das práticas masculinas. O presente período é marcado por uma vasta produção literária dos poetas piauienses, sendo estes reveladores das grandes mudanças ocorridas no período, no que concerne principalmente às práticas de sociabilidades e sensibilidades em virtude do processo de modernização. Essa intensificação da vida urbana acabava por exigir dos cidadãos, posturas mais civilizadas delineada por novos saberes que criavam modelos de comportamentos mais rígidos a

serem seguidos, sendo a boemia vista como espaço de transgressão. Compreende-se a boemia enquanto espaço do Eu em conflito com o Mundo; das confissões; das críticas políticas ideológicas ao poder central e sua intervenção cada vez mais frequente na vida pessoal dos cidadãos; da busca dos prazeres mundanos, através dos bailes, prostíbulos, bares e como o espaço da masculinidade e comunicabilidade. A partir disso, alguns trabalhos foram realizados no sentido de viabilizar a boemia literária a um estudo mais crítico. Temos então como suporte teórico a obra “Os malabaristas da vida: um estudo antropológico da boemia” de Fídias Teles no qual fez uma análise psico-social, existencial e cultural da vida boemia, a obra “Onosarquistas e Patafísicos: a boemia literária no Rio de Janeiro fin-de-siècle” de Diogo de Castro Oliveira, no qual busca captar a nuances de uma boemia intelectual engajada com o processo político da República, ao mesmo tempo em que impulsiona a vida cultural carioca e “Vida boemia de Paula Nei”, escrito por Raimundo Menezes põe em questão a trajetória despreziosa entre a intelectualidade e a sua conduta existencialista que o levava aos prazeres da noite. A boemia assume dessa forma, um papel de suma importância na formação desses literatos e conseqüentemente de produção sócio - cultural piauiense.

O CONFLITO ENTRE CRIAÇÃO E REALIDADE POLÍTICA EM ANAÏS NIN

Raquel Thomaz (Mestranda) - UFCG

No tocante à escrita íntima, a escritora norte-americana Anaïs Nin emerge como uma das autoras com a obra mais vasta, tendo escrito sem interrupções– e posteriormente publicado – diários entre os anos de 1914 e 1974. Esse extenso relato confessional deu à autora certo destaque dentro do movimento feminista, ao mesmo tempo em que despertou críticas relacionadas a seu narcisismo. Dessa forma, o material íntimo de Nin surge como uma obra emblemática no que se refere as tensões do movimento de luta pelos direitos das mulheres. Pois mesmo com sua postura narcisista e passiva politicamente, as atitudes Nin iam de encontro aos valores de sua época. Esse fato levanta uma questão: até que ponto o comportamento da autora não pode ser considerado com uma atitude política, já que resistia à padrões de comportamento de sua época? Esse trabalho se destina a analisar a relação entre a escrita diarística de Anaïs Nin no contexto de sua produção, ao discutir as articulações entre as idéias de Nin refletidas nas suas obras ficcionais e memorialísticas e com as preocupações da autora com arte modernista. Bem como, será observado as tensões entre criação artística e realidade exterior presente tanto na obra de Nin, quanto na de autores que influenciaram sua concepção artística, como Otto Rank, Henry Miller e Marcel Proust. A partir da preocupação com o conflito entre arte e realidade, será buscado compreender a passividade política de Nin frente a uma sociedade com valores que iam de encontro ao seu comportamento privado, relatado no diário. Dessa forma, o universo construído pela escrita íntima da escritora será analisado e problematizado, levando em consideração o tempo histórico no qual ela estava inserida, com o intuito de observar as suas representações acerca da relação entre a mulher, e espaço público e privado, a arte e a política.

**ROMANCES CIENTÍFICOS: INTERPRETAÇÕES E CONTESTAÇÕES
SIMBÓLICAS DA ORDEM IMPERIAL NO BRASIL (1870-1890)**

Prof. Dra. Célia Regina da Silveira-UEL

Propõe-se, nesta comunicação, apresentar pesquisa referente aos romances de fins do século XIX, especialmente Padre Belchior de Pontes (1876) e A Carne de Júlio Ribeiro (1888), O Ateneu (1888) de Raul Pompéia e o Mulato (1881) de Aluísio de Azevedo, associando-os a inserção sociopolítica desses autores na segunda metade do oitocentos no Brasil. Além de construir novos tipos nacionais, esses romances, minuciosamente descritivos, sociológicos rompiam em parte com a estetização da sociedade imperial que os romances de Alencar tinham nutrido, baseando-se no repertório da ciência e sociologia da época. Por isso, são designados de “romances científicos”. E de certo modo, ao elegerem novas figuras sociais, estes escritores não deixaram de referirem a sua própria condição de marginalizados na política saquarema. Deste modo, a questão mais ampla que acompanha esta pesquisa é verificar a própria produção dos romances e os sentidos neles configurados como sinais simbólicos da crise do Regime Monárquico no Brasil. Acredita-se, que essas narrativas literárias, permitirão reconstruir o universo simbólico de contestação do modelo imperial e, ao mesmo tempo, mostrar as bases do diálogo dos letrados brasileiros com o repertório científico estrangeiro, sobretudo, português. Apesar de a produção literária aqui enfocada ter sido objeto de leituras diversas da história e crítica literárias, comumente não lhe é atribuído grande valor literário – com exceção do romance O Ateneu – pelo forte viés documental que acompanhou a produção das narrativas literárias. Isto se deve a periodização canônica da história literária que, na maioria das vezes, assumiu a memória e as divisas de fundação estabelecidas pelos escritores de 1922: o Modernismo. Este movimento artístico-cultural foi à referência para a periodização da literatura brasileira – como sendo um movimento fundador, que emancipou a literatura nacional. E neste sentido, a produção literária enfocada nesta pesquisa, foi classificada a partir dessa memória produzida pelo Modernismo e aceita pelos críticos: Pré-Modernismo. Este rótulo carrega todo um sistema de valoração, que implica em não considerar as obras literárias inseridas nos seus contextos de valores e de produção sociais. É exatamente desta postura, que o presente trabalho afasta-se, na medida em que os romances são vistos como produções que integram e dialogam com os códigos socioculturais de sua época.

**GRACILIANO, GRACILIANOS: MÚLTIPLOS OLHARES ENTRE A
HISTÓRIA E A LITERATURA**

Cristiano Cezar Gomes da Silva - UEAL

Neste trabalho propomos um diálogo entre a Literatura e a História, a partir da análise das várias narrativas de Graciliano Ramos. Observamos que o discurso histórico e o discurso ficcional são próximos, dialogam. Ambos são linguagem, e como tal, buscam representar o mundo em sua volta, interpretá-lo, compreendê-lo, significá-lo. Assim, constroem sentidos para o real, para as experiências com o real, a partir da linguagem. Para o literato mexicano Octavio Paz, a linguagem tem uma essência simbólica, pois

representa um elemento da realidade por outro, assim como nas metáforas. Como afirma o autor, “pela palavra o homem é uma metáfora de si mesmo”, assim, podemos pensar que o discurso literário e o discurso histórico são metáforas da realidade que tentam aprisionar. A literatura e a história, por caminhos diferentes, produzem suas narrativas, constroem enredos e tornam inteligíveis percepções de mundo. A trama perpassa as duas formas de representação da realidade e se cristalizam na narrativa. Narrativa essa que no olhar de Sandra Pesavento “se coloca no lugar da coisa acontecida, é presentificação de uma ausência, uma representação”. Nesse sentido, Paul Ricoeur aponta que a história é quase fictícia no sentido da “quase-presença” dos acontecimentos colocados diante dos olhos do leitor por uma narrativa, enquanto que a narrativa de ficção é quase histórica, na medida em que os acontecimentos irreais que ela relata são fatos passados para a voz narrativa que se dirige ao leitor. Assim, discutimos Graciliano Ramos em sua obra mais conhecida, *Vidas secas* (1938), como também alguns dos manuscritos não-ficcionais. Propomos estudar o literato em sua multiplicidade desvelada pela escritura. A obra gracilianista, além de uma inequívoca expressão literária, é também um belo convite ao estudo e à pesquisa em história, pois nos oferece indícios, vestígios, pistas e sinais sobre as décadas de 1930 e 1940. Observamos em seus escritos um sujeito que precisa acusar e denunciar a estrutura social e desigualdades da época. O autor faz da literatura uma prática de resistência ao poder durante o governo Getúlio Vargas. Estabelece um contraponto para resistir à ordem instituída. O silenciamento do período é denunciado. Este enfoque fragmentário faz parte da pesquisa em desenvolvimento junto ao Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Letras, da UFPB, sob orientação da Professora Dra. Ivone Tavares de Lucena.

**“O CEMITÉRIO DOS VIVOS”: DEGRADAÇÃO DA CONDIÇÃO HUMANA E
PODER NORMALIZADOR NAS MEMÓRIAS LITERÁRIAS DE LIMA
BARRETO.**

Marco Aurélio Dantas Nepomuceno - UFCG

Em meados do século XX, novas transformações no campo historiográfico se abrem no sentido de ampliar as vastas fronteiras no campo das fontes documentais. É nesse sentido que figuras como Hayden White vão questionar as estruturas dominantes da linguagem historiográfica, aproximando-a de outros saberes como a literatura. Assim sendo, o presente trabalho tem como escopo analisar a obra memorialista *O Cemitério dos Vivos* do escritor carioca Lima Barreto como uma materialidade discursiva que aponta os primeiros passos dados pelo poder normalizador instaurado no Brasil República nas primeiras décadas do século XX. Sendo encarcerado no hospício D. Pedro II por ‘alcoolismo desenfreado’ o autor de *Clara dos Anjos* sentiu na pele os efeitos repressivos da ciência de sua época, que se afirmava como detentora do saber e da moral, um saber que conclama o “bem estar geral de todos”. Lima Barreto, através de sua escrita ácida e corrosiva – linguagem que sempre o caracterizou – exerce uma resistência a tais poderes colocando os saberes modernos em xeque, exercendo uma visão totalmente niilista e desencantada da modernidade, juntamente com seus projetos, acusando-os de serem elementos cerceadores que negam a individualidade dos sujeitos.

Por trás dos discursos racionais e “libertadores” da ciência de sua época, o escritor, com sua lucidez e perspicácia, aponta o encarecimento dos corpos e dos espíritos numa lógica repressiva do saber e do poder, no qual, ao contrário de um humanismo para com o indivíduo que ali cai como elemento transgressor a ser recuperado, o que observa-se nas palavras de Lima é uma total aniquilação da condição humana por parte dos dispositivos da medicina.



**GT 05 - DOCUMENTOS E MÉTODOS DA PESQUISA HISTÓRICA EM
ARQUIVOS**

Ana Carla Sabino Fernandes - UFC
Antônio Gilberto Ramos Nogueira - UFC

O Grupo de Trabalho “Documentos e Métodos da Pesquisa Histórica em Arquivos” propõe um debate sobre os processos teóricos e metodológicos da investigação histórica em arquivos, tendo como fonte e objeto o documento. Deste modo, são significativos os estudos acerca das trajetórias de institucionalização e gestão dos arquivos (de ordem corrente, intermediária ou permanente) públicos ou privados no Brasil. Considerando, portanto, os procedimentos de descrição arquivística dos conjuntos documentais, normatizados pela arquivologia e apropriados pela história, que revelam - além das condições de uso e dos elementos de identificação do documento - os saberes e fazeres de funcionários públicos, habilitados e treinados, de chefes de seção, diretores, escrivães, secretários, arquivistas, dos “antigos” amanuenses, de sujeitos que davam “fé” aos tantos papéis e que legitimaram, a partir do século XIX, o documento de arquivo como instrumento de prova e de valor histórico. Neste sentido, são pertinentes também as pesquisas que utilizam documentos de diversas espécies, gêneros, tipologias e que adotam, para tanto, os artifícios da micro-história, da operação histórica, do método indiciário, da prosopografia, ou seja, dos tantos ensinamentos que sugerem a perspicácia humana e a materialidade do documento/objeto, do que pode está dito ou do não-dito. São válidas, entretanto, as análises sobre como os historiadores estão preparando, referenciando, citando e disponibilizando seus próprios arquivos, melhor, criando bancos de dados a partir de registros fotográficos (nem sempre adequados), em detrimento das edições fac-similar disponibilizadas pelos sites dos centros de documentação e arquivos. O direito a memória, a relação entre arquivos, história e memória, fazem parte das preocupações deste grupo de trabalho, bem como, os textos que apontam a necessidade de políticas públicas de conservação, preservação e restauro do nosso patrimônio documental; as formas de acesso a informação disponibilizada em vários suportes; a abertura dos “arquivos sensíveis”, dos arquivos da ditadura, por exemplo; e as pesquisas que vislumbram as possibilidades de elaboração do

conhecimento histórico em arquivos a partir de mediações educacionais, seguindo as diretrizes da educação histórica.

**OS ARQUIVOS ECLESIASTICOS E O SEU PAPEL INFORMACIONAL-
CULTURAL PERANTE A SOCIEDADE: UM ESTUDO NO ARQUIVO DA
ARQUIDIOCESE DA PARAÍBA.**

Jardel Gonzaga Veloso - UEPB
Naiara Ferraz Bandeira Alves - UEPB

Estamos vivendo em um mundo cuja procura de informações é sem precedentes na história, tal situação é proporcionada pela globalização e também pelas novas tecnologias que possibilitaram a diminuição do “abismo” entre as pessoas e as informações produzidas pela sociedade, consequentemente a informação se tornou em um bem de consumo, no que, se utilizada de forma correta e no momento correto resultará em ganhos tanto econômicos, como intelectuais e culturais. Neste contexto os arquivos vêm deixando de ser considerado como um simples espaço destinado à mera guarda de documentos, para se configurarem como centros de informação e espaços de cultura, no qual o pesquisador e o cidadão terão a possibilidade de adquirir informações no que resultará em novos conhecimentos. Neste sentido os arquivos eclesiásticos devem assumir tal perspectiva informacional-cultural, visto que o patrimônio documental custodiado nas instituições eclesiásticas tem relevante importância perante a sociedade, vez que eles refletem a atuação de um setor da sociedade brasileira que atuou e ainda atua de forma marcante dentro da nossa sociedade. A partir deste contexto este trabalho tem como objetivo aguçá-la a reflexão sobre o valor informacional-cultural dos arquivos eclesiásticos tendo em vista a importância do acervo documental custodiado por esses arquivos. Quanto à metodologia adotada trata-se de um estudo de caso, para qual foi utilizado como objeto de pesquisa o arquivo da Arquidiocese da Paraíba, no qual se realizou uma visita in loco e uma entrevista semi-estruturada. Através dos dados analisados, chegou-se a conclusão de que o valor informacional-cultural dos arquivos reforça ainda mais a importância dos arquivos perante a sociedade, pois ampliam a função social dos mesmos e que os arquivos eclesiásticos são de grande importância para a sociedade visto que eles trazem inúmeras contribuições no resgate da memória nacional, possibilitando uma nova re-escrita da história do país abrangendo atores sociais que até então não eram levados em consideração.

**AS FONTES DA EDUCAÇÃO DO IMPÉRIO NO ACERVO DO ARQUIVO
PÚBLICO DE ALAGOAS**

Nezilda do Nascimento Silva Pauferro

Esta comunicação objetiva apresentar elementos parciais do nosso trabalho de pesquisa sobre a educação escolar na segunda metade do Império, desenvolvida no acervo do Arquivo Público do Estado de Alagoas. Tal estudo encontra-se vinculado ao grupo de pesquisa Caminhos da Educação em Alagoas do Programa de Pós-Graduação em

Educação da UFAL. Metodologicamente este trabalho se apóia na concepção de que os acervos arquivísticos locais precisam merecer mais atenção dos pesquisadores da história da educação, pois a pouca atenção tem gerado uma produção bibliográfica fortemente apoiada na fonte impressa, e que, portanto, apresenta apenas a possibilidade de estudos de um passado mais recente. Sem a necessária crítica as informações que já foram compiladas, acarretam-se prejuízos intelectuais na atual produção da historiografia educacional. No nosso mapeamento realizado no Arquivo Público de Alagoas, centramos nossa atenção nas fontes relacionadas ao Império, as quais revelam a existência de uma vasta documentação sobre o Liceu, a Escola Normal, o Colégio de Aprendizes Artífices, o Liceu de Artes e Ofícios, os inspetores escolares, as escolas noturnas, os professores. No arquivo detectamos fontes inéditas que nos possibilitam concordar ou discordar com matérias já publicadas. O nosso contato com este acervo tem se dado desde o ano de 2008, portanto, a nossa pouca experiência desencadeou uma certa dificuldade no manuseio desse tipo de documento, em especial, pela nossa familiaridade com a fonte impressa. Ao contrário desta, a fonte manuscrita demanda por parte do pesquisador um contato demorado, seja pela dificuldade de leitura de uma forma de escrita diferenciada de um passado longínquo, seja pela má conservação do documento. Junto a esses aspectos, atinemos para o cuidado do pesquisador com a fonte histórica da educação, da necessidade de manter um lastro largo de formação para assim valorizar, contextualizar a produção e o autor do documento. Isto sig! nifica t ornar generosa a fonte que nos chega, a qual deve vir acompanhada do trabalho de interrogação ou de definição do que se quer apropriar-se das ações educacionais do passado.

**OS MINISTÉRIOS DO IMPÉRIO E A PROVÍNCIA DO CEARÁ: FONTES
PARA O ESTUDO DA HISTÓRIA DO BRASIL IMPÉRIO – SÉCULO XIX.
(ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO CEARÁ-APEC. FUNDO: EXECUTIVO
PROVINCIAL. SÉRIE: MINISTÉRIOS. DATA-LIMITE: 1822-1909).**

Ana Carla Sabino Fernandes

Este trabalho aborda a trajetória de uma instituição, o Arquivo Público da Província do Ceará, ao longo do século XIX. Analisando, contudo, práticas de empregados públicos que trabalhavam na Secretaria de Governo da Província do Ceará e/ou para o Arquivo (criado em 1865) e que corroboravam na significação do documento. Ou seja, os processos de produção, circulação, recolhimento e guarda de documentos e os sujeitos envolvidos, antes, durante e após inauguração do Arquivo na Província do Ceará, estando engajados não só aqueles bacharéis, protagonistas dos Institutos Históricos, e políticos de carreira (presidentes de província, conselheiros, senadores, etc.), mas os auxiliares do segundo escalão da Monarquia, ou seja, funcionários públicos chefes de seção, diretores, escrivães, secretários, arquivistas, amanuenses, pessoas que davam “fé” aos tantos avisos e ofícios, e que legitimaram o documento de arquivo como prova do direito e do valor histórico. Para tanto, é relevante o estudo do Fundo Executivo Provincial, Série Ministérios (1822-1909) – acervo do APEC–, composto por Avisos, Ofícios (documentos manuscritos) e “Anexos” (leis, decretos, artigos da Constituição do Império do Brasil, recortes de jornais e demais impressos) concernentes aos

Ministérios do Império e da Província do Ceará. A Série Ministérios corresponde ao: Ministério dos Negócios da Agricultura, Comércio e Obras Públicas; Negócios Estrangeiros; Relações Exteriores; Negócios da Fazenda; Negócios da Guerra, Negócios do Império, Negócios do Interior, Negócios da Justiça, Negócios da Marinha, ofícios do Governo da província do Ceará enviados para diversos ministérios. É composta por um total de 114 livros, contendo cada livro cerca de 200 avisos e/ou ofícios dos Ministérios para o Palácio do Governo do Ceará e vice-versa. O intuito é ampliar o diálogo entre os fazeres políticos do poder Executivo da Corte do Rio de Janeiro e da Província do Ceará, e em torno de vários fatos e conteúdos históricos associando tais acontecimentos aos processos de governabilidade do Império brasileiro, da escrita da história e identidade da nação, que incluíam, fundamentalmente, a construção de um conjunto documental oficial, devidamente numerado, rubricado, aberto, encerrado e passível de arquivamento. Tarefa exercida e propagada pelo Arquivo Público do Império (1838), pelo Arquivo Público do Império na Província do Ceará (1865-1867), sobre os quais se debruçaram os intelectuais do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro – IHGB (1838) e os seus congêneres nas províncias do Império, caso do Instituto Histórico, Geográfico e Antropológico do Ceará/Instituto do Ceará- IC (1887), ambos engajados na estabilização do Império.

**A UTILIZAÇÃO DE ACERVOS HEMEROGRÁFICOS NA PESQUISA
HISTÓRICA. OS JORNAIS CEARENSES LIBERTADOR E
REPÚBLICA: PERMANÊNCIAS E RUPTURAS.**

Jana Rafaella Maia Machado

A utilização de periódicos como fonte e objeto de pesquisa sempre foi questionada, devido a subjetividade contida nos jornais, entretanto a Escola dos Anales nos traz o questionamento sobre as fontes e a forma de trabalharmos as mesmas, pois todos os documentos são passíveis de subjetividade, cabendo então ao historiador empregar uma metodologia rigorosa, para fazer suas reflexões sobre o conteúdo dos jornais. Assim aqui no Brasil a partir da década de 1980, irão surgir vários trabalhos que utilizando os impressos como principal fonte e muitas vezes objeto de estudo. Desta forma, o presente estudo usa os jornais cearenses Libertador e República com o intuito de perceber a construção dos discursos a cerca da Abolição da escravatura, dos modelos de nação, civilização e princípios liberais. Ambos fazem parte do acervo hemerográfico da Biblioteca Pública Governador Menezes Pimentel - BPGMP. A referida biblioteca possui um vasto acervo de micro filmes e impressos originais de periódicos cearenses do século XIX e XX. O Libertador, no caso, foi criado em 1881 como Órgão divulgador das atividades da Sociedade Libertadora Cearense em prol da libertação dos escravos no Ceará. Vale ressaltar que, após a Abolição no Ceará, em 1884, este jornal propaga o fim da escravidão em todo o Brasil, tendo seu último exemplar distribuído em 1892 quando ocorre sua fusão com o periódico Estado do Ceará, dando origem em seguida a República. Esta folha foi fundada pelo Centro Republicano e a União Republicana com o objetivo de propagar as idéias do partido e defender o governo Accioly, com a queda da oligarquia Acciolina ocorre a extinção do jornal, em 1912. Desta forma, busco perceber como foram apropriadas pela sociedade cearense as idéias e pensamentos

difundidos nestes jornais, notando assim o poder de influência dos impressos e as permanências e rupturas ocorridas no discurso desses jornais no período de 1881 até 1912.

O CORDEL COMO FONTE HISTÓRICA: O INIGUALÁVEL ACERVO DA BIBLIOTECA ÁTILA ALMEIDA.

Valéria Diniz Araújo Dos Santos

A Nova História, movimento que ocorreu na primeira metade do século XX, trouxe, para o campo do saber histórico, alterações paradigmáticas sobre os objetos, concepções, narrativas e instrumentos de pesquisas, passando a reconhecer dessa forma várias fontes inesgotáveis de estudos. Uma das inovações desse movimento foi abranger a multiplicidade de informações sociais e culturais, e ampliar o leque das ciências auxiliares da história, além das possibilidades de fontes histórico-informacionais que potencializam esse campo de atuação. Nessa direção, esse artigo tem por objetivo apresentar o cordel como uma dessas fontes direcionadas ao campo historiográfico por meio da análise e estudos acerca dos usuários da biblioteca-arquivo de cordel Áttila Almeida, considerada a maior do Brasil no que se refere a esse tipo de gênero, possuindo mais de 10.000 (dez mil) exemplares. Por isso, parte-se do princípio das fontes segundo uma classificação de materialidade, subagrupando-as em fonte material escrita e iconográfica. Como metodologia utilizada, foram aplicados questionários aos usuários, entre os meses de setembro e outubro de 2009, além de estudos bibliográficos que envolvem o cordel e seu contexto de produção, usos e usuários da informação, disponibilização e acesso à informação e construção de banco de dados. Baseando-se nas respostas dos pesquisadores/usuários, buscou-se coletar dados para compreender a necessidade de uso desses cordéis como fonte histórica de informação. Sob esse olhar, percebeu-se também o cordel como uma inexaurível fonte para os estudos nas áreas da história, lingüística, arquivologia, sociologia e antropologia, caracterizando, assim, o seu aspecto interdisciplinar. Como aportes teóricos, utilizou-se Pinsky (2008), Bassellar (2008), Almeida e Alves Sobrinho (1978), Certeau (2008), Burke (1992), Maia e Oliveira (2008) entre outros. Esse estudo trata-se de um projeto de PIBIC, cuja perspectiva volta-se para o tratamento técnico dos cordéis, realizado por bibliotecária e arquivistas, além da criação e disponibilização de parte do acervo através de um banco de dados. Esta medida visa, sobretudo, à conservação dos documentos e sua consequente disseminação por meio eletrônico a fim de que seu uso seja eficaz. Para além das questões técnicas, percebe-se ainda a relevância da recuperação da informação para os usuários, uma vez que os dados iniciais da pesquisa conduzem a percepção de que esses documentos, os cordéis, possuem caráter sócio-cultural, estando impregnados do imaginário popular, constituindo-os como fonte histórica que retratam o modo de pensar e o cotidiano do povo nordestino.

MAPEAMENTO DOS REGISTROS DOCUMENTAIS DA SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DA PARAÍBA: UM RESGATE DE SUA MEMÓRIA.

Mayara Araújo do Nascimento Luna

A Santa Casa da Misericórdia da Paraíba foi fundada no século XVI por Duarte Gomes da Silveira. Como as demais confrarias de sua categoria, atuava sob as delimitações de seu regimento que primava pelo auxílio aos seus irmãos em, mais especificamente, pela população mais necessitada da sociedade paraibana. Sua atividade, no século XIX abrangia, particularmente, muito mais do que questões espirituais, visto que a Santa Casa era responsável por garantir um espaço para o enterramento de seus irmãos, para auxílio médico e para prestar assistência aos órfãos que eram deixados aos seus cuidados. Responsabilizava-se, ainda, pelo recolhimento e abrigo de velhos doentes que eram abandonados pela cidade. Como sua atuação expandiu-se, ainda, por todo o século XX, trata-se de um espaço extremamente importante para a compreensão da sociedade paraibana. Considerando-se esse contexto, esse trabalho teve como objetivo realizar o mapeamento da massa documental I que se encontra completamente abandonada no prédio da Igreja da Misericórdia, localizada no centro da capital paraibana. Para tanto, procedemos ao mapeamento desta massa documental, utilizando princípios arquivísticos, destacados por autores como: Bellotto (2005) e Bertolotti (2006), para quem a Arquivologia, disciplina capaz de dar respaldo às atividades desenvolvidas no tocante à documentação, tem como objeto fundamental o estudo do documento e dos conjuntos documentais produzidos ou recebidos por uma entidade pública ou privada, durante o percurso de suas atividades administrativas. Como resultado de nossas atividades pudemos observar que parte da massa documental trabalhada é composta por relevantes documentos que datam do século XVII e que imprimem um caráter ativo pertinente à administração dessa instituição no XX, com grande variedade tipológica, desde requerimentos, atas, discursos de posse, etc. Essa documentação suscita uma imensurável possibilidade de utilização dessas informações como instrumento das diversas perspectivas teóricas utilizadas pela História. Como exemplos, temos os autores Russell-Wood (1981), João José Reis (1998), entre outros, que trabalharam com a mesma tipologia documental e produziram trabalhos, conceitos e metodologias que podem ser utilizados tanto na prática de produção de uma História Institucional quanto em análises do Imaginário Social. Concluindo, o que resulta essencialmente da atividade que implementamos, até o momento, e que deverá ter prosseguimento, configura-se como a necessidade de efetivação de uma política de preservação que possa abranger os mais diversos arquivos existentes em nossa sociedade.

HISTÓRIA, MEMÓRIA E DOCUMENTO: A FORMAÇÃO DO ACERVO VIRGÍLIO TÁVORA.

Alenio Carlos Noronha Alencar

Os estudos sobre o processo de preservação documental no Brasil vêm ganhando relevância nas últimas décadas, apesar da imensa carência de políticas públicas em âmbito Nacional. Esses estudos giram em torno da compreensão de uma memória documental, presentes em arquivos públicos e privados, possibilitada por novos referenciais teóricos e metodológicos em torno da conceituação de documento, pensando como fonte e objeto de estudo. Diante disso, vem sendo desenvolvida uma

pesquisa junto ao Acervo Virgílio Távora, político de renome no Ceará, e que ocupou diversos cargos públicos, tendo sido Deputado Federal (1950-1958 e 1966-1970), Governador (1963-1966 e 1979-1982) e Senador (1971-1978 e 1983-1988). O acervo Virgílio Távora, foi doado pela família Távora, no ano de 2000, ao Arquivo Público do Estado do Ceará, órgão da Secretaria de Cultural do Estado do Ceará. O arquivo abrange o período de 1912 a 1988, e possui uma diversidade de documentos textuais (manuscritos, documentos impressos, telegramas, cartas, cartões, mapas, memoriais, recortes de jornais etc.); audiovisuais (slides, rolos de filmes, fitas de vídeo, fitas cassetes, discos de vinil e cerca de 32.000 fotografias), produção intelectual (constituída de textos, cartas telegramas, conferências, discursos, pareceres, projetos, palestras etc, contendo registros de sua trajetória política), além de objetos pessoais (comendas e troféus, condecorações, medalhas, espadas, adaga, flâmulas, pastas/valises e colecionadores em couro e plástico, bíblias, caixa de madeira para missivas, quadro de madeira etc. O acervo enquanto fonte de pesquisa possibilita a abordagem de diversos temas da história do Brasil: Colunas Prestes, Revolução de 1930, administração pública, partidos políticos, desenvolvimento industrial, sistema rodoviário, energia elétrica e nuclear, a questão da seca e do abastecimento d'água etc. Chama atenção neste universo de fontes e temas, a importância desse acervo para compreensão da memória documental e política, possibilitando fazermos os seguintes questionamentos: como se deu a formação do acervo? Quais foram os parâmetros arquivísticos utilizados para sua organização? Como seu deu a identificação da natureza das tipologias documentais para a constituição do seu inventário? Qual imagem-identidade é criada do Virgílio Távora na formação do acervo, quando pensamos a questão da memória política? São, portanto, esses alguns dos eixos que norteiam esse trabalho de pesquisa.

O QUE REVELAM OS ARQUIVOS ESCOLARES?

Ivanildo Gomes dos Santos - UFAL

O nosso interesse pelos arquivos escolares nasceu a partir da participação e conclusão da especialização em Administração de Arquivos e Documentação, oferecida pelo Departamento de História da Universidade Federal de Alagoas. Para a conclusão desta pós-graduação foi apresentada a monografia que tratava da Análise e Proposta para o Arquivo Escolar da Escola Estadual Onélia Campelo, escola a onde este pesquisador trabalha como Secretário Escolar. Além disso, a participação no grupo de pesquisa Caminhos da Educação em Alagoas, no Centro de Educação da Universidade Federal de Alagoas, foi fundamental no fortalecimento e na concepção de novos olhares que envolvem a temática. Foi justamente a partir dessa junção da experiência acadêmica com a experiência profissional, que surgiu o interesse pelos arquivos escolares. Assim, este trabalho tem a principal finalidade de evidenciar a riqueza dos arquivos e acervos escolares para o conhecimento acadêmico nas áreas que abrangem principalmente a arquivística, a história, a educação e a cultura, apresentando-o como o lugar da memória e da história escolar. Pois, os registros de cada instituição tornam-se seus testemunhos de vida, de sua cultura, memória e particularidades. Portanto, pode-se afirmar que a documentação arquivística escolar possui importância fundamental para a história local, para a história da comunidade a qual ela está inserida, bem como para a história da

educação como um todo. As finalidades e funções dos arquivos escolares, não se resumem a comprovação de escolaridade, haja vista que também pode ser utilizado o valor informativo de seus documentos pela instituição ou pela esfera pública para a melhoria das ações futuras, bem como a possibilidade de sua utilização para fins científicos, histórico-culturais e didáticos. Por isso, preservar esses acervos é subsidiar pesquisas de estudiosos, professores e alunos que desejam desenvolver estudos na perspectiva histórica, filosófica, sociológica, psicológica ou antropológica da vida escolar. Pois, eles, dentre outras coisas, evidenciam metodologias de ensino, práticas educativas, currículo, história das disciplinas, processos de alfabetização, dentre outros aspectos. Neste sentido, torna-se muito importante empreender esforços diversos na busca da conservação e preservação dessas fontes de pesquisa, pois é de extremo interesse da sociedade, uma vez que é necessário construir meios de democratizar o acesso a estas, possibilitando sua funcionalidade com qualidade e permitindo a sistematização do conhecimento acadêmico.

**CARTA DENUNCIA: NOVAS FONTES PARA O ESTUDO DAS RELAÇÕES
ENTRE O GOVERNO MILITAR E A SOCIEDADE CIVIL EM PERNAMBUCO
NOS ANOS DE DITADURA CIVIL-MILITAR.**

José Rodrigo De Araújo Silva

Durante o Governo Civil-Militar, após a disseminação das ideologias da Lei de Segurança Nacional, os militares passaram a propor a participação da sociedade junto ao estado para que atuassem como agentes de vigilância na complexa Rede de Informações estabelecida. Sendo assim, propomos uma reflexão das cartas enviadas por setores da sociedade aos órgãos de segurança de Pernambuco, denunciando elementos e atitudes “subversivas”, tornando-se desta forma, co-responsáveis pela “manutenção da ordem”. A utilização dessas cartas como fontes históricas tornam-se pertinente na medida em que as mesmas ajudam a compreender melhor o período em uma perspectiva de preservação da memória dos anos de repressão. A pesquisa encontra-se em andamento e faz parte de um projeto maior que relaciona práticas subversivas, resistência e controle social.

VARIOLOSOS E ESTIGMAÇÃO EM FORTALEZA (1878 – 1881).

Letícia Lustosa Martins

O objetivo desta pesquisa é analisar a partir de um estudo minucioso das fontes, o estigma enfrentado pelos variolosos e o cotidiano destes na cidade de Fortaleza, quando segundo a historiografia local, esta cidade passava por um período de remodelação urbana, chamado de Belle Époque. O recorte temporal deste trabalho esta delimitado entre os anos de 1878 (ano em que se tem registro de uma epidemia variólica que gerou grande impacto social e econômico no Estado do Ceará) e 1881 (período em que a doença estava em transição de epidemia para endemia). Com o auxílio de fontes documentais da época que se encontro no Arquivo Público do Ceará e na Biblioteca

Pública do Ceará – Menezes Pimentel, entre eles: Relatórios dos Presidentes de Província do Estado do Ceará, Ofícios Médicos, Correspondências da Câmara Municipal de Fortaleza, Jornal (O Retirante) fontes bibliográficas do período: Varíola e Vacinação no Ceará (Rodolpho Theophilo), Cli matologia epidemias e endemias do Ceará (Barão de Studart) e Importância da vida humana como fator de riqueza (Thomas Pompeu), buscar-se-á perceber os diversos discursos dos sujeitos envolvidos neste período no que diz respeito à varíola e os variolosos. Dentro de um contexto antagônico de discurso, pratica e realidade da: salubridade, ordenação social e urbana, legitimação do saber médico e outros; é que se apresentam as questões relevantes desta pesquisa no que se refere à estigmatização do varioloso, o corpo doente como signo, mendicância, percepção da vida, da doença e da morte. Utilizando a história social como base metodológica e muitas vezes teórica para a elaboração da escrita historiográfica da dissertação. Tendo como objetivo problematizar a varíola como objeto de reflexão do historiador, analisando os fatores sociais e biológicos envolvidos em sua conceituação e entendimento a partir de fontes oficiais. . Partindo do princípio de que a doença é, ao mesmo tempo, um fator biológico e um! fator simbólico que está imbuído de valores e crenças de uma determinada cultura, de um determinado tempo e de um determinado lugar, pretende-se então analisar algumas abordagens propostas, assim como questões conceituais e metodológicas levantadas pelos estudiosos dedicados a esse campo de pesquisa (tanto da doença em geral, como específico da varíola).

O CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO DA UNEB CAMPUS 13.

Lígia Conceição Santana

O objetivo desta cominação é dar notícia sobre o projeto de implantação do Centro de Documentação na Universidade do Estado da Bahia – Campus XIII. Este centro é pensado como um laboratório prático para a disciplina Pesquisa Histórica e também como um suporte para a orientação das demais instituições do município de Itaberaba e Chapada Diamantina que possuem acervos que interessam a pesquisa. A possibilidade metodológica de se trabalhar com diferentes fontes documentais permitiu também um diálogo com a diretoria das instituições e o primeiro resultado é o curso de capacitação para gestores do patrimônio documental e o início do trabalho de identificação de documentos no Fórum Municipal.

PATRIMÔNIO E MEMÓRIA LOCAL: PERSPECTIVAS E DESAFIOS DO HISTORIADOR INVENTARIANTE.

Antonio Gilberto Ramos Nogueira

Este trabalho procura discutir a experiência do Grupo de Estudos e Pesquisa em Patrimônio e Memória – UFC no desenvolvimento de uma metodologia de inventário de referências culturais aplicada no bairro do Benfica na cidade de Fortaleza. Nesta primeira etapa, a metodologia do inventário centrou foco na identificação dos aspectos do sítio original e nos elementos que dizem do processo de urbanização e configuração

atual do bairro. Assim foram feitos levantamentos de fontes primárias em arquivos, bibliotecas e acervos de instituições públicas e privadas da cidade. Pesquisas bibliográficas que subsidiam a problematização de determinadas temáticas e o primeiro registro fotográfico que busca evidenciar os elementos da arquitetura e modos de morar do Benfica. Ao considerarmos os inventários como importante instrumento de identificação, documentação e produção do conhecimento histórico, o historiador que se utiliza desta ferramenta está diante da seleção e da escolha de uma história e de uma memória a serem preservadas. Neste sentido, quando identificamos e registramos determinados bens e práticas culturais que informam das diferentes formas de apropriações e configurações espaço-temporais, estamos falando de memórias sociais em conflito e da atribuição de sentidos que orientam a produção de evidências. Eis a razão do ofício do historiador. Patrimônio Inventário Documentação.

A CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA E ACESSO A INFORMAÇÃO NOS ARQUIVOS MUNICIPAIS.

Anna Carla Silva De Queiroz (Mestranda) - UFPB

Neste trabalho, propomos discutir em linhas gerais nossa pesquisa de mestrado, que esta em andamento. Nosso estudo centra-se na análise da construção da memória e dos meios de acesso a informação em arquivos públicos, tomando por base (como estudo de caso) o Arquivo Central da Prefeitura Municipal de João Pessoa-PB. Neste sentido, procuraremos entender os processos de construção da memória, práticas, relações de identidade e acessibilidade do acervo. Tomando por parâmetro o surgimento do paradigma nominalista ou da pós-modernidade e, concomitante a um acúmulo cada vez mais intenso de massas documentais, desenvolveram-se estudos de memória, também com muita intensidade. Seja para apresentar uma possível solução aos problemas dessa geração ou até mesmo um processo desencadeador das rápidas transformações sociais atuais, nossa proposta inicial é discutir o conceito de memória na perspectiva de pensadores de várias áreas do conhecimento, a exemplo de Pierre Nora e Maurice Halbwachs. Neste sentido, tivemos nos últimos anos, um crescente interesse por temáticas relativas à memória, evento e em razão do processo de “mundialização” (o chamado mundo único), uma necessidade de discussão acerca das identidades, pertencimentos ou até mesmo diferenciação, em outras palavras, há um “desejo pela memória”, provocado o evento denominado “aceleração histórica” (necessidade de lembrança, ameaça do esquecimento, obsessão pelo registro). Conforme adiantamos, sua importância deriva da guarda de um riquíssimo volume documental, uma vez que os documentos produzidos na esfera administrativa não devem se restringir apenas a documentos de arquivo leia-se administrativos. Noutro sentido, estes devem ser vistos como objetos de transmissão cultural, pois, se constituem como um conjunto de dados à memória. Para tanto, procuramos observar os processos de construção da memória e seus determinantes teóricos que são constituídos, a princípio, nos acervos correntes dos arquivos públicos. Os resultados preliminares da pesquisa nos levam a inferir que o referido arquivo avança frente às demais instituições arquivísticas municipais do Estado da Paraíba no que se refere à preocupação acerca da representação da memória, preservação e acessibilidade de seu acervo. Assim, pretendemos igualmente neste

trabalho, lançar mão de uma discussão teórica que dialoga com a documentação, ciência da informação, história e memória, procurando estabelecer uma interlocução entre estas áreas do conhecimento.

**A EDUCAÇÃO DE MENINOS E MENINAS NAS CADEIRAS DE PRIMEIRAS
LETRAS DA PROVÍNCIA DE SERGIPE - 1820-1889**

Andreza Mayara Lins de Oliveira (Graduando) - UNIT
Profª. MS.c. Sheyla Farias - UNIT

Com o advento da História dos Annales, vários temas vinculados à História passaram a ser estudados, e com a Educação não foi diferente. Mesmo já sendo objeto de estudo desde a segunda metade do século XIX, a educação a cada dia passa a motivar novas pesquisas em diversas áreas das ciências sociais. No Brasil, houve um crescente número de trabalhos sobre a educação, havendo poucos em Sergipe. Este trabalho tem como objetivo expandir e ao mesmo tempo compreender as transformações ocorridas na educação imperial na Província de Sergipe, tentando entender quem eram esses alunos, o gênero, a etnia, classe social e professores através de análises de Mapas de alunos, Relatórios de Presidentes da Província de Sergipe, Correspondências, Decretos Leis e principalmente, Coleções Particulares, pelo período compreendido de 1820 a 1889. Todos estes documentos estão sob o poder do Arquivo Público do Estado de Sergipe - APES. Observando em nossa análise para a frequência, rendimento escolar e continuidade nos estudos, atentando especialmente para as categorias que são o foco de nossas análises, a saber, o gênero, a classe social e a etnia dos mesmos. A partir da leitura documental, observou-se que a partir da segunda metade do século XIX, há um crescente aumento nas Cadeiras para meninas da região, juntamente com a criação de Cadeiras Públicas para meninos índios e pobres das principais Vilas e Povoados da Província de Sergipe. Apesar do apelo de alguns setores da sociedade (professores, população e alguns políticos da região), muitas salas de aula foram fechadas por falta de alunos.

**UMA “GRANDE OFICINA SILENCIOSA DE TRABALHO”: O
DEPARTAMENTO NACIONAL DE OBRAS CONTRA AS SECAS (IOCS/
IFOCS/ DNOCS) E SUA PRODUÇÃO TÉCNICO – CIENTÍFICA**

Aline Silva Lima (Mestranda) – UECE

O DNOCS, órgão público federal criado em 1909, com a denominação de IOCS, teve como principal objetivo a amenização dos efeitos das secas na região então conhecida como Norte Seco e, com isso, conduzi-la ao desenvolvimento. Sua concepção ocorreu em meio às discussões sobre quais soluções seriam possíveis para o “combate às secas” e se caracterizou pela tentativa de colocar em prática o conhecimento técnico-científico aplicado na resolução de problemas da realidade social. Nestes cem anos de existência, foi responsável por uma série de ações na região nordeste que incluem estudos e grandes obras públicas. No Ceará, foram priorizadas as obras de estradas de ferro e de

rodagem, que interligariam o interior aos centros de comércio, e, principalmente, a construção de açudes, que armazenariam água para os momentos de estiagem. No presente trabalho, nos concentramos no arquivo técnico da 2ª Diretoria Regional, localizado em Fortaleza, que possui uma série de documentos, tais como ofícios, telegramas, relatórios, fotos, balancetes, cartas, abaixo-assinados, escrituras, inquéritos, livros de ponto, cadernetas de campo e mapas. São fontes consideradas de caráter técnico por conter cálculos de barragens, quadros de cubação e outros muitos cálculos e relatos relacionados a engenharia civil, mas que, em uma leitura mais atenta, nos indicam um enorme campo de possibilidades, pois também abordam o cotidiano das obras, reivindicações, conflitos, negociações e contribuem para análise da história social da seca e do trabalho, assim como para uma perspectiva de história da ciência que era praticada por meio das obras públicas no interior do Ceará no início do século XX. Este trabalho surge também como alerta para a atual condição de acondicionamento e conservação desta documentação, que se encontra armazenada e sem organização em um galpão, pertencente ao DNOCS, na periferia de Fortaleza. Neste momento, gostaríamos de contribuir na divulgação deste amplo campo de fontes para pesquisa e discutir as melhores formas de preservá-lo e disponibilizá-lo para a pesquisa.

A CONSTRUÇÃO DAS PRÁTICAS SALESIANAS NA CONJUNTURA SOCIAL CEARENSE (1920-1940): A QUESTÃO DOS ARQUIVOS ECLESIAÍSTICOS

Janaina Muniz Cavalcanti

O presente trabalho tenta dialogar com a importância da pesquisa em acervos eclesiásticos, cujo quais se verificam como aparelho de acesso delicado. As fontes utilizadas compreendem o jornal O Nordeste, trabalhado como fonte devido a acessibilidade de alguns arquivos onde se encontrava, como no Setor Hemerográfico da Biblioteca Pública Menezes Pimentel. O jornal O Nordeste, criado em 1923 pela Arquidiocese da Igreja Católica do Ceará, tinha como objetivo divulgar e articular atividades e projetos políticos pensados pela Igreja junto a grupos sociais que também correspondiam às camadas mais engajadas na propagação de valores, o que reforça a idéia de construção de lugares sociais que aferiam o monopólio de um comportamento e saber legitimado por um poder instituído; Cartas Pastorais, que objetivavam lançar diretrizes e recomendações políticas, religiosas e sociais aos paroquianos da capital e interior e que, hoje estão em parte localizadas no Setor de História Eclesiástica do Seminário da Prainha (instituição religiosa criada em 1864, com a função de homogeneizar a formação do clero local através das diretivas providas de Roma); e, por ora o Compêndio de Civilidade para Famílias e Institutos Educacionais de aquisição particular. A diversidade dos aparelhos de pesquisa resulta também na pluralidade da tipologia de fontes encontradas, ocasionando a construção de um corpus documental rico em possibilidades de intercruzamentos. Seria através do mapeamento destas fontes, e locais de produção e arquivamento que poderemos documentar o campo de atuação espacial e social da Congregação no Estado do Ceará e, por conseguinte, problematizar de que maneira podemos pensá-la como elemento importante, através de suas práticas, de transformação/reprodução dos lugares sociais e de atuação política destes no período de 1920 a 1940. Ao dia 26 de abril de 1933, fundou-se o primeiro estabelecimento

educacional salesiano de Fortaleza: o Collégio Maria Auxiliadora. Tal cerimônia de inauguração além de contar com o financiador direto da iniciativa, o coronel Juvenal de Carvalho, e fez-se registrar, ás páginas do jornal O Nordeste, a acolhida do Arcebispo Dom Manuel, salientando ao papel da escola “não só satisfazer a inteligência, mas também ao coração”. Vale salientar que o Collégio Maria Auxiliadora não foi a primeira instituição salesiana a ser instalada no Ceará. No entanto, no presente, estudo pretende-a como ponto de partida para a construção de uma teia de vestígios que nos lance bases para a compreensão de um projeto, uma conjuntura e, talvez, reflexão acerca da próprio papel social do historiador-pesquisador.

**MEMÓRIA E DOCUMENTAÇÃO – DETALHES, PISTAS E INDÍCIOS DO
PROCESSO DE SECULARIZAÇÃO DOS CEMITÉRIOS DE CUIABÁ NOS
SÉC. XIX E XX.**

Maria Aparecida Borges de Barros Rocha (Doutoranda) – UFG

O texto tem por objetivo apresentar uma discussão sobre História e Memória e sobre o uso dos principais lugares de memória do Estado de Mato Grosso que tem sido utilizados em nossas pesquisas sobre transformações nas práticas de enterramentos e sobre a secularização dos cemitérios na cidade de Cuiabá nos séculos XIX e XX, principalmente o Arquivo Público de Mato Grosso e o Arquivo da Cúria Metropolitana da cidade de Cuiabá. Para pensar essas questões, assim como a secularização dos cemitérios públicos da cidade e o envolvimento das principais personagens mais relevantes nessa questão propomos também análise de uma imagem considerada relevante, assim como algumas considerações sobre as obras de A. Farge, C. Ginzburg, P. Ricouer e R. Samuel.

**I SEMINÁRIO NACIONAL FONTES
DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA:
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES
DE 01 A 04 DE DEZEMBRO DE 2009**

ISSN 2176-4514



**GT 07 - FONTES PARA A HISTÓRIA AMBIENTAL NO BRASIL
CONTEMPORÂNEO DEBATES TEÓRICOS, ENFOQUES CRIATIVOS E
TENDÊNCIAS ATUAIS**

Prof. Dr. José Otávio Aguiar - UFSC
Marcos Fábio Freire Montysuma - UFSC
Catarina de Oliveira Buriti (Mestranda) - UFSC

Estudiosos das relações entre história e Natureza, os historiadores, somos confrontados, com frequência, pela detecção de espaços nos quais as escolhas humanas se mantêm preservadas, não obstante as inegáveis influências do clima, da vegetação, do solo, dos microorganismos, e até das tendências genéticas, em suas variegadas manifestações genotípicas e fenotípicas. É certo que a natureza e os fatores sociais e históricos influenciam nossas escolhas até certo ponto, sem, entretanto, determiná-las em absoluto. Assim, neste simpósio temático, incluímos as apresentações de trabalhos que envolvem as relações entre Natureza e Cultura em variados e criativos enfoques, quais sejam: História ambiental, política ambiental e gestão ambiental; o papel do passado na construção do futuro; teoria e método da História Ambiental: enfoques interdisciplinares; Geografia histórica e história Geográfica; História dos ecossistemas marinhos, costeiros e de água doce; Ensino de História Ambiental e Educação Ambiental; Cidade e ambiente na História da América Latina; Ambientalismo e Pensamento Ambiental na América Latina; Câmbio climático global: causas e conseqüências na América Latina; História da Política Ambiental e da Gestão Ambiental; Riscos ambientais e desastres naturais; História Ambiental e Gênero; História Ambiental e Literatura; História Ambiental, Medicina e História da Saúde e da Doença; História Ambiental e Viagens Científicas; História Ambiental e Fontes Coloniais; História Ambiental, Alimentação, Agricultura e Comensalidade, dentre outras.

**A CONSTRUÇÃO DA BRASILIDADE ALIMENTAR NA VISÃO DE LUIS DA
CÂMARA CASCUDO E GILBERTO FREYRE**

Alberto Montenegro Lima (Graduando) - UFCG
Prof^ª. Dr^ª Juciene Ricarte Apolinário (Orientadora) - UFCG

Durante muito tempo a temática da alimentação no Brasil ficou às margens da história em nosso país. Porém, atualmente já existem estudos realizados sobre esse tema, no universo interdisciplinar das Ciências Humanas, que corroboram para a construção da brasilidade alimentar. Nesse contexto, pretende-se analisar, no artigo que se segue, como um dos maiores expoentes desta temática, Luis da Câmara Cascudo, ressalta o processo de hibridização alimentar na cultura brasileira, salientando aspectos sociológicos, culturais, biológicos, históricos e rituais em torno da alimentação de matrizes nativas, africanas e européias que corroboraram para a construção dos hábitos alimentares do nosso povo, dentro de um contexto histórico. Outro escritor, cujas obras são extremamente ricas, quanto à história da cozinha no Brasil, é Gilberto Freyre, sociólogo pernambucano, que nos mostra particularidades sobre a culinária brasileira, no tocante à miscigenação étnica e cultural, contribuindo para a formação dos nossos hábitos alimentares e a sociabilidade em torno destes, exprimindo uma identidade social e cultural brasileira. Nesse sentido, a questão da alimentação passa a ser abordada por muitos pesquisadores, na atualidade, partindo da premissa de que os nossos hábitos alimentares fazem parte da história e do patrimônio cultural imaterial e material do nosso país. Portanto, para além de uma simples temática, a História da Alimentação é algo que engloba uma série de problemáticas e de reflexões que são, antes de tudo, históricas, presentes em nosso cotidiano. Haja vista que nenhum alimento que compõem as nossas mesas é neutro, a historicidade da sensibilidade gastronômica explica e é explicada pelas manifestações culturais e sociais como sendo uma espécie de espelho de determinada época e que marcaram essa mesma época. Assim, se faz possível analisar a construção da brasilidade alimentar, partindo de uma hibridização dos alimentos que a compõe.

HISTÓRIA DA ALIMENTAÇÃO NA VISÃO DE LUIS DA CÂMARA CASCUDO E GILBERTO FREYRE

Rosilene Cassiano da Silva – UFCG
Prof^ª. Dr^ª Juciene Ricarte Apolinário (Orientadora) - UFCG

Pretende-se analisar, no artigo que se segue, como um dos maiores expoentes desta temática, Luis da Câmara Cascudo, ressalta o processo de hibridização alimentar na cultura brasileira, salientando aspectos sociológicos, culturais, biológicos, históricos e rituais em torno da alimentação de matrizes nativas, africanas e européias que corroboraram para a construção dos hábitos alimentares do nosso povo, dentro de um contexto histórico. Outro escritor, cujas obras são extremamente ricas, quanto à história da cozinha no Brasil, é Gilberto Freyre, sociólogo pernambucano, que nos mostra particularidades sobre a culinária brasileira, no tocante à miscigenação étnica e cultural, contribuindo para a formação dos nossos hábitos alimentares e a sociabilidade em torno destes, exprimindo uma identidade social e cultural brasileira. Nesse sentido, a questão da alimentação passa a ser abordada por muitos pesquisadores, na atualidade, partindo

da premissa de que os nossos hábitos alimentares fazem parte da história e do patrimônio cultural imaterial e material do nosso país. Portanto, para além de uma simples temática, a História da Alimentação é algo que engloba uma série de problemáticas e de reflexões que são, antes de tudo, históricas, presentes em nosso cotidiano. Haja vista que nenhum alimento que compõem as nossas mesas é neutro, a historicidade da sensibilidade gastronômica explica e é explicada pelas manifestações culturais e sociais como sendo uma espécie de espelho de determinada época e que marcaram essa mesma época. Assim, se faz possível analisar a construção da brasilidade alimentar, partindo de uma hibridização dos alimentos que a compõe.

INTERPRETAÇÃO DO PROCESSO SAÚDE-DOENÇA AO LONGO DOS PERÍODOS HISTÓRICOS

Ayla Cristina Nóbrega Barbosa

Ao longo dos períodos históricos a compreensão do processo saúde-doença por parte da sociedade foi modificada de modo relevante, sofrendo influências sociais, culturais e inclusive ambientais, até sedimentar-se nas teorias e conceitos da saúde atuais. O presente trabalho se propõe a fazer uma revisão bibliográfica de artigos que referenciam essa temática. Durante a antiguidade, as explicações, relacionadas ao aparecimento das doenças, transitavam em torno duas idéias centrais. A ocidental, resultante em parte das influências míticas, responsabilizava os elementos naturais e espirituais como os agentes causais das doenças, isentando o homem de qualquer participação; já a oriental, apoiada no pensamento médico hindu e chinês, acreditava ser o homem capaz de desempenhar algum papel no desenvolvimento das enfermidades. Todavia, o raciocínio filosófico associado ao empirismo trouxe à medicina ocidental um caráter mais inquisidor e lógico, menos místico. No medievo, a imponência da igreja católica resulta na supressão da prática clínica no campo da saúde, e as doenças passam a ser interpretadas como castigos divinos. As grandes epidemias que atemorizavam a Europa no fim da Idade Média eram convencionadas às bruxarias ou às impurezas do meio ambiente, provenientes de judeus e leprosos. A prática médica revigora-se no Renascimento, dando margem a execução de experimentos e observações anatômicas. Nesse momento histórico, surge a teoria miasmática, a qual considera o ar a causa das mazelas contagiosas. Embora esse não fosse o motivo real para a insurreição das moléstias, já havia a concepção de que as más condições sanitárias abrigavam um estado propício ao desenvolvimento de doenças infecciosas e surtos epidêmicos. Com o despontar da bacteriologia no século XIX, a percepção das formas de contágio e da evolução de algumas doenças ficou mais explícita, tornando-se a unicausalidade o conceito mais difundido para o esclarecimento das infecções. Contudo, os modelos mais modernos e aceitos na Idade Contemporânea acerca do processo saúde-doença foram consolidados no século XX e conservam na sua essência a noção de multicausalidade das doenças. O entendimento do processo saúde-doença, ao longo da história, nos mostra a evolução e o porquê das formas de tratamento e da atenção proferidos às doenças na contemporaneidade.

**PESQUISAS EM HISTÓRIA AMBIENTAL ATRAVÉS DE FONTES
LITERÁRIAS: ALGUMAS REFLEXÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS**

Catarina de Oliveira Buriti (Mestranda) - UFCG
Ival de Assis Cripa

O objetivo deste artigo consiste em problematizar os limites e as possibilidades de pesquisa em história ambiental tomando como base fontes literárias, mais precisamente, romances. O trabalho é resultado de algumas reflexões que surgiram ao longo do desenvolvimento de uma pesquisa para a escrita da dissertação de mestrado junto ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Campina Grande (PPGH-UFCG), ainda em andamento. Na ocasião, buscou-se escavar os meandros dos textos, conforme as sugestões de Carlo Ginzburg, propostas em *O fio e os rastros*, com vista não em transformar as obras literárias do passado em documentos históricos, mas em considerá-las “como textos entranhados de história”, utilizando-se dos rastros de verossimilhança deixados pelos escritores, mais ou menos involuntariamente. As fontes utilizadas para a realização desta pesquisa foram as obras *O Quinze*, de Rachel de Queiroz (1930) e *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos (1938), através das quais, procurou-se analisar o modo como os literatos vinculados ao chamado romance social de trinta significaram o ambiente Semiárido e a sociedade que se desenvolveu em interação com esse espaço natural, levando em conta que a literatura mantém uma significativa relação com o mundo social-histórico. Com base nessa experiência de pesquisa, propõe-se discutir as seguintes questões: Que contribuições a literatura pode oferecer para a pesquisa em história ambiental? É possível afirmar, sem exageros, que as obras ficcionais se constituem enquanto fontes privilegiadas para os estudos históricos que enfocam as temáticas relacionadas com a natureza? É necessário cotejar essas fontes com documentos históricos tradicionalmente utilizados pelo historiador? Quais as especificidades que a literatura, em especial, o romance, apresenta para o pesquisador de história? Que obras ou estilos podem ser utilizados para a pesquisa histórica relacionada com o meio ambiente? Essas são algumas das questões que serão lançadas para o debate e a reflexão ao lado dos pesquisadores das ciências sociais, humanas ou naturais que dialogam com esse domínio dos estudos históricos denominado de história ambiental.

**O GABINETE DE HISTORIA NATURAL: CIÊNCIA E NATUREZA NO
CEARÁ OITOCENTISTA**

Eduardo Henrique B. Vasconcelos

Seca, messianismo e cangaço. Em síntese, são estes os elementos apontados como definidores, ao longo dos séculos, do espaço denominado atualmente de Nordeste, segundo uma tradição historiográfica centrada na dimensão “das coisas como realmente aconteceram” o que excluiria qualquer possibilidade de pensar ciência como uma eventual chave explicativa da realidade dessa região. Desta forma, é possível questionar: historicamente, podemos pensar uma elaboração científica autônoma no Nordeste? As atuais pesquisas dos historiadores das ciências no Brasil, nas últimas

décadas, vêm ampliando consideravelmente a compreensão das relações entre o que, historicamente, consideravam-se centros “difusores de ciência” - principalmente a Europa - e as periferias receptoras de saberes e produtos científicos - situação histórica compartilhada pelos países da África, da Ásia e da América Latina, entre os quais se situa o Brasil. Apesar de existirem, ainda, trabalhos que reiteram a visão reducionista de “centro e periferia”, no que concerne à História das ciências, identifica-se uma gama de livros, teses e artigos acadêmicos que se esforçam para romper com essa visão “marxista-funcionalista”, trazendo, em contrapartida, para o cerne da questão, a criação científica em redes de pesquisa, marcada por trocas e intercâmbios realizados por diversos pesquisadores brasileiros e estrangeiros, no sentido de constituir um conhecimento mais elaborado acerca da natureza e da sociedade brasileiras. Por essa via, busca-se no presente trabalho, apresentar o Gabinete de História Natural, criado em 1859 na cidade de Fortaleza – CE, pelo médico cearense Alves Ribeiro, dialogando com a produção acadêmica realizada no país sobre a História das ciências, mais especificamente que aborde instituições museológicas do século XIX vistas como locus de elaboração e divulgação de saber científico. Instituído por uma iniciativa particular, o Gabinete de História Natural foi posteriormente absorvido como um dos equipamentos culturais da capital cearense que se “aformoseava” e que buscava no discurso científico o alicerce para o progresso e o desenvolvimento cidadão na segunda metade do século XIX. Para subsidiar o presente debate utilizam-se jornais de época, relatórios dos presidentes da província e outros documentos do Arquivo Público do Estado do Ceará, objetivando pensar a produção científica autônoma em uma área que, historicamente, não estava relacionada com um espaço científico autorizado.

DIREITO AMBIENTAL: EVOLUÇÃO DA CIDADANIA E A CONSECUÇÃO DA CIDADANIA AMBIENTAL

Erivaldo Moreira Barbosa

Sem embargo, pode-se considerar a cidadania uma importante matéria da história do direito que se tem em comento, em face da relevância e polêmica que o assunto envolve. Assim, o desenvolvimento deste trabalho direciona-se ao rebuscar histórico do conceito de cidadania, para erigir uma avaliação do estado de cidadania ambiental baseado nos princípios norteadores do direito ambiental e dos direitos fundamentais.

CIÊNCIA, NATUREZA E MODERNIDADE: REDES HETEROGÊNEAS PARA UMA NATAL SAUDÁVEL (EXPLORANDO FONTES ENTRE O SÉCULO XIX E O XX)

Gabriel Lopes Anaya
Helder Do Nascimento Viana (Orientador)

O projeto modernizador adotado no Brasil durante o século XIX, orientado para a construção de uma nação embasada nos ideais de progresso, ordem e ciência, se evidenciou através de planos de higienização urbana. Em tal abordagem dos espaços

urbanos encontra-se uma dualidade estabelecida pela constituição moderna entre natureza e sociedade. Os pressupostos modernos, definidores das ciências naturais enquanto expressão fiel dos fenômenos do mundo e das ciências sociais enquanto esclarecedoras da sociedade dos homens, presumem uma divisão rígida entre natureza e cultura. Ambos os pólos definidos não se misturam e são puros de contaminação recíproca, portanto isolados. Entende-se que essa divisão é historicamente construída e faz parte da constituição moderna que separa sociedade e natureza, como evidencia Bruno Latour (1994). Considera-se aqui, portanto, que as verdades científicas e seu processo de apropriação da natureza, não se encontram purificadas de elementos sócio-culturais. Pretende-se, nesse trabalho, fazer uma exploração inicial de algumas fontes que contêm discursos médicos e científicos relacionados ao higienismo, dirigidos a cidade de Natal no final do século XIX e início do século XX. Observando pressupostos teóricos englobados pela ANT, Actor-Network Theory (teoria ator-rede), pertencente ao campo dos STS Science and Technology Studies (estudos da ciência e tecnologia). Será observado nessa pequena exploração teórica, como as abordagens em prol salubridade identificadas no levantamento preliminar das fontes podem ser estudadas como resultante de uma rede heterogênea (LAW,1992). A discussão dos conceitos teóricos relacionados servirá como ponto de partida para exploração das fontes que incluem abordagens ligadas aos tópicos de salubridade pública e medicina, entre eles: relatórios dos presidentes da província do Rio Grande do Norte e Teses Médicas produzidas no Brasil do final do século XIX e início do século XX, bem como informações pertinentes contidas em jornais do período. Esse trabalho que explora uma orientação para a abordagem de fontes é resultado de algumas discussões levantadas no grupo de pesquisa Espaços na Modernidade do Departamento de História da UFRN.

GESTÃO DOS RECURSOS HÍDRICOS: EM BUSCA DO DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

Hugo Ayslan dos Santos Silva
Erivaldo Moreira Barbosa (orientador)

É intrínseco o crescimento da população ao uso da água que se coaduna ao grau de urbanização e aos usos múltiplos que afetam a quantidade e a qualidade. A história mostra o grau de complexidade do uso da água, onde se percebe sua grande importância para o desenvolvimento do homem. Os rios, fontes de água, também foram de real importância para o desenvolvimento das sociedades; como a sociedade egípcia, que se desenvolveu às margens do rio Nilo; os fenícios, onde a Fenícia era cortada por pequenos rios, que transbordavam na estação das chuvas e permaneciam semi-secos durante o verão; e os romanos que foram os primeiros que sentiram a necessidade de armazenar água. Assim, foram nas margens dos grandes rios que as civilizações se desenvolviam. Outrossim, para que as sociedades se desenvolvessem, fez-se necessário que houvesse um planejamento organizado da gestão dos recursos hídricos. Planejamento este que se utilizou das tecnologias limitadas em seu local e a sua época. Hodiernamente, para que as sociedades, e principalmente a sociedade globalizada se desenvolva sustentavelmente, se faz necessário adotar um modelo de planejamento estratégico com mecanismos jurídicos e de gestão que possibilitem um moderno

desenvolvimento e melhor utilização dos recursos hídricos. Os sistemas e modelos de gestão jurídico-hídricas existentes no mundo possuem várias raízes e vertentes oriundas das peculiaridades do país em que tem vigência. No Brasil adotou-se um modelo de gestão fundamentado na Lei 9.433/97 que assevera que antes de tudo a gestão dos recursos hídricos deve ser descentralizada e contar com a participação do Poder Público, dos usuários e das comunidades proporcionando um uso múltiplo das águas. A realidade paraibana não é diferente em termos de gestão de recursos hídricos, pois a lei 6308/96 tem como diretriz na sua Política Estadual de Recursos Hídricos assegurar o uso integrado e racional destes recursos, para a promoção do desenvolvimento e do bem estar da população do Estado da Paraíba. Com isso, pode se afirmar que é inexorável um planejamento estratégico, integrado e democrático de gestão dos recursos hídricos por parte do estado, da iniciativa privada e da população usuária desse serviço e um cumprimento efetivo das legislações para um melhor desenvolvimento da sociedade como um todo.

ASPECTOS HISTÓRICOS DO DIREITO AMBIENTAL: EVOLUÇÃO LEGAL BRASILEIRA

João Batista de Sousa Neto
Erivaldo Moreira Barbosa (Orientador)

Desde as sociedades primitivas que as ações predatórias dos homens se encontram presente no cenário pátrio, causando degradações ao ambiente. Estes tipos de atividades, evidentemente, produziram consequências na vida prática, conduzindo a conflitos de interesses até então inexistentes, acarretando a geração de novas relações jurídicas, as quais passaram a exigir uma regulamentação própria capaz de preservar o equilíbrio social abalado, gerado pela exploração das riquezas naturais. Assim, o trabalho se propõe a mostrar por meio de uma visão panorâmica, a evolução do processo de proteção ambiental no Brasil, desde a chegada dos portugueses até o momento constitucional de 1988, relevando as normas esparsas de competência federal que versam sobre a matéria ambiental.

UM ESTUDO SOBRE RESILIÊNCIA CULTURAL NO PONTAL DA BARRA EM MACEIÓ (AL)

Jorima Valoz Dos Santos
Adriana Capretz Borges da Silva Manhas (Orientadora)

O bairro Pontal da Barra constitui-se de um núcleo tradicional em Maceió (AL) com mais de dois séculos de existência que destaca-se por seus atributos naturais – o complexo lagunar Mundaú-Manguaba, o encontro de suas águas com o mar e o espetáculo do pôr-do-sol – mas também pela importância para patrimônio cultural alagoano, representado pelas atividades pesqueiras e de artesanato, visto sobretudo no filé, renda típica de Alagoas, exibido nas calçadas pelas rendeiras em suas casas com quintais banhados pelas águas da lagoa Mundaú. Na década de 1970, a Salgema

Indústrias Químicas, então maior produtora de cloro da América Latina, alcançou Maceió na busca pelo petróleo e, após encontrar minas do sal-gema, fixou-se no Pontal da Barra em 1976, beneficiando-se também da proximidade da área com o Porto de Jaraguá. A implantação da indústria representava para Alagoas um importante passo para a integração ao projeto de desenvolvimento nacional e a esperança da redenção econômica do Estado, principalmente pelo alto faturamento que crescia a cada ano após sua implantação. Mas a promessa de desenvolvimento e geração de empregos não se cumpriu e o que se viu, desde então, foi uma sucessão de impactos sociais, econômicos e ambientais, interferindo na vida de toda a comunidade do Pontal da Barra. Entendendo que o estudo de um lugar e suas transformações no tempo e no espaço é um importante subsídio para a compreensão das atitudes e valores atribuídos a ele, pretende-se, por meio de um enfoque multidisciplinar, apresentar as respostas que os moradores do Pontal da Barra vêm dando frente às transformações pelas quais a área passou em decorrência da implantação da indústria, a partir da noção de resiliência cultural: resistindo aos assoreamentos, abertura do Canal da Barra, à implantação da Salgema, a construção da ponte e do terminal para escoamento dos produtos, seguindo para o tombamento do bairro, que por outro lado, incentivou o turismo, os moradores ainda mantém a relação intensa e vital com as águas da lagoa Mundaú, responsável pelo sustento com a pesca, com o artesanato em rendas (proveniente do trabalho de tecer as redes) e com os passeios turísticos pelas ilhas, mas também pelo lazer dos pontalenses, a demarcação física do território e das moradias, cujos quintais misturam-se às suas águas.

**AMERICANIZAÇÕES DO ILUMINISMO HERBORIZADO: INVESTIGANDO
A INFLUÊNCIA DAS TAXONOMIAS DE LINEU E BUFON, NAS VERTENTES
BOTÂNICAS DA ILUSTRAÇÃO REFORMISTA ILUSTRADA LUSO-
BRASILEIRA**

Prof. Dr. José Otávio Aguiar - UFCG

Imersos nos domínios da história dos saberes científicos, interessa-nos, aos historiadores assim qualificados, o método, a taxonomia, a experimentação empírica praticada, seguidas de um *savoir fair*, de um *know how*, que, aliados aos padrões de eficiência e pragmatismo, ocuparam os imaginários dos homens ligados aos conhecimentos sobre as plantas, os animais, os minerais, a vida nos últimos decênios do século XVIII e nas primeiras décadas dos oitocentos. No século XVIII, diversificando-se da *Mathesis Universalis* cartesiana e seus padrões de universalidade abstrata, a Ciência Natural se alçava ao estatuto de saber qualificado, graças ao seu pseudo caráter de percepção direta e objetiva, mais particularmente em suas especulações botânicas, para as quais um olhar percuciente e desenhista se direcionava em caráter de quase exclusividade. Conforme observou Foucault, foi graças a esse seu ar de observação direta, de representação estruturada, de objetividade entre as palavras e as coisas que a botânica e seus saberes de representação ganhavam destaque. Havia ainda uma nascente medicina moderna, que subdiferenciava cirurgiões e fisistas, que procurava nos jardins botânicos suas maiores armas contra as tradicionais moléstias que, desde a antiguidade, povoavam os relatórios dos historiadores da natureza. Como neologismo, o termo

Biologia (bios + logo – estudo da vida) foi introduzido na linguagem científica somente no século XIX, por G. R. Trevianus, e divulgado por J. B. Lamarck. Neste ensaio, pretendemos abordar as subdiferenciações taxonômicas presentes nas teorias de Lineu e Bufon, na tentativa de delinear a forma como se deu suas recepção no ambiente reformista ilustrado luso-brasileiro.

**“VARÍOLA FICOU MORANDO NA CAPITAL”: REFLEXÕES SOBRE UMA
ENDEMIAS NOS SUBÚRBIOS DE FORTALEZA (1891-1901)**

Karla Torquato Dos Anjos

A presente comunicação propõe uma análise sobre a manifestação da varíola em Fortaleza, capital do Ceará, entre os anos de 1891 e 1901, período no qual essa doença passa a se manifestar de forma endêmica na cidade. Desde Hipócrates, o uso do termo “endemia” refere-se a uma “doença própria de um lugar e de seus habitantes”, ressaltando a impossibilidade de se dissociar um do outro. É interessante então pensarmos que Fortaleza é essa onde a varíola passa a habitar a partir de 1891? Que ligações pode haver entre a doença, o lugar e seus habitantes? Como essa relação se deu historicamente? Considerando que o estudo das endemias é também o estudo dos lugares em que ocorrem. Nesse sentido, investigar a presença da varíola em Fortaleza entre os anos de 1891 e 1901 significa estar atento às associações estabelecidas entre essa moléstia e certos grupos de pessoas, principalmente os pobres urbanos, bem como a determinados lugares da cidade, sobretudo os subúrbios. Procuramos então compreender que mudanças ocorreram na capital do Ceará que podem ter favorecido a “habitação” da doença na cidade a partir de 1891, quando começam a ser registradas nas fontes pesquisadas (Jornais, Ofícios, Relatórios e Mensagens de governo) as freqüentes aparições da varíola, analisando os lugares em que ela costumava se manifestar e os indivíduos mais atingidos por ela. Os registros de casos da doença entre os moradores de Fortaleza deixam de ser mencionados na documentação analisada (Ofícios, Obras de época, Relatórios e Mensagens de governo) a partir de 1901, período em que ocorre uma intensa campanha de vacinação domiciliária empreendida pelo farmacêutico Rodolfo Teófilo nos subúrbios de Fortaleza, e que por conta dos resultados obtidos com essa empreitada, ou seja, a extinção de casos de varíola nessas áreas marca então o fim da endemia da doença na cidade.

**A TERCEIRA MARGEM DO RIO JAGUARIBE: MEMÓRIA, NARRATIVA E
CULTURA**

Karuna Sindhu De Paula

O trabalho a ser apresentado tem como objeto de estudo memórias e narrativas sobre o rio Jaguaribe. Imagetivamente, o Jaguaribe se insere no universo do sertão semi-árido do Ceará como um dos maiores rios secos do mundo. Paradoxalmente, é evocado como a fonte propulsora da vida neste semi-árido carente de água. Com suas águas, o Rio perpassa por distintos ecossistemas, ligados entre si na composição do vale do

Jaguaribe. O Rio é intercalado por secas e enchentes; demarcado (e interrompido) por intervenções técnicas sobre o seu fluxo. Apresentar-se-ão aqui narrativas colhidas em forma de depoimentos de pessoas idosas que vivem nas cidades que margeiam o Rio, bem como relatórios de engenheiros, cordéis, códigos de postura, reportagens de jornais, contos e imagens que tratem da relação entre o excesso e a falta das águas, transpondo assim para o plano das múltiplas linguagens os paradoxos que compõem o Jaguaribe, um rio feito de água e de terra.

OLHARES SOBRE AS NASCENTES DO RIO SÃO FRANCISCO: RELATOS DE VIAGEM DO FRANCÊS SAINT-HILAIRE

Laís Medeiros Cavalcante - UFCG
Prof^a. Dr^a Juciene Ricarte Apolinário (Orientadora) - UFCG

O trabalho tem como objetivo estudar e analisar a ocupação das nascentes do rio São Francisco, em Minas Gerais, tendo como fonte de pesquisa os relatos de viagem do botânico francês Saint-Hilaire, relato minucioso do que encontra desde a paisagem ao cenário humano resultante dos encontros inter-étnicos naquela região. Toda essa análise será feita através de um ponto de vista governado pela História Ambiental, vertente nova dentro da historiografia quando comparada as demais, a fim de conhecer a relação dos habitantes com o rio que funcionou muitas vezes como porta de entrada para a colonização do sertão. É de extrema importância salientar a não intenção de produzir material difusor de um determinismo geográfico e sim o desejo de perceber a relação dos homens de tais localidades com o ambiente onde se encontram inseridos nas primeiras cinco décadas do século XVIII. Serão focadas localidades próximas a Serra da Canastra e o olhar do viajante a cerca dos indivíduos atuantes de tal cena, suas atividades econômicas – com o declínio da mineração no período de 1700 a 1800 a economia ficará focada na agricultura em alguns locais e principalmente de gado; é também importante a caça, sendo inclusive apontada como a causa da ausência de animais ali – assim como o cotidiano, simbolizado fortemente desde suas condições de moradia até mesmo uma avaliação de caráter, algumas vezes repleta de certo etnocentrismo. Utilizarei também a leitura da obra Capítulos de História Colonial, do cearense Capistrano de Abreu, onde se encontram diversos argumentos em relação à ocupação dos sertões ao longo do São Francisco.

AÇUDES URBANOS DA CIDADE DE CAMPINA GRANDE/PB HISTÓRICO AMBIENTAL POTENCIALIDADE E RESISTÊNCIA COMO FATOR DE DESENVOLVIMENTO SOCIAL E ECONÔMICO

Lucicláudio da Silva Barbosa
Prof. Dr. José Otávio Aguiar (Orientador) - UFCG

A evolução da cidade de Campina Grande como um pólo importante na área atual de desenvolvimento acontece em paralelo com a depreciação do legado dos açudes urbanos que se constituem como fonte de recursos e belezas paisagísticas naturais da cidade.

Hoje estes corpos aquáticos estão desaparecendo, mudando a estrutura geográfica do nosso município, e a crise de percepção real de sua importância é óbvia. Pode-se observar o elevado grau de urbanização de diversas cidades brasileiras, notadamente verificamos que surgem geralmente próximos de mananciais do qual retiram a sua sustentabilidade aquífera, e assim desenvolvem-se sem levar em preocupação com esse precioso recurso hídrico. Com o desenvolvimento e sem políticas públicas, as cidades exploram seus recursos naturais e os degradam de tal forma que os tornam inviáveis o seu consumo e a sua qualidade de recursos naturais. Da mesma forma os reservatórios enfrentam os mesmos problemas, talvez mais graves por que aportam além dos esgotos domésticos e industriais os resíduos tóxicos da agricultura, produtos esses que promovem um impacto bem mais forte de forma direta sobre a vida desse reservatório. A qualidade de vida das populações urbanas pressupõe condições mínimas de umidade relativa do ar, ventilação central e difusão do calor, que são necessidades para uma área urbana habitável, ademais, a identificação histórico-ambiental dos motivos pelos quais se tornaram bacias poluídas, e um problema regional de doenças e fatores de riscos sociais, tem fundamental importância para compreensão da atividade urbana. Onde verifica-se que questão dos recursos naturais renováveis corresponde ao principal anseio interdisciplinar, porém esta realidade contextualizada coloca em risco a questão da gestão representativa da gestão emergente das cidades que buscam a todo custo o seu pleno desenvolvimento urbanístico social e capital. Portanto construir um histórico ambiental dos açudes urbanos do município de Campina Grande/PB, diante da evolução da cidade, é um referencial para se observar a potencialidade e resistência, como fator de desenvolvimento social e econômico que represente a circunstancial necessidade de qualidade de vida de seus moradores. Pois as nossas atitudes não devem apenas replicar os valores, é preciso conhecê-los e deixar de ser pretensioso e simplista, onde devemos partir para o confronto de políticas públicas com humanidade, evitando assim o ceticismo e o pessimismo de que as coisas não têm mais jeito. As correntes dominantes têm milhões de tecnologias e questões práticas que podem ser relevantes para o meio ambiente.

SENHORES DA NATUREZA: O ESTUDO DO MUNDO NATURAL BRASILEIRO A PARTIR DAS REVISTAS DO IHGB

Luis Fernando Tosta Barbato

O presente trabalho tem como objetivo trabalhar o uso das Revistas do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) como fonte para estudos de temas relacionados à natureza no século XIX. Nesse trabalho, procuraremos abordar as características e especificidades da fonte, uma vez que esse grêmio carioca ficou conhecido por ser formado por intelectuais e políticos ligados à Casa de Bragança, inseridos em uma academia arranjada nos modelos ilustrados europeus, e defensores de um projeto de civilização branca e européia, além de, no momento de sua criação, estar engajado no projeto do Império Brasileiro de construir uma história e uma identidade nacional para o Brasil, em um período marcado por focos de separatismo (como as chamadas Rebeliões Regenciais e a Guerra da Cisplatina), o que evidenciava a fragilidade política do recém independente Brasil. Nesse sentido, procuraremos

entender como o IHGB utilizou dos diversos elementos do mundo natural brasileiros, a fim de atender aos interesses do Estado Imperial Brasileiro.

EIA/RIMA COMO FONTE PARA HISTÓRIA AMBIENTAL

Marcos Montysuma
Cezar Karpinski

Neste texto procuramos discutir como potencializar os documentos produzidos por ocasião da preparação da argumentação para elaborar intervenções no meio ambiente, lhes atribuindo um status de fontes para a história, como meio de elaborar análises históricas em consonância com os tempos atuais, visto tratar-se de meio singular para entender a intervenções praticadas nos espaços. Atualmente assistimos a uma profusão de edificações que necessitam da elaboração prévia do Estudo de Impacto Ambiental e Relatório de Impacto ambiental (EIA/RIMA), para que tenham seus projetos homologados nos âmbitos e instâncias pertinentes. A história ambiental, frente ao desafio que é atuar em seu campo, necessita recorrer a todo tipo de fonte peculiar para enfrentar os desafios presentes no ofício, logo utilizar o EIA/RIMA como instrumento analítico significa a percepção do inusitado, visando superar as adversidades para cumprir seu papel político.

GESTÃO HÍDRICA: UMA ANÁLISE JURÍDICO-HISTÓRICA

Nathalie da Nóbrega Medeiros;
Vitor Tenório Lima

Por meio da análise da história, a água, elemento natural, ambiental e fundamental para a existência de qualquer ser vivo, foco das grandes temáticas discutidas no cenário acadêmico e popular, mostra-se de maneira irrefutável como um recurso imprescindível, porém escasso no atual estágio de desenvolvimento da humanidade, fato derivado de uma exploração abundante e desregrada, refletindo em graves impactos ambientais. Esta é a razão pela qual é necessária sua preservação, e, para tanto, deve-se realizar uma breve introdução sobre o legado histórico da água mediante essa eminente problemática, Analisando a Tutela Hídrica sobre duas perspectivas: a primeira, versando sobre a ideologia popular quanto ao tratamento da água doce brasileira no caminhar da história e a segunda, em consonância com os novos mecanismos de sustentabilidade para a fixação de metas eficientes de ação na solução de tais entraves. Na presença dessa perspectiva, o presente trabalho tem por escopo focar a tutela jurídica do meio ambiente vislumbrando de uma maneira mais assídua a tutela hídrica no decorrer da história brasileira, demonstrando de forma clara e objetiva os avanços alcançados desde a época do Brasil Império, com decretos de cunho ambiental, passando pela década de 30, com o Código de Águas, bem com, observando a Lei Federal 6.938/81, que trata da Política Nacional do Meio Ambiente, e, por fim, estendendo-se até os dias atuais, onde a Constituição Federal de 1988 indica-nos uma concepção de desenvolvimento sustentável, que traz com sua promulgação a devida preocupação quanto às questões

ambientais, demonstrando uma real e alarmante necessidade do equilíbrio entre o desenvolvimento tecnológico, científico e econômico com a preservação ambiental, a qual ensejou à edição da Lei Federal 9.433/97, que institui a Política Nacional de Recursos Hídricos e cria o Sistema Nacional de Gerenciamento de Recursos Hídricos, denotando notoriamente os objetivos e instrumentos regulatórios e econômicos que norteiam a gestão hídrica brasileira, apresentando em seu ponto central o desenvolvimento sustentável dos recursos hídricos brasileiros.

**ENTRE O VERDE DA PAISAGEM: O CORDEL COMO FONTE HISTÓRICA
NOS ESTUDOS AMBIENTAIS UM OLHAR SOBRE O MEIO AMBIENTE
NORDESTINO**

Prof^ª. Dr^ª. Patrícia Cristina de Aragão Araújo
Ricardo de Aragão

Ao longo dos últimos séculos os desastres naturais ocorrido no Nordeste brasileiro, como secas prolongadas e enchentes devastadoras, têm sido largamente divulgados em vários meios de comunicação de massa, inclusive através dos cordéis, tão populares onde as camadas mais carentes da população desta e de outras regiões brasileiras circulam e sobrevivem. Secas, quando traduzida em escassez de recursos hídricos têm servido como ator principal ou pano de fundo para muitos cordelistas divulgarem a cultura nordestina. Os impactos ambientais causados pelo homem como os desmatamentos e morte dos rios são frequentemente divulgados nos cordéis. O meio ambiente nordestino, principalmente a caatinga, também tem sido falado em prosa e verso como uma forma de divulgar os problemas da região, prováveis soluções e também levar cultura de boa qualidade e de fácil entendimento e que atinja diversas camadas sociais. Assim, o cordel tem sido o livro de história e de geografia para aqueles que não tiveram muito acesso ao meio acadêmico, mas que através do cordel se atualizam e entende melhor os ecossistemas e os problemas que tanto lhes afetam. Hoje, o meio acadêmico também utiliza desta importante ferramenta para divulgar suas pesquisas. Neste sentido, o presente artigo aborda acerca do uso do cordel como fonte histórica na pesquisa sobre meio ambiente. Tem por finalidade discutir sobre as questões ambientais à luz dos textos poéticos, enfatizando como na literatura de cordel, construiu-se uma visão do meio ambiente nordestino, seu espaço físico e os recursos hídricos disponíveis. Trata-se de uma reflexão que associa o cordel e as pesquisas em torno dos recursos hídricos e ecossistema no Nordeste brasileiro.

**MEDICINA, NATURALISTAS E VIAGENS FILOSÓFICAS: ARTES DE
CURAR, TAXONOMIAS E HISTÓRIA NATURAL NO ARCABOUÇO
INTELLECTUAL DO REFORMISMO ILUSTRADO**

Raíssa Barbosa Da Costa (Graduanda) - UFCG
Prof. Dr. José Otávio Aguiar (Orientador) - UFCG

Entre meados do século XVIII e início do século XIX, um projeto de reforma estrutural movido por intelectuais-políticos como o Marquês de Pombal e Dom Rodrigo de Souza Coutinho, financiou diversas iniciativas de pesquisa botânica e zoológica na América Portuguesa. A maioria dessas iniciativas foi desenvolvida de forma fragmentária e sem continuidade, ao sabor da mudança das políticas ocasionais de fomento, caracterizadas no âmbito do misto de incentivo ao desenvolvimento técnico e combate às reformas políticas que configurou o que hoje chamamos de Reformismo Ilustrado. Neste ensaio, procuramos compreender a forma pela qual o conhecimento nativo que etnias indígenas guardavam como patrimônio foi apropriado por intelectuais itinerantes responsáveis pela descrição pragmática da Natureza na porção Norte (hoje Nordeste) da América Portuguesa. Mais particularmente, nos interessarão as modalidades de apropriação da taxonomia de Lineu para classificar a animais e plantas, bem como o registro das formas de utilização das espécies medicinais pelos índios. Estes elementos serão estudados na tentativa de apreender algo da maneira de incorporação dos saberes nativos pelos homens de ciência, que eram interessados na descoberta de plantas e animais passíveis de domesticação, bem como de espécies medicinais propícias à aclimação ou utilização como medicamento, num ambiente político no qual o jardim botânico funcionava como repositório de segredos estratégicos. Destarte nossas fontes de pesquisa serão os relatórios de viagens e pesquisas deixados pelos viajantes que estiveram no Brasil, no intervalo de tempo já mencionado, guiados pelas teorias científicas européias e das Academias Reais de Ciência, a exemplo dos naturalistas nascidos em solo brasileiro como José Mariano da Conceição Veloso, Manuel Arruda da Câmara e Alexandre Rodrigues Ferreira.

POR UMA HISTÓRIA AMBIENTAL URBANA

Yuri Simonini

Fruto de inúmeras discussões gestadas a partir das crises ambientais que estavam ocorrendo no mundo desde a década de 1970, a História Ambiental possibilitou um diálogo interdisciplinar visando compreender a ação e a influência humana na natureza, dentro de um processo de dialético, e numa perspectiva histórica. Em outras palavras, essa área de conhecimento estuda a interação entre a cultura humana e o meio natural em um dado recorte espaço-temporal, analisando a influência da natureza no processo histórico concomitante à ação do homem sobre esse meio, utilizando avanços tecnológicos. Três enfoques distintos podem ser apontados: 1) o entendimento da natureza propriamente dita e a sua configuração original antes da intervenção humana; 2) o domínio sócio-econômico do homem na medida em que este interage com o ambiente; e 3) a interação humana com a natureza a partir do viés da representação e da percepção. Entretanto, de modo geral, a História Ambiental discute tais ações e intervenções em áreas naturais distantes do meio urbano, por considerar que a cidade era fruto da engenhosidade humana e, logo, não haveria ali uma natureza per si para ser estudada. No entanto, seria ilógico tratar a intervenção do homem no meio natural somente por meio de processos agrícolas e excluindo a construção de aglomerados urbanos. Então questiona-se: como a História Ambiental pode ser utilizada para o estudo do papel e do lugar da natureza na história da vida urbana? Sendo assim, o

objetivo deste trabalho é discutir os pressupostos teórico-metodológicos que analisem o papel da natureza na forma de espaço natural dentro do meio citadino, contribuindo com a elaboração de uma possível História Ambiental Urbana. Para tanto, as fontes utilizadas serão, fundamentalmente, artigos europeus e norte-americanos que relacionam natureza e cidade na ótica da História Ambiental, enfatizando uma interferência dialética entre esses atores. A estrutura do trabalho divide-se em duas partes: uma exposição teórica sobre a História Ambiental e a sua adoção na constituição da História Ambiental Urbana.

O CONSUMO DE CARNE X CONSCIÊNCIA AMBIENTAL E ÉTICA À VIDA ANIMAL

Fabrizio André Lima Cavalcante – UFCG
Prof. Dr. José Otávio Aguiar - UFCG

O presente trabalho tem como objetivo refletir a relação entre o consumo da carne com a consciência ambiental e ética à vida animal. É preocupante, uma vez que na história do Brasil, desde a época da colonização, e em definitivo após os assentamentos e formação de vilas, dá-se uma evidente destruição da mata atlântica para a produção de pastagens, tomou-se proporções significativas e preocupantes a partir de meados do século XVIII, como aborda Warren Dean em sua obra “A ferro e fogo” (1996). Pois com um considerável crescente populacional migrando para o oeste do país, levam com si os animais domésticos, entre eles os animais de corte, com isso as paisagens começam a sofrer sérias modificações, uma vez que a pecuária, necessitando de extensa área para formação de pastos, sendo necessária a limpeza da vegetação associada a queimadas de coivaras, foi assim com a caatinga, o cerrado e mais recentemente com a amazônia. Em artigos recentes como “Vegetarianos do Brasil: consumo x produção de carne”, Ione Santos anuncia que de modo geral houve aumento ou inclusão de alimentos de origem animal no cardápio, em países como o Brasil, e que este fato também reflete a diminuição da pobreza extrema. Por outro lado, ela proclama que recentemente uma parcela da população que vem adotando posicionamentos diversos em detrimento do consumo deliberado das carnes, seja através de dietas com pouca ou nenhuma carne, seja por relacionar a produção e consumo desse alimento com a destruição de florestas e da camada de ozônio, ora seja, com a fome no mundo e com a concentração de renda, ou por quaisquer outras razões, de ordem religiosa, filosófica ou de saúde. A importância em divulgar e abraçar essa causa, segue a um propósito que vai além de movimentos sociais, pois tende a levar ao indivíduo instruções e elementos de apoio, que servem no embasamento e fortalecimento de ideais críticos, promovendo uma conscientização do problema gerado pelo consumo demasiado da carne, como também compromete o indivíduo em prover atitudes relevantes a um maior respeito às espécies animais buscando uma nova filosofia ética voltada àqueles animais.



GT 08 - FOTOGRAFIA E HISTÓRIA: CAMINHOS POSSÍVEIS

Prof. Dr. Severino Cabral Filho - UFPA

Rivaldo Amador de Sousa (Mestrando) - UFPA

Thaisy Lanny de Albuquerque (Mestranda) - UFPA

Este Grupo de Trabalho objetiva compartilhar as experiências de estudos e pesquisas acadêmicas que têm a fotografia como objeto de estudos e indícios do passado, isto é, se pautam nos usos possíveis da fotografia para a elaboração de uma escrita historiográfica. A fotografia, desde a sua invenção, instaurou, no âmbito tanto da arte como da ciência, uma crescente descoberta de novas possibilidades. Esse despertar instituiu a invenção de um novo olhar e com isso vem se constituindo, dentro da renovação historiográfica, como uma das fontes tão importantes para a escrita da história quanto o documento escrito que, por muito tempo, prevaleceu como único a que o historiador poderia recorrer para realizar as suas investigações. Como documento, ela nos permite pensar a história como uma imagem do passado, não apenas no que está presente, mas também no que se encontra, nela, ausente. Os elementos que a constitui apresentam-se como um complexo conjunto de fragmentos cristalizados e eternizados feitos por uma escolha do fotógrafo ou do fotografado. São, na verdade, imagens que revelam territórios que comportam em si outras temporalidades e espacialidades. Há nela uma fascinante riqueza técnica de guardar em si um conjunto de informações e as proteger contra o tempo tornando-se a representação de uma realidade. Tal poder técnico permitiu a constituição de uma cultura visual e promoveu o desenvolvimento de novos modos de olhar. Perceber os espaços, os elementos que o compõem e os movimentos de continuidades e descontinuidades a partir da leitura de uma arquitetura interior através da imagem é também tentar compreender como o lugar era percebido pelos atores que o habitavam na constituição de suas práticas culturais em determinado lugar e período histórico. A fotografia nos possibilita imaginar um passado que outros documentos não dão conta e com isso contribui de forma efetiva para a elaboração de uma história do possível.

**O REGISTRO FOTOGRÁFICO DE PRÁTICAS POPULARES E A
CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA SOCIAL NA CIDADE DE JUAZEIRO DA
BAHIA**

Aleida Oliveira de Carvalho (Graduando) - UNIVASF
Msc. Elson de Assis Rabelo (Orientador) - UNIVASF

O presente trabalho pretende apresentar os resultados parciais de uma pesquisa em andamento em torno do acervo fotográfico da Gerência de Cultura de Juazeiro-BA. Composto em sua maioria por fotografias digitalizadas de distintos momentos históricos, o acervo possibilita investigar a construção da memória social referente às práticas culturais dessa região a partir dos artefatos visuais e dos regimes de visualidades neles implícitos. Como foco de destaque, a pesquisa tem discutido sobre práticas e figuras populares registradas nos artefatos visuais, como o universo do trabalho – representado pela pesca e pela navegação no rio São Francisco, pelos trabalhos da construção civil nas praças e ruas da cidade –, além do campo de atividades como os festejos carnavalescos e os cortejos religiosos. A pesquisa possui como metodologia uma etapa bibliográfica, com o intuito de ter como referência uma abordagem interdisciplinar da fotografia, concebendo-a como produto cultural e fonte histórica. Após essa etapa, há a catalogação e classificação de cada imagem por período, tema, origem e contexto social, para, em seguida, realizar sua análise técnica e estética, considerando os elementos visuais que fazem parte das fotografias e como essas práticas populares são representadas visualmente, terminando por entrar na construção da memória social dessa Região. O corpus de imagens trabalhado pela pesquisa mostra que através dos registros fotográficos é possível discutir o papel da fotografia como prática cultural mediadora, que codifica as formas e matérias de expressão populares de Juazeiro nas imagens, as quais depois circularão e serão recebidas em meio a diferentes contextos sociais.

**CENTELHAS DO ACASO NAS NARRATIVAS VISUAIS: EM TORNO DO
TRABALHO COM SÉRIES FOTOGRÁFICAS**

Msc. Elson de Assis Rabelo - UNIVASF

O presente trabalho pretende trazer à discussão alguns aspectos metodológicos de uma pesquisa em andamento com o acervo fotográfico de instituições culturais do Vale do São Francisco, como a Gerência de Cultura do Município de Juazeiro, na Bahia. Composto por fotografias originais e digitalizadas de distintos períodos históricos, sem organização temporal ou temática, o acervo se apresenta como pretexto para investigar a construção da memória social da região por meio da visualidade. Quando se propõe o trabalho com séries fotográficas, ao invés da imagem individualizada, alguns desafios se impõem, como a necessidade de situar, nos limites do possível, elementos como período e autoria das fotografias, sem contar o próprio estatuto cognitivo da imagem digitalizada e suas peculiaridades ante os originais materiais em estado precário ou por vezes já desaparecidos. A perspectiva da constituição de séries homogêneas, por outro lado, tem o objetivo de abordar a dimensão diegética das fotografias, isto é, o transcorrer da

temporalidade e de suas inscrições nas narrativas visuais – incluindo, por exemplo, as transformações espaciais, notadamente do meio urbano –, bem como as recorrências temáticas entre as imagens, passando daí às condições de possibilidade, de seleção e de exclusão dessas recorrências. Só, então, será possível contornar, com o auxílio de outras fontes, como jornais ilustrados locais dos anos 1960 e 1970, o circuito social de produção, circulação e consumo das fotografias e decompô-las, na interpretação, em unidades culturais como espaços, objetos, pessoas, temas, por cuja análise se tentará construir significados em separado e no conjunto da encenação visual proposta, procurando remeter à sociedade e a seus diferentes regimes de visualidade.

MEMÓRIA E FOTOGRAFIA: UMA LEITURA DA INFÂNCIA NO SERTÃO POTIGUAR

Evaneide Maria De Melo (Doutouranda) - UFRN

Ana Laudelina Gomes (Orientadora) - UFRN

A Modernidade a partir das diversas formas de disciplinamento termina por criar um espaço outro para “figuras clássicas como – a mulher, o louco e a criança – porque esses agiam fora do domínio da razão. Bichos irracionais que se movem pela intuição, sensibilidade [...] e lágrima: o índice úmido da humanidade que escorre sobre o sulco da face” (FERREIRA SANTOS, 2005, p.75). De modo que, uma resistência epistemológica se cria em torno desses sujeitos que se revelam como temáticas marginais, aquilo que está na borda, um obstáculo; mote menor de estudo se comparado a temas outros como (Estado, sistema político, conflitos étnicos, classes sociais, etc.) não só nas Ciências Sociais, mas também na História, na Literatura, na Antropologia, dentre outros domínios de saber/poder. Mesmo assim, é preciso destacar de antemão o apressado e semovência que me liga aos temas apontados acima, sobretudo, a infância. Infância que desponta como possibilidade de leitura da vida social, um sistema que se produz na/pela cultura em suas múltiplas práticas e instantes. Desse modo, o estudo que propomos se inscreve no domínio da leitura da infância a partir do levantamento e estudo das imagens fotográficas de um fotógrafo, do sertão, do Rio Grande do Norte, Enoque Neves (1918 – 2002; Ipueira/RN). Ao longo desse percurso, verificou-se algumas pistas que têm permitido acessar uma cartografia sociocultural da infância em território evocativo da memória social na interface artístico, lingüístico, poético e imaginária. Assim, dada a ressurgência, a significação e/ou recorrência dessa temática ao longo da produção do fotógrafo, ora sendo uma característica particular, ora a trama imagética se revela como imagem que aglutina o par bachelardiano repercussão/ressonância, pois a imagem da infância se insere como uma experiência que retroalimenta dois universos: o espaço onírico e o espaço da produção de senti dos pela linguagem. De forma que, as fotografias da infância! a operam como dispositivos poéticos na unidade do ser maravilhado e no aprofundamento de uma experiência estética, simbólica e criativa na experimentação do mundo no fazer histórico.

Fabiana de Fátima Bruce da Silva (Doutorado) – UFRPE

O uso de imagens no campo de estudos da História, à luz da Nova História Cultural, ancora-se na idéia de que o domínio do historiador não consiste mais em buscar a reprodução do passado, mas em considerá-lo no seu potencial de problematização, na sua construção e relação com cada presente. Neste sentido, fazendo uma seleção de imagens, procuramos dialogar com uma determinada produção visual no e do Recife, Pernambuco, procurando entendê-las em seus contextos e reinventá-las.

**A CIDADE A PARTIR DE FOTOGRAFIAS: HIGIENIZAÇÃO E
SANEAMENTO EM CAMPINA GRANDE – PB (1957-1970)**

Fabiano Badú de Souza (Graduando) - UFCG
Prof. Dr. Severino Cabral Filho - UFCG

Campina Grande, que é atualmente a segunda metrópole do estado da Paraíba, localizada a 120 quilômetros da capital, João Pessoa, tendo sido fundada entre os anos de 1790, figurando como um entreposto comercial para mercadores e tropeiros, e expandida por volta de 1864, transformou-se rapidamente num grande empório algodoeiro mundial, ocupando lugar de destaque na economia global desse gênero. A cidade experimentou um rápido desenvolvimento que foi acompanhando a emergência do forte avanço de modernização, assim como ocorreu nas grandes cidades brasileiras (guardando as devidas proporções) por volta da segunda metade do século XX. Na senda de modernização, a cidade acabou por acompanhar algumas das diversas mudanças da natureza de povoamento, infra-estrutura e comportamento, herdando também inúmeros problemas de ordem conjuntural, a exemplo da questão das águas. Em meio a uma atmosfera de temor e insegurança em relação ao fantasma da sede e as epidemias, os administradores campinenses, durante o governo JK, realizaram um projeto extremamente ambicioso: a construção do “Açude de Boqueirão”. Visando atender a insuficiência do abastecimento de “Vaca Brava”, o projeto foi novamente personificado através das mãos de Saturnino de Brito Filho. Este trabalho, busca apresentar as primeiras reflexões acerca das pesquisas realizadas no projeto intitulado: Modos de ver a cidade: Higienização e saneamento em Campina Grande – PB (1957-1970), agenciado pelo PIBIC/ UFCG/ CNPq. Desta forma, considerando a construção do açude de “Boqueirão” como a aquisição de uma conquista material que personificaria a presença dos símbolos modernos de valor universal no espaço, em relação ao problema crônico do abastecimento de água da cidade de Campina Grande, buscaremos perceber quais as representações construídas acerca de tal evento, utilizando, como indícios na pesquisa historiográfica, imagens fotográficas que representam a criação de tal obra da engenharia sanitária.

**ACERVO FOTOGRÁFICO DO JORNAL A UNIÃO UM RESGATE DA
MEMÓRIA E HISTÓRIA DA PARAÍBA**

Josivaldo Soares Ferreira (Graduando) - UEPB

Msc. Maria José Cordeiro de Lima – UEPB

A documentação escrita sempre foi uma fonte de reconstrução do passado, em detrimento de outras fontes documentais. A multiplicação de documentos audiovisuais, especialmente a fotografia vem legitimar a necessidade de se estudar os seus significados e o seu conteúdo cultural. O objetivo deste trabalho é mostrar a importância da preservação do acervo fotográfico do Jornal A UNIÃO como forma de resgatar a memória e a história da sociedade paraibana. Pois, a fotográfica é enriquecedora como fonte documental e de grande relevância para a memória e a cultura regional entre outros aspectos. Assim, deve ser preservada com a finalidade de manter um registro dos aspectos inerentes a momentos históricos da sociedade. Sendo assim, entende-se que contribuir para o resgate da memória e história é contribuir para a construção da identidade individual e coletiva. O acervo fotográfico é uma fonte de pesquisa, que propicia ao pesquisador acrescentar novas interpretações da história social, política, cultural e econômica da sociedade. As imagens fotográficas possibilitam ampliar a visão dos pesquisadores, e colocam em cena atores sociais anônimos para a maioria da população que permitem a visibilidade de cenários em que as atividades cotidianas desenvolvem-se, como também, a diversidade das articulações e das vivências dos atores sociais que, geralmente, atuaram em um determinado contexto sócio cultural. Um estudo reflexivo sobre as fotografias deve se preocupar em situar os interesses destas imagens, desvendando o significado que emerge da história visual. No que se refere ao material fotográfico, é importante salientar que sua disponibilização ao público, assegura a memória e a história da população, pois a memória é um fator determinante para a o surgimento e manutenção da identidade de um grupo, bem como do indivíduo. Sendo assim como são muitos os julgamentos atribuídos às imagens fotográficas bem como a forma de interpretação das imagens por diversos usuários; temos consciência da necessidade de políticas públicas de preservação das imagens fotográficas do acervo do jornal A UNIÃO. Justifica-se tais ações, por o Jornal A União ser, em circulação, um dos jornais mais antigos do Brasil e da América Latina. São mais de cem anos registrando, pelas lentes fotográficas, imagens do cotidiano do nosso Estado. Desta maneira, se faz mister resgatar essas memórias seja em um contexto coletivo ou individual.

REPRESENTAÇÕES DO COTIDIANO: OS ÁLBUNS DE FAMÍLIA NO SÉCULO XIX E OS SEUS SIGNIFICADOS. (Pôster)

Leonardo Matos Feitoza (Graduando) - UNIT
Profª. M.sc Sheyla Farias - UNIT

O presente trabalho visa destacar a importância dos álbuns de família como conteúdo possível de ser analisadas sobre o viés da história, fornecendo-nos padrões de beleza, tendências econômicas, evidências políticas e quadros mentais de uma dada época. Neste sentido a fotografia foi uma das principais inovações tecnológicas surgida no século XIX, dando a humanidade à possibilidade de auto-representação de sua imagem, que com a sua popularidade tornou-se expressão cultural com a acessibilidade do homem a informação que até então eram transmitidas pela tradição verbal e pictórica.

Como destaca o próprio Le Goff, A fotografia [...] revoluciona a memória: multiplica-a e democratiza-a, dá-lhe uma precisão e uma verdade visuais nunca antes atingidas, permitindo assim guardar a memória do tempo e da evolução cronológica. Desde o século XIX, os álbuns de família passaram a ter um grau elevado de representatividade daquilo que era e continua sendo uma marca indelével da família brasileira, ou seja, o sentimento de pertencimento ao dado agrupamento de pessoas que se identificam pelos laços de parentesco e também afetividade, independentemente de sua classe social, é claro que a única coisa que diferenciava era a auto-imagem que buscava passar, visto que uma família abastada era dona de sua imagem e a fotografia representava o que elas queriam, ao contrário de uma família humilde, predominando a visão do fotógrafo. A importância atribuída à fotografia como fonte de restauração e memória familiar, é perceptível ao comprovarmos a essência do seu valor no alcance deste meio, como memórias material de fatos passados que repercutem na construção duma bagagem cultural extremamente significativa. Condiçãoada como testemunho visual, sua magnitude histórica funde na perpetuação dum momento vivido, na imagem (fenômeno estático) o ato torna-se irreversível, sendo detentor da memória social, instigando diversas interpretações, pondo em foco sua função de transmissora de valores, costumes, cultura, identidade e identidade momentânea, em história viva.

A FOTOGRAFIA COMO DOCUMENTO DA HISTÓRIA DAS CIDADES

Maria Helena de Andrade Azevedo (Mestranda) - UFPB

Oficialmente apresentada ao mundo na Academia de Ciências na França em 1839, a fotografia foi se tornando um recurso usado para registrar as transformações trazidas pelo processo de modernização ao cenário das cidades: ruas, praças, edifícios, construção de estradas de ferro, tudo era motivo para atrair o olhar dos fotógrafos pioneiros que capturavam cenas do cotidiano urbano. A partir de 1851, a Commission des Monuments Historiques, órgão responsável pelo patrimônio histórico francês, contratou fotógrafos com a finalidade de documentar fotograficamente os seus edifícios mais representativos. Preocupada em obter um maior número de informações a respeito das obras históricas, a Comissão determinava aos fotógrafos o que deveria constar nas fotos – imagens frontais, ausência de elementos modernos, perspectivas que favorecessem a estética ou escolha de pontos de vista que trouxessem menor distorção. Era a fotografia atuado como registro da cidade. No entanto, com base no antigo paradigma de que só se passou a ter história a partir do aparecimento da escrita, foi estabelecida toda uma tradição de se pesquisar a partir de documentos escritos. Assim, as imagens foram por muitos anos relegadas à condição de ilustração. A partir de 1929, os historiadores Marc Bloch e Lucien Fèbvre redirecionaram os estudos de reconhecimento e uso de documentos históricos, aos quais foram incluídos, entre outros, o relato oral, documentos cartoriais, diários íntimos, filmes, desenhos, discos, pintura e fotografia. Dessa forma, o conceito de documento histórico se ampliou e a fotografia passou, então, a ser oficialmente reconhecida pelo valor documental. Em decorrência das transformações físicas pelas quais passaram muitas cidades a partir do séculoXX, a necessidade de se construir a história do lugar e de se desenvolver estudos morfológicos retrospectivos pode encontrar um embasamento de amplo conteúdo a ser explorado em

fotografias antigas de paisagens urbanas históricas. O artigo aqui apresentado procura compreender o percurso de como a fotografia, de invento tecnológico, passou a documento, abordando também as relações de proximidade da imagem fotográfica com a paisagem urbana e com a história das cidades. Para esse propósito, foi necessário entender a ampliação do conceito de documento desenvolvida pelo Movimento dos Annales até chegar, hoje, ao entendimento de que o documento se torna um monumento ao participar da construção da historiografia como propõe o historiador Jacques Le Goff.

**PERCEBER A CIDADE, INVENTAR O PASSADO: ENTRE RASTROS E
SINAIS DO MODERNO NO OESTE PARAIBANO**

Rivaldo Amador de Sousa (Mestrando) - UFCG
Prof. Dr. Severino Cabral Filho - UFCG

Entre o final do século XIX e início do século XX algumas cidades brasileiras passaram por um processo de reurbanização de seu espaço físico como reabertura de avenidas e instalações de equipamentos de conforto e comodidade trazendo consigo ares de modernidade influenciados pelas cidades europeias, ensaístas do moderno no mundo. No interior as pequenas sofreram influências diretas que acabaram por definir novos modos de ser e estar no mundo. Este trabalho pretende discutir, tendo basicamente a fotografia como sinais desse passado no Oeste paraibano, como o transporte ferroviário e a iluminação pública, considerados signos do moderno por excelência, adentraram ali e foram percebidas pelos seus contemporâneos na alteração e transformação desses espaços urbanos. Pensamos que, possivelmente, tais signos do moderno provocaram novas sensibilidades e promoveram a invenção de um novo cotidiano passando, então, a redefinir valores, constituindo-se em novos saberes e fazeres na medida em que os sujeitos tornaram-se sensíveis a tal modernidade.

**IMAGENS DE MISÉRIA EM MEIO À OPULÊNCIA: CAMPINA GRANDE,
ANOS 1940.**

Prof. Dr. Severino Cabral Filho - UFCG

A presente comunicação visa discutir um aspecto importante da experiência urbana em Campina Grande no decorrer dos anos 1940. Trata-se da presença de mendigos nas áreas centrais da cidade exatamente num momento em que os letrados campinenses festejavam o que consideravam desenvolvimento econômico e modernização da “Rainha da Borborema”. Por meio de um fragmento fotográfico referenciando a mendicância, procuro questionar o ideário criado em torno da idéia de progresso, o ponto de vista dessa elite sobre os pobres e o não-trabalho e o lugar desses numa cidade em grande parte dominada pelas benesses e promessas da cultura algodoeira.

**CULTURA ESCOLAR E REPRESENTAÇÕES DO COTIDIANO: A ESCOLA
ESTADUAL DA PRATA A PARTIR DE FOTOGRAFIAS**

Thaisy Lanny de Albuquerque (Mestranda) - UFCG
Prof. Dr. Severino Cabral Filho (Orientador) - UFCG

Este trabalho é parte de uma pesquisa de mestrado em andamento, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em História da UFCG, e tem como base a utilização de fotografias como indícios na pesquisa historiográfica, na realização de uma leitura sobre a Escola Estadual Dr. Elpídio de Almeida, mais conhecida como Estadual da Prata, localizada na cidade de Campina Grande/ PB. Refletir sobre esta problemática nos remete ao advento dos Annales, no início do século XX, em que a noção de documento sofreu uma vertiginosa ampliação, sendo considerados os mais variados vestígios da cultura humana na pesquisa historiográfica, entre eles a Fotografia que, enquanto indício do passado, pode ser percebida como um texto, que não é neutro, mas que traz em seu cerne a concepção de documento-monumento, produzida a partir de intencionalidades próprias e de subjetividades que também são passíveis de análise. A Escola Estadual Dr. Elpídio de Almeida foi a primeira instituição educacional de ensino secundário e público, localizada no interior da Paraíba. Esta escola foi inaugurada em 1953, pelo Governador José Américo e, desde então, houve uma ruptura nas maneiras de se conceber a cidade de Campina Grande, uma vez que a presença de uma escola pública de ensino secundário aparece como um elemento reforçador da cidade enquanto “progressista”, “moderna”, capaz de gerir as necessidades de seu povo. Além disso, a concepção de ensino secundário sofre paulatinamente um deslocamento, no que concerne ao sistema educacional campinense, por promover o acesso das camadas populares a este modelo de ensino e, assim, a escola deixa de representar uma aquisição das elites políticas e econômicas, para estar disseminada por todas as camadas sociais. Com base nos diálogos teóricos fornecidos por Certeau e Chartier, para compreendermos as noções de cotidiano, representação, apropriação e práticas culturais, e pautados nos referenciais de Barthes, Sontag, Burke e Moreira Leite para refletirmos sobre as imagens fotográficas na pesquisa histórica, buscaremos refletir sobre elementos da cultura escolar do Estadual da Prata, a partir de imagens fotográficas.



**GT 09 - FONTES E METODOLOGIA PARA A PESQUISA E O ENSINO EM
METODOLOGIA E FONTES PARA O ESTUDO DA HISTÓRIA DA
ESCRavidÃO NA PARAÍBA OITOCENTISTA**

Prof. Dr. Luciano Mendonça de Lima – UFPA
Wlisses Estrela de Albuquerque Abreu - UFPA
Amanda Peixoto Carvalho - UFPA

Um dos fatores que contribuíram para o retardamento relativo dos estudos sobre a escravidão no Brasil diz respeito à suposta escassez de fontes. Na raiz desta questão estaria a ordem dada pelo ministro e político Rui Barbosa no início da República para incinerar os “papéis da escravidão”, com o duplo objetivo de apagar uma “nodoa” da nossa história e, de quebra, evitar qualquer tentativa de pedido de indenização pecuniária por parte dos ex-senhores de escravos. A explosão de pesquisas e reflexões sobre o tema, vindas à tona especialmente a partir dos anos 1980, vieram colocar por terra tal tese. No caso da Paraíba, além desse princípio mais geral, um fator a mais veio reforçar essa mitologia. Trata-se da acusação feita por alguns historiadores locais de que seria impossível escrever essa história em função da ação dos populares envolvidos com o movimento do Quebra-Quilos (1874), isso porque no contexto maior da revolta teriam incendiado diversas séries de documentos históricos. O objetivo desta comunicação é, demonstrada a fragilidade teórica e ideológica de tais explicações, mapear a documentação de natureza judiciária e apontar as possibilidades de pesquisas em torno da escravidão e da experiência negra na Paraíba oitocentista, tendo como referencial as lições de método da história social.

**FONTES PARA A HISTÓRIA DA ESCRavidÃO E DA EXPERIÊNCIA
NEGRA NA PARAÍBA OITOCENTISTA**

Prof. Dr. Luciano Mendonça de Lima - UFPA

Um dos fatores que contribuíram para o retardamento relativo dos estudos sobre a escravidão no Brasil diz respeito à suposta escassez de fontes. Na raiz desta questão estaria a ordem dada pelo ministro e político Rui Barbosa no início da República para incinerar os “papéis da escravidão”, com o duplo objetivo de apagar uma “nodoa” da nossa história e, de quebra, evitar qualquer tentativa de pedido de indenização pecuniária por parte dos ex-senhores de escravos. A explosão de pesquisas e reflexões sobre o tema, vindas à tona especialmente a partir dos anos 1980, vieram colocar por terra tal tese. No caso da Paraíba, além desse princípio mais geral, um fator a mais veio reforçar essa mitologia. Trata-se da acusação feita por alguns historiadores locais de que seria impossível escrever essa história em função da ação dos populares envolvidos com o movimento do Quebra-Quilos (1874), isso porque no contexto maior da revolta teriam incendiado diversas séries de documentos históricos. O objetivo desta comunicação é, demonstrada a fragilidade teórica e ideológica de tais explicações, mapear a documentação de natureza judiciária e apontar as possibilidades de pesquisas em torno da escravidão e da experiência negra na Paraíba oitocentista, tendo como referencial as lições de método da história social.

A INFLUÊNCIA DO NEGRO NA JUREMA CAMPINENSE: O CASO MALUNGUINHO

Amanda Peixoto de Carvalho (Mestranda) - UFCG
Prof. Dr. Luciano Mendonça de Lima – UFCG

A presente comunicação visa discutir a presença marcante da Memória cultural e histórica do povo negro nos terreiros de jurema cruzada com umbanda em Campina Grande. Embora, muitos estudos salientem a origem indígena nos rituais de jurema, destacamos a história do negro e propomos outras possibilidades, além do uso de fontes tradicionais, para estudar o processo de transmissão do conhecimento histórico, a exemplo dos pontos da jurema que rememoram sobre Malunguinho, “rei das matas” do quilombo de Catucá. Desse modo, procura-se estabelecer um diálogo com a História social thompsoniana em que problematiza sobre a difícil conceituação do termo cultura que, muitas vezes, nos é apresentado como inovações de uma unidade e sem evidenciar as contradições sociais e culturais e as oposições internas dentro do conjunto, como também os conceitos de experiência e resistência que identificam determinados grupos sociais. A oralitura também deve ser revista pelos historiadores, porque muitos estudiosos desconhecem esse campo de estudo, contudo é profundamente enriquecedor conhecer e utilizar sua metodologia como meio de trazer à tona memórias coletivas e sociais, que primeiro ocorre por meio da linguagem, gestos, representações simbólicas, inscrito na grafia do corpo em movimento e na vocalidade. Além de se utilizar da proposta sociológica de Halbwachs para se pensar a memória coletiva nos atuais terreiros referidos campinenses. Nesse sentido, utilizamos para nosso estudo fontes bibliográficas, a transcrição de alguns cânticos ou pontos da jurema e a observação dos rituais (danças, objetos, instrumentos, pontos, etc.) que podem ser utilizados como fontes riquíssimas para o conhecimento histórico e carregam memórias através dos relatos orais (os cânticos) e não o escrito. Relatamos por fim, um pouco da história do quilombo Malunguinho rememorados nos terreiros.

**NO SERTÃO DA PARAHYBA DO SÉCULO XIX: ESCRAVIDÃO,
RESISTÊNCIA E CONVIVÊNCIA (1850-1888)**

Wlisses Estrela de Albuquerque Abreu (Mestrando) - UFCG
Prof^a. Dr^a. Juciene Ricarte Apolinário - UFCG

As novas perspectivas impulsionadas pela História Social permitiram a historiografia da escravidão uma abertura para inúmeras abordagens, e nesse sentido, novos espaços passaram a ser analisados, como regiões não exportadoras, voltadas ao mercado interno. As fazendas localizadas em regiões interioranas do Brasil se constituem em espaços que possibilitam a análise das ações escravas. Estes lugares de cativeiro em sua grande maioria estão no ocultamento e o silêncio em torno deles precisa ser quebrado. O alto sertão paraibano configura-se como um desses lugares. Nosso foco de estudo no interior desta espacialidade incide sobre a resistência escrava num momento em que a instituição escravista entrava em pleno declínio. Através da análise das fontes, nossa intenção é explicitar as múltiplas formas de resistência escrava mediante a utilização de táticas planejadas no interior do sistema para se impor, se favorecer. Estas fontes possibilitam uma re colocação dos escravos na dinâmica da historicidade, os quais passam a serem analisados a partir de seus nomes e de suas trajetórias de vida. O cotidiano do escravo passa a ser visto como meio de compreensão do passado, mesmo que essa visão se dê a partir de depoimentos, falas e escritas dos “outros”, como no caso de processos ou inquéritos. A partir dessa premissa, buscamos analisar o universo e o cotidiano desses sujeitos “comuns”, “ordinários”, esforçando-se em perceber como o cativo reelaborava sua vivência em meio ao trabalho compulsório.

**FONTES PARA PENSAR A ESCRAVIDÃO NO SERTÃO DA ZONA NORTE
CEARENSE**

Prof. Ms. Raimundo Nonato Rodrigues de Souza - UVA

A história da escravidão indígena e negra, e de seus descendentes na região, outrora conhecida como ribeira do Acaraú, ainda está para ser escrita. Nesse sentido, o olhar que proponho sobre esse segmento social, em particular, escravos negros, tomando como fontes básicas os inventários post-mortem, os dados copilados por Luciara Frota, no Estudo do Remanejamento da Pecuária na Zona Norte do Ceará, e a documentação referente à Irmandade do Rosário dos Pretinhos, busca perceber os espaços de sociabilidade e solidariedade construídos pelos “homens de cor” nos espaços dessa região.

**O NEGRO SEM TERRA E A TERRA DOS NEGROS: UMA DISCUSSÃO
SOBRE O ARTIGO 68 DA CONSTITUIÇÃO FEDERAL DE 1988**

Elane Cristina do Amaral (Mestranda) – UFCG

Prof^a. Dr^a. Rosilene dias Montenegro – UFCG

Este trabalho problematiza o artigo 68 da Constituição Federal de 1988, a qual da visibilidade a causa dos afro-descendentes no Brasil no tocante a regularização e reconhecimento dos territórios remanescentes de quilombo. Deste modo, o artigo questiona o discurso posto nessa lei enquanto documento oficial. Partimos do pressuposto que todo discurso envolve relações de poder por isso é passivo de questionamentos. Ao interrogarmos alguns discursos que envolvem os afro-descendentes nos apoiamos teórica e historiograficamente em autores pós-estruturalistas como Michel Foucault, Tomaz Tadeu da Silva, Stuart Hall entre outros. Tivemos como fonte para o estudo a própria Constituição Federal na qual pesquisamos o artigo 68 de 1988. Assim, o objetivo de nosso artigo foi averiguar através desse documento oficial, as implicações para os afro-descendentes.

**GILBERTO FREYRE VERSUS O REVISIONISMO DE FLORESTAN
FERNANDES: A DOCILIDADE E O RACISMO NAS RELAÇÕES SOCIAIS
BRASILEIRA**

Prof. Ms. José do Egito Negreiros

O presente trabalho foi construído durante a escrita de nossa dissertação de mestrado, intitulada “A Escola Moderna e a Des/Construção do Negro: por novos olhares históricos”, quando tivemos a oportunidade de se debruçarmos sobre os textos de Gilberto Freyre e do Grupo de pesquisadores da USP, coordenados sob a orientação do professor Florestan Fernandes. Durante a pesquisa, ficaram claras as disparidades nas maneiras de ver e dizer sobre o negro brasileiro. Gilberto Freyre desenvolveu um discurso em que predominava a positividade da presença negra na formação social brasileira, além da suavidade nas relações sociais entre o elemento branco com o negro, na Casa Grande & Senzala. A obra freyreana é voltada para a formação social brasileira. Nela, Freyre procurou transformar a negatividade vista na miscigenação, corporificada no mulato, em algo positivo. Sua “Casa Grande & Senzala” rompeu com os preconceitos anteriores ao assumir nossa mulatidade como algo benevolente. Já o Grupo de Florestan Fernandes, apontou como idílicas tais conclusões freyreana, posto que, em vez de democracia racial, encontraram no Brasil, indícios de discriminação, e, em vez de harmonia, perceberam o preconceito na história da “democracia racial brasileira”. Eles concluíram, também, a existência particular de um racismo no Brasil: um preconceito de não ter preconceito; este preconceito se revela na forma do particular, do íntimo, do privado, porque publicamente ele é silenciado. As conclusões de Florestan Fernandes afirmam que ninguém nega que exista racismo no Brasil, mas sua prática é sempre atribuída a outros. Além disso, o problema parece ser o de afirmar oficialmente o preconceito, e não o de reconhecê-lo na intimidade. Para esse Sociólogo, a escravidão suave é um mito cruel a ser destruído falar em suavidade e ternura nas relações senhor/escravo é ir cinicamente contra os fatos. Entretanto, devemos compreender que a história é filha do seu tempo, e que tais divergências teóricas sintetizam a escrita da história sendo elaborada a partir de diferentes lugares sociais (Michel de Certeau), ou a partir de diferentes enunciados e discursos (Michel Foucault).

ALFORRIAS CONDICIONAIS – BREVES APONTAMENTOS

Vanessa Ramos (Doutoranda) - UFRJ

O trabalho em andamento tem como um de seus principais objetivos compreender os plurais e divergentes sentidos da noção de “liberdade” para os escravos alforriados condicionalmente. Para isso, a pesquisa tem como principal base documental, as cartas de alforrias condicionais registradas na cidade do Rio de Janeiro, entre 1850 e 1888. Metodologicamente, considero como condicional a manumissão que exigia do escravo o cumprimento de determinados serviços estabelecidos no processo que culminaria com a assinatura da carta. Essa categoria gerava certa polêmica sobre a real condição jurídica do (ex) escravo, por deixá-lo em uma situação ambígua, na qual estaria liberto e cativo ao mesmo tempo. Nesse âmbito, pretende-se compreender os significados de liberdade para os escravos, partícipes de um processo / acordo cujo resultado foi uma alforria condicionada. O conteúdo de algumas cartas, à primeira vista, dá-nos a impressão de a liberdade conquistada ser insuficiente para operar uma efetiva transformação na vida do (ex) cativo, suscitando-nos a percepção de uma certa continuidade da escravidão, logo, de uma permanente sujeição ao (ex) senhor. Dessa forma, então qual seria a representação de liberdade contida nessas cartas do ponto de vista do escravo? Significava realmente uma simples continuidade do cativo? Ou poderia garantir a manutenção de vínculos sociais / afetivos e a certeza, para o alforriando, de uma adequada subsistência e amparo em casos de necessidade? Enfim, estas são algumas das perguntas as quais pretende-se responder ao longo da pesquisa. Todavia, para este trabalho especificamente, abordar-se-á uma discussão sobre a polêmica questão da alforria condicional, seus meandros e diferentes interpretações historiográficas. Embora de maneira não exclusiva, alguns historiadores já se dedicaram a esse tema, porém, na maioria das vezes centralizaram suas análises nas perspectivas e vantagens senhoriais. O que pretendo para esta comunicação é vislumbrar, ainda que de forma incipiente, as expectativas do (ex) escravo em se tornar um forro condicional.

CONSIDERAÇÕES SOBRE A FAMÍLIA ESCRAVA EM BANANAL NO VALE DO PARAÍBA PAULISTA

Camila dos Santos (Mestranda) - UERJ

A família escrava é entendida como a mais complexa rede de sociabilidade tecida entre e pelos escravos. Os vínculos familiares entre os cativos foram de fundamental importância na constituição de laços de sociabilidades no interior do cativo. A historiografia sobre a família escrava e os dados demográficos que foram pesquisados sobre a comunidade escrava, indicam que a constituição familiar fazia parte da realidade dos cativos, embora nem todos tiveram acesso a ela. A respeito da organização familiar entre os cativos, a historiografia avançou muito, produzindo resultados significativos. Neste trabalho vamos analisar a formação da família escrava no âmbito de uma das grandes fazendas de café da cidade de Bananal, uma das cidades mais relevantes do período escravista dos oitocentos no Vale do Paraíba paulista. A Fazenda Boa Vista de

propriedade do comendador Luciano José de Almeida, considerado o patriarca de Bananal é tida atualmente como uma das mais belas e importantes fazendas da região. Possuía cerca de 700.000 cafezais e era totalmente auto-suficiente. Entre as peculiaridades da fazenda está a representação de uma das maiores escravarias da região, com cerca de 815 escravos. Pretendemos aqui perceber com a análise demográfica da escravaria a formação da família escrava. Para tal visualizaremos fontes documentais distintas como os inventários post-mortem de Luciano José de Almeida de 1854 e de sua esposa Maria Joaquina de Almeida de 1882, assim como seus testamentos e a Lista de Matrícula Geral dos escravos de 1872, bem como os registros paroquiais de casamentos e batismos referentes aos escravos de Bananal. A interligação das fontes permite identificarmos a constituição dos núcleos familiares existentes no total da escravaria, bem como o destino das mesmas durante o processo de partilha dos bens do comendador. Para efeito de comparação e correlações, utilizaremos a bibliografia sobre a família escrava e as pesquisas realizadas em outras cidades da região do Vale do Paraíba.

ES CRAVA: MULHER, MÃE E LENDA

Ana Nery Corrêa dos Santos Barros (Especialização) - UEPB

Durante os mais de três séculos de escravidão no Brasil muitas mulheres africanas e afro-descendentes viram o seu direito de ser mulher e de ser mãe negados e moldados segundo a condição a elas imposta. Neste sentido buscamos estruturar um trabalho de relevância, seriedade e valor histórico sobre as escravas, cuja abordagem enfatizará a escrava enquanto mulher, enquanto mãe, como também, as lendas existentes sobre elas. Até o presente momento nomes como: Jaime Rodrigues e Gilberto Cotrim, Divalte Garcia, Gilberto Freyre, Carlos Fragoço, Alfredo Boulos, Áurea Queiroz, Mariana Várzea e Rosane Volpato norteiam essa pesquisa. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica aberta a toda outra fonte que possa enriquecer e complementar este trabalho. Até aqui dentro do que foi analisado tem se confirmado a escassa produção historiográfica sobre as escravas, principalmente abordando-as enquanto mulher e mãe. As lendas encontradas acerca das mesmas se mostram símbolo de resistência manifestada pelo imaginário popular. Além, de representarem uma resposta à dupla exclusão sofrida: por serem mulheres e por serem escravas.

AS QUITANDEIRAS E A RESISTÊNCIA NO LIVRO DIDÁTICO

Edvane de Araújo Andrade Silva - UEPB

Quando pensamos em imagens devemos ter em mente que elas servem como representações de sociedades e que têm a sua importância na construção da história. Esse artigo propõe uma análise das representações iconográficas do livro didático a partir da leitura de imagens que representam os escravos, identificando-se suas resistências inclusive, com destaque aos escravos de ganho e as quitandeiras que ao fazerem parte de atividades relacionadas ao comércio, tiravam proveito dessa prática,

como forma de resistir contra as ordens de seus Senhores. Sabemos que as imagens nos apresentam um universo de valores, portanto, partindo desse princípio, a imagem exerce um poder de sedução diante da curiosidade do olhar estudantil. O nosso trabalho tem como objetivo, além de mostrar a importância do livro didático na construção de um “saber”, também, ajudar na compreensão desses valores e significados que fizeram parte da sociedade escravista. Pelo olhar do explorador, o africano aparece como um povo selvagem, que jamais se preocupou em estudar o seu próprio passado. Dentro dos conceitos de Michel de Certeau, identificamos as astúcias dos escravos, como táticas para burlar o olhar do “Senhor”, pois segundo palavras do teórico, muitas ações humanas do dia a dia do sujeito fazem parte do conceito de táticas, são os sucessos que fazem parte da vida, as formas de se ganhar do “forte”, aproveitando as determinadas ocasiões. As resistências fazem parte desse campo das táticas, pois o escravo na insistência de desobedecer ao seu senhor pratica uma ação oportunista, para enfim burlar as ordens recebidas. Portanto, através do nosso olhar crítico observaremos o escravo como sujeito que luta por essa liberdade e, que descontentes com sua própria situação, aplicavam diversas formas de resistência como estratégia contra determinados comportamentos de seus senhores. Logo, analisar essas fontes significa compreender, como o nosso “saber”, a partir dos costumes, das tradições e da cultura da nossa sociedade, elaboram a identidade do povo africano.

ÁFRICA: UM NOVO OLHAR SOBRE UM MUNDO PLURALIZADO

José Macêdo de Melo (Especialização) - UEPB

O Continente africano sempre é mostrado pela mídia pelo viés da negatividade como sendo um local onde predomina vários problemas sociais como a fome, as epidemias além de outros, reforçando assim aquela visão eurocêntrica ocidental criada a partir do colonialismo entre os séculos XVI e XIX que coloca a África num grau de inferiorização em relação à Europa. Partindo da história social proponho desmistificar essa visão mencionando a África em seu dinamismo através das representações sociais no cotidiano e também levar em consideração que o continente africano é o berço da humanidade e chamar a atenção para a presença viva da cultura africana no Brasil através da diáspora negra para uma melhor compreensão.

A ÁFRICA EM SALA DE AULA: NOVAS ABORDAGENS E METODOLOGIAS

Danielle Virgínia Silva Albuquerque - UEPB

A Escola dos Annales, uma nova corrente historiográfica, nos proporcionou novos métodos e abordagens no ensino de história. Agora temos a oportunidade de estudar os sujeitos excluídos da História Positivista, pois temos novos objetos, novas fontes, novas técnicas e novos conceitos se contrapondo a “escola tradicional”, a “nova escola” e a representação do tempo histórico. A partir desta proposta de se estudar o “esquecido” aproximamos o pensamento antigo do pensamento da atualidade. Em 2003, foi lançada a lei federal de número 10.639, que modificou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação

Nacional (LDB), estabelecendo a inclusão no currículo oficial da rede de ensino, tanto público como privado a temática da História e Cultura Afro brasileira. A escola, enquanto instituição social, responsável pela organização, transmissão e socialização da cultura, revela-se como um dos espaços em que as representações negativas sobre o negro são difundidas. Por isso torna-se um importante local em que devemos desconstruir essa imagem deturpada sobre o negro e a África. Cabe ao educador a compreensão dos diferentes povos ao longo da História, fazendo um processo de classificação de si mesmo e do outro; entender o conjunto das representações sobre o negro existente na sociedade, enfatizar as representações positivas construídas politicamente pelo movimento negro desmistificando a visão estereotipada imposta ao afro-descendente. São de suma importância a abordagem e construção de práticas pedagógicas que combatam a discriminação racial, rompendo assim com a naturalização das diferenças étnico-raciais. Discutir a cultura negra requer um compromisso do professor em transmitir conhecimento através da construção de projetos e atividades que explorem o multicultural. Para este trabalho utilizaremos os métodos como questionários e entrevistas com docentes que lecionem em escolas públicas nesta cidade, além de debater com diversos autores que trabalhem com essa temática. Diante desta problemática apresentaremos como base a teoria de Foucault com a “Ordem do discurso”. Dessa forma nosso objetivo com esse trabalho é contribuir com a formação cultural do Brasil, levando o conhecimento através de novas metodologias e abordagens para a sala de aula. Portanto, o nosso propósito é focalizar nessas abordagens e métodos utilizados nas escolas públicas, a forma de nossos alunos absorverem essas informações de tanta importância que é a diversidade étnica e racial, desconstruindo uma visão que a própria história eurocêntrica construiu há séculos.

A MEDIAÇÃO DA ESCOLA NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA NOS ALUNOS DE ENSINO FUNDAMENTAL NA ESCOLA FREI HERCULANO

Maria do Socorro Ramos de Oliveira (Especialização) - UEPB
Maria José da Silva (Especialização) – UEPB

O trabalho analisa o papel da escola na formação e construção da identidade dos alunos na escola Frei Herculano, moradores do Quilombo Pedra D'água. Nossa metodologia se dividiu nas seguintes ações: verificar a forma de transmissão de conhecimento e debate sobre as questões do negro, escravo e do afro-descendente pela instituição, imposta pela Lei 10.639/03 em associação com a metodologia dos professores de história, e dessa forma, verificar através desses conhecimentos transmitidos e discutidos pela escola, a maneira de representação identitária escolhida pelos alunos para si e para seu grupo social. Essas ações se basearam na análise do livro didático escolhido pela escola e seus materiais disponíveis sobre a temática, na observação das aulas de história dos professores e por intermédio de questionário e conversas informais pelos alunos, visando descobrir como eles se identificam com essas novas abordagens. Para fundamentar a pesquisa precisamos conhecer as formas como o negro era representado e reconhecido pela sociedade através de leituras que fundamentaram a produção de sua imagem através de autores que já discutem a questão de racismo, identidade afro-

brasileira e da identidade negra tais como Fonseca (2000), Santos (2002), Barbosa et al (2004), Lopes (2006), Hernandex (2005), Zamparoni (1995), entre outros; observando as questões de currículo e análise de livro didático, Silva (2007), Moreira (1992), Stephanou (1998) ; a maneira de ver e falar do outro com Said (2007), as relações de poder Bourdieu (1998), e cultura Bhabha (1998). O conhecimento que obtivemos sobre identidade buscamos em Hall (1997), Soares (2001) e Bogo (2008).

EDUCAÇÃO ANTI-RACISTA: UMA PROPOSTA INTERDISCIPLINAR PARA O ENSINO BÁSICO

Sandreylza Pereira Medeiros (Especialização) - FIP

A Lei Federal 11.465/2008 incluiu no Currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática História e Cultura Afro-brasileira e Indígena, alterando a Lei 10.639/2003. No entanto, presenciemos o descaso absurdo das administrações escolares e de muitas secretarias municipais e estaduais de educação com a questão. Desenvolvemos este trabalho a partir da necessidade de colocarmos em evidência a Lei em discussão, propondo aos profissionais da área o alargamento dos conhecimentos étnico-raciais em uma perspectiva interdisciplinar que permita a releitura da História desse povos, dando aos mesmos vez e voz.

A CULTURA AFRO-BRASILEIRA: PRÁTICAS, CONCEITOS E O QUILOMBO REMANESCENTE CONCEIÇÃO DAS CRIOLAS

Edivania Granja da Silva Oliveira - FACHUSC

O presente trabalho propõe ampliar as discussões sobre as metodologias e práticas pedagógicas para efetivação da temática História e cultura afro-brasileira, no intuito de tornar visível a participação da cultura negra na formação da sociedade brasileira. O desenvolvimento de atividades relacionadas à cultura afro-brasileira torna-se importante por contribuir para o rompimento de barreiras sociais, à autonomia dos indivíduos através do conhecimento sobre suas raízes, sua história e suas linguagens. A população de origem negra que vive em um meio sócio-econômico desfavorável, carrega em si formas culturais relacionadas aos conflitos, à resistência, à rejeição, à superação e à exclusão, próprias do seu passado histórico e de suas vivências culturais. Tais elementos estão ocultos, são incompreendidos e não apresentam significado para estes grupos, distanciando-os progressivamente de suas referências culturais e históricas. Por isso, faz-se necessário reforçar a identidade negra. Nesse sentido será apontado a técnica da história oral, a interpretação histórico-social das imagens, dos livros didáticos e o uso de projetos didáticos, de pesquisa bibliográfica, enfim recursos metodológicos que objetivam tratar a sociedade brasileira no seu conjunto, desconstruindo conceitos, tais como teoria do embranquiamento, do não racismo, da pacificação da mistura de raças na composição da sociedade brasileira, da ideologia dos grupos dominantes que permeia a nossa sociedade. Para tanto, será utilizado como exemplo, a comunidade remanescente quilombola, reconhecida e titulada, localizada no alto sertão central Pernambucano, na

cidade de Salgueiro – PE, formada no início do século XIX por mulheres e sua contínua atuação no processo histórico, político e social da Comunidade do Quilombo Remanescente Conceição das Crioulas. Aponta-se para a complexa relação de resistência pela posse da terra, de afirmação identitária e da preservação! cultura l dos membros dessa comunidade. Como também a luta contra a ideologia dos fazendeiros do sertão nordestino com suas leis, costumes e o predomínio sócio-econômico desse grupo.

AS REPRESENTAÇÕES DA TRADIÇÃO DA CULTURA AFRICANA PRESENTE NAS RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS

Arleide Vicente da Silva (Especialização) - UEPB

Este estudo busca discorrer sobre as representações das religiões afro-brasileiras nas práticas desenvolvidas pelos escravos, herdadas da tradição oral, uma expressão da cultura de matriz africana. Nesse sentido, visa compreender como se deu esse processo no contexto da sociedade brasileira em meados do século XVIII e XIX. Assim, apresentam a natureza dessa dinâmica, numa perspectiva em que estarão inseridas idéias, valores de ressignificação desses grupos marginalizados que, estando submetidos a um sistema político dominante, imposto pela Igreja Católica e as elites branca, instruíram, de alguma forma, os negros escravizados e seus descendentes, tornando-os sujeitos capazes de se contrapor as condições de sua realidade social. Seguindo a linha da pesquisa investigava sobre fontes documentais, busca-se o aporte dos estudos da história cultural, segundo as concepções das “práticas e representação”, propostas pelos estudos historiográficos. Entre outras reflexões, o processo aqui abordado pretende ser compreendido como uma produção cultural, uma criação coletiva ou um instrumento crítico capaz para se repensar a historia dos escravos e seus descendentes, através de valores e padrões comuns a esse grupo social.

O PENSAMENTO DO BISPO NEGRO: DOM JOSÉ MARIA PIRES E SEUS ESCRITOS AFRICANISTAS (1978-1988)

Mainara Duarte Eulálio - UEPB

A intenção de se estudar as produções dos intelectuais negros, em especial, os escritos de Dom José Maria Pires, a partir de suas inserções nos saberes históricos sobre a negritude e a busca pela identidade negra no Brasil, mostra viável a contribuição para as pesquisas sobre os estudos africanistas. No entanto, designar através da produção do intelectual negro, Dom José Maria Pires, a contribuição referente às relações étnico-raciais no Brasil contemporâneo e, em especial na Paraíba, torna-se o objetivo principal desta pesquisa. Com essa pretensão, fizemos um estudo já concluído das análises dos escritos africanistas de Dom José Maria Pires entre o período de 1978 a 1988, como pesquisa para o trabalho acadêmico de conclusão do curso de História na Universidade Federal da Paraíba. Contudo, o presente trabalho não poderá abranger todos os documentos desse período, mas sim, expor algumas análises críticas dos discursos

africanistas desse bispo negro frente às questões étnico-raciais existentes dentro da conjuntura política e social durante essa época. Com essa finalidade, buscamos pesquisar fontes primárias coletadas no acervo do intelectual Dom José Maria Pires disponível no Arquivo Eclesiástico da Paraíba, e algumas bibliografias sobre a temática. Diante dessa questão, os escritos africanistas analisados nesta pesquisa, focam os temas sobre o preconceito racial, a negritude, a cultura afro-brasileira e a afirmação da identidade nacional, inseridos no sistema socioeconômico e na política ditatorial do Brasil, nas décadas de 1970 e 1980. Suas produções destacam também, a necessidade de agentes políticos e sociais deslocarem-se “do centro para a margem”, para assim, conhecer a realidade dos que estão à margem da sociedade. Com essa pretensão e dentro da temática, através da religião católica e, principalmente, por Dom José Maria Pires, adepto da Teologia da Libertação, o negro encontrou uma das aberturas para inserção na sociedade brasileira. Portanto, esses trabalhos desenvolvidos junto à população negra da Paraíba trouxeram repercussões positivas e benéficas para sociedade paraibana e, em especial, a negra, num período bastante difícil para incluir questões que vão ao desencontro das classes dominantes.

FONTES PARA A HISTÓRIA DA CULTURA AFRO-BRASILEIRA NAS LENDAS E MITOS DOS ORIXÁS: UMA ABORDAGEM PARA A EDUCAÇÃO

Adriano Ferreira dos Santos (Graduando) - UEPB
Prof^a. Dr^a. Patrícia Cristina de Aragão Araújo – UEPB

A cultura afro-brasileira tem na cultura africana o seu referencial e ancestralidade. A tradição oral é um mecanismo de transmissão do saber, um meio de preservação da sabedoria dos ancestrais. As histórias que contam sobre a trajetória do povo africano estão pautadas na tradição oral, a partir de mitos, lendas e na contação de histórias, que fiam ao longo do tempo o percurso histórico deste povo. Vistos deste modo as lendas, mitos e histórias que têm na oralidade seu recurso para falar do povo africano e afro-brasileiro, registraram um modo de ver o mundo e fazer leitura dele que se torna significativo de ser inserido no contexto educacional, os antepassados negros nos legaram elementos culturais que permeiam nosso cotidiano, esses elementos ainda são tratados como algo estranho no ambiente escolar. Compreendemos que a educação é parte essencial na formação da sociedade e abre caminhos à inclusão social, a escola é, portanto um mecanismo de combate ao preconceito e a sala de aula um espaço de construção de conhecimento, os mitos africanos e afro-brasileiros no contexto escolar como fonte e ferramenta de construção desse saber possibilitará a professores e alunos perceberem os elementos da cultura africana e afro-brasileira na nossa sociedade. Nosso objetivo com este estudo é mostrar que todo este aparato constitui em fontes para utilização pelo docente em sala de aula, para que os estudantes tenham acesso a um outro saber que trata do povo africano e da história da cultura negra neste país e que é importante de ser instituído no campo educativo, pois promove e incentiva educandos ao aprendizado sobre a população negra no espaço escolar a partir de uma prática educadora que visa reconhecer os saberes da tradição oral que fazem parte da história de africanos e afro-brasileiros.

**A VIDA NA SENZALA: AS RELAÇÕES SOCIAIS E A FORMAÇÃO DAS
FAMÍLIA ESCRAVAS**

Édson Augusto Leôncio de Araújo (Graduando) – UPE
Alberon de Lemos Gomes (Doutorando) – UPE

Os estudos historiográficos acerca da família e o cotidiano das relações sociais por ela estabelecidas aqui no Brasil são muito recentes, a preocupação dos historiadores com essa temática veio aparecer apenas a partir da década de 80, antes esse campo era limitado a trabalhos de antropólogos e sociólogos. Essa preocupação justifica-se pelo papel fundamental que a instituição familiar desempenha para o entendimento da natureza das sociedades. Mas, no tocante das famílias escravas, permeiam algumas interrogações cruciais: Podem existir famílias escravas no contexto da escravidão? Quais as fontes disponíveis para o estudo dessas famílias? Como se organizavam essas famílias? Hoje consensualmente entre os pesquisadores desse assunto, a existência da família escrava é uma realidade e não mais uma hipótese, fazendo-se necessário agora um aprofundamento e aperfeiçoamento nos métodos de pesquisa e nas fontes utilizadas para possibilitar estudos sobre as relações estabelecidas e os problemas enfrentados por essas famílias. É necessário ultrapassar os limites impostos pelas pesquisas de cunho demográfico, reanalisar as fontes por elas utilizadas e explorar outras novas. Nessa perspectiva, nos serviriam nesse trabalho as análises quantitativas de censos antigos, registros paroquiais de batismos e casamentos, os inventários post-mortem e testamentos, os registros de pagamento do imposto de meia-sisa e os processos criminais. Gilberto Freyre em sua obra Casa-grande e Senzala chega a utilizar como fonte as cantigas de ninar cantadas pelas amas. Essas cantigas assim como serviram para Freyre, nos serviriam para demonstrar as influências negras sobre a formação da família branca, tendo as amas negras como responsáveis pela criação das crianças, desempenhando uma espécie de papel dentro da família patriarcal. E esta família patriarcal segundo alguns autores, como o próprio Freyre, seria uma família extensa que abarcaria não apenas membros ligados consanguineamente! Ente ou por matrimônio, mas ainda amigos, afilhados, serviçais, agregados, vizinhos e escravos, o que sugere a não existência da família escrava. Esse trabalho se propõe então a desfazer a idéia de família patriarcal extensa predominando em todo contingente territorial da colônia, apresentando a existência de famílias escravas e com um menor número de membros, abordando o papel da mulher como importante na constituição destas famílias, passando pela questão do casamento legal, do casamento misto, do concubinato, da importância e papel desempenhado pela prole, e da manutenção das famílias escravas, de como elas sobreviviam ao tráfico interno e como eram vistas pela sociedade.

**AS CARTAS DE LIBERDADE COMO FONTE DE PESQUISA PARA O
ESTUDO DA ESCRAVIDÃO NA PARAÍBA OITOCENTISTA**

Solange Mouzinho Alves (Graduanda) - UFPB
Solange Pereira Rocha (Orientadora) – UFPB

A partir das discussões e pesquisas realizadas no Grupo de Pesquisa “Sociedade e Cultura na Paraíba Oitocentista” e ao projeto PIBIC/UEPB, intitulado “Redes de compadrio de crianças escravas na freguesia de Nossa Senhora das Neves, 1833-1850”, constatamos que a pesquisa em Livros de Notas, Livros de Batismo e em Testamentos permite a recuperação da conquista da liberdade por parte dos (as) escravizados (as) materializada nas cartas de alforria as quais trazem ricas informações acerca das relações escravistas. Além disso, permitem a construção do perfil do (a) escravizado (a) que estava obtendo a liberdade, de que forma a obteve (onerosas ou “doação”), em que condições (pagas sem condições ou condicionadas), sexo e origem do alforriado (a). Em nossa pesquisa, examinaremos o período que corresponde à primeira metade do século XIX e este interesse surgiu porque percebemos que na historiografia sobre a Paraíba há lacunas a respeito do tema da escravidão do referido período. Por fim, um dos nossos objetivos é identificar a frequência com que crianças eram alforriadas, tanto na pia batismal quanto nos testamentos e livros de notas.

A ESCRAVIDÃO NO ALTO SERTÃO PARAIBANO: ASPECTOS HISTÓRICOS E PROCESSO DE OCUPAÇÃO

Segiefredo Rufino dos Santos (Graduando) - FIP
Maximiano Lopes Machado - FIP

Almejando preencher lacunas existentes na produção historiográfica acerca da escravidão no alto sertão paraibano, o presente artigo pretende inserir-se no grupo de trabalho: fontes e metodologia para a pesquisa e o ensino em história da escravidão negra e cultura afro-brasileira. O presente trabalho tem por objetivo realizar um levantamento historiográfico a respeito dos escravos no espaço sertanejo da Paraíba e dessa maneira promover a discussão sobre o processo de caracterização, formação e ocupação escrava dessa região, durante a passagem dos séculos XVIII e XIX. No intuito de cumprir tal objetivo, analisamos dentre diversas fontes de pesquisa, a obra de Diana Soares de Galliza: O declínio da escravidão na Paraíba (1850-1888), em que a autora discute como se estabeleceu a estruturação do trabalho escravo na Zona pecuária e os motivos ocorridos para a ocorrência do declínio da escravidão na Paraíba. Discutiremos em um primeiro momento, a utilização da mão-de-obra escrava na zona litorânea, responsável esta produção açucareira, e pela dinamização econômica da Colônia. Num segundo instante, focaremos nossa atenção para o processo de povoamento e ocupação na área da pecuária, pois, objetivamos identificar as origens e o papel desempenhado pelo escravo no alto sertão paraibano, e perceber suas especificidades em relação aos cativos do litoral. Para tanto, utilizamos o trabalho produzido por Maria do Céu Medeiros e Ariane de Medeiros Sá, intitulada: O trabalho na Paraíba: das origens à transição para o trabalho livre, no qual as autoras desenvolvem a idéia de início do processo de povoamento do trabalho escravocrata na área sertaneja, por meio de fugas e resistência na região de Pernambuco, provocando de certa forma, alteração no trabalho até então, produzido pelos cativos, constituindo-se a partir desse instante um trabalho doméstico. Assim, buscamos compreender como o desenvolvimento da pecuária e da

produção algodoeira possibilitou o aumento demográfico dos escravos negros na região sertaneja paraibana, aumentando, com isso, sua exploração.

**AS VOZES D'ÁFRICA NAS ESCRITAS DAS HISTÓRIAS: O PATRIMÔNIO
IMATERIAL AFRO-BRASILEIRO NOS COTIDIANOS DA SALA DE AULA
DE HISTÓRIA DO ENSINO MÉDIO.**

Ramon de Alcântara Aleixo (Graduando) - UEPB
Prof^ª. Dr^ª. Patrícia Cristina de Aragão Araújo – UEPB

Esse estudo se destina a tecer elucidações acerca da gestação da noção de patrimônio cultural brasileiro, bem como a sua trajetória sócio-histórica a partir dos projetos modernizantes advindos com as terias eugenistas e de embraquecimento racial instituídos nas esferas do público e do privado a partir da instituição do regime republicano. Dessa forma, propomos educar nossos ouvidos para a escuta da polifonia de vozes que ecoam por entre as curvas da escrita histórica, visando, assim, o alcance do que denominaremos aqui de sua paz eterna historiográfica. Acreditamos que as inovações teórico-metodológicas ofertadas pela chamada “Nova História Cultural” fazem de suma importância, tanto no que versa à emersão de novos atores e atrizes das tramas históricas, como a reconstituição detetivesca por parte do pesquisador/a – educador/a no exercício do seu métier. Para tal, nos aportamos na metodologia da História Oral, ALBERTI (2002) como elemento balizador da compreensão das práticas e representações, CHARTIER (2004), dos saberes e fazeres históricos inerentes às culturas afro-brasileiras na atual conjuntura sócio-educacional e historiográfica. Os resultados preliminares apontados pelas nossas investigações evidenciam a necessidade de se atuar na promoção de políticas de igualdade étnico-racial que perpassem os âmbitos da pesquisa e adentrem nossas salas de aula da educação básica, tendo em vista a superação do aparente fosso intransponível que persiste em reiterar em nossos materiais didáticos e práticas docentes cotidianas uma visão passiva, esquecendo, assim, as categorias de táticas e resistências CERTEAU (2002), utilizadas por africanos e afro-brasileiros na reinvenção de seus cotidianos sociais e culturais. Saberes e fazeres inerentes às múltiplas nuances em que se insere as culturas afro-brasileiras consistem em importantes instrumentos para a adoção de políticas de educação patrimonial a partir da lógica dinâmica às apreensões e compreensões de suas trajetórias de luta e de vida.

**FONTES PARA HISTÓRIA DOS NEGROS (ESCRAVOS, LIBERTOS E
LIVRES) NA PECUÁRIA DO SERTÃO CEARENSE**

Daniel Souza Tabosa (Graduando) - UVA
Ms. Raimundo Nonato Rodrigues de Souza – UVA

O presente trabalho está pautado nos estudos realizados no Núcleo de Estudos e Documentação de História Regional – NEDHIR, do Curso de História da Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA. Pretendemos contribuir para a compreensão da vida

dos negros (cativos, libertos e livres) no grande sertão cearense e em especial na Ribeira do Acaraú que corresponde ao território da capitania desde a serra de Uruburetama até a Serra da Ibiapaba, os limites do ceará com a capitania do Piauí. Nosso foco de pesquisa encontra-se entre 1750 e 1822, delimitação temporal caracterizada pela ascensão das práticas mercantilistas como a venda de gado, carne, couro e sola, constituindo-se como fase econômica das charqueadas. Com essas práticas muitas terras foram invadidas ocasionando um grande conflito por sua posse, como também um grande choque cultural. Esse desenvolvimento necessitou um investimento de compras de escravos negros que vieram de capitanias vizinhas como Pernambuco, Maranhão e Bahia, que por sua vez eram empregados nos afazeres domésticos e nas atividades agro-pastoris. E ainda necessitou o aprisionamento dos nativos da região refletindo as relações sociais e no contexto histórico em que os mesmos estavam inseridos. Nesse sentido, pretendemos analisar de modo aprofundado as relações escravistas, as questões étnico-raciais e principalmente compreender um período que nos últimos anos se aprimorou de forma significativa na historiografia cearense. É bom salientar a importância dos documentos depositados no Núcleo de Estudos e Documentação de História Regional – NEDHIR, como livros de registros, cartas de alforrias, livros de compra e venda de escravos, e uma coleção de mais de 500 inventários, que possibilitam outra interpretação, novos olhares sobre o mundo construído pelos cativos. Essas fontes abrem margem para que pensemos nas experiências afro-brasileiras, de escravos libertos e livres, que viveram em conflito na sociedade escravocrata. Com isso, elaboraram novas formas de sobrevivência. É graças a essas pesquisas e a utilização desses documentos que se ampliaram de forma bastante significativa à compreensão de uma nova versão da história e da cultura Afro-Brasileira.

BENGUELA E SEUS DISTRITOS NO IMPÉRIO PORTUGUÊS (SÉCULO XVIII)

Caroline de Souza Pontes (Graduanda) - UFRRJ
Prof. Roberto Guedes Ferreira - UFRRJ

O trabalho analisa a construção e a representação de hierarquias sociais em presídios portugueses no continente africano. Para tal fim, baseio-me nas *Notícias de Benguela e seus distritos*, de 1798. Fruto posterior, mas resultante, do contexto da administração pombalina, o livro informa sobre conquistas portuguesas em África, incluindo nomes de chefes locais africanos, de moradores de presídios que se deslocam entre os distritos, de formas de habitação, a delimitação de fronteiras, além da administração militar e eclesiástica. Para a compreensão destas sociedades, apela-se aos recursos da análise quantitativa, observando a frequência de determinados status sociais em vários contextos, e como eles formam corpos hierárquicos legítimos de sociedades do Antigo Regime. A escolha por Benguela e seus distritos se deve a seu papel administrativo e comercial no período dado. Localizado ao sul da região do Congo-Angola, em 1778 torna-se capitania independente do reino de Angola, subordinada diretamente a Lisboa. Ressaltando o papel do comércio de escravos, o estudo analisa hierarquias construídas ao longo e pelo impacto do tráfico atlântico de cativos, visto que foi necessária uma remodelação das relações sociais existentes. Assim, busca-se entender a hierarquias

moldadas por diferentes agentes sociais em sociedades de Antigo Regime português na África, em especial, as etárias, de gênero, cor, militar, etc. Portanto, o intuito é entender dinâmicas sociais de sociedades africanas não somente a partir das demandas exteriores, reduzindo sua função a meros entrepostos comerciais de escravos e à sustentação de outras colônias, mas de posicioná-las no império português no Atlântico Sul.

**I SEMINÁRIO NACIONAL FONTES
DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA:
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES
DE 01 A 04 DE DEZEMBRO DE 2009**

ISSN 2176-4514



GT 10 – HISTÓRIA E DOCUMENTOS

Ms. Grazielle Rodrigues do Nascimento – UEPB

Segundo a UNESCO, patrimônio é o legado que recebemos do passado, que vivemos no presente e que transmitimos às gerações futuras. A noção de patrimônio é muitas vezes considerada ambígua: Trata-se de preservar um determinado cenário? Preservar um determinado acervo? O que fazer com as lembranças, as diferentes respostas de distintas culturas que também frequentaram a cena eleita como patrimônio? Como e por que considerar documentos patrimônio? Pensando nisso, a preservação das fontes históricas é de extremo interesse da sociedade - primeiro por se tratar de um bem coletivo guardião de um passado repleto de pontos de vistas, sentimentos e lutas cotidianas e segundo por carregar símbolos e significados construtores de referências culturais (segundo Tânia de Luca). Especificamente para o historiador, a utilização de documentos proporciona a percepção de diferentes relações sociais, relações de poder e de identidades. A ampliação do campo de investigação do conhecimento histórico constrói meios de democratizar o acesso aos documentos permitindo a sistematização de novas fontes, de novos referenciais teóricos e de novas metodologias. A partir disso, e pensando o uso e o mau uso dos documentos como fonte histórica (segundo Carlos Bacelar), a produção historiográfica encontra-se atrelada ao uso do documento como fonte importante para que a narrativa histórica seja materializada nas diversas correntes que o campo historiográfico proporciona: gênero e infância, trabalho, cidade e imprensa, modos de vida, experiências e práticas políticas cotidianas, as prisões e a vida no cárcere, historiografia insular, cotidianos e memórias escritos a partir da utilização de diversas linguagens documentais. Este Simpósio Temático pretende construir um espaço de discussão e reflexão, em uma perspectiva interdisciplinar, enfatizando a importância das diversas linguagens - imagéticas, sonoras, escritas e orais - na composição das narrativas históricas. O objetivo é a apresentação de trabalhos cujas diversas dimensões e contextos à produção historiográfica, provoquem um efetivo diálogo entre os problemas referentes às fontes documentais, agentes sociais e a produção da narrativa histórica.

**INTELECTUAIS E CULTURA NA REVISTA BRASILEIRA DE FOLCLORE
ENTRE OS ANOS DE 1961 E 1976**

Ana Lorym Soares (Mestranda) - PUC-RIO

Esta pesquisa objetiva estudar a atuação e a produção intelectual dos folcloristas ligados ao movimento folclórico brasileiro, formado pela Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, Comissão Nacional e Comissões Estaduais de Folclore, através de sua revista institucional: a Revista Brasileira de Folclore - RBF que circulou entre os anos de 1961 e 1976. Nesse período as atividades desses folcloristas foram planejadas e, em certa medida, executadas, tendo em vista o duplo objetivo de conseguir um lugar para o folclore nas políticas públicas voltadas para a cultura, através da sua institucionalização, bem como, a utilização de seu conteúdo como lastro de uma identidade nacional. As revistas, segundo historiadores como Jean-François Sirinelli e Ana Luíza Martins, podem ser entendidas como suportes preciosos de comunicação e de análise do movimento de idéias, apresentando-se, também, como meios privilegiados de sociabilidade intelectual. Neste sentido, suas orientações mostram-se bastante produtivas para entender o objeto em questão: a Revista Brasileira de Folclore e sua relação com os intelectuais que a criaram e animaram durante os seus quase 15 anos de existência. Assim, a RBF está sendo analisada, nesta pesquisa, pela dupla dimensão proposta: enquanto movimento de idéias – criação, divulgação, contestação e reformulação -, ou seja, toda a mobilização em torno das interpretações presentes nas páginas da revista; ao mesmo tempo em que está sendo compreendida enquanto espaço de sociabilidade intelectual – pois ao visualizar sua trama de sociabilidades, identifica-se na revista um local onde se entrelaçam sensibilidades, afetividades e idéias comuns, bem como, hostilidades, rivalidades e hierarquizações, dimensões plausíveis quando se trata de convivência entre um grupo de intelectuais, sobretudo se ele tem a extensão do grupo de intelectuais enredados pela RBF. Esse entendimento acerca das revistas é significativo para o estudo aqui proposto, ainda por um segundo motivo, pois contribui como exercício de alargamento da noção de documento, ao possibilitar a utilização das revistas como documentos e objetos de estudo simultaneamente.

OS AFRICANOS LIVRES EM PERNAMBUCO, 1831-1864.

Cyra Luciana Ribeiro de Oliveira (Mestranda) – UFPE

Embora a lei de 1831 tenha sido instituída com o propósito de abolir com o tráfico, ela não impediu que os traficantes continuassem a transportar escravos da África para as províncias do Brasil. Em Pernambuco, alguns navios foram apreendidos envolvidos no tráfico ilegal. Vinham a bordo dessas embarcações- os africanos livres- que possuíam um estatuto político diferenciado. Sob a tutela do governo imperial, estes africanos poderiam servir tanto nos órgãos públicos quanto a particulares como ‘criados’ ou ‘trabalhadores livres’. Através do estudo da atuação desses grupos, será possível

entender melhor o problema da escravidão, o cotidiano dos africanos no Brasil e as perspectivas de liberdade do século XIX.

**O PROJETO RESGATE, O ARQUIVO HISTÓRICO ULTRAMARINO E A
ADMINISTRAÇÃO DO BRASIL COLONIAL NO SÉCULO XVIII – ANÁLISE
DE UMA MEMÓRIA**

Érika Simone de Almeida Carlos Dias (Doutoranda) - UNL

O presente texto trata do Projeto Resgate, sua atuação no Arquivo Histórico Ultramarino em Lisboa e sua relevância para a pesquisa histórica. Nele procuraremos descrever o trabalho realizado em algumas séries documentais guardadas no mesmo arquivo, a mais importante instituição que possui a guarda de cerca de 200 mil documentos coloniais fora do Brasil, e, por isso mesmo, com uma grande relevância para os estudos em História Colonial. Bem como, faremos uma análise de uma memória escrita por um agente da governação portuguesa diretamente responsável pela administração do Brasil e demais periferias do Império marítimo português, que exemplifica a importância que estes milhares de papéis tratados pelo Resgate têm para a nossa história.

HISTÓRIA, MEMÓRIA E FONTES ORAIS: ALGUNS DIÁLOGOS.

Ms. Erinaldo Cavalcanti - UFPE

É cada vez maior o número de pesquisas que utilizam as fontes orais, enquanto relatos de memórias, como importante ingrediente do corpo documental. Em minhas pesquisas, a utilização dessas fontes, é fundamental, para entender a maquinaria do funcionamento do medo. No entanto, é preciso destinar às fontes orais o mesmo rigor analítico necessário a qualquer documento. Nesta dimensão, a crítica aos relatos orais, é indispensável, na medida em que se faz necessário uma análise precisa acerca do espaço social de produção do documento; ou seja, do relato oral. É preciso entender as relações de poder que possibilitaram a construção de determinados relatos de memórias. Por meio dessa metodologia de trabalho será possível compreender como determinadas pessoas internalizaram o medo acerca do comunismo. Que atos e atitudes resultaram – dentre as possibilidades históricas – dos mecanismos de ações e reações que o medo promove.

“ESTAS EM VOSSA CASA. ESTE É O LUGAR DOS AMERICANOS”

Ms. Grazielle Rodrigues do Nascimento - UFPE

O final da década de 1950 foi particular para a ilha de Fernando de Noronha, cujo ambiente de Guerra Fria e a dinâmica das relações da política externa brasileira resultaram na instalação de uma base militar norte-americana em seus arredores. Dividir

com o estrangeiro americano este espaço insular se mostrava como “uma afronta a soberania do Brasil” revisitado nas falas de alguns entrevistados. Os relatos orais acerca desse período, juntamente com alguns recortes dos jornais que circulavam na capital pernambucana como a Folha do Povo, a Folha da Manhã, o Diário de Pernambuco e o Jornal do Comércio, possibilitam refletir sobre a convivência entre os técnicos norte-americanos que operavam os mísseis teleguiados e os moradores da ilha. Esta convivência ora se apresentava conflitante, quando se percebe uma dicotomia entre a necessidade dos recursos que a base oferecia a ilha (como assistência a saúde e o transporte aéreo) e o sentimento antiamericano que pairava sobre alguns militares; ora se apresentava conveniente, quando o dólar poderia render lucros a quem se aventurasse a ir trabalhar para o americano. Assim, esta presença americana mudaria de certo o dia-dia de uma ilha em meio ao Oceano Atlântico.

HISTORIOGRAFIA: A CANÇÃO ENQUANTO DOCUMENTO HISTÓRICO PARA SE PENSAR ESTADO E SOCIEDADE.

Hilmária Xavier Silva - UFCG

No presente trabalho, escolhi analisar e problematizar um documento histórico e uma fonte histórica específica: a canção. A escolha foi feita partindo do pressuposto de que as relações entre história e canção suscitam debates ainda pouco explorados pelos pesquisadores de história, principalmente no que concerne aos discursos formadores de opinião e construtores de estereótipos e identidades. Além do mais as novas concepções de documento histórico, juntamente com as transformações teóricas e práticas que o fazer do historiador vem passando, possibilitaram ampliar o campo e uso de diferentes e novas linguagens no ensino e na pesquisa em História. Assim, entendo que a canção merece ser encarada como uma rica fonte para se compreender certos aspectos da nossa cultura e repensar a história de grupos e setores da sociedade pouco lembrados pela historiografia. Proponho-me a investigar e perceber como a canção nos serve enquanto documento histórico e como através dela foi refletida a imagem do Estado e seus meios de disciplinarização da sociedade, sob a ótica das bandas de rock dos anos 80. Com o seu grande alcance junto a todas as camadas da sociedade e sua capacidade de despertar as mesmas emoções e sentimentos em indivíduos de diversas localidades, a música é uma forma de politizar a sociedade. Ela se consolidou como um elemento de construção da sociedade brasileira, confirmando a idéia de Juça de que “A arte é o maior instrumento de inovação e interação entre todas as contradições. É também uma das principais alavancas do desenvolvimento social”. Ousamos ainda contribuir para a consolidação das possibilidades de pesquisa abertas pela aproximação de campos de estudos distintos: A canção e a história. Nossos interesses de estudo estão inseridos em abordagens historiográficas como as linhas de investigação da “nova história cultural”; o que não nos impede de modo algum de utilizar possíveis contribuições de outras correntes historiográficas.

ARTES DE PEDAGOGIZAR CORPOS MATERNOS NOS IMPRESSOS

Ms. Gilmária Salviano Ramo – UFPE

Os órgãos de comunicação são mecanismos de poder construídos mediante a certas práticas institucionais. Arelados a essas práticas, os jornais são constituídos como veículos que mantêm uma grande influência por parte da linha editorial, inseridos num jogo de forças dos discursos que procuram legitimar certas noções tidas como a “verdade” do acontecimento. A guisa de exemplo, passo a citar como, possivelmente, alguns dos jornais locais do Estado da Paraíba filtravam informações, através das edições, publicando as notícias que fossem de interesse da rede dos *Associados Assis Chateaubriand*. A presente comunicação tem por objetivo central, problematizar como os jornais, *Diário da Borborema*, da cidade de Campina Grande, e *O Norte*, da capital João Pessoa, das décadas de 1960 e 1970, investiam em formas de pedagogizar condutas e comportamentos das mães, com base nos discursos da justiça, da medicina, de governantes, psiquiatras, educadores, entre outros. Haja vista que, quando os articulistas divulgavam os pontos de vistas referentes àqueles saberes, buscavam servir aos interesses do Estado e/ou as estratégias governamentais daquele momento. Todavia, ao debruçar-se sobre aqueles jornais, percebi que nem sempre as mulheres seguiam no mesmo diapasão daqueles discursos, desnaturalizando o sentimento simbólico do amor materno, com base em certas práticas que eram vistas como “anormais” e “selvagens” à época. Nesse sentido, os jornais são aqui investigados criticamente, considerando-os atravessados por posicionamentos políticos, principalmente no que diz respeito ao processo de elaboração e difusão das matérias que eram publicadas diariamente naquelas cidades. Visto que, ao que parece, o grande problema que parecia estar na ordem do dia era que o Estado, seus agentes e instituições governamentais estariam sendo suplantados em assunto tão sério, como o tratamento à vida e sua regulamentação. Em outras palavras, as instituições médicas “necessárias à boa saúde” não teriam sido convocadas a intervir naquilo que consideravam como sendo de competência delas: a decisão sobre a vida ou a morte dos futuros rebentos da nação.

DOCUMENTO/MONUMENTO: MEMÓRIAS DE QUEM? O CASO QUITÉRIA BANDEIRA DE MELO, A PARTIR DA COLEÇÃO BARÃO DO RIO BRANCO

Dr. Josemir Camilo de Melo - UEPB
Yara Michelle dos Santos

Este trabalho parte da discussão legoffiana acerca de documento como prova, e como memória (monumento), mas aponta para lacunas e falhas se leva esta interpretação ao pé da letra. Trata-se, aqui, do caso da indigitada Quitéria Bandeira de Melo, apontada pelo Capitão-Mor da Paraíba como mandante de uma tentativa de morte contra a sua pessoa. Alguns processos da documentação da Coleção Resgate Barão do Rio Branco se referem a esta mulher que foi acusada por seu escravo, preso, de ser a mandante. Na trama, são citados outros personagens, como o padre, irmão de Quitéria, e o vigário Antônio Soares Barbosa, de quem, segundo os documentos, Quitéria seria “amásia”, “amiga”. Tratava-se de um briga entre o capitão-mor e a família Bandeira de Melo pela manutenção do cargo de Provedor-mor da Fazenda. Condenada, foi presa, em Recife, por oito anos e só pode requerer sua liberdade junto à rainha D. Maria I através de

requerimento feito por outro irmão. A partir dos manuscritos deste processo, verificou-se que a ré não produziu documento qualquer e algum, por ser mulher e condenada. Toda memória (monumento/documento) deste episódio é tão só do mais alto mandatário, cabendo à mulher tão só o silenciamento.

**MORAL E OS BONS COSTUMES COMO FICAM? CENSURA, DITADURA
MILITAR E PORNOGRAFIA EM "A DAMA DA LOTAÇÃO"**

Ms. Luciana Calissi - UEPB
Carlos Adriano Ferreira de Lima

Pornografia é um tabu. Basta observar a carência de trabalhos acadêmicos dedicados ao tema que não encontra sua contrapartida na produção e circulação dos mesmos. A velha máxima popular de que "sexo vende" pode ser confirmada pelo crescente número de lançamentos e reconhecimento dos principais nomes envolvidos nas produções. Pensando nisso, a proposta deste trabalho vem na tentativa de compreender como este tipo de produção cinematográfica se institui enquanto gênero e reconhecer a relação estabelecida com o seu público e seus desdobramentos na indústria cultural. Nosso principal corpus de análise compreende os arquivos da Polícia Federal, imprensa da época e demais documentos oficiais que nos parecer procedentes, relativos às práticas de censura no Regime Militar, em especial, sobre o filme "A Dama da Lotação" (1978). Dessa forma, nossa proposta ultrapassa a curiosidade fetichista e entra em consonância com a tentativa de compreensão de nosso passado recente.

**HISTÓRIA E TRABALHO COM DOCUMENTOS: EXPERIÊNCIAS DE
SABER-FAZER ENTRE PROFESSORES/PESQUISADORES**

Prof^a Ms. Maria Lana Monteiro de Lacerda – FPHAPE
Prof^a D^a Marcília Gama da Silva – UFRPE

O presente trabalho pretende discutir as possibilidades do saber-fazer entre professores/pesquisadores da área de história, enfocando seus procedimentos metodológicos no trabalho com documentos. Ao repensarmos as fronteiras da prática do historiador, onde o ensino de história estabelece interfaces com a pesquisa histórica e vice-versa, analisaremos mudanças, tendências e tensões a partir de experiências vividas durante o módulo da disciplina de metodologia, na especialização da Universidade Federal Rural de Pernambuco (2009). Considerando que a história não é apenas um mero estudo do passado, mas sim uma articulação de discursos, tomamos como ponto de partida a importância da reflexão das diferentes formas de pensar o conceito de documento. Em decorrência desta postura a fabricação metodológica buscou uma aproximação com outros saberes e com a necessidade de desconstruir as visões de mundo cristalizadas e enraizadas nas práticas tanto docentes como discentes. As configurações do ato de narrar, contando ou escrevendo uma história nos colocou diante das responsabilidades e dos desafios não só de apresentar variadas vozes do passado ordenadas, mas problematizá-las no corpus de uma trama que remetesse a diversidade

da “operação historiográfica”. Em outras palavras, não acreditamos que descrever os elementos e normas técnicas, que estruturam projetos e trabalhos de pesquisa científica, como tradicionalmente é feito nas disciplinas de metodologia, sistematize, por si, as produções dos discursos históricos. É preciso trabalhar a subjetividade dos alunos, oferecendo ferramentas múltiplas de investigação teórico-historiográfica atrelada à dimensão de trabalhar as diferentes fontes históricas, com novos métodos, novos objetos e novas abordagens. Sendo assim, em nossa ótica, percebemos que o documento configura por um lado a materialidade da identidade de um povo e como tal, representam de forma significativa saberes constituídos na experiência em práticas, formas de poder e discursos, que compõem a idéia de pertencimento, um dos requisitos do patrimônio cultural; e de outro, por seu potencial de problematização, na construção e relação com o presente, seve de instrumental para repensarmos nossos espaços enquanto sujeito historiador que ao construir uma história reinventa seus próprios caminhos.

O ENSINO SECUNDÁRIO EM PERNAMBUCO E A ORDEM OLIGÁRQUICA LOCAL DURANTE A PRIMEIRA REPÚBLICA

Prof Ms. Ricardo José Lima Bezerra – UPE

O presente texto corresponde a uma reconstituição histórica sobre a educação escolar secundária em Pernambuco durante a Primeira República fundamentada, principalmente, a partir de fontes documentais escritas encontradas em arquivos institucionais, como o da escola pública estadual conhecida no Recife como Ginásio Pernambucano, no Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano e no acervo da Biblioteca Pública Estadual de Pernambuco. Essa reconstrução histórica do ensino secundário pernambucano reflete especialmente sobre o Ginásio Pernambucano enquanto escola de referência na educação escolar do estado durante toda a Primeira República e posteriormente também. A escolha por uma tipologia de fontes escritas, notadamente, se reporta a compreensão que construímos desse objeto de estudo: reconstituir a história do Ginásio Pernambucano como baluarte da escolarização voltada para os filhos da oligarquia pernambucana que necessitavam de uma insti tuição que reproduzisse seus valores de classe e mantivesse intacta a ordem social estabelecida que segregava o restante da população a uma não-escolarização. Essa elite produziu através de mensagens governamentais e documentos oficiais da escola, sua forma de situar o lugar da educação escolar na Primeira República e qual papel ela representaria.

UM ESTUDO DAS RELAÇÕES COMERCIAIS EM GRANJA-CE NOS SÉCULOS XIX E XX ATRAVÉS DE SUA DOCUMENTAÇÃO

Vera Lúcia Silva - UVA
Prof. Raimundo Nonato Rodrigues de Souza - UVA

O presente trabalho discute as relações comerciais através dos documentos das firmas Carvalho Motta & Irmão, Ignacio Xavier & Cia e José Xavier do município de Granja,

da região Noroeste do Estado do Ceará, buscando um diálogo interdisciplinar entre a História e as Ciências Contábeis, as Ciências Econômicas, a Administração e a Estatística. Esses documentos se encontram arquivados no Núcleo de Estudos de História Regional – NEDHIR do Curso de História da Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA. São mais de 30 naturezas diferentes, dentre elas Cartas e Faturas, Faturas, Telegramas, Diários, Razão, Livro Caixa, Contas Correntes, Contas de Venda, Balanço, Borradores, Recibos, Registros de Entradas e de Saídas de Mercadorias. A análise do livro Copiador de Cartas e Faturas e de outros documentos do acervo mostra o cotidiano do comércio granjense, os meios de transportes – navios, barcaças e trem –, os produtos – como algodão, café, tecidos, cachimbos e querosene – e as firmas com quem comercializava – dentre elas L. Lartigue & Cia (Paris), Crossman & Brio (de New York) e Gomes Barbosa & Cia (de Fortaleza), Maia Sobrinho & Cia (do Maranhão), Moreira & Saraiva (do Maranhão), Max: Nothmann & Cia (do Rio de Janeiro). O conteúdo dos materiais pesquisados nos informa também sobre a dinâmica econômica-social existente no passado, evidenciando a atuação dos sujeitos no mundo do trabalho. Ainda podemos destacar fatores como as oscilações de preços das mercadorias e a exigência da clientela das firmas em estudo por produtos de boa qualidade, chegando a muitos casos a devolvê-los quando não atendiam a qualidade que desejava. As relações comerciais se davam entre Granja, que funcionava como entreposto, e outras cidades brasileiras como Sobral, Palma (hoje Coreaú), Camocim, Rio de Janeiro, Maranhão e Pernambuco; européias como Londres, Liverpool, Hamburgo, Paris; e norte-americanas como Nova Iorque. Este intercâmbio diversificava o comércio na região Noroeste do Estado do Ceará ao mesmo tempo em que demonstram a sua dependência em relação aos produtos industrializados vindos de outros Estados brasileiros e do exterior. Assim destaco a importância da utilização desse tipo de documento como fonte histórica, vez que no lócus das trocas comerciais que abarca a pesquisa ele ainda não é de uso comum.

INTERVENÇÃO SOCIAL EM CAMOCIM E SOBRAL ATRAVÉS DAS ASSOCIAÇÕES COMERCIAIS – 1950-1970

Maria Jussara Rodrigues Oliveira - UVA
Prof. Raimundo Nonato Rodrigues de Souza - UVA

Este trabalho pretende analisar as intervenções sociais empreendidas pelas Associações Comerciais de Camocim e Sobral, cidades da Zona Noroeste do Estado do Ceará. Busca-se, no desenvolvimento dessa produção acadêmica a construção das relações sociais entre tais entidades, seus associados e a população destas cidades, percebidas nos documentos como: ofícios, telegramas e atas das reuniões, essa documentação pôde ser encontrada nas respectivas sedes. O estudo dos documentos revela as várias formas de assistência prestadas, entre elas, a abertura de estradas, cuidados com a segurança pública (como no porto de Camocim, quando havia a preocupação com sujeitos considerados ameaçadores a ordem e aos bons costumes), busca de auxílio diante das adversidades climáticas, instalação de empresas, entre outras, sempre colocando essas agremiações em contato direto com as administrações municipais, estaduais e federais. Através do estudo dessas fontes pode-se identificar afirmativamente que essas Associações, por meio dessas “empreitadas”, obtiveram o fortalecimento (em alguns

casos) de alianças políticas, a adesão de novos associados e uma ampla visibilidade social. Fazia-se necessário que não apenas seus associados como, público direto, estivessem nos seus focos de atuação, era importante para a entidade o reconhecimento de seu trabalho. O título de “utilidade pública” recebida pela Associação Comercial de Sobral, através de lei votada na Câmara Municipal, durante os anos cinquenta, exemplifica bem esse papel e espaço social almejados por essas entidades. A face política dessas Associações se torna clara quando identificamos a grande parcela de indivíduos envolvidos nesse campo; muitos presidentes e diretores das associações posteriormente se tornaram vereadores ou prefeitos municipais. Dessa forma, além de seu caráter assistencialista essas agremiações são reveladas no seu poder político, sua contribuição social não se configurou sem intencionalidades. A utilização de fontes características dessas entidades são timidamente exploradas pelos historiadores da região; levando em contas poucos trabalhos produzidos com esse tipo de documentos, devido ao receio que possa existir em sua utilização elas são esquecidas, descartadas. A problematização dessas fontes enriquece e revela novos meios e discussões no processo de produção historiográfica, desvendando novos olhares sobre sujeitos e espaços, compreendendo com mais clareza a ação dessas entidades e seus representantes.

**PROCURAÇÕES, LIBELOS, ESCRIVÃES E NOBRES DA TERRA: A
DINÂMICA DA ADMINISTRAÇÃO NO SERTÃO DO RIO PIRANHAS,
CAPITANIA DA PARAÍBA DO NORTE (1725-1750)**

Mayara Millena Moreira Formiga – CFP/UFCCG
Prof. Dr. Osmar Luiz da Silva Filho – CFP/UFCCG

A primeira metade do século XVIII, na então Capitania da Paraíba do Norte, agrupou uma rede de relações sociais e econômicas capazes de abrigar poderes privados autônomos e sutis relações administrativas negligenciadas pelos historiadores até hoje. Antigos balizamentos teórico-metodológicos e seus consecutivos recortes espaciais e temporais advindos desses marcos, considerados mais convencionalmente, não dão conta das vivências e da dinâmica da vida econômica e administrativa dos colonos no oeste desta Capitania bem como de suas conexões com um espaço maior. A nobreza da terra aí existente, proveniente dos conquistadores da primeira metade do século XVII, umbilicalmente ligada aos primeiros quinhentistas das Capitanias da Paraíba e de Pernambuco, ocupou essa região, beneficiando-se do sistema de mercês, por meio da consecução de sesmarias, almejando os sonhados privilégios já existentes em outras Capitanias e lugares do Império Ultramarino Português. O pano de fundo desse cenário social e econômico constitui-se como anúncio e presença de uma hierarquia social, implantando, por sua vez, os marcos de uma estratificação contundente, bem como a composição de uma rede de colonos e de famílias que aspiram à subsistência, à ascensão, à fidalguia e à qualidade social numa sociedade em formação. Os mecanismos que regulavam toda a administração e a dinâmica e montagem destes dispositivos, operados pelos atores sociais nos sertões do Piranhas e Piancó, na temporalidade da primeira metade do século XVIII, compõem a nossa chave de explicação/compreensão para a realidade que queremos investigar. As fontes que estamos examinando (fontes

escritas do século XVIII paraibano) é que dão visibilidade a toda esta problemática. Está em questão o debate entre história e documento.

**AS ATAS DO CABILDO DE BUENOS AIRES: OS PORTUGUESES E SUAS
RELAÇÕES COMERCIAIS COM A ELITE DO PORTO (SÉCULO XVII)**

Vivianne Pereira Lopes – CFP/UFCEG
Prof. Dr. Rodrigo Ceballos – CFP/UFCEG

Este trabalho faz parte do projeto PIVIC intitulado “Nas sendas do Atlântico Sul: tratos e contratos lusitanos nas malhas do Cabildo (Buenos Aires, século XVII)”, orientado pelo professor Rodrigo Ceballos. Nossa pesquisa tem como base a análise das atas do Cabildo (Senado da Câmara) do século XVII da cidade de Buenos Aires, tanto as publicadas como as manuscritas, presentes no Archivo General de La Nación. A importância desta fonte para a História da América e do Brasil colônia consiste no estudo da composição social de uma elite local hispano-americana e seus interesses econômicos com os portugueses moradores e comerciantes do porto da cidade. Através do comércio ultramarino e pelas costas do Brasil, os portugueses proporcionaram maiores rendimentos econômicos do que as relações comerciais mantidas com as províncias circunvizinhas ao Rio da Prata. Muitos passaram a residir na cidade para construir relações de interesse com uma elite local envolvida com o governo da república e expandir seus contratos comerciais para o Brasil por meio de licenças reais concedidas unicamente aos moradores da região rio-platense. As atas apresentam uma possibilidade de estudo do cotidiano da cidade, com forte presença lusitana, e alianças políticas constituídas ao longo dos anos que deram uma dinâmica singular ao comércio de um porto semi-proibido pela Coroa espanhola.

**A MODERNIDADE AVANÇA A ALÉM-MAR: REPRESSÃO E RESISTÊNCIAS
EM DE FERNANDO DE NORONHA (1961-1971)**

Allan Luna – UFPE
Grazielle Rodrigues do Nascimento

A partir dos relatos de memória das pessoas que vivenciaram e construíram o período em questão, e de fontes documentais do Ministério do Exército, encontradas no Arquivo Público Estadual Jordão Emereciano (APEJE-PE), este trabalho objetiva analisar o rico cotidiano insular de Fernando de Noronha no período da administração militar do então Ten. Cel. Jayme Augusto da Costa e Silva, nos longos e ininterruptos 10 anos de seu governo no Território Federal de Fernando de Noronha. A ilha, historicamente marcada pela égide do militarismo, da ordem e da hierarquia, tem na efervescente década de 60 todo esse arcabouço ideológico intensificado, e desdobrado em um forte controle social por parte dos militares, sobre a subjugada população civil, notadamente com o advento dos anos ‘institucionalizadores’ entre 1964 e 1968, haja vista que o governo militar na ilha iniciara-se desde 1942. Tal dominação se apoiava numa idéia de modernização da

ilha – na ocasião transformada em um celeiro de obras – que legitimaria esta subordinação sócio-econômica num contexto quase que de cunho paternalista: o *coronel*, ‘responsável’ pela comunidade noronhense, aparece então como aquele que dá as coisas à população, sua filha, e castiga-a quando necessário, a fim de educá-la e orientá-la, ou seja, para o seu próprio benefício e crescimento: “*Éramos obrigados a ficar de pé, quando o comandante [Cel. Jaime] passava, se não, podíamos ser prejudicados*”, diz um entrevistado. No entanto, a população civil, sobre a qual se tentava exercer este total controle, aparece como agente político ativo nas suas micro-resistências cotidianas, questionando, dentro de suas possibilidades reais, a situação sobre a qual se encontrava forçadamente submetida. Portanto, os nebulosos anos da ditadura militar brasileira, às vezes esquecidos propositalmente, ou ainda escondidos, devem ser recordados. E Fernando de Noronha que vivenciou este período de exceção mais extensamente que qualquer outro local no Brasil, tem um papel singular neste triste momento da história de nosso país.

A TRAJETÓRIA DE ECLESIÁSTICOS NO LYCÊO DE MACEIÓ (1850-1950)

Edgleide de Oliveira Herculano - UFAL
Profª. Maria das Graças de Loiola Madeira - UFAL

Este trabalho apreende-se das imprensas periódicas (Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas e o Arquivo Público) como fundamentais fontes de investigação e é resultado do trabalho desenvolvido pelo grupo de pesquisa “Caminhos da Educação em Alagoas”. Baseado nas notas dos jornais Diário das Alagoas (1858-1870), Gutemberg (1884-1903) e Liberal (1869-1876) verifica-se a trajetória dos padres-mestres na escolarização local por meio de instituições escolares como o Liceu de Maceió e entre outras redes educacionais do ensino público e privado de primeiras letras do Império ministradas nas vilas, cidades e povoados tal como a análise de seus encargos nestes estabelecimentos. Estes eclesiásticos obtinham uma educação essencialmente voltada para as elites locais, que tinham um grande interesse na conformidade das classes pobres em relação à situação de exploração em que viviam. A instrução era fundamentada no latim o que não anulava o ensino da língua nacional, mediante aos seus postos de professores ou inspetores das redes de ensino ou paroquial - apesar de terem rara aproximação com a educação. Os padres-mestres eram nomeados como intelectuais devido à vasta formação humanística bem como os discursos parlamentares, avaliação de compêndios escolares, artigos jornalísticos e abordavam assuntos relacionados com a sociedade seja ela no âmbito educacional, político, econômico, étnico, sociais e religiosos, expostos através de embates ideológicos de exaltação aos valores morais do cristianismo. De acordo com as fontes localizadas e leitura de obras como a História do Liceu alagoano (1961) de Abelardo Duarte havia em torno de quatorze padres envolvidos com o ensino no império em Alagoas tanto na instituição escolar como proprietários de conceituados jornais que muitas das vezes funcionavam como espaço de reivindicação e debates. Por fim dá-se uma análise referencial da biografia dos padres lentes do Lycêo alagoano. Este trabalho assumiu! o papel de desvelar a importância que estes padres-mestres tiveram para a Educação em Alagoas, em todas as esferas possíveis de aprendizagem e

foi por meio de seus itinerários e diversos cargos obtidos na sociedade, que é possível evidenciar tamanha autoridade desses intelectuais no estado.

O AVESSE DO SILÊNCIO: AS FONTES DOCUMENTAIS DO ALTO SERTÃO PARAIBANO NO SETECENTOS

Janice Correia da Silva – CFP/UFMG
Prof. Dr. Osmar Luiz da Silva Filho – CFP/UFMG

Esta pesquisa prende-se aos mesmos propósitos que colocamos para o seu desenvolvimento na FAPESQ (Edital 003/2003): o de promover a descoberta e a visibilidade das fontes históricas do Alto Sertão Paraibano, descrevendo-as em suas características básicas, catalogando-as e propondo um estudo antecipado das mesmas, lançando as bases para a prospecção, a informação e o intercâmbio dos pesquisadores. Proporcionando ao pesquisador da sociedade a materialidade do documento, por via eletrônica - www.oavessodosilencio.com - processando as informações sobre seus textos básicos e seus textos de cultura, bem como sobre seus nexos e sua posição no corpus documental, queremos viabilizar leituras, abordagens e tratamentos heurísticos em níveis de agregação bem maiores que os existentes atualmente em projetos congêneres, com o intuito de fornecer uma boa contribuição à historiografia regional e local. Nosso Projeto busca as vozes existentes na escrita do século XVIII paraibano estimulando o pesquisador a informar-se sobre seus textos; checar (in)viabilidades técnicas de pesquisa e sintonizá-lo com a natureza diversa dos mesmos (cartas de alforria, procurações, listas de batismo, escrituras de dote, escrituras de venda de terras etc.) pela análise prévia de seus lugares físicos, institucionais e de memória, propondo-lhe um meio privilegiado de observação. Dessa forma, nossa investigação se estrutura numa dupla direção: primeiramente, ela opera com o enfrentamento muitas vezes dramático do pesquisador diante da existência ou não dos documentos históricos no Alto Sertão Paraibano, realizando o movimento de busca dos documentos e fornecendo-lhe sua presença, concedendo-lhe, desta forma, uma base sólida, empírica, para o exame da realidade histórica; numa outra direção, estimula-o a estabelecer um grande debate com as teorias, os paradigmas existentes e a memória documental, viabilizando, dentre outras operações, a superação do ocultamento e do silêncio de memórias, pela problematização dos destinos humanos, pela análise e a compreensão da experiência humana no tempo, a história.

ÀS MARGENS DO COMÉRCIO NO ATLÂNTICO SUL: ROTAS MARÍTIMAS DO BRASIL COLONIAL NO SÉCULO XVII

Queila Guedes da Silva – CFP/UFMG
Prof. Dr. Rodrigo Ceballos – CFP/UFMG

Este trabalho é resultado de uma pesquisa PIBIC em andamento, intitulada: Nas sendas do atlântico sul: tratos e contratos lusitanos na Buenos Aires seiscentista, na que envolve os registros de navios de fonte manuscrita do século XVII, localizadas no arquivo geral na nação (Buenos Aires, Argentina). Estas fontes registram as

mercadorias transportadas por navios portugueses entra as cidades do Brasil colônia e o Rio da Prata. Fontes de extrema importância para a história do Brasil e da América, não apenas por comportarem dados quantitativos, mas por permitirem também o estudo das redes sociais, envolvendo credores, comerciantes, governadores, funcionários régios e moradores. Fontes que nos levam a questionar as fronteiras que delimitam as ações de um “centro” e suas margens. Através destas fontes, pretendemos esgarçar uma vertente historiográfica que entendeu este período de comércio no atlântico sul como um espaço da ilegalidade.



GT 11 - HISTÓRIA E FILOSOFIA

Auricélia Lopes Pereira - UEPB
Msc. Roberto Silva Muniz - UFCG

Nas últimas décadas do século XX, o diálogo entre a Filosofia e a História tornou-se muito intenso, quebrando aquela velha dicotomia construída no século XIX pelos historiadores metódicos. Os efeitos teórico-metodológicos desse reencontro no campo da História foram muitos: o método hermenêutico tornou-se um dos caminhos da Nova História Cultural, possibilitando novas perguntas aos documentos e, principalmente, um novo olhar sobre a própria noção de documentação. Também, o encontro com o filósofo Michel Foucault possibilitou outros caminhos para a Nova História Cultural, a partir do método genealógico, da noção de documento como monumento e do objeto como configuração histórica. Da mesma forma, nos últimos anos, a redescoberta de M. Heidegger e de Paul Ricoeur pelos historiadores vem reinventando o campo da história a partir de refinamentos no conceito de tempo e de sujeito. Este GT tem como objetivo pensar essa relação da história com a filosofia e de como a mesma tem ampliado em termos teóricos e metodológicos a operação historiográfica: possibilitando novos métodos, ampliando campos de trabalho, (re) inventando conceitos e instaurando novos olhares sobre as fontes históricas e sobre o exercício da escrita da história.

AS PECULIARIDADES DO ILUMINISMO INGLÊS

Paulo André Batista Miranda (Mestrando) – UFPB
Prof. Dr. Regina Célia Gonçalves (Orientadora) – UFPB

Este artigo tem o interesse em discutir em forma de síntese, algumas das principais contribuições do Iluminismo Inglês. No campo da historiografia e da teoria da história, há uma mudança nas últimas três décadas sobre a influência dos Ingleses para a Ilustração e para o pensamento europeu dos séculos XVII e XVIII. A proposta é mostrar a importância do Iluminismo Inglês como um importante instrumento da história das

idéias, articulador para a formação da educação, cultura histórica, ciência e tecnologia da Europa. Desta forma, compreender estes fundamentos significa conhecer importantes bases para a construção da modernidade europeia.

NAVAL E CARCERÁRIO : OUTRAS LINGUAGENS NA PRISÃO

Vanuza Souza Silva (Doutoranda) – UFPE

Este texto é uma discussão à luz da filosofia pós-moderna sobre a prisão e os presos, uma maneira de criar novos sentidos para essa instituição/sujeito que são marcados por um discurso que os definem de forma única, como se a prisão fosse apenas o lugar de “recuperação” ou “enclausuramento” do preso, e este apenas um sujeito de gestos violentos, agressivos. Estas são verdades seculares, que foram criadas e ensinadas exatamente para sustentar o regime de prisão nas sociedades modernas, para fazer o social temer e manter nas bordas desse social o preso. A prisão conforme mostra Foucault é um regime de poder que vem substituir a decapitação dos que cometiam algum crime e esse regime vem atender na verdade uma nova lógica e economia de poder, que percebe inclusive que disciplina de um corpo, é mais eficaz do que a destruição e decapitação do mesmo. A violência dos corpos seria pensada por outras movimentações, aquela que torna o preso uma maquinaria de produção de uma nova subjetividade, a subjetividade docilizada, obediente, que internalizaria dentro de si a lei moral, jurídica e social. Foucault, porém, nos mostra que o poder da prisão lida com uma nova maneira de conduzir os sujeitos às regras, através do funcionamento da disciplina, que na cadeia produz a individualidade e a identidade do preso, ao mesmo tempo em que funciona como um tipo de poder positivo, que possibilita o preso relacionar-se com o poder, produzindo-se, usufruindo inclusive de algumas aberturas do próprio poder. Dentro de um regime de poder como a prisão, Foucault também nos alerta para uma questão fundamental, inspiradora para esse trabalho.

O CONCEITO DE PROVIDÊNCIA DA NARRATIVA HISTÓRICA DE AGOSTINHO DE HIPONA

Juarlyson Jhones Santos de Souza (Graduando) - UFP/CNPQ
Prof. Dr. José Maria G. de Souza Neto (Orientador) – UFPE

Agostinho de Hipona, bispo norte-africano e filósofo cristão do V século, viveu durante o momento ápice do processo de colapso do Império Romano, o que permitiu a elaboração de sua obra de maior sofisticação retórica, a Cidade de Deus. Neste tratado apologético, Agostinho utiliza o discurso histórico para validar sua argumentação de defesa da revelação cristã diante das acusações e críticas do paganismo, o que permitiu ao bispo de Hipona tecer comentários acerca da História, elaborando um modelo de narrativa e enredo histórico marcado pela ação providencial do Deus cristão. Neste trabalho, pretendemos apresentar dados referentes aos aspectos constituintes do conceito de Providência e a maneira pela qual este conceito é empregado por Agostinho em sua

obra.

**VIVÊNCIANDO A MATEMÁTICA ATRAVÉS DE SUA HISTÓRIA: ESTUDO
DE CASO NO ENSINO FUNDAMENTAL**

Maria da Luz Lira Martins (Mestranda) – UEPB

Este texto apresenta o relato de uma pesquisa envolvendo a contribuição da história da matemática na aprendizagem do ensino fundamental, realizada com 20 professores de matemática, que lecionam na rede pública e privada da cidade de Catolé do Rocha/PB. Apoiados nos escritos de Piaget (1990), Valdés (2002), Tahan (1984), entre outros e confiando nos educadores por serem considerados como ator social que tem suas diversidades, realidades e vivenciarem um momento em que o conhecimento da história da matemática deveria ser parte indispensável como instrumento em seu ensino. No entanto, permite ao professor evoluir em seu trabalho educativo, visualizar melhor o futuro, descobrindo as dificuldades do passado. Investigou-se a partir de um questionário sobre a história da matemática, pois, não se dá significado histórico ao que se está ensinando.

**MICHEL FOUCAULT E SUAS TRAJETÓRIAS PELA A HISTÓRIA DA
LOUCURA**

Fátima Saionara Leandro Brito – UFPE

Segundo Foucault, nós ocidentais, construímos uma estrutura de recusa, a partir da qual, denunciamos uma palavra como não sendo linguagem, um gesto como não sendo obra, uma figura como não tendo direito a tomar lugar na história. Através desta recusa, o louco passou a habitar o não-lugar, sendo construído como o terror que assola os sujeitos, a “ordem”, a “normalidade”, enfim, ameaça à vida. Estes sujeitos, transpassados por vozes estranhas aos seus ouvidos – ou seja, a “razão” – constitui um não-ser, sua existência é como um relâmpago deixando raios de luzes que se esvaecem em alguns segundos, assim, nos é apresentado o louco no universo da racionalidade. Neste sentido, separados por fronteiras não apenas simbólicas, mas, sobretudo, fronteiras de concreto, visíveis e palpáveis, o louco é negado e negativado através das falas e dos gestos exteriores a ele. Desse modo, foi atravessado por um saber autoritário e científico, que segundo Foucault o louco recebeu no final do século XVIII e início do XIX, um lugar próprio – os hospícios. Assim, diante da desrazão objetivamos neste trabalho, analisar as redes de contingências nas quais o louco encontra-se inserido. Apropriando-nos do debate instaurado por Michel Foucault, buscamos articular seu método e seus conceitos, bem como, a “repercussão” de suas obras sobre a temática no campo da historiografia contemporânea. Nossa proposta é a de mostrar apoiados nesta perspectiva que o louco é efeito de uma historicidade, de tramas discursivas e não discursivas, de contingências próprias do tecido histórico, ou seja, que a loucura não é um dado fechado e natural. Propomo-nos ainda mostrar que as instituições psiquiátricas instauram um saber sobre o indivíduo, condenando-o e escrevendo-o enquanto um

corpo doente, um dever político, uma questão pública, e acima de tudo, um problema para o Estado.

A TESSITURA DA HISTÓRIA DE JOÃO PEDRO TEIXEIRA

Roberto Silva Muniz (Mestrando) - UFCG
Prof. Dr. Alarcon Agra do Ó – UFCG

A tessitura deste artigo trás como proposta discutir alguns fios da pesquisa que venho desenvolvendo para a dissertação de mestrado, e assim coloco em discussão os espaços que produz o herói camponês à medida que escrevem sobre o corpo de João Pedro Teixeira líder da Liga Camponesa de Sapé na Paraíba que foi assassinado no ano de 1962. Através de uma série de jornais da época como o Jornal A União podemos perceber que corpo de João Pedro Teixeira é um corpo manifesto já ele é escrito sobre o signo da uma revolta assim como também é uma tentativa de se criar uma mobilização de luta pela terra, também esta série de jornais nos possibilita também perceber que à medida que eles escrevem sobre o corpo de João Pedro acaba por também instituir um modelo de líder camponês e também sobre este mesmo corpo é tomado como estratégia política já que sua a história é apropriada como forma de subjetivar outros camponeses. Este artigo discutirá a história de João Pedro Teixeira como o herói camponês tomando como base as contribuições de Foucault, Certeau assim como Balandier.

(DES)ENCONTROS DA HISTÓRIA COM O FILÓSOFO DO MARTELO

Auricélia Lopes Pereira UEPB/UFPE

Esta comunicação tem como preocupação discutir alguns conceitos e propostas do pensador F. Nietzsche. Esse filósofo do século XIX instaurou no campo do saber de forma geral rasuras e derrisões que só foram melhor compreendidas no século XX. Sua discussão em torno da linguagem com retórica, como campo de luta onde as palavras já não se encontram com as coisas, foi fundamental para a chamada “virada lingüística”. Importante deslocamento do olhar sobre o discurso, onde o dado perde seu estatuto e seu arauto de realidade, sendo a partir daí questionado em sua essência, desautorizado em sua coincidência com a verdade. No campo da História, o encontro com as ressonâncias do filósofo do martelo termina por fazer implodir a linguagem referencial, a linguagem que acolhe o real e as coisas do mundo. Instaura-se a partir desse (des)encontro pontos de suspeita sobre noções clássicas da operação historiográfica. Dessa forma a partir da metade do século XX, a história perde sua aparente calma, proporcionada pelas certezas metodológicas que o século anterior tinha construído e a Escola dos Annales tinha consolidado. Noções como documento e testemunho passam a ser, não apenas alargadas (como foi o caso dos Annales), mas implodidas no seu estatuto de dizer o real. O documento, atravessado pela dimensão da retórica, carregaria na sua materialidade lutas e conflitos, vontades de poder e jogos de verdade. Discutir esses efeitos e essas conexões é objetivo dessa comunicação.

**O CONFLITO ENTRE CRIAÇÃO E REALIDADE DE POLÍTICA EM ANAIS
NIN**

Raquel Thomas de Andrade (Mestranda) – UFCG

No tocante à escrita íntima, a escritora norte-americana Anaïs Nin emerge como uma das autoras com a obra mais vasta, tendo escrito sem interrupções – e posteriormente publicado – diários entre os anos de 1914 e 1974. Esse extenso relato confessional deu à autora certo destaque dentro do movimento feminista, ao mesmo tempo em que despertou críticas relacionadas a seu narcisismo. Dessa forma, o material íntimo de Nin surge como uma obra emblemática no que se refere as tensões do movimento de luta pelos direitos das mulheres. Pois mesmo com sua postura narcisista e passiva politicamente, as atitudes Nin iam de encontro aos valores de sua época. Esse fato levanta uma questão: até que ponto o comportamento da autora não pode ser considerado com uma atitude política, já que resistia à padrões de comportamento de sua época? Esse trabalho se destina a analisar a relação entre a escrita diarística de Anaïs Nin no contexto de sua produção, ao discutir as articulações entre as idéias de Nin refletidas nas suas obras ficcionais e memorialísticas e com as preocupações da autora com arte modernista. Bem como, será observado as tensões entre criação artística e realidade exterior presente tanto na obra de Nin, quanto na de autores que influenciaram sua concepção artística, como Otto Rank, Henry Miller e Marcel Proust. A partir da preocupação com o conflito entre arte e realidade, será buscado compreender a passividade política de Nin frente a uma sociedade com valores que iam de encontro ao seu comportamento privado, relatado no diário. Dessa forma, o universo construído pela escrita íntima da escritora será analisado e problematizado, levando em consideração o tempo histórico no qual ela estava inserida, com o intuito de observar as suas representações acerca da relação entre a mulher, e espaço público e privado, a arte e a política.



GT 12 – HISTÓRIA E IMAGENS

Prof^a. Dr^a. Flávia de Sá Pedreira - UFRN

Prof. Dr. Raimundo Nonato Araújo da Rocha - UFRN

Este Grupo de Trabalho pretende agregar pesquisas que tenham as imagens como objeto de investigação e/ou como documento principal para o estudo de um objeto. Farão parte do GT pesquisas relacionadas ao ensino de História ou à produção historiográfica propriamente dita. Serão considerados os trabalhos que discutam imagens fixas (fotografias, pinturas, caricaturas) ou em movimento (cinema, vídeo). A meta do GT não se reduz a trabalhos que enfatizem a utilização das imagens como suportes didáticos, ampliando assim o foco de interesse para investigações que produzam imagens das mais diversificadas temáticas, tais como: espacialidade, religiosidade, sexualidade, cidadania, escravidão, violência etc. Dessa forma, estimulam-se no GT os estudos voltados à renovação do interesse pela interação entre arte e ciência histórica. Em razão das especificidades da discussão, espera-se um debate interdisciplinar que reúna especialistas de diferentes campos do saber: história, sociologia, antropologia, música, cinema, comunicação social, dentre outros.

CENAS DE CINEMA DURANTE A POLÍTICA DA BOA VIZINHANÇA

Prof^a. Dr^a. Flávia de Sá Pedreira (UFRN)

Durante os anos da Segunda Guerra Mundial, o ideário panamericanista conclamava a união de todos os países americanos, tentando ignorar diferenças históricas, quase sempre irreconciliáveis, em prol do esforço de guerra. Esse cenário propiciou também a intensificação dos intercâmbios culturais, especialmente entre Brasil e Estados Unidos, quando diversos artistas e intelectuais viajaram para divulgar o que entendiam ser suas respectivas identidades: era tempo de Política da Boa Vizinhança. Carmen Miranda, que já fazia grande sucesso no Brasil interpretando sambas e marchinhas carnavalescas pelas ondas do rádio, recebeu o convite de um empresário norteamericano para se

apresentar em seu país. Lá chegando, começou também a participar de filmes hollywoodianos. Muitos desses filmes divulgaram uma determinada imagem de brasilidade, que por vezes confundia-se à toda América Latina. Ao mesmo tempo, o cineasta norteamericano Orson Welles aportava no Rio de Janeiro, a convite do governo Vargas, para filmar aspectos da natureza exuberante e manifestações culturais brasileiras. Todavia, o criativo cineasta não se adequaria aos propósitos panamericanistas dos governos brasileiro e estadunidense, nem tampouco aos interesses da multimilionária família Rockefeller, sócia majoritária da RKO Pictures (onde Welles trabalhava), que privilegiavam a construção de uma determinada imagem para exportação do nosso “gigante pela própria natureza”. Exatamente por ser detentor de qualidades até hoje espreitadas por estudiosos da sétima arte, e de um agudo olhar de cineasta maldito, “um pária em Hollywood”, como ele próprio se definia, Welles resolveu filmar as manifestações culturais de moradores das favelas cariocas, locus privilegiado do samba, que em sua expressiva maioria eram negros e mestiços pobres, bem como entrou em contato com os jangadeiros nordestinos responsáveis pelo raid Fortaleza-Rio de Janeiro, ocorrido no ano anterior a sua chegada ao país. Aos olhos do regime estadonovista e seu órgão de censura, o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), já estavam se tornando inconvenientes as filmagens feitas por Orson Welles nos morros cariocas e na Praça Onze, em vez de se dedicar às belezas das paisagens naturais da Cidade Maravilhosa e ao registro de “cenas mais aprazíveis” para serem mostradas aos estrangeiros através de um filme de cunho panamericanista. A imagem de Brasil que interessava ao regime deveria seguir outra orientação, como a dos filmes em que Carmen Miranda estava atuando. Privilegiaremos tais películas cinematográficas como fontes documentais para a pesquisa histórica, mostrando o contraste entre a produção de Welles e as da Broadway.

IMAGENS NO ENSINO DE HISTÓRIA

Prof. Dr. Raimundo Nonato Araújo da Rocha - UFRN

O trabalho tem por objetivo analisar como professores de História do ensino fundamental usam as imagens nas suas práticas escolares. Contemporaneamente a disciplina História tem trabalhado com imagens fixas (fotografias, pinturas, cartões-postais) e/ou em movimento (vídeos, filmes) como importantes fontes para a compreensão de diferentes sociedades. Vivemos em um tempo em que as imagens povoam continuamente nossas idéias, construindo uma sensação de que o acontecimento é a própria imagem. Nesse sentido, o trabalho almeja identificar como os professores trabalham com os seus alunos a produção e a recepção das imagens. O texto ressalta experiências docentes que instigam diferenciações – na percepção dos alunos – entre as imagens tecnológicas e não tecnológicas. O trabalho foi realizado com professores dos anos finais do ensino fundamental e utilizou-se de entrevistas com esses profissionais. Nessas entrevistas eram apresentadas imagens usadas em sala de aula. A medida que essas imagens eram apresentadas, identificava-se, por um lado, a metodologia usada pelo professor, os critérios de seleção para a escolha da imagem, a associação com o conteúdo escolar, os suportes para a exposição, a interpretação do docente sobre os olhares dos alunos em torno dos textos visuais; por outro, detectava-se

a própria visão do professor sobre o material visual. Optamos por escolher para participar das entrevistas docentes que atendessem aos seguintes critérios: desenvolvesse práticas pedagógicas que usassem a imagem; estivesse vinculado a uma escola campo de estágio para alunos de História; trabalhasse com os quatro anos finais do ensino fundamental.

OUTRO OLHAR SOBRE A CIDADE: REFLEXÃO ACERCA DAS CASAS E SUA DINÂMICA VISUAL

Gabriela Barbosa de Souto (Graduanda) – UFCG
Prof. Dr. Alarcon Agra do Ó - UFCG

Pensar na cidade como um cenário contido num álbum de fotografias é atentar para o fato de que um mesmo objeto pode ser percebido por pontos de vista distintos. Atendemos para alguns dos elementos que compõe este cenário, a casa se destaca por estar constantemente presente na realidade urbana, assim como também se torna um caractere constitutivo de uma identidade cidadina. Ao longo do século XX, várias mudanças significativas ocorreram na cidade de Campina Grande, na Paraíba, em especial no tocante a sua configuração de espaços e a sua arquitetura. Propomo-nos, então, a refletir nesse ensaio sobre alguns dos estilos arquitetônicos que se mostraram singulares nas edificações das casas campinenses, num período compreendido entre os anos 1930 e 1970, percebendo como as mesmas contribuíram, e ainda contribuem, com a dinâmica visual da cidade. Com o caráter de ensaio, este trabalho é uma aventureira tentativa de conciliar o estudo da arquitetura com o da história, buscando olhar a casa na sua dinâmica interna, partindo de reflexões acerca das possibilidades do morar, e externa, ao compor as imagens da cidade. As fontes iconográficas são a base fundamental de toda nossa argumentação, e estas fazem parte de acervos variados. Fazemos aqui um movimento um pouco contrário daquele feito na análise de imagens fotográficas, embora também nos utilizemos desse recurso, que restringe a mesma à visão dos elementos externos da cidade. Buscamos olhar também para o interior ao trabalhar com as plantas baixas das casas, podendo então ver a sua estruturação e o modo de como os vários espaços foram pensados e articulados. Dessa forma, a escolha por um recorte temporal de quarenta anos visa, sobretudo, acentuar os diferentes tipos de moradia encontrados, não se prendendo às datas, mas sim à composição das plantas no que diz respeito aos elementos presentes e acrescentados ao longo desses anos.

PRIMEIROS GRUPOS ESCOLARES EM MACEIÓ: HISTÓRIAS E IMAGENS

Bárbara César Barros (Graduanda) - UFAL
Adriana Capretz Borges da Silva Manhas (Orientadora) - UFAL

A pesquisa visa apresentar uma análise da arquitetura escolar edificada em Maceió no período compreendido entre o final do século 19 até a década de 1930, incluindo os primeiros Grupos Escolares (de iniciativa pública) e as Escolas e Colégios constituídos por iniciativas particulares ou de instituições religiosas (católicas ou protestantes). A

metodologia aporta-se em pesquisa bibliográfica sobre a arquitetura escolar e o processo reformador do século 19, utilizando-se de projetos arquitetônicos (plantas, cortes e elevações) e fotografias antigas dos exemplares escolhidos, focando o entendimento e estudo da organização, planejamento e configuração do espaço como meio de educar e civilizar. As instituições escolares passaram a adquirir importância no contexto das cidades no momento em que os centros administrativos e econômicos foram consolidados na segunda metade do século XIX. No Brasil, o novo cenário republicano urbano foi reconfigurado, saneado e embelezado, ao mesmo tempo em era construída a identidade nacional, sendo que o papel da escola passou a ser o do aprimoramento moral, racional e científico do ser humano, atendendo a novas necessidades pedagógicas, sendo que para isso, passou simultaneamente por uma reforma espacial, passando a simbolizar a “ordem e o progresso”, devendo refletir o ideal daquele momento histórico tanto em seu projeto pedagógico quanto em seu aspecto físico, ideal que permanece até os dias atuais. Ao tratar do espaço educacional em um Estado que apresenta o paradoxo de ter constituído o berço de uma elite cultural destacada nacionalmente na década de 1930, paralelamente aos maiores índices de analfabetismo do país em toda a sua trajetória, será retomado o estudo histórico das elites oligárquicas que marcaram a sociedade e ainda refletem no cenário cultural e educacional do Estado de Alagoas. Assim, as análises não se restringirão às tipologias arquitetônicas e configurações espaciais, mas à relação das edificações com a cidade dentro do contexto regional de política (ou ausência de) educacional.

AS GRAVURAS COMO FONTES VISUAIS. CRUZAMENTOS E APROXIMAÇÕES PARA ANÁLISE DA REPRESENTAÇÃO DA AMÉRICA EM IMAGENS IMPRESSAS

Flavia Galli Tatsch (Doutorando) - UNICAMP

A partir de meados do século XIV, as gravuras marcaram presença no cotidiano de grande parte da população européia. Nas residências ou locais públicos, suas “funções” eram diversas: religiosa, política, símbolo de distinção, informação tópica, entretenimento, etc. O baixo custo, a facilidade de transporte e a comercialização nos diversos mercados, feiras e lojas especializadas foram responsáveis pela ampla circulação e difusão dessas imagens. Com a impressão da primeira carta de Cristóvão Colombo, rapidamente, uma novidade se juntaria ao temas até então em voga: imagens do Novo Mundo passaram a circular por toda a Europa estampadas em livros, panfletos ou folhas volantes. O propósito de minha comunicação não é realizar uma leitura estilística ou discutir a história da gravura no século XVI. Mas, se a América se transformou em fabuloso “laboratório de imagens”, é preciso compreender esse imenso universo de representação. A iconografia impressa dos primeiros cem anos de conquista da América é o meu objeto de estudo. A investigação começa com inserção dos documentos figurativos em sua historicidade e a constituição de um corpo inicial de informações, dialogando com outras disciplinas. Sem isolar uma ou mais imagens, a análise das fontes visuais parte da constituição de séries segundo critérios iconográficos, temáticos ou cronológicos. A possibilidade de construir séries consente uma infinidade de cruzamentos ou de aproximações, além de permitir vislumbrar os encontros e a

circulação dos conhecimentos, preenchendo as lacunas - principalmente aquelas ocasionadas pela escassez de documentação relativa às próprias fontes visuais. Também busco compreender os distintos aspectos em jogo no momento mesmo da elaboração das imagens: os locais de memória; a iconografia herdada da Antiguidade e do imaginário medieval; o esforço europeu de tomar posse do Novo Mundo – material e intelectualmente; as dimensões e multiplicidade do significado dado aos indígenas e seus modos de vida. E, seguindo os passos de Carlo Ginzburg, a pesquisa jamais ficará completa se não for levado em conta o papel da clientela e dos artistas envolvidos na produção das gravuras.

HISTÓRIA X IMAGEM: DILEMAS DO USO DAS FONTES VISUAIS NA PESQUISA HISTÓRICA

Robson Xavier da Costa (Doutorando) - UFPB

Esse artigo tem como objetivo discutir a utilização das fontes visuais na pesquisa histórica (iconografia, gravuras, mapas, fotografias, cinema, entre outras) procuraremos discutir os problemas, instrumentos de investigação e métodos operacionais para o estudo da imagem na história, levando em conta sua importância como fonte de conhecimento para o legado da história da humanidade, indo além da concepção de imagem como mero documento. As imagens como documentos visuais, são componentes importantes das representações do passado das mais diversas culturas, de suas tradições, festas e rituais; como representações do político, do religioso e do econômico; das rotas e caminhos; do público e do privado; do cotidiano e da guerra; dos heróis e dos anônimos, enfim, sem as imagens do passado, nossa própria imaginação histórica seria empobrecida pela ausência de referenciais de visualidade do espaço e do tempo vividos. Buscaremos indagar prioritariamente sobre a função social, as práticas e representações das fontes visuais para a história, analisando a renovação teórico-metodológica dos estudos históricos e o novo status do documento imagético, recolocando em outros termos a história das imagens e as imagens da, na e para a história. Desse modo, interessa-nos tanto a discussão teórico-metodológica sobre as fontes visuais e sua aplicação em pesquisas históricas, como a reflexão sobre experiências inovadoras que trabalham com a imagem na história.

O ALUNO(A) NÃO É MAIS AQUELE! E AGORA PROFESSOR(A)? NARRATIVAS DA “PRÁTICA DE ENSINO DE HISTÓRIA” NO CURSINHO PRÉ-VESTIBULAR SOLIDÁRIO DA UFCG

Prof^a. Dr^a. Regina Coelli Gomes Nascimento - UFCG

Nesta pesquisa analisamos uma experiência vivenciada no “Cursinho Pré-Vestibular Solidário” no processo de construção e reconstrução da “Prática de Ensino de História” do Curso de Graduação em História da UFCG no ano de 2008. A documentação selecionada no decorrer desta reflexão consta de relatórios da Prática de Ensino, fotografias, Resoluções, Plano de Curso, Diários de Classe e fichas de avaliação. A

partir desse recorte temporal, espacial e documental, procuramos problematizar as Histórias narradas sobre a “Prática de Ensino” do curso de História na sua historicidade, destacando os discursos que emergiram e que (re) modelaram a imagem do profissional formado na instituição. Para melhor compreensão do objeto, nos aproximamos dos pressupostos teórico-metodológicos relacionados aos seguintes autores: Tomaz Tadeu da Silva com sua preocupação em discutir a diferença como construção identitária e Stuart Hall discutindo a identidade e a cultura como processo de significação, também nos aproximamos de autores que partilham das novas abordagens sobre o ensino de História na contemporaneidade .

A ESCRITA DAS IMAGENS E A ESCRITA DAS MARGENS

Rosenilson da Silva Santos (Mestrando) - UFRN

Neste trabalho nos propomos a fazer uma história dos homens infames da cidade de Jardim do Seridó/RN entre as décadas de 1950 – 1980 a partir da fotografia. Esse foi o período em que, José Modesto de Azevedo, autor das fontes selecionadas, esteve atuante no ofício de fotógrafo e por isso justifica o nosso recorte temporal. Partimos dos diálogos com Barros, Dantas e Foucault para pensar uma leitura da imagem e dos sujeitos infames na imagem a partir do cruzamento da iconografia com entrevistas e jornais da época. Como método a análise do discurso, em suas três dimensões: intertexto, intratexto e contexto, como meio de acessar e revelar algo sobre atores sociais que foram postos ao lado da história, ou fora dela. As imagens produzidas por José Modesto nos dão a ver, quando questionadas, uma cidade a contrapelo, sujeitos silenciados, práticas indesejadas e a necessidade de uma leitura crítica da imagem.

O IMAGINÁRIO NA HISTÓRIA: ATLÂNTIDA UM ENIGMA? JOSEFA VÊNUS DE AMORIM

Lúcia de Fátima Souto Pinho (Mestrando) - UFPB
Eunice Simões Lins Gomes - UFPB

O presente trabalho tem como proposta estabelecer conexões entre o documentário sobre o mito de Atlântida, e o mito do paraíso bíblico, ambos nos encanta com imagens de um lugar de prosperidade e paz, que percorrem o imaginário de toda a humanidade de um lugar encantado, mágico, de sonhos. Mitos que são as representações do que existe de mais profundo no humano, símbolos, imagens e arquétipos que se encontram na psique do ser. Teria a Atlântida existido? Seria uma parte perdida da história? Foi Platão, filósofo grego quem trouxe ao mundo a história do continente perdido da Atlântida um continente que ficava no Oceano Atlântico, próximo do Estreito de Gibraltar. Sua história começou a surgir em 355 a.C. Ele escreveu a respeito dessa terra chamada Atlântida em dois de seus diálogos – Timeus e Critias. A imagem romântica de uma ilha fabulosa engolida pelo mar cuja localização foi vista antes da época de Platão apesar de ninguém ter certeza de que ela realmente existiu, vários locais são apontados como a sede de Atlântida, incluindo a Suécia e Nova Zelândia. Alguns

especialistas acreditam que seja a Ilha de Creta. Uma ilha engolida pelo tsunime e que alguns autores fazem conexões com o dilúvio bíblico, mas afinal o que existe de imaginário neste mito que perdura através dos tempos? Mais de dois terços do planeta terra são cobertos por água. Seria verdade que, em algum lugar dessa vastidão de oceanos, estaria submersa a cidade tão sonhada? Segundo a lenda, Atlântida teria existido há mais de dez mil anos a.C. Era uma ilha ou um continente habitado por uma civilização cientificamente avançada descendente de Posêidon, o deus do mar. O lugar era belo e repleto de riquezas. Seus habitantes teriam dominado terras européias e africanas, mas foram derrotados. Assim, a civilização entrou em decadência provocando a ira dos deuses que afundaram, literalmente, a cidade. Essa intranqüilidade do Ser, ness a busca de resposta aos enigmas, é um estímulo as descobert! as. Ness e estudo buscamos apoio na metodologia de Gilbert Durand, Jung, Eliade e outros autores que trabalham com o imaginário, inconsciente coletivo e mitos.

MEMÓRIA E FOTOGRAFIA: UMA LEITURA DA INFÂNCIA NO SERTÃO POTIGUAR

Evaneide Maria de Melo (doutoranda) - UFRN
Prof^a Dr^a Ana Laudelina Gomes - UFRN

A Modernidade a partir das diversas formas de disciplinamento termina por criar um espaço outro para “figuras clássicas como – a mulher, o louco e a criança – porque esses agiam fora do domínio da razão. Bichos irracionais que se movem pela intuição, sensibilidade... e lágrima: o índice úmido da humanidade que escorre sobre o sulco da face” (FERREIRA SANTOS, 2005, p.75). Uma resistência epistemológica se cria em torno desses sujeitos de forma que se revelam como temáticas marginais, aquilo que está na borda, um obstáculo; mote menor de estudo se comparado a temas outros como (Estado, sistema político, conflitos étnicos, classes sociais, etc) não só nas Ciências Sociais, mas também na História, na Literatura, na Antropologia, dentre outros domínios de saber/poder. Mesmo assim, é preciso destacar deantemão o apressado e semovência que me liga aos temas apontados acima, sobretudo, a infância. Infância que desponta como possibilidade de leitura da vida social, um sistema que se produz na/pela cultura em suas múltiplas práticas e instantes. Desse modo, o estudo que propomos se inscreve no domínio da leitura da infância a partir do levantamento e estudo das imagens fotográficas de três fotógrafos, do sertão, do Rio Grande do Norte que são eles Severino Ramos (1916 – 1992; Jardim do Seridó/RN); Heráclio Pires (1882 – 1958; Jardim do Seridó/RN) e Enoque Neves (1918 – 2002; Ipueira/RN). Ao longo desse percurso, verificou-se algumas pistas que têm permitido acessar uma cartografia sociocultural da infância em território evocativo da memória social na interface artístico, lingüístico, poético e imaginária. Assim, dada a ressurgência, a significação e/ou recorrência dessa temática ao longo da produção dos fotógrafos, ora sendo uma característica particular de um dado fotógrafo, ora a trama imagética se revela como imagem que aglutina o par bachelardiano repercussão/ressonância, pois a imagem da infância se insere como uma experiência que retroalimenta dois universos: o espaço onírico e o espaço da produção de sentidos pela linguagem. De forma que, as fotografias da infância operam como dispositivos poéticos na unidade do ser maravilhado e no

aprofundamento de uma experiência estética, simbólica e criativa na experimentação do mundo no fazer histórico.

**A CIDADE COMO TELA: AS BRIGADAS MURALISTAS NAS CIDADES DE
OLINDA E RECIFE (1982-1990)**

Elizabet Soares de Souza (Mestranda) - UFRPE

Após a decretação da Anistia Política, vários políticos da cena pernambucana retornaram ao país, depois de um longo tempo de exílio a exemplo de Francisco Julião, idealizador das Ligas Camponesas, Gregório Bezerra, militante do Partido do Comunista e do ex-governador Miguel Arraes, deposto com Golpe Militar em 1964. A volta dos exilados causou grande efervescência na atmosfera político-social do Estado. No entanto, os políticos que “lutavam na legalidade” já haviam traçado estratégias políticas que não incluíam os recém chegados para as eleições de 1982. Nas cidades de Olinda e Recife, artistas criaram “brigadas muralistas”, e se mobilizaram em favor de uma arte democrática e de táticas de propaganda política que funcionassem como alternativas às leis vigentes. Dentre essas podemos destacar a Lei Falcão, que limitava a propaganda no rádio e na televisão, ao simples anúncio dos currículos dos candidatos. A propaganda, nesse período, tornou-se uma extensa sucessão de nomes, números, currículos e fotografias dos candidatos dos partidos PMDB (Partido do Movimento Democrático Brasileiro) e PDS (Partido Democrático Social) provocando o desinteresse em grande parcela da população, nas eleições que se seguiram. O presente trabalho tem o objetivo de investigar o movimento de murais brigadistas que coloriram as cidades de Olinda e de Recife em três campanhas eleitorais para o Governo do Estado de Pernambuco: 1982 (momento de criação da primeira brigada muralista), 1986 (surgimento de novas brigadas) e 1990 (substituição dos murais elaborados pelos brigadistas pelos letreiros murais), tendo como pano de fundo a análise das propagandas políticas realizadas por artistas. O movimento de brigadas muralistas teve início com um mural pintado na Rua da União, no Bairro da Boa Vista – Recife, sendo pioneira a Brigada Portinari. As motivações relativas à escolha do nome da Brigada, giraram em torno da coerência tanto ideológica quanto profissional do pintor. Cândido Portinari militou no Partido Comunista, bem como vivenciou diferentes momentos em sua produção artística, entre eles a produção de murais propagandísticos, de gêneros tradicionais, como retratos, e murais histórico-nativistas, elaborados para instituições públicas ou privadas. Pretendemos, desse modo, entender o surgimento dos murais como propaganda política, e problematizar a sua substituição pelos letreiros murais.

**OLHOS DA CARNE, OLHOS DO ESPÍRITO: REPRESENTAÇÃO DA
NATUREZA NA BASÍLICA DE SÃO FRANCISCO EM ASSIS**

Flávio Américo Dantas de Carvalho (Mestrando) - UFRN

A sensibilidade visual humana diante do mundo possui historicidade, não obstante o fato de nossas capacidades ópticas serem semelhantes as dos homens do passado quanto

à questão biológica. Vemos de forma diferente porque temos, para usar um conceito do historiador francês Alain Corbin, Sistemas de Representação e Sensibilidade diferentes, que modificam a nossa interpretação/visão do mundo. A arte é um importante caminho para entendermos essas formas de representar o mundo. Mais especificamente, a arte visual apresenta elementos para entendermos as “formas de ver” dos homens do passado. O objetivo desse trabalho é discutir como a substituição do Neoplatonismo pelo Aristotelismo como paradigma filosófico, bem como as alterações econômicas e as mudanças sociais pelas quais passou a Europa na Idade Média, contribuíram para que os Frades Menores (hoje conhecidos como franciscanos), alterassem a representação da natureza. Essas mudanças contribuíram para modificar a interpretação da palavra “mundo” nas Escrituras, que deixou de ser entendida, nas passagens que orientam o não amor pelo mundo, como materialidade, e passou a ser entendida como orientações para que o cristão fugisse do pecado. O desprezo pelo mundo foi substituído por um maior apreço pela natureza, que deixou de ser um reflexo distorcido de uma realidade perfeita (visão do Neoplatonismo da Alta Idade Média, presente na iconografia românica), para se tornar um reflexo perfeito do Criador, presente na arte gótica e também nos afrescos do início do movimento minorita. Para poder entender essa mudança de Sistema de Representação e Sensibilidade foram analisados os discursos iconográficos do Franciscanismo do século XIII e início do XIV presentes nos afrescos da Basílica de São Francisco de Assis, em Assis (Itália), visando entender como eles viram a natureza, ou seja, como aquilo que se vê com os “olhos da carne” passou a ser valorizado e representado na iconografia minorita, para, a partir disso, mostrar uma mudança na relação do Cristianismo com o Mundo.

AS FONTES RUPESTRES COMO DESAFIO AO TRABALHO DO HISTORIADOR

Harley Abrantes Moreira (Mestrado) - UFRN

As artes pré-históricas costumam ser estudadas a partir da Arqueologia. Uma delas, a arte rupestre, vem sendo interpretada de diferentes maneiras, desde o século XIX, quando era entendida a partir da finalidade do simples prazer estético da arte pela arte, passando no início do século XX por teorias que a reconheciam como um modo de magia simpática, no qual os artistas controlavam os animais da vida real para o abate nas caças e, também como magia da fertilidade, quando os desenhos assegurariam a reprodução das espécies para garantir a alimentação. A partir das renovações historiográficas promovidas pela Escola dos Anales, o conceito de fonte foi ampliado e hoje já não depende das documentações escritas, podendo ser considerado qualquer vestígio humano registrado em algum ponto da linha do tempo. O próprio conceito de Pré-História passou a sofrer alterações, uma vez que está ligado à idéia superada de que somente a partir da escrita é que se torna possível falar em história. Dessa forma, convém perguntar: Por que a arte rupestre, estudada por outros campos de conhecimento, ainda não recebeu a devida atenção dos historiadores? O objetivo desta comunicação é apresentar o “quadro” de pinturas rupestres no Nordeste brasileiro como um campo de possibilidades para a pesquisa do período ágrafo na História do Brasil, chamando a atenção de historiadores para este tipo de fonte e para o estudo deste

período, que pode ser favorecido por perguntas e problematizações próprias do universo teórico da História. Neste texto, serão apresentadas algumas dificuldades para o trabalho dos historiadores com as pinturas rupestres, uma vez que as mensagens destas representações gráficas só podem ser compreendidas mediante os distantes códigos sociais dos grupos étnicos que as fizeram. Uma vez restritas as possibilidades de interpretação, pois as tentativas de compreender os grafismos localizam-se no plano conjectural, o que restaria ao historiador? Como trabalhar e proceder diante de tais fontes? Discutindo os problemas próprios da atividade historiográfica, esperamos refletir sobre os modos de pensar tais pinturas para, finalmente, apontar as oportunidades que elas representam para o avanço das pesquisas de um período bastante recuado na História da América e que vem sendo estudado por pesquisadores da Arqueologia, da Antropologia mas que, apenas timidamente, recebe a atenção dos historiadores.

“HISTÓRIA VISUAL E O USO DA CHARGE NO ENSINO DE HISTÓRIA”

Rayane Dionísio da Silva (Graduanda) - UERN

Este Trabalho intitulado tem como objetivo inicial, ao menos neste texto, mostrar a relevância do tema, que se dá pela importância, de demonstrar o campo da História Visual que está consolidando na historiografia, agregando análises que fundamentam o estudo das imagens, analisando aspectos formais da linguagem imagética ou problematizando a construção social. Deste modo, o objetivo é promover uma reflexão sobre o uso da charge na construção do conhecimento histórico no Ensino de História. Desta forma, a produção de charges, seja em jornais, revistas e livros didáticos refletem o surgimento de estereótipos vistos e ditos como característicos de uma sociedade com seus problemas e choques de forças que se divergem em determinado tempo e espaço. As charges são discursos que permitem a pluralidade de leituras, geralmente satirizadas sobre um determinado acontecimento seja, político, econômico e social, sempre de forma irônica e engraçada com intuito, de contribuir na compreensão de uma certa realidade social e para aquisição dos saberes históricos.

IMAGENS DA RUA: DESENHOS E PINTURAS DE MORADORES DA CASA DE ACOLHIDA SÃO PAULO DA CRUZ - CAMPINA GRANDE / PB

Yuri Max Araújo Tavares de Farias (Graduando) - UEPB
Gilvan de Melo Santos (Orientador) - UEPB

Tomando por base estudos do antropólogo Gilbert Durand, do grafólogo Pedro D'Alfonso, do psiquiatra Carl Gustav Jung e sua renomada discípula brasileira Nise da Silveira, que desafiaram o crescente iconoclasmo presente na história da ciência, nos séculos XVI, XVII e XVIII, influenciado pelo empirismo, o positivismo e o amplo projeto cartesiano, apresenta-se nesta discussão a relevância dos arquétipos e das linguagens simbólicas, tendo como base teórica estudos históricos e antropológicos

sobre a cultura, os mitos e rituais de diversas civilizações e suas relações com o consciente e o inconsciente coletivos, e as histórias de vida individuais dos sujeitos. Através da análise dos desenhos e pinturas feitos por moradores de rua da Casa de Acolhida São Paulo da Cruz, pretende-se visualizar e analisar significados escondidos naquilo que se pode configurar como "artes expressivas", especificamente, representações das vivências desses sujeitos outrora residentes no espaço público, acrescentando-se a isto a identificação histórica da construção da revalorização do símbolo no meio acadêmico e suas conseqüências, possibilidades e contribuições.

**IMAGENS EM LIVROS DIDÁTICOS DE HISTÓRIA DAS SÉRIES INICIAIS:
UMA ANÁLISE COMPARATIVA E AVALIADORA.**

Prof^a. Bárbara Barros de Olim - UFSE

No guia do livro didático do Programa Nacional do Livro Didático, consta, dentre os vários critérios de avaliação “observar se as ilustrações, importantes no auxílio à compreensão e potencialização do texto, são adequadas às finalidades para as quais foram utilizadas, de forma que sejam fáceis para o aluno apreendê-las, mas também que estimulem a curiosidade, o pensamento e as discussões entre os alunos”. Esses, dentre outros critérios fez o Grupo de Pesquisa em Ensino de História voltar-se para a análise das imagens nos livros didáticos quando seu principal projeto tornou-se a criação de uma coleção de livros regionais. Assim, o presente artigo tem como objetivo comunicar os resultados da análise de três coleções de livros didáticos de 1^a a 4^a séries, avaliando cada uma delas. As coleções utilizadas em nossa pesquisa são: *Projeto Pitanguá*, da editora Moderna; *Pelos caminhos da História*, da editora Positivo; *De olho no futuro*, da editora Quinteto Editorial, todas avaliadas pelo Programa Nacional do Livro Didático. A metodologia da pesquisa contou com o preenchimento e tabulação de dados de formulários sobre as imagens encontradas nos livros citados, contemplando os seguintes indicadores: tipo de ilustração, função didática da imagem, atividade relacionada a imagem, legenda, cor e orientação do manual do professor. Objetivando assim uma análise comparativa e avaliadora destas coleções. O exame foi amparado nos conceitos de níveis de leitura da imagem de Panofsky, de função didática da imagem, desenvolvido por Rodríguez-Diéguez com base na teoria das funções lingüísticas de Jakobson e no conceito de alfabetismo visual de Donis A. Dondis. A pesquisa a ser apresentada está concluída e consiste no trabalho monográfico, usado como pré-requisito para o término do Curso de Licenciatura em História, na Universidade Federal de Sergipe.



**GT 13 – HISTORIA E INTERNET: USOS, DESAFIOS E OPORTUNIDADES
PARA O TRABALHO COM FONTES HISTÓRICAS NA REDE MUNDIAL DE
COMPUTADORES**

Henrique Alonso de A. R. Pereira- UFRN
Sebastião Leal F. V. Netto – UFRN

Este grupo de trabalho pretende ser um espaço de debate e discussão sobre as múltiplas facetas e possibilidades do uso da internet como ferramenta para o manejo de fontes documentais e produção de pesquisa história. Neste sentido, o GT estará aberto à recepção de propostas de comunicação que contemplem o exame e debate sobre variadas práticas, temáticas e experiências, tais como: formas e processos de utilização de documentos de entidades públicas e privadas disponibilizados na internet; organização de acervos e arquivos digitais; experiências e projetos de digitalização de fontes; transcrição, catalogação e organização de documentos; experiências de utilização de acervos e documentos digitais na sala de aula e em atividades de ensino; desenvolvimento de projetos de pesquisa e extensão envolvendo documentos históricos em formato digital; discussão sobre métodos e técnicas para divulgação de documentos iconográficos (fotografias, caricaturas, litogravuras, vídeos e imagens em geral); usos e práticas de formatação, gravação e digitalização de documentos em áudio (entrevistas, programas radiofônicos, projetos relacionados à história oral); produção, edição e divulgação de documentos textuais em formato digital.

POR UM TRATAMENTO CONSTANTE DA RUÍNA ENQUANTO RUÍNA

Anna Maria de Lira Pontes- UFPB

As ações de preservação são diferentes conforme o tipo de monumento ao qual se aplicam. As ruínas, assim, são percebidas, e protegidas, diferencialmente uma vez que, por si só, despertam sentimentos e vivências peculiares à sua condição de apresentação e interpretação nas sociedades. E a defesa destas deve atentar para tais particularidades,

bem como debatê-las mais profundamente - em sua amplitude estrutural e alegórica. Baseado nisto, o trabalho em questão tem como objetivo discutir a preservação das ruínas através do desenvolvimento do seu conceito a partir da Segunda Guerra Mundial em correlação com a idéia de sociabilização do patrimônio histórico-cultural na atualidade e de como elas são percebidas nas Cartas Patrimoniais lançadas por órgãos internacionais como a UNESCO e o ICOMOS. Por meio destas análises, é possível perceber o pensamento que gira em torno da proteção e ações de intervenção em ruínas, ao qual propomos uma atenção maior a sua salvaguarda por meio de tecnologias digitais como a fotografia, fotogrametria digital, nuvem de pontos a partir de laser scanning, SIG (Sistema de Informação Geográfica), hipermídias, entre outros. Tecnologias estas que contam com importância em sua utilização enquanto registro e monitoramento do patrimônio histórico-cultural em ruínas. Para tanto, tomaremos como estudo de caso as Ruínas da Igreja de Nossa Senhora de Nazaré do Almagre, localizadas no bairro do Poço, Cabedelo-PB, ao perceber como a mesma modificou-se a partir de seu tombamento em 1938.

A POSSIBILIDADE DO USO DE TECNOLOGIA PARA PESQUISAS HISTÓRICAS E SEU MAPEAMENTO

Rafael Martins de Oliveira Laguardia (Mestrando) – UFJF

Esta comunicação visa apresentar a busca de uma metodologia para criação de mapas referentes a períodos e temas Históricos. Para tal busca faz-se uso do que há mais moderno em tecnologia digital, através do uso softwares peculiares que são capazes de assimilar e processar a informação histórica. Desta forma esta comunicação busca chamar a atenção para a necessidade de construção de programas próprios para a pesquisa histórica e que possam criar interfaces criativas e estimulantes para o desenvolvimento das técnicas, inerentes ao contexto atual, de pesquisa em história. A tentativa de construção de um mapa é um passo, mas não o único para tal empreitada. O uso de software se torna cada vez mais necessário para a pesquisa, por isto a principio far-se-á uso de programas de computador de outras áreas, mas este é um meio para se chegar a um programa voltado especificamente para a História.

APONTAMENTOS SOBRE O USO DOS SÍMBOLOS NOS MOVIMENTOS SOCIAIS NA AMÉRICA LATINA

Ildegarde Elouise Alves - UFRN
Camila Alves Duarte - UFRN

O presente trabalho faz parte de uma das pesquisas realizadas pelo projeto “Observatório de Cultura e Política das Américas (OCUPA)” que é um espaço acadêmico destinado ao arquivamento de documentação, análise e discussão de temas ligados à cultura, política e sociedade nas Américas contemporâneas que visa contribuir para a renovação do pensamento social sobre a América Latina, promovendo um debate de caráter multidisciplinar entre acadêmicos, pesquisadores e representantes de

organizações e movimentos sociais/culturais, tendo a internet como principal instrumento de obtenção de fontes e as compreendendo a partir de uma análise da História do Tempo Presente. Na construção deste arquivo, dedicamos um espaço destinado as imagens dos movimentos sociais latino americanos como fotografias feitas nas pesquisas de campo e símbolos retirados dos sítios eletrônicos oficiais das organizações, que funcionam como veículos de comunicação entre os diversos movimentos e a sociedade civil.

USOS DAS FONTES HISTÓRICAS DA INTERNET: OS EVANGÉLICOS E A MÍDIA

Daniel Ely Silva Barbosa - UFCG

Nas últimas décadas assiste-se a uma disponibilização de um conjunto de produtos religiosos evangélicos que atualmente se encontram presentes na mídia. Cada vez mais, não apenas não apenas os discursos da comunidade eclesiástica local e da denominação desempenham um papel na constituição da identidade do fiel, uma vez que estes vão pastar em campos cada vez mais amplos. Assim, ao longo do século XX, emerge também um novo perfil de fiel/espectador que passa a consumir programas de rádio, TV e sites da internet, numa combinação que envolve mídia, fé e mercado. Uma vasta literatura acadêmica tem se detido hoje no estudo da mídia como um todo. Acadêmicos têm pesquisado acerca das tecnologias visuais e estratégias de marketing empregadas. No que diz respeito ao segmento evangélico, em âmbito nacional, algumas pesquisas tem sido efetuadas neste sentido, no entanto esta é uma temática que ainda necessita de estudos a fim de se contemplar tanto este conjunto de elementos que cada vez mais circulam especialmente na internet, quanto os usos realizados pelos fiéis, noutras palavras, que relação estes estabelecem com este outro que lhes chega como um espetáculo. Lançando mão dos conceitos de estratégia (o lugar do próprio, do status quo) e de tática (da astúcia, do consumo) do teórico Michel de Certeau entendemos que uma análise que balize pregações em áudio e vídeo, textos escritos (em blogs, sites e outros), músicas em formato de áudio, shows em formato de vídeo, além dos domínios virtuais de grupos musicais e outras instituições religiosas devem ser avaliados da mesma maneira que o uso/consumo dos fiéis. E para construção desta história local o uso de depoimentos orais seria o recurso metodológico aplicado para uma melhor compreensão do que está sendo apropriado por parte dos participantes de comunidades eclesiásticas. Diante de tal problemática desejamos avaliar as inúmeras informações que são propagadas pela mídia, numa teatralização de símbolos que visam atingir o público expectador, e também o que o consumidor cultural fabrica com estas representações que lhe chegam, esta outra produção consumo não é o da passividade. De modo que, considerando as disponibilizações/representações e as apropriações possamos cartografar as trajetórias operacionais dos construtores desta história.

FERRAMENTAS DO NOVO EDUCADOR: O ESTUDO SOBRE A ESCRavidão AFRICANA POR MEIO DE BLOGS

Rodrigo Wantuir Alves de Araújo - UFRN
Waldínea Cacilda da Silva - UFRN

A maioria das instituições escolares ainda realiza o processo de ensino-aprendizagem de forma muito tradicional. Preparar os alunos para um mundo no qual as mudanças tecnológicas são recorrentes é fundamental para a formação de membros da sociedade do século XXI, que devem estar familiarizados com o computador e suas possibilidades de aprendizagem. Integrar tecnologias nos processos de ensino e aprendizagem pode gerar resultados positivos, e contribuir para a melhoria na qualidade da educação. É exigido aos professores aprender a utilizar as máquinas, os softwares e a modificarem os seus métodos de ensino. O uso da world wide web (Internet) como ferramenta pedagógica, facilita o acesso de professores e alunos a uma infinidade de conteúdos. O ambiente de aprendizagem online é constituído por três componentes: o aprendiz, as atividades e o agente de aprendizagem (o professor). O foco da aprendizagem é a busca da informação significativa, da pesquisa, do desenvolvimento de projetos e não somente a transmissão de conteúdos. Ver-se-á uma proposta de estudo sobre a escravidão africana por meio de blogs, que estão deixando de ser apenas "diário virtual adolescente" para virar palco de discussões e fontes de informações. Um desafio inovador para os educadores, mas necessário para desenvolver novas formas de aprender, criando novos espaços instrucionais que respondam a essas demandas para poder desenvolvê-las, aprofundá-las e ajudar a transformar a sociedade do conhecimento. Recursos como blogs são umas das opções mais dinâmicas de socialização dos conteúdos, com praticidade é possível criar, além de poder personalizar, projetos e atividades desenvolvidas em sala de aula, por meio da disponibilização de links de acervos digitais e da digitalização de imagens sobre a escravidão africana, possibilitará desenvolver pesquisas significativas. Com a crescente utilização de imagens, sons e vídeos, os blogs têm tudo para integrar na educação ferramentas tecnológicas que possibilitarão a melhoria do ensino de história.

**HISTÓRIA, RELAÇÕES INTERNACIONAIS E INTERNET: PRÁTICAS E
EXPERIÊNCIAS DE CATALOGAÇÃO DE DOCUMENTOS SOBRE
HISTÓRIA DAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS DISPONIBILIZADOS NA
INTERNET**

Henrique Alonso de A. R. Pereira - UFRN

O objetivo principal deste trabalho é o relato da experiência inicial de catalogação de documentos produzidos pelo governo dos Estados Unidos sobre as múltiplas facetas de suas relações com o Brasil. Este trabalho tem sido desenvolvido como projeto de extensão na UFRN e é intitulado "Catalogação de Documentos da História das Relações entre Brasil e Estados Unidos". Os documentos catalogados foram produzidos tanto pelo corpo burocrático presente no Departamento de Estado (órgão responsável pela política externa do governo dos Estados Unidos), como também pelas representações diplomáticas estadunidenses no Brasil. Todos os documentos estão disponíveis online para consulta e divulgação pública em dois gigantescos bancos de dados, sendo um no sítio do Departamento de Estado (www.state.gov) e outro criado pela Universidade de

Wisconsin (<http://digicoll.library.wisc.edu/FRUS>). Como os citados bancos de dados comportam enorme quantidade de documentos referentes a vários períodos (séculos XIX e XX) e países e regiões de todos os continentes, tem sido trabalho de seleção documental para consecução deste projeto. Dessa forma, o projeto se propõe a ampliar as fontes de pesquisa histórica para os alunos dos cursos de graduação e pós-graduação em história e para os pesquisadores de áreas afins.

SESMARIAS DO BRASIL: DEMOCRATIZAÇÃO DA HISTÓRIA AGRÁRIA COLONIAL

Helaine de Moura Cavalcanti - UFRN
Tyego Franklin da Silva - UFRN

Na chamada “era da informação”, quando a internet torna-se mais popular, a disponibilidade de acesso a conteúdos com rapidez e imediatismo vem ganhando um espaço cada vez maior no mundo dos pesquisadores. Essa realidade não se diferencia no trabalho do historiador, já que é cada vez mais frequente a disponibilização de fontes documentais por meio digital. Nesse sentido, governos e instituições diversas têm produzido acervos virtuais e disponibilizado seu conteúdo ao público de forma democrática, ampliando seu alcance e permitindo o acesso a registros cuja acessibilidade era antes limitada somente para aqueles que podiam deslocar-se até estes acervos. Este trabalho visa apresentar o projeto “Sesmarias do Brasil”, ainda em fase de execução. Sesmarias eram os títulos de concessão de terra utilizados na América portuguesa. Calcula-se que para o Brasil, no período colonial, tenham sido concedidas cerca de 16 mil cartas, embora tal cifra possa aumentar, já que nunca este levantamento foi até então realizado. Neste projeto, pretende-se a criação de um banco de dados contendo informações relevantes presentes no texto das cartas de sesmarias doadas em todo o período da colonização. O banco de dados será disponibilizado no site www.cchla.ufrn.br/sesmariasdobrasil, já acessível apenas com informações básicas sobre o tema. Inicialmente, tem-se trabalhado com os documentos referentes ao Rio Grande do Norte, que tem cerca de 929 cartas manuscritas sendo catalogadas, transcritas e as informações devidamente armazenadas em fichas catalográficas. As informações constantes nas cartas de sesmarias revelam o nome dos requerentes, sua ocupação, justificativas para a concessão e, finalmente, exigências e obrigações determinadas pela coroa portuguesa no momento de sua concessão. A importância do projeto reside no fato de ser o primeiro levantamento documental sobre a questão agrária no período colonial, possibilitando as pesquisas sobre o passado e permitindo o acesso às informações aos pesquisadores interessados no instituto de sesmarias, política oficial de distribuição de terras na América portuguesa.

BANCO DE DADOS ONLINE: O ENTENDIMENTO DO SISTEMA SESMARIAL POR MEIOS QUANTITATIVOS

Carmen Alveal - UFRN

No momento em que o debate acerca da utilidade do banco de dados do Tráfico Transatlântico de Escravos (Trans-Atlantic Slave Trade Database - T ASD), acessível pelo site www.slavevoyages.org, é realizado nos Estados Unidos, no Brasil, tem-se consolidado a idéia de um banco de dados para as concessões de sesmarias, realizado por pesquisadores de várias universidades. Alguns estudiosos tendem a minimizar o impacto de um banco de dados, reduzindo a análise dos índices extraídos a estudos meramente quantitativos. A história do banco de dados sobre o tráfico de escravos remonta à década de 1960, quando o pesquisador Herbert Klein iniciou a coletar diversas fontes. Num esforço internacional, aliando-se a outros pesquisadores renomados, como David Eltis, entre outros, o banco foi elaborado na década de 1960 e hoje disponibiliza diversas informações acerca das viagens realizados por navios negreiros, cerca de 35 mil. As informações contém: o ano de chegada ao destino, qual porto os escravos desembarcaram, o capitão do navio, a origem regional dos escravos, entre outros dados mais específicos. Longe de ser apenas um conjunto de números, as informações oferecidas pelo site são bastante relevantes e tem dado origem a diversos estudos acadêmicos, mas sendo também usado pelo público não especialista como referência sobre o estudo do tráfico atlântico. Com base no T ASD, o departamento de História da UFRN está elaborando o banco de dados sobre as sesmarias, iniciando com aquelas concedidas nas Capitâneas do Rio Grande, Paraíba e Ceará. O presente trabalho visa demonstrar a relevância e utilidade das informações contidas nas sesmarias e sobretudo ratificar a necessidade de um levantamento das sesmarias no Brasil colonial, já que até o momento o mesmo não foi feito. Especula-se que foram concedidas entre 16 mil e 20 mil cartas de sesmarias. Pretende-se que, em alguns anos e por meio de parcerias, o banco de dados possa conter informações daquelas que ainda existam ! registros, contribuindo para elucidar e complexificar a discussão acerca do sistema sesmarial.

HISTÓRIA E IMAGEM NO ORIENTE ANTIGO

Keidy Narely Costa Matias - UFRN
Ruan Kleberson Pereira da Silva - UFRN

O trabalho é desenvolvido com autoria (Keidy Narely Costa Matias) e co-autoria (Ruan Kleberson Pereira da Silva). O projeto "História e Imagem no Oriente Antigo" é desenvolvido por Keidy Narely Costa Matias e Ruan Kleberson Pereira da Silva, sob orientação da Professora Dra. Márcia Severina Vasques, fazendo parte do programa de iniciação à docência da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). A educação deve fomentar curiosidade e criticidade de modo a propiciar um maior aproveitamento e democratização do que se está sendo transmitido. Os recursos imagéticos são, sem dúvida, indispensáveis nas abordagens dos conteúdos transmitidos, sobretudo no campo historiográfico, consistindo como parte essencial para a reflexão do saber e, conseqüentemente possibilitando uma mudança gradual na mentalidade e na maneira dos docentes e discentes de enxergarem o meio. Nesse sentido, o projeto "História e Imagem no Oriente Antigo", busca através de ferramentas acessíveis aproximar as civilizações antigas dos tempos contemporâneos. Para isso, criamos um site e um blog que estão em constante desenvolvimento. O primeiro reúne um banco de

dados com imagens abordadas nos principais museus, indicações bibliográficas, artigos, mapas, projeções e demais dados atrelados à iconografia, possuindo assim, caráter científico para congregar docentes e discentes. O segundo funciona como uma agenda, em que os mentores do projeto informam à classe acadêmica e aos demais interessados sobre o que se está sendo produzido no meio. A produção intelectual de cada visitante é incentivada através de sua possível publicação, além de funcionar como um espaço de interação mútua entre admiradores da área. Em suma, a importância das análises imagéticas resulta em interpretações diversificadas quando se é permitido desenvolvê-las, conseqüentemente se apresenta de forma crescente e rompe com processos automatizados. Com efeito, o projeto “História e Imagem no Oriente Antigo” objetiva contribuir à melhoria das práticas metodológicas contemporâneas, de modo a despertar interesse e aprendizado em todas as partes envolvidas, através da ruptura com antigos paradigmas.

EMBATES NA ESCRITA E NO ENSINO DA HISTÓRIA: OBSERVAÇÕES SOBRE A ENCICLOPÉDIA ALTERNATIVA “METAPEDIA”

Eduardo Rabelo Matos - UFS

A primeira década do século XXI é marcada por uma democratização de comunicação, a internet que é o elemento de maior relevância, nasceu no período da Guerra Fria e atualmente, só faz ganhar adeptos em todo o mundo. Em meio a esta nova realidade de comunicação, percebemos a forma onde os mais diversos grupos: guerrilheiros, religiosos, dentre outros, tentam ganhar seu espaço e conseqüentemente adeptos a sua causa. A partir desse aspecto, iniciou uma pesquisa que propõem estudar os perigos da realidade da cibercultura, pesquisa esta, ainda em andamento sobre os grupos de extremas direitas e seus sites que vivem na rede mundial de computadores. Analisando alguns desses sites, chegamos à conclusão que esses grupos plágem a forma da wikipedia, devido ao seu grande sucesso de acesso em todo o mundo e encontramos uma enciclopédia digital alternativa de caráter fascista com o nome de Metapedia (<http://www.metapedia.org>). Onde foi verificado que suas idéias neofascistas são vinculadas a esta enciclopédia digital e assim conseqüentemente instruir indivíduos, hoje as enciclopédias digitais são um dos maiores suportes pedagógicos usado por alunos do mais diversos níveis. É de extrema importância estudar as ideologias encontradas nessas enciclopédias que serve de base para a sua construção. A Metapedia que possui cerca de dez idiomas e uma seção em Português, desde 2007, contém cerca de 500 verbetes, no qual são apresentados os mais diversos assuntos e contribuições dos seus idealizadores e simpatizantes. Iniciamos assim a análise através das leituras e fichamentos dos verbetes dos Holocaustos e Revisionismo Histórico, portanto, tentamos verificar as propostas dos idealizadores da Metapedia. À pesquisa dividi-se em três partes. A primeira trabalha com o verdadeiro objetivo dos seus idealizadores do portal. A outra trata do verbe do Holocausto e por fim, trabalha a opinião desta enciclopédia sobre o Revisionismo. Observamos um perigo em relação esta enciclopédia, pois esta coloca e ainda oferece links com idéias que transparecem as vítimas do Holocausto como carrasco e coloca figuras tipo Hitler como líder de uma ótima índole.

**DOCUMENTO ELEITORAL COLONIAL, IMPERIAL E DA PRIMEIRA
REPÚBLICA DO RIO GRANDE DO NORTE**

Maiara Juliana Gonçalves da Silva - UFRN

Propomos apresentar o Projeto Documentação Eleitoral Colonial, Imperial e da Primeira República do Rio Grande do Norte, desenvolvido pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte – orientado pela Prof^a Dr^a Fátima Martins Lopes - em convênio com o Tribunal Regional Eleitoral do Estado e com o Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte (IHGRN), que compreende a análise, catalogação e digitalização da documentação eleitoral disponibilizada por esse Instituto. O projeto tem como objetivo a constituição de mídias contendo toda a documentação digitalizada, a fim de formar-se um Banco de Imagens Documentais disponível na rede através do site do Centro de Memória da Justiça Eleitoral do Rio Grande do Norte. A fim de possibilitar que alunos do 2º grau, pessoas graduandas, graduados e pós-graduados, professores do Ensino Superior, bem como pesquisadores, tivessem livre acesso às fontes documentais arquivadas no IHGRN, o Projeto dá continuidade aos trabalhos para digitalização dos documentos. Trata-se, sobretudo, de Atas Eleitorais que contêm listas de eleitores e eleitos, descrições dos processos, registros de ocorrências e autos de apuração. O acervo de documentação eleitoral disponibilizado pelo IHGRN consiste em: Atas Eleitorais Provinciais – 1822 a 1889; Atas de Apuração de Votos para Deputados Provinciais – 1840, 18145 e 1846; Documentos Eleitorais – eleições para Juiz de Paz e vereadores – 1848 a 1869; Atas das Seções estaduais – 1891 a 1935. O projeto se apóia nas metodologias de arquivística para catalogar os documentos e utiliza-se de um scanner de mesa e microcomputador como instrumentos técnicos de informática que proporcionam a sua digitalização. No que concerne à metodologia, o Projeto desenvolve-se em três etapas: a elaboração de uma sistemática de coleta de informações por meio de uma Ficha de Recolhimento Documental, para a coleta de informações históricas; a seguir, procede-se o registro e Catalogação textual de cada documento e, por fim, a digitalização dos documentos originais. A disponibilidade de um Banco de Imagens Documentais Digitais, além de estimular e incentivar a pesquisa sobre a História das Eleições no Rio Grande do Norte, possibilitará o “resgate” das informações históricas, a consulta a tais fontes, de forma que sejam minimizados os malefícios, mesmo que involuntários, causados na manipulação dos documentos originais, e um acesso mais fácil e rápido, uma vez que torna disponível eletronicamente a documentação eleitoral do Rio Grande do Norte, permitindo o desenvolvimento de novas pesquisas, descortinando um aspecto da nossa história tão pouco conhecido.

**"HISTÓRIA ANTIGA E INTERNET – O PROJETO “HISTÓRIA E IMAGEM
NO ORIENTE ANTIGO”**

Marcia Severina Vasques - UFRN

O projeto de monitoria "História e Imagem no Oriente Antigo" foi planejado para auxiliar a disciplina de História Antiga ou suas similares, no sentido de criar uma maior

aproximação dos discentes com a temática abordada. A criação de um blog e também de um site na internet objetiva proporcionar aos alunos envolvidos no projeto, mas também à comunidade externa que acessa a web, fontes de pesquisa para uma área carente de bibliografia no Brasil, sobretudo em bibliotecas fora da região sudeste. Enquanto o site funcionaria como uma fonte de pesquisa propriamente dita, comportando um catálogo online de acervos disponíveis na internet, sistematizados em fichas tipológicas, o blog atuaria como meio de interatividade entre os usuários e os gerenciadores do projeto. Propomos apresentar nesta comunicação os objetivos do projeto e seu desenvolvimento até o presente momento.

COMÉRCIO EXTERIOR E RELAÇÕES INTERNACIONAIS ENTRE BRASIL E EUA NO INÍCIO DA GUERRA FRIA

Luiz Carlos Werneck

O objetivo principal deste trabalho é a análise de um cabograma enviado pelo secretário de Estado Americano Edward R. Stettinius ao encarregado americano no Brasil Daniels. Neste cabograma, o secretário de Estado explica os motivos de continuar com que empresas brasileiras, que passaram por certo critério, estejam em uma Lista Confidencial. Stettinius expõem sete argumentações para mostrar a necessidade da continuação da Lista Confidencial no Brasil, mostrando também uma abertura para a sua reestruturação, dentre alguma desses argumentos se destaca a necessidade de protecionismo ao mercado americano. Outro argumento focado, e usado, para analisar a inserção ou exclusão de algum nome a Lista Confidencial se trata da Lista Negra Britânica, que possui a mesma finalidade. Nesta Lista Confidencial, a priori deve mostrar quem não preencheria os pré-requisitos, não especificados no documento, para manter relações comerciais com os Estados Unidos. Nos argumentos expostos, deixa claro que a posição militar brasileira em apoio aos Estados Unidos é considerada, mas essa consideração deverá ser feita minuciosamente para se precaver economicamente, argumentando que as outras Repúblicas americanas também pedem com o fim de tal Lista.

Este documento faz parte de um projeto maior, intitulado “CATALOGAÇÃO DE DOCUMENTOS DA HISTÓRIA DAS RELAÇÕES ENTRE BRASIL E ESTADO UNIDOS (1945-1947)”, sob a orientação do professor doutor Henrique Alonso Albuquerque*, que trabalha procurar catalogar documentos disponibilizados na internet em dois bancos de dados, sendo um no sítio do Departamento de Estado (www.state.gov) e outro criado pela Universidade de Wisconsin (<http://digicoll.library.wisc.edu/FRUS>).

*Orientador do projeto

pensam que é o tema que circunscreve a historicidade do trabalho, mas isso é um engano, o que faz com que o trabalho esteja inserido dentro de uma determinada tradição é a própria habilidade de quem o opera, os recortes que nele se instauram.

O MUNDO SIDERADO: O DASEIN COM UMA DOR

Carlos Alberto Alves de Souza (Mestrando) - UFCG
Prof. Dr. Alarcon Agra do Ó (Orientador) - UFCG

Como Estava Triste O Céu: Se o texto do Barthes (Fragmentos de um discurso amoroso) é justificado pela necessidade da extrema solidão do discurso amoroso, falado por milhares de pessoas (talvez?), mas não sustentado por ninguém. Aqui, neste texto por ele também inspirado, ao invés de um enamorado que fala e que diz, escutaremos algumas idéias de dissertação falando e dizendo acerca de seu próprio texto: fala solitária demais a deste discurso, parece que sustentada por todos aqueles que a diz. Nesse texto será lido, o meu problema de dissertação, que vem sendo desenvolvido a partir das trilhas da fenomenologia hermenêutica do Martin Heidegger. Espero que entendam que essa trilha “nada tem a ver” com aquela deixada por Edmund Husserl, a fenomenologia hermenêutica que lido, se refere a M.Heidegger e ao seu conceito de Dasein, que rompe com a fenomenologia da consciência, instaurando uma hermenêutica do ser-aí que só pode ser no tempo, em jogo com a história. Nesse sentido procuramos interrogar como nas primeiras décadas do século XX a literatura do Graciliano Ramos, Rachel de Queiroz e José Lins do Rego, produziram uma rostidade de solidão ao envelhecer, ou seja, como é possível a produção da sinonímia solidão-velhice nesses textos.

DE VOLTA PARA CASA: UMA HISTÓRIA DA LOUCURA EM CAMPINA GRANDE DURANTE A REFORMA PSIQUIÁTRICA

Mirella Cândido Burity de Oliveira (Mestranda) - UFCG
Prof. Dr. Alarcon Agra do Ó (Orientador) - UFCG

Em 30 de Junho de 2005, 176 internos do Hospital João Ribeiro foram retirados da instituição devido ao seu descredenciamento pelo Sistema Único de Saúde (SUS). A maior parte deles, 69 internos, foi encaminhada para o Serviço de Referência e Saúde Mental de Campina Grande, 16 foram, por sua vez, levados para Residências Terapêuticas existentes na cidade desde maio do mesmo ano. Os outros foram levados para suas “casas”. Esse procedimento aconteceu após o período de Intervenção pela qual o hospital passou desde o final de 2004 e que seguiu as novas diretrizes da Saúde Mental que construíam e constroem um novo espaço para a loucura, um outro discurso sobre o transtorno mental, novas sensibilidades acerca da loucura: os portadores de transtornos mentais, os profissionais envolvidos, os familiares, agora inseridos nas práticas de tratamento, e a sociedade que passa a conviver mais de perto com esses indivíduos, viveram e vivem, sentiram e sentem a loucura de outras maneiras. Este trabalho intenta sentir essas mudanças e não-mudanças, os ditos e os não-ditos.

Partimos de uma inquietação acerca dessa “volta para casa”. Como se deu? Para qual casa esses pacientes voltaram? Quem os recebeu? Uma inquietação diante dessa mudança no tratamento aos pacientes com transtornos mentais na cidade de Campina Grande e essa tentativa de dar início a uma nova maneira de ver, sentir e tratar o “louco” na cidade. Ao mesmo tempo, estudar de que maneira se deu e se dá o tratamento direcionado a esses indivíduos, que já nem são mais os mesmos, nos desperta sensibilidades presentes, já que ainda vivenciamos o contexto de tentativa de consolidação das mudanças propostas pela Reforma Psiquiátrica com a Lei Paulo Delgado, e que chegou a Campina com a criação dos Centros de Atenção Psicossocial, com suas propostas de tratamento dos portadores de transtornos mentais com serviços não-asilares, oficinas terapêuticas e participação da família em busca de uma reinserção! o desses indivíduos na sociedade e principalmente defendendo o discurso de um tratamento mais humanizado e que respeite os direitos dos indivíduos atendidos. Assim, o nosso ofício de historiador ao lidar com um tema do presente, por vezes negado na Academia, requer uma metodologia de pesquisa que abra espaço para as sensibilidades, para o sentir, que abra espaço para o que inquieta, o que dói, o que impressiona. Afinal, o que sentimos diante da Nau dos Loucos?

O CORPO BIOGRAFEMÁTICO: CLARICE LISPECTOR

Alexandre Castro de Farias (Mestrando) - UFCG
Prof. Dr. Alarcon Agra do Ó (Orientador) - UFCG

O que aqui se propõe é um estudo dessa outra forma de amizade: a amizade na escrita das correspondências. De Deleuze a Foucault, é amizade como uma categoria ou uma condição do próprio pensamento; de Blanchot a Derrida, a amizade como pensamento do talvez, relação com o outro que se inscreve na separação absoluta, na distância tomada ou no desconhecimento que é a resposta própria a uma amizade imemorial que não se deixa escolher ou até mesmo viver no atual, pois faz parte de uma experiência da espera e se coloca no lugar onde uma responsabilidade de um para outro se abre ao inesperado e à exceção, à vinda do que vem. É este espaço da ética, morada e limite do pensamento, que agora temos de pensar. Desse modo, a partir do estudo de algumas cartas da escritora Clarice Lispector, procuramos refletir sobre as formas da amizade na literatura de si das correspondências, a relação singular tecida entre o trabalho de si para consigo e para com o outro e o caráter ético e estético do sujeito que se fabrica no espaço dialógico da amizade e das epístolas. Literatura menor, feita da dobra da escrita sobre si, pois se tratará, nela, de desprender o sujeito de si, transformação exercida mediante o ato de escrever enquanto prática de si. Estas teias da escrita da amizade sobre si mesmo serão o tema, apenas o interminável exergo a uma tarefa poética.

A PENA DE BELISÁRIO: NARRATIVAS DE NORDESTE NAS CORRESPONDÊNCIAS DE BELISÁRIO PENNA

Prof. Dr. Iranilson Buriti de Oliveira - UFCG

A presente pesquisa aborda as imagens construídas pelo médico Belisário Penna (1868-1939) sobre os sertões da Paraíba e do Rio Grande do Norte nas correspondências que o mesmo enviou ao médico paraibano Flávio Maroja, e ao Dr. Accácio Pires, chefe do setor de Profilaxia Rural da Paraíba. Tais correspondências, escritas no período de 1921 a 1926, apresentam cenários de sertão descritos como lugares “excelentes para se viver”, principalmente no que concerne à parte chamada Seridó, narrada por Belisário como um pedaço de Sertão habitado por “uma gente sadia e robusta, operosa e civilizada, constituída de brasileiros genuínos, sem mistura, que lutam heroicamente com uma natureza hostil e a vencem pelo trabalho e pela inteligência, graças à saúde que desfrutam, porque ali desconhecem geralmente a opilação e a malária”.

HISTÓRIA E SENSIBILIDADES: UMA ANÁLISE DA PRODUÇÃO HISTORIOGRÁFICA SOBRE OS AFETOS NA CONTEMPORANEIDADE

Raniery Bezerra da Silva (Graduando) - UEPB
Dr. Joedna Reis de Meneses (Orientadora)

A nossa pesquisa sobre as sensibilidades nasce a partir da idéia de que o conhecimento histórico, nos últimos 30 anos, tem buscado ampliar as suas abordagens e inserido a temática dos afetos nas publicações de diferentes historiadores. Tem o objetivo de analisar a produção Historiográfica sobre as sensibilidades, destacando as possibilidades de existência de um discurso historiográfico sobre os afetos na contemporaneidade. O trabalho vem sendo desenvolvido a partir da análise de livros que abordam o tema sensibilidades destacando o fato de que existe uma multiplicidade de olhares presentes na Escrita da História. Analisamos algumas produções historiográficas acerca das sensibilidades e, de fato, observamos que os primeiros contatos com a escrita dos afetos são muito tímidos no Brasil, a partir do final dos anos de 1980. O desenvolvimento da pesquisa tem demonstrado, cada vez mais, a importância de realizarmos uma análise historiográfica e, especificamente, sobre a historiografia das sensibilidades, tendo em vista que diferentes obras publicadas no final dos anos de 1990 abordam as temáticas do amor, da solidão, da saudade e das emoções de um modo geral e, sem dúvida, merecem uma narrativa sobre a emergência destas temáticas no trabalho dos historiadores. Partimos do pressuposto que nenhum objeto de pesquisa aparece repentinamente. De alguma maneira, em algum lugar, é possível estabelecer contatos iniciais. Nos últimos tempos, de uma maneira geral, tem-se tentado pensar na construção de uma história diferente em que se objetiva estabelecer um novo caminho e que tem como princípio norteador o aparecimento da História Cultural, assim, mudando o significado de uma resposta da interação do historiador com o seu objeto. Conseguindo alargar a visão do historiador em relação ao objeto de pesquisa e, desse modo, criando um campo de abordagem gigantesco. A pesquisa aqui relatada objetiva aprofundar os conhecimentos em torno da historiografia. Para o presente Seminário, pretendemos expor a análise das obras selecionadas, até o presente momento, sobre a temática das sensibilidades de maneira específica como também as de caráter teórico e literário no desenvolvimento das nossas atividades de pesquisa. Promovendo assim reflexões de temas como: discurso histórico, metodologia da história, transdisciplinaridade, análise historiográfica, sensibilidades e afetos.

A PRODUÇÃO SOCIAL-HISTÓRICA DO AMOR

Vergas Vitória Andrade da Silva (Doutoranda) - UFRN

O amor romântico, ideal ocidental que marca presença na Europa do século XVIII, constituiu-se num valor central no imaginário social das sociedades modernas, tendo seus reflexos, até hoje, nas sociedades contemporâneas. Levando em conta essa assertiva, o presente trabalho pretende discutir o ideal de amor romântico dentro de uma perspectiva teórica que o inscreve numa produção social-histórica. Tendo isso em vista, admite-se que esse ideal nem sempre existiu, ao contrário, trata-se de um fenômeno social datado. É nesse sentido que se delega ao concurso das ações humanas a invenção do amor. Por isso, essa orientação teórica o considerado um empreendimento humano que é tecido por significações distintas conforme sua localização cultural, haja vista que é possível encontrar testemunhos do amor alhures, ou melhor, evidenciam-se práticas amorosas ao longo da história que diferem daquelas expressas pela cultura ocidental moderna. Em vista disso, o trabalho refere-se a expressões greco-romanas sobre o amor, antes do aparecimento do Cristianismo, na Europa do século XII, ver-se a invenção da noção do amor cortês e no Brasil Colônia expressões de amores e paixões brasileiras.

AMOR MATERNO: A CONSTRUÇÃO DA RELAÇÃO ENTRE MÃES E CRIANÇAS NO CUIDAR

Adriana Aparecida de Souza (Doutoranda) - UFRN

Dr. José Willington Germano (Orientador)

Na história da Sociedade Ocidental notamos que a relação entre mãe e filhos nem sempre foi tão próxima: em alguns momentos históricos, por exemplo, não havia laços afetivos entre estes sujeitos. Essa relação foi sendo modificada de acordo com as necessidades presentes na sociedade. Diante destas observações, as reflexões delineadas por este trabalho buscam discutir a construção social do amor materno como um elemento importante para o cuidar de crianças na sociedade brasileira. As modificações relacionadas à maternidade e aos cuidados maternos no Brasil articulam-se com as transformações econômicas que permitiram a organização dos Estados modernos e acompanharam a instalação da ordem econômica burguesa a partir do Século XVII (ARIÈS, 1978, BADINTER, 1985, DEL PRIORE, 1991). Assim, busca-se perceber historicamente como as relações de amor entre mães e filhos foram sendo tecidas e legitimadas no interior da sociedade brasileira. Em linhas gerais, pode-se dizer que a exaltação ao amor materno é um fato relativamente recente dentro da história da Civilização Ocidental, constituindo-se como um tipo de vínculo tradicionalmente descrito como “instintivo” e “natural” sem nenhuma relação com o contexto das representações sociais compartilhadas pelos indivíduos. O trabalho ancorou-se em estudos bibliográficos, dos quais merecem destaque as contribuições de Philippe Ariès (1978), em sua obra “A construção social da família”; Elisabeth Badinter (1985) em seu livro “Um Amor conquistado: o mito do amor materno”; e Mary Del Priore (1991) em

seu trabalho intitulado “História das crianças no Brasil”. Palavras-chave: Amor; Cuidar; relações mães e filhos

**AS SENSIBILIDADES DIANTE DA MORTE: SENTIMENTOS E
RELIGIOSIDADE NA SOCIEDADE MARAGOJIPANA NA TRANSIÇÃO DO
SÉCULO XIX ATÉ AS PRIMEIRAS DÉCADAS DO XX**

Antonio da Conceição Nascimento (Mestrando) - UNEB

Esse artigo é produto de um levantamento inicial de fontes e possibilidades de uma pesquisa que pretende analisar as sensibilidades do homem maragojipano diante da morte na Primeira República, período que significou a concretização legal de um Estado laico e separou a Igreja do Estado, fato que interferiu diretamente nos assuntos relacionados à morte. O recorte aqui estudado deve-se às primeiras fontes documentais encontradas, mais especificamente os inventários com testamentos escritos na transição do século XIX até a primeira década do XX, que cruzados com alguns túmulos que datam das décadas posteriores alcançando a primeira metade do século XX permitem visualizar os sentimentos e a religiosidade que são suscitados no momento da hora derradeira tanto por aqueles que se vêem diante da morte, quanto por aqueles que precisam lidar com a morte do outro.

**“O CABA CAVA A COVA E LEVA A VELA PRA NÃO MORRER SEM ELA”:
SENTIMENTOS E HISTÓRIAS DE VIDA, MORTE E DE CORPOS
MUTILADOS NO CAULIM”**

Inairan Cristino Cunha (Graduado) - FIP

O caulim é a principal fonte de emprego e renda de boa parte da população em Junco do Seridó-Paraíba. Por possuir um imenso potencial caulínífero onde o explora para fins comerciais há mais de 50 anos, durante esse tempo, ele tem sido produzido de forma predatória, utilizando métodos artesanais antigos e precários. Devido a esse fato, as produções científicas feitas por universidades e órgãos competentes das várias instâncias governamentais tinham como denominador comum, em sua grande maioria, a questão econômica e ambiental. Contudo, fica o seguinte questionamento: e os sujeitos históricos, isto é, os garimpeiros que exploram o caulim, onde estão suas histórias de vida? No intuito de responder essa pergunta, buscamos iniciar uma pesquisa relacionada aos trabalhadores que exploram o caulim diretamente nas banquetas, problematizando os sentimentos relacionados à sua atividade cotidiana, expressos em seus discursos de vida e de morte. Com isso, a partir da análise dos sentimentos de medo, de angústia, de insegurança; a felicidade e a batalha diária pela sobrevivência contidas nesses relatos e dentro do contexto histórico e social ao qual estão inseridos esses trabalhadores, objetivamos apresentar um estudo sobre os garimpeiros da lavra do caulim, analisando como essa atividade propicia ganhos: retorno financeiro imediato para o seu sustento e de sua família; ao mesmo tempo em que contribui com grandes perdas: mortes e corpos

mutilados por causa dos desabamentos e doenças provocadas pela silicose. Nesse sentido, pretende-se que o trabalho forneça um diagnóstico histórico e social dos garimpeiros, bem como, a partir de suas histórias de vida e de morte possamos ver além das questões econômicas e ambientais que perpassam a maioria dos discursos sobre o caulim, ou seja, propomos investigar suas experiências cotidianas, as estratégias de prevenção de acidentes e os sentimentos de vida e de morte que acompanham esses trabalhadores na sua luta constante pela sobrevivência e no processo de construção de suas identidades.

PROCESSOS DE SIGNIFICAÇÃO E SENTIDOS CONSTRUÍDOS ATRAVÉS DO “DAR A LER E ESCREVER” NAS DÉCADAS DE 50 E 60 EM CAMPINA GRANDE

Fernanda Pires da Costa (Graduanda) - UFCG
Dr. Iranilson Buriti de Oliveira. (Orientador)

Esta comunicação tem como objetivo analisar a relação entre as práticas de leitura e de escrita com o processo de significação do sujeito campinense, nas décadas de 50 e 60. As práticas, de leitura e escrita, estão sendo analisada a partir dos discursos de intelectuais campinenses publicados na Revista Campinense de Cultura dos anos de 1964, 1965 e 1966, e também nos jornais, O Rebate e Diário da Borborema que circulavam no período em pesquisa. Com a perspectiva de refletir sobre os modos de “dar a ler e escrever” pelos sujeitos leitores e escritores para a construção de significados e sentidos lançamos mão de um referencial teórico-metodológico baseado na história pós-estruturalista, principalmente os estudos de Larrosa, sobre a leitura e a escritura, e de Stuart Hall sobre a construção de identidades. Essas escolhas são marcadas por lugares e interesses múltiplos, por argumentações, significações e sensibilidades.

A CONSTRUÇÃO DAS PRÁTICAS SALESIANAS NA CONJUNTURA SOCIAL CEARENSE (1920-1940): A QUESTÃO DOS ARQUIVOS ECLESIAÍSTICOS.

Janaina Muniz Cavalcanti

O presente trabalho tenta dialogar com a importância da pesquisa em acervos eclesiásticos, cujo quais se verificam como aparelho de acesso delicado. As fontes utilizadas compreendem o jornal O Nordeste, trabalhado como fonte devido a acessibilidade de alguns arquivos onde se encontrava, como no Setor Hemerográfico da Biblioteca Pública Menezes Pimentel. O jornal O Nordeste, criado em 1923 pela Arquidiocese da Igreja Católica do Ceará, tinha como objetivo divulgar e articular atividades e projetos políticos pensados pela Igreja junto a grupos sociais que também correspondiam às camadas mais engajadas na propagação de valores, o que reforça a idéia de construção de lugares sociais que aferiam o monopólio de um comportamento e saber legitimado por um poder instituído; Cartas Pastorais, que objetivavam lançar diretrizes e recomendações políticas, religiosas e sociais aos paroquianos da capital e

interior e que, hoje estão em parte localizadas no Setor de História Eclesiástica do Seminário da Prainha (instituição religiosa criada em 1864, com a função de homogeneizar a formação do clero local através das diretivas provindas de Roma); e, por ora o Compêndio de Civilidade para Famílias e Institutos Educacionais de aquisição particular. A diversidade dos aparelhos de pesquisa resulta também na pluralidade da tipologia de fontes encontradas, ocasionando a construção de um corpus documental rico em possibilidades de intercruzamentos. Seria através do mapeamento destas fontes, e locais de produção e arquivamento que poderemos documentar o campo de atuação espacial e social da Congregação no Estado do Ceará e, por conseguinte, problematizar de que maneira podemos pensá-la como elemento importante, através de suas práticas, de transformação/reprodução dos lugares sociais e de atuação política destes no período de 1920 a 1940. Ao dia 26 de abril de 1933, fundou-se o primeiro estabelecimento educacional salesiano de Fortaleza: o Collégio Maria Auxiliadora. Tal cerimônia de inauguração além de contar com o financiador direto da iniciativa, o coronel Juvenal de Carvalho, e fez-se registrar, às páginas do jornal O Nordeste, a acolhida do Arcebispo Dom Manuel, salientando ao papel da escola “não só satisfazer a inteligência, mas também ao coração”. Vale salientar que o Collégio Maria Auxiliadora não foi a primeira instituição salesiana a ser instalada no Ceará. No entanto, no presente, estudo pretende-a como ponto de partida para a construção de uma teia de vestígios que nos lance bases para a compreensão de um projeto, uma conjuntura e, talvez, reflexão acerca da próprio papel social do historiador-pesquisador.

**A HISTÓRIA DA LOUCURA EM CAMPINA GRANDE-PB. ESTUDOS SOBRE
O INSTITUTO CAMPINENSE DE NEUROPSIQUIATRIA E REABILITAÇÃO
FUNCIONAL (HOSPITAL DR. JOÃO RIBEIRO)**

Maria do Socorro Silva (Graduada) - UFCG
Prof. Dr. Iranilson Buriti de Oliveira (Orientador) - UFCG

Este trabalho caracteriza-se como pesquisa em nível de mestrado, discutindo a História da Psiquiatria e da medicina higienista mental em Campina Grande-PB(1963-2005), investigando a emergência do saber médico higienista-mental e de que forma este saber médico psiquiátrico tornou-se socialmente reconhecido, discutindo a Assistência e a Reforma Psiquiátrica, problematizando a relação com o cuidado do corpo e com o controle dos sujeitos "anormais".

**MULHER, FAMÍLIA E CASAMENTO NA CAPITANIA DA PARAÍBA:
SENSIBILIDADES A FLOR DA PELE**

Naíne Cavalcanti de Oliveira (Graduada) - UFCG
Prof^a. Dr^a. Juciene Ricarte Apolinário (Orientadora) - UFCG

Ao longo dos séculos a família foi considerada como o centro gravitacional na organização da sociedade. Com o advento do cristianismo o casamento foi tido como o principal meio pelo qual a família poderia ser constituída de uma maneira legítima, perante Deus e os homens. Dessa forma esta família seria, teoricamente, constituída por uma união monogâmica onde o “amor carnal” daria lugar às regras de conduta que caracterizavam este tipo de sentimento como pecaminoso. Esse “modelo” de família ocidental/cristã invadiu, ou tentou invadir, as mesmas terras que os colonizadores portugueses conquistaram há anos atrás, a região que eles passaram a chamar de Brasil. Entretanto, estas terras eram cheias de prazeres, pecados e sensibilidades, onde a lei era vista e revista, mas no cotidiano as práticas eram bastante diferentes do que era pregado pela Igreja. Sabemos também que por muito tempo o casamento foi visto como um grande negócio. Sendo assim, as famílias buscavam encontrar boas uniões e com eles bons “rendimentos” não importando os meios pelos quais estes ajuntamentos aconteciam, burlando os olhos da sociedade e até mesmo da Igreja com matrimônios entre primos de terceiro grau, exemplo de um pecado absurdo aos olhos dessa grande instituição religiosa que dominava e guiava a vida de seus súditos. De acordo com a leitura realizada para este estudo percebemos que no Brasil, mais especificamente na capitania da Paraíba, a família poderia ser vista no plural, visto que para cada componente deste “órgão” poderiam ser atribuídas várias faces e práticas em seu cotidiano. Nesta pesquisa iremos estudar a constituição do que seria o ideal de família, tendo em vista as normas da Igreja e as leis dos homens, buscando características específicas da constituição familiar na Paraíba colonial. Analisaremos também os vários papéis da mulher, do homem, dos filhos, legítimos ou não, nesta grande teia onde personagens do cotidiano da Paraíba colonial teceram suas histórias.

UM OLHAR DOENTE: REFLEXÕES SOBRE SÃO BERNARDO DE GRACILIANO RAMOS.

Alanny Paulo Ricardo de Almeida (Graduanda) - UFCG
Prof. Dr. Iranilson de Oliveira Buriti (Orientador) - UFCG

Graciliano Ramos em sua obra *São Bernardo* vem trazer uma série de reflexões sobre os sujeitos, suas representações e suas práticas de apropriação. Nesse sentido iremos problematizar a percepção das idéias socialistas no romance, os discursos e os imaginários apresentados, colocando em suspensão a visão das idéias comunistas como patologias. As possíveis transgressões de Madalena, que não se submete ao processo de reificação de Paulo Honório estimula um intenso debate. Ao refletir sobre a relação de Paulo Honório e Madalena devemos atentar para elementos verossímeis introjetados por Graciliano Ramos em sua narrativa. Para isso contemplaremos a relação texto, contexto e intertexto. Analisar reflexões sobre a década de 1930, sobre discursos disciplinadores e transgressores, idéias comunistas, preceitos morais, políticos e religiosos. Além da relação entre história e literatura estabeleceremos um eixo com a história da saúde e da doença, ao problematizar a visão de Honório para com Madalena. Esta apresentada por como uma mulher frágil, que passa a ser vista não apenas como uma doente física (fato narrado pelo protagonista em sua descrição de Madalena, como fraca e debilitada), mas também como uma enferma moral, pois suas reflexões sobre o comunismo inquietavam Paulo Honório, e transgrediam suas imposições. O incomodo citado vai fornecer vários

atritos no decorrer do romance, e é justamente essa questão que vai nortear essa pesquisa. Colocar em suspensão essa problemática, traz a tona uma série de questões, ao apresentar esse tema Graciliano Ramos lança uma reflexão sobre a imagem que a sociedade brasileira tinha do comunismo, visto muitas vezes como o anti-cristo, como uma doença moral, ou até mesmo como loucura, imaginário que agravava preconceitos e discursos repressores principalmente se as idéias partissem de mulheres, como Madalena. Ao decorrer deste trabalho tentaremos problematizar estas questões, trabalhando com categorias de representações e apropriações, relações de poder e identidades.

**“ESCULÁPIOS PATRIÓTICOS”: PRÁTICAS E SABERES MÉDICOS NA
REPÚBLICA DA PARAÍBA (1919-1930)**

Lucas Herculano Lima (Graduando) - UFCG
Iranilson Buriti de Oliveira (Orientador) - UFCG

Este trabalho tem como objetivo abordar o momento republicano na Paraíba (1919-1930) e a instauração de verdades sobre o corpo familiar, visando à construção de homens e de mulheres “ideais” à pátria que ora se republicanizava. Para tanto, muitos dispositivos de poder foram utilizados para disciplinar o corpo e a mente do cidadão brasileiro, sendo o discurso médico um dos saberes que em muito contribuiu para a cristalização da imagem do “bom cidadão”. Tendo como fonte os discursos de Eptácio Pessoa sobre saúde e educação, as correspondências de Belisário Penna a médicos paraibanos no período de 1920 a 1926, os relatórios de Estado, o Jornal A União e as fichas dos alunos do Instituto Pedagógico Campinense, e como enfoque teórico-metodológico a Nova História Cultural, discutimos os saberes que foram gestados e as “civilidades” que foram implantadas visando moldar o corpo do cidadão brasileiro à “ordem” e ao “progresso” republicanos. O discurso médico higienista foi priorizado neste trabalho, por entendermos que a Paraíba vivenciava um momento de muitas reformas nessa área, sob os empréstimos culturais de um ideário modernista e progressista, importado, em grande medida, de países europeus e dos Estados Unidos da América. Dessa maneira, civilizar era a palavra de ordem estampada em muitos discursos, e aos médicos foi confiada a tarefa de limpar o paraibano das tatuagens do atraso que em muito contribuía para sujar a imagem da Paraíba em outras plagas.

Irlan Mark Elias Vieira - Graduando em História – UFS
Prof. Dr. Dilton Cândido Santos Maynard (Orientador)

A pesquisa está incluída no plano de trabalho do projeto Sítios da Intolerância: uma história da extrema-direita no ciberespaço (1996-2008), aprovado pelo Programa de Auxílio à Integração de Docentes e Técnicos Administrativos Recém-Doutores às Atividades de Pesquisa – PAIRD (2008). Atuando no projeto como voluntário, o autor desta comunicação levantou e analisou o material do extinto site www.valhalla88.com; o maior site neonazista brasileiro. O www.valhalla88.com alcançou a significativa marca de 200 mil visitas diárias antes de ser retirado do ar pela Polícia Federal brasileira, em agosto de 2007. As diferentes páginas desta web site apresentavam forte apologia ao racismo e à ideologia nazista, além de convocar seus visitantes ao ativismo político. O portal oferecia farto material propagandístico sobre o nacional-socialismo. Apesar de não estar mais ativo, o conteúdo deste site continua sendo utilizado por vários outros sítios dedicados à intolerância, tal como o www.nuevorden.net, portal Europeu muito ativo e agressivo, que disponibiliza todo seu conteúdo em português do Brasil e mantém um espaço reservado para exibição do conteúdo do extinto Valhalla88 de onde extraímos o conteúdo utilizado nesta pesquisa. Este acervo digital foi estudado considerando-se conceitos como extrema-direita aqui entendido como, extremismo convencionalmente considerado como de direita, sendo uma emanção direta de classes e categorias sujeitas a uma repentina perda de status e condição, com uma drástica redução da sua influência política; e o termo neofascista geralmente vinculado ao nacionalismo, nativismo, anticomunismo e oposição ao sistema parlamentarista e à democracia liberal; e cibercultura que segundo Pierre Lévy é constituída pelo conjunto de técnicas, práticas, atitudes, modos de pensamento e valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço. Portanto, a investigação evidencia como a internet tem facilitado a veiculação do trabalho dos grupos extremistas e, ao mesmo tempo, tem sido veículo preferencial de divulgação, comunicação, intercâmbio de arquivos e ideais, enfim, como um espaço proveitoso para propagação dos movimentos neofascistas.

CIBERCULTURA DA INTOLERÂNCIA NO PORTAL RADIO ISLAM (2001-2008)

Karla Karine de Jesus Silva (Graduanda) - UFS
Prof. Dr. Dilton Cândido Santos Maynard (Orientador) - UFS

Esta pesquisa analisa o site sueco-americano www.radioislam.org e suas atividades entre os anos de 2001 e 2008. Criado em 1996 por um ex-oficial marroquino, Ahmed Rami, sua configuração inclui descrições e argumentos sobre o poder judaico no mundo, a “verdade” sobre o Holocausto, a revolução marroquina, álbuns fotográficos, caricaturas, gravuras, charges, protestos e espaço de opiniões. A página disponível em mais de 22 idiomas. Apresentado como um fórum de debates sobre o sionismo, o racismo contra judeus e não-judeus e como um espaço promotor das relações entre o Ocidente e o mundo árabe islâmico, o site na realidade é um meio para difusão de

propaganda anti-semita e articulação entre inúmeros grupos de extrema-direita na Internet. Intitulando-se “a mãe de todos os sites anti-judeus” há em seu conteúdo forte propaganda anti-semita, apologia ao ódio racial e a promoção de espaços virtuais de sociabilidade para facções neofascistas, incitando a “defesa” contra os sionistas, além de teorias revisionistas usadas pelo portal para propagandear o anti-semitismo. Esta investigação inclui visitação, leitura, interpretação e arquivamento do site e a divisão temática do material nele existente, verificando sua apresentação, formato, apelo estético, propaganda, conteúdo, linguagem, imagens, índice de visitação e outros elementos. A pesquisa contribui, dessa forma, para compreender os movimentos neofascistas, refletindo sobre as apropriações elaboradas em torno de conceitos como “liberdade de expressão”, “igualdade” e “Holocausto”. Analisando a formação de uma cibercultura dedicada ao ódio racial e a promoção de espaços virtuais de sociabilidade para facções neofascistas, a pesquisa avança no entendimento sobre como pensam, agem e são cooptados novos adeptos para tais grupos através do uso da Internet. Ao explorar a rede mundial de computadores como objeto da história, este trabalho possibilita pensar até que ponto a web tem facilitado a difusão de discursos e práticas de intolerância. A pesquisa está incluída no plano de trabalho do projeto intitulado Intolerância Digital: história, extrema-direita e cibercultura (1999-2009), aprovado pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC).

INTOLERÂNCIA DIGITAL: HISTÓRIA, NEOFASCISMO E CIBERCULTURA NO SITE CIUDAD LIBRE OPINIÓN (1999-2009)

Monica da Costa Santana (Graduanda) - UFS
Prof. Dr. Dilton Cândido Santos Maynard (Orientador) - UFS

Esta pesquisa analisa o site argentino Ciudad Libre Opinión e a participação de grupos neofascistas em suas atividades entre os anos de 1999 e 2009. A referida pesquisa está incluída no plano de trabalho do projeto Intolerância Digital: história, extrema-direita e cibercultura (1999-2009), aprovado pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC). O desenvolvimento desta parte específica do projeto está sob a responsabilidade do bolsista PIC/VOL tendo este, dentre outras funções, que visitar e arquivar conteúdos relevantes para a identificação das atividades de grupos neofascista em sites como o Libre Opinión. Criado em 1999 pelo argentino Alejandro Carlos Biondini, líder do Partido Nuevo Triunfo (PNT), antigo Partido dos Trabalhadores, sob os princípios éticos: Deus, Pátria, Justiça Social e Família, o Ciudad Libre Opinión oferece, gratuitamente, diversos serviços para pessoas e instituições de todo o mundo. Através de seus links o internauta pode navegar pela sua sofisticada estrutura virtual e obter informações sobre a Argentina e países vizinhos. As opções para o usuário são diversas, ele poderá ter acesso aos links: Registrarse, Acceso Miembros, Comunidad Libre Opinión, Weblogs Libres, Libro de visitas, Lista de Correo, Juegos Online, Downloads, Buscar Quiénes Somos, Centro de Ayuda, Banners, Términos e Condiciones, Publicidad e Contactos. Calcado no ideário nacionalista, o provedor argentino divulga, na rede, várias críticas ao governo Kirchner e satiriza a atuação de governantes de países como a Bolívia e Venezuela. Através do estudo deste sítio eletrônico é possível observar como movimentos políticos de extrema-direita utilizam o

ciberespaço para propagar suas idéias extremistas e ampliar seu campo de influência no mundo. Sendo a Internet um universo de possibilidades, no qual o livre acesso de informações permite que conteúdos de teor duvidoso circulem pela rede, é através de seu estudo que buscamos compreender como a web é usada, por meio de apropriações, usos e adaptações em benefício dos grupos de extrema-direita. O intuito é contribuir para uma reflexão sobre os perigos provenientes do ciberespaço. Além disto, espera-se perceber como a Internet toma a forma de uma fonte fértil para o estudo do historiador, oferecendo um campo vasto a ser investigado e questionado.

O SITE BLOOD AND HONOUR: NEONAZISMO NO ESPAÇO VIRTUAL

Natália Abreu Damasceno (Graduanda) - UFS
Prof.Dr. Dilton Cândido Santos Maynard (Orientador) - UFS

Esta pesquisa objetiva analisar as apropriações da internet feitas por grupos neonazistas no período que compreende os anos de 1999 a 2009. O trabalho está inserido no projeto de pesquisa Intolerância Digital: história, extrema-direita e cibercultura (1999-2009) aprovado pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC). Através do estudo de caso do movimento skinhead neonazi Blood and Honour (B&H), um dos sites estudados pelo projeto, nos propomos a investigar como o ciberespaço constitui um poderoso aliado para a extrema-direita proporcionando-lhe um meio de comunicação seguro, atrativo e repleto de possibilidades. Criado pelo inglês Ian Stuart Donaldson, em 1987, o B&H encontrou nas tecnologias de informação, uma ferramenta que lhe permitiu maior visibilidade, organização e alcance de suas idéias. Nesta investigação, a metodologia utilizada foi a visitação, catalogação e o armazenamento dos sites de algumas das unidades do B&H, que agrega cerca de vinte sites vinculados. Associada às filmografias e leituras sobre o neonazismo e a cibercultura, a investigação destes espaços virtuais revela o poder doutrinador, propagandístico e unificador ciberespaço conferido pelo ciberespaço a estes grupos adeptos da intolerância. A estruturação e os conteúdos encontrados nos websites do Blood and Honour e de facções associadas permitem uma análise generalizada desta atuação do neonazismo no ciberespaço, ainda que existam diferenças entre os sítios virtuais tanto de um mesmo movimento quanto de organizações distintas. Deste modo, a crescente disseminação de websites difusores do “ciber-ódio” no início do século XXI deve ser encarada como um fenômeno sintomático da sociedade contemporânea. Porém, é preciso ressaltar que mesmo na condição de aliados, garantindo aos neonazistas menores dificuldades econômicas, impunidade diante da ilegalidade de suas práticas, de seus preconceitos explícitos e uma abrangência que ultrapassa fronteiras nacionais, estes espaços virtuais não devem ser considerados causas imediatas do crescimento dos crimes e manifestações intolerantes com os quais nos deparamos diariamente na mídia. No que se refere ao historiador, as páginas da Internet, como a do Blood and Honour, se revelam um valioso espaço para estudo dos problemas do tempo presente.

POR UMA NOVA HISTÓRIA DE GÊNERO, FAKES E NOVAS SOCIABILIDADES NO ORKUT.

Prof. Janaina Cardoso de Mello - UFS

Desde sua criação em 24 de janeiro de 2004, o Orkut – uma rede social afiliada ao Google – reúne participantes de diversas faixas etárias, etnias, formações culturais e sócio-econômicas superando barreiras geográficas para utilizarem o espaço cibernético como um vetor de comunicação intensa. O serviço propicia amizades novas virtuais, o encontro de antigos e atuais amigos reais adicionando-os ao perfil pessoal do usuário. O poder de alcance do Orkut no Brasil revelou-se imenso, com mais de 23 milhões de usuários, suplantando outras redes sociais como o MySpace, o Hi5 e o Facebook. A criação de perfis fakes (falsos) gera uma sensação de impunidade, todavia, com a crescente desconfiança dos internautas e o acesso a mecanismos de identificação de IP's (número dos computadores em acesso), as impudências tendem a uma redução. As opiniões de homens e mulheres, seus modos de convívio, impressões e emoções (afetividades) configuram processos de inter-relação, de construção de identidades plurais e singulares, memórias e representações sociais a respeito de si e dos outros bem como de novas relações de sexualidade, por isso a importância do registro e análise dos hipertextos anônimos que se constituem. O hipertexto, torna-se então o vetor para um diálogo veloz, virtual/real, dinâmico e em constante transformação. Seu estilo lingüístico aberto, livre, sem fronteiras determinadas consolida uma produção independente e liberal. Novas interações acontecem no contexto digital ou informatizado, pois novas circunstâncias impelem as pessoas a transformarem sua linguagem para adaptar-se às mudanças. Há uma nova operação lingüística onde são realizadas cadeias associativas para uma melhor e mais rápida interpretação da escrita. A cyber cultura abriu espaço para que os debates deixassem a academia e circulassem sem fronteiras por cidadãos de variadas origens, todavia, agir com bom senso e responsabilidade é uma necessidade para que as idéias não se tornem alvos de cerceamento justificado. Lidar com a liberdade no mundo virtual é tão difícil como no mundo real, porém, a má utilização dessa tende a ser muito mais danosa por influenciar em larga escala mentes e sensibilidades.

A INTOLERÂNCIA EM REDE: A EXTREMA-DIREITA NO CIBERESPAÇO (1996-2008)

Dilton Cândido Santos Maynard - UFS/CNPq

Este trabalho apresenta resultados parciais do projeto Sítios da Intolerância: uma história da extrema-direita no ciberespaço (1996-2008) aprovado pelo Programa de Auxílio à Integração de Docentes e Técnicos Administrativos Recém-Doutores às Atividades de Pesquisa – PAIRD, edital 2008. Ele se propõe a realizar uma história dos movimentos da extrema-direita na Internet, a rede mundial de computadores, entre 1996 e 2008. Aqui, a principal atenção está no consumo e nas apropriações feitas por grupos da extrema-direita do ciberespaço. Exploramos, portanto, um campo ainda incipiente entre os historiadores. Aquele que aborda as relações entre a Internet e a história. O problema se justifica graças ao rápido crescimento da propaganda da extrema-direita no mundo virtual. Um crescimento que envolve uma ampla rede de contatos entre grupos

diversos e evidencia a constante necessidade destes setores de “reinventar” a história, encarada como a narrativa de eventos naturais, através das ferramentas fornecidas pela Web – meio pelo qual se obtém farto material que varia de bandeiras, fotografias, jogos, músicas em formatos mp3, jogos eletrônicos, até maneiras práticas de realizar atentados a bomba. Temos aqui, portanto, dois fenômenos intrinsecamente ligados ao pós-II Guerra: a emergência de movimentos com inspiração fascista e a criação da Internet. Por um lado, a persistência de práticas fascistas desloca a questão do lugar-comum no qual ele tem sido analisado – como fenômeno limitado à Alemanha hitlerista, o chamado “fascismo histórico” – e exige uma ampliação no arco da análise. É possível e deve-se ler o fascismo com parte integrante do processo civilizatório da humanidade, não somente de um determinado país. Por outro lado, é necessário pensar as especificidades da Internet como meio de comunicação e suas ressonâncias na operação historiográfica. Foram selecionados para análise as páginas dos seguintes grupos: Valhalla 88 (www.valhalla88.com); Ciudad Libre Opinión (Argentina, <http://www.libreopinion.com>); Radio Islam (EUA, <http://www.radioislam.org>); Redwatch (Inglaterra, <http://www.redwatch.org.uk>); Blood & Honour (EUA, <http://www.bloodandhonour-usa.com>); Grupo Guararapes (Brasil, <http://www.fortalweb.com.br/grupoguararapes>); Nação Sul Sudeste – (Brasil, <http://www.angelfire.com/punk4/sul/>; <http://sul-livre.blogspot.com>); Carecas do Brasil (http://www.geocities.com/carecas_do_brasil) e Carecas de Alagoas (<http://www.carecasdealagoas.cjb.net>). Analisar a presença da extrema-direita na rede mundial de computadores considerando as suas possíveis variações através de uma chave histórica estabelece problemas pela complexidade de se pensar as relações entre a história e a web. Se hoje é possível encontrar uma leitura considerável sobre os movimentos de extrema-direita não há o mesmo em análises historiográficas nas quais sejam rastreados nexos entre a rede e os usos que tais grupos fazem dela. Sendo assim, diante dos nós formadores da rede mundial de computadores, a nossa posição nos oferece apenas vestígios daquilo que sobra quando o assunto é o mundo virtual. Diante de tais indícios, buscamos refletir sobre os usos do ciberespaço e suas possibilidades como recursos ao historiador.

A POSSIBILIDADE DO USO DE TECNOLOGIA PARA PESQUISAS HISTÓRICAS E SEU MAPEAMENTO

Rafael Martins de Oliveira Laguardia - UFJF

Esta comunicação visa apresentar a busca de uma metodologia para criação de mapas referentes a períodos e temas Históricos. Para tal busca faz-se uso do que há mais moderno em tecnologia digital, através do uso softwares peculiares que são capazes de assimilar e processar a informação histórica. Desta forma esta comunicação busca chamar a atenção para a necessidade de construção de programas próprios para a pesquisa histórica e que possam criar interfaces criativas e estimulantes para o desenvolvimento das técnicas, inerentes ao contexto atual, de pesquisa em história. A tentativa de construção de um mapa é um passo, mas não o único para tal empreitada. O uso de software se torna cada vez mais necessário para a pesquisa, por isto a princípio

far-se-á uso de programas de computador de outras áreas, mas este é um meio para se chegar a um programa voltado especificamente para a História.

TECENDO REDES DE CONHECIMENTO EM HISTÓRIA: O ORKUT COMO FERRAMENTA DE APRENDIZAGEM COLABORATIVA

Welton Souto Fontes - UEPB

O ensino de História vem sendo constantemente ressignificado nas últimas décadas, suscitando uma didática que contemple práticas sociais, de cidadania e de inclusão dos educandos no mundo das tecnologias, buscando dessa forma agir em acordo com os novos paradigmas no contexto da sociedade da informação. Para Lévy (1993; 1999; 2000) a emergente cibercultura está proporcionando o surgimento de novas relações com o saber, uma inteligência coletiva disponível na rede com grandes possibilidades de trocas e de diálogos convergentes com interesses e saberes que se estabelecem a partir de uma constante interatividade mútua, pois o usuário não apenas consome passivamente ao que os recursos informatizados oferecem, e sim, ele produz e interage. Por isso, serão evidenciadas em nosso artigo as potencialidades da Rede Social Orkut e de suas Comunidades Virtuais para o desenvolvimento da aprendizagem colaborativa online, objetivando um aprendizado para além do factual, e da assimilação dos conteúdos, exequível também a aquisição e o aperfeiçoamento de habilidades de comunicação diante das necessidades de diversas formas de linguagens, sejam escritas, metalingüísticas, hipertextuais e audiovisuais presentes no universo prático e concreto dos alunos. Em grande medida, nossa proposta surge de uma problemática envolvendo o interesse e a acessibilidade dos educandos em relação ao uso de outras ferramentas da internet para a construção do conhecimento e para a pesquisa por meios das TICs, mas que é possível a partir do Orkut, de sua acessibilidade e de sua fácil interação favorecer a construção do conhecimento e promover gradativa inclusão dos educandos. Partindo do pressuposto que a construção individual é o resultado das interações entre sujeitos mediados pela cultura e pela linguagem (VYGOTSKY, 1991), propomos então a possibilidade de manter Comunidades Virtuais no Orkut como ferramentas pedagógicas, pois estas são ambientes virtuais que reúnem pessoas com afinidades e vivências parecidas e que por isso se comunicam e interagem, viabilizando a construção colaborativa do aprendizado sobre História e/ou para debates envolvendo Temas Transversais. Não problematizamos esta ferramenta como instrumento didático em sala de aula ou como plataformas de EaD, mas sim, como extensões da sala de aula, favorecendo a criação de situações de aprendizagem e utilizando dos recursos audiovisuais, textuais e interativos acessíveis em tal ferramenta de comunicação. Nessas práticas discursivas é possível uma interação verbal e visual viva, significativa que desenvolve a argumentação e leva conseqüentemente a uma maior apropriação dos temas a serem debatidos, organizados, apreendidos.

A DINÂMICA DA MEMÓRIA: O PATRIMÔNIO DA CIDADE DE JOÃO PESSOA NO CIBERESPAÇO

Gabriela Pontes Monteiro
Emmanuel Brito Von Szilagyi

Com a ampliação do uso da *internet* nos últimos anos, verificou-se o potencial deste veículo de divulgação em massa para levar ao público informações sobre a história e memória da cidade de João Pessoa, difundindo a importância de seus bens patrimoniais, através de um meio atual e abrangente. Ante esta realidade, foi gerado o Projeto de Extensão *Memória.JoãoPessoa.br – Informatizando a história do nosso patrimônio*, ligado ao Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Paraíba, e coordenado pela Prof^a. Dr^a. Maria Berthilde Moura Filha. A proposta é realizar um registro eletrônico da história da cidade, utilizando o ciberespaço como instrumento de promoção e divulgação do patrimônio histórico, artístico e arquitetônico, consolidando a memória coletiva e reforçando a relação entre o cidadão e a sua cidade. Para tanto, foi criado um *website* (www.memoriajoaopessoa.br2.net) que cumpre o papel de ferramenta de educação patrimonial com largo alcance perante a sociedade. Esta página vem sendo elaborada sob a ânsia de tornar seu produto final convidativo e interativo; com conteúdos de valor histórico e acadêmico, expostos também de forma lúdica, valendo-se de diversos recursos visuais. Dentre os tópicos (*links*) criados com este objetivo estão: *Formação e Evolução* (um breve histórico sobre a origem e o crescimento de João Pessoa); *Acervo Patrimonial* (fichas que catalogam alguns dos nossos bens, disponibilizadas em ferramentas flexíveis de pesquisa); *Vivências* (passeios virtuais que contam a história ou recriam os antigos cenários de edifícios e espaços públicos de valor histórico e cultural); *Jogos* (espaço lúdico que tira partido de jogos clássicos como “Jogos da Memória” e “Jogos dos Sete Erros”, despertando a atenção para a cidade através de uma associação de imagens antigas e atuais das edificações e praças); *Memória Social* (relatos de moradores) e *Centro Histórico* (síntese da evolução e relevância do núcleo dos nossos bens patrimoniais), estando os dois últimos em processo de construção. Trabalhos acadêmicos na área de pesquisa e levantamento histórico do Curso de Arquitetura e Urbanismo da UFPB servem de subsídio para o desenvolvimento do material contido nesta página de internet favorecendo o caráter científico do produto, possibilitando a disponibilização de informações bem fundamentadas. Desta forma, reescreve-se a história da cidade de João Pessoa, sob uma perspectiva mais atualizada e mais acessível à população no geral, atingindo diferentes faixas etárias, classes sociais ou níveis de escolaridade; conectando produção científica, entretenimento, cultura e tecnologia.

O QOLLASUYUÇ RECONSTRUÍDO A PARTIR DO CIBERESPAÇO

Celso Gestermeier do Nascimento - UFCG

O ano de 1992 foi importante no contexto latino-americano, marcado por muitas comemorações e manifestações críticas a respeito dos quinhentos anos da chegada de Cristóvão Colombo ao continente americano e vindo a tornar-se uma data simbólica para que muitas organizações indígenas incrementassem sua luta política em torno de reivindicações seculares. Talvez o ponto culminante das ações políticas dessas organizações tenha sido a eleição do indígena aymara Evo Morales à presidência da

Bolívia em dezembro de 2005. No entanto, a atuação política do povo aymara e suas formas de lutas vão muito além dessa façanha, pois com o novo século e suas tecnologias eles também ampliaram suas formas de lutas e é importante destacar o uso de páginas na internet, pois o ciberespaço tem sido usado por eles com vários objetivos, tais como: levar a conhecer a todos os internautas interessados o seu projeto de Revolução Índia; angariar simpatizantes para sua causa; praticar a interatividade com relação a outras organizações indígenas e simpatizantes tanto andinas como mundiais e divulgar sua cultura e projeto político entre seus próprios militantes. Nesse caso em tela destacamos a preocupação com a restauração do Qollasuyu, a antiga nação aymara dentro do império incaico, num exemplo ímpar de detalhamento de um projeto político que chega a traçar um calendário de ações visando uma “re-indianização”, de retomada de valores das comunidades locais – ayllus – que ainda persistem no mundo andino. A título de exemplo verificamos que para tornar-se um cidadão qollasuyano o indivíduo deve passar a ter como alvo o coletivo, exercendo atividades que favoreçam o grupo aymara ao qual pertence e deixando de lado o individualismo típico do sistema que os estrangeiros – conquistadores – implantaram a partir do século XV e que sobreviveu ao processo de independência liderado pelos q’ara/bran cos. Nesse sentido, nossa apresentação vai no sentido de discutir esse “calendário” de ações que os aymara vêm propagando via ciberespaço para refundar o Qollasuyu, valendo-se de um recurso tecnológico e sofisticado para reacender a chama de lutas ancestrais contra o “invasor”, num exemplo típico do feitiço que se vira contra o feiticeiro, por valerem-se de um importante símbolo da globalização econômica para reafirmar seu direito a uma cultura andina.

NO YOUTUBE: MULHERES E PATRIMÔNIO IMATERIAL DE SERGIPE ONLINE

Vera Helem do Nascimento - UFS
Prof^ª. Dr^ª. Janaína Cardoso de Mello (Orientadora) - UFS

No povoado do Mussuca, em Laranjeiras – SE, ocorre uma das mais antigas brincadeiras que celebram São Gonçalo do Amarante. A dança homenageia o santo de origem lusitana. De acordo com as tradições da memória e da oralidade, São Gonçalo, um frade que teria vivido no Amarante no século XII assumira a missão da conversão de prostitutas e para isso utilizara a música como estratégia para desviá-las do “pecado”. Essa dança, mesmo após sua morte, manteria uma continuidade seguindo rituais básicos do almoço ofertado por aquele que esteja “pagando uma promessa”, seguido da procissão e da dança, também se levando em consideração os sete ensaios preparativos. Constituem-se como personagens da dança o “Patrão” responsável pelos cantos, sendo a liderança da dança exercida pela única mulher participante dessa manifestação cultural, a “Mariposa”, que conduz a imagem do santo em uma pequena barca. Enquanto o Patrão traja roupas de marinheiro (alusão a São Gonçalo), os dançadores usam um vestuário feminino composto por anáguas por cima das calças, saias floridas com um xale colorido adornado com fitas e um turbante branco com fitas coloridas. Constituindo-se o patrimônio imaterial como um bem cultural portador de referência à identidade, ação e memória dos distintos grupos formadores da sociedade brasileira, os

signos das relações de gênero aparecem em representações sócio-culturais que transitam entre metáforas e dramatizações nos festejos sergipanos. Nessa perspectiva a valoração e salvaguarda dessas manifestações atuam no sentido de preservar sua manutenção no decorrer das novas gerações, bem como divulgar e promover suas atividades. O Instituto do Patrimônio Histórico, Artístico e Nacional (IPHAN), vinculado ao Ministério da Cultura, tem sido um importante órgão para a catalogação, elaboração de relatórios e lançamento de editais para financiamento desse patrimônio, todavia, a sociedade civil começa a se conscientizar e tem contribuído nessa dinâmica ao postar vídeos dessas manifestações no site de vídeos do YouTube. Logo, o uso das novas tecnologias na era da cibercultura para a difusão de manifestações locais que adquirem uma visibilidade global pressupõe algumas reflexões sobre direitos autorais na internet e as possibilidades de uso dessas imagens no apoio a formulação de projetos de educação patrimonial na contemporaneidade.

A CIDADANIA ON LINE: FONTES DIGITALIZADAS DO ARQUIVO GERAL DO JUDICIÁRIO DE SERGIPE

Neverton da Cruz Santos - UFS
Prof^ª. Dr^ª. Janaína Cardoso de Mello (Orientadora) - UFS

Constituindo-se como um dos locais de guarda de acervo patrimonial melhor organizado, com tratamento adequado desde a climatização, catalogação até a presença de técnicos especializados na conservação documental dos séculos XVIII e XIX, o Arquivo Geral do Judiciário condiciona uma importante narrativa do passado sergipano. Na instituição encontram-se instrumentos de pesquisa referentes à documentação dos séculos XVII e XVIII na cidade de São Cristóvão e Inventários do século XIX na Comarca de Estância. Essa documentação foi digitalizada e disponibilizada para download no site do AGJ-SE, facilitando o acesso de estudantes e demais interessados em conhecer um pouco mais sobre Sergipe. Sua estrutura orgânica foi criada pela Lei Nº 3098, de 09 de dezembro de 1991, ratificando as finalidades de recolher, selecionar, classificar, preservar e gerenciar o patrimônio documental do Poder Judiciário de Sergipe. Em 2005 foi implantado o Laboratório de Restauro, dotado de modernos equipamentos, sob a consultoria da Fundação Joaquim Nabuco (Recife-PE), objetivando tratar tecnicamente as fontes documentais do nosso acervo e, dessa forma, preservar a História de Sergipe através da memória jurídica. Com a Digitalização do acervo histórico ocorreu a transferência para o suporte eletrônico documentos judiciais raros e de suma importância histórica, mediante projetos envolvendo as demais Divisões do Arquivo e até mesmo outras instituições. Está em andamento o projeto de digitalização de toda a documentação do século XVIII. Já foi lançado o volume “Inventários Judiciais” das Comarcas de Estância, Lagarto, Maruim, Porto da Folha e São Cristóvão. Está em curso, ainda, a digitalização das outras séries documentais do século XVIII, como testamentos, livros de notas e demais documentos. No tempo presente a palavra cidadania tem sido constantemente veiculada em jornais e revistas estando associada a idéia de democracia e às demandas para que cada cidadão possa exercer seus direitos políticos, civis e sociais. Os olhares da sociedade atentam para os órgãos de representação civil e dentre eles o Poder Judiciário se configura como um

**I SEMINÁRIO NACIONAL FONTES
DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA:
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES
DE 01 A 04 DE DEZEMBRO DE 2009**

ISSN 2176-4514

mediador essencial para garantir ao cidadão o cumprimento de uma legislação que não o deixe desprotegido junto ao Estado ou órgãos privados.

**I SEMINÁRIO NACIONAL FONTES
DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA:
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES.**

de 01 a 04 de Dezembro de 2009

APOIO: UFG, Conselho de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), CAPES, UEPB

ISSN 2176-4514

lutheriah

**GT 16 - HISTÓRIA INDÍGENA: FONTES DOCUMENTAIS E DIÁLOGOS
INTERDISCIPLINARES**

Edson Silva - UFPE
Prof^ª. Dr^ª. Juciene Ricarte Apolinário – UFCG
Marcos Felipe Vicente (Mestrando) - UFCG

O campo da história indígena vem crescendo nas últimas décadas a partir dos diálogos interdisciplinares que vem existindo entre a História e outras Ciências Sociais, especialmente, a Antropologia. Para tanto, as possibilidades de usos de fontes documentais ampliaram-se e é perceptível nos trabalhos defendidos e publicados nas últimas décadas advindas dos programas de pós-graduação em História em todo o Brasil. Este grupo de trabalho pretende ser um espaço de diálogo e discussões sobre temas, usos das fontes documentais na trilha das pesquisas sobre os povos indígenas e do indigenismo.

**OS LIVROS HÍBRIDOS COLONIAIS COMO FONTES PARA O ESTUDO DA
HISTÓRIA INDÍGENA MESOAMERICANA: O CASO DO CÓDICE
TELLERIANO REMENSIS**

Gláucia Cristiani Montoro - Pós-doutoranda - UFF

Neste trabalho, apresentaremos o caminho trilhado no desenvolvimento de nossa pesquisa de doutorado, onde abordamos um manuscrito de tradição indígena, chamado Códice Telleriano Remensis, confeccionado em meados do século XVI na região central do México. Trata-se de um documento híbrido de patronagem européia, composto por um sistema de notação indígena basicamente pictográfico e por textos em caracteres latinos. Daremos ênfase nas metodologias utilizadas, que tiveram como base a interdisciplinaridade, das quais podemos destacar a Codicologia, que tem muito a contribuir para as pesquisas históricas. Trata-se de uma disciplina praticamente desconhecida no Brasil e especializada no estudo dos manuscritos do ponto de vista material. Além da análise codicológica, realizamos um estudo pormenorizado dos tlacuilos do manuscrito (escribas/ pintores indígenas). Portanto, o trabalho foi focado nas características materiais do códice (suporte, organização do material, encadernações, restaurações, etc) e na determinação do número de indivíduos que realizaram as pictografias, com um estudo de suas características estilísticas e como cada um deles adaptou os conteúdos dos livros pré-hispânicos às novas demandas coloniais. Essas abordagens tiveram como objetivo principal a reconstrução da história de confecção do códice, com enfoque no conteúdo imagético. Mostraremos, por intermédio de exemplos retirados do códice estudado e de outros manuscritos, como essas análises - codicológica, estilística e das modificações sofridas pelos conteúdos tradicionais durante o período colonial - são necessárias antes de se efetuar um estudo interpretativo das pictografias. O códice Telleriano Remensis é um material de grande heterogeneidade e as análises permitiram demonstrar suas diversidades internas, que

refletem a complexidade e pluralidade das tradições indígenas e algumas formas de adaptá-las a matéria is, convenções e concepções ocidentais. A pesquisa trouxe dados importantes sobre a confecção e formação do manuscrito, que foi realizado por vários tlacuilos, os quais se vinculam estilisticamente a distintas tradições do México Central e mostram diversas formas de adaptar os conteúdos tradicionais indígenas ao papel e formato de livro europeu e às necessidades desses novos usuários.

**“DA PRISÃO QUE SE MANDOU FAZER A UNS FEITICEIROS ÍNDIOS”:
SINCRETISMO RELIGIOSO E INQUISIÇÃO NA CAPITANIA DA
PARAHYBA (PÔSTER)**

Gláucia de Souza Freire (Graduanda) - UFCG
Prof^a. Dr^a. Juciene Ricarte Apolinário (Orientadora) - UFCG

O Brasil dos tempos coloniais revela uma diversidade étnica intensa, de maneira a abrigar práticas culturais que acabaram por se hibridizar, em um movimento além da tentativa lusa de hegemonia nos mais distintos âmbitos. A religiosidade constitui uma das facetas, nesse sentido, demonstrando como, apesar do esforço dos colonizadores europeus em preservar sua crença de forma imponente, muitos indivíduos resistiam, perpetuando sua tradição de culto ou ainda sincretizando-a com outros elementos religiosos. Neste trabalho, analisamos, a partir do culto da Jurema na capitania da Paraíba, o sincretismo religioso resultante do contato entre índios Tarairiú e homens e mulheres negras, destacando a perseguição inquisitorial que se aplicou aos adeptos dessa prática. Este culto não pode deixar de ser encarado como símbolo de um ritual de resistência indígena, ressignificada na dança do Toré, entre matrizes indígenas e africanas. Dessa forma, a partir da perspectiva teórica da micro-história, objetivamos estudar a ação sincrética e a atuação do Tribunal do Santo Ofício na colônia tendo como enfoque os rituais mágico-religiosos em torno da Jurema. A participação inquisitorial na perseguição aos juremeiros remete também à feitiçaria, já que esses índios eram considerados verdadeiros agentes do demônio, teimosos em garantir influência entre os colonos, coexistindo com a catequese, resistindo a ela. É devido a esses cultos que, em meados do século XVIII, estando a capitania da Paraíba anexa a de Pernambuco, é requisitada uma Junta das Missões destinada àquela, a fim de reprimir os rituais anti-tridentinos, mesmo após a prisão de alguns adeptos. Isso também ilustra como o poder político e o religioso encontravam-se mutuamente legitimados na colônia, havendo uma associação contrária às formas culturais não européias. O desenvolvimento deste estudo tem por base bibliográfica, além de títulos de historiadores como Cristina Pompa e Laura de Mello e Souza, pesquisas na área da antropologia como a de Clarice Novaes da Mota. Desse modo, estudar o culto da Jurema a partir da micro-história e do diálogo com a antropologia pode resultar uma pesquisa relevante no sentido em que trabalha conceitos como os de resistência e sincretismo religioso em uma fundamentação interdisciplinar.

**FONTES SOBRE A EXPERIÊNCIA INDÍGENA E A ESCRITA DIDÁTICA DE
HISTÓRIA REGIONAL NO BRASIL (2007/2010)**

Itamar Freitas - UFS

Há dezessete anos, Carlos Fico e Ronald Polito anunciavam os resultados de uma extensiva pesquisa sobre as tendências da historiografia brasileira, produzida principalmente no ambiente dos cursos de pós-graduação. No texto final, que não incluía a historiografia didática, aventaram a hipótese de que a produção didática em história não equivaleria ao “que é lido e discutido pelos grupos especializados e pelos leitores em geral. Haveria, portanto, pelo menos dois movimentos de disseminação do conhecimento com cronologias próprias.” Dos anos noventa aos dias de hoje, a pesquisa não avançou muito sobre essa questão. Há muita conjectura, alguma “má vontade” com a literatura didática e quase nenhum esforço empírico da história da historiografia, seja para inventariar a produção (hoje, majoritariamente, objeto dos cursos de história da educação), seja para mensurar as razões e as dimensões do distanciamento entre a produção do saber acadêmico e o saber escolar, no que diz respeito aos conteúdos conceituais (conceitos e proposições acerca da experiência brasileira). Essa é a questão principal, sobre a qual nos debruçamos. O quê é incorporado pela escrita histórica didática, como e com qual velocidade é incorporado o saber de ponta produzido pelos pesquisadores de história? O foco, entretanto, é a temática indígena. Neste trabalho, buscamos identificar as fontes empregadas para a construção das vinte e sete narrativas didáticas de história regional para os anos iniciais no que diz respeito à história da experiência dos indígenas no Brasil. Os livros estão em uso nas escolas brasileiras há três anos e foram avaliados pelo Programa Nacional do Livro Didático – PNLD 2007. Também procuramos categorizar as referidas fontes, respondendo aos seguintes questionamentos: quais os gêneros (artigo acadêmico, artigo de divulgação, tese, livro paradidático, livro de síntese)? Quais as instituições abonadas (ONGs, institutos de pesquisa, instituições governamentais)? Qual a área privilegiada (Antropologia, História, Linguística, Arqueologia)? E, por fim, qual a idade média dos trabalhos acadêmicos empregados? O texto revela os resultados finais do projeto “História regional para a escolarização básica no Brasil: o texto didático em questão”, desenvolvido pelo Grupo de Pesquisas sobre Ensino de História, sediado no Departamento de Educação da Universidade Federal de Sergipe.

ENTRE CABOCLINHOS E MARIMBAS - A PRESENÇA INDÍGENA NA FESTA PARA SÃO GONÇALO GARCIA

Andrea Simone Barreto Dias - UFCG
Prof^a. Dr^a. Juciene Ricarte Apolinário - UFCG

Pretendemos discutir aqui a participação indígena nas festividades para São Gonçalo Garcia em Pernambuco de 1745. A partir da significação da festa barroca para a sociedade colonial, compreendemos este espaço da festa para São Gonçalo, como oportunidade de expressão e afirmação da cultura nativa e suas especificidades. Para tanto, analisaremos esta presença indígena e seus lugares ocupados na sociedade pernambucana, partindo do contexto das guerras de Restauração e os novos contornos sociais decorrentes deste período, no qual visualizamos mais fortemente, os processos

de negociações sociais, tão presentes em todo o decorrer da colonização brasileira. Tais processos não envolviam apenas o caráter monetário de ambas as partes em meio à prestação de serviços e a manutenção das posses portuguesas no além mar. Envolveu sim, um ser apreendido socialmente, numa construção de identidade de grupo, que ainda preservava diversos aspectos nativos, os quais se sabiam serem diferentes e que não mais se admitiam marginais nos espaços de poder da Colônia. Isto envolvia ocupações de cargos, áreas de exercício de poder, ou seja, aspectos que auferiam aos seus detentores não somente os ganhos monetários, mas especialmente o prestígio social que lhes cabia aos exercê-los. Os povos indígenas devido às suas relações de apoio e/ou resistência ao processo de colonização, dividiam posturas e opiniões, oscilando seus representantes e líderes, como veremos, entre a inserção e a marginalização social. A figura do indígena era alvo, bem como da admiração da intelectualidade iluminada de um D. Domingos do Loreto Couto, religiosos cronista pernambucano, como também sua presença combatida, quando não escravizada pelos senhores donos do espaço colonial, que fora formado a partir do extermínio do espaço indígena, como também de suas formas de ocupação do território brasileiro. A sociedade mestiça brasileira se formou não de forma pacífica, a partir do processo de transculturação de seus elementos, e o presente artigo se vale de notícias fragmentadas em documentos e crônicas para compreender em parte, essas relações de embates decorrentes deste processo de formação social.

**INDÍGENAS, COLONIZADORES E O RIO PARAÍBA DO NORTE: UM
EMBARQUE NA ETNO-HISTÓRIA E HISTÓRIA AMBIENTAL DOS
ESPAÇOS COLONIAIS**

Jean Paul Gouveia Meira (Graduando) - UFCG
Prof^a. Dr^a. Juciene Ricarte Apolinário - UFCG

Este projeto procurará reconstituir de maneira crítica um importante episódio da história regional que foi a ocupação processual e sistemática do ambiente natural amplo, complexo nos aspectos da biodiversidade e das riquezas étnicas envoltos do rio Paraíba do Norte no período colonial brasileiro. A colonização portuguesa provocou no rio Paraíba, mudanças significativas na biodiversidade através do processo de implantação de sistemas econômicos com características externalistas e endógenas amparadas nos interesses mercantilistas. Junto a estes fatores ocorreram lutas sangrentas entre nativos e portugueses. A conquista e a manutenção da posse da terra e de suas riquezas naturais por parte dos colonos e da Coroa portuguesa resultaram em diferentes práticas e relações culturais na região em que a bacia do rio Paraíba está inserido. Dialogando com arcabouços teóricos da história, antropologia e outras disciplinas e através de um minucioso sa pesquisa em manuscritos da Paraíba Colonial, objetiva-se analisar e construir a história da ocupação do rio Paraíba nas perspectivas da etno-história e ambiental, levando em consideração os impactos no processo de ocupação das suas margens e os conflitos interétnicos entre grupos indígenas e não-indígenas no período colonial.

**OLHAR DO COLONIZADOR: RELATOS DE VIAGEM E FONTES PARA A
HISTÓRIA INDÍGENA**

João Azevedo Fernandes - UFPB

Mais do que simples descrição de deslocamentos e percalços, os relatos e diários de viagem são instrumentos essenciais ao historiador interessado nos processos de contato e trocas culturais entre colonos e os povos indígenas no Brasil. Seu caráter de testemunho ocular, sua falta de elaboração formal e ausência de elaboração burocrática tornam estes documentos uma fonte privilegiada, na medida em que é possível identificar fatos e personagens que seriam extirpados ou obliterados em um relato oficial ou uma memória escrita com cuidado e reflexão. Por outro lado, mesmo nos relatos e diários é possível acompanhar o nascimento de um tipo de discurso que Gilbert Quintero chamou “conhecimento colonial”, isto é, um tipo de discurso que, ao mesmo tempo em que descreve fatos e pessoas, também os insere em uma narrativa hierarquizante, na qual os nativos e seus comportamentos são comparados às formas “corretas” de atuação, e sempre de um ponto de vista que reforça o domínio europeu e luso-brasileiro sobre os territórios e corpos indígenas. O objetivo desta comunicação é identificar, a partir de alguns destes relatos, as formas de construção do conhecimento colonial conforme aplicado aos indígenas brasileiros, especialmente no que diz respeito aos comportamentos no momento do primeiro contato, e nas formas de relacionamento entre colonos e trabalhadores indígenas no interior das próprias expedições.

**HISTÓRIA INDÍGENA E HISTÓRIA AMBIENTAL NAS ÁGUAS PASSADAS
DO VELHO CHICO**

Prof^a. Dr^a. Juciene Ricarte Apolinário - UFCG

A presente pesquisa procura construir historicamente, um importante episódio da história do Brasil que foi a ocupação processual e sistemática do ambiente natural rico e complexo, nos aspectos da biodiversidade e das riquezas étnicas que é o rio São Francisco. Rio este que tem suas histórias contadas na perspectivaêmica, através de significativas lendas registradas pela literatura regional, e principalmente na memória dos ribeirinhos ao longo das margens do Velho Chico. No entanto, há uma falta, singular, no que toca a produção historiográfica acerca do tema proposto. Pode parecer uma ousadia mergulhar nas “águas passadas” da história do rio São Francisco, através do arrolamento de diferentes fontes históricas. No entanto, na contemporaneidade a mídia, instituições políticas e religiosas tem utilizado a temática da Transposição do Rio São Francisco e os seus impactos ambientais, como uma problemática, apenas do tempo presente. Todavia, a história da ocupação do Rio São Francisco, dos seus impactos ambientais pré e pós-colonial não foi devidamente evidenciado nos estudos históricos em que pese a importância dos caminhos proposto pela tão recente história ambiental e dos rumos que vem tomando as metodologias de análise documental da etno-história. O problema principal da nossa pesquisa é - como se deu a ocupação do Rio São Francisco nas perspectivas ambiental e da etnohistória, levando em consideração os impactos ambientais no processo de ocupação das margens do Velho Chico e os conflitos

interétnicos entre grupos indígenas e não-indígenas no período Colonial brasileiro? A colonização portuguesa no Brasil ao longo do rio São Francisco, chamado Opara pelos indígenas, provocou mudanças significativas na biodiversidade, através do processo de implantação de sistemas econômicos com características externalistas e endógenas amparados nos interesses mercantilistas. Consequentemente, ocorreram lutas e resistências entre povos indígenas e portugueses. A conquista e a manutenção da posse da terra e de suas riquezas naturais por parte dos colonos e da Coroa portuguesa resultaram em diferentes práticas e relações culturais na região sertaneja do rio São Francisco.

A JUREMA SAGRADA: DOS ÍNDIOS AOS MESTRES JUREMEIROS

Luiz Francisco da Silva Junior (Mestrando) - UFCG
Prof^a. Dr^a. Rosilene Dias Montenegro - UFCG

Este trabalho objetiva discutir como a jurema, uma árvore, se tornou símbolo sagrado para uma sociedade, que passou a viver a partir das representações simbólicas em torno desta. Neste sentido, iremos problematizar os usos feitos do ritual da jurema, que remonta desde os indígenas e que depois sofre inúmeras modificações em meio ao contato com a religião cristã e as manifestações religiosas afro-brasileiras. Tomando como espaço para análise o litoral sul da Paraíba, mais especificamente a cidade de Alhandra, antigo território dos Tabajaras. Discutindo que essa representação simbólica da jurema sagrada, é uma forma de resistência que existiu neste espaço desde o período colonial, iniciada pelos índios e depois continuada pelos mestres juremeiros, onde o rito ganha uma centralidade nos processos mágico/curativos. Deste modo, procura-se dialogar com a antropologia interpretativa de Geertz, e com alguns sociólogos, como Vandezande e Luiz Assunção, estabelecendo o diálogo com a história, possibilitando assim esta produção historiográfica.

CONFLITO, BARGANHA E RESISTÊNCIA INDÍGENA NA RIBEIRA DO JAGUARIBE NO SÉCULO XVII

Marcos Felipe Vicente (Mestrando) - UFCG
Prof^a. Dr^a. Juciene Ricarte Apolinário - UFCG

A conquista dos sertões da Capitania do Ceará se deu cerca de um século depois do início da ocupação do litoral de outras capitanias da colônia. Ela se processou principalmente através do avanço dos currais de gado pelas margens dos principais rios da região. Entre eles, e de forma pioneira, o rio Jaguaribe, partindo da barra em direção à nascente, durante o século XVII. Um processo longo e violento marcado por diversas lutas armadas, mas também por barganhas e alianças entre os diferentes grupos envolvidos nas querelas. Diversos grupos indígenas ocupavam as diversas regiões ao longo do rio Jaguaribe e estabeleciam diferentes tipos de relações uns com os outros. Relações estas que eram, em alguns momentos, amigáveis e em outros, conflituosas. O mesmo é válido, também, para aquelas estabelecidas com os colonizadores europeus,

não apenas os portugueses, mas também os holandeses, que ocuparam a costa cearense. Por outro lado, os colonizadores também tinham interesses vários e muitas vezes divergentes em relação às novas terras e aos nativos nelas presentes. Dessa forma, criadores de gado, missionários religiosos e bandeirantes chegaram a disputar direitos junto à coroa para obter prioridade para seus interesses. Considerando a heterogeneidade dos povos nativos que habitavam as extensas margens do rio Jaguaribe e os interesses nem sempre convergentes dos colonizadores (fazendeiros, missionários e bandeirantes), este trabalho tem por objetivo discutir as relações estabelecidas na ribeira do Jaguaribe durante o século XVII, abordando o evento conhecido na historiografia indígena como Guerra dos Bárbaros, destacando os jogos de interesses praticados por cada um desses grupos. A Guerras dos Bárbaros se apresenta, ainda hoje, como um episódio pouco explorado pela historiografia brasileira, principalmente os conflitos que tiveram como campo de batalha as terras da capitania do Ceará. Pouco ainda foi explorado sobre a participação da nação tapuia Paiacu, que é retratada nos livros como um dos mais violentos grupos autóctones do nordeste. Busca-se, pois, explorar um pouco mais sobre sua participação no processo de conquista/resistência dos sertões cearenses.

NAVEGANDO NAS ÁGUAS DO VELHO CHICO NA BUSCA DOS POVOS INDÍGENAS NO PERÍODO COLONIAL

Erika Sibebe Saraiva - UFCG
Prof^ª. Dr^ª. Juciene Ricate Apolinário – UFCG

Este projeto procurará resgatar um importante episódio da história do Brasil que foi a ocupação processual e sistemática do ambiente natural rico e complexo, nos aspectos da biodiversidade e das riquezas étnicas do rio São Francisco. Rio este que tem suas histórias contadas na perspectiva êmica, através de significativas lendas registradas pela literatura regional e, principalmente, na memória dos ribeirinhos ao longo das margens do Velho Chico. No entanto, há uma falta, singular, no que toca a produção historiográfica acerca do tema proposto. O problema principal da nossa pesquisa é - como se deu a ocupação do Rio São Francisco nas perspectivas ambiental e da etno-história, levando em consideração os olhares colonizadores sobre a natureza as margens do Velho Chico e os conflitos interétnicos entre grupos indígenas e não-indígenas nos períodos Colonial e Imperial brasileiros? A colonização portuguesa no Brasil ao longo do rio São Francisco, chamado Opara pelos indígenas, provocou mudanças significativas na biodiversidade, através do processo de implantação de sistemas econômicos com características externalistas e endógenas amparados nos interesses mercantilistas. Consequentemente, ocorreram lutas e resistências entre povos indígenas e portugueses. A conquista e a manutenção da posse da terra e de suas riquezas naturais por parte dos colonos e da Coroa portuguesa resultaram em diferentes práticas e relações culturais na região sertaneja do rio São Francisco.

ETNOHISTÓRIA DO VELHO CHICO

Maria Janaína Silva – UFCG
Profª. Drª. Juciene Ricarte Apolinário (Orientadora) – UFCG

A presente pesquisa procura construir historicamente, um importante episódio da história do Brasil que foi a ocupação processual e sistemática do ambiente natural rico e complexo, nos aspectos da biodiversidade e das riquezas étnicas que é o rio São Francisco. Rio este que tem suas histórias contadas na perspectiva êmica, através de significativas lendas registradas pela literatura regional, e principalmente na memória dos ribeirinhos ao longo das margens do Velho Chico. No entanto, há uma falta, singular, no que toca a produção historiográfica acerca do tema proposto. Pode parecer uma ousadia mergulhar nas “águas passadas” da história do rio São Francisco, através do arrolamento de diferentes fontes históricas. No entanto, na contemporaneidade a mídia, instituições políticas e religiosas tem utilizado a temática da Transposição do Rio São Francisco e os seus impactos ambientais, como uma problemática, apenas do tempo presente. Todavia, a história da ocupação do Rio São Francisco, dos seus impactos ambientais pré e pós-colonial não foi devidamente evidenciado nos estudos históricos em que pese a importância dos caminhos proposto pela tão recente história ambiental e dos rumos que vem tomando as metodologias de análise documental da etno-história. O problema principal da nossa pesquisa é - como se deu a ocupação do Rio São Francisco nas perspectivas ambiental e da etnohistória, levando em consideração os impactos ambientais no processo de ocupação das margens do Velho Chico e os conflitos interétnicos entre grupos indígenas e não-indígenas no período Colonial brasileiro? A colonização portuguesa no Brasil ao longo do rio São Francisco, chamado Opara pelos indígenas, provocou mudanças significativas na biodiversidade, através do processo de implantação de sistemas econômicos com características externalistas e endógenas amparados nos interesses mercantilistas. Consequentemente, ocorreram lutas e resistências entre povos indígenas e portugueses. A conquista e a manutenção da posse da terra e de suas riquezas naturais por parte dos colonos e da Coroa portuguesa resultaram em diferentes práticas e relações culturais na região sertaneja do rio São Francisco.

OS BRASIS E O JESUÍTA: OS POVOS INDÍGENAS NOS ESCRITOS DO PADRE ANTÔNIO VIEIRA

Hadassa Kelly Santos Melo (Graduanda) - UFPB
Profª Drª Regina Célia Gonçalves - UFPB

O presente trabalho destina-se a divulgar e debater as atividades do projeto PIBIC/UFPB/CNPq intitulado “Os Brasís e o Jesuíta: os povos indígenas nos escritos do Padre Antônio Vieira”, vigência 2009/2010. O projeto faz parte das atividades do grupo de pesquisa “A Conquista do rio ruim” vinculado do Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional/UFPB e tem como foco a análise do discurso do Padre Antônio Vieira sobre os povos indígenas no universo colonial brasileiro, a partir dos sermões e dos escritos instrumentais. O Projeto tem como perspectiva o debate dialético, procurando entender o contato entre os povos nativos do Brasil e a

Companhia de Jesus como algo que modificou ambos os lados de formas significativas, a própria Companhia de Jesus teve de se moldar ao novo universo e ao novo público deixando de lado a lógica itinerante para acomodar-se nos aldeamentos dando início a um modo fixo de evangelização. Ao trabalhar com a dialeticidade do encontro entre povos indígenas e Companhia de Jesus, entendemos que aqueles comportam-se como agentes da colonização, tomando decisões políticas tanto de alianças quanto de resistências à cultura do outro. Esse tipo de abordagem choca-se com a ultrapassada visão de que esses povos são meras massas de manobra dos europeus nas estratégias urdidas para colonização. Destacamos, nesse contexto e nessa perspectiva, a voz poderosa do Padre Antônio Vieira como membro da Companhia de Jesus, buscando entender sua atuação no seio da sociedade indígena através da análise dos seus escritos. O projeto está dividido em duas partes: enquanto uma preocupa-se no estudo do discurso vieirino sobre os indígenas a partir dos sermões, a outra debruça-se nesse discurso tendo como ponto de partida os escritos instrumentais do padre, tentando entender, ambas as partes, os argumentos centrais do jesuíta no seio da Companhia de Jesus do século XVII.

**ÍNDIOS XUKURU: ASPECTOS DE UMA HISTÓRIA AMBIENTAL NA
DÉCADA DE 1950 (PESQUEIRA-PE)**

Edson Silva - UFPE

O objetivo dessa Comunicação é evidenciar os debates públicos e oficiais na Década de 1950, sobre a higiene e o saneamento em Pesqueira. Debates esses que estavam intrinsecamente relacionados às questões e condições ambientais, pois diziam respeito à qualidade, o tratamento e o cuidado com as águas, cujas fontes e armazenamento estavam na Serra do Ororubá, em terras Xukuru tradicionalmente invadidas por fazendeiros, muitos deles membros da oligarquia política municipal. A partir de pesquisas em jornais publicados na época, e ainda por meio de entrevistas com idosos/as Xukuru, recoremos às memórias orais indígenas para conhecermos e melhor compreendermos as questões de saúde, as doenças e as condições de vida indígena no citado período. Com esse estudo, queremos também a partir de uma outra abordagem, estabelecer as relações entre grupos humanos e a condições de vida no espaço onde habitam. Ou seja, contribuir para uma história socioambiental, elaborada a partir de um olhar que investigue as relações de poder, privilegiando grupos socialmente excluídos e suas interações com o ambiente.



**GT 17: HISTÓRIA ORAL E NARRATIVAS BIOGRÁFICAS E
AUTOBIOGRÁFICAS**

Keila Queiroz e Silva - UFCG
Silêde Cavalcanti (Doutoranda) - UFPE
Ms. Valdirene Pereira de Sousa - UFCG

Os estudos biográficos e autobiográficos, assim como o uso da metodologia da história oral têm sido possíveis no campo da História com a expansão dos estudos culturais e com o investimento progressivo na subjetividade do conhecimento histórico. As mutações paradigmáticas na historiografia atual têm sido objeto de análises de muitos historiadores que foram receptivos à micro-história. Dosse (2004) tece relevantes considerações acerca dos estudos biográficos, recorrendo à obra de Nora (1989) nas quais ele fala da ego-história, provocando assim uma reflexão em torno da relação entre a história e a psicanálise. Para Dosse, a história representaria a idiografia, as aspirações científicas, as relações de causalidade; e a psicanálise representaria a nomoteia, ou seja, a narratividade. Na década de 60, o estudo da história das mentalidades vem propor um diálogo entre a história e a psicologia, diálogo este bem enfrentado por Lucien Febvre já nos anos 30. Ele defende o estudo da história dos sentimentos, do amor, da morte, da piedade, da crueldade, do medo, mas enfatizando que essa história deve englobar o que é geral de uma civilização. Conforme observou Dosse, “esse itinerário que leva do porão ao sótão, retomando a expressão de Vovelle, foi o itinerário de uma geração de historiadores” (2004, p.73). Dessa geração de historiadores Dosse considera Philippe Ariès o franco atirador na história das mentalidades. Ginzburg, com a proposta do paradigma indicial, também contribuiu para a expansão da micro-história. Conforme comentou Dosse, a nova escrita da história fundamentada nesse historiador italiano tem muita afinidade com a psicanálise e a busca do não-dito, dos indícios, dos lapsos. Para Ginzburg, Giovanni Levi e sua escola, a história é narrativa, idiográfica, indiciária e singular. Para François Dosse, o fosso entre história e memória permanece. Por isso, ele apresenta a narrativa como o caminho articulador entre essas duas dimensões. White (2001) também se postula como um defensor da historiografia narrativa. Ele defende que a linguagem do historiador é figurativa e não técnica. Para ele, a narrativa

historiográfica deve configurar uma combinação entre fato e interpretação, enfatizando o componente artístico do discurso historiográfico. Ele propõe uma escrita que invista na auto-consciência poética. A descrença no artificialismo da separação entre sujeito e objeto, herdeiro da concepção objetiva da ciência moderna ocidental, contribuiu para a expansão do uso das narrativas biográficas e autobiográficas, como mediadoras entre a história individual e a história social.

TOCAR CORPOS, TROCAR MEMÓRIAS DE SENSIBILIDADES LÚDICAS DO CAMPO E DA CIDADE

Profa. Dra. Keila Queiroz e Silva

Na condição de cartógrafos dos sentidos, nós historiadores das sensibilidades, temos alargado e aprofundado o nosso campo de análise dando visibilidade, expressão e audiência aos novos sujeitos contemporâneos desclassificados pela historiografia tradicional e pelas práticas culturais etnocêntricas. A minha travessia de pesquisadora em direção aos corpos invisíveis se configurou na experiência do mestrado como uma etno-história das diferenças de gênero em Campina Grande. No doutorado expandi as minhas reflexões acerca dos estudos culturais focado nas diferenças, entrelaçando as subjetivações de gênero com as subjetivações de gerações. O diálogo profundo experienciado entre a História e a Antropologia me moveu em busca das construções identitárias das idades da vida flexibilizando os papéis sócio/culturais instituídos pela Psicologia Moderna Darwinista para as crianças, os jovens, os adultos e os idosos. Na busca de uma trajetória acadêmica afirmadora da tríade ensino/pesquisa e extensão desenvolvi projetos em escolas públicas paraibanas e em comunidades de periferia com foco na Educação Intergeracional. No momento tenho investigado as sensibilidades lúdicas das diversas gerações através de relatos autobiográficos em oficinas de memória, momento este em que nossa equipe tem transgredido os currículos escolares conteudistas e disciplinadores em busca de uma Pedagogia dionisíaca e dos sentimentos de infância silenciados pela cultura adultocêntrica.

NAGIB MATNI E O SURGIMENTO DA ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA EM BELÉM- PA

Elis Priscila Aguiar da Silva (Graduanda) – UEPA
Prof^ª. Ms. Carmen Lilia da Cunha Faro – UEPA

Este projeto inicia com o anseio de instigar, na comunidade acadêmica do Campus III da Universidade do Estado do Pará, o interesse sobre a história e a memória do Curso de Educação Física, propiciando, a formação de um grupo de pesquisa. Essa expectativa é válida, por se tratar de um projeto de pesquisa que busca investigar, através da história e memória, a influência de Nabig Matni na construção e no desenvolvimento da Escola Superior de Educação Física do Estado do Pará- ESEFPA, antigo nome dado ao atual Curso de Educação Física - CEDF da Universidade do Estado do Pará -UEPA. Escolheu-se Nagib Matni como ponto chave para resgatar a história da ESEFPA por

entendermos a importância que este teve como um dos primeiros diretores, que com muito esforço e dedicação colocou, nas décadas de 70 e 80 a ESEFPA num elevado patamar na história da Educação Física brasileira. O objetivo é discutir as possíveis marchas e contramarchas dessa influência que, ao longo dos anos, ajudou a formatar a história da Educação Física enquanto manifestação significativa na Amazônia e mapear dados sobre a história da ESEFPA. Para isso, será feita uma revisão da literatura pertinente sobre história, memória e historiografia da Educação Física Brasileira e, em particular, quanto à história oral, considerando que as informações se encontram dispersas em documentos não sistematizados e na memória daqueles/as que vivenciaram o nascimento do curso, bem como os que conviveram com Nagib Matni. Tendo em vista esta perspectiva histórica, buscaremos recuperar o passado, utilizando como fontes documentais existentes no Curso de Educação Física da UEPA, no arquivo pessoal de Nagib Matni, iconografias, além de entrevistas em que utilizaremos a metodologia da história oral. Essas entrevistas serão realizadas com um total de quatro pessoas, que serão definidas a partir de uma entrevista-piloto com a Professora Eduarda Matni. Como resultado pretende-se verificar a real influência da figura de Nagib Matni na história da ESEFPA, bem como o alcance dos anseios aqui citados pois, acreditamos que: o homem que não sabe contar sua história não saberá fazer seu futuro.

AS FONTES ORAIS E A HISTÓRIA DO NOVO SINDICALISMO EM SERGIPE (1981-1999)

José Sergio Passos Filho - UNIT
José Vieira da Cruz - UNIT

Após a ditadura militar e o início da redemocratização o Brasil passa a vivenciar uma série de mudanças seja no campo da política, seja no campo da economia e com os movimentos sociais, em particular os sindicatos, não foi diferente. Dentro do movimento sindical as mudanças estão associadas, em grande medida, ao surgimento do chamado Novo Sindicalismo, proposta sindical que se desvinculava do modelo varguista e do modelo de sindicatos que aderiram ou foram submetidos a perspectiva intervencionista vigente no período militar. Essa nova perspectiva sindical é influenciada pelo fim do modelo bipartidário, pela influência de setores mais progressistas da Igreja Católica, e pelo surgimento de novas forças políticas no cenário partidário brasileiro, notadamente o Partido dos Trabalhadores que passa a disputar a hegemonia do movimento sindical junto ao PCB. Os reflexos dessas transformações também se fizeram presentes em Sergipe. Neste sentido, objetivo desse trabalho é analisar através do uso metodologia da história oral, como o movimento sindical reestruturou-se em Sergipe entre o final da ditadura militar e a fase de redemocratização. Este trabalho de resgate da história e da memória destes militantes, através das fontes orais, tem realizado entrevistas com algumas de suas lideranças e a partir do registro e análise destas fontes busca-se recuperar uma parte da história do sindicalismo brasileiro a partir de seus desdobramentos em Sergipe no período de 1981 a 1999.

**HISTÓRIAS DE VELHOS(AS) PARAIBANOS(AS) E SUAS ASTÚCIAS
CONTRA A SOLIDÃO**

Valdirene Pereira de Sousa– Mestre - UFCG
Keila Queiroz e Silva (Orientadora) - UFCG

O objetivo desse texto é apresentar histórias de vida de idoso(a)s que astuciosamente reinventam (Certeau, 1994) as dores da solidão simbólica e experiencial vivenciadas cotidianamente em seus universos sócio-culturais. As leituras de vidas possibilitadas pela experiência dessa pesquisa têm me permitido perceber e investigar indagações sobre as trajetórias tecidas pelas sensibilidades senescentes cartografadas na contemporaneidade. Utilizo a metodologia da história oral como aporte teórico para pensar a implementação dessa pesquisa e, a partir das entrevistas realizadas com os sujeitos idosos(as) se distende a materialização, em texto, das experiências compartilhadas. Foram entrevistados idoso(as) participantes de grupos de terceira idade, que experimentaram o cuidado de si, da cultura hedonista e idoso(as) cuidadores e/ou provedores dos netos, que vivem um tempo marcado pelo “cuidar” dos outros, renunciam e resignificam, portanto, seu projeto de vida individual em prol dos netos. Nessas duas configurações de sentimentos de velhice a ânsia por reconhecimento é uma experiência compartilhada entre os idosos(as) pesquisados, embora uma represente a afirmação de uma nova juventude e a outra a afirmação dos papéis tradicionais da velhice.

**AUTOBIOGRAFIAS EM QUESTÃO: EPISTEMOLOGIA, ESTÉTICA
EXISTENCIAL E NARRATIVAS DE SI**

Silêde Leila Oliveira Cavalcanti (Doutoranda) - UFPE

A pesquisa (auto) biográfica vive um momento de fertilidade no campo das pesquisas que revitalizam dimensões ligadas a subjetividade e as narrativas das histórias pessoais. Nessa direção vai esse artigo que se propõe a problematizar os potenciais teóricos das fontes (auto) biográficas e seu estatuto epistemológico, numa perspectiva multidisciplinar. A partir da evidência da multiplicidade de temas, fontes, procedimentos de análise que vem florescendo nesse campo nos últimos anos, busca-se favorecer reflexões oriundas de aprofundamento historiográfico e de pesquisa de doutoramento, que se debruça sobre a vida humana e suas construções, os modos de conhecer a si e aos outros e de configurações de relatos de experiências individuais e coletivas. A diversidade temática e de procedimento sugere as possibilidades dos estudos autobiográficos, que se configuram se expressam em três propriedades: expressivas, epistemológicas e formadoras das práticas da escrita e narrativas de si. A análise dos potenciais dos relatos de vida ocorre articulada a explicitação das relações entre histórias de vidas, invenção de si, projetos e destinos sócio-culturais. As histórias de vida são concebidas aqui como “artes formadoras de existência” (PINEAU, 2006) e como “pista existencial antropofornativa”. Consideramos, nessas escritas de si a tríplice dimensão da narrativa, quer sejam, como fenômeno (o ato de narrar-se), como método e como processo de auto-conhecimento. A evidência da efervescência pluri e

transdisciplinar do movimento biográfico apresenta várias interpretações, provocada pelo enfraquecimento dos grandes discursos articuladores de sentido e pelas múltiplas alterações de uma revolução bio-ética. A tão divulgada explosão multimídia pós-moderna é acompanhada por um declínio da força da escrita pelo predomínio da imagem e do som multimídia, atribuindo aos indivíduos à tarefa de construir sentido em suas vidas, sentidos esses interpretados e resignificados pelos pesquisadores e, em especial, pelos historiadores ávidos de indagações e desafios como esses sujeitos sociais e suas existências significadas.

IDÉIAS LIBERTINAS PAR TEMPOS DE CLAUSTRO: A RECEPÇÃO BIOGRÁFICA DO MARQUÊS DE SADE NOS CIRCUITOS ACADÊMICOS E BRASILEIROS

Maria Clarilene Medeiros Salvador Roberto - UFPB

Descendente de uma das mais antigas linhagens da nobreza francesa, Donatien Alphonse François de Sade - o Marquês de Sade - graças ao teor polêmico e inoquista da sua vasta produção literária, entrou para o rol das controversas personalidades históricas como ateu, cético, contestador e nihilista. A presente proposta de trabalho tem como objetivo discutir a recepção e a apropriação da biografia de Sade nos circuitos acadêmicos brasileiros, entre o fim da década de 60 e começo dos anos 80 do século XX. As obras do Marquês foram proibidas ou malditas por mais de cem anos. Ainda que tenha vivido num período revolucionário (a Revolução Francesa), Sade foi perseguido, proibido e encarcerado durante a maior parte de sua vida, por todos os regimes sob os quais viveu. Apenas no século XX, as obras do Marquês começaram a ser resgatadas, principalmente a partir da paixão dos artistas surrealistas pelo escritor. Mas, mesmo assim, publicar Sade era motivo para ações judiciais, como ocorreu com o editor Jean-Jacques Pauvert, processado e multado em 1956 por divulgar a obra sadiana. Somente nos anos 60, principalmente após o “Maio de 68”, a obra do Marquês começou a ser mais difundida. Sendo assim, parto do pressuposto de que as idéias libertinas de Sade parecem exercer certo fascínio entre os pensadores submetidos a contextos históricos, mais contemporâneos, marcados pela repressão, censura e autoritarismo, como no caso do Brasil. O trabalho está embasado teoricamente nos textos de Jean Orieux (1986) sobre a arte do biógrafo e Pierre Bourdier (2006), sobre a ilusão biográfica e tem como principal fonte a obra Sade: vida e obra, de Fernando Peixoto (1978).

MINHA RELAÇÃO COM CAMPINA GRANDE

Alana Cavalcanti Cruz - FIP

Desde que nasci moro em Campina Grande, portanto além de minha família, tenho amigos de uma vida inteira, pessoas que fizeram e fazem parte da minha vida há muito tempo. No ano de 2002 todo o meu cotidiano mudou, quando me mudei para João Pessoa, desta forma tudo aquilo que era não seria mais, a partir daquele momento me

senti sem chão e tive que apesar da falta de referência que havia, reescrever a história da minha vida, a partir de novos paradigmas. . Sempre tive uma relação muito intensa com minha cidade, e mesmo passando a morar na capital da Paraíba, nunca conseguir negar o amor que sinto por minha cidade. Uma trajetória de saudade, desterritorialização, encontros, desencontros, apegos, desapegos, construções e reconstruções, mas também de muito aprendizado. No entanto pude perceber que mesmo não morando mais em Campina, minha história esteve, está e sempre estará entrelaçada com a minha cidade natal, essa passagem de Eni Orlandi, ajuda-me a expressar o que sinto: “No território urbano, o corpo dos sujeitos e o corpo da cidade formam um, estando o corpo do sujeito atado ao corpo da cidade, de tal modo que o destino de um não se separa do destino do outro. Em suas inúmeras e variadas dimensões: material, cultural, econômica, histórica. O corpo social e o corpo urbano formam um só. Embora João Pessoa tenha se tornado a cidade que passei a residir, em qualquer local que eu vá, não consigo passar despercebido a minha naturalidade, é algo que já faz parte das minhas características, por isso, desde que vim morar na capital da Paraíba, a minha relação com esta cidade, por mais que eu tenha feito amigos , não tem o mesmo carinho e apego que tenho por Campina, por isso creio eu, que a minha adaptação aqui foi muito difícil, pois existem coisas e pessoas que existem em Campina Grande que nunca encontrei em João Pessoa, e acredito que não vou encontrar. Melhor mesmo é recordar, pois como já diziam: “Recordar é viver.”

CORPOS E IDENTIDADES MASCULINAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UMA EXPERIÊNCIA MODERNA A CONTRAPELO?

Helio Santana Garcia Soto - UFCG
Keila Queiroz e Silva (Orientadora) - UFCG

O projeto faz uma análise preliminar de uma necessidade investigativa acerca da idéia de que a cidade enquanto vitrine do processo de construção da modernidade, aparece como (re) definidora de novos modelos de papéis sociais para homens e mulheres, e por conseguinte de novas sensibilidades em torno dessas mudanças, tendo na instrução escolar de crianças (0-12 anos) a caracterização de uma atividade feminina, marcadamente construída pelo seu avesso (o masculino), ou seja, os homens como sujeitos pouco aptos a educar crianças. Pretende-se, investigar as subjetividades masculinas nesse contexto “avesso” a fim de expressar as suas falas e as tramas discursivas que constituem as especificidades da docência exercida por eles. Diante da representação de que naturalmente as mulheres estariam mais aptas a ensinar crianças, em virtude da aparência desse campo profissional com a maternidade, procura mapear e desconstruir esse viés interpretativo dominante sobre o magistério infantil na hipótese de que esse gendramento faz parte de construções de discursos de saber e poder (FOUCAULT, 1979). A educação escolar moderna, que define o que deverá ser ensinado com base em grades curriculares, é tão fragmentária, cartesiana que seu currículo está dividido em disciplinas cada qual tratando de aspectos de uma área específica do conhecimento sem muito diálogo ou percepções das ligações existentes entre elas. Dessa maneira, a compreensão do mundo e das relações que acontecem nele aparecem recortadas e muitas vezes fechadas em si. O corpo educado sob essa ótica, é

um corpo preparado para ocupar determinados espaços e ser interditado em outros, por sua vez o campo explicativo que ainda rege as construções binárias dos corpos femininos e masculinos no magistério infantil mostra bem esse grau de preparação e interdição. Pressupõe-se a partir daí que para educar crianças características como: docilidade, afetividade, capacidade de cuidar são inerentes a natureza! feminin a e, logo os homens seriam inabilitados e “interditados” para realizar essa atividade. Portanto, pretendemos observar em medida a escola como fenômeno essencialmente ligado a cidade, tem “invisibilizado” e “indizibilizado” a atuação profissional dos homens no magistério infantil de Campina Grande/PB, a relevância de expressar a história de vida desses homens professores está ligada a necessidade de refletir sobre a importância desses sujeitos na educação escolar de crianças, desfazendo preconceitos e inscrevendo suas subjetividades como expressão de um corpo que educa, dentro das suas especificidades afetivas, morais, de gênero etc.

CONTANDO E RECONTANDO HISTÓRIAS SOB A ÉGIDE DA CONSTRUÇÃO DE ÁLBUNS DE FAMÍLIA EM SALA DE AULA

Maria Edilene Justino - UFCG

Keila Queiros e Silva - UFCG

Durante algumas décadas questionou-se a validade da oralidade e das narrativas orais no ensino e no meio científico. A história oral (HO) introduzida no Brasil desde os anos 70, com efervescência nas décadas de 80 e 90, consensuada por FERREIRA & AMADO (2000) e por JUCÁ (2006) tem sido discutida e incorporada enquanto uma nova opção metodológica. Desta maneira, sendo a história um tipo especial de narrativa que não foge daquilo que realmente aconteceu, é que se faz necessário reconhecer o alcance desta narrativa especial, para a superação dos estreitos limites da cientificidade, abrindo perspectivas de abordagens mais significativas JUCÁ (2006). Deste modo, se é também através do discurso oral e das narrativas que o ser humano constrói e afirma sua identidade, indubitavelmente tais modalidades merecem nossa ênfase. Em reconhecimento a importância do ensino e dos usos sociais da oralidade e das narrativas no ensino de história, de grande significação no desenvolvimento das competências comunicativas, e da formação da identidade de sujeitos críticos reflexivos, este trabalho apresenta uma discussão acerca do ensino de história permeado pela presença metodológica de narrativas biográficas e autobiográficas Rosenthal (2000), por meio da construção de “álbuns de família”, pelas alunas de graduação em Pedagogia da disciplina “História I na educação infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental”, oferecida pela UAEd no período 2009.2. Norteamo-nos teoricamente sob a concepção Boseana (1994) da autobiografia enquanto forma predominante da memória de um indivíduo, e ainda sob o olhar da recordação das histórias de vida como oportunidade de favorecer a nós e aos outros um sentimento de identidade disposto em SILVA (1997). Fomos do estudo dos textos teóricos, a pesquisa extra-classe, construção dos Álbuns em sala, e dos acompanhamentos, até as apresentações orais dos “Álbuns de família” em sala de aula. Assim, foi possível constatar a mudança de postura das alunas, que passara da resistência ao novo, ao encantamento com as novas, necessárias e diferenciadas formas de condução metodológica do ensino de história favorecendo-as

uma nova concepção de história, a mesma que ora prima pela ação consciente do sujeito que constrói e reafirma sua identidade de sujeito histórico ativo e, portanto, contador e fazedor de história(s). Palavras - chave: História Oral. Memórias (Narrativas). Álbuns de Família.

CONSTRUÇÕES AUTOBIOGRÁFICAS DESENVOLVIDAS NA DISCIPLINA ESTUDOS SOCIAIS NAS ESCOLAS DE 1º GRAU (HISTÓRIA) - 2009.1

Priscila Bezerra de Moura – UFCG
Keila Queiroz e Silva (Orientadora) – UFCG

Sabendo que a história não é única, e sim múltipla, um emaranhado de acontecimentos desenvolvidos por sujeitos com suas individualidades, mas que fazem parte de uma coletividade. Propomos na disciplina “Estudos Sociais nas Escolas de 1º Grau (História)”, do período 2009.1, a construção individual dos álbuns de família, com o intuito de despertar nas alunas a percepção da conexão entre as identidades individuais e coletivas, ou seja, a relação entre micro e a macro-história. Percebemos no desenvolvimento dessa atividade uma resistência por parte das alunas, que pode ser interpretada como uma descrença de que a sua história possa contribuir academicamente para o estudo da história local contemporânea. No entanto, com o desenrolar da atividade, houve um significativo envolvimento por parte das alunas pesquisadoras, que por meio da história oral coletaram ricos depoimentos dos seus familiares, articulando os mesmo as suas percepções na construção de histórias autobiográficas. A autobiografia, assim como as demais pesquisas em história, é seletiva, as alunas ao falarem de si próprias e dos seus familiares, estabelecem critérios de escolhas, em que especificam ou silenciam acontecimentos. O não-dito muito presente em pesquisas que trabalham com memórias, não significa que a pesquisa seja inválida, pois o próprio silenciar pode ser analisado, já que toda fala e toda escrita são permeadas por escolhas. Para tanto, propomos nesse trabalho analisar essas pesquisas de construções autobiográficas, desenvolvidas na referida disciplina.

CULTURA POLÍTICA E BIOGRAFIA: UM CASAMENTO PERFEITO?

José Luciano Queiroz Aires - UEPB

Em meu projeto de Tese de Doutorado, intitulado, Espetacularização do Poder: cultura política e festas cívicas na Paraíba do Estado Novo, pretendo discutir o imaginário político paraibano em tempos de autoritarismo, os usos da cultura, a montagem da teatrocracia e as representações constituintes dessa cultura política vigente. Nesse particular, penso ser interessante, para efeito de método, refletir sobre as relações entre os indivíduos e a história. Afinal, em um dos momentos de nosso detetivesco ofício, devo investigar os perfis dos atores políticos da conjuntura que intenciono reconstituir em suas tramas, perfazendo os caminhos complexos de indivíduos que agiam e se relacionavam na estruturação do palco do poder paraibano dos anos 1930/40. Esse artigo, entretanto, será dividido em três momentos: inicialmente,

vou analisar como a escrita biográfica e a história política tradicional durante a modernidade; em seguida, procuro problematizar as críticas e a renovação dos estudos biográficos e da valorização do indivíduo na escrita da história e, finalizando, discuto as possíveis aproximações de um diálogo entre a história política renovada e esse novo estilo de gênero biográfico e de pensar as relações indivíduo-grupo.

ETNO HISTÓRIA DE UMA DEVOÇÃO SERTANEJA: A FESTA DE NOSSA SENHORA DAS VITÓRIAS

Edson de Araújo Nunes - UFPE
Sylvana Maria Brandão de Aguiar (Orientadora) - UFPE

Neste trabalho, buscamos reconstituir as origens históricas da devoção a Nossa Senhora das Vitórias que ocorre no Santuário do Monte do Galo, no município potiguar de Carnaúba dos Dantas, microrregião do Seridó. Do ponto de vista metodológico, a pesquisa a pesquisa é exploratória, documental e bibliográfica. Diante da diversidade de fontes inerentes à nossa investigação – quais sejam orais, documentais e iconográficas - fizemos confluir lentes da História Oral e da Etno história. Foram-nos basilares as contribuições de Paul Thompson, Jacques Le Goff, Antônio Montenegro, Verena Alberti, Carlos Alberto Steil, Sylvana Brandão e Clifford Geertz. Também foram fundamentais os conceitos de Pierre Bordieu para a compreensão do que é campo, subcampo e as relações estabelecidas pelos agentes da administração do capital religioso e simbólico. A história da devoção a Nossa Senhora das Vitórias remonta ao início do século passado, quando, segundo fontes orais e documentais registram-se os primeiros milagres; com a instalação de um cruzeiro comemorativo à fundação de Carnaúba dos Dantas, em 1928, no Monte do Galo, espaço já sacralizado pelas gentes seridoenses desde o século XIX, a imagem da Santa é doada por seu primeiro devoto, Pedro Alberto Dantas; a benção de sua pequena capela dá-se em 1930 e, desde então, verifica-se que o santuário passa a ser palco das mais diversas representações de fé e devoção por parte deromeiros de todos os rincões do Seridó. Para além da compreensão histórica desta devoção, constatamos o crescimento das práticas devocionais neste Conjunto Religioso no alvorecer do século XXI. O trabalho é vinculado aos Grupos de Pesquisa “História e Religiões”, do Programa de Pós graduação em História da UFPE, e “Gestão Pública e Espaços Públicos: conflitos e intolerância religiosa”, do Mestrado Profissional em Gestão Pública para o Desenvolvimento do Nordeste, da UFPE. Palavras chave: Etno história. Devoção. Carnaúba dos Dantas. Nossa Senhora das Vitórias.

HISTÓRIAS E MEMÓRIAS: NARRATIVAS DE VIDAS DE PROFESSORES (AS) DE HISTÓRIA

Prof^a. Dr^a. Regina Coelli Gomes Nascimento - UFCG

Nesta pesquisa analisamos as experiências vivenciadas por professores e professoras no Curso de Graduação em História do CH/UFCG, destacando as narrativas que

circularam, demarcar os lugares e as diferenças entre os sujeitos, ganharam projeção e construíram cartografias diversas para docentes, discente e funcionários no período entre 1979 e 2009. A documentação selecionada no decorrer desta pesquisa consta de Leis, Decretos, Resoluções, atas, periódicos locais, fotografias e depoimentos orais de docentes, discente e funcionários, em exercício ou aposentados (as). Metodologicamente embasados nos pressupostos pensados por Michel de Certeau acerca das práticas cotidianas, as histórias concebidas e vívidas serão analisadas a partir de um lugar social, buscando perceber suas sutilezas, estratégias, táticas e operações do fazer e do saber. A partir desse recorte temporal, espacial e metodológico, procuramos problematizar as Histórias narradas sobre o curso de História na sua historicidade destacando os discursos que emergiram nesse período e que (re) modelaram a figura do docente formado na universidade.

ORALIDADE E LIQUIDEZ: A CONSTRUÇÃO DE DOCUMENTOS E O PAPEL DO HISTORIADOR NA CHAMADA PÓS-MODERNIDADE

Suzana Lopes Salgado Ribeiro - USP

Essa apresentação propõe uma discussão sobre o conceito de documento na contemporaneidade frente as questões da liquidez do mundo anunciada por Bauman, chamada por alguns de pós modernidade. Para tanto gostaríamos de refletir sobre o fazer do pesquisador que escolheu a história oral ou a fonte oral como ramo de produção de conhecimento. Além disso, queremos pensar sobre o próprio papel do historiador que vê-se envolvido com a elaboração e análise de documentos o que modifica seu ofício. Dessa forma a apresentação também mostrará algumas abordagens para os conceitos de experiência, memória e narrativa, pensados como eixos estruturadores para trabalhos que envolvem a oralidade.

A TRANSCRIÇÃO EM HISTÓRIA ORAL E A INSUFICIÊNCIA DA ENTREVISTA

Marcela Boni Evangelista - USP

Esta apresentação pretende discutir um dos pontos centrais da história oral: a entrevista. Tendo em vista que são múltiplas as possibilidades de trabalho a partir deste material, uma das maneiras de trabalhar o texto produzido a partir das entrevistas é a transcrição. Esta opção de trabalho textual admite, entre outras coisas, a subjetividade inerente ao processo interativo que marca as entrevistas de história oral, sobretudo quando se trata de história de vida. Além disso, aponta para a insuficiência da entrevista simplesmente transcrita, uma vez que muito do que quer ser dito nem sempre fica evidente nas palavras pronunciadas e literalmente passadas do oral para o escrito. Desta maneira, pretendemos abordar os aspectos que envolvem o processo transcriativo na construção de histórias de vida, levantando questões que envolvem o trabalho de colaboração entre entrevistador e entrevistado na produção da narrativa, bem como os aspectos éticos que envolvem o processo como um todo.

**O PODER DA PALAVRA: PRÁTICAS DE CURA E MEMÓRIAS DE
REZADEIRAS**

Andrea Carla Rodrigues Theotonio - UFCG
Marinalva Vilar de Lima (Orientadora) - UFCG

Este trabalho pretende lançar um olhar sobre trajetórias de mulheres rezadeiras, utilizando como fio condutor da pesquisa a permanência da prática da reza em comunidades da zona rural do município de Areia- PB. Para alcançar esse objetivo, utilizamos fontes orais de pesquisa, a partir das contribuições metodológicas da história oral e de estudiosos que a ela se dedicam a exemplo de Philippe Joutard e Alessandro Portelli. As práticas de cura empreendidas por mulheres rezadeiras permeiam o cotidiano das comunidades nas quais elas estão inseridas. Propor uma análise da historicidade da permanência dessas práticas é afirmar a presença de mulheres rezadeiras como sujeitos históricos ativos em seu lugar.

MENINA SEM NOME: DA COMOÇÃO À DEVOÇÃO

Rafaella Valença de Andrade Galvão - UFPE
Sylvana Maria Brandão de Aguiar - UFPE

Esta investigação procura compreender como uma criança violentada, morta e enterrada como indigente no Cemitério de Santo Amaro em Recife, Pernambuco, na década de 1970, torna-se um mito e cada vez mais um fenômeno de devoção. Na época, a repercussão do crime atingiu grande proporção midiática, tanto impressa como em rádios e televisões, gerando grande comoção. De lá para cá, é crescente em seu túmulo a presença de curiosos, mormente de devotos provenientes de diversos rincões do Estado. São atribuídos à “Menina Sem Nome”, que é assim chamada porque sua identidade nunca foi revelada, diversos tipos de milagres que vão desde cura até aquisição de bens; dado que pode ser observado pela tipologia dos ex-votos ofertados. Cabe registrar que esta devoção não se constitui essencialmente católica; há uma confluência de devotos oriundos de várias expressões religiosas, inclusive daqueles que não se definem como religiosos, o que nos faz refletir sobre a pluralidade religiosa em um mundo secularizado no sentido institucional e de reinvenções de expressões de fé, no dizer de Peter Berger. Trata-se de uma pesquisa exploratória, qualitativa, bibliográfica e documental de fontes tanto oficiais, quanto advindas da oralidade obtidas através de questionários e entrevistas abertas, bem como iconográficas. Do ponto de vista teórico, fizemos convergir várias lentes de abordagem, quais sejam a História Oral, a Etnohistória, bem como a Etnografia; destacam-se respectivamente as contribuições de Jacques Le Goff, Antônio Montenegro, Verena Alberti, Clifford Geertz, Carlos Alberto Steil e Sylvana Brandão. Este trabalho integra o projeto “Santuários Pernambucanos”, do CNPq/UFPE, bem como os Grupos de Pesquisa “História e Religiões” do Programa de Pós Graduação em História da UFPE e “Gestão Pública e Espaços Públicos: conflitos e intolerância religiosa”, do Mestrado Profissional em Gestão Pública para o

Desenvolvimento do Nordeste. Orientadora: Profa. Dra. Sylvana Maria Brandão de Aguiar.

**AS FONTES ORAIS E A HISTÓRIA DO NOVO SINDICALISMO EM SERGIPE
(1981-1999)**

José Sergio Passos Filho - UNIT
Prof. Msc. José Vieira da Cruz (Orientador) - UNIT

Após a ditadura militar e o início da redemocratização o Brasil passa a vivenciar uma série de mudanças seja no campo da política, seja no campo da economia e com os movimentos sociais, em particular os sindicatos, não foi diferente. Dentro do movimento sindical as mudanças estão associadas, em grande medida, ao surgimento do chamado Novo Sindicalismo, proposta sindical que se desvinculava do modelo varguista e do modelo de sindicatos que aderiram ou foram submetidos a perspectiva intervencionista vigente no período militar. Essa nova perspectiva sindical é influenciada pelo fim do modelo bipartidário, pela influência de setores mais progressistas da Igreja Católica, e pelo surgimento de novas forças políticas no cenário partidário brasileiro, notadamente o Partido dos Trabalhadores que passa a disputar a hegemonia do movimento sindical junto ao PCB. Os reflexos dessas transformações também se fizeram presentes em Sergipe. Neste sentido, objetivo desse trabalho é analisar através do uso metodologia da história oral, como o movimento sindical reestruturou-se em Sergipe entre o final da ditadura militar e a fase de redemocratização. Este trabalho de resgate da história e da memória destes militantes, através das fontes orais, tem realizado entrevistas com algumas de suas lideranças e a partir do registro e análise destas fontes busca-se recuperar uma parte da história do sindicalismo brasileiro a partir de seus desdobramentos em Sergipe no período de 1981 a 1999.

**MEMÓRIAS DE BRINQUEDOS E BRINCADEIRAS: HISTÓRIAS DE
SENSIBILIDADES LÚDICAS PLURAIS.**

Radmila Fanny Resende de Andrade
Profa. Dra. Keila Queiroz e Silva (Orientadora)

Este artigo vem analisar as diferenças de classes e gênero a partir de uma investigação participativa sobre experiências de infância na Escola Municipal Padre Antonino no bairro bodocongó em Campina Grande e na creche (UEI) localizada dentro da Universidade Federal de Campina Grande. Pretendíamos focar como o ambiente social influencia na concepção e nas formas de brincar, pensando-os como construção do patrimônio cultural, de modo que através da educação patrimonial os brinquedos sejam reconhecidos socialmente como patrimônio material e as brincadeiras na condição de patrimônios imateriais. As contribuições desse trabalho no campo da pesquisa consistem no trabalho com biografias e autobiografias. E no que diz respeito ao ensino podemos ressaltar a presença do lúdico na sala de aula como uma tentativa de

ruptura com a concepção de currículo escolar Fordista e disciplinarizadora dos corpos. Nessa perspectiva procuramos fazer com que os atores escolares compreendessem que brincar também pode ser uma forma de aprendizagem e construção da identidade individual e social da criança.

JOÃO E MARIA: UMA TERRÍVEL HISTÓRIA DA CRIANÇA SEM INFÂNCIA?

Jannefrance Gonçalves da Costa - UFCG

A invenção da infância moderna não garantiu as crianças uma história de cuidado e afeto. As desventuras das crianças abandonadas e suas problemáticas relações familiares de desavenças e violências fazem parte do cotidiano de muitas crianças no Brasil, apesar da sociedade buscar impor modelos de família e seus papéis do que seja uma boa mãe, um bom pai, um bom filho assim por diante. Não adotar os padrões estabelecidos se constitui num desvio de conduta não visto com bons olhos, mas quando esses desvios às normas provocam ressentimentos? As histórias narradas pelos corpos infantis abandonados por seus pais biológicos, adotados informalmente por suas avós, uma realidade que vem crescendo e reconfigurando os papéis sociais na família contemporânea na Paraíba (RAMOS, 2008), nos transporta a outro universo simbólico. A história da criança ao longo do tempo e do espaço tem demonstrado como o cuidado e afeto dos pais é um sentimento contingencial, por isso incerto e frágil. As narrativas autobiográficas das crianças entrevistadas desvelam e desnaturalizam o amor incondicional celebrado enquanto um sentimento natural (BADINTER, 1985). Pais e mães que matam, espancam, exploram e violam seus filhos, são cercados por um véu que emudece e encobre a faceta terrificante que expropria os sonhos de diversas crianças. Assim sendo, desestabilizar os lugares ontologicamente sacralizados por uma moral cristã, que investiu nos modelos matrimoniais, enquanto instituição sagrada, tendo a mulher o papel da “santa-mãezinha”, como aquela que abdica de qualquer ambição pessoal em prol de sua família e o pai enquanto guardião da interdição e provedor é o objetivo da pesquisa, pois esses personagens não são os que encontramos nas casas investigadas e sim, sujeitos que não protagonizam as histórias de suas famílias. Repensar os papéis desses genitores é olhar no espelho o reflexo desse outro não tão agradável, mas em contra partida é olhar também para uma geração de crianças negligenciadas por esses pais.

NARRATIVAS BIOGRÁFICAS E AUTOBIOGRÁFICAS DE MEMÓRIAS DE INFÂNCIAS PARAIBANAS

Anny Glayni Veiga Timóteo

A partir de um trabalho de investigação no campo educacional e comunitário, foram feitas narrativas biográficas e autobiográficas com o intuito de perceber a existência de

diferentes formas de percepção do sentimento de infância. Observou-se que as diferenças econômicas também influenciam com relação a esse sentimento. Com as observações participativas que foram feitas em escola particular (UEI) e pública (Padre Antonino), percebemos que a experiência de infância é representativa, havendo, no entanto heterogeneidade do sentimento de infância. O principal objetivo deste artigo é investigar o amplo espaço lúdico infantil a partir das diversas realidades sociais, percebendo os brinquedos e as brincadeiras como patrimônio cultural.

NARRATIVAS DE SENTIMENTOS DE INFÂNCIA NA VELHICE: UMA FORMA DE REVIVER A INFÂNCIA

Níobe Neves Henriques - UFCG
Prof. Dr^a Keila Queiroz E Silva (Orientadora)

Este artigo tem como proposta analisar o sentimento de infância dos idosos da Pastoral da Pessoa Idosa da cidade de Campina Grande, a partir das experiências que foram expostas nas oficinas de memória do PROJETO EDUCAÇÃO HISTÓRICA E PATRIMONIAL NO ENSINO FUNDAMENTAL: Uma Travessia Intergeracional. Nas atividades realizadas com o grupo de idosos, elaboradas previamente, privilegiamos um espaço no qual as experiências guardadas na memória ganhem corpo e sentidos polissêmicos através das narrativas biográficas e autobiográficas. Nesse trabalho contextualizamos as experiências de brincar e de brincadeira dentro das diversas espacialidades, gênero, geração, classe social e, investigamos as diversas sensibilidades lúdicas como patrimônio cultural e ethos cultural, de modo que a brincadeira se insere como patrimônio imaterial e o brinquedo como patrimônio material. Nessa perspectiva as experiências de infância são representativas e não cronológicas, o idoso no momento da oficina assume uma performance de criança, revive sua infância. Deste modo o que se percebe é que o idoso recupera as suas histórias e experiências, rompendo com as fronteiras da idade e da vida. Essa proposta de educação intergeracional tem contribuído para que haja relações mais pacíficas entre as diversas gerações, como também uma maior socialização entre elas.

INDIVÍDUO E SOCIEDADE: A VIDA DE PE. LUIS SANTIAGO E A COMPREENSÃO DO CONTEXTO HISTÓRICO DOS ANOS 1930 NO CURIMATAÚ PARAIBANO

José Márcio da Silva Vieira (Mestrando) - UFCG
José Anchieta Bezerra De Melo (Mestrando) - UFPB

Este trabalho tem por objetivo analisar a biografia de Pe. Luiz Santiago de Moura (1897-1982), que exerceu suas funções eclesiais entre os anos de 1929 a 1941, no atual município de Cuité-PB, buscando compreender o contexto histórico e cultural da época, a partir da história de sua vida pública. No ano 1933, registram-se atritos entre Pe. Luiz Santiago e os primeiros adeptos do protestantismo em Cuité, chegando aquele a insuflar

à violência alguns fiéis católicos, que, em um ato extremo, terminaram por demolir o Templo da Igreja Assembléia de Deus, em 1935. O assassinato de um “crente”, em 1940, supostamente executado a mando de Pe. Luis Santiago, resultou na suspensão de suas ordens canônicas pela Igreja, fato que, no entanto, não o afastou dos trabalhos eclesiais, pois, o mesmo construiu uma capela nos subterfúgios de sua fazenda Ubaia, no município de Barra de Santa Rosa, onde “casava e batizava”. Além de escritor, arqueólogo e inventor, Pe. Luis foi o introdutor e grande produtor da cultura sisaleira, importante ciclo econômico da região do Curimataú, tendo envolvimento também com a política local. Como conclusão, proponho que, a análise biográfica, ou seja, aquela centrada apenas em um indivíduo, se constitui em um importante instrumento metodológico para o entendimento de aspectos sociológicos e históricos de uma determinada época.



GT 18 - HISTÓRIA POLÍTICA: ABORDAGENS, FONTES E POSSIBILIDADES

Lindercy Francisco Tomé de Souza Lins - UERN

Este Grupo de Trabalho tem por finalidade reunir pesquisadores que versam seus estudos para a História Política em suas diversas abordagens. A partir da inserção da abordagem cultural e social, a história política sofreu transformações relevantes, pois englobou novas perspectivas nos estudos políticos, além perceber a política numa abordagem mais ampla, e não apenas ao Estado, tampouco se resume a feitos políticos ou medidas administrativas dos governantes. Há que se pensar na história das instituições, como Sindicatos, Partidos, Casas Legislativas, Igrejas, ONG's, Fundações, Maçonaria, dentre outras que ganham dimensão política a partir do aguçado olhar do historiador que se envereda pela área. Além do mais, com a difusão da história cultural, a história política ganhou ferramentas de análise, além de dimensões novas de pesquisa, quais sejam: análise da cultura política e história cultural da política. A primeira diz respeito a uma série de manifestações dos políticos sobre aspectos da sociedade, como o comportamento e as escolhas feitas em determinada realidade, as tradições políticas das instituições, as posturas políticas, as representações, ritos e símbolos criados, redimensionados ou apropriados, sejam pelos agrupamentos partidários ou pelas elites políticas com intuito de manutenção de poder. A abordagem da história cultural da política relaciona-se com o impacto da política na cultura social, por exemplo, como um determinado jornal viu e tratou figuras políticas, ou mesmo a forma pela qual escritores viram a política através de suas obras, são campos da história cultural em sua dimensão política. Uma crítica justa que se fazia contra a história política tradicional era a ausência de fontes que não fossem estatais e um excesso de subjetivismo na análise dos acontecimentos, pois a explicação beirava mais a psicologia e o acaso do que pressões dos grupos e condicionantes econômicos. Atualmente, a história política, por ter ampliado seu raio de investigação e seu diálogo com outras ciências humanas, sobretudo com a ciência política, dispõe de elenco vasto de fontes. Seu leque vai desde os documentos oficiais, tão bem trabalhados pelos ditos positivistas, mas, de uns anos para cá, tem servido também para a história cultural, estatísticas, documentos

partidários, imprensa, oralidade etc., ou seja, boa parte da documentação utilizada por outras correntes históricas.

**A CRUZ, A FOICE E O GAVIÃO”: MAS ONDE ESTAVAM OS PINTOS? – A
EXPERIÊNCIA ORGANIZACIONAL DOS TRABALHADORES RURAIS NA
CIDADE CRATO (1962-1970)**

João Paulo Fernandes da Silva (Mestrando) - UFC

Nesta pesquisa analiso as experiências dos trabalhadores rurais no município do Crato, que, no período de 1962-1970, tornaram-se partícipes de inúmeras manifestações sociais ligadas aos diversos núcleos sindicais rurais espalhadas por toda região do cariri cearense. O sindicato rural cratense, o primeiro a ser reconhecido em todo o estado do Ceará, é parte do chão onde se constroem, motivam e respaldam boa parte da ação daqueles sujeitos. Minha proposta é problematizar a trajetória desses atores sociais, registrada em documentos e lembranças, realizando uma análise que explique a história e a organização desses homens e mulheres, enfatizando, sobretudo, as suas lutas e suas diversidades na multiplicidade de suas atuações como sujeitos ativos no processo histórico

**O MOVIMENTO SINDICAL EM SERGIPE EM TEMPOS DE
REDOMOCRATIZAÇÃO (1981-1999)**

José Domingos Santos Nascimento - UNIT
José Vieira da Cruz (Orientador) - UNIT

No final do XX o mundo passou por profundas transformações no campo político, econômico e social. No Brasil essas mudanças aconteceram com o fim do regime político autoritário e a volta da democracia. Tais modificações influenciaram diretamente a vida dos trabalhadores que nesse momento assumiram uma postura sindical mais ativa e com base na reorganização social adquirida com a redemocratização da sociedade, onde a organização baseava-se em resposta à estrutura sindical autoritária da ditadura militar e à estrutura sindical corporativista de Getúlio. Em um segundo momento os trabalhadores organizados vão enfrentar a política neoliberal, com sua estrutura de privatizações e arrocho salarial. As evidências dessa postura entre os sindicalistas em Sergipe são observadas a partir de sua visibilidade junto aos órgãos da imprensa local. O objetivo desse trabalho, portanto, é identificar através do inventário de cinquenta recortes de jornais qual o papel dos trabalhadores sergipanos no período de redemocratização, e ainda preencher uma lacuna na historiografia sergipana ao que se refere a história dos trabalhadores. Buscando entender como estes se organizaram e quais suas estratégias de atuação e discussão. Pesquisa iniciada pelo historiador Ibarê Costa Dantas, que coletou esse material durante as décadas de 1980 e 1990. Os recortes disponibilizados foram digitalizados e fichados, outros jornais do mesmo período foram analisados com a finalidade de ter maior embasamento dos fatos, e identificar os líderes sindicais. Tal inventário observa a

importância dos trabalhadores em Sergipe durante o período de transição entre o fim da ditadura e a redemocratização do país. Neste contexto e à luz do exame das fontes mencionadas pretende-se discutir como a perspectiva do novo sindicalismo ganha forma e corpo no meio sindical em Sergipe.

NOVOS TEMPOS, E OS VELHOS PROBLEMAS: REFLEXÃO SOBRE O PAPEL DA ESCOLA NA ATUALIDADE

Sílvio César Lopes da Silva - UEPB

É possível perceber que, estando a nossa sociedade hoje, dilacerada por desigualdades e pela competitividade, culturalmente a mesma vem se tornando autoritária e subjugada pela globalização hegemônica neoliberal e por uma história de dominação e opressão. Embora se escute falar nas políticas públicas, em projetos sociais, percebemos que a população acaba despojada dos mesmos, uma vez que lhes falta tudo, e quando pressupõe ter algo, este lhe é dado aos poucos ou pela metade, é o caso da educação e da cultura educacional que foi se configurando em nosso país nas últimas décadas. Buscamos neste artigo, refletir algumas questões referentes à educação, no que tange a escola pública e aos indivíduos que nela participam, ou seja, a comunidade escolar. Temos um modelo de escola que na maioria das vezes não corresponde às necessidades da população, uma vez que segue padrões estatísticos que se configura pela exclusão dos tidos como “piores” e pela classificação daqueles que se destacam como os “melhores”. Dessa forma, não é nosso objetivo encontrar soluções, mas sim, propor reflexões que promovam o debate e favoreçam a mudanças por meio da reconstrução de conceitos como participação, relação de saber, escola, dentre outros, tão desgastados e, ao mesmo tempo, tão importantes para a construção de um paradigma realmente participativo e transformador.

O IHGB E A PRODUÇÃO DE LIVROS DIDÁTICOS DE HISTÓRIA PÁTRIA

André Mendes Salles - UFPB

O século XX conheceu profundas mudanças na maneira de se pensar e se fazer História. Novas fontes, novos temas e novas formas de abordá-los foram desenvolvidos. Os historiadores do século XX, cada vez mais, movidos por novos questionamentos, passaram, inclusive, a fazer novas perguntas a documentos já conhecidos pela historiografia, remodelando o fazer historiográfico. Essa reformulação na forma de produzir conhecimento histórico enriqueceu, e conseqüentemente ampliou o conceito de fonte histórica. O livro didático, antes compreendido como um simples manual escolar passou a ser encarado como um complexo objeto cultural, cujas possibilidades de interpretações são múltiplas. Hoje, no ambiente acadêmico, já dispomos de uma gama de trabalhos envolvendo os livros didáticos, seja numa perspectiva cultural ou mesmo política. Uma boa parte dos livros didáticos de História Geral utilizados nas primeiras décadas do período imperial, não passou de traduções francesas. Em contrapartida, o processo de produção dos livros didáticos de História do Brasil assumiu uma dinâmica

diferente. Por se tratar de História pátria, os autores não podiam, como dantes, recorrer a traduções francesas e passaram, portanto, a escrever seus próprios manuais. A partir da década de 1850, com a oficialização da disciplina História e sua conseqüente obrigatoriedade em diversas instâncias de ensino, como em cursos preparatórios e escolas elementares, a produção de livros didáticos de História do Brasil passou a se intensificar. A maioria dos autores de livros didáticos de História do Brasil eram sócios do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. É preciso pensar a criação e funcionalidade do IHGB através de uma perspectiva política e social. Movimentos de contestação à unidade nacional eclodiram em diversos lugares do país no período regencial e início do II Império e tal Instituto daria legitimidade a essa unidade nacional, criaria uma História pátria una e homogênea, uma forma de pensar a História da nação como um passado comum do qual todos deveriam se orgulhar. Por isso, talvez devêssemos considerar a História do Brasil contada pelo IHGB no período Imperial, e, por conseguinte também as produções didáticas de História pátria, influenciadas diretamente pelo mesmo, cujos alguns de seus sócios escreveram materiais didáticos, como um momento fundador da sociedade brasileira no sentido de se criar um sentimento que une povos de etnias diversificadas em torno de um único bem comum, o Estado-Nação, criando, com isso, uma verdadeira “pedagogia do cidadão”.

PODER LOCAL E PODER CENRAL: AS CORRESPONDÊNCIAS ENTRE A PROVÍNCIA DA PARAÍBA E O RIO DE JANEIRO NO PERÍODO REGÊNCIAL

Jerlyane Dayse Monteiro dos Santos - UFPB
Serioja Rodrigues Cordeiro Mariano (Orientadora)

Esta comunicação é o resultado parcial das pesquisas que desenvolvemos no projeto “A Província da Paraíba no Período Regência (1831-1840)” (PIVIC/CNPq/UFPB), vinculado ao Grupo “Sociedade e Cultura no Nordeste Oitocentista”. Nesse trabalho pretendemos analisar a formação das redes de poder no cenário político local, utilizando como fontes um corpus documental composto por correspondências oficiais entre as autoridades político-administrativas da província e o centro do poder no Rio de Janeiro. A partir da análise dessa documentação, que se encontra no Arquivo Histórico do Estado, buscamos identificar os grupos políticos que atuaram durante a Regência e as relações entre o poder central, representados pelo Rio de Janeiro, e o local pela Província da Paraíba. Palavras Chave: Fontes documentais, Paraíba, Regência.

CULTURA POLÍTICA E IMPRENSA NA FASE INICIAL DAS REGÊNCIAS

Claudia Adriana Alves Caldeira - UFRRJ

O presente comunicado tem como ponto de partida a interação entre a história política e a história cultural que se realiza no âmbito da cultura política. Nosso objetivo é destacar a importância da imprensa como fonte para a observação da difusão dos valores liberais na fase inicial da década de trinta do período oitocentista. Este trabalho tem como

referência alguns jornais que circularam, neste período no Rio de Janeiro, indicando em suas páginas a importância da mulher na formação dos novos cidadãos como responsáveis por sua educação. Além deste aspecto ressalta-se, ainda, as diferentes formas de como foi representada nas páginas desses periódicos.

A POLÍTICA DE COLONIZAÇÃO NO SEGUNDO IMPÉRIO: O CASO DA COLÔNIA MILITAR DE PIMENTEIRAS

Carla Fernanda de Lima – SEDUC/PE

Na segunda metade do século XIX o governo imperial implantou diversas colônias no centro-sul do Brasil, formadas por imigrantes estrangeiros. Tendo como objetivo principal povoar o sul do Brasil e assim garantir a posse de terras, ao mesmo tempo que, isso significou a proteção das fronteiras do país. Paralela a essa colonização estimulada pelo governo imperial acontecia uma colonização promovida por particulares, com o fim determinado de inserir o trabalho livre em substituição ao trabalho escravo, nas regiões cafeeiras. Assim como no sul do país, no Norte também houve uma preocupação do governo imperial em promover a implantação de colônias com objetivos de povoamento, em suas províncias. Em particular a província de Pernambuco, foi um local onde várias colônias foram fundadas. As Colônias que foram criadas tinham, além do objetivo de principal que era o estabelecimento do povoamento, fins específicos que motivaram sua fundação. Diversas colônias surgiram ao longo do século XIX, no território da província de Pernambuco, resultado da ação política de colonização empreendida pelo governo imperial. Entre as Colônias fundadas estavam a Colônia Agrícola Santa Amélia, a Colônia orfanológica Isabel, a Colônia Socorro, a Colônia Suassuna, a Colônia Militar de Pimenteiras, etc. Dentre as Colônias que foram criadas está a Colônia Militar de Pimenteiras, mote da nossa discussão. Localizada situada no vale do rio Fervedor, afluente do rio Una, na fronteira com a Província de Alagoas, a 10 léguas a Sudoeste da Vila de Bonito, a 9 léguas a Oeste da Vila de Água Preta, a 20 léguas do litoral de Pernambuco e a 7 léguas da Colônia Leopoldina da província das Alagoas. Portanto, pretendemos nesta breve discussão analisar o motivo da criação da Colônia Militar de Pimenteiras e alguns aspectos do cotidiano de seus colonos. Bem como características do sistema de colonização estabelecido na província de Pernambuco.

ECONOMIA ALGODOEIRA E ELITES POLÍTICAS NA ZONA DA MATA NORTE DE PERNAMBUCO – 1880/1920

Cláudio Roberto de Souza - UFPE

Nossa pesquisa examina a economia algodoeira na zona da mata norte de Pernambuco, entre os municípios de Goiana, Itambé e Timbaúba entre 1860 e 1890, analisando o desenvolvimento e a transição dessa cultura para a hegemonia da cana de açúcar e a trajetória política das elites vinculadas a estas atividades. Consideramos ainda o dinamismo regional impulsionado pelo algodão, pela ferrovia e a rede comercial em

torno dessas atividades, que constituíram um forte mercado interno e consolidaram o poder de uma elite regional que viria a ter muita influência no período republicano. O estudo do algodão na região contribui ainda para a compreensão das diferenças políticas, econômicas e sociais da zona da mata norte e sul de Pernambuco e a compreensão da dinâmica política do estado na primeira década republicana.

VER E DIZER “O SER SEMIÁRIDO”: AS POLÍTICAS PÚBLICAS DE CONVIVÊNCIA COMO FONTES HISTÓRICAS

Almair Morais de Sá - FIP

Maria Lucinete Fortunato (Orientadora) - UFCG

Neste trabalho, problematizamos as políticas públicas elaboradas para o Semiárido, com vistas à convivência e ao desenvolvimento sustentável, como fontes históricas que contribuem para o debate de como se instituem os diferenciais de poder/saber e a redefinição das condições sócio-culturais, políticas e econômicas desta região, uma vez que a elaboração, execução e gestão de tais políticas envolvem respaldo jurídico, vivência democrática e atuação da sociedade. No que concerne à organização e análise dos dados, trabalhou-se com análise de discurso tendo como base a pesquisa documental. Foram utilizadas como fontes algumas políticas públicas para o Semiárido, no âmbito do Brasil e da Paraíba, desde a década de 1990, priorizando as que se referem ao acesso e uso dos recursos naturais, através de ações de apoio e fortalecimento da agricultura familiar e da reforma agrária; à geração de trabalho e renda; à promoção da qualidade de vida das populações urbanas e rurais; ao acesso aos alimentos e à educação para o consumo alimentar; ao manejo e uso sustentável dos recursos naturais e do ecossistema, através do bioma caatinga; entre outras. Compreendeu-se os discursos veiculados nas leis que regulamentam as políticas públicas para o Semiárido como uma prática que provém da formação de saberes, como um espaço em que poder e saber se articulam para construir subjetivações sócio-culturais e criar identidades. Aprofundou-se esses discursos em seu poder de afirmação, de construção de domínios de objetos, e de codificação de correlações de forças; como pontos de interseção entre saber e poder. Neste sentido, as políticas de convivência com o Semiárido foram compreendidas como formas de ver e de dizer o “ser semiárido”. Os resultados explicitam que as fontes supracitadas evidenciam a complexidade que marca a elaboração, execução e gestão destas políticas, na perspectiva da convivência e da sustentabilidade, tendo em vista a desproporcionada relação entre o território e a repercussão e abrangência das ações que elas ensejam, além da fragilidade política da sociedade civil em vivenciar as relações de gestão das mesmas. Apontam, também, para o fato de que as transformações desejadas para o Semiárido deverão acontecer de forma gradativa, respeitando o alcance das políticas públicas, as limitações de suas execuções e gestões e de acordo com o protagonismo de seus habitantes.

A ATUAÇÃO DO LEGISLATIVO MUNICIPAL CARIOCA NO INÍCIO DA DÉCADA DE 1920

Thais Lopes Silva - UFRRJ
Surama Conde Sá Pinto (Orientadora) -UFRRJ

O presente trabalho é uma pesquisa em andamento e visa delinear a atuação do Conselho de Intendência Municipal do Distrito Federal na década de 1920. O órgão legislativo foi instituído ainda em fins do século XIX, precisamente em 20 de setembro de 1892 com a Lei Orgânica nº 85, que criava então as bases da organização municipal da nova capital republicana. Com a Lei criou-se também o Executivo municipal, o prefeito, que por determinação federal seria nomeado diretamente pelo Presidente da República, em detrimento do legislativo local que seria então eleito pela população ativa da cidade. Este último teria por objetivo criar projetos de lei relacionados à população da cidade e levá-los ao prefeito, o qual teria o poder de veto sobre tais projetos. Ainda a partir dessa Lei, o Senado Federal teria também suas atribuições que estariam diretamente relacionadas com a supervisão dos vetos do executivo municipal, cabendo-lhes o papel de derrubar ou não o veto deste. A partir desse quadro e entendendo as conjunturas da década de 1920, procuro entender a atuação do Conselho de Intendência Municipal; as suas práticas políticas; a relação entre esse órgão e os demais no tocante a sua autonomia; a relação deste com uma parcela da população, especificamente os funcionários municipais e por fim busco apreender dentro desse quadro legislativo, aspectos relevantes que podem evidenciar um fenômeno ainda pouco estudado em nível urbano, o clientelismo. De acordo com os Anais do início da década de 1920 desse órgão e a partir da bibliografia analisada, pode-se perceber que apesar da tentativa de esvaziamento do legislativo local por parte do Governo Federal, esse órgão em muitos momentos atuou com certa autonomia, fato que proporcionou com que estes Intendentes pudessem corresponder a muitas demandas da população, principalmente os funcionários municipais. Assim a partir dessa análise e tendo em conta as limitações da pesquisa que precisa ser avaliada mais de perto, podemos de certa forma contribuir para a compreensão do jogo político da capital republicana no início da década de 1920.

UM OLHAR SOBRE O LEGISLATIVO DE JAGUARIBE: A EXPERIÊNCIA DE JOVENS PESQUISADORES ENTRE A CASA DO POVO E A SOCIEDADE

Aline Teixeira Peixoto - EEFM Gustavo Barroso

A experiência aqui relatada nasceu com o intuito de promover uma formação política a jovens estudantes da etapa final da educação básica. A pesquisa tem como principais objetivos analisar as ações dos vereadores eleitos no período 2005-2008, construindo o perfil do legislativo a ser divulgado na sociedade local e a elaboração do primeiro Projeto de Lei de Iniciativa Popular, com temática escolhida pelo povo através de pesquisa. As principais atividades foram desenvolvidas na observação do acervo da câmara local, em entrevistas com vereadores e no acompanhamento das sessões. Foram aplicados questionários em doze setores do município com o intuito de criar o perfil do eleitor e buscar subsídios para o projeto popular. Em se tratando das atividades na câmara local, os vereadores da atual legislatura tiveram oportunidade de receber informações sobre a pesquisa e foram convidados a assinar um termo de compromisso público que visa reduzir a subserviência deste ao executivo. A equipe de jovens

envolvidos realiza socializações dos resultados deste trabalho na sociedade e em feiras científicas. O projeto de iniciativa popular está recebendo a revisão jurídica de um parceiro e posteriormente será socializado com a sociedade para que sejam coletadas as assinaturas e apresentada a proposta na câmara legislativa. A análise documental e de discursos na câmara tendo os vereadores como objeto de estudo possibilitou concluir que o Legislativo é subserviente ao Executivo e os resultados da pesquisa apontam para baixa formação política do povo jaguaribano. A experiência está em andamento, mas o ato de despertar no aluno o interesse pela política local é algo detectado e as ações produzidas coletivamente demonstram que as próximas iniciativas estarão voltadas a mobilização social e a busca de incentivar os cidadãos comuns a perceberem a importância de participar de modo mais efetivo das ações políticas.

TECENDO FIOS: MEMÓRIA E COTIDIANO DO INTEGRALISMO NA CIDADE DE BARBALHA-CE (1933-1950)

Samuel Pereira de Sousa - UECE

Este trabalho pretende refletir a cerca da construção da memória e cotidiano do movimento integralista no caso de Barbalha, a partir das narrativas orais de sujeitos que participaram ou vivenciaram o período de atuação do movimento nesta cidade. O cotidiano em nossa abordagem passa a ser percebido como local das lembranças, que ganha sentido nas alegorias produzidas nas falas dos depoentes. O nosso olhar sobre a memória, ou melhor, sobre os fragmentos de experiências vivenciadas por estes sujeitos, é indiciário, através de fios e rastros que ajudam a nos “orientar no labirinto da ‘realidade’”, colhendo os sintomas, indícios e pistas que combinados ou cruzados, permitem oferecer deduções e desvelar significados. Possibilidade esta que passa pelo crivo da organização e composição destes rastros, fazendo com que as abordagens tornem-se tramas decifráveis e coerentes. Os fragmentos como elemento essencial de historicidade, que emergem de forma “visível/tangível, para recordação do tempo escoado”. Apesar das lembranças partirem de sujeitos individualizados elas se concretizam em valores que expressam o social. A memória é emoldurada por uma teia social que qualifica a volta ao passado, trazendo significados e revelando sentimentos. Através das narrativas de memória buscamos as (re)figurações de uma experiência temporal, pois a História é uma descrição do mundo que não se pauta em certezas absolutas. Caminhamos pelo espaço do possível, do verossímil, daquilo que pode ser captado, a partir de uma prática que lança questionamentos emanados do presente em busca explicações para as perguntas levantadas sobre o passado, ou melhor, sobre estilhaços do passado, que reluzem de forma irreversível, no momento que são reconhecidos. Prática que não está preocupada com conceitos que figurem a verdadeira face da “realidade” estudada, mas que deduza aspectos de aproximação com esta realidade. Assim optamos em trabalhar com memória de velhos, por percebermos elementos elucidativos para se problematizar a experiência integralista nesta localidade, contemplando os sujeitos que, ao re-elaborarem o seu passado, trazem indícios para percebermos como as tramas sobre este movimento são construídas através do processo dinâmico das lembranças.

**“O DIABO É VERMELHO”: CULTURA POLÍTICA ANTICOMUNISTA NA
PARAÍBA (1930-1945)**

Faustino Teatino Cavalcante Neto - UFPE

Esta comunicação tem por objetivo pensar como no período do governo Vargas no Brasil, e em particular na Paraíba, ocorreu uma fomentação no que diz respeito à construção de uma cultura política específica sobre o comunismo e sobre os comunistas. Ou seja, compreender como o Estado espetacularizou, através da imprensa, escola e igreja católica, uma certa interpretação do passado e daquele presente, consolidando-a e integrando-a ao imaginário ou à memória coletiva dos grupos sociais envolvidos.

**NA CUCA DE SEU QUELÊ: UMA ANÁLISE HISTÓRICO-PSICANALÍTICA
DO CORONEL PETROLINENSE CLEMENTINO COELHO**

Thulio André Moura de Aquino - UFPE

Procuramos utilizar em nosso objeto de estudo a psicanálise, por acreditar em suas contribuições na tentativa de compreensão da narrativa do grupo político estudado. No caso a Família Coelho - importante grupo político da cidade de Petrolina que se ascende durante o período de 1930 – ano de um rearranjo da política nacional com a ascensão de Vargas. Tal ascensão se deu com Clementino de Souza Coelho, ou “Seu Quelê”, patriarca da família responsável pela articulação do grupo justamente durante a era Vargas, e cuja narrativa foi construída segundo a influência de sua leitura da vida do Barão de Mauá. Assim observamos que o uso da psicologia e sua capacidade de observar que determinados traços do sujeito, nos revelaram as práticas inconscientes e uma busca pela similaridade a alguém que ele estabeleceu como referencial.

**MEMÓRIAS DO RISO: REMINISCÊNCIAS DO “CARNAVAL DE CHUMBO”
NO RECIFE (1968-1975)**

Diogo Barreto Melo - UFRPE
Maria Lucinete Fortunato (Orientadora) - UFCG

O que se esconde por trás do riso? Quais são as impressões percebidas a partir do mesmo expresso no Carnaval? Até onde a liberdade de sorrir é permitida? Essas e outras questões permearam o pluralismo de elementos que caracterizaram os festejos de Momo na cidade do Recife durante os Anos de Chumbo. A problemática questionada nesta comunicação pretende analisar de que maneira os signos manifestados pelos risos dos brincantes (foliões) foram expostos a enquadramentos por meio de legislações específicas durante os dias festivos, bem como quais significados envolveram o ato de sorrir nas memórias involuntárias de determinados segmentos desses atores culturais em relação à objetividade que se apresentava, configurando uma recuperação desta através da oralidade.

**CONTROLE E OPRESSÃO: A POLÍTICA DE VIGILÂNCIA DA SOCIEDADE
ATRAVÉS DE DOCUMENTOS DA ESQUERDA CLANDESTINA NOS
TEMPOS DE DITADURA NA CIDADE DO RECIFE**

Roberto Diego de Lima - UPE

Durante o Regime Civil-militar brasileiro (1964-1985), as pessoas que estavam no poder exerceram uma política de extremo controle social e repressão contra os descontentes do governo, com uma justificativa apoiada na política de Segurança Nacional, onde visava livrar o país da “ameaça comunista” pondo em prática a “política de segurança Nacional”. Nessa perspectiva o governo instaura uma rede de vigilância por todo território nacional em todos os campos, como política, imprensa, no meio intelectual e cultural e até mesmo nas próprias forças armadas. Nesse contexto o país atingiu seu ponto máximo da repressão e controle social após a promulgação do AI-5, onde aqueles que desejam continuar no combate ao poder autoritário dos militares encontram um único caminho para tal: a luta armada. A partir desse momento o vácuo deixado pela oposição legal vai ser ocupado pela oposição armada, e as guerrilhas urbanas se tornam o caminho para aqueles que desejavam continuar a lutar contra o regime. Partindo desse pressuposto faremos uma análise da máquina de vigilância estruturada pelo governo militar através de documentos de origem dos grupos que nesse período se encontram na luta clandestina armada, que fazem parte do acervo do DOPS no APEJE. Tendo como apoio a proposta de Michel Foucault sobre o panoptismo, faremos correlação entre o modelo criado por Bentham e a estrutura desenvolvida pelos militares para manutenção do seu governo em relação ao sistema de vigilância e controle da sociedade, tomando por base a ação do DOPS em Pernambuco.

**ANISTIA DE 1979 NO RIO GRANDE DO NORTE: HISTÓRIA E
DOCUMENTAÇÃO**

Rafael Oliveira da Silva - UFRN

O processo de abertura política, assim como as mobilizações pela anistia, congregou diferentes grupos políticos no Estado do Rio Grande do Norte. Intelectuais, estudantes, políticos, familiares de presos políticos, organizações como o OAB/RN, além de alguns movimentos como o Comitê Norte-riograndense pela Anistia, fizeram parte das lutas em favor do estabelecimento de uma ordem democrática no Estado. Diante desses diversos grupos, o presente trabalho tem como objetivo o levantamento e análise da diversidade de documentos produzidos por tais instituições neste período. Para tanto, fez-se uso de alguns referenciais teóricos, tais como os conceitos de Totalitarismo, Autoritarismo e Ação Política de Hannah Arendt; o de Memória Individual e Coletiva de Maurice Halbwachs; o de Narradores de Walter Benjamin; o de Nova História Política de José D’Assunção Barros; dentre outros que compõem a base teórica do projeto de pesquisa “A associação dos anistiados e a luta por direitos no Rio Grande do Norte” em que este trabalho está associado. O projeto de pesquisa tem por objetivos

estudar o processo no qual ocorreu a anistia no Brasil, investigar a trajetória política desses atores após a promulgação da Lei de Anistia de 1979, além de analisar o papel desempenhado pela Associação dos Anistiados no Rio Grande do Norte e sua importância para a formação de um grupo que se identifica como anistiados. Todavia, neste trabalho mostraremos os resultados obtidos após um ano de pesquisas.

INTERSEÇÃO ENTRE CULTURA E POLÍTICA A PARTIR DO USO DE MÚSICAS EM CAMPANHAS ELEITORAIS

Elizabeth Christina de Andrade Lima - UFCG

As músicas de campanha tem sido, no formato atual de espetacularização da política, um importante canal de construção de imposição de imagens políticas. Apontadas como um eficiente instrumento de “popularização” do candidato, as letras das músicas também têm servido para arrefecer as disputas políticas, através de adjetivações e construções preconceituosas dos grupos e agentes políticos envolvidos. Analisar os sentidos simbólicos das letras de músicas é interessante, dentre outros fatores, para demonstrar os caminhos escolhidos pelo atual formato da política espetáculo, cujos usos, pretendem ser um apelo às sensibilidades e preferências do eleitor em sintonia com sua cultura. Tomamos como caso para análise, as letras de músicas de campanha dos candidatos Veneziano do Rêgo e Rômulo Gouveia à Prefeitura da cidade de Campina Grande, na Paraíba, nas Eleições 2008. O que se viu na campanha foi à encenação e a teatralização do poder. De um lado, um candidato que vestiu muito bem o personagem de Common man ou homem comum, aquele que vive igual a todo mundo; de outro, o popstar, o homem charmoso, narcísico e que se sustenta em nome de sua beleza e poder de sedução. Os dois, cada um com seu estilo e performance, buscaram conquistar o voto do eleitor e expuseram ao máximo seus dotes e resistências físicas, como condição para administrar a cidade. E de tanto estandartizarem tais diferenças, o common man e o popstar produziram uma triste campanha na cidade. Triste porque conseguiram despertar nos eleitores aquilo que o homem tem de mais pernicioso e deplorável em seu espírito: os revanchismos, os preconceitos e as discriminações de classe, de orientação sexual, de raça, de gênero, de corpo, de crença religiosa, só para citar algumas. Um dos pressupostos mais caros à cultura é à busca do respeito à diversidade e a negação de todo e qualquer tipo de discriminação social e vimos surgir durante a campanha, através das letras de músicas, exatamente o oposto: a reprodução da discriminação à figura humana e ao cidadão; a disputa subtraiu do eleitor aquilo que lhe é mais caro: o direito de ouvir propostas e escolher os candidatos a partir desses expedientes. Ao incitar, enquanto estratégia política, a discórdia e o preconceito, o que vimos foi o esvaziamento do discurso político e da verdadeira prática democrática.

A CONSTRUÇÃO DE UM MITO PELO AVESSO: CONFRONTANDO A LITERATURA EDUCACIONAL SOBRE RUI BARBOSA

Fábio Alves dos Santos

No início da década de 1880, o jovem deputado Rui Barbosa apresentou uma proposta de reforma da educação brasileira. A literatura, destacadamente a educacional, consagrou a idéia de que embora fosse um bom plano, a reforma não foi implementada por sua inadequação à realidade nacional do período. Não obstante, Rui Barbosa, tido como homem à frente de seu tempo, teria antecipado uma série de discussões encabeçadas pelos intelectuais da educação ligados ao grupo que se denominou de Pioneiros da Educação. A representação que se construiu acerca deste intelectual é em certa medida controversa, uma vez que o suposto fracasso de sua proposta o alçou à condição de precursor de um movimento consolidado no início do século XX. O objetivo do presente texto é questionar esta interpretação corrente a partir do entendimento da construção do mito de Rui Barbosa como grande educador. O discurso mais ou menos generalizado é de que o Brasil acabou sendo prejudicado por não ter desenvolvido uma política educacional que levasse a nação a trilhar o progresso alcançado por outros países. De um modo geral, a bibliografia consultada consagrou a tese de que os pareceres e a proposta de reforma anexa são a obra de um indivíduo isolado, disso resultando, em muitos casos, a definição de Rui como idealista, ou a tese de que os pareceres contenham um verdadeiro diagnóstico da situação educacional da época. A historiografia construiu uma memória em relação a Rui Barbosa em que esse autor figura entre os precursores da renovação educacional, que tanta falta teria feito ao Brasil durante longo tempo. A compreensão de seu discurso educacional é, entretanto, um exercício que passa pela interrogação dessa interpretação. O estudo das proposições de Rui Barbosa foi aqui realizado com o intuito de contribuir para a possibilidade de uma diferente interpretação dessas questões. Para tanto, a hipótese geral investe contra a idéia de que os pareceres configurem uma espécie de tratado pedagógico, cópia de idéias estrangeiras, sem nexos com a realidade nacional. Diferentemente, buscou-se apresentá-los como um texto que, por ser ilustrativo do pertencimento do autor a um determinado grupamento político, que disputava frente a outros o poder de falar e legislar sobre a instrução pública no país, tem seu significado atrelado à situação de Rui Barbosa no campo político sob o Segundo Reinado e da relação entre Estado e educação à época.

serial, história quantitativa, história demográfica, história econômica, história social, história política.

**POSSIBILIDADES DA HISTÓRIA QUANTITATIVA E SERIAL:
INVENTÁRIOS E AÇÕES DE EXECUÇÃO DE DÍVIDAS**

Rita de Cássia da Silva Almico - UFRB

Este trabalho pretende discutir o uso de fontes oficiais e seriadas na busca de questões importantes dentro do campo da História Econômica. As coleções de Inventários Post Mortem e Ações de Execução de Dívidas são fontes que escolhemos para demonstrar as possibilidades de quantificação em busca de respostas às nossas inquietações, tais como, acumulação de riqueza, diversificação econômica, relações de crédito e dispersão do mesmo, tendo como exemplo estudos feitos para a cidade de Juiz de Fora no período de final do século XIX e início do XX. Se o nosso objetivo é a discussão do uso da História Serial e Quantitativa, utilizamos aqui dos documentos acima citados, embora de forma sucinta, no intuito de problematizar o uso dessas fontes, com o olhar da História Econômica e seus métodos de quantificação.

**INTRODUÇÃO À PESQUISA DE UMA “HISTÓRIA SERIAL DA
AGRICULTURA” NO BRASIL CONTEMPORÂNEO (SÉCULO XX)
E A RELAÇÃO COM O TRATO DAS FONTES**

Caio Graco Valle Cobério (Doutorando) – USP

A pesquisa em história econômica do Brasil do período mais recente, a República, durante o século XX, tem correntemente se utilizado de um farto material estatístico. Esse material é colhido de séries que vem sendo preparadas por instituições especializadas, oficiais ou não, além daquelas que são produtos do intenso trabalho de vários historiadores, economistas e demais cientistas sociais, na coleta e organização de dados, exposição e explicação deles. Os números da cafeicultura, o comércio exterior, preços, balança de pagamentos, investimentos, crédito, dados da produção, a indústria, enfim, praticamente toda a realidade cabível de investigação econômica é hoje quantificada e sistematizada pela forma da Estatística, dispondo os recursos em manuais, anuários, revistas especializadas, meios eletrônicos, entre outros. Partindo do ponto de vista que a realidade econômica é múltipla por natureza, a possibilidade de um tratamento parcial da economia não exclui a complementaridade das suas componentes entre si, mas pelo contrário, é assim que se alcança a demonstração de sua dinâmica. Naquele vasto conjunto que se denomina de economia brasileira, analisada pela perspectiva histórica, encontra-se a fração devida à agricultura, que se já não é considerada a mais importante atividade humana, certamente, na história econômica do Brasil, foi responsável pela caracterização ímpar e predominante do sistema produtivo desse país, acentuadamente, até os dias de hoje. Como apreender fenômeno de natureza econômica com tamanha amplitude? Há uma extensa margem para as interpretações da história da agricultura no Brasil e, por isso, é preciso delimitá-la temporal e

metodologicamente. Este breve estudo introdutório pretende discutir possibilidades interpretativas da história da agricultura brasileira, marcos cronológicos, periodizações e, fundamentalmente, séries estatísticas que sirvam de base para a construção deste tipo de conhecimento histórico específico. Assim, a escolha da abordagem no século XX se deu pelos marcos históricos da agricultura no Brasil e pelo advento da era estatística no país como campo de estudo, dentro do qual serão manipuladas as relações que se estabelecem entre as séries numéricas e a atividade econômica em questão, ao longo do tempo, inferindo posicionamentos possíveis para a investigação mencionada.

OS ATOS DO PODER LEGISLATIVO DO IMPÉRIO BRASILEIRO (1826 – 1889): NOTAS DE UMA PESQUISA SERIAL

Lílian França (Graduanda) - UFRB
Prof. Luiz Fernando Saraiva - UFRB

O presente artigo tem por tema e preocupação central a análise dos atos do poder legislativo durante o período Imperial (1826 – 1889). A Legislação Imperial é aqui entendida como uma importante base para se entender a administração do Estado Brasileiro que acabará de nascer. As contradições postas pela construção do Estado Brasileiro ao longo do século XIX se revelam na medida em que a adoção da pesquisa serial nos permite ver o conjunto das leis em perspectiva comparativa.

ABERTURA ECONÔMICA E PRIVATIZAÇÃO NA AMÉRICA LATINA

Carlos Gilberto de Sousa Martins (Mestrando) - UERJ

Quando Carlos Menem assume o governo da Argentina em 1989, tem início uma série de reformas que pretendem uma maior liberalização do mercado e a diminuição do Estado. A intenção anunciada do governo é combater a crise econômica, promover o crescimento, combater à inflação e equilibrar as contas públicas. Nesse trajeto, o governo vai ser orientado pelo Fundo Monetário Internacional e pelos Estados Unidos, financiadores da política sugerida pelo Consenso de Washington para a América Latina. Neste trabalho, vamos analisar as reformas feitas pelo governo Menem na Argentina de 1989 a 1999, destacando as privatizações das estatais e a abertura econômica. Pretendemos aqui perceber em que medida os objetivos do governo argentino foram alcançados. Para tal, visualizaremos índices relativos à evolução econômica do país quando da adoção das medidas liberalizantes. Entre estes índices constam a variação do PIB, o saldo da Balança Comercial, o endividamento externo, e os índices da inflação. Ainda faremos aqui um balanço da eficiência de algumas empresas privatizadas, no sentido de percebermos o resultado prático em termos de funcionalidade destas empresas. Nesse sentido, analisaremos dados da Entel (Empresa Nacional de Telecomunicações), da empresa de abastecimento de água, Águas Argentina S.A. e das empresas de fornecimento de energia elétrica. Para análise da evolução dos índices econômicos durante o governo Menem, contamos com números fornecidos pelo próprio governo argentino através do Ministério da Economia. Ligados ao Ministério citado

temos as seguintes instituições: INDEC - Instituto Nacional de Estadística e Censos de La Republica Argentina; DNCI - Dirección Nacional de Cuentas Internacionales. Para os índices relacionados às empresas privatizadas, contamos com dados disponibilizados pela empresa Águas Argentinas S.A. e pelo INDEC. Utilizaremos ainda, para análise da evolução de índices sociais e econômicos, o compêndio estatístico do PNUD - Programa Das Nações Unidas Para o Desenvolvimento. Para efeito de comparação, utilizaremos séries estatísticas que considerem outros países latino-americanos, a fim de perceber o real impacto das reformas implementadas por Menem na economia argentina. Tais números são disponibilizados pelo PNUD e pela Cepal - Comisión Económica para América Latina y el Caribe.

HISTÓRIA ECONÔMICA E O USO DE DADOS QUANTITATIVOS NA CONSTRUÇÃO HISTÓRICA

Daniele Ferreira da Silva (Mestranda) - UFPE

Atualmente, a história econômica tornou-se sinônimo de livros empoeirados e temas enfadonhos aos leitores mais modernos, estes últimos mais familiarizados com temas da história social, das mentalidades, das mulheres etc. Segundo Fragoso e Florentino, a história econômica agoniza. A partir da década de 1970, temos um rápido declínio das produções historiográficas voltadas ao tema econômico, presenciamos o aparecimento de críticas cada vez mais severas ao tipo de reflexão em meio ao qual era produzida a história econômica. Questionamentos acentuados nos dois principais paradigmas explicativos que em termos gerais discutia a longa duração histórica e a estruturas econômico-sociais para compreensão da sociedade: a historiografia marxista e a Escola de Annales. Contudo, nada indica que a história econômica estivesse soterrada, no momento, ela vive incorporando ganhos derivados do saber histórico por outras vertentes, uma dessas vertentes, cabe recordar, a chamada “história quantitativa ou serial” tal como foi proposta pelos clássicos dos Annales, continua contribuindo decisivamente para um melhor conhecimento dos processos econômico-sociais. O levantamento documental específico do tema diz respeito aos dados sobre a política econômica colonial portuguesa, relativa ao Brasil, de natureza administrativa nos colocamos na perspectiva de abordá-lo implicando conexões estruturais com o processo de superação da crise do antigo sistema colonial orientando o campo da pesquisa à Administração Fazendária Portuguesa. A partir desse contexto, no que se refere às fontes, buscaremos, sobretudo, analisar requerimentos que tratem de Fazenda Real, Erário Régio e outros órgãos locais, como a Tesouraria Geral da Junta da Fazenda Real de Pernambuco, instâncias estas que foram de fundamental importância no contexto de centralização da administração da época, neste momento, a série documental dos Balanços Gerais das Despesas e Receitas da Tesouraria da dita capitania serão os documentos base para contextualização dos impostos da data de início da ação das Juntas da Fazenda, serão os dados oriundos desta série documental a base da nossa apresentação acerca da utilização de métodos estatísticos aplicados a construção historiográfica.

**ESTUDO DA CATEGORIA DO MAGISTÉRIO NO ESTADO DA PARAÍBA
EXPRESSO NOS CENSOS DO MEC/INEP (1991-2006)**

Marisa Tayra Teruya - UEPB

A pesquisa consiste em realizar levantamento estatístico das informações sobre número, qualificação e nível de atuação de docentes em atuação na Educação Básica na Paraíba e traçar análises comparativas destas performances do campo com os dados Brasil e Nordeste. As fontes pesquisadas consistem nas planilhas disponibilizadas no site do Instituto Nacional de Pesquisas Educacionais (INEP) - os Censos do Magistério 1991~2006, cujos dados têm servido de fontes oficiais para a discussão e elaboração de políticas na área de formação de professores a partir dos anos noventa. A pesquisa se pauta em dois objetivos: 1) um reconhecimento quantitativo e qualitativo do quadro docente no estado da Paraíba nas duas últimas décadas e a possibilidade de discussão das metas estabelecidas na área e 2) a proposição de uma discussão, entre estudiosos da História e Educação, acerca da importância do entendimento de informações estatísticas enquanto uma forma de linguagem que deve estar aberta para reinterpretações. Para tanto, se propõe também ao estudo da trajetória do próprio órgão governamental (o INEP), da estatística como uma ferramenta cujos resultados se apresentam como cientificamente estabelecidos e irrefutáveis e de uma análise de propostas de formação e qualificação do magistério à luz dos dados dos Censos. Os resultados obtidos têm evidenciado que nas últimas duas décadas a categoria do magistério avançou bastante, em termos de qualificação e expansão numérica, mas mesmo com assim, quando confrontados com outros índices (SAEB, ENEM, PISA), tais resultados não têm refletido uma melhoria da qualidade do ensino. Além disso, percebemos que não existe uma regularidade na qualidade do envio dos dados enviados pelo estado ao INEP.



GT 20 – HISTÓRIA, IMAGEM E OUTRAS CENAS JUVENIS

Edwar de Alencar Castelo Branco
Jaílson Pereira da Silva

O Grupo de Trabalho “História, imagem e outras cenas juvenis” é proposto no sentido de reunir pesquisadores, professores e estudantes de graduação e de pós-graduação, cujos interesses temáticos e teóricos façam a articulação entre História, audiovisual e interdisciplinaridade e – como substrato a esta primeira ambiência – entre História e práticas juvenis. Supõe-se, com esta configuração, ser possível agregar os trabalhos comunicados no âmbito do Grupo de Trabalho em termos de três sessões temáticas: (1) Estudos sobre como o discurso imagético (publicitário, cinematográfico, fotográfico, quadrinista, etc) funciona historicamente em diferentes tempos e espaços; (2) Reflexões sobre como historiadores têm trabalhado com documentos audiovisuais, para além das já reconhecidas fontes cinematográfica e fotográfica e (3) Estudos sobre práticas jovens desviantes (fanzines, cinema marginal, poesia marginal, grafite, etc.) através das quais fragmentos da juventude brasileira colaboraram, em diferentes momentos, para tensionar e estender os limites de sua época. Os trabalhos congregados no Grupo de Trabalho procurarão entender as estratégias através das quais, especialmente pelo recurso ao audiovisual, nós constituímos historicamente o nosso mundo. Imagina-se que será possível reunir trabalhos que abarquem os mais variados estudos sobre esta complexa relação entre história, imagem e juventude, o que permitirá, dentro do espírito de favorecer uma constante ampliação do campo conceptual da História, refletir sobre o potencial de interesse, para os estudos históricos, de categorias tais como publicidade, cinema, literatura, música, grafite, artes plásticas, HQ's, etc. Trata-se, portanto, de um Grupo de Trabalho que é proposto com o intuito de, a pretexto de uma ampla reflexão sobre a relação entre História, fontes históricas, imagem e juventude, favorecer a socialização, entre os simposiastas que a ele aderirem, das principais referências conceituais com as quais operam aqueles historiadores que desenvolvem pesquisas ambientadas em fontes audiovisuais.

**MÚSICA, CULTURA E PROBLEMATIZAÇÕES PARA O CONHECIMENTO
HISTÓRICO NA SALA DE AULA (COMUNICAÇÃO ORAL)**

Mariângela de Vasconcelos Nunes - UEPB

Neste texto discuto a música como documento histórico, na perspectiva apontada pela Escola dos Anales que, nos anos 30 do século passado promovera tal conceito elevando qualquer traço humano à condição de fonte histórica. Nesta compreensão o documento é pensado como rastros, marcas humanas que permite o estudo de uma determinada época. Considero ainda, para pensar a música, as contribuições de Foucault surgidas no século passado que atentava para a importância de desvelar as relações de poder incrustadas no documento. A música também está sendo apresentada como uma linguagem didática fundamentalmente importante para ser acionada no Ensino Fundamental e Médio, uma vez que tal linguagem faz parte da cultura dos jovens que estudam nas escolas voltadas para estes níveis. Ademais visualizo a música como instituidora de subjetividades, portanto, que influenciar as práticas dos ouvintes. Neste entendimento, o uso da música como linguagem é capaz de instigar o aluno a ler os diversos discursos musicais que o interpelam e os subjetiviza cotidianamente, e ao mesmo tempo um meio de comunicação mais viável entre professor e alunos, e assim, mais prazerosos-, do que os recursos tradicionalmente usados-, uma vez que, músicas, pinturas, jogos eletrônicos, histórias em quadrinhos, fazem parte da cultura juvenil. O uso deste recurso por um lado, permite que os professores conheçam mais o universo dos seus alunos na medida em que estudam os artefatos culturais com os quais estes se envolvem se relacionam. E por outro lado minimiza o silenciamento destes no interior da escola. Desta forma, professores aproximam-se mais da cultura dos estudantes, estabelecendo uma melhor relação para o processo de ensino- aprendizagem. Para o desenvolvimento deste trabalho foram relevantes as perspectivas propostas por vários estudiosos entre os quais cito Michel de Foucault, Certeau , além de conceitos apontados pela historiografia contemporânea.

**DESLIZANDO PELO SUBTERRÂNEO: DISCURSOS POSSÍVEIS SOBRE A
PRODUÇÃO DA SUBJETIVIDADE UNDERGROUND EM TERESINA – PI NA
DÉCADA DE 1970.**

Ernani José Brandão Júnior - UFPI
Edwar de Alencar Castelo Branco

Nesta apresentação tenho por objetivo situar no campo da historiografia a produção sobre a subjetividade underground em Teresina – PI na década de 1970 no âmbito das discussões realizadas por alguns autores que contribuíram com seus estudos para um melhor entendimento deste problema. Parto do pressuposto que as mudanças ocorridas a partir do final do século XIX no estatuto epistemológico das ciências humanas possibilitaram a ampliação da noção de fonte, de método e de abordagem, bem como a falência do que os cientistas entendiam por sujeito e por objeto. Tais mudanças permitiram a incursão dos historiadores por temáticas até então não reconhecidas como objeto de estudo pelo saber historiográfico, mas que já eram estudadas em outras áreas

das ciências humanas, por exemplo, a subjetividade, que já era do interesse da psicologia. Nesta perspectiva, mostro apontamentos de como alguns autores, problematizam a subjetividade underground por meio de fontes como os filmes experimentais e os jornais alternativos que foram engendradas por uma parcela da juventude teresinense, de classe média, envolvida com as manifestações artísticas na cidade de Teresina-PI durante a década de 1970. A condição de existência destes jovens na cidade de Teresina era marcada pelo regime de ditadura militar que se instalara no Brasil, no qual grande parte das manifestações artísticas era censurada. Logo, os autores mencionam que, esta linguagem underground criadora de uma estética underground tinha uma lógica política de intervenção nos micro-espacos muito particular e de propostas nada convencionais. Assim, a produção de uma estética underground no campo da arte passava por alguns elementos caracterizadores do modo de como se produzia e se difundia arte na época. As obras de arte tinham uma função libertária, eram utilizadas como instrumentos de transgressão, eram criadas de modo a romper com os padrões estéticos estabelecidos, eram deste modo marcadas pela improvisação, pelo experimentalismo, pelo formato não-comercial, pela contestação da idéia de autoria e da idéia de obra, pela criatividade, pela intuição, pela inovação, pela originalidade e pela inventividade. Segundo esses autores a juventude teresinense através dos filmes experimentais e dos jornais alternativos teve por objetivo problematizar os códigos culturais que existiam na cidade. Em suma, a apresentação proposta é uma tentativa de atualizar o debate no campo historiográfico sobre as práticas discursivas elaboradas acerca da produção da subjetividade underground em Teresina-PI na década de 1970.

IMAGENS DO PASSADO, RELÍQUIAS DO PRESENTE: A CIDADE DE CARUARU SOB O OLHAR DO CINEMA 1949 (COMUNICAÇÃO ORAL)

Ms. José Veridiano dos Santos - ASCES

Em 07 de agosto do ano de 1948, através da Bula "Quae Maiori Christifidelium" o Papa Pio XII, entre tantas coisas, erigiu canonicamente um novo bispado no interior do Estado de Pernambuco: a Diocese de Caruaru. Para ocupar o lugar de bispo foi nomeado o piauiense D. Paulo Hipólito de Souza Libório que tomou posse em 15 de agosto de 1949. Este acontecimento, que foi cercado de muita pompa e reuniu autoridades civis e religiosas, além de milhares de pessoas, quase se restringiria a memória do povo e aos livros de história como um dos fatos históricos marcantes na cronologia da cidade. Entretanto, o aparato solene foi todo registrado pelas lentes das Câmaras em bitola 35mm pela Empresa Tropical Cinematográfica (E.T.C.) que confeccionou um vídeo documentário para cobrir aquele momento histórico. Logo em seguida os caruaruenses tiveram o privilégio de assistir o tal vídeo simultaneamente nos cinemas Santa Rosa e Cine Caruaru em sessões muito concorridas. Após isso, o vídeo cairia no esquecimento e passando de arquivo em arquivo sem que se atentasse para sua importância histórica e memorialística. No ano de 2008 dois historiadores reencontraram as bitolas e divulgaram na imprensa local a importância do vídeo-documentário para a história e a memória da cidade. Atualmente o vídeo está em processo de restauração. Este trabalho enfatizando as relações entre Cinema e História

tem o objetivo de explorar o cinema como potencial fonte histórica e a história como inspiração para os “cineastas”.

IMAGENS DO SERTÃO: MEMÓRIA E IDENTIDADE NO FILME CIPRIANO (COMUNICAÇÃO ORAL)

Ms. José Luis de Oliveira e Silva - IFPI

Em diálogo com a proposta do GT – possibilitar uma articulação entre a História e as linguagens audiovisuais, objetivando entender “como o discurso imagético funciona historicamente em diferentes tempos e espaços” e como, através desse discurso, “constituímos historicamente o nosso mundo” – esse trabalho, substrato de projeto para doutoramento, busca discutir como o filme Cipriano (Douglas Machado, PI: 2001) significa o universo sertanejo piauiense e como esses significados dialogam com as estereotípias que historicamente se fizeram referências para pensar esse universo. O filme narra cinco sonhos tidos pelo protagonista homônimo cuja sequência prenunciam sua morte, e gira em torno do que se imagina ser a imagem de uma típica família sertaneja, com personagens que, embora fictícias, não dispensam a atenção do historiador, pois poderiam ser tomadas como modelos imagináveis de sujeitos reais. A problemática norteadora da pesquisa está relacionada às possibilidades de diálogo entre a História e estudos que compreendem o filme como produto histórico-cultural permeado de marcas de um lugar e que, por isso, dialoga com desejos e subjetividades que configuram a época de sua produção. Desse modo, a proposta é levantar – a partir de chaves conceituais como representação, memória, ressentimento, identidade – uma discussão que ultrapasse a postura ilustrativa frente à fonte fílmica que, na maioria dos casos, fica limitada a uma hierarquização legitimadora do discurso fílmico frente ao histórico.

HISTÓRIA E A MÍDIA: AS RECEPÇÕES DO SITIO DO PICA-PAU AMARELO PELAS CRIANÇAS

Rômulo Henrique Andrade Silva (Graduado) - UFCG

Esse artigo é parte de nosso projeto de pesquisa da especialização em educação, tendo como tema perceber como as crianças elaboraram leituras a partir dos episódios do Sitio do Pica-Pau Amarelo (2001) exibidos na escola particular ECE. Assim, a série de tv O Sitio do Pica-Pau Amarelo teve início em 1977, quando a Rede Tupi lançou uma série de programas que narravam a história do Sitio do Pica-Pau Amarelo. Essa narrativa se baseava na obra de mesmo nome, do autor Monteiro Lobato. Em 2000 a Rede Globo comprou o direito de exibir o Sitio do Pica-pau Amarelo. Essa última emissora, exibiu os episódios antigos e produziu (re)leituras ao acrescentar novos personagens e novas características a outros. Tendo como foco principal o universo infantil, lendas da cultura, músicas e do cotidiano brasileiro. Diante dessas obras, é interessante observar a valorização da aventura, da fazenda e da defesa da memória dos velhos. Nosso trabalho tem como problema est udar como e quais sujeitos são recepcionados pelas crianças a

partir do sítio do Pica-Pau Amarelo, assim como aparece a imagem da velhice nessas produções. Michel de Certeau contribuirá com nossa pesquisa no momento que ele reflete sobre os usos e o consumo que os indivíduos fazem das produções culturais. Para elaboração de nossa pesquisa é interessante estudar a relação dialógica existente entre a educação e a mídia, percebendo como podemos usar do discurso midiático para o universo educacional. Além de elaborarmos um estudo sobre a história da infância e velhice. Destaque para os teóricos Philippe Àries, Marcos Cezar de Freitas e Moysés Kuhlman Jr. Entre outros. Logo, pretendemos em sala de aula (re)apresentar episódios do Sítio do Pica-Pau Amarelo com o objetivo de discutir que outros serão inventados pelas crianças, logo como as crianças vão fazer uso do programa O Sítio do Pica-Pau Amarelo (2001). Em seguida pretendemos estudar o autor e a obra, com o objetivo de melhor compreender o lugar de que fala Monteiro Lobato.

A LINGUAGEM COMO CILADA: A PRODUÇÃO ARTÍSTICA JUVENIL NA MIRA DO OLHAR PANÓPTICO (1960/70)

Jaislan Honório Monteiro - IFPI
Dr. Edwar de Alencar Castelo Branco

Partindo do pressuposto de que a linguagem é uma das dimensões acontecimentais da História, este estudo procura, beneficiando-se da articulação entre História e Cinema, lançar luz sobre os esforços de construção de sentidos no terreno da cultura brasileira no período que medeia os anos 1960/70. Ênfase particular é despendida à discussão acerca do impacto das novas tecnologias – principalmente das câmeras de super-8 mm – como instrumento catalisador de uma nova semantização do viver na cidade. Entendendo que nenhuma produção artística está isenta dos condicionamentos sociais de sua época, o estudo opera no intuito de entender as táticas comunicacionais utilizadas por jovens cineastas piauienses quando estes passaram a utilizar linguagens experimentais em suas obras artísticas – processo bastante disseminado na cena cultural brasileira no âmbito do recorte temporal referido. Os diferentes exercícios de criatividade, bem como de interpretação da realidade brasileira, são apropriados como matérias que, ao serem friccionadas com conceitos do saber histórico, favorecem ao descortinamento das condições de existir para parcelas da juventude brasileira neste período recente e conturbado da história cultural do Brasil.

PRODUTORES DESCONHECIDOS, POETAS DE SEUS NEGÓCIOS: OS FANZINES E SUAS ARTES DE FAZER

Edwar de Alencar Castelo Branco

Neste trabalho os fanzines – neologismo formado pela contração dos termos ingleses fanatic e magazine – são vistos como instrumentos através dos quais os homens forjam microrresistências e microliberdades com as quais, sub-repticiamente, procuram subverter a racionalidade panóptica que regula a vida nas cidades. Vistos desse lugar e com o benefício de referências conceituais tais como aquelas oferecidas pelo historiador

francês Michel de Certeau, os fanzines dariam a ver as artes de fazer com as quais uma significativa parcela da juventude urbana brasileira inventa e usa o seu cotidiano. Uma sensação esquisita nos assalta quando lemos uma dessas revistas: há, no material, uma circulação de falas mais ou menos diversa, as vezes contraditória, mas permanece, assim como um buraco negro, um centro que arrasta nossa atenção e nossa alma para um unânime não. A primeira impressão que nos fica é a de que os fanzines são acima de tudo a expressão de uma negação. Mesmo quando o enunciado parece ser afirmativo, como na defesa da paz mundial – para referir apenas uma das temáticas gerais mais recorrentes nas revistas –, as falas são articuladas a partir de uma negação do sistema, entidade que catalisa e atrai – assim como uma espécie de imã – a fúria negativa dos zineiros. É possível vislumbrar também, por trás deste matraquear que vocifera uma multidão de não, o incrível momento em que os zineiros são interpelados em sujeitos exatamente quando se põem a vociferar. São indivíduos que, ocupando diferentes lugares – tanto sócio-culturais quanto físicos – vazam deliberadamente, propondo seus vociférios como instrumento de troca com outras subjetividades

PUBLICIDADE E FONTE HISTÓRICA NO BRASIL

Jafilson Pereira da Silva

O trabalho busca discutir como estão sendo desenvolvidas pesquisas sobre a relação entre história e publicidade no Brasil. A publicidade é uma fonte que atrai para sua esfera gravitacional diversos campos de saber, como a Antropologia, a Sociologia e a Psicologia. Também a História, de um modo geral, entende a publicidade como ponto central das nossas vivências cotidianas. No caso particular dos historiadores, no entanto, há um paradoxo: o que se percebe é que eles, apenas em passant, analisam as publicidades, embora avaliem (e muitas vezes enfatizem) as suas potencialidades de diálogo com a história. Na maioria das vezes, no entanto, eles a consideram como uma estratégia de justificação ou demonstração de seus discursos advindos de outros lugares, estudos e fontes. Colocada dessa maneira dentro das produções historiográficas, a fonte publicitária, quando muito, presta-se à exibição e exemplificação de campos temáticos e idéias exploradas alhures pelo historiador. Defendemos a concepção de que a publicidade não deve ser entendida como processo isolado de outras plataformas que compõem o cenário audiovisual brasileiro, como o cinema, as revistas e a televisão. A rigor, a televisão brasileira, particularmente, teve seu desenvolvimento desde cedo vinculada ao setor publicitário e essa mesma realidade pode ser estendida para alguns momentos específicos na história do cinema no Brasil (entre as décadas de 1960-70, primordialmente). Essa conjuntura, por vezes, gerou desconfortos, colocando profissionais – como roteiristas, produtores e diretores – diante da necessidade de redefinição de padrões estéticos, de vieses ideológicos e da construção de novas redes de interação da arte com o mercado. Também é nosso intuito fazer jus e noticiar a importância da Associação Nacional Memória da Propaganda – “O Memória da Propaganda” – naquilo que se refere à preservação e à divulgação da nossa memória audiovisual, singularmente dos materiais que dizem respeito à história da publicidade no Brasil. As questões concernentes à preservação, à guarda e à divulgação dos materiais audiovisuais, no Brasil, aliás, é uma das temáticas que mais têm preocupado

os estudiosos das diversas áreas, haja vista a ausência de uma política pública que estabeleça, com clareza, critérios capazes de normatizar e legislar esse processo. Diante dessa realidade, pesquisadores interessados em pautar seus estudos em publicidades televisas, por exemplo, podem ficar à mercê dos materiais que lhe chegam às mãos — releases, roteiros, chamadas, cartazes, briefing, etc. — por caminhos múltiplos e de forma esparsa.

JUVENTUDES E IMAGENS: NOVAS PERSPECTIVAS PARA A PESQUISA HISTÓRICA

Daniela Novelli - UDESC

O presente artigo procura discutir como a noção de “juvenilização” pode ser reconhecida como uma importante categoria social produtora de sentidos no século XX, enfatizando a relevância das imagens enquanto produtos e agentes históricos de nosso tempo, bem como dos papéis das juventudes para a formação de um novo ethos social contemporâneo. Os apontamentos teóricos demonstraram que essa noção foi construída historicamente e fortemente operada pela publicidade, que adotou o corpo como sede de significação e de subjetivação, onde a afirmação da juventude desempenhou um papel vital na produção publicitária e na imagem de um corpo altamente desejável. A partir de discussões sobre cultura jovem global, juventude e produção audiovisual e movimentos contraculturais ligados às juventudes, pôde-se compreender a consagração de uma estética juvenilizada, amparada pelo hedonismo e pelo prazer de estar-junto. Verificou-se ainda que o historiador do tempo presente, diante da crescente proliferação de imagens fotográficas e impressas, deve procurar, diferentemente do crítico de arte ou do semioticista, centrar-se na recepção ao adotar a imagem como objeto de pesquisa, pois é ela que lhe permite, como agente histórico, mais do que como produto artístico, uma ponte ao contexto histórico em estudo e às relações estabelecidas na sociedade com os discursos que as imagens contém — contribuindo para uma reflexão mais ampla e inovadora entre história, imagem e juventude.

A ILUSÃO BIOGRÁFICA NAS CINEBIOGRAFIAS: UM ESTUDO SOBRE A PRODUÇÃO DAS NARRATIVAS BIOGRÁFICAS NO CINEMA

Adauto Guedes Neto (Pós-graduando) - FAFICA-PE
Jailson Pereira Silva (Orientador)

Percebemos que tem sido prática recorrente o uso de biografias pela produção cinematográfica. Basta citar alguns deles: Carlota Joaquina, Olga, Zuzu Angel, Che, Ray e atualmente está sendo produzido Lula: o filho do Brasil, dentre outros. Pois bem, nosso objetivo visa analisar as construções das narrativas biográficas presentes nos filmes que trabalham com a perspectiva da biografia, para a partir de então, trabalhar Pierre Bourdieu e o seu conceito da ilusão biográfica, manifestada na crítica à busca da coerência e da linearidade das histórias de vida. Nas produções cinebiográficas, é comum encontrarmos a figura do “herói” cujas virtudes já se manifestam na infância. A

impetuosidade e espírito de liderança de Carlota Joaquina, no filme de Carla Camurati, já são demonstrados na infância, fato este que nos ajuda a perceber a tal linearidade e coerência em sua trajetória de vida criticada por Bordieu. Outro foco de nossos estudos é tentar compreender o contraponto a tais narrativas. Isto ocorre quando verificamos que tais produções cinematográficas tentam utilizar-se do indivíduo para compreender o contexto histórico ao qual o mesmo está inserido. Desta feita, tais produções fogem do caráter apologético e os personagens servem como via de acesso para a compreensão de questões mais amplas. O filme *Olga: muitas paixões numa só vida*, dirigido por Jayme Monjardim, pode aqui ser utilizado como exemplo de uma narrativa biográfica que parte do indivíduo e nos ajuda a compreender as diferentes tramas que envolvem o mesmo, ou seja, através da trajetória pessoal de Olga Benário, entendemos um pouco a história do mundo em que viveu. Com isso, obtendo como fonte de pesquisa a produção cinematográfica, queremos contribuir para uma discussão do ser biográfico numa nova perspectiva, distante dos estudos tradicionais e defender a idéia de estudar o sujeito para compreender as diferentes faces do contexto, pois conforme Michel de Certeau, “cada homem é um lócus no qual uma incoerente e frequentemente contraditória pluralidade de determinações relacionais interagem”.

HISTÓRIA E IMAGENS: A TRANSA DO SUPER-8 ALÉM DOS GRANDES CENTROS (COMUNICAÇÃO ORAL)

José Adilson Filho (Mestre) - FAFICA

Durante a década de 1970, no auge da ditadura militar, alguns pernambucanos se aventuraram pelos caminhos da Sétima Arte. Conforme o jornalista Alexandre Figueirôa, “a transa era filmar”. E o Super-8 se transformaria, por excelência, na forma de criação cinematográfica dessa época. A bitola de 8mm, indício da sociedade de consumos dos países industrializados, era usada principalmente para registrar cenas da vida doméstica. Em Pernambuco, cineastas e “aventureiros” darão ao Super-8 um sentido mais artístico. No entanto, a produção cinematográfica não estava restrita ao Recife, uma vez que algumas cidades interioranas também seriam contagiadas pela “farra do cinema”. Em Belo Jardim, cidade localizada no Agreste Setentrional a 180 km do Recife, veria o protagonismo de alguns jovens que com poucos recursos, mas muita ousadia e criatividade realizaram em Super-8 e mesmo em 35 mm. O filme “A casa maldita”, de José Osório, com produção de Cleto Mergulhão, participaria da I Jornada de Salvador, em março de 1973. Em agosto do mesmo ano, Cleto Mergulhão organizou a I Mostra de Belo Jardim, com a estréia de 07 dos 11 onze filmes inscritos e exibidos na Primeira Jornada de Salvador. Para nós, essas ações de sujeitos individuais, como o Cleto Mergulhão, se cruzam com uma sensibilidade para o cinema que já estava presente em espaços do cotidiano da cidade. Belo Jardim nessa época, por exemplo, possuía salas de cinema com capacidade para mais de 800 pessoas. Nesta comunicação, mais do que as técnicas de produção ou os impulsos da paixão de alguns pela criação fílmica, interessa-me discutir algo sobre o impacto e a influência que essas práticas em torno da Sétima da Arte sobre o imaginário da cidade.

**(RE) INVENTANDO IDENTIDADES: A CONSTRUÇÃO DOS PAPEIS DE
JUDEUS E NAZISTAS NA OBRA DE ART SPIEGELMAN (Comunicação oral)**

Cláudio da Costa Barroso Neto (Graduado)

MAUS ("rato", em alemão) é a história de Vladek Spiegelman, judeu-polonês que sobreviveu ao campo de concentração de Auschwitz, narrada por ele próprio ao filho Art Spiegelman (2005). O livro é considerado um clássico contemporâneo das Histórias em Quadrinhos (HQ). Nas tiras, os judeus são desenhados como ratos e os nazistas ganham feições de gatos, poloneses não-judeus são porcos e estadunidenses cachorros. Spiegelman (2005), evita o sentimentalismo e interrompe algumas vezes a narrativa para dar espaço a dúvidas e inquietações. Constrói diversas identidades para o protagonista, seu próprio pai, retratado como valoroso e destemido, mas também como sovina, racista, e mesquinho. Analisar como a história em quadrinhos MAUS pode ser utilizada para se perceber a construção das identidades de nazistas e judeus na 2ª Guerra apresenta-se como nova possibilidade de fonte, proporcionada pela Nova História. A pesquisa constitui-se de analisar de que maneira a HQ pode ser usada como mais uma fonte histórica, ampliando ainda mais os recursos do historiador para se perceber a (re) invenção das identidades de tais personagens históricos. A HQ possui uma linguagem e dinâmica própria tanto visual quanto narrativa, que atinge variados grupos de pessoas, fazendo-se assim necessário o estudo temático do objeto em questão para assim podermos visualizá-lo a luz do conhecimento, sendo ainda que os estudos referentes à HQs até então se remetem sua utilização com ferramenta pedagógica, e aqui nos propomos a tratá-lo como sendo fonte histórica, sendo então um trabalho voltado para outra faceta do quadrinho dando-lhe mérito de pioneiro a despeito da abordagem. Os objetos históricos são vistos e trabalhados pelos historiadores a partir de seus próprios limites históricos. Os objetos transformam, e se transformam a partir dos perímetros metodológicos de quem os estuda, e graças ao alargamento das fontes, temas, e objetos, possibilitado pela Nova História. É preciso delimitar o fato, o objeto, e entendê-lo como surgido a partir de um dado saber, de um dado acontecimento, só a partir daí podemos perceber e materializá-lo, torná-lo consciente. Neste caso vamos ver como as imagens da obra de Spiegelman (2005) recontaram o Holocausto nazista e criaram identidades múltiplas, sempre levando em consideração o lugar em que ela se constituiu, e decodificando suas representações para assim buscarmos nossas respostas.

**A CULTURA VISUAL NAS LENTES DOS ANIMES: FONTES PARA ESTUDO
DA JUVENTUDE (Pôster)**

Ítalo Jairo Pontes Farias (graduando) - UEPB
Patrícia Cristina de Aragão e Janína Bezerra de Queiroz

Em diferentes temporalidades históricas, a juventude sempre expressou o seu modo de ver e olhar o mundo, cujos registros desta expressividade podem está contidos em diferentes fontes, pois estas demarcam o papel da juventude na contextura da história. Os animes, têm participado na transição do século XX ao XXI, como um registro histórico da juventude contemporânea. Oriundos da cultura japonesa, influenciaram

diferentes gerações que se tornaram deles consumidoras. Esta produção cultural visual tem via os meios midiáticos, televisão e cinema, propiciado aos pesquisadores, recursos para entender e estudar a juventude de nosso tempo, suas mudanças, gostos, e modo de ver o mundo social na qual fazem parte. Este estudo objetiva analisar os animes, suas imagens, como fontes de estudo histórico sobre a juventude, notabilizando o seu papel no âmbito da cultura visual e juvenil afim de constatar como os mesmos influenciam na construção de suas identidades e, a partir dos mesmos expor o que é o “ser jovem” sob a perspectiva dos animes.

**RECINFERNÁLIA: SABOTAGENS SIMBÓLICAS NA FILMOGRAFIA
SUPEROITISTA DE JOMARD MUNIZ DE BRITO. (PÔSTER)**

Roniel Sampaio Silva - UFPI
Dr. Edwar de Alencar Castelo Branco (Orientador)

O principal propósito deste trabalho é estudar o filme Recinfernália (1975), do filósofo, poeta, ator, cineasta e agitador cultural pernambucano Jomard Muniz de Britto. No texto se procurará iluminar, principalmente, as contribuições de JMB ao esforço de bricolagem e reinvenção identitária da cidade do Recife, bricolagem que realizaria através de uma intensa atividade artística voltada, entre outras coisas, para a submissão da pernambucanidade tropicológica a um delírio que lhe obrigasse a transmutar-se em pernambucália tropicalista. No caso do filme em estudo, trata-se de um esforço de JMB para reposicionar as identidades cultural e espacial da capital pernambucana, forçando-a a escapar da aparência de identificação consigo mesma que a tradição tropicológico-armorial procurava impor ao Recife e, mesmo, ao objeto cultura popular.

**HISTÓRIA, MÚSICA E SUBJETIVIDADE: A MÚSICA ENQUANTO ESPAÇO
DE PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO HISTÓRICO (PÔSTER)**

Lucilvana Ferreira Barros (Graduanda) - UEPB
Mariângela de Vasconcelos Nunes (Orientadora) - UEPB

O Pôster que pretendemos expor apresenta uma breve paisagem do trabalho de pesquisa desenvolvido junto à Propesq intitulado “Sentidos singulares e sensibilidade musicais: música, cultura e problematizações para o conhecimento histórico na sala de aula.” Nele cartografamos a música como um dos espaços de produção do conhecimento histórico lendo-a como um documento legítimo para esta prática. Partimos da idéia de que esta fonte é capaz de estabelecer canais de comunicação entre a cultura juvenil e o conhecimento histórico. Compreendemos que a música além de carregada de historicidade também se constitui enquanto elemento instituidor de subjetividades influenciando na construção de valores e processos de identificação. Para esta empreitada, tomaremos como base os estudos de História Cultural destacando autores como, Michel de Certeau, Stuart Hall, Michel Foucault, entre outros; e o estudo preliminar de algumas entrevistas fechadas e semi-abertas, construídas pelo grupo de pesquisa, realizada em maio de 2009 com alguns alunos do primeiro ano da Escola

Estadual de Ensino Fundamental e Médio José Soares de Carvalho situada na cidade de Guarabira.

**UMA LEITURA SOBRE “NOVOS” ALUNOS À LUZ DO FILME
“ESCRITORES DA LIBERDADE”**

Ilzenir Mayara Porto da Silva (Graduanda) - UEPB
Danielle Brandão Araújo (Graduanda) - UEPB
Prof^ª. Dr^ª. Patrícia Cristina Aragão (Orientadora) - UEPB

Este presente trabalho pretende abordar a ligação entre a História e o Cinema, sob a perspectiva do filme “Escritores da Liberdade” (2007). Nos referenciamos nesta construção textual no próprio filme citado anteriormente. A história e o cinema se empenham num esforço de capturar aspectos da vivência humana, retratando acontecimentos passados ou até mesmo atuais. O filme que estamos trabalhando nos retrata uma realidade existente no nosso cotidiano que é a questão da relação professor-aluno-ambiente escolar, tendo em vista as várias vivências e linguagens que são encontradas na escola e que muitas vezes são reflexos do próprio contexto social onde estes alunos estão inseridos. Sendo assim, as considerações que chegamos e o que buscamos refletir no presente grupo de trabalho, é que é perfeitamente cabível o uso do cinema como fontes documentais auxiliando nas pesquisas históricas e até mesmo no âmbito social. Palavras chaves: Cinema.História.Vivências.

**MISS DORA: TÁTICAS SUTIS DE TRANSGRESSÃO NA TERESINA DOS
ANOS 1970.**

Danielle dos Santos Cunha - UFPI
Dr. Edwar de Alencar Castelo Branco (Orientador)

O filme Miss Dora, rodado em 1972 e escrito e dirigido por Edmar Oliveira, constitui importante fonte histórica na medida em que revela os anseios e modos de viver e interagir com o mundo de uma parcela atípica e peculiar da juventude teresinense dos anos 1970. No filme é apresentada Miss Dora, a anti-heroína, que propõe uma via dramática e extrema a seguir: matar PM's para alcançar a liberdade. Situado no contexto da ditadura militar no Brasil, o filme expõe a quebra de posturas, costumes e da moral tradicional através das cenas mostrando através do uso de minissaias, de bate papo de mulheres com cabeludos em mesa de bar, dentre outros, que se constituem em forma de micro-resistências, para atacar esse conservadorismo da sociedade que não estava acompanhando a modernização em curso da cidade de Teresina, além de não corresponderem enquanto modelo para essa juventude em luta para forjar sua(s) identidade(s), perseguidos como eram pelos agentes da ditadura e limitados pelas imposições políticas e ideológicas das mais diversas instituições que se faziam sentir à “flor-da-pele” naqueles anos de chumbo. Além de ser sintomático enquanto produto cultural de uma parcela da juventude teresinense que foi influenciada por um dos ícones do movimento da Tropicália, Torquato Neto, espécie de guru meio torto dessa

juventude, o filme, a todo momento, apesar de não seguir um começo-meio-fim, transcende seu roteiro mostrando alternativas toscas mas nem por isso apolíticas e passivas nesse contexto, revelando indivíduos sedentos por experiências novas e buscando meios alternativos (como o filme super 8) para fugir dos modelos padronizados de vida e de ação frente aos desafios impostos diante da modernização e da delimitação necessária de lugares, gostos e comportamentos formadores, mesmo que a força, de identidades. Assim música, cidade e ação dos personagens se misturam e criam todo um caleidoscópio, sem tempo limitado por horas, para acabar com a lógica racional- reacionária e construir algo novo a partir de estruturas decadentes.

CINEMA JOMARDIANO: REESCRITURAS CONTEMPORÂNEAS DO NORDESTE NA DÉCADA DE 1970. (PÔSTER)

Francisco Aristides de Oliveira Santos Filho – UFPI
Dr. Edwar de Alencar Castelo Branco (Orientador)

O seguinte trabalho descreve o panorama da cultura oficial no Recife dos anos 1970, que tem em Gilberto Freyre e Ariano Suassuna dois de seus mais importantes artífices, e ao mesmo tempo retrata a crítica radical a este modelo dominante condensada no filme "O palhaço degolado" (1976). A política cultural da cidade na época privilegia manifestações ligadas à tradição e se assenta numa lógica discursiva herdeira de uma linhagem intelectual nacional-popular. Contra esse quadro, se insurgem artistas ligados ao Tropicalismo e às tendências vanguardistas da época, como Jomard Muniz de Britto. Sua obra "O palhaço degolado", realizada em Super-8, condensa de forma original e transgressora a crítica ao establishment político e cultural do período.

A CIDADE QUE ABRAÇA: ATRAVESSAMENTOS E CAMINHADAS EM FILMES EXPERIMENTAIS

Renata Flávia de Oliveira Sousa - UESPI
Dr. Edwar de Alencar Castelo Branco (Orientador)

No início dos anos setenta, sob a influência e na companhia de Torquato Neto, o desterritorializado poeta que procurou esgrimir a linguagem contra si mesma, um grupo de jovens teresinenses, os quais já chegaram a ser chamados de "Geração Torquato Neto", se apropria do superoito e procura recriar, com suas bitolas, as suas cidades íntimas. Uma década depois, sob os ventos promissores mas ofuscantes da "abertura política", o grupo "Mel de abelha", formado por jovens cineastas experimentais ainda encantados com as bitolas de superoito milímetros, conformam, do interior das universidades, um novo desenho para a cidade. Entre uma e outra geração a cidade permanece como signo a ser decifrado, mas se altera profundamente o foco do olhar: o "espectro Torquato Neto" atravessa a cidade, assombrando-a com serial killers desengonçados, enquanto a "geração mel de abelha" compõe uma arte filmográfica na qual os homens é que são atravessados pelos signos sufocantes da urbanidade. O

**I SEMINÁRIO NACIONAL FONTES
DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA:
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES
DE 01 A 04 DE DEZEMBRO DE 2009**

ISSN 2176-4514

propósito desta comunicação é situar esta temática, trazendo para o interior da oficina dos historiadores exemplares do cinema marginal como signos de uma época.

**I SEMINÁRIO NACIONAL FONTES
DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA:
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES
DE 01 A 04 DE DEZEMBRO DE 2009**

ISSN 2176-4514



**GT 21 - HISTÓRIA, MEMÓRIA E IDENTIDADES EM ESPAÇOS URBANOS
EXPERIÊNCIAS DE USOS DE FONTES HISTÓRICAS**

Ana Rita Uhle - UNICAMP
Giliard da Silva Prado – UNB

As cidades constituem-se em espaços dinâmicos onde diferentes grupos sociais buscam projetar suas memórias e afirmar suas identidades por meio de produções simbólicas que se consubstanciam em diversos lugares de memória – arquivos, museus, monumentos, praças, ruas, prédios públicos, comemorações, festas, rituais (cívicos, religiosos, fúnebres), etc. Longe, porém, de serem entendidos como fenômenos distintos, um preexistindo ao outro, memória e identidade são elementos indissociáveis, fortemente imbricados, uma vez que as afirmações identitárias recorrem a uma determinada memória e que, inversamente, as construções no campo da memória são permeadas por um sentimento de identidade. É a partir dessa relação dialética que se produzem imaginários, trajetórias de vida, histórias, mitos e narrativas. Produções discursivas (textuais e imagéticas) e práticas sociais são atravessadas por relações de poder, que se manifestam em processos de inclusão e exclusão, isto é, na definição do par identidade/alteridade efetivada por diferentes indivíduos e grupos sociais que procedem a usos conflitantes do passado. Neste sentido, os espaços urbanos abrigam um vasto repertório de produções simbólicas que expressam as disputas entre grupos sociais antagônicos, as lutas de representações e as batalhas por eles travadas em torno da memória e da história. Com base nessas considerações, este Grupo de Trabalho pretende reunir pesquisas que busquem compreender conflitos sociais e relações de poder nas produções simbólicas que compõem a ambiência urbana, considerando as manifestações tanto de natureza material, quanto imaterial. O objetivo do GT é promover a reflexão e o debate sobre a multiplicidade de documentos (vestígios, traços) que podem ser eleitos por historiadores e pesquisadores de áreas afins como fontes para suas pesquisas. A discussão será pautada pelos limites e possibilidades de uso desses documentos, bem como pela problematização de abordagens e perspectivas metodológicas adotadas. No debate decorrente da reunião de experiências de pesquisa construídas a partir de diferentes formas de aproximação com os objetos propostos, serão privilegiados os

percursos e modos de fazer do historiador/pesquisador. Este GT está orientado pelo entendimento de que, assim como a organização dos fundos e séries arquivísticas e dos acervos de museus, a disposição espacial de prédios e monumentos públicos, a toponímica urbana e diversos outros elementos que compõem o cenário das cidades são orientados por escolhas nas quais estão subjacentes relações de poder.

**A RECONSTITUIÇÃO DA TRAJETÓRIA DO NÚCLEO COLONIAL
ANTÔNIO PRADO EM RIBEIRÃO PRETO: DA CONSTRUÇÃO DA
IDENTIDADE ÀS TRANSFORMAÇÕES ESPACIAIS**

Adriana Capretz Borges da Silva Manhas
Max Paulo Giacheto Manhas

O trabalho apresenta a reconstrução física, histórica, social e econômica da área que teve origem a partir do Núcleo Colonial Antônio Prado, em Ribeirão Preto (SP), por de uma abordagem interdisciplinar: a pesquisa que teve início no campo da arquitetura e urbanismo (graduação), prosseguiu pela Engenharia Urbana (mestrado) e finalizou nas Ciências Sociais (doutorado), estabelecendo interfaces com a história, planejamento e desenho urbano, economia e sociologia. Utilizando-se principalmente de fontes primárias inéditas - mapas de evolução urbana, títulos de propriedade, atas de associações, registros de impostos sobre indústrias e profissões e inventários post-mortem, - complementadas por fotografias e relatos orais, a pesquisa reconstituiu a trajetória de uma área que foi planejada para funcionar como “viveiro de mão-de-obra” para as lavouras de café paulistas do final do século 19 e foi responsável pela primeira expansão urbana da cidade, servindo de “depósito” para tudo o que deveria ser “invisibilizado” pela burguesia dominante na época: imigrantes, pobres e operários, os quais, juntamente com equipamentos de saúde e fábricas, que deveriam ser afastados do convívio com a população, por meio do isolamento geográfico. Paralelamente, o estudo mostrou as estratégias adotadas pelos moradores do núcleo colonial, em sua maioria imigrantes italianos, para reconhecerem-se como “italianos no Brasil” e serem reconhecidos pela antiga população, que os desejava para o trabalho mas não para o convívio. Os pré-requisitos para a obtenção de um lote na referida área eram o desenvolvimento de profissão urbana e a nacionalidade européia (demonstrando o declarado projeto da coroa portuguesa de “embranquecimento” da população nacional e criação do mercado consumidor a partir da introdução do salário livre e assalariado), condicionantes que fizeram dos antigos moradores do núcleo colonial os responsáveis pela ampliação e diversificação e especialização da mão-de-obra e dos serviços oferecidos na cidade. Além das transformações físicas e econômicas, o impacto marcou sobretudo o âmbito cultural, com a mudança nos hábitos construtivos, alimentares, de lazer, nos métodos e processos de trabalho. Como resultado, a pesquisa inaugurou na cidade uma linha de pesquisa e investigação até então inédita na cidade, voltada para o estudo do trabalho do imigrante urbano, já que a maior parte dos estudos sobre imigração e trabalho volta-se para as fazendas de café, bem como da história das personalidades da oligarquia cafeeira.

**NEGOCIANDO A HISTÓRIA: MONUMENTOS CELEBRATIVOS E FONTES
DOCUMENTAIS POSSÍVEIS**

Ana Rita Uhle

O espaço urbano agrega expressões de memória dos mais variados gêneros e que se materializam por meio de rituais, monumentos, edifícios, festas etc. Os monumentos celebrativos são obras de cunho intencional, ou seja, construídas com o objetivo de rememorar determinado personagem ou episódio da história, que tiveram seu período de auge no Brasil entre o final do século XIX e a metade do século XX. A pesquisa sobre este tipo de obra é bastante reveladora dos conflitos e disputas em torno da gestão do espaço público e da memória, além de deixar ver os meandros da produção de discursos oficiais via imagem, especialmente no que diz respeito às negociações estabelecidas entre escultores, idealizadores e patrocinadores. Neste trabalho, pretendo discutir as fontes de pesquisa possíveis na investigação de monumentos celebrativos, levando em conta o processo de construção desse tipo de obra: debate público, concurso, maquetes, trabalho do escultor e fiscalização da comissão executiva. Para isso, trarei como exemplo algumas fontes analisadas no estudo de monumentos paulistas, como o Monumento a Campos Sales (Campinas/SP), Monumento à Glória Imortal dos Fundadores de São Paulo (São Paulo/SP) e Monumento à Fundação de São Paulo (São Paulo/SP).

**CONTADORES DE HISTÓRIA DA COMUNIDADE VAI QUEM QUER: UM
ESPAÇO (RE) INVENTADO ATRAVÉS DAS NARRATIVAS ORAIS**

Carlos Magno de Souza

A maioria dos autores, por vezes deixa claro que a metodologia da História Oral é uma das formas pela qual a pesquisa e o conhecimento histórico possam se expandir de forma que todos possam ter acesso. Características e significados trazem a tona histórias da vida cotidiana sobre determinadas maneiras de como os sujeitos envolvidos se relacionam nesse contexto social. Haja a vista que essas características acompanham esta investigação, que se dará através do conhecimento das narrativas que são creditadas ao pesquisador. Nesse contexto, iremos nos deparar com universo repleto de intimidades que permearão peculiaridades no sentido de recuperar o vivido por quem viveu na construção do seu destino numa pluralidade que permite (re) inventar e (re) construir as células sócias através de contextos reais, fazendo interligações entre passado e presente, percebendo que as diferenças estão inseridas no mesmo contexto. Abordando a importância das narrativas orais dos contadores de história da comunidade Vai Quem Quer no município de São Paulo do Potengi/RN na (re) invenção do próprio espaço habitacional é que vamos perceber a relação entre tempo e história, sendo a memória a principal fonte dos depoimentos orais, no qual requer do pesquisador a busca investigativa dos testemunhos que possibilitem a representação de ocorrências registradas num passado distante.

**MEMÓRIA DE PEDRA: OS MONUMENTOS E A CONSTRUÇÃO DE UMA
IDENTIDADE REPUBLICANA (NATAL 1905-1922)**

Diego Souza de Paiva

Tendo em vista que a intenção mais ampla do presente GT é a de discutir as possibilidades de uso de documentos para pensar memórias e identidades inscritas no espaço da cidade, este breve artigo (talvez muito mais um ensaio), vem trazer uma proposta de trabalho dissertativo que, acredito, se enquadre perfeitamente nesse universo proposto de discussões. De uma forma geral, a proposta do trabalho (que se constitui num projeto de mestrado) é tomar os monumentos que marcam o espaço do centro histórico da cidade do Natal - erigidos no início do século XX -, para pensar de que forma eles plasmam nos espaços que constroem uma memória e uma identidade republicanas. O intuito é perceber como se constrói a simbologia de um sistema político na sua afirmação e legitimação, e nesse sentido, a idéia é tomar os monumentos como discurso, um discurso estético, político, social, cívico etc., o que pode ser resumido no que chamamos de “retórica estética do monumento”; ou seja, a forma como a pedra encarna uma dada mensagem a partir da suas formas, das alegorias, metáforas e metonímias que plasma. O monumento como “processo de significação”, materialidade que se dá à percepção e que remete a códigos. A intenção então é justamente estabelecer que gramática de símbolos é essa, mobilizada para que se rasgue o espaço com essas materialidades de pedra, no intuito de construir uma identidade através de uma memória particular. Pensando o monumento dessa forma, inserimos essa nossa fonte numa tríade conceitual: Monumento-Discurso-Memória, considerando o monumento como discurso que institui uma memória, e sendo memória e discurso também eles monumentos. O artefato-monumento será pensado, pois, não só na sua dimensão estética, enquanto inscrito dentro de determinada tradição, mas também dentro de uma dimensão retórica, de mobilização de símbolos, de afetividades, uma vez que também se constitui linguagem, e por fim, pensado em sua dimensão essencial de monumento, qual seja, a de memória, de monere (advertir, lembrar), daquilo que trás à lembrança alguma coisa. Pensar a cidade como um texto, lendo sua configuração espacial a partir de uma dimensão específicas, dos signos de pedra, que são os monumentos.

**OS NOVOS INTERESSES CAPITALISTAS NO RIO DE JANEIRO E SEUS
EFEITOS NO BAIRRO DE SÃO CRISTÓVÃO NA VIRADA PARA O SÉCULO
XX**

Eduardo Alves de Almeida

O estudo que é aqui exposto vem sendo aprimorado em conjunto com o método de ensino e pesquisa chamado “história do lugar”, desenvolvido pelo professor Joaquim Justino Moura dos Santos (UNIRIO). Consiste na aplicação desse método – que propõe, entre outros, a utilização de formas variadas de fontes como, por exemplo, fotografias, mapas, plantas, dados estatísticos, jornais e revistas – na análise dos novos interesses do capital vigentes no Rio de Janeiro a partir do final do século XIX até a sua consolidação, na década de 1940, incidindo mais especificamente sobre o bairro de São

Cristóvão. Nesse sentido, procura-se dar ênfase ao processo de industrialização do bairro, que, embora iniciado em meados de 1870, intensificou-se na última década do século. Dentro dessa análise dos novos interesses do capital no Rio de Janeiro, cabe aqui desenvolver um estudo sobre o processo de industrialização do bairro de São Cristóvão, destacando: os aspectos econômicos que fomentaram a atração de indústrias para o bairro; o papel da mão de obra excedente provocada pelo fim da escravidão e pela imigração; e a excepcional condição de infraestrutura, sobressaindo-se os transportes (bondes e trens), rede de abastecimento de água e energia, além de ser próximo ao porto e ao centro, facilitando portanto a importação, exportação de produtos e matérias primas, a chegada da força de trabalho, assim como a comercialização de bens na cidade. Também há o objetivo de discutir os impactos e outras mudanças ocorridas no bairro que alterava suas principais características, isto é, de aristocrático e residencial para industrial e proletário.

AS CIDADES NA PINTURA DE BENEDITO CALIXTO

Emerson Dionisio Gomes de Oliveira

O presente trabalho procurou lançar questionamentos sobre o ambiente cultural de produção das pinturas executadas pelo artista Benedito Calixto com o objetivo de representar as cidades paulistas, a serviço de uma elite econômica, nos primeiros anos da República. Influências confessas da carreira do artista nesse ambiente, duas instituições são cruciais para a compreensão da obra: IHGSP e o Museu Paulista. Igualmente importantes em nossa abordagem são as relações entre o trabalho historiográfico e artístico de Calixto, além de características estéticas importantes de sua trajetória. Para tanto, escolhemos as obras que se debruçaram sobre dois sentidos: modernidade (o porto de Santos e a cidade de São Paulo) e gênese (São Vicente).

MEMÓRIAS EM CONFRONTO NO CENTRO HISTÓRICO DE ARACAJU: OS PROCESSOS DE CONSTRUÇÃO DAS IMAGENS PÓSTUMAS DE FAUSTO CARDOSO E OLÍMPIO CAMPOS (1906-2006)

Giliard da Silva Prado

Este estudo analisa as batalhas da memória presentes nas comemorações dos aniversários das mortes de Fausto Cardoso e Olímpio Campos, no período compreendido entre 1906 e 2006. Líderes políticos de grupos antagônicos, Fausto Cardoso e Olímpio Campos foram assassinados em decorrência de uma revolta ocorrida em Aracaju no ano de 1906. Desde então, faustistas e olimpistas empreenderam projetos concorrentes para o estabelecimento das memórias de seus líderes. Dentre as homenagens que compuseram os processos de mitificação dos dois políticos, constam: as missas fúnebres, as romarias cívicas, os discursos veiculados na imprensa; a reprodução e distribuição de seus retratos; a atribuição de seus nomes a logradouros públicos e a inauguração de seus monumentos. A maior parte dessas homenagens repetia-se anualmente durante as comemorações de suas mortes. Com o intuito de

compreender que imagens póstumas foram construídas em torno das figuras de Fausto Cardoso e Olímpio Campos, é empreendida uma história da memória, identificando-se as mudanças por que passaram as comemorações ao longo do tempo, bem como os pontos de inflexão que marcaram os cultos às suas memórias.

O AÇUDE JOÃO LOPES E AS RAÍZES DO MONTE CASTELO A PARTIR DA MEMÓRIA DE VELHOS (1945-1955)

Hannah Jook Otaviano Rodrigues

Essa pesquisa, que ainda se encontra em sua fase inicial, busca como objetivo principal mostrar como o antigo açude João Lopes, se constituía como espaço de sociabilidade, lazer e trabalho entre as pessoas que habitavam próximo a este e que, posteriormente contribuíram para a formação e surgimento do atual bairro Monte Castelo em Fortaleza. O recorte temporal utilizado vale-se do ano do final da Segunda Guerra Mundial (1945), fato que contribuiu para a mudança de sua nomenclatura, até uma década depois (1955). A fim de se poderem observar quais as mudanças ocorridas nesse espaço temporal e como a modificação do nome influenciou ou não para essas transformações e como os moradores reagiram a essa e outras possíveis intervenções dos poderes públicos em seus cotidianos. Para essa investigação a principal metodologia utilizada será a História Oral, através de entrevistas com antigos moradores, ex-moradores e frequentadores deste bairro fortalezense a fim de que a partir da memória destes se possa buscar uma tentativa de reconstrução de parte da História do Monte Castelo. Porém, além da historicidade e da relação entre essas pessoas com o espaço físico e social desse local, serão utilizados outros tratamentos metodológicos como a utilização de dois periódicos da época, com o intuito de refletir a partir de pontos de vistas diferentes quais os olhares lançados sobre a capital cearense e, especialmente, sobre este bairro. Quais as versões que foram registradas para a modificação do nome, qual a visão que estes jornais tinham acerca desse local, quais os problemas sociais que a população reivindicava por melhorias, enfim estes periódicos ajudarão para a formulação de muitas problemáticas que serão levantadas junto aos entrevistados. Contudo, serão utilizados também documentação oficial, registros em cartórios, estatísticas e, caso seja disponível, o acervo pessoal de cada entrevistado tudo com o objetivo de reconstruir a memória e o passado do bairro e notar o que é silenciado para a sociedade.

OPOSIÇÃO ESTRATÉGICA E RASTREAMENTO TÁTICO: A CONVERGÊNCIA IDENTITÁRIA ENTRE FÁBRICAS E PRESÍDIOS

Helmano de Andrade Ramos

O trabalho procura analisar a penitenciária do Serrotão, em Campina Grande PB como fábrica, através da exposição de dois locais discursivos identificados entre a oficialidade e a marginalidade institucional, a demonstrar o interesse por parte dos oficiais na separação entre as identidades (discurso paternalista), em seguida, a denúncia das convergências culturais através da leitura marginal trazida por um dos “chefes de

pavilhões” (representado entre patrões e operários como o fiscal), rastreando os interesses “ocultos” ao discurso, mas reluzentes entre as práticas quais; comércio, construções de casas, propina para aluguel de armas, quebra dos albergues, assassinatos de estupradores tal qual uma fábrica em que no período de uma gestão administrativa (três anos), manteve o equilíbrio entre os supostos opostos, que quando completos demonstram seus produtos entre mortes e prisões de diretores e de presos, fazendo do cômico a tragédia da ciência moderna e das prisões. Nesse sentido que se afirmou no período entre 2005 e 2008, a observação do discurso oficial buscando enquadrar os detentos à determinado tipo de ordens narrada e exposta visualmente como regras afixadas em todas as partes da direção, contudo observamos também o aval dos próprios detentos a permitir o contato com os diretores desviando os objetivos iniciais da pesquisa, mas demonstrando um vínculo até então desconhecido, de forma que tal evidencia a despeito de se tornar notícia nacional e ao contrário de inferiorizar a descoberta como única ratifica o objetivo da presente análise das atitudes ilícitas derivadas da comunicação entre os supostos opostos fundadas na comunicação cultural entre oficiais e marginais, formulando práticas que se tornam notícias em tempos, mas que marcam a história das prisões e sua reprodução maciça no período contemporâneo sob o ideal político impositor que diferente do discurso e fundamentalmente pratico lucra tanto com a instituição discursiva em torno da ordem quanto com sua inversão.

IDIOSSINCRASIA CULTURAL E CIÊNCIA: A HISTÓRIA SOCIAL CONSTRUÍDA NAS PRÁTICAS DE REZAS E BENZEÇÕES

Jailson de Lucena Gomes

O objetivo norteador deste trabalho é a investigação dos processos históricos relacionais entre cultura e ciência, a partir das manifestações idiossincráticas presentes em rezadeiras e benzeções. O trabalho com as rezas e a manutenção dessa condição, prática para a obtenção de curas é um fator que ainda se faz presente consideravelmente em alguns municípios no interior do Brasil. A despeito dos avanços da tecnologia e das ciências em geral. A investigação foi pensada tomando como base histórica uma série de construções sociais do comportamento humano com relação às rezas e benzeções. No mundo da ciência e da racionalidade coexistem, culturalmente, as idiossincrasias quando o assunto diz respeito às rezas. É um fato considerar a existência de costumes, historicamente definidos e independentes do grau de instrução, de usuários de rezas. Tomamos como referência para o estudo um corpus constituído por 05 (cinco) rezadeiras do município de Malta no estado da Paraíba, com as quais fizemos entrevistas nas suas residências com o intento de observar o desenvolvimento da atividade de rezar e as formas utilizadas pelas mesmas para ritualizar esse momento, assim como 10 (dez) pessoas da comunidade que, de algum modo, usaram os serviços das rezadeiras. De certo, entrevistamos não somente pessoas da comunidade que se dizem crédulas na atividade das rezadeiras, mas aquelas que não acreditam nessa prática. Isso nos permitiu melhor explorar os significados do uso da reza na cura de certos problemas, em termos interpretativos, os resultados sobre o ofício das rezadeiras e a sua manutenção até os dias atuais. O conteúdo deste trabalho está montado para dar a conhecer os aspectos paralelos dos saberes populares e científicos, especialmente

figurativos de manifestações históricas de linguagens e de sentimentos próprios da cultura local e resistentes em termos de tempo e de tecnologia.

FASES E FACES DO SUBÚRBIO DO RIO DE JANEIRO: 1870-1930

Joaquim Justino Moura dos Santos

A presente pesquisa vem sendo realizada por mim há um bom tempo. Remete-se à formação do subúrbio carioca, objetivando delimitar esse acelerado processo de grandes transformações dadas no centro da capital do país e em seus arredores, a princípio rurais, entre as três últimas décadas do século XIX e as três primeiras do século XX. É nesse período que, em meu juízo, tal processo se inicia e resulta, ao final, na consolidação do subúrbio carioca. Ao mesmo tempo, veremos que ele se dá em uma área particular do município, situada em parte da antiga freguesia de Inhaúma. Pretende-se, além de relativizar o papel dos trens no dito processo, demonstrar que o mesmo se deu sob impulsos bem mais amplos. Associados ao fim das relações escravistas, à instalação e à definição das novas relações e interesses capitalistas, e, a ações de instituições públicas e privadas, em favor da apropriação do espaço urbano pelos capitais e pelo Estado. Por fim, busca-se refletir sobre as características sociais, econômicas e culturais que deram vida e sentido à história dos lugares do subúrbio, em suas relações com a cidade, nessa, que vejo como a primeira fase de formação do subúrbio carioca propriamente dito. Com esse propósito, conto atualmente com três bolsistas de iniciação científica (PIBIC), que vêm dando início à execução de subprojetos, voltados para o tratamento de cada uma das três hipóteses lançadas acima. Em nossa abordagem inclui-se a produção do conhecimento sobre a história e memória do subúrbio carioca, em articulação com o método de ensino e pesquisa que venho desenvolvendo a cerca de três décadas, ao qual dou o nome de "história do lugar", com alguns resultados já alcançados em salas de aula do ensino médio e fundamental, assim como em cursos de nível superior, para graduandos e pós-graduandos. Método que volto a enriquecer com novos dados sobre a formação dos lugares do subúrbio, que vêm sendo selecionados e coletados por orientandos meus, de iniciação científica/PIBIC; de monografia, e, de cursos/seminários de pesquisa, os quais apresentam pôsteres neste mesmo evento, referentes a seus subprojetos específicos.

O CAPITAL, O ESTADO E SUAS INSTITUIÇÕES NA FORMAÇÃO DO SUBÚRBIO CARIOCA- UM OLHAR SOBRE LUGARES DA FREGUESIA DO ENGENHO VELHO

Fátima Gabriela Soares de Azevedo
Alice Rocha Gomes e Santos
Prof. Dr. Joaquim Justino Moura dos Santos (Orientador)

A capital brasileira, Rio de Janeiro, no período que vai do final do século XIX ao início do século XX, precisava se modernizar. Pensada em moldes europeus, especificamente parisienses, a modernização carioca previa o embelezamento da cidade e sua maior

expansão urbana, de modo a acelerar seu desenvolvimento. Para favorecer essa expansão, era preciso deixar livre a área central da cidade, tomada pelas fábricas e pelas sedes das grandes empresas nacionais e estrangeiras, além das instituições públicas próprias da capital. Textos, documentos e imagens mostram que grandes problemas surgem nesse momento. A presente pesquisa pretende analisar como o poder público lidou com temáticas como saúde, saneamento, cultura e habitação, pungentes para as populações cariocas de baixa renda. Estas, que antes ocupavam áreas que passariam a ser cobiçadas por outros interesses, passam a ser “abrigadas” em outro lugar, um lugar que no início não enxergam com o seu, mas onde vão construir relações próprias e uma dinâmica que traz outra caracterização. A questão social e a modernização influem na formação do subúrbio carioca e na sua identidade, bem como na sua caracterização enquanto lugar de magia e abandono. A desigualdade no Rio de Janeiro passa a ficar definida de outro modo no espaço, não há mais proximidade física entre os detentores do capital e os trabalhadores. Cada ator social passa a ter um papel e um espaço próprios (e distantes) a ocupar no cenário político econômico da cidade. No presente pôster temos também como objetivo preceder a uma investigação acerca da freguesia do Engenho Velho e adjacências, em particular os lugares do atual bairro do Andaraí, procurando ver nesta localidade os processos históricos mais gerais, com destaque para as seguintes questões: o deslocamento das camadas pobres e trabalhadoras para fora do centro da cidade em sua direção (com ênfase na gestão Pereira Passos); o crescimento da indústria local; o papel dos meios de transportes de massa, assim como os impulsos dados pela abolição da escravatura para a ocorrência desses processos. A partir desta preocupação, objetivamos analisar tais transformações à luz do contexto e das mudanças dadas no cotidiano local. Para tanto procuraremos ver não só o impacto da extensão das linhas férreas (trens e bondes) na referida freguesia, quanto aquele ocasionado pela instalação da indústria têxtil e pelo fim da escravatura, vendo ainda os desdobramentos dos fluxos migratórios, dados pela renovação urbana então ocorrida na cidade do Rio de Janeiro no período em estudo.

LONGOS CAMINHOS DA ESPERANÇA: HISTÓRIA DA IMIGRAÇÃO JAPONESA EM PERNAMBUCO (1918-1985)

José Lourenço da Silva Neto

O processo de formação do povo brasileiro que se deu a partir da mistura dos povos originários, com os europeus e africanos, e mais adiante entre esses e os imigrantes europeus e asiáticos do século XX, concebeu um novo povo que na sua jovem história começa a se reconhecer como nação, começa a consolidar sua identidade nacional. A história da imigração japonesa no país é cheia de obstáculos, atraídos pelo sonho de uma vida melhor, esses imigrantes tiveram de aprender a conviver com uma cultura totalmente diferente da sua e superar várias dificuldades, sobretudo, o preconceito. A vinda dos primeiros imigrantes japoneses ao Brasil remete aos primeiros anos do século XX quando chegam ao País cerca de 700 pessoas contratadas e 12 imigrantes livres recrutados pela Companhia de Colonização Japonesa. Concentrando-se, principalmente, no Estado de São Paulo, mais especificamente na sua região metropolitana e no interior. Além disso, instalou-se também na Amazônia e no Pará em meados da década de 1930,

onde cresceram cultivando diversas culturas, em especial a pimenta-do-reino que capitalizou esses nipônicos na região Norte. A mobilidade geográfica do imigrante japonês no Estado está relacionada com a busca da sua independência financeira, por isso eles procuraram outras regiões com terras mais baratas e férteis. A primeira experiência de Pernambuco com a imigração japonesa, recebe um senhor de nome Asanosuke Gemba acompanhado por Matsuichi, seu segundo filho que mal alcançava a idade adulta, fixando-se no Recife, onde passa a viver da agricultura. Kurematsu (1992, p.18): Os conhecimentos da língua portuguesa de ambos talvez estivessem quase a zero. Sem encontrar alguém a quem pudessem pedir auxílio, só com a coragem e astúcia próprias da natureza deles, conseguiram um pequeno terreno alugado com uma casa de moradia modesta (...) Mas a adaptabilidade e a criatividade, com o seu enorme esforço, sustentadas por BACKBONE da gente da era Meiji, venceram rapidamente as dificuldades e a horta começou a dar lucros, desenvolvendo-se dia a dia. Com a morte de sua esposa, que ficara no Japão com os dois outros filhos, seu filho mas novo Heiji Gemba vem morar no Recife. Quatro anos depois, ele decide vender sorvetes nas ruas, abrindo, em 1932, uma sorveteria na Praça Joaquim Nabuco. A partir de meados da década de 30 aumentou o número de japoneses residentes no Recife, os quais iam, sempre que tinham problema, pedir conselho a Heiji, que não lhes poupavam auxílios. Ele ficou sendo, sem propósito, como o representante deles. Isto, por assim dizer, lhe trouxe um desfavorável resultado. Com a adesão do Japão à II Guerra Mundial a Sorveteria Gemba teve de ser fechada e seu dono preso sob suspeita de ser militar disfarçado (1942). Ao ser liberado, Gemba foi abrigado em Garanhuns pela Família Figueira, com o fim da guerra, Heiji voltou ao Recife e reabriu a sorveteria. Nos anos seguintes os estados nordestinos começaram a convidar as famílias japonesas para plantar hortaliças e frutas e assim aos poucos mais japoneses realizavam um longo trajeto com esperança numa vida melhor. Valente afirma (1978, p.36): No Nordeste, a presença do japonês em sua população rural começa a partir de núcleos coloniais agrícolas, sob o controle de órgãos encarregados de dar-lhes assistência (...) Às custas de financiamento bancário, com o vale das entidades assistenciais, os colonos adquirem terras, para o pagamento a médio e longo prazo. Além de receberem assistência técnica, médico-sanitária e educacional. Pouco a pouco as famílias começavam a ocupar as terras pernambucanas, primeiramente o município do Cabo de Santo Agostinho, seguido posteriormente pelo município de Bonito. Em geral eram famílias pequenas, com no máximo cinco integrantes com idade entre 25 e 40 anos. Com a presença maior de japoneses e descendentes nas cidades surgem os clubes urbanos. O crescimento industrial do Japão e o período que foi chamado de milagre econômico brasileiro”, dá origem a grandes investimentos japoneses no Brasil. Os nisseis acabam sendo uma ponte entre os novos japoneses e os brasileiros. As famílias agrícolas estabelecidas procuram novas oportunidades buscando novos espaços para seus filhos com isso o grande esforço familiar para o estudo de seus filhos faz com que grande número de nikkeis ocupe vagas nas melhores universidades do País. O rápido crescimento econômico japonês obrigou as indústrias a contratar mão-de-obra estrangeira para os trabalhos mais pesados ou repetitivos. Disso, resultou o movimento “dekassegui” por volta de 1985, que foi aumentando à medida que os planos econômicos brasileiros fracassavam. Parte da família deixava o País como dekassegui, enquanto a outra permanecia para prosseguir os estudos ou os negócios da família. Isso ocasionou problemas sociais, tanto por parte daqueles que não se adaptaram à nova realidade,

como daqueles que foram abandonados pelos seus entes e até perderam contato. Com o passar dos anos, surgiram muitas empresas especializadas em agenciar os dekasseguis, como também firmas comerciais no Japão que visaram especificamente o público brasileiro. Em algumas cidades formaram-se verdadeiras colônias de brasileiros.

**(DES)FIANDO MEMÓRIAS E TECENDO OUTROS PATRIMÔNIOS
AREIENSES**

Luciana Gomes da Silva
Vanderleia dos Santos

A cada dia aumenta o número de profissionais dispostos a se aventurarem na inclusão da memória em seus estudos históricos como mais uma opção metodológica, uma vez que pode ser tomada como linguagem da história quando acrescenta dados, refuta ou afirma determinações propagadas em estudos anteriores. A proposta de estudo ora apresentada está alicerçada sobre o processo industrial areiense desenvolvido na década de 20 do século passado, a partir da implementação da fábrica “Fiação e Tecelagem Arenópolis S/A”. Para as pessoas ligadas à produção, sem maiores visibilidades sociais, a fábrica, a maquinaria, os produtos confeccionados falam mais do que vários patrimônios arquitetônicos que se encontram espalhados pelo sítio tombado de Areia. Torna-se, pois, oportuna a análise sobre as formas de preservação utilizadas pelos grupos sociais menos favorecidos que fogem das imposições de valores por parte dos órgãos públicos, que tentam legitimar uma história oficial que privilegia apenas os grupos dirigentes. Busca-se explicitar o que é interessante se preservar, tendo como ponto de partida os anseios de uma população posta às margens do processo social, político e econômico desenvolvido em Areia. É dada ênfase à memória como forma de patrimônio imaterial capaz de apresentar dados que, muitas vezes não encontram em questões materiais as suas principais representatividades. À memória é dado um lugar de destaque dentro do campo historiográfico por possuir uma importância ímpar, por estar diretamente ligada àqueles que fizeram a história, possibilitando a criação de um forte elo entre o passado e o presente.

**MEMÓRIA E RECONSTRUÇÃO DE UMA HISTÓRIA: A FAZENDA SANTA
RITA NO MUNICÍPIO DE SÃO BENTO DO UNA-PE**

Luciene Maria Alves Cordeiro da Silva

A presente pesquisa, busca conhecer, descrever, situar e registrar a história da fazenda Santa Rita que apresenta aspectos colônias intactos, representado pelo grande valor histórico da casa-grande e capela; relatando a relevância da sua historicidade para o desenvolvimento socioeconômico do município de São Bento do Una - PE. O trabalho desenvolveu-se através de levantamento bibliográfico, pesquisas nos cartórios, igrejas e entrevistas; onde procuramos retratar os primórdios desde as suas instalações até a atualidade. A pretensão ao lidar com a fonte oral é trazer para o presente, revisitando e reconstruindo através da memória, imagens, indícios, vestígios e sinais que possamos

apresentar como sendo “ilustrativos” de um período, de uma dada fase da realidade. Com isto, podemos aferir um juízo de valor aos resultados obtidos, e despertar na comunidade a importância de preservar um patrimônio histórico cultural.

**AÇUDES URBANOS DA CIDADE DE CAMPINA GRANDE/PB: HISTÓRICO
AMBIENTAL, POTENCIALIDADE E RESISTÊNCIA COMO FATOR DE
DESENVOLVIMENTO SOCIAL E ECONÔMICO**

Luciclaudio da Silva Barbosa

A evolução da cidade de Campina Grande como um pólo importante na área atual de desenvolvimento acontece em paralelo com a depreciação do legado dos açudes urbanos que se constituem como fonte de recursos e belezas paisagísticas naturais da cidade. Hoje estes corpos aquáticos estão desaparecendo, mudando a estrutura geográfica do nosso município, e a crise de percepção real de sua importância é óbvia. Pode-se observar o elevado grau de urbanização de diversas cidades brasileiras, notadamente verificamos que surgem geralmente próximos de mananciais do qual retiram a sua sustentabilidade aquífera, e assim desenvolvem-se sem levar em preocupação com esse precioso recurso hídrico. Com o desenvolvimento e sem políticas públicas, as cidades exploram seus recursos naturais e os degradam de tal forma que os tornam inviáveis o seu consumo e a sua qualidade de recursos naturais. Da mesma forma os reservatórios enfrentam os mesmos problemas, talvez mais graves por que aportam além dos esgotos domésticos e industriais os resíduos tóxicos da agricultura, produtos esses que promovem um impacto bem mais forte de forma direta sobre a vida desse reservatório. A qualidade de vida das populações urbanas pressupõe condições mínimas de umidade relativa do ar, ventilação central e difusão do calor, que são necessidades para uma área urbana habitável, ademais, a identificação histórico-ambiental dos motivos pelos quais se tornaram bacias poluídas, e um problema regional de doenças e fatores de riscos sociais, tem fundamental importância para compreensão da atividade urbana. Onde verifica-se que questão dos recursos naturais renováveis corresponde ao principal anseio interdisciplinar, porém esta realidade contextualizada coloca em risco a questão da gestão representativa da gestão emergente das cidades que buscam a todo custo o seu pleno desenvolvimento urbanístico social e capital. Portanto construir um histórico ambiental dos açudes urbanos do município de Campina Grande/PB, diante da evolução da cidade, é um referencial para se observar a potencialidade e resistência, como fator de desenvolvimento social e econômico que represente a circunstancial necessidade de qualidade de vida de seus moradores. Pois as nossas atitudes não devem apenas replicar os valores, é preciso conhecê-los e deixar de ser pretensioso e simplista, onde devemos partir para o confronto de políticas públicas com humanidade, evitando assim o ceticismo e o pessimismo de que as coisas não têm mais jeito. As correntes dominantes têm milhões de tecnologias e questões práticas que podem ser relevantes para o meio ambiente.

**JUVENTUDE UMBANDISTA DE FORTALEZA E SUAS RELAÇÕES ENTRE
PRÁTICAS MODERNAS E TRADIÇÕES RELIGIOSAS (1970 – 2009)**

Marília Soares Cardoso

A pesquisa busca analisar a juventude de Fortaleza que segue os preceitos da religião umbanda, carregada de ritos e significações particulares, cuja imagética construída revela nitidamente o forte sincretismo afro-brasileiro retalhadas e negadas pelos dogmas cristãos e pela globalização modernizante que força um comportamento unificado de reações de conduta, valores morais e noções de consumo. O recorte temporal utilizado para nortear a pesquisa é de 1970 a 2009. Tal período histórico aponta, a partir de registros oficiais, para o declínio acentuado de pessoas que frequentam tal religião. Contudo, não há dados estatísticos, também oficiais, que denunciem, neste período e em outros, sobre a referida questão em centros ou metrópoles urbanas de maneira isolada, especialmente Fortaleza, tampouco sobre os diferentes elementos sociais e étnicos que se integram a fim de modelar, cada um com suas especificidades, o tecido singular de sociabilização espiritual e cultural presentes nos terreiros de umbanda. Somando estas problematizações à pesquisa, ainda em fase primeira de investigação, questiono, principalmente, o nível de participação e engajamento do segmento jovem que está inserido na religião umbanda além de observar como este sujeito escolhido encara tais manifestações e se apropria das tradições desta religião (historiograficamente reconhecida por ser genuinamente brasileira) emaranhada de preconceitos e deturpações que são alimentados constantemente através do consumo massificado e dos novos modelos de comportamento cada vez mais voláteis disseminados pela mídia, ressignificando constantemente concepções culturais e sociais já estabelecidas ao longo do tempo. A metodologia aplicada fundamenta-se em dados estatísticos de registros oficiais, como os documentos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), confrontando-os com as estatísticas colhidas de outras instituições, especialmente aquelas diretamente vinculadas à religião em questão. Outro recurso utilizado são as articulações e propostas que fomentam a concepção de História Oral, fundamental para dar voz às pessoas que participaram e participam do referido período, de um passado-presente cujas experiências expostas extraídas das memórias e significações de mundo coletivas e pessoais podem certamente ajudar a transformar a realidade que historiograficamente é estabelecida.

MEMÓRIAS DE MIGRANTES: UMA ANÁLISE DAS TRAJETÓRIAS DE PARAIBANOS EM IRECÊ NA DÉCADA DE 1950 A 1970

Marilva Batista Cavalcante

Este artigo discute o processo migratório verificado em Irecê nas décadas de 1950 a 1970 e da compreensão das trajetórias de migrantes paraibanos empreendidas nesse deslocamento. Esse trabalho aponta como a narrativa desse deslocamento colaboram na discussão da História Regional em suas diversas especificidades, problematizando a história dos sujeitos migrantes e da cidade receptora desse fluxo migratório a partir de em um diálogo entre múltiplas fontes históricas. Serão abordados a partir dos relatos orais as memórias das vivências desses migrantes na tentativa de compreender os diversos sentidos e significados de suas trajetórias, práticas cotidianas e de convivência

nesse novo espaço, ao passo que colabora para uma nova percepção da migração regional.

ALAGOA GRANDE, TERRA DE JACKSON DO PANDEIRO: CONSTRUÇÕES MEMORIALÍSTICAS COMO ESTRATÉGIAS PARA O TURISMO LOCAL

Manassés Freitas Cabral

Este trabalho é a nossa proposta de pesquisa para o trabalho monográfico no curso de Graduação. De uma forma mais geral, objetiva analisar as construções memorialísticas em homenagem ao cantor e compositor Jackson do Pandeiro, como estratégia para o turismo local na cidade de Alagoa Grande-PB. Bem como, estudar a necessidade das construções museológicas como “lugares de memória” bem como para atrativos turísticos nesta cidade, como também conhecer a vida do cantor e compositor Jackson do Pandeiro e sua relação com a cidade de Alagoa Grande-PB e por fim, discutir as estratégias de turismo existentes em Alagoa Grande a partir do memorial Jackson do Pandeiro, bem como o portal erguido em forma de pandeiro na BR-079. Salientamos que já existe uma bibliografia sobre Jackson do Pandeiro, a cidade de Alagoa Grande: Moura (2001); Avelar (2002); Zenaide (1979); Sousa (2001); Souza (2002); entre outros, como também monografias. São obras que poderão contribuir para a pesquisa que pretendemos realizar, na busca de construir um outro olhar sobre essa temática que privilegia o entendimento de parcela da história a partir das construções simbólicas. Acreditamos que uma nova perspectiva de abordagem histórica estará sendo lançada sobre a temática exposta, quando nos apoiamos na idéia de repensar esse período de vasta produção simbólica que fizeram de Alagoa Grande ser incluída no roteiro turístico da PB-TUR ao incluir a visitação ao Memorial Jackson do Pandeiro e o anúncio no seu Portal em forma de pandeiro na entrada da cidade: “ALAGOA GRANDE: TERRA DE JACKSON DO PANDEIRO.”

A ESCRAVIDÃO E AS MUDANÇAS CULTURAIS NA FORMAÇÃO DO SUBÚRPIO CARIOCA

Natália Cabral dos Santos
Mayara Ferreira Machado

A fim de compreender o processo de formação do subúrbio do Rio de Janeiro, faz-se necessário analisar como, entre outros aspectos, se deu a escravidão no município e na cidade e, conseqüentemente, sua abolição. Na perspectiva de que os escravos, ao se libertarem, espalharam-se pelos arredores de suas antigas moradias, saindo das casas dos seus senhores, é possível inferir que tal processo tenha contribuído para a formação do subúrbio, bem mais do que o papel que tiveram as linhas de trem. Com a abolição, foi preciso o estabelecimento de novas moradias que atendessem a essa nova leva de população livre. Assim, os ex-escravos tiveram que se deslocar em busca de um local cuja moradia fosse mais barata, seja ocupando as encostas de morros da cidade, ou mudando-se junto com levas de imigrantes e outros pobres para o hoje chamado

subúrbio. Nessa ótica de que o subúrbio foi principalmente formado pelo deslocamento popular em busca de moradia escassa na região central, encontra-se o auge do processo de expulsão da população pobre orquestrada por Pereira Passos. Com a derrubada dos cortiços, a população ex-escrava que tinham se mantido nas freguesias do centro da cidade, foi obrigada a se deslocar para as favelas e em direção ao subúrbio. Com a transferência forçada para o subúrbio carioca dos moradores e imigrantes que vivam e que chegavam à Cidade do Rio de Janeiro, pelas políticas públicas e ideologia capitalista, originaram-se e modificaram-se costumes e outras características próprias dos que habitavam aquela região anteriormente. São essas mudanças culturais que também estão sendo analisadas nesta parte inicial de nossa pesquisa. Para isso estão sendo utilizadas as obras de Lima Barreto, escritor que vivenciou eventos como a abolição da escravidão e a Revolta da Armada, oriundo de família humilde, mulato e que foi também morador do subúrbio. Em suas obras, sejam elas de ficção ou crônicas, Lima Barreto deixa transparecer através de suas palavras, os hábitos e singularidades da vida dessa gente e dos lugares do subúrbio. Mesmo porque, o autor penetrava nas questões políticas, econômicas e sociais vividas em seu tempo, acreditando na literatura como instrumento de ligação com a realidade do mundo de sua época.

AS RELAÇÕES DE PODER NA ARQUITETURA ECLÉTICA RESIDENCIAL DE PARNAÍBA-PI

Neuza Brito de Arêa Leão Melo

O presente artigo busca analisar como as relações de poder atuam na arquitetura das residências ecléticas construídas na primeira metade do século XX, no sítio histórico de Parnaíba, importante cidade ao norte do Piauí. Trata-se de um rico patrimônio arquitetônico, cujas casas se destacam não só por aspectos estéticos, mas também por sua organização e representação. Pretende-se ressaltar a importância da residência, sua organização, significados e objetivos, bem como as influências nessas construções, que variam desde as históricas, econômicas e culturais, até as relações de poder tão discutidas por Michel Foucault. A partir deste estudo e salientando que as fontes arquitetônicas são excelentes campos de pesquisa, inicia-se um novo caminho rumo à história de Parnaíba.

O LUGAR DO DRAGÃO DO MAR NO MUSEU HISTÓRICO DO CEARÁ: LEMBRANÇAS E ESQUECIMENTOS

Patrícia Pereira Xavier

A presente pesquisa busca compreender as formas pelas quais Francisco José do Nascimento, o “Chico da Matilde”, foi transformado no símbolo “Dragão do Mar”. Nascimento entrou para a escrita da História como o jangadeiro que teria liderado seus companheiros em 1881, fazendo com que suas embarcações não transportassem os escravos que seriam enviados para as fazendas no sul. O episódio da greve dos jangadeiros foi considerado por intelectuais, escritores, bem como, por alguns

historiadores, o grande responsável pela abolição precoce da província do Ceará, que até hoje é conhecida como “Terra da Luz”, pois, quatro anos antes da abolição no Brasil, em 25 de março de 1884, libertou seus escravos. Conhecido como o grande herói da Abolição no Ceará o Dragão do Mar é lembrado como o maior herói da campanha abolicionista. A cidade de Fortaleza está permeada pelas várias representações do jangadeiro. Temos uma rua com seu nome, um Centro Cultural, uma empresa de ônibus, pousada, restaurante, etc. Como se deu a construção da memória sobre o Dragão do Mar? Em 1954 é criado pela prefeitura de Fortaleza o Museu da Abolição do Ceará, em 1955 o museu passa a ser de responsabilidade do Instituto Histórico e Geográfico do Ceará. Quais as relíquias guardadas? Quanto tempo dura o museu? De que maneira os objetos lembram ou não o herói jangadeiro?

HISTÓRIA, MEMÓRIA E IDENTIDADE CULTURAL DE JOÃO PESSOA: A MODERNIDADE NAS CASAS DA ORLA MARÍTIMA E OS CAMINHOS PARA UMA NOVA DOCUMENTAÇÃO EM ARQUITETURA

Roberta Xavier da Costa

O tema desta comunicação é a arquitetura moderna residencial da Orla Marítima de João Pessoa, entre os anos 1960 e 1974 e o instrumento sobre o qual se apóia essa pesquisa é o acervo de projetos de arquitetura do Arquivo Central da PMJP. Esse arquivo foi tomado como a fonte primária de documentação desse período histórico para a análise da produção moderna e forneceu indícios importantes para a reconstituição do processo de modernização da capital paraibana e relacioná-lo com a adoção da linguagem moderna que, nesse momento, é adotada nos projetos de residências para a classe alta e classe média. O material aqui apresentado é resultado parcial da pesquisa em desenvolvimento sobre as casas modernas da orla marítima de João Pessoa. O objetivo desse trabalho é tratar dos limites e possibilidades desse arquivo existente (condições, integridade e amplitude) e fazer uma reflexão sobre a viabilidade de construir um banco de dados sobre os projetos modernos nesse período (digitalização dos originais do arquivo, registro dos dados, reconhecimento e levantamento da situação atual dos exemplares existentes e construção de maquetes eletrônicas gerando uma nova documentação). Estes procedimentos vêm sendo adotados no Laboratório de Projeto Pesquisa e Memória do Curso de Arquitetura e Urbanismo da UFPB (LPPM/UFPB) e visam contribuir não só com esta, mas também com outras pesquisas futuras, que possam estar interessadas em construir uma história da arquitetura moderna na Paraíba e em contribuir com a preservação do nosso patrimônio construído. Esses registros podem ser uma forma de evitar uma perda total das referências sobre essa produção, uma vez que o processo de demolição das residências modernas, para dar lugar a torres de habitação, principalmente na Orla Marítima, está cada vez mais intenso. Registrar esses exemplares é uma forma de ‘preservar’ as informações, ou pelo menos deixar rastros, que permitirão compreender e refletir sobre esse período histórico recente, de transformação da cidade, que representa um momento específico da difusão da arquitetura moderna, e que faz parte da memória e identidade cultural de João Pessoa.

**CONHECENDO NARRATIVAS, TECENDO HISTÓRIAS SOBRE BRASÍLIA –
POSSIBILIDADES E LIMITES DO TRABALHO COM A HISTÓRIA ORAL**

Viviane Gomes de Ceballos

Pensar o métier do historiador não é tarefa das mais fáceis, no entanto, no seu exercício constante de historiar depara-se com limites e possibilidades inerentes a este exercício. Neste trabalho busco discutir a relação, propositiva e instigante, que se pode estabelecer entre história, memória e história oral no processo de construção de tessituras sobre a cidade. Pensar a relação entre memória e história é deparar-se com uma complexidade de entendimentos e de procedimentos que norteiam o trabalho do historiador para quem, assim como Proust, pensa que a vida é vagabunda, e que nossa memória é sedentária, ou seja, à descontinuidade das experiências ao longo do tempo, a memória, igualmente descontínua, revela a possibilidade de algo único. A memória, portanto, constrói o real. (SEIXAS, 2001) A memória não traz de volta a experiência vivida, mas constrói uma elaboração, uma digressão sobre essa mesma experiência. O falar, o narrar – embora impossibilitado pela vida moderna, como afirma Benjamin – constrói uma unicidade e uma lógica cadencial para os acontecimentos que não existia no momento em que a experiência se deu. Esse “algo único” de que nos fala Jacy Seixas, é essa possibilidade que a memória tem de permitir uma organização de fatos descontínuos, uma ordenação mesma da vida em torno de expectativas e de questões presentes. Brasília fora edificada historiograficamente como marco divisor de águas na história do Brasil. Uma cidade construída para “fazer a diferença”. As discussões em torno da interiorização, definida pela documentação como o “magno problema”, conferem à Brasília uma historicidade e um significado que extrapola, ou melhor, exacerba as expectativas em torno de sua edificação. Motivados por um imaginário de possibilidades muitos brasileiros migraram para Brasília em busca de melhores condições de vida, em busca de oportunidades. Diante desses desafios, o trabalho com a história oral apresenta uma série de possibilidades (e limites) ao historiador na medida em que os passantes também constroem significados para a cidade. Ela se transforma pela experiência desses homens e mulheres que se transformam nela, que deixam marcas nela e se deixam marcar por ela. Uma vez que, compartilhando a ideia apresentada por Natália Brayner, entendo que é a memória dos moradores que faz com que eles percebam na fisionomia da cidade, sua própria história de vida, suas experiências sociais e lutas cotidianas. (BRAYNER, 2004)

**(RE)SIGNIFICANDO IDENTIDADES: A COMUNIDADE PORTUGUESA DE
PERNAMBUCO**

Wilza Betania Dos Santos

A pesquisa em história se alicerça nas fontes. Estas se usadas sem as interrogações corretas não acrescentarão novos elementos que contribuam para o aprofundamento do conhecimento histórico, ou seja, as fontes não possuem significados nelas mesmas. Apesar de representarem vestígios, testemunhos e de manifestarem a ação do ser humano no tempo; carecem de boas interpretações dos historiadores para se tornarem fontes históricas. Nesse sentido, se concebe as fontes como uma construção do trabalho

de historiadores, pois estas ganham significados quando por estas são utilizadas. Asthor Antonio Diehl diz que a fonte documental ganha significado de acordo com a questão metodológica, visto que estes não se encontram nos textos, mas sim na possibilidade de sua leitura e (re)leitura. Esta pesquisa objetiva compreender o processo de construção da identidade portuguesa no século XIX, a qual vivenciava as convulsões de uma sociedade conflituosa como a pernambucana. Seguindo a visão da antropologia interpretativa, Clifford Geertz diz que não somente o hábito ou o costume, mas também toda ação humana é culturalmente informada para que possa fazer sentido em uma conjuntura determinada: “a cultura não é um poder, algo ao qual podem ser atribuídos casualmente os acontecimentos sociais, os comportamentos, as instituições ou os processos; ela é um contexto, algo dentro do qual eles podem ser descritos de forma inteligível” (GEERTZ, 1989, p. 10). Sua análise possibilita examinar como a realidade social foi construída/desconstruída a partir das percepções dos vários grupos sociais e também entender como os agentes sociais representam a si mesmo e o mundo que os cercam. “A vocação da antropologia interpretativa não é responder às questões mais profundas, mas colocar à nossa disposição as respostas que outros deram” (p. 21). Seguindo esse parâmetro pretende-se entender como os portugueses se organizaram no pós-independência. Consideramos a interpretação de Frederick Barth, a qual afirma que grupos étnicos persistem mesmo quando estão envolvidos em relações de conflitos com outros grupos: O elo divisor entre dois grupos étnico-culturais não é em princípio a diferença cultural, visto que a pluralidade cultural não impede o funcionamento de uma coletividade, o que concebe a separação é a ‘fronteira’, a vontade de se diferenciar, anseio presente no uso de certos traços característicos como marcadores da identidade específica (POUTIGNAT & STREIFF-FENART, 1998). Seguindo este parâmetro esta pesquisa analisa as diferenças que os próprios portugueses consideraram importantes na (re)construção de sua identidade.

problemática do discurso (FOUCAULT, 1996); (JENKINS,1999) e (ALBURQUERQUE Jr,1999) constituem aporte teórico para esta discussão. A literatura neste contexto terá sua utilização na produção historiográfica justificada na medida em que permite problematizar o “real” que se objetiva estudar. Claro que as representações presentes na literatura resultam de processos de exclusão, reconhecimento, identificação e etc. Isso por que o escritor exclui algumas visões de mundo e a participação do leitor também é percebida a partir do momento que ele reconhece o que está sendo representado. Desta forma, como estudar essa relação entre história e literatura? Percebemos que no plano epistemológico existem aproximações e distanciamentos. Isso porque ambas se apresentam como discursos possíveis sobre o mundo social, mas se diferenciam quanto às estratégias discursivas utilizadas: pois a literatura prioriza em sua narrativa o uso da ficção, enquanto que a história embora se utilize de elementos fictícios em narrativa, observamos que esta ficção é controlada pelo uso de métodos, fontes e documentos. Isto porque, a história mantém um pacto de “verdade” com o leitor. Considera-se, possível a relação história e literatura, pois ambas participam da representação do mundo social e são práticas culturais que atribuem significados ao mundo “real”. Neste sentido, a literatura pode ser utilizada na pesquisa como fonte de entendimento do passado histórico.

A (RE)SIGNIFICAÇÃO DAS FONTES HISTÓRICAS DENTRO DA OBRA: O CÓDIGO DA VINCI

Tuany Roberta Queiroz (Graduanda) - UEPB
Leyde Dayana Athayde Silva de Lyra (Graduanda) - UEPB
Manuela Aguiar Araújo Medeiros (Orientadora) – UEPB

Escrito na contemporaneidade, o livro O Código da Vinci vem iluminar sobre uma discussão que intriga a muitos. Entre suas tantas polêmicas, Dan Brown irá tratar da relação do Cristo com Maria Madalena, da importância desta para se desvendar um segredo oculto pela Igreja Católica que, se revelado, destruiria a fundamentação básica da idéia de Cristo divinizado, desligado das relações “mundanas”, construído como um modelo a ser seguido. A partir daí sua trama irá tratar dos assuntos que permeiam essa construção de maneira tal a deixar o leitor instigado a acreditar na gama de “revelações” bombásticas que as análises de suas personagens trazem, seu enredo é permeado de fatos históricos que aguçam a curiosidade do leitor para procurar e encontrar também aquelas “provas” que desconstróem um discurso dominante, neste caso o discurso cristão, especificamente o católico. Desta maneira, este trabalho busca investigar como a utilização de fato s/fontes históricas influi para a afirmação de certo discurso e assim promover uma ideologia que se quer passar, entender como Dan Brown ao afirmar seu discurso sobre fatos que a História pode comprovar instiga ao leitor buscar essas “provas” e desta maneira passar a acreditar no seu discurso, mas não sendo isso uma regra geral, pois, ao mesmo tempo temos aqueles que não acreditam em nada que o enredo traz, não parando para analisar a presença de tais “comprovações históricas”, ou seja, nesses casos nem mesmo esses fatos históricos são suficientes para a afirmação de tal discurso. Sendo assim, procuraremos verificar como as fontes históricas utilizadas

por Dan Brown em sua obra contribuirão para afirmar o discurso contrário ao da Igreja Católica que ele em toda sua obra tenta passar, problematizar como se deu a construção de uma ficção tendo como base muitos fatos reais, e a (re)significação das fontes históricas, e qual a sua relação com a História.

COMÉDIA GREGA COMO FONTE PARA A APREENSÃO DA CULTURA GREGA

Luiz Henrique Bonifacio Cordeiro (Graduando) - UPE-FFPNM
Prof. Dr. José Maria Gomes de Souza Neto – UPE-FFPNM

Esta comunicação propõe apresentar à comunidade científica a utilização da comédia grega como fonte histórica para o aprendizado da cultura grega e a compreensão da cultura ocidental. Também faz parte deste trabalho se encaixar na proposta de renovação no ensino da história antiga, definida por Pedro Paulo Funari (FUNARI, 2005), para corrigir o déficit no ensino da História Antiga no Brasil. O presente trabalho é parte de um projeto avaliado e reconhecido pela Universidade de Pernambuco, onde foi criado o Festival de Teatro Grego, que desde 2005 é encenado por alunos da disciplina de História Antiga II da FFPNM-UPE. Os alunos são organizados em elencos, escolhem as peças para encenarem e são auxiliados pelos monitores da disciplina – alunos que já participaram desta experiência em anos anteriores. Ampla bibliografia de apoio é oferecida aos alunos e discutida tanto em sala de aula quanto nas reuniões de monitoria para uma melhor compreensão do tema e melhor apresentação.

A LITERATURA COMO PROBLEMA HISTÓRICO: SOBRE A EXPERIÊNCIA COM O ROMANCE D'A PEDRA DO REINO DE ARIANO SUASSUNA.

Jossefrania Vieira Martins (Mestranda)

A relação teórico-metodológica que se estabelece entre a história e a literatura encontra-se no centro de uma polêmica que envolve sempre o redirecionamento do conhecimento e da prática históricos, atingindo o problema do lugar da história e do seu estatuto de cientificidade. Todavia, para além de tais polêmicas a presença da literatura nos estudos históricos continua atual principalmente no que concerne a questão das fontes. Desse modo, nossa intenção é debater a partir de nossa pesquisa que parte da relação entre a história e a literatura, o modo como o historiador se apropria dessa última. Em nosso trabalho com a literatura a compreendemos para além da noção de “testemunho”, problematizando-a como uma “representação”, ou seja, como um discurso que (re) elabora realidades, que compõe visões de mundo e significa as experiências humanas, o que já lhe evidencia um caráter histórico. Para tanto, adentramos na literatura de Ariano no Suassuna em demanda de sua representação do sertão atentando para a historicidade de tal produção discursiva. Em nossa pesquisa, a literatura apresenta-se não apenas como fonte histórica, mas como problema histórico.

**ATÉ OS LIMITES DA HISTÓRIA: SOBRE NOVOS MAPAS, DESTINOS,
ROTAS E CARTOGRAFIAS EM "O CONTO DA ILHA DESCONHECIDA",
DE JOSÉ SARAMAGO**

Pedro Fernandes de Oliveira Neto (Mestrando) – PPGL/UERN
Profª Dr. Maria Edileuza da Costa – PPGL/UERN

O conto da ilha desconhecida foi escrito por José Saramago em 1997, a pedido dos organizadores responsáveis pelo Pavilhão de Portugal para a EXPO'98. No decorrer do evento celebrava-se a relevância histórica dos descobrimentos das últimas décadas do século XV, culminando com os 500 anos da empreitada das Grandes Navegações. É no epicentro desses fatos que o escritor está 'transportado' quando se põe a escrever o conto em questão, sendo mais uma vez a História matéria para sua composição ficcional. As rotas que seguiremos nessa leitura do texto saramaguiano serão tomadas a partir desse contexto histórico que a obra nos remete e pelos veios da intertextualidade, isto é, o diálogo que este texto costura com outros textos da tradição literária. Buscaremos entender as possíveis fronteiras dessa grande metáfora que é o conto em análise; como o narrador saramaguiano ao tomar as marcas usuais da história oficial ele as subverte e as constitui em linhas de sua ficção. Numa época em que Portugal não é mais porto de partida aberto ao sonho infinito, conforme lembrava a EXPO'98, mas porto de chegada, Saramago continua a insistir no poder da imaginação como necessária e capaz para a instalação de novos roteiros de viagem, não necessariamente em mar aberto; novos destinos, não necessariamente palpáveis; novas rotas, não necessariamente desconhecidos; a re-elaboração constante de linhas e trajetos apontando para o que seja uma nova cartografia do sujeito e do espaço em que este habita.

**IDENTIDADE NORDESTINA: DISCURSOS E REFLEXÕES A PARTIR DA
OBRA VIDAS SECAS DE GRACILIANO RAMOS**

Bruna Vitor dos Lyra (Graduanda) – UEPB
Profª Msc. Manuela Aguiar Araújo de Medeiros - UEPB

O presente trabalho tem como objeto de estudo a discussão acerca da construção da identidade nordestina a partir da obra vidas secas, de Graciliano Ramos, bem como a análise de um espaço territorial o qual denominamos de Nordeste. Todavia para tal análise se faz necessária a compreensão do espaço temporal, no qual a obra se insere, chamando a atenção para a narrativa que se desenvolve, por um lado a partir de um fator climático a "seca", e por outro pelas condições de vida pelas quais passam os personagens, resultando desta forma na constituição do Nordeste enquanto lugar desfavorecido. Contudo partindo deste pressuposto será observado ainda o fortalecimento das construções imagético-discursiva em torno da região Nordeste colocando-a como "flagelada", "pobre", "atrasada", por conseqüências climáticas, além de construir-se ainda por discursos políticos, que acabam por criar estereótipos e preconceitos que recaem sobre o ser nordestino, este que figura a imagem de um personagem "rude", "pobre" e "desprovido de educação", entretanto estes discursos se

constituem a fim de mostrar as desvantagens desta região em relação às demais, tanto nos aspectos de industrialização quanto de urbanização, especialmente se comparada a São Paulo, tida como “desenvolvida”. Para embasar tal análise utilizei como suporte teórico-metodológico, ALBUQUERQUE JÚNIOR (2009), para compreender a invenção do Nordeste a partir da análise dos discursos, MAINGUENEAU (2006), para analisar como um discurso torna-se constituinte, ao mesmo tempo em que cria suas próprias condições de legitimidade, HALL (1999), para entendermos a constituição da identidade nordestina, FOUCAULT (2001), para avaliar como as relações de poder podem influenciar na constituição dessa imagem de Nordeste que nos é conhecida. Nesta perspectiva, será a identidade nordestina uma construção? E quanto à imagem vinculada ao Nordeste, terá se constituído a partir de discursos, sendo estes! políticos? E por fim poderemos analisar a imagem do Nordeste por meio das relações de poder?

E-BOOK: POSSIBILIDADES ABERTAS COM O ADVENTO DA INTERNET

Márcio Justino dos Anjos Silva (Graduando) - UEPB
Prof^a Msc. Manuela Aguiar Araújo de Medeiros - UEPB

O presente artigo tem como objetivo mostrar que o surgimento do E-book, na pós-modernidade, abriu várias possibilidades, entre essas possibilidades estão o possível desaparecimento da cultura do livro e/ou a constituição da sonhada biblioteca universal. O propósito desse trabalho é mostrar que entre essas possibilidades, o E-book não levou ao desaparecimento da cultura do livro, mas acrescentou mais um suporte para a cultura escrita, tornando possível, um sonho “de constituição de uma biblioteca ‘universal’”. Nesse sentido, procurei entender como o discurso literário constituiu-se como sendo um discurso político devidamente institucionalizado no século XIX, ao mesmo tempo em que investiguei como esse discurso teve no livro sua materialidade e único suporte. Nesta perspectiva busquei caracterizar a pós-modernidade para poder compreender, também, como é a leitura nessa pós-modernidade, para enfim, mostrar que a partir do E-book pode-se pensar em uma possível constituição de uma biblioteca universal, algo que a cultura escrita, e, mais precisamente o livro em seu formato impresso não pode realizar. Para analisar os questionamentos acima citados, utilizei como estofos teórico-metodológicos COMPAGNON (1999), MAINGUENEAU (2006), FOUCAULT (2002), esses ajudaram a compreender a constituição da literatura como um discurso político devidamente institucionalizado no século XIX; FOUCAULT (2001) e MAINGUENEAU (2006), para mostrar a institucionalização do livro impresso como único suporte para o discurso literário; REIS (2005), para poder compreender a pós-modernidade; CHARTIER (2002) e (2001), para demonstrar como se caracteriza a leitura na pós-modernidade. Mas será mesmo que o e-book não levará ao desaparecimento da cultura do livro ou acrescentará um novo suporte para a linguagem escrita? E esse mesmo E-book pode realizar algo que parecia impensável com o livro impresso, isto é, o sonho de constituição de uma biblioteca universal, para podermos, enfim, ter acesso a todo o acervo bibliográfico produzido sem sequer sair de frente ao computador, com um simples acesso a internet.

**LAMPIÃO E O ROMANCE HISTÓRICO: PERCEPÇÕES DE UMA OBRA
LITERÁRIA**

Aldair Smith Menezes (Mestranda) - UFS

Esta comunicação tem como pretensão pensar o diálogo entre a literatura e a história sem reduzir a ficção ao histórico, mas considerando suas representações como evidências abstraídas pelo autor e sua obra a partir do contexto social e estético em que este viveu e a produziu. Neste sentido, busca-se compreender a posição de fronteira que um romance pode ocupar em relação aos (des)encontros entre a literatura e a história, a partir da problematização da idéia que postula a redução da ficção aos fatos históricos para favorecer o entendimento da ficção como uma forma de evidência/registo histórico no romance histórico. De modo amplo, poder-se-ia considerar qualquer romance como histórico, sem que isso imponha qualquer implicação com o objetivo de minimizar as potencialidades interpretativas do texto literário. Assim, ler o romance *Os desvalidos*, de Francisco José Costa Dantas, que retoma a temática do cangaço e revive um período conturbado da sociedade brasileira, especialmente do Nordeste premido por uma modernidade inclusa entre o final da Primeira República e o início do Estado Novo, possibilita trazer do passado um dos personagens mais contraditórios de nossa história. O personagem Lampião aparece, no romance histórico em tela, com sua postura com um perfil ambíguo entre o bem e o mal. Dicotomia que procura descortinar, por dentro e por fora, o homem Virgulino Ferreira e o mito de Lampião, que nas suas aventuras e desventuras revela, ao lado de outros personagens, os meandros de homens e mulheres no Sertão Nordestino, durante o final da primeira República e início do Estado Novo. Palavras-chave: Literatura, história, romance histórico, lampião.

**ENTRE O CREPÚSCULO E O DESPERTAR: O. G. REGO DE CARVALHO E
OS DILEMAS CULTURAIS DE UMA GERAÇÃO**

José Maria Vieira De Andrade (Mestrando) - UFPI

Neste trabalho, discute-se sobre a atuação e a produção intelectual do literato piauiense Orlando Geraldo Rego de Carvalho enquanto pretexto para pensarmos os dilemas culturais vivenciados ou experimentados pela sociedade teresinense na metade do século XX. Procurando descortinar os nexos essenciais existentes entre as transformações urbanas ocorridas nessa época e a experiência intelectual protagonizada por O. G. Rego de Carvalho, analisa-se nesse estudo, como o referido literato pensou e registrou em seus textos, as tensões, os conflitos e os paradoxos vivenciados pela sociedade local, entre o final dos anos quarenta e início da década de sessenta.

**O CONTO ENQUANTO ARTEFATO CULTURAL - UM DIÁLOGO COM
MACHADO DE ASSIS**

Leonardo Bruno Farias - UFCCG
Prof^a. Dr^a. Regina Coeli do Nascimento - UFCCG

Pretendo neste trabalho apresentar o conto enquanto artefato cultural e a partir da obra de Machado de Assis (os contos) realizar um diálogo entre a cultura, o poder e a identidade estabelecidos em sua trama. Machado de Assis já foi discutido, analisado, explicado, descoberto, historicizado, psicologizado, (de)composto, (des)cartografado, (des)territorializado, enfim... muitos são os trabalhos a respeito do autor: os romances machadianos, as crônicas, etc. O que pretendo é apresentar uma busca pelo Machado de Assis, não numa escrita de si, mas numa escrita em si. Desta forma, consideramos que esta pesquisa não só se torna pertinente, como também oferece uma contribuição historiográfica, tanto nas discussões que debatem a possibilidade do trabalho da literatura com a história, como também, na operacionalização do conto enquanto documento histórico. Usar o conto ou outros quaisquer registros históricos é compreender como as pessoas representam sua história e sua historicidade, suas construções históricas, quais valores, interesses, problemas, técnicas e olhares estabelecem. Portanto, não podemos esquecer que o conto como representação produz várias dimensões da vida no tempo e no espaço.

“JANE EYRE” E CHARLOTTE BRONTË: FACES DE UMA AUTORIA HISTÓRICO-LITERÁRIA

Juciene Batista Félix Andrade

Esta comunicação explora o romance “Jane Eyre” da escritora inglesa Charlotte Brontë (1816-1855). Escrito no primeiro quartel do século XIX, o livro é um misto de (auto) biografia e romance ficcional. Em meio a uma narrativa dramática da vida da jovem Jane Eyre, Charlotte Brontë nos apresenta um domínio de categorias conceituais como tempo e espaço presentes em sua narrativa literária e esgarçadas entre uma temporalidade que exercita encontros e cruzamentos entre o passado e o presente. Por isto, nossa intenção é pensar as relações (inter) disciplinares entre literatura/história e as dimensões da narrativa sócio-psico-cultural.

A COMÉDIA GREGA COMO FONTE PARA A APREENSÃO DA CULTURA GREGA

Ivaldo José de Aguiar Junior (Graduando)
Prof. Dr. José Maria Gomes de Souza Neto (Orientador)

Esta comunicação propõe apresentar à comunidade científica a utilização da comédia grega como fonte histórica para o aprendizado da cultura grega e a compreensão da cultura ocidental. Também faz parte deste trabalho se encaixar na proposta de renovação no ensino da história antiga, definida por Pedro Paulo Funari (FUNARI, 2005), para corrigir o déficit no ensino da História Antiga no Brasil. O presente trabalho é parte de um projeto avaliado e reconhecido pela Universidade de Pernambuco, onde foi criado o Festival de Teatro Grego, que desde 2005 é encenado por alunos da disciplina de História Antiga II da FPPMN-UPE. Os alunos são organizados em

elencos, escolhem as peças para encenarem e são auxiliados pelos monitores da disciplina – alunos que já participaram desta experiência em anos anteriores. Ampla bibliografia de apoio é oferecida aos alunos e discutida tanto em sala de aula quanto nas reuniões de monitoria para uma melhor compreensão do tema e melhor apresentação.

HISTÓRIA E RELAÇÕES DE GÊNERO NA PERSPECTIVA DE LIMA BARRETO

Prof. Dr. Jomar Ricardo da Silva - UEPB

Lima Barreto (1881 – 1922) legou-nos uma obra que revela aspectos variados da sociedade brasileira, referentes às duas primeiras décadas do século XX. o nosso objetivo é compreender, através de indícios presentes na obra deste escritor, como se efetivava a educação das mulheres, no início do século XX, para a consecução da diferenciação histórica das relações de gênero. Justificamos o recorte em razão da periodicidade da divulgação da obra de Lima Barreto, ter começado em 1900, com a publicação das crônicas em jornais, até a sua morte em 1922. Neste trabalho procura-se compreender as concepções de História, relações de gênero e educação abordadas em suas obras ficcionais e jornalísticas. Utilizamos como fonte de pesquisa romances e crônicas com a finalidade de realizar uma reconstrução das noções mencionadas. Para uma interpretação das categorias previamente selecionadas, recorreremos aos conceitos de disciplina, habitus e memória. Concluimos que o autor possuía, além de uma visão particular da história, idéias a respeito de educação que, conseqüentemente, incidiam sobre as relações de gênero. Deste modo, podemos compreender a educação como a forma que uma sociedade dispõe de mecanismos de reprodução, na medida que os indivíduos os internalizam, implicando na prática de ações rotineiras e na aceitação de valores como naturalizados. Todavia, os indivíduos não são simples reflexo da estrutura social, podendo com seus atos transformá-la. Concernente a polaridade educação - gênero, a educação é o processo que articula o indivíduo e a realidade social com a finalidade de, historicamente, reproduzir as diferenças entre homens e mulheres.

enfrentar reações de hostilidade em lugares públicos. Até o título do livro chocou as pessoas. Falar abertamente sobre o corpo e a sexualidade feminina quebraria tabus importantes. O Vaticano pôs o livro no índice. E o fato de o livro ter discutido o aborto foi particularmente tumultuador. Para Simone de Beauvoir, a escrita de *O Segundo Sexo* não foi mais que uma primeira etapa em direção a sua adesão ao feminismo. As reações que seu ensaio provoca, e os testemunhos de milhares de mulheres que lhe escrevem em seguida, constituem a segunda. Ela se definirá como feminista por volta dos anos 60, e seu livro, torna-se referência para o feminismo da década de 70. No Brasil, a repercussão de *O Segundo Sexo* se intensificou a partir do amadurecimento intelectual e político das leitoras em relação aos movimentos feministas. O conhecimento sobre a singularidade do livro e a importância de sua autora no cenário das discussões feministas foi fortalecido na medida em que as informações chegaram às universidades e grupos de militância através das pessoas exiladas e também pela visita da autora ao Brasil em 1960. Contudo não há, até o momento um estudo que trate especificamente da repercussão da obra no país. Portanto, buscarei! a partir deste trabalho levantar uma pesquisa sobre a recepção de *O Segundo Sexo* no Brasil, utilizando para isso a data da primeira publicação de seu livro aqui, 1960 e a partir dela, a pesquisa em fontes midiáticas.

UNINDO HISTÓRIA E LITERATURA DE CORDEL NA CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DA SOLTEIRONA EM CAMPINA GRANDE

Andrea Cristina Marques (Graduada) - UEPB

Esta pesquisa tem por objetivo analisar as identidades das mulheres solteiras forjadas através da literatura de cordel em Campina Grande, na década de 1960. Os objetivos desta são: analisar como são construídas algumas imagens acerca da mulher solteira na década de 1960 em Campina Grande, segundo o discurso dos cordelistas e observar como esse discurso era uma reação ao processo de mudanças que estavam ocorrendo na década de 1960, a exemplo do feminismo, no Brasil e por consequência em Campina Grande. Para fundamentar esta pesquisa, articularemos trabalhos que de alguma forma tratam das relações de gênero, dentre eles os de (SILVA, 1999), (ALBUQUERQUE, 2003), GURJÃO (2000), e (FOUCAULT, 2006). A pesquisa será conduzida observando a documentação não como “verdade”, mas como produtora de imagens.

GÊNERO E SEXUALIDADE EM (DES)CONSTRUÇÃO

Rafaella de Sousa Silva (Graduada) - UFCG

O trabalho que (aqui) desenvolvemos enreda-se discursivamente por História, gênero e sexualidade. Sendo assim, buscamos pensar como o saber historiográfico age interdisciplinarmente com múltiplos saberes no “uso” da tecitura cultural; na tentativa de (re)narrar como os seres estão sendo e significam modos de agir em negociação entre os mundos micro e o macro-sociais. Para pensar como sexualidade e gênero são espaços e (não) lugares co-dependentes em ininterruptas negociações. Para tanto,

partimos de ferramentas teóricas de traços pós-estruturalistas que vão se fazendo úteis para (re)pensar signos e significados culturalmente construídos. Onde partindo de escolhas, buscamos pensar como tais negociações se (re)fazem e são “usadas” – como lembra-nos Certeau – no descontínuo que se forja nas experiências cubatienses que nos foram relatadas. Nos permitindo redimensionar e refletir leituras sobre identidades e identificações social e culturalmente construídas ; também possíveis de serem desmontadas a partir dos relatos de vida possibilitados pela feliz aglutinação dos nossos interesses com a História Oral. No mais, esse texto pretende produzir um efeito desconcertante para os possíveis leitores que comodamente trazem “verdades” fixas e uno-homegeneizantes, desejosas de serem solidificadas desde influências científicas do Positivismo quanto a gênero e sexualidade. Pois trabalhamos com leituras culturais que percebem a sociedade pós-moderna como pluralizada, móvel, flexível e em aberto... Palavras-chave: gênero, sexualidade e História Oral.

**DEFICIÊNCIA FÍSICA, ESTIGMA, IDENTIDADE E SEXUALIDADE: O
NORMAL E O ANORMAL A PARTIR DE UM DIÁLOGO COM ERVING
GOFFMAN**

Francisco Pablo Feitosa Gonçalves (Mestrando) - UNICAP

Este trabalho tem por objetivo tecer breves considerações sobre a deficiência física enquanto estigma socialmente estabelecido, identificando seus reflexos em relação a construção da identidade e a sexualidade das pessoas com deficiência física. A consecução do objetivo traçado demanda revisão da bibliografia referente ao tema, numa perspectiva interdisciplinar, compreendendo autores das Ciências Humanas e Sociais e das Ciências da Saúde; no que concerne a estruturação do trabalho, primeiramente se apresenta a revisão do conceito de estigma, mencionando brevemente como se dá a construção social do normal e a relação entre as identidades reais e virtuais, para em seguida abordar a questão da deficiência física, refletindo sobre as como os modelos sociais mencionados atuam na identidade e na sexualidade das pessoas com deficiência física, como fica a vida sexual após uma deficiência adquirida na vida adulta, como a sociedade encara a sexualidade de tais pessoas e que tratamento é dispensado aos não-deficientes que se sentem atraídos por pessoas com deficiência.

**IMAGENS DO FEMININO NA CULTURA MUDIÁTICA: LEITURAS DAS
REVISTAS JUVENIS COMO FONTE DE PESQUISA HISTÓRICA**

Janaina Bezerra de Queiroz (Graduanda) - UEPB
Ramon Alcântara Aleixo (Graduando) - UEPB
Profª. Drª. Patrícia Cristina de Aragão Araújo - UEPB

Nestes tempos de mudanças, notabilizado pela sociedade de informação e conhecimento, e com a culminância das Novas Tecnologias de Informação e Comunicação, a cultura visual assume um papel significativo no contexto da sociedade que em interface com as mídias, propiciam captar as nuances da sociedade em mutação.

Para tanto, fez-se necessário um entendimento histórico, social e cultural da sociedade brasileira e do modo pelo qual a mulher nela está inserida, para fazer um paralelo entre o cotidiano e as imagens. Neste contexto, as representações do feminino podem ser tecidas em diferentes espaços entre os quais as revistas juvenis, que retratam os diferentes perfis jovens. Vivemos um tempo em que a mídia se torna um terreno fecundo para problematizar as políticas de identidade, sobretudo da identidade jovem, na medida em que o jovem é apontado tanto como a fonte de inúmeros problemas sociais — sexualidades fora de controle, drogadição, desemprego, violência —, como, paradoxalmente, ele é também apontado como fonte para a solução das dificuldades que o País enfrenta. Vale destacar o quanto especialistas das mais diversas áreas (Psicologia, Medicina, Educação, Sociologia, etc) vêm sendo convocados a falar sobre a juventude e sobre o comportamento jovem. Estas se apresentam como uma espécie de vitrine dos acontecimentos e discussões tecidas sobre a juventude. Partindo da assertiva de que estas revistas consistem em fontes históricas para discutir a juventude no contexto atual e suas múltiplas identidades, escolhemos trabalhar com corpus de revista *Atrevida* e *Capricho* para, a partir, delas discorrer sobre o perfil e identidade feminina e suas representações na tessitura da cultura jovem em destaque nas revistas. Logo, inferimos que produtos audiovisuais de ficção são, de um modo geral, espelhos da(s) cultura(s) que os produz(em) e consome(m): refletem e retratam tendências, contradições, hábitos, crenças e atitudes. Desse modo, reforçam ou questionam padrões de comportamento, contribuem para a preservação (conservação) de práticas e costumes e, ao mesmo tempo, colocam em discussão pressupostos construídos pelas culturas das quais participam.

REPRESENTAÇÃO E RELAÇÕES DE GÊNERO EM LIMA BARRETO

Ajanayr Michelly Sobral Santana (Graduanda) - UEPB
Polyana Santos Cavalcante (Graduanda) - UEPB
Prof. Dr. Jomar Ricardo da Silva - UEPB

Afonso Henrique de Lima Barreto nasceu em 1881, no Rio de Janeiro. Neto de escravos e filho do tipógrafo Henrique Lima Barreto e da professora primária Amália Augusta Barreto, ficou órfão materno aos sete anos de idade. Lima Barreto tinha consciência da sua condição étnica e racial. Atuou como jornalista na imprensa da época, deixando um legado em forma de contos, crônicas e romances. Dentre as problemáticas abordadas em suas obras, encontra-se a temática relativa às relações de gênero. **OBJETIVOS:** Analisar as representações das relações de gênero na obra de Lima Barreto, a partir de suas motivações na sua trajetória de vida. **METODOLOGIA:** Foram analisadas a obra *Clara dos Anjos* (1994) e as *Crônicas* (2002) de Lima Barreto. Deste modo, realizaram-se as análises completas das obras, observando os pontos relativos às relações de gênero: preconceito racial e social, educação, relações familiares. Para tal estudo, foi pertinente a análise da biografia do escrito, que nos permitiu traçar um perfil socioeconômico e visão de mundo de Lima Barreto, que contribuiu no estudo das relações de gênero, através das análises presentes em suas obras. **RESULTADOS:** Com relação às análises das representações de gênero contidas nas obras de Lima Barreto, constatamos as representações dos papéis e funções sociais do homem e da mulher e a representação da

família junto à sociedade como reprodutora de comportamento e valores sociais. O estudo constatou que as representações e relações de gênero feitas por Lima Barreto demonstram sua posição crítica com relação à educação da mulher, ao denunciar as condições de como a mulher era educada, que terminava por ter seus conhecimentos e experiências perfilados pelo ambiente sociocultural. **CONCLUSÕES:** Lima Barreto retratou de forma contundente a realidade em que viveu, onde denunciou o preconceito racial e as injustiças sociais que não eram percebidas por ele como vivenciadas. Foi uma pessoa preocupada com a situação da mulher na sociedade, ao denunciar as condições de inferioridade feminina e a educação recebida. Analisando toda a sua trajetória e experiência de vida, concluímos que o autor escreveu contra a sociedade que o marginalizava, de forma crítica e ironizada, no que toca as relações de poder encontradas na sociedade. Com relação à condição da mulher, na obra *Clara dos Anjos*, concluímos que a educação familiar age como fator principal para moldar o caráter das personagens.

**“PELO BURACO DE PAREDE”! UMA ANÁLISE DAS REPRESENTAÇÕES
CULTURAIS DO NAMORO E DAS MÚLTIPLAS PRÁTICAS AMOROSAS
FEMININAS**

Edivalma Cristina da Silva (Mestranda) - UFRN

Representações, práticas amorosas, mulheres, subjetividades. Em meio aos discursos normativos da Justiça e do *Jornal das Moças*, entre as décadas de 1900 e 1945, na cidade de Caicó (Seridó do Rio Grande do Norte, Brasil), é nítida a legitimação e naturalização de representações culturais e históricas de corpo, namoro e gênero – feminilidade/ masculinidade –, que se entrelaçaram a projetos como a modernização e o higienismo, recorrentes no período temporal analisado. A partir desse olhar, o trabalho objetiva analisar as representações acerca das relações amorosas emergentes nos discursos jurídicos, jornalísticos e na oralidade para posteriormente desconstruir/questionar a (pretensa) inteligibilidade atribuída as identidades de gênero, através da emergência das múltiplas práticas amorosas femininas. É repudiando as categorias universais, por elas estarem deslocadas da realidade das classes mais populares caicoenses, que esse trabalho tentou por uma metodologia dialógica e reflexiva, perpassando pela análise de vinte e cinco processos-crime de sedução e defloramento, seis de infanticídio e três de abortos, assim como artigos e crônicas do *Jornal das Moças* e da realização de entrevistas com doze caicoenses. Os enlaces no corpo do trabalho foram realizados a partir da reflexão entre gênero, sexualidade e subjetividade, por meio da contribuição teórica de Foucault (1993, 1997ab, 2002ab), Deleuze e Guattari (1995, 1996, 1997), Butler (2003), Swain (2004), Segato (1998), Flax (1991), entre outros. Embora os discursos normativos tenham atuado através do silenciamento das experimentações e singularidades das vivências femininas em nome de um modelo universal de feminino, as contradições emergentes nas falas das vítimas, réus e entrevistados possibilitam desnaturalizar as representações que circundam os corpos e os namoros, trazendo à tona as plurais experiências femininas e suas práticas amorosas. As experimentações do namoro, casamento e das diversas relações

entrelaçadas entre mulheres e homens se apresentam através de desejos e vivências em intensidades distintas, sempre singulares.

VISUALIDADES JUVENIS: LEITURAS DO FEMININO NOS MANGÁS

Janaina Bezerra de Queiroz (Graduanda) - UEPB

Ítalo Jairo Pontes (Graduando) - UEPB

Profa. Dra. Patrícia Cristina de Aragão Araújo

Os mangás, histórias em quadrinhos fazem parte das práticas culturais japonesas e são mídias que transcendendo espacialidades diferenciadas ganharam receptividade na sociedade brasileira. Tal influência ganhou eco entre vários setores, entre os quais a juventude. Percebendo o mangá como importante fonte de estudo histórico para compreender as representações da juventude neste início de século, escolhemos como objeto de nosso estudo, a representação da mulher e a discussão em torno de seu corpo e identidade a partir das leituras de mangás. Para elaboração deste artigo, optamos por analisar o perfil do feminino, suas visões e corpo no mangá Naná, de significativa repercussão entre leitoras jovens.

A CONSTRUÇÃO HISTORIOGRÁFICA E O SEXO: GÊNERO, CULTURA E IDENTIDADES

Walquiria Farias de Albuquerque (Especialista) - UFRPE

O objetivo deste trabalho será analisar os estudos de Gêneros e os estudos de identidade, que têm se revelado uma área de pesquisa fundamental para construção da historiografia brasileira. Ademais, a interculturalidade analisada e correlacionada com perspectiva de gênero torna-se, um instrumento de pesquisa importante, para possíveis elaborações e reformulações nas identidades culturais. Sendo necessária fazer uma sondagem para ampliação e elaboração de novos conceitos, levando em consideração a análise nas relações de poder, raça, sexo, etnia, classe etc., assim, nos permite ver a sociedade de maneira abrangente, interligando-a ao passado, e contextualizar o presente, redefinindo práticas e significação de um tempo e espaço nas “fronteiras da história”. No entanto, colocaremos como foco, questões relacionadas entre “os sexos”, para redefinir posições e contraposições que percorreram guardadas nas entrelinhas ao longo da história.

A TRAJETÓRIA HISTÓRICA DO TRABALHO FEMININO NA ÁREA DO ENSINO RELIGIOSO

Eline de Oliveira Campos (mestranda) - UFPB

Fábia da Costa Leite Rodriguez (mestranda) - UFPB

A presente análise visa apontar a trajetória da mulher no que se refere à sua profissionalização. Dentro desse amplo contexto, o direcionamento será para o campo

do ensino, mais precisamente o ensino religioso e suas ligações com a questão de gênero. A pesquisa tem caráter bibliográfico e vai buscar na literatura e nos registros históricos a visão das mulheres por parte da sociedade no decorrer do tempo no que se refere à essa profissionalização. Desde o início do processo as questões de gênero permearam essa construção. Ao saírem de suas residências para executarem tarefas outras que não as de educadoras do lar, começaram a desempenhar serviços nas fábricas, que ofereciam condições subumanas de trabalho. Em meados do século XX, já era aceitável que assumissem algumas poucas profissões que foram consideradas femininas a exemplo da enfermagem e do magistério. A sala de aula deu-lhe o status daquela que também tem a capacidade de educar, embora contribuísse para perpetuar a imagem da mulher enquanto indivíduo que já nascera predestinada a servir, cuidar e educar os filhos. De início, sua breve carreira no magistério, limitava-se ao tempo em que ainda não estava casada. Ao contrair matrimônio, exigia-se o abandono das salas de aula e o retorno ao lar, reassumindo o papel atribuído ao contingente feminino de mãe-cuidadora-educadora. Avançando no tempo, encontramos-la adentrando outros campos de trabalho, inclusive outras áreas do ensino como o ensino religioso. Antes exclusivo dos catequistas, seus espaços passam a ser ocupados cada vez mais pelas mulheres, que, pela filosofia da própria disciplina, não só a educa, mas contribui com a formação do caráter dos futuros cidadãos.

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA VIOLÊNCIA CONTRA MULHERES NO JORNALISMO IMPRESSO

Prof^a Dr^a Sandra Raquew dos Santos Azevêdo - UFCG

Este artigo aborda as representações da violência contra mulheres no contexto das práticas de agendamento midiático e resulta de uma pesquisa analisando o binômio gênero e mídia com foco na construção da *agenda-setting* enquanto processo de significação social do tema da violência de gênero no espaço público midiático.

ENTRE NOMES MALDITOS: A HOMOSSEXUALIDADE E O JOGO DISCURSIVO DA IDENTIDADE

Prof. Dr. Nelson Eliezer Ferreira Júnior - UFCG

Para os estudiosos da homossexualidade no Brasil, o crivo em relação à escolha do termo “correto” para designar seu corpus se tornou problemático a partir da conscientização dos discursos atrelados a cada um desses nomes. Nesse sentido, houve uma proliferação de termos como homoerotismo, homocultura, homossexualidades, homoafetividade, dentre outros, além do uso de expressões descritivas que evitariam definições. A utilização de adjetivos qualificadores como homossexual ou gay por sua vez, tornou-se ainda mais questionável, pois diz respeito à própria constituição identitária desses sujeitos. Nesse sentido, diante de posicionamentos que vinculam de modo irrestrito o sentido desses nomes ao contexto histórico de seu surgimento, torna-se necessária uma revisão dessa questão, partindo de preceitos da Análise do Discurso, a

fim de compreender o complexo jogo discursivo que envolve palavras, ideologias e posições de sujeito. Afinal, no terreno movediço dos discursos, é tão inútil quanto ingênuo acreditar na existência de um termo para nomear pessoas que se definam como homossexuais que seja imune a associações depreciativas, afinal, esse e os demais preconceitos não estão nas palavras e sim numa sociedade que insiste em repudiar tal prática. As mudanças observadas no percurso histórico do uso de termos depreciativos que foram assimilados e ressignificados por homossexuais ou o inverso – termos surgidos dentro da comunidade gay e que depois passaram a ser usados de modo pejorativo – atestam a instabilidade da relação entre os nomes e os discursos que lhes foram originalmente atribuídos. Desse modo, o mais importante é perceber, nesse jogo lingüístico, uma tensão política socialmente ativa e significativa, devendo ser objeto de pesquisas para a melhor compreensão de sua dinâmica. Especificamente no meio acadêmico, no entanto, a preocupação exclusiva e excessiva com a escolha do uso do termo não deve se converter num entrave para o pesquisador e muito menos numa prática do “politicamente correto”.

HOMOSSEXUALIDADE EM REVISTA: IDÉIAS E REPRESENTAÇÕES EM MAGAZINES BRASILEIROS (1914-2007)

Fábio Ronaldo da Silva (Mestrando) - UFCG
Prof^a. Dr^a. Rosilene Dias Montenegro (Orientadora) - UFCG

Partindo do pressuposto de que as idéias e construções sobre a homossexualidade são produzidas historicamente no interior de sociedades, buscaremos, nesse artigo, analisar como uma mídia específica e voltada para tal público foi construindo e adequando a imagem do homossexual. Inicialmente, será feita uma discussão sobre os termos usados para dar lugar, demarcar aqueles que mantêm relações afetivas e sexuais com iguais que, no século XIX passaram a ser denominados de homossexuais, como nos mostra Foucault (1988), Green (2002), Fry (1982), dentre outros autores. Paralela a essa discussão, mostraremos como os homossexuais, no Brasil, começam a buscar lugares para sociabilização e como vai ocorrendo o surgimento de uma imprensa voltada para os mesmos. Desta feita, observaremos nas publicações homoeróticas, especificamente revistas de 1914 a 2007, como os discursos e representações imagéticos sobre aqueles foram se adaptando para que tais publicações permanecessem em circulação no mercado editorial brasileiro, seguindo, desta feita, aquilo que Foucault (1979) chamará de poder normatizador ou social que, para não excluir, acaba absorvendo tais publicações, desde que as mesmas obedeçam aos parâmetros formais da “normalidade”. É importante informar que não será feita aqui, uma pesquisa de recepção de imagem, mas sim, da produção da mesma e como esta “forja” as representações de tal grupo. É feita uma discussão sobre identidade(s) e o quanto ela (s) é (são) fluída(s) fazendo-nos perceber que, assim como não há apenas uma identidade determinante o mesmo se aplica à homossexualidade, onde ela é representada e vivenciada de formas diferentes, sendo assim, uma orientação sexual possível. Perceberemos que essa construção “sexual social” atribuída aos homossexuais, mesmo com o discurso médico, por exemplo, que classificará tais sujeitos como anormais e que precisam ser curados (“sexual fisiológica”) acaba afetando boa parte do imaginário social, permanecendo, até a

atualidade, a idéia de que passividade estará ligada a representação de homossexuais não-viris e a atividade a imagem do homossexual viril, sendo essa a idéia que é mostrada nas revistas lançadas na última década do século XX e no início da primeira do século XXI.

**NEGRAS E MULATAS NO EROTISMO MASCULINO:
DISCURSOS E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E CULTURAIS DO CORPO
FEMININO**

Alexandre Augusto Fernandes da Silva (Graduando) - UFU

Este trabalho visa analisar o corpo feminino representado nas HQs pornográficas produzidas entre as décadas de 1950-1970, no Brasil, pelo quadrinista Carlos Zéfiro. Pretende-se com isso, analisar no erotismo de Zéfiro, como que marcadores de diferença, no caso, gênero e raça, estabelecem a inteligibilidade do corpo da mulher negra e mulata e quais são as implicações culturais, sociais e das relações raciais de gênero, sexualidade e poder. Serão analisadas as HQs “Negrinha” e “Mulata”, atentando-se, numa perspectiva histórica e antropológica, nos estereótipos e discursos sociais e culturais que definem, enredam e interferem na constituição e representação do corpo feminino na sociedade brasileira. Os referenciais teóricos que respaldarão o estudo são: Estudos de Gênero, Teoria Queer e Estudos Culturais Pós-estruturalista, que forneceram instrumentais teóricos e conceituais, como: identidade, performance, corpo abjeto (Butler); dispositivo de sexualidade (Foucault); traço, deslocamento, binarismo (Derrida), racismo, mestiçagem e identidade negra (Kabengele Munanga). A análise visa compreender a construção do corpo feminino na cultura e sociedade brasileira, e como que marcadores históricos de raça e gênero operam na materialização dos mesmos. Resultado parcial de uma pesquisa monográfica que objetiva analisar 200 HQs eróticas produzidas entre as décadas de 1950-1970 por Carlos Zéfiro, no intuito de analisar e compreender o processo de construção de corporalidades e da(s) Masculinidade(s), e também se intenciona uma revisão teórica e crítica dos referenciais que fundamentam a investigação analítica. A intenção de focar, neste pôster no corpo feminino em articulação com a categoria de raça é fomentar no âmbito da História e das Ciências Humanas e Sociais discussões que permitem (entre)cruzar categorias como gênero, raça, cultura e sexualidade no Brasil contemporâneo, (re)viendo inclusive na tradição historiográfica, antropológica e sociológica que determinadas visões e concepções se arraigaram e suas implicações sociais. E considero que a produção erótica e clandestina das HQs de Carlos Zéfiro permite e possibilita focar nesta interseccionalidade de marcadores de diferença e analisar e compreender o processo de representação, no qual o corpo adquire inteligibilidade pela cultura vigente na sociedade e/ou se constitui conforme os parâmetros que são viáveis e circunstanciais culturalmente, e estabelecimentos de determinadas convenções e concepções.

**DO FOLE A SANFONA: TRAMAS DE GÊNERO NOS ‘FORRÓS’ DAS
‘BRAÚNA’**

Janielly Souza dos Santos (Graduada) - UEPB/FIP

Pensar os estudos de gêneros no cenário da historiografia brasileira contemporânea é nos debruçarmos sobre um terreno rico em reflexões, na medida em que busca problematizar identidades fixas, relativas ao ser homem e ao ser mulher, desnaturalizando estas identidades e procurando analisá-las a partir da categoria de gênero e da dimensão relacional que ela abrange. Neste campo reflexivo, este trabalho se configura em análise dos espaços de sociabilidades e entretenimentos dos ‘farrós’ em Baraúna – PB, no momento em que estes formaram tramas de gênero em 50 e 60 do século XX. Para isso, recorreremos ao uso das histórias de vida como fonte que narram a partir de si e do outro.

Maria Cláudia Cavalcante (Mestranda) - UFCG

Gilberto de Lima Azevedo Souza Ferreira Amado de Faria era o primeiro de quatorze filhos de Ana de Lima Azevedo de Sousa Ferreira e Melchisedech de Sousa Amado. Nasceu em Sergipe, em 7 de maio de 1887, e morreu no Rio de Janeiro, em 1969. Nosso primeiro contato com Gilberto Amado foi por meio do livro *Minha Formação no Recife*. Naquela leitura, nos chamou a atenção o fato de aquele autor dizer que não se sentia e não se apercebia ligado à gente e a imagens vivas e sim a textos, sejam eles lidos ou escritos. Disto decorreu a idéia de discutir o período de formação intelectual de Gilberto Amado entre os anos de 1905 e 1909, época em que o autor cursou a Faculdade de Direito na cidade do Recife. Em *Minha Formação no Recife*, o autor discorre sobre sua experiência enquanto estudante naquela cidade. Desfilam no seu relato percepções que vão desde as condições de insalubridade da cidade na época até as leituras feitas, em especial as de Augusto Comte e Friedrich Nietzsche. Este texto pretende problematizar como aqueles relatos atuaram na construção de sua imagem enquanto intelectual. O diálogo teórico-metodológico aqui indicado fala do lugar de uma história cultural comprometida com uma história da construção do significado. Entendemos, pois, que ao lançarem mão dos modos de significação, homens e mulheres inventam-se e dão indícios das circunstâncias de possibilidade de seus discursos e, portanto, de suas vidas. E Gilberto Amado foi um destes homens que se utilizou da linguagem com o intuito de sedimentar imagens de si, em especial, a de intelectual. Interessa-nos aqui problematizar as teias discursivas que deram visibilidade a Gilberto Amado enquanto um intelectual, procurando, justamente, atuar nas suas fissuras, rachar solidificações que permitam vislumbrar a dispersão deste personagem.

A ESCRITA FEMININA NA PRÉ-ESCOLA NO ATO DE EDUCAR A INFÂNCIA CAMPINENSE

Daniela Medeiros da Silva – UFCG
Prof^a. Dr^a. Regina Coelli Gomes do Nascimento - UFCG

Este trabalho tem por objetivo expor parte da minha experiência na pesquisa de mestrado, que atende por discutir como os discurso(s) sobre a infância foram sendo elaborado(s) e manifestado(s) a partir das instituições educacionais como dispositivos que colocam a Educação Infantil e suas práticas numa rede de conexões que organiza o corpo infantil a torná-lo um objeto de poder e saber. Apresento também a presença feminina nesses saberes educativos ao que diz a formação docente das professoras do Pré-Escolar no fim da década de 70 e início dos anos 80 do século XX em Campina Grande-PB. A metodologia trata-se de enfatizar os espaços de produção de identidades sociais a partir de documentação originada de Atas de Reuniões, Projeto Políticos Pedagógicos, Planos de Cursos, Ementas, Jornais e Entrevistas via História Oral que realizei na pesquisa de Mestrado. É partindo destas premissas que enfocaremos a historicidade que alicerça a construção do lugar da infância a partir dos espaços que essas professoras produziram para a infância Campinense.

**A OBRA DE ODAIR JOSÉ COMO CRÔNICA SÓCIO-POLÍTICA EM ANOS
DE DITADURA MILITAR 1970-1975**

Ivan Luis Lima Cavalcanti (Graduando) - UPE

O trabalho apresentado aqui surgiu de uma necessidade de resgate de parte da música brasileira na década de 70 do século XX. A escassa produção verdadeiramente historiográfica sobre essa época somada aos preconceitos direcionados a determinado grupo de cantores foi um dos motivos fundamentais para o início desse projeto. Enquanto proposta de pesquisa tem como principal objetivo analisar a obra de um dos maiores expositores da chamada ‘música brega’ dos anos 70 no Brasil: o cantor e compositor Odair José. Outro objetivo consiste em afastar do próprio, o título de cantor das empregadas e observar a multiplicidade temática e principalmente os problemas sociais presentes em sua obra. Além de analisar o discurso e tratar sobre as canções do artista o trabalho também trará um panorama do meio musical tido como brega, a origem dessa denominação e os motivos pelos quais eram e são (até hoje em dia) afastados da historiografia da música brasileira quando esta se refere a tal período. Fontes escritas, discos, fontes orais, documentos censurados (microfilmados do arquivo nacional) e outros serão apresentadas para dar sustentabilidade à argumentação. Trabalhar suas canções populares como discursos sociais e inseri-lo dentro daqueles que produzem cultura de massa e popular de maneira política, verdadeira e alegre. Trabalhar com letras de canções das músicas do autor, melodias, contexto histórico e relações de história cultural e das mentalidades. Mostrar como as relações da cultura popular e suas canções se encontram e apresentar o ‘Odair’ combativo e politizado tentando afastar deste o estigma de brega e de músicas alienantes. Apresentar a variedade de crônicas de costumes sociais de determinadas classes que eram apresentadas em suas canções; o cotidiano, a condição civil, social e as práticas sociais, de trabalho, de relacionamentos e de lazer dessa classe. A Pesquisa tratará do ano de 1970 a 1975 auge da produção do artista e período onde ele teve diversas canções censuradas e modificadas pelos censores da ditadura militar.

**A ESCRITA DOS ESTUDANTES QUE MILITARAM EM CAMPINA
GRANDE – PB DURANTE A DITADURA MILITAR**

Erica Lins Ramos (Graduado) - FIP

O século XX, foi marcado por diversos acontecimentos que terminaram por construir sobre o homem moderno um deslocamento de identidades. Partindo deste pressuposto, o presente estudo tem como objetivo refletir sobre as múltiplas identidades construídas pelos militantes da cidade de Campina Grande – PB, na escrita de si. Sujeitos estes que tinham opiniões contrárias a Cultura Política instaurada a partir de 1964 e por isto foram perseguidos pela ditadura militar, mas não deixaram de lutar por seus ideais, mesmo sobre a possibilidade de perderem a liberdade em transitarem nos âmbitos públicos e/ou privados, como também a sua própria vida. Todavia, esta pesquisa se encontra em andamento, estando assim aberta a novas contribuições.



**GT 25: O CINEMA NA HISTÓRIA: MEMÓRIAS, REPRESENTAÇÕES E
IDENTIDADES**

Leandro Santos Bulhões de Jesus – UNB
Marcelo Gustavo Costa de Brito (Doutorando) - UNB

De acordo com o antropólogo e filósofo do imaginário Gilbert Durand, foi apenas no último século – com as contribuições decisivas da psicanálise e da antropologia social – que o ocidente redescobriu a importância e a força das imagens, revertendo uma tendência de oito séculos denominada por ele de “vitória dos iconoclastas” ou “recalcamento do imaginário”. Foi também no século XX que os meios de comunicação de massa audiovisuais se consolidaram, circulando uma quantidade de imagens nunca antes vista para audiências cada vez maiores. O cinema, como um campo privilegiado de produção de sentidos com forte poderio de veiculação ideológica, com o tempo, desperta cada vez mais a atenção dos historiadores. Pensar o cinema, portanto, é pensar este suporte narrativo dentro deste cenário social contemporâneo de intensa circulação de sentidos. A investigação da efetividade das narrativas fílmicas nas estratégias de subjetivação dos indivíduos e das coletividades é o eixo deste grupo de trabalho. Essa efetividade perpassa um vasto campo empírico, potencialmente aberto a qualquer análise que tenha no cinema seu objeto privilegiado, além de um campo teórico em que se destacam as temáticas da memória, das construções identitárias, das lutas simbólicas, do imaginário e das especificidades da narrativa fílmica. É por isso que pesquisadores de diversas áreas não perderam de vista os diferenciados papéis que as imagens (em movimento ou não) desenvolveram ao longo do século XX, em torno de questões como influência, circularidade, interpretações, produção e consumo. Em sociedades como a nossa, na qual milhões de pessoas têm acesso aos meios de comunicação veiculados em imagem-som, é comum atribuir certas atitudes, crenças e valores de grupos ou de pessoas à influência desses meios. A assertiva de que a produção e consumo crescentes de mídias áudio-imagéticas ao longo do desenvolvimento dessa cultura audiovisual têm mudado comportamentos, hábitos e remodelado as relações sociais, é relativamente corrente. No entanto, é necessário o aprofundamento desses estudos. Subjaz a essas

várias abordagens o desejo de compreender o cinema como uma prática cultural contemporânea decisiva para a maneira como representamos o mundo e a nos mesmos.

**"A TERRA QUE QUERIAS VER DIVIDIDA": CONFLITOS RURAIS,
HISTÓRIA E CINEMA**

Raíssa Orestes Carneiro - UFPE

O rural sempre ocupou, no Brasil, posição de destaque nas mais diversas áreas, dentre elas o cinema. Este, enquanto importante campo de produção de sentidos e, muitas vezes, de resgate da memória de um povo, tem, crescentemente, despertado o interesse dos pesquisadores. Em seu âmbito, o rural, inicialmente retratado como algo a ser esquecido, passou, com o Cinema Novo, a ser visto como, de um lado, símbolo de um atraso a ser superado e, de outro, paradoxalmente, representação do que existia de mais genuinamente brasileiro. Paralelamente ao Cinema Novo (e, até certo ponto, ligados ao seu nascimento), desenvolveram-se os Centros Populares de Cultura (CPC) da União Nacional dos Estudantes. Os diretores do CPC acreditavam no potencial didático-revolucionário do cinema e procuravam trabalhar temas não apenas polêmicos e, portanto, mal discutidos, como também atuais. É o que tenta fazer Eduardo Coutinho, em “Cabra Marcado para Morrer”. Iniciado em 1964, o filme, que trazia a questão das Ligas Camponesas e, mais especificamente, da morte de um de seus líderes, acaba tendo suas filmagens interrompidas pelo golpe militar. Retomado após a reabertura política, é finalizado como um dos principais filmes, até hoje, não só sobre as Ligas, mas sobre o rural e, principalmente, sobre a reforma agrária. Esta, embora tenha estado na pauta de praticamente todos os governos republicanos, nunca chegou a ser efetivamente implementada. Nesse sentido, as mesmas questões por que lutavam os camponeses das Ligas, no final da década de 1950, permaneciam inalteradas trinta anos depois quando, em 1987, Tetê Moraes lançou “Terra para Rose”. A cineasta, embora tomando por base um contexto específico, o das famílias assentadas na Fazenda Anoni, no Rio Grande do Sul, retratou, na verdade, um problema muito mais amplo e que atinge, até hoje, milhares de famílias de trabalhadores rurais sem terra em todo o Brasil. Assim, tendo em vista a atualidade do tema, este trabalho se propõe através de uma análise histórica comparativa entre esses dois filmes e da revisão da bibliografia sobre o assunto, discutir o problema da reforma agrária a partir de dois grandes prismas: o contexto político em que se desenvolvem as ações dos filmes e o confronto proprietário/trabalhador rural ao longo desse período, com o objetivo de demonstrar a inalterabilidade das demandas dos trabalhadores rurais ao longo das décadas e a dificuldade de se implementar uma reforma agrária num país que nasceu tendo como um dos seus pilares o latifúndio.

**REGIONALISMO E CORONELISMO NO FILME “O AUTO DA
COMPADECIDA”**

Túlio Augusto Paz e Albuquerque - UEPB

O cinema/filme desde 1970 foi elevado à categoria de “objeto” no fazer história. Atualmente, ainda não percebemos muitas pesquisas históricas na área de cinema-história. Este trabalho tem como objetivo contribuir para as reflexões sobre história regional/local a partir do filme “O Auto da Compadecida” de Ariano Suassuna com ênfase no regionalismo e o coronelismo assim como suas imagens e influências presentes no filme. Todo o trabalho se baseará em análises bibliográficas e análise fílmica (Marc Ferro, 1988 e Morettin, 2007). Este estudo nos mostrou que para uma análise fílmica, o processo de produção, escrita, direção, cenários, tudo que envolve o cinema é foco de análise. O filme apresenta uma discussão/reflexão sobre o regionalismo, que pode ser utilizado para estudos historiográficos sobre o Nordeste. Apresenta o “Nordeste” como uma invenção, uma construção imagético-discursiva, para isto nos fundamentamos em Albuquerque Jr. (2006). A proposta de trabalhar coronelismo/Mandonismo, cuja temática foi mostrada no filme “O Auto da Compadecida”, evidencia a imagem dos coronéis da República Velha, como intocáveis, invioláveis. Nesse aspecto, o filme traz algo de novo, pois esse lugar é invadido, violado, Burlado através das astúcias de João Grilo, que no filme tem a imagem da identidade do povo do sertão nordestino (pobre, sem estudo, esfomeado, mestiço, de uma inteligência, garra, determinação e alto-astral que impressiona) características, fatos e representações que só compreenderemos a partir de uma metodologia, reflexivo-analítica em que se observa o contexto em que foi escrita a obra, e as imagens e discursos presentes no filme.

REPRESENTAÇÕES DO SERTÃO A PARTIR DAS EXPERIÊNCIAS CINEMATOGRAFICAS EM “ÁRIDO MOVIE” E “CINEMA, ASPIRINAS E URUBUS”

Cristhiane Laysa Andrade Teixeira - UFPE

O presente trabalho se propõe a analisar os filmes como possíveis documentos válidos para a investigação historiográfica. Abordando dessa forma o cinema como representação tanto do passado quanto do futuro, como testemunho do seu tempo e daquele a qual se reporta. Além de pensar o filme como um documento histórico, trazer uma reflexão sobre sua importância como parte fundamental do discurso da história. Neste sentido, os filmes “Cinema, aspirinas e urubus” de Marcelo Gomes e “Árido Movie” de Lírio Ferreira, trazem à tona visões e formas de imaginar o sertão e suas diversidades. Os dois filmes vão lidar com a questão de identidade cultural, porém de formas diferentes. Em “Árido Movie” temos o destaque para dois universos paralelos e distintos, o urbano e o rural retomando a antiga dialética entre civilização e barbárie. É o contraste entre os dois que revela a contemporaneidade do sertão que está repleto de informações e escasso de água. Tais realidades opostas aparecem durante o filme bastante interligadas, a aridez e a água, o interior e a capital, o branco e o mestiço. Lírio Ferreira vai filmar esse sertão de um modo bem peculiar, por vezes divertido e/ou dramático, mostrando um Brasil árido. Em “Cinema, aspirinas e urubus” têm-se um registro visual do sertão sob uma forma mais moderada. Marcelo Gomes vai retratá-lo com muita luz, um sertão quase branco, imagens quase monocromáticas, o esbranquiçado que dá a idéia de mormaço. Entre os dois personagens centrais do filme,

o estrangeiro e o sertanejo, há uma interessante relação, o primeiro pensa o sertão como uma redenção, já o segundo tenta escapar dele negando-o, mas percebe alguns de seus encantos através da visão do estrangeiro. As duas obras do cinema pernambucano se caracterizam pelo “Road movie” ambientado no sertão do nordeste, que carregam em si uma metáfora sobre transformação e redescoberta de seus personagens. O sertão sobre seus diversos aspectos aparece como fonte de imaginação e fascínio de bons cineastas. Partindo desta premissa o trabalho visa entender de que forma tais expressões cinematográficas auxiliam o historiador nas releituras do sertão. Para responder tais inquietudes foram utilizados teóricos do cinema, da história e outros que dominam o tema; autores como: Marc Ferro; Luciana Pinto; Cristiane Nova, dentre outros.

O CINEMA NA SALA DE AULA: HANS STADEN E A ANTROPOFAGIA NO BRASIL COLÔNIA

Naiara Leonardo Araújo (Graduanda) – UFCG
Profª. Drª. Regina Coelli Gomes Nascimento - UFCG

Nesta pesquisa buscamos investigar novas metodologias para trabalhar em sala de aula a questão da antropofagia no período do Brasil Colônia a partir do filme Hans Staden. Atualmente, observamos o crescimento de pesquisas direcionadas para o ensino de História, especialmente, o uso das tecnologias na perspectiva de uma aprendizagem significativa. A análise de filmes nas aulas de História possibilitará uma reflexão coletiva sobre a narrativa cinematográfica, suas contradições, anacronismos, continuidades e descontinuidades com o discurso historiográfico. Também permitirá que o aluno (a) vivencie outras formas de conhecer, interpretar e sentir a História. Nesse sentido, compreendemos que trabalhar com o cinema no cotidiano escolar significa ampliar a variedade de linguagens que podem permitir a abertura de caminhos para o estudo da História. Para fundamentar nossas reflexões nos aproximamos de alguns autores, a exemplo de Marcos Napolitano, Marc Ferro, Circe Maria Fernandes Bittencourt, dentre outros que compartilham das novas abordagens sobre a relação história e cinema.

ENTRE O CENÁRIO DA ESCOLA E A POÉTICA DO CINEMA: O FILME COMO FONTE PARA A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO

Robério Davi Borges Cunha (Graduando) - UEPB
Profª. Drª. Patrícia Cristina de Aragão Araújo - UEPB

Resumo: O cotidiano tece muitas histórias de sujeitos e culturas e quando estas histórias se estendem para o espaço da escola, estabelecem sentidos e significados para as interpretações que são elaboradas sobre os lugares de produção de saber e se fazer educação. O cinema como arte em movimento tem multifacetado em sua forma e estilo no transcorrer de sua história. No contexto da educação, o cinema assume um importante papel não apenas como um recurso didático-pedagógico no trato dos conteúdos escolares, assumindo um papel de uma linguagem a ser inserida no mundo de

educar, mas também revela os diferentes olhares que são elaborados para o mundo social, seus sujeitos, culturas e história, que pelas telas de cinema tomam uma diferente dimensionalidade representando diversos modos de ler o social. Nossa proposta é discutir a partir do olhar sobre o cinema, acerca do papel do filme como fonte para estudo da história da educação na contemporaneidade, apontando a sua importância para discussões atinentes aos estudos da educação histórica e o cotidiano escolar. Partimos da assertiva que o cinema produz inúmeros saberes que ao serem empreendidos na escola, representam possibilidades de leituras e aprendizados acerca das vivências e experiências escolares. Enquanto abordagem metodológica utilizamos o filme como suporte e sua linguagem para entender o objeto proposto para este estudo. Tomamos como corpus o filme *Escritores da Liberdade*, para discutirmos sobre as relações tecidas no interior da escola que formam processos culturais, entrelaçam saberes e propiciam elaborar uma escrita da história cuja interface ocorre entre o cinema e a escola. Assim utilizamos o filme como uma ferramenta de apoio à História da educação.

DOCODRAMA: NARRATIVA, MEMÓRIA E IDENTIDADE NO CINEMA MOÇAMBICANO

Leandro Santos Bulhões de Jesus (Doutorando) - UnB

Em “O narrador...”, Walter Benjamin (1987), dentre tantas outras coisas suscitadas, sugere que as incapacidades ou dificuldades em lidar com as narrativas no sentido antigo de uma preservação coletiva e da “arte de contá-las de novo”, se explicam pelas intervenções das reprodutibilidades, da rapidez, das maquinarias. Pois, o processo de assimilação do que é interior à narrativa (como o conselho, a sabedoria) exige uma percepção outra de tempo e de espaço, algo que a modernidade estaria prejudicando substancialmente. Suas reflexões sobre um mundo dominado pela técnica que sobrepõe ao homem e que, por isso, faz surgir uma “nova forma de miséria” possibilita comparações com outras realidades exteriores à Europa da primeira metade do século XX. A tradição oral é uma forte característica de várias sociedades africanas, algo que a globalização e os sintomas inerentes a ela tendem a minar, como rezam inúmeros teóricos. São nas memórias presentes na oralidade de inúmeras comunidades, inclusive, que tornam possível uma história africana nos moldes ocidentais, por meio do trabalho de pesquisadores em entrevistas e catalogações das bibliotecas ambulantes – peculiares aos griots, depositários de uma narrativa complexa, signos de outras noções de tempo e espaço, escorregadias ao ocidente. Talvez seja justamente esta força da experiência vinculada aos homens, presente na tradição oral africana de que fala o novo cinema feito em Moçambique. Na esteira de Benjamin (1997: 198), “a experiência que passa de pessoa em pessoa é a fonte a que recorreram todos os narradores” e, entre as narrativas consagradas, as melhores “são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos”. Assim, o docodrama, opção estético-narrativa na feitura dos filmes, descrito pela cineasta moçambicana Isabel de Noronha (2009), como a mistura da ficção com uma história contada no seio de uma comunidade, assume um importante papel na produção cinematográfica atual moçambicana, pois este estilo afirma - por meio das narrativas cinematográficas - traços da identidade local emaranhadas ao processo de feitura das imagens, num belo trânsito entre história oral e

memórias e, nesta perspectiva, criando, com a potência da narração, o que Olgária Matos (2001: 15) chama de “espaços de liberdade”, uma vez entendida a narrativa como força hermenêutica e transformadora. Neste trabalho, pretendo discutir como o docodrama coloca os processos de “narrativização” num lugar central da comunicação social, questionando os limites entre a realidade e a ficção

MEMÓRIAS DO MULTICULTURALISMO EM CRASH

Marcelo Gustavo Costa de Brito (Doutorando) - UnB

Nesta comunicação, procuro pensar o cinema inserido num cenário histórico singular, no qual parte decisiva das trocas simbólicas que configuram as identidades individuais e coletivas se processam pelos meios eletrônicos de comunicação de massa. Assim, pensar o cinema é pensá-lo produzido nesta sociedade midiaticizada, contexto no qual a experiência específica das narrativas audiovisuais se impõe a grandes grupos humanos. Faz parte também desta reflexão atribuir ao cinema o estatuto de produtor de memórias coletivas: o filme produzido passa a fazer parte de um imenso repertório coletivo repleto de imagens, sons, escritos, conteúdos e temas potencialmente acessíveis ao público por já estarem em um suporte material. Para ilustrar este funcionamento, me detenho na análise do filme *Crash*, do diretor canadense Paul Haggis, de 2004. Esta narrativa fílmica ambientada em Los Angeles apresenta, a partir das perspectivas particulares de personagens de diversas origens étnicas, as lutas simbólicas, assim como os embates cotidianos, que perpassam a construção das identidades e diferenças no espaço da sociedade norte-americana contemporânea. Anglo-saxões, afrodescendentes, hispânicos e asiáticos, todos têm seu espaço e sua maneira de perceber o outro representados no enredo. O protagonista do filme não é nenhum personagem, mas os encontros e colisões de uma coletividade composta por descendentes de várias culturas que precisam habitar um ambiente comum. O protagonismo, portanto, é ocupado pelos desafios do multiculturalismo. *Crash* oferece então, em suporte fílmico, uma representação – e uma memória – da questão da convivência entre os diferentes grupos ou culturas em um espaço comum, desafio ancestral que percorre a aventura humana. Ali está materializada uma representação para a apreciação daqueles a quem o tema desperta algum interesse. Nesse sentido, os filmes passam a ser mais um suporte para conteúdos acessíveis da memória coletiva. Para o ofício do historiador, tanto *Crash* como qualquer outra película constituem-se como uma narrativa produzida em um tempo-espaço específico que atende a determinadas condições de produção, e por isso reverberam certos aspectos do imaginário da sua época. Assim, são fontes valiosas para o entendimento do que Robert Darnton chama de “universo mental” de um determinado período histórico.

questões relacionadas à documentação: tais como o período em que o documento foi escrito, porque foi escrito, como circulou e como foi guardado. Pretendemos criar um espaço em que seja possível discutir também sobre o atual debate sobre a relação entre história e ficção, atentando para a importância das provas, ou seja, das fontes. De acordo com estas reflexões preliminares, pretendemos no nosso GT – a partir dos trabalhos inscritos – discutirmos as dificuldades relacionadas à documentação mencionada, questionando os usos, lacunas e suas possibilidades.

NÃO-DITOS: UMA IMPRESSÃO ANTIARQUIVÍSTICA DO ACERVO JUDICIÁRIO TRABALHISTA BRASILEIRO.

Pedro Henrique Dias Inácio - UFPE

A "pulsão arquiviolítica" da instituição judiciária trabalhista deixou em seu nobiliárquico objetivo de preservação memorial um obscuro legado antiarquivista aos historiadores. O procedimento arquiviolítico demonstra no resgate de seus registros, um grande vazio e redundante esquecimento sobre o modo de funcionamento da regulação judicial das relações de trabalho no Brasil. A enxurrada de conciliações e desistências silenciosamente arquivadas ocultam polívocas questões sobre os sentidos e aplicabilidades da legislação trabalhista. Assim, entre os não-ditos dos seqüentes arquivamentos e conciliações, as mais diversas possibilidades de "justiça" podem ter sido conquistadas e ou impostas.

UMA ARENA DE ACUSAÇÕES E DEFESAS: LIMITAÇÕES JURÍDICAS NO TRIBUNAL EPISCOPAL DO MARANHÃO COLONIAL.

Dr^a. Pollyanna Gouveia Mendonça - UFF

O tribunal episcopal do Maranhão produziu vasta documentação criminal durante o século XVIII. Esse juízo funcionava como um eficiente meio de vigilância dos costumes e de punição de delinqüentes bem aos moldes que foram estabelecidos pelo Concílio de Trento. A documentação em questão é um lugar privilegiado onde se pode analisar não apenas os comportamentos desviantes, mas principalmente, os trâmites judiciais que eram seguidos nas sociedades de Antigo Regime. Critérios de qualidade, distinções pela cor da pele e pelo cativo, questões de gênero, tudo vem à tona na interessante arena de acusações e defesas que era estabelecida durante as contendas. Esta comunicação privilegiará a análise de processos em que as limitações jurídicas de testemunhas e acusadores eram pautadas por sua ascendência familiar, cor e sexo baseada em comentários de leis e jurisprudência em vigor na época moderna.

AS FONTES POLICIAIS DO ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DE SÃO PAULO: UM PERCURSO MATERIAL.

André Rosemberg - UNESP

A historiadora francesa Arlette Farge, em seu *Le goût de l'archive*, narra as experiências sensoriais por que passou ao se aventurar pelos arquivos judiciais do século XVII. A constatação da presença concreta, e inesperada, de “retalhos da realidade”, que sobrevivem enclaustradas em maços ou latas de documentos, talvez seja exclusividade do pesquisador que se debruça sobre essa famigerada fonte. Nesse sentido, as sensações que desabrocham da documentação relativa à ordem Polícia, do Arquivo Público do Estado de São Paulo, são potencializadas pelas especificidades da produção dessa fonte específica, umbilicalmente vinculada ao processo de constituição das forças policiais no Brasil. Ao percorrer as “latas de pandora”, o pesquisador deve estar preparado para realizar um “trabalho sujo”, conforme alertou o pesquisador da história da polícia francesa, Jean-Marc Berlière. Afinal, a polícia, principalmente no Brasil, acabou por se tornar a cloaca da Administração Pública, durante o processo de constituição da burocracia estatal. Como consequência, os órgãos policiais serviam de repositório das demandas as mais variadas, assumindo a competência para se imiscuir em assuntos das mais variadas procedências. No ralo policial, concentravam-se ofícios multiinstitucionais, além de uma série de pedidos, demandas e súplicas privadas. Diferente dos arquivos judiciais, que normalmente, num único bloco, enfeixam uma série completa e racional de documentos – da petição inicial (ou libelo acusatório) até a sentença – os arquivos policiais, consubstanciados numa coleção caótica de documentos, tendem a ser muito mais aleatórios e assistemáticos. Portanto, se por um lado, a documentação oferece um potencial mais abrangente para análise, por outro, demanda cautela e atenção redobradas, a fim de se evitarem armadilhas metodológicas, como a tentação de se exagerar a amplitude da plausibilidade e verossimilhança, tomando a versão por verdade. É, portanto, um passeio teórico-metodológico por essa fonte insidiosa que se consubstancia essa comunicação.

OS PROCESSOS CRIMES ENQUANTO POSSIBILIDADE PARA NOVAS ABORDAGENS.

Rosemere Olimpio de Santana (Doutorando) - UFF

É sobre o trabalho com as fontes que pretendo discutir neste artigo, mas especificamente com a documentação que utilizo na minha pesquisa, os processos crime por crime de raptos consentidos. Trabalho com a prática do rapto consentido na Paraíba, em 1920-1940. A principal documentação são os processos crime por crime de raptos. Pretendo a partir desses casos cartografar os espaços e os lugares construídos e os instituídos para os relacionamentos amorosos. Mas também, através dos indícios tentar compor uma história para o amor, na Paraíba nas décadas de 20, 30 e 40 do século XX. É incontestável o valor desses documentos, posto que possibilitam analisar como se produzem e se explicam as diferentes versões dos agentes envolvidos nos diferentes casos (acusado, delegado, testemunhas, promotor, juiz), sem a preocupação de verificar o que realmente se passou. E esse momento, em que os indivíduos envolvidos nesses casos de rapto, ganham luz e voz, só se tornou possível porque entraram em contato com esse poder, o da justiça. No entanto, essa relação de poder, que envolve todos os indivíduos desses casos de rapto consentidos, não os paralisa, pelo contrário, mostram

como homens e mulheres buscam o tempo todo, maneiras diferentes para construir seu cotidiano e, conseqüentemente, seus relacionamentos amorosos. Ao trabalhar com os processos crime de raptos consentidos, sabemos que é impossível saber os sentimentos que moviam os sujeitos envolvidos, sabemos que eram comportamentos dissonantes dos que eram produzidos e ensinados pelas instituições, como a Justiça, por exemplo. Embora esses casos não possam me dizer o que o que sentiam, me indicam um caminho diferente, esses sujeitos não estavam agindo contra a uma suposta ordem ou moral, eles não tinham a intenção de ir contra as regras seguidas pela sociedade ao qual estavam inseridos, eles simplesmente estavam fazendo escolhas diferentes.

A IMPORTÂNCIA DO LAUDO PSICOLÓGICO NO AMBIENTE JURÍDICO

Fabiana Maria de Souza (Graduanda) – UEPB

Esse artigo objetiva analisar a importância concedida ao laudo psicológico no ambiente jurídico, especificamente na vara da Infância e Juventude. Côncios de sua importância trata-se de problematizar suas repercussões e suas finalidades. O surgimento da Psicologia Jurídica deu-se mediante uma prática pericial voltada para o fornecimento de documentos psicológicos. Atualmente, entretanto, exige-se uma atuação mais crítica. Mesmo com essas mudanças em sua práxis a emissão de documentos tem significativa importância tendo em vista que com eles podem-se objetivar as contribuições do psicólogo para o trabalho judiciário. O Laudo Psicológico – também conhecido como relatório psicológico ou laudo pericial – destaca-se entre os documentos decorrentes de avaliações psicológicas solicitados por instâncias judiciais. Ele auxilia na resolução de conflitos e decisões judiciais, e pode ocorrer de vários laudos, conflitantes ou complementares, comporem um mesmo processo. Embora os laudos psicológicos produzidos no interior da Vara da Infância e Juventude tenham na possibilidade de auxiliar o juiz umas de suas finalidades previstas, não se pode perder de vista o objetivo de auxílio às famílias atendidas sob pena de se cair na mal fadada prática pericial de outrora. É sabido que a produção e expressão de um saber destinado ao juiz é uma importante preocupação, mas não deve ser a única. Os laudos não podem ser apenas instrumentos de resposta ao sistema judiciário, mas de resposta também ao social a partir de um olhar reflexivo fundamentado, concomitantemente, na teoria psicológica e na ética profissional. Não se pode perder de vista as especificidades que distanciam o laudo psicológico do parecer social. E uma dessas particularidades é justamente o fato do laudo não ser um documento que preze por informações de cunho mais taxativas, tais como diagnósticos ou informações que firam a privacidade. Um modelo assim, positivista, perde lugar na contemporaneidade, dando espaço a um documento que prioriza as relações interpessoais do interessado e as condições psicossociais que cercam seu desenvolvimento, considerando sua história pessoal, motivações e desejos. Assim, a nossa proposta é desconstruir a visão que se possui dos documentos judiciais, fazendo do laudo psicológico, não um espaço de legitimação do positivismo, mas de humanização. Pois o sujeito que chega ao Judiciário está engendrado em um emaranhado de influências pessoais e coletivas e que devem ser levadas em consideração.

**EM BUSCA DOS MESTIÇOS NAS FONTES JUDICIAIS DA COMARCA DE
CAICÓ (1737 -1835)**

Helder Alexandre Medeiros de Macedo (Doutorando) - UFPE

Atualmente desenvolvemos projeto de pesquisa, em nível de doutorado, que tem como meta compreender qual o lugar dos mestiços na formação dos grupos sociais que viveram na Freguesia do Seridó, sertão do Rio Grande do Norte (1748-1835). Consideramos como mestiço, partindo da problematização de Serge Gruzinski, os indivíduos que participaram, na América portuguesa, da experiência do contato e misturas entre pessoas de diferentes partes do mundo, em decorrência da ocidentalização promovida pela empresa ultramarina ibérica, que toma corpo a partir do século XVI – a mestiçagem podendo ser, portanto, biológica ou cultural. Um dos corpus documentais utilizados na pesquisa é constituído das fontes judiciais da Comarca de Caicó, que incluem papéis avulsos, notas de cartório, testamentos, justificações de dívida e inventários post-mortem num recorte diacrônico que começa em 1737. Com este trabalho, propomos uma primeira aproximação com essas fontes, no sentido de refletir como essas diferentes tipologias documentais podem nos ajudar a compreender a realidade da população mestiça, considerando, previamente, que a historiografia “clássica” e regional potiguar, de certa forma, obliterou o fenômeno das mestiçagens (biológicas ou culturais), face à proeminência imputada às elites agropecuaristas e tidas como de origem branca e portuguesa. Tomamos como foco de análise a trajetória do mestiço Caetano Soares Pereira de Santiago, que veio de Santo Antonio do Recife para o Seridó e, na documentação, foi gradativamente sendo chamado de crioulo forro, preto, preto forro e pardo, à medida que demarcava seu espaço dentro da sociedade colonial. Para responder à problemática levantada, partimos da idéia de que os dados e informações que nos interessam não aparecem chapados nas fontes, encontrando-se imiscuídos nos diferentes documentos. É necessário, assim, que os indícios recolhidos possam ser esquadrihados, comparados com outras fontes e cruzados com outras realidades, bem como, observados com minúcia e rigor, como indica Carlo Ginzburg ao discutir a validade do método indiciário. Da mesma forma, acreditamos que a elucidação das questões passa por uma crítica documental a esses diferentes tipos de fontes, ainda mais quando referimo-nos a populações marginalizadas historicamente, como os mestiços. Além do mais, temos a consciência de que essas fontes se constituem enquanto discursos coloniais, carregados de conceitos e de filtros decorrentes do lugar social onde os seus produtores estavam localizados. Apresentam, portanto, uma versão fragmentária do passado e restrita à visão de mundo daqueles que os redigiram.

**FORMAS DE MORAR: ORGANIZAÇÃO E CULTURA MATERIAL DO
ESPAÇO DOMÉSTICO EM ESTÂNCIA/SERGIPE (1840-1890).**

Sheyla Farias Silva (Doutorando) - UNIT

Os estudos sobre a história da família têm buscado identificar, tipificar e analisar os diferenciados tipos de família existente nas sociedades antanho. Essa pesquisa objetivou

através dos dados fornecidos pelos arrolamentos dos fogos por quarteirões associados com as informações atestadas nos inventários post-mortem, analisar a organização e os bens que compunham o espaço doméstico das famílias residentes na cidade de Estância/SE no período compreendido entre os anos de 1840 a 1890. Para isso, ao coligirmos a documentação consultada, nos valem dos pressupostos teóricos da História Social, a partir dos quais buscamos compreender os significados atribuídos pelos agentes investigados em relação à organização do seu fogo. A partir da análise dos registros de 675 fogos buscamos identificar o número de habitantes por fogos, quem eram os chefes desses domicílios e sua atividade produtiva, assim como atentamos para quem eram os outros habita antes dos fogos; se os cativos e os senhores residiam no mesmo espaço doméstico e se outras pessoas (agregados ou parentes) também compartilhavam esse espaço. Já em relação aos 523 inventários post-mortem consultados, buscamos identificar e quantificar os bens que compunham as fortunas das famílias - tais como: escravos; jóias, bens de raiz (casas, senzalas, terrenos, fazendas, chácaras e lavouras), semoventes (animais), bens móveis (imagens, roupas, trastes de casa, louça etc.), ferramentas, ações, dívidas ativas (valores a receber referente a empréstimos em dinheiro ou venda de bens), mercadorias, dinheiro, além de outros bens que compunham o monte-mór - e seus respectivos valores, o que permitiu a visualização do movimento da riqueza provincial. Foram ainda registrados nestes documentos valores de dívidas passivas, ou seja, valores a pagar referente a empréstimos ou compra de bens. O caráter descritivo desta documentação revela uma idéia aproxima da realidade material e do cotidiano das famílias, tornando-se essencial para compreender o funcionamento da unidade doméstica. Destarte, percebemos que na cidade de Estância/SE, por vezes o espaço doméstico confundia-se com o espaço produtivo, sendo constante a presença de escravos convivendo na mesma unidade doméstica com as famílias, assim como constatamos a presença de outros agentes que não faziam parte da família consanguínea residindo nos fogos.

ESCRAVIDÃO NEGRA NOS INVENTÁRIOS POST-MORTEM

Eleonora Félix da Silva – UFCG

A relação do historiador com suas fontes é tensa, pois o historiador não encontra os fatos que lhe interessam prontos nelas. O que o historiador faz é dar sentidos ao que encontra e isto não é aleatório, se dar a partir de uma problematização. Ancorados nestas noções, questionamos qual a contribuição dos inventários post mortem para a pesquisa envolvendo a temática da escravidão negra no Brasil imperial. As possibilidades dependem das problematizações feitas pelo historiador. Neste trabalho pretendemos explorar alguns aspectos que podem servir para a reflexão proposta acerca da população negra escravizada. O objetivo principal é explorar alguns inventários post-mortem como fonte histórica para estudar a sociedade escravista no município de Areia-Pb, segunda metade do século XIX.

**TRABALHADORES E DIREITOS NO INÍCIO DOS ANOS 1960 NO RECIFE: O
USO DAS FONTES JUDICIAIS DA 6ª REGIÃO DO TRIBUNAL REGIONAL
DO TRABALHO.**

Luciana Rodrigues Ferreira Varejão (Mestrando) - UFPE

Falar nos trabalhadores recifenses no início dos anos 1960 é remeter ao incremento de suas lutas e constantes avanços no enfrentamento ao patronato, respaldados pelo estilo populista de governo em vigor no cenário político local. Tal constatação pode ser feita a partir do quantitativo e teor das reclamações impetradas pelos operários junto ao Tribunal Regional do Trabalho (TRT) em sua 6ª Região. Para fins de nossos estudos, como estamos tratando o trabalho de mulheres, levamos em consideração o setor têxtil, que ocupou uma importante categoria dentro da economia local, além de ter abrigado historicamente uma parcela significativa de mão-de-obra feminina. As principais reivindicações tecidas variavam desde o direito ao auxílio-maternidade, indenização, aviso prévio, férias, diferença salarial, adicional noturno, repouso remunerado, demissões e suspensões consideradas arbitrárias por parte dos trabalhadores, até registros judiciais de pedidos de demissão e renúncia à estabilidade empregatícia conquistada após 10 anos de serviços prestados numa mesma empresa, assegurada pela Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) em vigor desde 1943, época do governo Vargas. Da exploração qualitativa desses documentos, constatamos questões que a documentação por si só não responde, as quais pretendemos continuar evidenciando e buscar alternativas para seu esclarecimento, tais como as motivações que os trabalhadores tinham para acionar a justiça, como tomavam conhecimento das leis, o porquê renunciavam à sua estabilidade, se os analfabetos que aprovavam cartas e decisões com o polegar tinham ciência do conteúdo integral destas, entre outras. Utilizamos como referencial teórico para nossa pesquisa alguns estudos tais como o de E. P. Thompson que considera a experiência humana e a coletividade como eixo de análise direcionada para a reflexão das práticas sociais, Fernando Teixeira e Magda Biavaschi que evidenciam os trabalhadores e sua relação com a Justiça e Alessandro Portelli e Eric Hobsbawm que trataram a oralidade como fundamental para compreensão de algumas questões negligenciadas por fontes oficiais.

**GÊNERO, JUSTIÇA E IMPRENSA: CRIMINALIDADE NAS RELAÇÕES
CONJUGAIS NA CIDADE DO RECIFE (1920-1940).**

Inocência da Silva Galvão Neta - UFPE

O presente trabalho tem como tema central o estudo da criminalidade nas relações de gênero em Recife no período de 1920 a 1940. Utilizamos como objeto de nossa pesquisa os processos-crime bem como os jornais que circulavam na cidade na época em questão. Ou seja, nosso intento é analisar as relações de gênero das camadas populares em Recife, a partir da ação da justiça criminal e dos crimes veiculados na imprensa através de “argumentos” jurídicos e médicos, ou seja, as estratégias e contatos da lei e dos envolvidos nos processos sejam eles os próprios réus ou as testemunhas e

também com a sociedade em geral. Observar como eram veiculadas essas notícias é, portanto, saber como chegavam à população através das informações da imprensa, órgão fundamental de divulgação dos problemas e novidades da cidade. Sobretudo dos acontecimentos relacionados à justiça e, por conseguinte, à história dos crimes e toda sorte de violência praticada na cidade do Recife nas primeiras décadas do século XX. Tempos nos quais o conceito do termo cidade possuía uma outra conotação. Inclusive por conta da urbanização e novos tipos de comportamentos, especialmente o feminino. Tais atos são perpetrados, na maioria das vezes, por seus companheiros. Durante a investigação nos processos crime, nas páginas policiais de alguns jornais e nos inquéritos, pudemos perceber que em todo o Estado, portanto na capital e interior, tais práticas eram frequentes. Para analisarmos com mais profundidade essas questões podemos nos deter nos debates públicos e na doutrina jurídica da época sobre honra sexual. Já que as noções de honra são, muitas vezes, a justificativa para aquelas ações. O estudo dessas temáticas nos revela importantes questões do cotidiano e desse embate entre a justiça e as camadas populares. Através desse contato com os tipos de fontes citados temos a possibilidade de analisar esse contato da justiça com a população e resgatar, portanto, fragmentos desse aspecto da história da cidade do Recife nessa época.

**OS DOCUMENTOS DA JUSTIÇA: FONTES PARA A HISTÓRIA SOCIAL DOS
TRABALHADORES DA CIDADE-FÁBRICA RIO TINTO
(PARAÍBA, 1950-1964)**

Prof. Ms. Eltern Campina Vale

A história social dos trabalhadores na Paraíba carece de contribuições. E a preservação da escassa documentação que auxilia na escrita desta história, necessita a urgente preservação. Partindo destas observações, esta comunicação examina quão importante são as documentações produzidas pela justiça na Paraíba, enquanto fonte primordial para a história social do trabalho. Tendo por base empírica, as ações depositadas no arquivo das Varas do Trabalho em João Pessoa e no Fórum da cidade de Rio Tinto, na Paraíba, objetiva-se entender os embates travados entre patrões e operários da tecelagem Rio Tinto, especialmente, entre os anos de 1950 a 1964. Estas ações estão bem preservadas no arquivo do Fórum de Rio Tinto (necessitando tão somente de urgente organização) e versam sobre: rescisão de contratos de trabalho, processos por acidentes de trabalho, reintegração e manutenção de posse (o conseqüente despejo da vila operária dos operários demitidos), ações sobre furtos de tecidos no interior da fábrica, processos de trabalhadores rurais acerca das arbitrariedades cometidas pelos mandatários da fábrica, até ações de violência entre trabalhadores no ambiente fabril. Prontamente, estas ações fazem do Fórum de Rio Tinto, novo lugar de embates entre trabalhadores e os Lundgren (proprietários da fábrica de tecidos), posto que, os operários acorriam a Justiça, para requererem direitos e denunciar que estes, eram costumeiramente usurpados pelos Lundgren. Importa ressaltar que ao lidar com esta tipologia de fontes, sobressai o diálogo entre a História Social e o Direito que tem relevante contribuição para o exame de novos temas e novas abordagens na História Social do trabalho. Os processos analisados demonstram as formas como empregadores e empregados, travam

luta jurídica de redefinição de relações, no período entre 1959 e 1964, quando as ações se avolumaram.

**MULHERES DIVERSAS E CONTROVERSAS: RE-SIGNIFICANDO AS
RELAÇÕES DE VIOLÊNCIA NOS PROCESSOS-CRIME EM CAMPINA
GRANDE E ARREDORES ENTRE 1854 – 1888.**

Graduanda Harriet Karolina Galdino dos Santos
Profa. Dra. Juciene Ricarte Apolinário

Durante muito tempo as mulheres foram negligenciadas na historiografia, entretanto com a emergência dos annales e do movimento feminista vimos esse gênero ganhar novas falas, tramas e evidências, contudo não de forma satisfatória, vi então nos documentos e nas influências/ inspiração de Luciano Figueiredo e Silvia Hunold Lara a oportunidade de utilizar fontes documentais, mais precisamente os processos crime para re-significar as relações de gênero existentes não só em Campina Grande como seus arredores, efetuando esclarecimentos sobre a conduta social e voz perante a justiça imperial dessas mulheres que a muito custo transgrediam e eram apontadas nas ruas em prol da honra, e a pergunta que nos fazemos constantemente é se os crimes sempre foram bárbaros, se essas mulheres sempre foram vitimizadas pela masculinidade construída e institucionalizada perante a lei dos homens e de Deus, a resposta a priori que lhes forneço é que não, Padre Mercier expõe claramente o poder que as mulheres sempre detiveram pois a mesma “é um sexo que se chama frágil e no entanto exerce, seja sobre a família, seja sobre a sociedade, uma espécie de onipotência tanto para o bem como para o mal”. Nem mesmo as inúmeras instituições e atores de vigilância e punição foram capazes de calar mulheres que galgaram sub-repticiamente ou não suas histórias.

**VIVÊNCIAS MUSICAIS DAS ELITES LUDOVICENSES, NA SÃO LUÍS DA
SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX, RELATADAS NOS JORNAIS QUE
CIRULARAM NA CAPITAL DA PROVÍNCIA DO MARANHÃO**

João Costa Gouveia Neto (Mestrando) - UFPI
Dr. Edwar de Alencar Castelo Branco - UFPI

Há algum tempo os historiadores enveredam com grande afincamento pelo universo, muitas vezes fantástico, que a leitura de fontes primárias apresenta ao pesquisador, devido à diferença nos hábitos de homens e mulheres que viveram em tempos afastados dos atuais ali relatados. Após essa tomada de conhecimento os escritos históricos ganharam um novo colorido e também sons harmoniosos e às vezes dissonantes, pois nas referidas fontes os homens aparecem cantando, executando instrumentos ou simplesmente apreciando músicos tocando seus instrumentos musicais nos becos da São Luís da segunda metade do século XIX. É notório que durante todo o século XIX os jornais foram os principais meios de leitura que as poucas pessoas letradas dispunham para exercitar esse conhecimento ainda restrito a uma pequena parcela da população brasileira e maranhense em especial. Assim, este estudo tem como finalidade mostrar a potencialidade dos jornais que utilizei na construção da escrita da dissertação de mestrado, na qual estudo a importância que as vivências musicais desempenharam no desenvolvimento de uma nova sociabilidade à moda europeia para as elites ludovicenses. Para aproximar-me da São Luís da segunda metade do século XIX, no que concerne às vivências musicais e aos hábitos da população dessa cidade que, no discurso das elites, pretendia ser moderna, civilizada, culta e refinada, utilizei os jornais que circularam pela capital da província do Maranhão naquele período. Ao todo pesquisei em vinte e três jornais de temáticas, vinculação partidária e tempo e circulação diversos e neles encontrei a vida musical das elites vibrando, dando movimento e clariando as páginas dos jornais envelhecidas pela ação do tempo.

IMPrensa PROTESTANTE NO BRASIL IMPERIAL

Prof.º Dr.º. João Marcos Leitão Santos - UFCG

Afeita por muito tempo a dimensão institucional das crenças e práticas religiosas a história das religiões tardiamente tem privilegiado a imprensa periódica como fonte de pesquisa. Todavia, no que refere a imprensa religiosa sua caracterização pode ser reconhecida como instrumento da construção de identidade das diversas confissões. No caso brasileiro com a sua predominante tradição católica, emerge uma nova trilha investigativa quando se pensa nas origens do protestantismo no país. Visto principalmente a partir da segunda metade do século XIX o advento da religião dissidente trouxe consigo especificidades que exigem tratamento peculiar. A bibliografia sobre o protestantismo brasileiro é quase unânime em reconhecer que a imprensa confessional – ao lado da polêmica religiosa e da educação - funcionou como mecanismo estratégico privilegiado da instalação do novo credo. Mas, além disso, a

imprensa protestante apresentou vieses próprios que visavam atender a seu status jurídico, sua condição de religião minoritária, a formação catequética dos aderentes ao novo credo, e sua condição de antagonismo social e cultural com a religião dominante, o catolicismo. Sua herança teológica, confessional, e cultural – estadunidense – era o condicionante principal do conteúdo da propaganda proselitista e da auto-identificação com um projeto social modernizador associado aos valores de democracia, progresso, e liberdade. Contudo, o anúncio destes postulados precisava ser feito respeitados os limites do seu referido status legal e da sua identidade religiosa, que o preservasse, tanto quanto possível, da denúncia de ser uma agência ou uma ideologia política, apenas. Nesta comunicação se pretende remontar a imprensa protestante que se instituiu no Brasil Império – metodista e presbiteriana –, para estabelecer o formato que sua configuração estabelece como recurso para a investigação da história religiosa do Brasil, como fonte e testemunho, sua caracterização e acessibilidade, pensando, sobretudo, sua a partir de categorias de conflito social, identidade e representação.

JORNAL IMPRESSO E TV: UMA PARCERIA EM NOME DE UM PROJETO MODERNIZADOR

Msc. Silvia Tavares da Silva - FIP

A presente comunicação é parte da nossa dissertação de mestrado que teve como objeto de estudo a chegada da primeira emissora de televisão na cidade de Campina Grande, Paraíba. Para a escritura da mesma lançamos mão do jornal Diário da Borborema (1961-1965) como uma das nossas fontes de pesquisa, e assim, elaboramos com base nas nossas leituras dessa fonte, um lugar de representação a respeito da experiência dos campinenses com o novo meio midiático que se apresentava como mais um mecanismo de modernização para a cidade. Partindo do pressuposto que o jornal se presta a divulgar um olhar sobre muitos aspectos do cotidiano e, assim, construir um olhar sobre um determinado espaço e temporalidade buscamos investigar o que o Diário da Borborema informou aos campinenses a respeito do novo empreendimento que a cidade receberia ainda nos inícios dos anos de 1960 quando a Televisão se constituía como uma novidade para todo o país. Durante nossa investigação no referido periódico pudemos perceber que o mesmo, não por um acaso, foi o veículo de legitimação da implantação da primeira emissora de televisão na cidade e no estado. Através das suas páginas o empreendimento era apresentado como algo inovador que colocaria a cidade de Campina Grande e o estado da Paraíba a frente de muitas capitais, pois, muitas ainda não possuíam esse novo aparato tecnológico. O referido veículo impresso fazia parte dos Diários Associados de Assis Chateaubriand, o principal idealizador e investidor da implantação da Televisão no país e da sua interiorização. Assim, o Diário da Borborema apresentava em suas páginas discursos voltados a conquistar o apoio do povo campinense para tal empreendimento e para tanto esses discursos enfatizavam a idéia de modernidade e progresso. Ao analisar as fontes tomamos essas como um lugar de diálogo com a visão de um grupo de elite local (econômica, política, empresarial) que se mostrou interessado na implantação da emissora e, assim, fez propagar! nas páginas dos jornais sua visão sobre a importância daquela investida para o desenvolvimento da cidade.

**O BOLETIM DE HIGIENE MENTAL: UMA ANÁLISE DO ALCOOLISMO
NOS ANOS DE 1930**

Eliana Vieira Sales (Mestranda) - UFPE

Este trabalho tem o objetivo de dar destaque ao periódico médico denominado Boletim de Higiene Mental que circulou no Recife nos anos de 1930 pretendendo ser o elo de ligação entre o setor psiquiátrico e o público em geral com objetivo de combater o alcoolismo, difundir as práticas e os ideais eugênicos. Ao analisar esse periódico e sua propaganda antialcoólica é possível compreender a história da ocupação do espaço urbano, o projeto de sociedade almejado naquela época, as estratégias e dispositivos que lançaram os médicos, especificamente os psiquiatras no processo de constituição da doença alcoolismo, as teorias científicas que direcionam seus conhecimentos, o lugar social desses enunciadores, a legitimação do seu discurso, os receptores, o lugar do alcoólista, enfim, a história das intervenções médicas, da tentativa de disciplina cotidiana, da normalização e adestramento das populações urbanas. Esse periódico nos revela que no processo de ordenação das cidades em espaços “civilizados” o discurso médico foi um dispositivo central que buscando normatizar e disciplinar a sociedade, inculcando-lhe valores, destruindo antigos hábitos, costumes, “vícios” e “perversões” que tanto ameaçavam os centros urbanos possibilitou que várias formas de lazer das camadas populares fossem marginalizadas, tais como jogar ou reunir com amigos nos botequins. As raízes históricas dessa investida discursiva encontram-se, numa série de transformações atreladas à dinâmica capitalista, as aglomerações urbanas, o aumento populacional, a disciplina urbanística e a organização do trabalho, pois será diante dessa realidade no espaço urbano que a Psiquiatria vai exigir a implementação de estratégias de controle da população e de positividade da classe trabalhadora, conseqüentemente à embriaguez e o alcoolismo se apresentam como excessos à moral da sobriedade requerida pela ideologia burguesa. Portanto, esse periódico constitui-se fonte importante para perceber o papel permitido aos psiquiatras em sua articulação com a problemática urbana, onde o alcoolismo aparece como um grande malfeitor que deve ser proibido ou ter seu acesso dificultado.

**CONFRONTAÇÃO ENTRE RELATOS DE PERIÓDICOS E RELATOS ORAIS
NA CONSTITUIÇÃO DA HISTÓRIA DOS "BORBOLETAS AZUIS" DE
CAMPINA GRANDE (PB)**

Lidiane Cordeiro Rafael de Araújo (Doutoranda) - UFCG

A História é, sem dúvida, um saber que emerge a partir das representações construídas pelos historiadores a partir do olhar que voltam sobre o passado. Neste sentido, encarando conhecimento histórico enquanto uma construção do presente é importante considerarmos o fato de que as fontes históricas também são construções. Foram eleitas, forjadas e elaboradas pelo trabalho do historiador. São escolhas que emergem a partir de um dado lugar social e histórico. É considerando esse aspecto do saber histórico que

defendemos o caráter não definitivo das representações históricas. A leitura das fontes, diversificando-se de acordo com a época e o contexto em que é feita, leva-nos a encará-las não como algo que “naturalmente” é, mas como construções emergentes de um olhar particular. Nesse sentido, parece ficar claro que os relatos de periódicos, assim como os relatos orais não é um dado “natural” sobre o social, mas sim, entre outros fatores, uma construção do olhar do cientista sobre o registro com o qual está se relacionando. Ciente do cuidado que é preciso ter ao se trabalhar com os documentos históricos, entendidos como um importante dispositivo empenhado em promover a produção do saber histórico e social, propomo-nos refletir um pouco sobre a relação entre os testemunhos orais e os discursos encontrados nos jornais referentes ao movimento religioso dos “Borboletas Azuis” de Campina Grande, uma vez que no confronto desses dois tipos de fontes encontramos uma “luta de representação” entre este movimento religioso e a mídia local. Deste modo, argüimos que cada tipo de fonte deve ter seu tratamento adequado e quando possível é importante a confrontação entre as mesmas. Argumentamos que os relatos orais têm sua especificidade, mas não por serem mais autênticos que os relatos de periódicos, ou quaisquer outros documentos escritos. A monumentalização dos relatos orais passa pela mesma vontade de saber e desejo de memória que atraves! sa e faz implodir a objetividade dos documentos escritos. Por outro lado, os relatos orais e as memórias não são ilustrações que servem apenas de comprovação aos documentos escritos. Portanto, é preciso, muitas vezes, uma confrontação entre os diferentes tipos de fontes históricas para que se percebam relações de poder, porventura, existentes.

JORNAL IMPRESSO E SUA IMPORTÂNCIA PARA O REGISTRO DA HISTÓRIA POLÍTICA

Msc. Cosma Ribeiro de Almeida - FPI

O presente texto é resultado de uma análise realizada sobre a constituição dos candidatos Veneziano Vital (PMDB) e Rômulo Gouveia (PSDB) durante as eleições municipais na cidade de Campina Grande no ano de 2004. Partindo do pressuposto de que o jornal é fonte de informação e detentor de valores éticos e morais importantes para uma determinada sociedade, utilizamos o jornal Impresso Jornal da Paraíba e Diário da Borborema para pesquisa relacionada à proposta de governo, ao cotidiano dos candidatos, às suas opiniões, às entrevistas, à história política e história de vida, e às pesquisas de opinião que estes meios veicularam sobre as figuras públicas. O “tradicional” debate entre Veneziano Vital e Rômulo Gouveia que se instituiu através do discurso de acusações e de corrupções políticas favorecia a importância dos veículos de comunicação naquele momento histórico na região. Este fato revela que o jornal impresso passou a ser um instrumento indispensável para a realização da pesquisa.

UM DRAMA NOS JORNAIS: O ASSASSINATO DO PRESIDENTE JOÃO PESSOA COMO UMA TRAGÉDIA NACIONAL

Msc. Genes Duarte Ribeiro

Considerando a Paraíba, sobretudo na capital, a grande comoção social quando da morte de João Pessoa em julho de 1930 e ampliada pelas condições apoteóticas com que o seu enterro foi realizado. Discutimos nesta pesquisa a arquitetura das construções simbólicas que fizeram da imagem do Presidente João Pessoa, após o seu assassinato, um mito no cenário político-social. O corpus documental da pesquisa foram os jornais locais e de outros estados que publicizaram a notícia da morte de João Pessoa. O foco central de nossas problematizações foram as diversas formas de divulgação do acontecimento histórico e sua perpetuação contaram com a participação da imprensa local e de outros estados da federação, que constituíram cultura histórica acerca da morte e da quase imortalidade do então Presidente depois tratado como santo, herói e mártir.

POR UMA REPRESENTAÇÃO DA CIÊNCIA E TECNOLOGIA EM CAMPINA GRANDE PELAS PÁGINAS DO DIÁRIO DA BORBOREMA

José Valmi Oliveira Torres (Mestrando) - UFCG
Prof^a. Dr^a Rosilene Dias Montenegro - UFCG

O presente artigo propõe-se a fazer uma análise de editoriais publicados pelo jornal Diário da Borborema sobre a Escola Politécnica de Campina Grande e sobre a Fundação para o Apoio da Ciência e Tecnologia de Campina Grande (FUNDACT), no intuito de perceber como esse meio de comunicação vai contribuir na representação dessas instituições no tocante ao aprimoramento tecnocientífico da cidade de Campina Grande. Criada em 1952 no governo de José Américo de Almeida, tornando-se ainda a primeira Escola superior da cidade de Campina Grande, Politécnica passa, a partir do fim da década de cinquenta e durante a década de sessenta, a ser tida como referência no ensino das engenharias: Civil, Elétrica e Mecânica. A Politécnica se vinculou à Universidade Federal da Paraíba, em 1960, que transformou a Universidade da Paraíba em instituição federal de ensino superior, passando a fazer parte do Campus II da UFPB, e daria origem ainda, em 2002 a atual Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Enquanto que a Fundação para o Apoio da Ciência e Tecnologia de Campina Grande, criada pela lei municipal em 1957, na segunda gestão do prefeito Elpídio de Almeida, fora uma das primeiras instituições no país desse gênero que apoiava as atividades ligadas a ciência e tecnologia, e que posteriormente daria origem, em 1966, a Fundação Regional do Nordeste (Furne), atual Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). O nosso recorte temporal compreende-se entre os anos de 1957, ano da criação desse jornal até 1970, com a criação da primeira pós-graduação, o mestrado em Engenharia Elétrica. E procuraremos ainda perceber até que ponto esses artigos publicados no período Diário da Borborema possibilitarão que Campina Grande venha a ser conhecida e representada como pólo técnico científico. Neste sentido, cabe ressaltar que essa pesquisa é fruto de uma reflexão ainda em andamento.

A IMPRENSA E OS REGISTROS DE ARQUITETURA E URBANISMO EM JOÃO PESSOA – 1850 A 1936

Ana Emília Fernandes Lacerda (Graduanda) - UFPB
Maria Berthilde de Barros Lima e Moura Filha - UFPB

Sob o título “Registros de Arquitetura e Urbanismo em João Pessoa – 1850 a 1936” vem sendo desenvolvida uma pesquisa sob a coordenação do Laboratório de Pesquisa Projeto e Memória (LPPM), o qual é vinculado ao Departamento de Arquitetura do Centro de Tecnologia da UFPB. Seu principal intuito consiste na investigação sobre a produção arquitetônica e urbanística da cidade da “Parahyba do Norte” – atual João Pessoa, no período compreendido entre a segunda metade do século XIX e as primeiras décadas do século XX. A pesquisa, que vem sendo realizada há três anos, tem como principal objetivo a obtenção de informações a respeito do ambiente urbano e da produção arquitetônica na então capital paraibana por meio da consulta a periódicos produzidos e distribuídos na mesma durante o recorte temporal delimitado. Essas informações constituem subsídios para a melhor compreensão da realidade da cidade neste período sob diversos aspectos, como a vida social, a utilização dos espaços públicos, as transformações urbanas, os padrões arquitetônicos, as ações políticas e administrativas, entre outros. Considerando o campo temático da história urbana, o período estudado é considerado como um dos grandes marcos da construção do ideário de modernização urbana no Brasil. Este ideário já vinha sendo perseguido na Europa, onde as reformas urbanas empreendidas por Haussmann, em Paris, se tornaram uma referência paradigmática. No Brasil, essas reformas chegam em um momento em que a busca do progresso era parte dos anseios do poder público e da sociedade, em especial após a proclamação da República, quando a ordem e o progresso passaram a ser o lema do novo poder estabelecido, que colocava estas metas como um contraponto com o passado colonial e imperial do Brasil, períodos aos quais se referiam como a antítese do desenvolvimento que preconizavam. Na cidade da Paraíba, as idéias de modernização urbana não eram estranhas naquela época, estando as notícias coletadas ao longo desta pesquisa confirmando a visão da sociedade, da imprensa e do poder público sobre os anseios de modernidade e as ações de modernização próprias da realidade estudada.

JORNAL ANARQUISTA: EXPERIMENTAÇÕES E EMERGÊNCIA DE SABERES

Drº. Rogério Humberto Zeferino Nascimento - UFCG

A passagem do século XIX para o XX no Brasil registra profundas transformações sociais: fim da escravidão negra, inauguração da república, início da terceira onda imigratória, urbanização e industrialização da sociedade e organização do movimento operário ganham destaques enquanto acontecimentos decisivos para a sociedade brasileira. O movimento dos trabalhadores, por sua vez, se estabelecera com o predomínio do ideário anarquista, deixando registrados em variados documentos historiográficos um efervescente caldeamento de realizações e idéias. Nesta direção a imprensa anarquista constitui fonte de uma riqueza impressionante para pesquisas sobre o pensamento social operário como também em relação às instaurações. Em jornais, revistas e livros anarquistas é possível observar a confecção de conhecimentos e das

experimentações em novas modalidades de sociabilidade. Os congressos operários, as escolas, as associações de classe, as manifestações públicas, as greves, os piqueniques, o teatro, a literatura, entre outros, foram campos cuja presença anarquista foi marcante. O jornal e a revista anarquista expressam a singularidade do coletivo editorial. Com um dinamismo anti-hierárquico característico, estes impressos apresentam um pensamento eminentemente coletivo. Os articulistas apresentam análises, reflexões, poesias, notícias, entre outros acontecimentos e iniciativas, num ritmo processual e relacional. Por vezes acontece de adversários do campo ideológico escreverem livremente nas colunas destes jornais, provocando outros artigos e outros eventos como conferências temáticas. O título do jornal se apresenta enquanto um pseudônimo coletivo, similar ao uso deste recurso por indivíduos quando de situação de forte perseguição policial. O título do jornal dá forma a este encontro pessoal manifesto no coletivo editorial e, simultaneamente, preserva o coletivo num ambiente social por demais hostil e adverso. O título expressa, de outro modo, uma assinatura coletiva. Nomear um jornal anarquista inscreve não apenas um recorte estilístico e de marketing. Inscreve também a vibração que anima os integrantes do grupo editorial. Dá pra se ver que comparado ao jornal contemporâneo o jornal anarquista transborda com os estreitos limites. A palavra ‘jornal’ é bastante acanhada se projetada diretamente sobre estes impressos elaborados pelos anarquistas no início do Brasil republicano. Nestes jornais e revistas existem registros de realizações e experimentações instauradas de diversas maneiras pelos trabalhadores. Estas realizações são mais bem compreendidas se analisadas à luz do ideário anarquista que as animava. Proponho-me para este artigo tratar estes aspectos.

NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS E EDUCAÇÃO PATRIMONIAL

Márcio Daniel Ramos da Silva - UFCG

Este trabalho discorre acerca de experiências de pesquisa histórica com utilização de fontes orais em narrativas autobiográficas nas “Oficinas de Memória”, realizadas no âmbito do projeto PROLICEN “Educação Histórica e Patrimonial no Ensino Fundamental: uma travessia intergeracional”, coordenado pela professora de Keila Queiroz e Silva. Nestas atividades, reunia-se um grupo de pessoas com a proposta de que cada uma delas relatasse a história de certo brinquedo que julgava como uma espécie de “símbolo” de sua infância. A partir desta deixa, os indivíduos relatavam todas as suas lembranças da juventude. Diante disto, enfoca-se a importância da educação patrimonial como instrumento da memória Social. Analisando-se estas narrativas sobre o ponto de vista de ensaístas como Eclea Bosi e Maria Célia Paoli, vê-se a extrema importância das histórias de vida, do cotidiano, das mentalidades, das emoções, das sensibilidades. Este tipo de história é considerado algo mais relevante para a sociedade que a história tradicional e elitizada, ensinada nas escolas de educação básica. Isto se evidencia pelo desinteresse da grande massa pela educação patrimonial. Observa-se hoje na sociedade o conceito de patrimônio histórico como algo sem significado, que passa despercebido, quando não é (neo)folclorizado. Reflete-se um conceito de história fechada, morta, sem muita importância. Patrimônio é visto como algo sem utilidade em uma sociedade que vê o passado como objeto de simples nostalgia. A história conhecida popularmente é a chamada história dos vencedores, das

elites, dos monumentos, dos feriados. Excluíram-se, no ensino tecnicista, outras narrativas. Deste modo, a sociedade despreza a história quando não se identifica que ela. A história, enquanto instrumento da memória social, constrói identidades, e porque não dizer, constrói a sociedade. Mária Célia Paoli afirma que uma sociedade que despreza sua memória é destituída de cidadania pela falta de conhecimento. Neste âmbito, as fontes orais são de extrema importância para a construção da memória social, visto que abrangem pontos de vista onde as fontes documentais não são eficientes.

NARRATIVAS BIOGRÁFICAS E AUTOBIOGRÁFICAS DE MEMÓRIAS DE INFÂNCIAS PARAIBANAS.

Anny Glayni Veiga Timóteo

A partir de um trabalho de investigação no campo educacional e comunitário, foram feitas narrativas biográficas e autobiográficas com o intuito de perceber a existência de diferentes formas de percepção do sentimento de infância. Observou-se que as diferenças econômicas também influenciam com relação a esse sentimento. Com as observações participativas que foram feitas em escola particular (UEI) e pública (Padre Antonino), percebemos que a experiência de infância é representativa, havendo, no entanto heterogeneidade do sentimento de infância. O principal objetivo deste artigo é investigar o amplo espaço lúdico infantil a partir das diversas realidades sociais, percebendo os brinquedos e as brincadeiras como patrimônio cultural.

JOÃO E MARIA: UMA TERRÍVEL HISTÓRIA DA CRIANÇA SEM INFÂNCIA?

Jannefrance Gonçalves da Costa (Graduada) - UFCG

A invenção da infância moderna não garantiu as crianças uma história de cuidado e afeto. As desventuras das crianças abandonadas e suas problemáticas relações familiares de desavenças e violências fazem parte do cotidiano de muitas crianças no Brasil, apesar da sociedade buscar impor modelos de família e seus papéis do que seja uma boa mãe, um bom pai, um bom filho assim por diante. Não adotar os padrões estabelecidos se constitui num desvio de conduta não visto com bons olhos, mas quando esses desvios às normas provocam ressentimentos? As histórias narradas pelos corpos infantis abandonados por seus pais biológicos, adotados informalmente por suas avós, uma realidade que vem crescendo e reconfigurando os papéis sociais na família contemporânea na Paraíba (RAMOS, 2008), nos transporta a outro universo simbólico. A história da criança ao longo do tempo e do espaço tem demonstrado como o cuidado e afeto dos pais é um sentimento contingencial, por isso incerto e frágil. As narrativas autobiográficas das crianças entrevistadas desvelam e desnaturalizam o amor incondicional celebrado enquanto um sentimento natural (BADINTER, 1985). Pais e mães que matam, espancam, exploram e violam seus filhos, são cercados por um véu que emudece e encobre a faceta terrificante que expropria os sonhos de diversas crianças. Assim sendo, desestabilizar os lugares ontologicamente sacralizados por uma

moral cristã, que investiu nos modelos matrimoniais, enquanto instituição sagrada, tendo a mulher o papel da “santa-mãezinha”, como aquela que abdica de qualquer ambição pessoal em prol de sua família e o pai enquanto guardião da interdição e provedor é o objetivo da pesquisa, pois esses personagens não são os que encontramos nas casas investigadas e sim, sujeitos que não protagonizam as histórias de suas famílias. Repensar os papéis desses genitores é olhar no espelho o reflexo desse outro não tão agradável, mas em contra partida é olhar também para uma geração de crianças negligenciadas por esses pais.

MEMÓRIAS DE BRINQUEDOS E BRINCADEIRAS: HISTÓRIAS DE SENSIBILIDADES LÚDICAS PLURAIS

Radmila Fanny Resende de Andrade
Dr^a. Keila Queiroz e Silva - UFCG

Este artigo vem analisar as diferenças de classes e gênero a partir de uma investigação participativa sobre experiências de infância na Escola Municipal Padre Antonino no bairro bodocongó em Campina Grande e na creche (UEI) localizada dentro da Universidade Federal de Campina Grande. Pretendíamos focar como o ambiente social influencia na concepção e nas formas de brincar, pensando-os como construção do patrimônio cultural, de modo que através da educação patrimonial os brinquedos sejam reconhecidos socialmente como patrimônio material e as brincadeiras na condição de patrimônios imateriais. As contribuições desse trabalho no campo da pesquisa consistem no trabalho com biografias e autobiografias. E no que diz respeito ao ensino podemos ressaltar a presença do lúdico na sala de aula como uma tentativa de ruptura com a concepção de currículo escolar Fordista e disciplinarizadora dos corpos. Nessa perspectiva procuramos fazer com que os atores escolares compreendessem que brincar também pode ser uma forma de aprendizagem e construção da identidade individual e social da criança.

NARRATIVAS DE SENTIMENTOS DE INFÂNCIA NA VELHICE: UMA FORMA DE REVIVER A INFÂNCIA

Níobe Neves Henriques
Dr^a. Keila Queiroz e Silva - UFCG

Este artigo tem como proposta analisar o sentimento de infância dos idosos da Pastoral da Pessoa Idosa da cidade de Campina Grande, a partir das experiências que foram expostas nas oficinas de memória do PROJETO EDUCAÇÃO HISTÓRICA E PATRIMONIAL NO ENSINO FUNDAMENTAL: Uma Travessia Intergeracional. Nas atividades realizadas com o grupo de idosos, elaboradas previamente, privilegiamos um espaço no qual as experiências guardadas na memória ganhem corpo e sentidos polissêmicos através das narrativas biográficas e autobiográficas. Nesse trabalho contextualizamos as experiências de brincar e de brincadeira dentro das diversas espacialidades, gênero, geração, classe social e, investigamos as diversas sensibilidades

lúdicas como patrimônio cultural e ethos cultural, de modo que a brincadeira se insere como patrimônio imaterial e o brinquedo como patrimônio material. Nessa perspectiva as experiências de infância são representativas e não cronológicas, o idoso no momento da oficina assume uma performance de criança, revive sua infância. Deste modo o que se percebe é que o idoso recupera as suas histórias e experiências, rompendo com as fronteiras da idade e da vida. Essa proposta de educação intergeracional tem contribuído para que haja relações mais pacíficas entre as diversas gerações, como também uma maior socialização entre elas.

**MEUS COMPADRES, MINHAS COMADRES E MEUS AFILHADOS -
POLÍTICA, PODER E COMPADRIO: REFLEXÕES DE UMA BIOGRAFIA**

José Anchieta Bezerra de Melo (Mestrando) - UFPB
José Márcio da Silva Vieira (Mestrando) - UFCG

Esta comunicação pretende analisar, a partir da entrevista em foco, elementos que evidenciam o quanto a história de vida, especificamente a biografia, ultrapassa o caráter individual do que é transmitido e se insere nas coletividades a que o narrador pertence. O nosso entrevistado foi o senhor Tertuliano Nunes de Moraes, prefeito do município de Tavares por quatro legislaturas, e um dos mais influentes políticos da micro-região de Princesa Isabel, sertão da Paraíba. Pretendemos, com essa discussão, empreender a análise de conceitos, pressupostos, vantagens e dificuldades de aplicação da técnica da em história de vida, estabelecendo sua inserção dentro do quadro amplo da história oral, que também inclui depoimentos, entrevistas, biografias e autobiografias. Os trabalhos baseados nos relatos orais tentam incorporar as vantagens da subjetividade dos documentos produzidos pela metodologia da História Oral, que pode ser considerada um instrumento privilegiado para análise e interpretação de dados na medida em que incorpora experiências subjetivas mescladas a contextos sociais.

**A AUTOBIOGRAFIA NOSSO LAR: ENTRE A VERDADE ESPÍRITA E A
ESCRITA DE SI**

Ms. Iracilda Cavalcante de Freitas Gonçalves - UFPB

Nos últimos anos, o olhar dos pesquisadores, no campo das Ciências Humanas, instaura uma abertura nos campos de observação, nos objetos a serem observados e, especialmente, no corpus utilizado para o estudo desses objetos. Como afirma o filósofo M. Foucault, da observação da “voz” instituída, passa-se a escuta dos “saberes locais, descontínuos, desqualificados, não legitimados” (FOUCAULT, 2000, p. 171), especialmente, a fala recusada, “o discurso anônimo, o discurso cotidiano, todas essas falas esmagadas, recusadas pela instituição ou afastada pelo tempo” (FOUCAULT, 2003). De conformidade com esse “novo” fazer científico, observaremos saberes que circulam no campo discursivo Espírita sobre a mediunidade psicográfica. Para tanto, selecionamos como corpus o texto *Nosso Lar*, produzido pelo médium psicógrafo Francisco Cândido Xavier, de autoria do sujeito psicografado André Luiz.

Materializado no gênero discursivo autobiografia e veiculada no suporte de texto, convencionalmente denominado de livro, esse enunciado carrega marcas que denunciam as especificidades do seu modo de enunciação e, ainda, particularidades que singularizam a comunidade discursiva que o utiliza. Isto porque, conforme o teórico Bakhtin (2000, p. 279) os diferentes gêneros discursivos para que possam circular, em campos discursivos diversos, devem atender as necessidades da comunidade discursiva que os utiliza. A escolha dessa autobiografia como corpus de estudo deve-se ao fato de entendermos que a autobiografia, enquanto gênero discursivo apropriado para o relato de experiências individuais, constitui-se uma prática discursiva que atende de forma satisfatória às necessidades comunicativas desse campo discursivo. Pela escrita psicográfica, os relatos autobiográficos se constituem como um dos gêneros mais propícios para divulgar as *verdades* sobre a vida além-túmulo, tão caras a essa doutrina, uma vez que, a marca identitária desse gênero é o princípio do pacto com a “verdade”. Para subsidiar esse nosso gesto de compreensão utilizaremos os fundamentos teórico-metodológicos da Análise de Discurso de linha francesa (AD), na perspectiva de M. Pêcheux, M. Bakhtin e M. Foucault. Conforme afirma Pêcheux (1997, p. 48), essa teoria oferece instrumentos para a compreensão não só de “grandes” textos, como de textos dos múltiplos enunciadoreis do cotidiano, esteja ele materializado em elementos lingüísticos e/ou não lingüísticos, em qualquer campo discursivo e, ainda, em diferentes suportes textuais.

PORFÍRIO DE LIMA FILHO: UM REPÓRTER CRIMINAL NO INÍCIO DO SÉCULO XX EM FORTALEZA

Msc. Francisco Linhares Fonteles Neto - UERN

A presente comunicação tem como espoco discutir as construções estereotipadas e os estigmas sociais elaboradas sobre os presos da Cadeia Pública de Fortaleza, no início do século XX. Analisamos os noticiários escritos por Porfírio de Lima Filho que além de diretor da referida instituição era jornalista. Porfírio colaborava com certa regularidade, escrevendo pequenas notas sobre o mundo do crime em Fortaleza, perfis de criminosos e características dos detentos da Cadeia Pública de Fortaleza, para os periódicos da imprensa local. Seus artigos ajudaram a construir ao longo do tempo um imaginário na cidade de Fortaleza sobre a Cadeia como um monumento de tortura e punição, encravada no coração da capital cearense, entupida de feras humanas, perigosas e enjauladas. Suas narrativas apontam para o pitoresco, para o excepcional, criando medo e ao mesmo tempo fascínio nos leitores que estavam sempre à espera da próxima notícia.

OS "MUNDOS" DO TRABALHO NOS ANÚNCIOS DOS JORNAIS OITOCENTISTAS

Lucimar Felisberto dos Santos (Doutorando) – UFBA/IFP

Proponho nesta comunicação abordar o processo de industrialização e de consolidação do mercado do trabalho urbano, livre e assalariado no Rio de Janeiro nas décadas finais do século XIX, em seus pontos de contatos com o sistema de escravidão. Avaliando por meio da análise dos anúncios dos classificados do Jornal do Commercio o deslocamento de sentidos das idéias de “trabalho” e “trabalhador” e como estas ganhavam novas formas e conteúdos, movendo-se em um campo de força – os mundos do trabalho – que envolvia a cada dia um maior número de portadores dos mais variados perfis sociais. O principal objetivo é refletir sobre processos de formação das classes trabalhadoras urbanas e, compreender como os diferentes sistemas e modalidades de trabalho, status e estatutos sociais contribuam na formação de uma classe social, que no contexto capitalista é traduzida como constituída por aqueles que trabalham com os instrumentos de outra pessoa, isso é, destituídos dos meios de produção, possuidores apenas de sua força de trabalho para sobreviver, ou seja, o proletariado. Interessa as circunstâncias que possibilitou os mundos do trabalho urbano no Rio de Janeiro oitocentista dar forma a classe social. Entendendo que apesar da invisibilidade histórica dos operários que estavam fora dos sistemas fabris suas experiências históricas constituem sim a história do operariado brasileiro e devem ser resgatadas nestes termos. Daí a proposta de superar esta lacuna da historiografia com novos estudos que apresentem como foram historicamente reproduzidas desigualdades nas relações sociais de trabalho na sociedade brasileira, com o claro propósito de associar estas transformações às reflexões que vem sendo feitas em torno da formação da classe operária brasileira. A análise dos critérios de escolha do trabalhador, possíveis de recuperar a partir dos anúncios a procura por mão-de-obra se apresenta como mais uma possibilidade de reconstituição deste processo. Este esforço de reflexão, que possibilitou um novo campo de estudo agregador de pesquisadores tradicionalmente envolvidos nas temáticas da escravidão e do trabalho, tem colocado em relevo as experiências compartilhadas por indivíduos de diversas cores, condições sociais, naturalidades e nacionalidades processando-as de modo a chamar atenção para os elementos que permitam reconstituir o universo de trabalho e as relações sociais dos trabalhadores de várias classes populares. Busca-se perceber a construção de comunidade de interesses entre estes trabalhadores e, citando Thompson, quando “sentem e articulam a identidade de seus interesses entre si, e contra outros homens cujos interesses diferem (e geralmente se opõem) dos seus”.

FOLHAS, PAPÉIS E CARTAS: O LUGAR DA IMPRENSA EM PERNAMBUCO NA DÉCADA DE 1820

Rodrigo Acioli Peixoto (Mestrando) - UFPE
Dr. Flávio Weinstein Teixeira - UFPE

A pesquisa será uma investigação das cartas, votos, pronunciamentos e manifestos que foram impressos na década de 1820 na Província de Pernambuco. Impressos agrupados genericamente como folhetos, papéis incendiários, etc., marcados por uma imprecisão quanto a sua “materialidade”, composição e circulação. Imprecisão sentida de dois modos. De um lado, a imprecisão se manifesta na vasta gama de possibilidades desses impressos ser apropriados por indivíduos do período. De outro, a produção historiográfica, muitas vezes diminui o seu potencial como um elemento

problematizador. Os folhetos assim como os periódicos circulavam formando uma complexa rede de comunicação, o que parece exigir o estudo de suas especificidades. Isso posto, caminharemos no sentido de compreender as articulações entre os formatos da literatura impressa e as leituras que se podiam fazer da mesma, procurando marcar a especificidade das diferenças e das pertenças ao campo da “imprensa” nascente. O que procuraremos desvelar é o “dar-se a ler” dessas fontes, isto é, como a escritura traz a tona suposições de sua leitura e escrita, ou de outro modo, como ela revela sua situação. A articulação dos conceitos será cosida a partir da crítica literária de matriz barthesiana, e a historiografia da leitura, a partir de Roger Chartier. Os impressos que nos servirão de pontos de partida são as publicações de Frei Caneca, entre os anos de 1822 e 1824, que nos servem para problematizar as variedades de impressos, desde as Cartas de Pítia a Damão, O Caçador atirando a Arara Pernambucana, a Solenidade de Aclamação de D. Pedro, aos votos que proferiu. Impressos e postos em circulação no Recife, os folhetos ocuparam diversas posições nos debates e questões da época, respondendo a diferentes políticas de escritura. Cabe-nos, portanto, pesar o lugar desses impressos no sistema de comunicação impressa do século XIX.

IMPrensa ESCRITA E ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS: O “DISCURSO DO MEDO” EM PERIÓDICOS DE CIRCULAÇÃO NACIONAL

Ada Kesea Guedes Bezerra (Doutoranda) – UFCG

A história política de um país revela características significativas sobre a cultura, os anseios e o imaginário coletivo de seu povo. É possível identificar alguns fatores que historicamente têm incidido na configuração de uma cultura política de caráter híbrido que mistura posturas favoráveis à democracia e predisposições negativas em relação às instituições políticas. Um fator que não é conjuntural nem temporário, mas, de caráter estrutural e definidor de uma cultura política delineada por uma trajetória tortuosa que oscilou entre oligarquia (1889/1930), ditadura (1937/1945 e 1964/1985) e populismo (1946/1964), além de golpes ou tentativas de golpes compreendidos entre 1930 a 1990, passando por um período de redemocratização até chegar finalmente, ao regime democrático. Já no cenário atual, os meios de comunicação de massa constituem espaço primordial de visibilidade pública das disputas eleitorais. Meios não apenas de emissão de mensagens, mas também de apropriação de discursos e formadores de opinião. A imprensa escrita de circulação nacional representa em períodos de eleições majoritárias, fontes de informação para o eleitorado, espaço de visibilidade para os candidatos e elementos determinantes de agendamento das questões políticas na esfera de discussão e interesse público e midiático. Desta forma, este artigo tem como finalidade apreender nas publicações dos grandes periódicos de circulação nacional, como os exemplares das revistas “Veja”, “Época”, e “Isto É”, e dos jornais “Folha de São Paulo” e “O Estado de São Paulo”, as matérias e reportagens que abordaram o “discurso do medo” tantas vezes evocado nos períodos das cinco campanhas presidenciais, de 1989 a 2006. A premissa que respalda este texto surge da percepção de que o discurso do medo se fez presente em todas as campanhas presidenciais das quais participou o então Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, não apenas nas falas dos adversários, mas também nos conteúdos dos referidos periódicos. Este discurso ecoou ora mais ora menos freqüente, mas por

vezes de impacto significativo no resultado das eleições. Analisar tais conteúdos pode fornecer elementos importantes sobre um recorte da história política do país; evidenciar a atuação destes periódicos na esfera eleitoral e ainda apontar possibilidades de entendimento sobre o imaginário político brasileiro.

A EDUCAÇÃO NOS PERIÓDICOS ALAGOANOS DO SÉCULO XIX

Monica Luise Santos (Graduando) - UFAL
Rosilda Germano da Silva - UFAL

Esta comunicação tem como foco apresentar elementos da pesquisa referente à educação em periódicos Alagoanos, entre 1850 e 1950, a qual se encontra em andamento. O uso da fonte jornalística é importante por ela ser um meio de informações sobre a história da educação brasileira em virtude de relatar os eventos no momento em que acontecem. O pesquisador que se apóia em fontes periódicas tem a possibilidade de evidenciar fatos locais de conteúdos diversificados e temas recorrentes de uma dada época. Atualmente a pesquisa conta com um catálogo contendo cerca de 600 matérias distribuídas em fichas catalográfica constando de nota bibliográfica, resumo informativo, palavras-chave, localização do periódico e informações complementares. Os jornais pesquisados, Diário das Alagoas (1858-1895), O liberal (1869 -?) e o Gutenberg (1881-?) encontram-se nos acervos do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas e do Arquivo Público do Estado. Durante o século XIX vários jornais foram criados em Alagoas sendo em sua maioria vinculados a partidos políticos. Os jornais apresentam perfis diversos. O Diário das Alagoas estava ligado ao Partido Conservador, suas matérias, relacionadas à educação, geralmente apareciam na coluna oficial em razão dos presidentes da província alagoana se valer dos jornais para tornarem público seus atos, na ausência de um diário oficial. As notícias sobre educação eram apresentadas em forma de despachos, requerimentos, ofícios e portarias. Tratavam sobre remoção, admissão, demissão, pagamentos, licença médica e aposentadoria dos docentes, além de notícias referentes aos colégios públicos e particulares circulavam anúncios de livros. O Liberal pertencia ao Partido Liberal, em suas matérias constata-se a publicação de notícias relativas aos docentes e colégios particulares, bem como à divulgação dos resultados obtidos por seus alunos nos Exames Gerais de Preparatórios. Embora, em determinado momento, tenha posto suas páginas a serviço do governo provincial publicando diariamente o expediente administrativo, é possível encontrar assuntos diversos sobre a educação escolar. Já o Gutenberg por defender a causa abolicionista e republicana filiou-se ao grupo liberal. Destacava em suas colunas notícias sobre instituições escolares destinadas à classe popular. Observa-se o tratamento positivo dado às instituições escolares não necessariamente oficiais, mas criadas por associações ligadas a grupos abolicionistas e/ou republicanos, como o Liceu de Artes e Ofícios e a Escola Central. O uso da fonte jornalística além de permitir um rico trabalho com os mais diversos temas proporciona ao pesquisador uma ampla leitura da época pesquisada.

UMA CIDADE IMPRENSA NAS PÁGINAS DE O MOSSOROENSE

Msc. Paula Rejane Fernandes - UEPB

A cidade de Mossoró – RN viu seu primeiro periódico local, cujo nome era Jornal Mossoroense, em circulação no ano de 1872. Em suas páginas o editor juntamente com os colaboradores forneciam aos leitores informações a respeito das novidades que aconteciam em outras cidades, e especialmente, sobre as que aconteciam em Mossoró como a construção do cemitério público, abertura do Club Dramático Familiar, as disputas políticas, os anúncios de venda de produtos, no século XX, tais anúncios ficam mais atrativos com o uso das fotografias, as denúncias de sujeiras no espaço público. Tais notícias informavam e formavam não apenas o leitor do Mossoroense, elas permitem ao historiador investigar o passado, mais precisamente as formas como este foi sentido, nomeado, vivido. Sendo assim, o jornal fornece pistas sobre a passeidade, e por ser uma fonte rica em pistas a respeito do cotidiano, debruçamos nosso olhar sobre ele para analisarmos a forma como o mesmo descrevia em suas páginas a modernidade em Mossoró. Esta deu-se principalmente através do processo de modernização, isto é, a aquisição de elementos do viver moderno como o próprio jornal, a luz, o cinema, o carro. Além disso, investigamos como a escrita do jornal descrevia e criava a cidade como estando irmanada com o novo, com o progresso. Investigamos também como o periódico criava um habitante ideal para transitar e fazer uso do espaço citadino: homem saudável, desprovido de vícios; mulher recatada e voltada para os afazeres do lar. Para tanto, dialogamos com a História Cultural, pois nos permite problematizar as formas como o passado pensava, nomeava e representava a si mesmo de modo a produzir sentidos que orientavam o habitante do passado a viver e a sentir o mundo.

A HISTÓRIA POR MEIO DOS PERIÓDICOS

Taciano Correia da Silva (Graduando) - FFPNM/ UPE

O número de trabalhos historiográficos que se valiam de periódicos como fonte ainda era muito pequeno na década de 1970. Entretanto, a introdução, a difusão e a trajetória de jornais e jornalistas no país já contavam com uma significativa bibliografia. Dessa forma, nota-se que a preocupação em escrever a História da imprensa não era nova, porém havia certa resistência, digamos assim, no uso da imprensa como fonte para a escrita da História. Essa situação não era fato exclusivo da realidade brasileira e refletia o peso da tradição da corrente historiográfica tida como positivista ou metódica predominante durante o século XIX e o início do século XX, cujo ideal da busca pela verdade dos fatos e por uma História objetiva, que se julgava atingível por meio de documentos escritos, estabeleceu uma hierarquia qualitativa entre eles, na qual os jornais pareciam pouco adequados para a recuperação do passado. Esta pouca adequação se dava pelo fato de serem os periódicos, segundo esses historiadores, registros fragmentários do presente, concebidos por interesses e compromissos particulares, fornecendo, portanto, imagens distorcidas, parciais e subjetivas em vez de captar o fato como realmente ocorreu. A sua tímida utilização em meados do século XX resultou da crítica a essa concepção realizada pela Escola dos Annales, em 1930, que de imediato não implicou no reconhecimento das potencialidades da imprensa como fonte

histórica. Alguns estudiosos como a historiadora Tânia Regina de Luca, por exemplo, reconhece que percorrer a trajetória que vai da desconsideração à centralização dos periódicos na produção do conhecimento histórico, significa percorrer também parte da trajetória dos temas, das problemáticas e dos procedimentos metodológicos da própria historiografia. Com base em tal discussão teórica, este trabalho pretende expor a importância da utilização de periódicos não apenas como fonte para a pesquisa histórica, mas também como o próprio objeto dessa pesquisa. Para isso, far-se-á necessário uma análise bibliográfica a respeito do tema, assim como de trabalhos que se utilizaram da imprensa escrita como fonte ou como objeto de estudo. Este trabalho representa a ramificação de uma pesquisa maior cujo foco se direciona para o discurso da imprensa escrita acerca do Golpe Civil-Militar brasileiro na cidade do Recife, entre os anos de 1964 a 1968.

A IMPRENSA, O IMAGINÁRIO SOCIAL E AS MANIFESTAÇÕES URBANAS

Paula Dieb Martins (Graduanda) - UFPB
Dr^a Maria Berthilde Moura Filha - UFPB

Sendo as cidades, reconhecidamente associadas às idéias de civilização e progresso - dominadas desde o século XIX - A Imprensa, o Imaginário Social e as Manifestações Urbanas aborda o papel da imprensa no desenvolvimento e na formação do imaginário social e sua relação com o ambiente urbano no período compreendido entre 1916 e 1920 na cidade da Parahyba do Norte, tendo como base a pesquisa em periódicos da época que eram produzidos e distribuídos na capital paraibana. Busca-se visualizar os problemas urbanos enfrentados, as solicitações da população quanto aos melhoramentos e serviços essenciais para enfrentar a nova realidade urbana gerada pelo contexto local, bem como pela pressão de fatores diversos, vindos para além dos limites do Estado da Paraíba. Como resultado desta pesquisa identifica-se uma imprensa local com o papel de intermediador entre a população e o poder público, apontando os problemas, requerendo e cobrando melhoramentos para a cidade. Reclamava-se do estado sanitário da cidade, em relação, principalmente, à falta de higiene nas ruas pelo acúmulo de lixo e pela ausência de esgoto. Nesse contexto, eram recorrentes notas sob o título “Com a prefeitura”, as quais faziam menção a problemas como: atraso na remoção e no transporte de lixo, calçamentos das vias e passeios danificados, ruas invadidas por animais e vegetação, falhas nos serviços de bonde e iluminação, ausência de canalização das águas servidas e pluviais, entre outros. Na sua posição de informante e formadora de opinião, a imprensa também apresentava as novidades vindas de outras regiões do país e até mesmo do exterior. Dessa forma, a capital paraibana se mostrava inserida na realidade das outras cidades, tanto pelo conhecimento das causas e dos fatos quanto pelo anseio da modernização que esse conhecimento motivava. Isso levava a população a reclamar que a cidade da Parahyba do Norte ainda se mantinha com uma imagem vinculada ao seu passado colonial, fazendo-se necessário uma mudança não somente na sua estrutura urbana, como também o desprendimento dos vícios e costumes de outrora. A partir desse pensamento, a elite intelectual se mostrava insatisfeita com os rumos que a capital paraibana ia tomando, reivindicando uma postura do poder público no sentido

de sanar os problemas, ao mesmo tempo em que a imprensa reforçava seu papel de formadora de opiniões e de fonte de construção de um imaginário social.

**A IMPRENSA E OS REGISTROS DE ARQUITETURA E URBANISMO EM
JOÃO PESSOA – 1850 A 1936**

Ana Emília Fernandes Lacerda (Graduanda) - UFPB
Dr^a. Maria Berthilde Moura Filha - UFPB

Sob o título “Registros de Arquitetura e Urbanismo em João Pessoa – 1850 a 1936” vem sendo desenvolvida uma pesquisa sob a coordenação do Laboratório de Pesquisa Projeto e Memória (LPPM), o qual é vinculado ao Departamento de Arquitetura do Centro de Tecnologia da UFPB. Seu principal intuito consiste na investigação sobre a produção arquitetônica e urbanística da cidade da “Parahyba do Norte” – atual João Pessoa, no período compreendido entre a segunda metade do século XIX e as primeiras décadas do século XX. A pesquisa, que vem sendo realizada há três anos, tem como principal objetivo a obtenção de informações a respeito do ambiente urbano e da produção arquitetônica na então capital paraibana por meio da consulta a periódicos produzidos e distribuídos na mesma durante o recorte temporal delimitado. Essas informações constituem subsídios para a melhor compreensão da realidade da cidade neste período sob diversos aspectos, como a vida social, a utilização dos espaços públicos, as transformações urbanas, os padrões arquitetônicos, as ações políticas e administrativas, entre outros. Considerando o campo temático da história urbana, o período estudado é considerado como um dos grandes marcos da construção do ideário de modernização urbana no Brasil. Este ideário já vinha sendo perseguido na Europa, onde as reformas urbanas empreendidas por Haussmann, em Paris, se tornaram uma referência paradigmática. No Brasil, essas reformas chegam em um momento em que a busca do progresso era parte dos anseios do poder público e da sociedade, em especial após a proclamação da República, quando a ordem e o progresso passaram a ser o lema do novo poder estabelecido, que colocava estas metas como um contraponto com o passado colonial e imperial do Brasil, períodos aos quais se referiam como a antítese do desenvolvimento que preconizavam. Na cidade da Paraíba, as idéias de modernização urbana não eram estranhas naquela época, estando as notícias coletadas ao longo desta pesquisa confirmando a visão da sociedade, da imprensa e do poder público sobre os anseios de modernidade e as ações de modernização próprias da realidade estudada.

**AS FESTIVIDADES RELIGIOSAS E AS NOVAS OPÇÕES DE LAZER
URBANO NA PARAHYBA DO NORTE NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO
XIX: UMA SOCIEDADE ENTRE A TRADIÇÃO E O PROGRESSO**

Gabriela Maria de Lima Cardoso (Graduanda) - UFPB
Dr^a. Maria Berthilde Moura Filha - UFPB

O presente artigo é fruto da pesquisa intitulada “Registros de Arquitetura e Urbanismo em João Pessoa” que tem como principal objetivo motivador o resgate e catalogação das

notícias referentes à cidade e à vida urbana na segunda metade do século XIX, utilizando-se de periódicos disponibilizados pelo acervo do Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba (IHGP). A relevância dessa pesquisa se dá no âmbito da reunião, como também, da preservação das informações dispersas nesses periódicos, constituindo uma base de dados acerca do processo de construção e transformação da capital paraibana no dado período. Esse patrimônio imaterial já começa a dar frutos no sentido de estabelecer um “novo” paradigma para pesquisas sobre a cidade da Parahyba do Norte. Nesse sentido, este artigo tem como fonte primitiva para sua fundamentação as notícias coletadas através desse material. Notícias estas que sugerem elementos e vestígios no campo das práticas de lazer e das redes de sociabilidade frente às tradições e atividades religiosas. Abordar o papel que a Igreja vem exercendo na sociedade através dos tempos é um tema recorrente em estudos nos diferentes ramos da ciência. Dessa forma, pretende-se, com esse trabalho, proceder a uma investigação de como as festividades religiosas refletiam essa influência da Igreja na sociedade da cidade em questão, apresentando-se ainda como forte instrumento de sociabilização. Nos periódicos pesquisados, observou-se a natureza dos eventos sociais naquela época, constatando-se a recorrência de notícias que relatam o aparecimento de “sociedades” e “clubes de classes” que surgiram como nova forma de interação social na cidade. A respeito disso, é lançado um questionamento no qual se discute a possibilidade dessas novas opções de lazer sobressaírem em detrimento das tradicionais festividades religiosas. Para uma melhor sistematização do presente artigo, ele foi dividido em três itens. O primeiro introduz a temática, caracterizando as atividades religiosas no Período Colonial. Já o segundo discorre sobre aspectos dessas festas na cidade de João Pessoa. Observa-se, nesse item, a lista originada pela pesquisa nos periódicos, mostrando o panorama geral dos atos litúrgicos que faziam parte do cenário religioso da época. Por fim, o terceiro item contém a análise dessas festividades frente ao surgimento de novas formas de lazer urbano.

ENTRE O PROGRESSO E O OUTRO: O INFORMATIVO MUNICIPAL E SEU DISCURSO DESENVOLVIMENTISTA (ARCOVERDE 1970)

Helder Remigio de Amorim (Mestrando) - UFRPE
Dr^a Ana Lúcia do Nascimento Oliveira - UFRPE

O presente artigo analisa o discurso modernizador e progressista do periódico Informativo Municipal que circulou na cidade de Arcoverde, no sertão pernambucano, durante a década de 1970. Naquele período a economia brasileira apresentava sinais que impressionavam o mundo com o “milagre econômico”. Seguindo a mesma vertente, o município de Arcoverde também delineava bons indicadores econômicos e se efetivava como cidade pólo da região do sertão do moxotó. Apesar do seu clima bucólico de cidade do interior, seus habitantes já conheciam muitos símbolos do progresso, principalmente aqueles relacionados com a velocidade. O trem (de carga e de passageiros), o avião, os automóveis. É bem verdade que estes dois últimos não estavam ao alcance de toda a população; sendo compreendidos como símbolos de status e até mesmo de distinção social. Desse modo, a eletricidade não era mais novidade há quase vinte anos – desde o desuso do antigo motor a óleo diesel – o seu advento propiciou o

acesso a outros símbolos da modernidade como o rádio, e posteriormente a televisão. O cinema era um velho conhecido dos arcoverdenses, o mais antigo deles era o cinema Rio Branco, fundado no início do século XX. Contudo, analisaremos as tentativas do Poder Municipal de normatizar o espaço urbano, desenvolver economicamente a cidade, e torná-la civilizada. Contudo, relacionaremos o Informativo Municipal com outros periódicos que circularam no mesmo período. Além do Plano de Desenvolvimento Urbano, e as memórias daqueles que vivenciaram o momento. Por conseguinte, procuraremos compreender de que maneira os processos de modernização pretendiam combater as práticas arcaicas que agora não mais cabiam para uma cidade que buscava o progresso e como mencionou um prefeito da época: Arcoverde é assim uma cidade buliçosa e irrequieta, onde todos, ombro a ombro, se esforçam para torná-la a mais progressista do interior pernambucano. Dessa forma, pretendemos desvendar a relação entre progresso e seus antônimos, percebendo assim as entrelinhas por meio da crítica dos documentos oficiais.

**QUANDO A FONTE DE PESQUISA NÃO É CONFIÁVEL – COMO A
DISTORÇÃO DOS FATOS TORNOU O DIÁRIO DA BORBOREMA O MAIS
STALINISTA DOS JORNAIS CAMPINENSES NAS DÉCADAS DE 70 E 80**

Cicero Antônio Dias Pereira (Graduado) - UEPB

Ao usar o Diário da Borborema, jornal do Grupo Associado com mais de 50 anos de circulação em Campina Grande, como fonte em nossa pesquisa no curso de pós-graduação em História e Cultura Afro-brasileiras, da Universidade Estadual da Paraíba, acerca do preconceito ao negro no Jornalismo Policial, nos deparamos com uma situação inquietante: percebemos que, quando cotejadas com as de outros periódicos igualmente consultados, dezenas de reportagens sobre fatos importantes do cotidiano desta cidade foram deliberadamente mutiladas por aquele veículo de comunicação. Nomes e fotografias de agentes históricos – detentores de cargos públicos, empresários e até jornalistas -, eventualmente desafetos do jornal, foram omitidos ou suprimidos de matérias sobre Política, Economia e Cultura. O presente artigo, desta forma, analisa como o DB, graças a alterações discursivas e diagramação mal-intencionada, entre outros -, adotou práticas editoriais que o tornaram o mais stalinista dos jornais campinenses durante as décadas de 70 e 80. O resultado prático desta postura é a diminuição de sua confiabilidade como fonte histórica capaz de fornecer elementos para a construção de uma representação lógica do passado. Nosso trabalho, assim, se encontra dividido em três partes: na primeira, promovemos a contextualização de nossas descobertas. Na segunda, evidenciamos o caráter das recorrências registradas e sua motivação ideológica. E na última, discorremos a respeito das consequências desta stalinização do comportamento editorial do DB, certamente procurando impedir que as gerações tomem conhecimento de seu passado recheado de adulterações da história, transferiu seus arquivos para a sede regional do grupo empresarial, no Recife, e passou a cobrar pelo acesso de pesquisadores paraibanos as suas páginas, o que tem criado óbices à conclusão de pelo menos 20 trabalhos acadêmicos nos mais variados níveis.

**A MULHER OPERÁRIA: A CONTRIBUIÇÃO FEMININA NA IMPRENSA
ANARQUISTA NO INÍCIO DO SÉCULO XX**

Denise Cristina Ferreira (graduada) - UFCG

Esse trabalho trata-se de uma análise cuidadosa da presença feminina na imprensa operária anarquista. Este jornal chamado A Plebe apresentou um diferencial por ser uma imprensa composta por operários, os quais editavam, confeccionavam e financiavam suas próprias publicações. A atuação desse jornal marca os períodos de 1917 até fins dos anos 40, sendo esse oriundo da cidade de São Paulo. A participação dos operários na constituição de uma imprensa própria foi peculiar para a elaboração de um pensamento contundente. Este jornal atravessou décadas, foi mensal, quinzenal e chegou a ser diário. Sua repercussão foi intensa dentro e fora do Brasil. Foi um importante instrumento para a propagação do pensamento operário e para a organização dos trabalhadores, sendo um dos mais bem reconhecidos no meio social. Atuou num cenário de muita repressão social e foi por varias vezes foi interrompido e perseguido pela política vigente. A preocupação deste estu do foi apresentar a participação feminina na imprensa operária, tendo o cuidado de analisar esta fonte, refletindo na produção feminina. Mais levando em consideração os conflitos e adversidades sofridas pela mulher neste período. Um momento de repressão social no qual a mulher estava ainda muito presa a valores conservadores e patriarcais. Tendo ainda como principal influência de vida a igreja. Então, foram selecionados ao todo quarenta e oito artigos, selecionados da seguinte forma: vinte sete artigos assinados por mulheres, dez artigos que assinados por homens e por fim doze sem autoria. Feita tal seleção parti para uma análise minuciosa dos temas abordados em cada artigo, estabelecendo uma relação entre eles e propondo um diálogo com variados pensamentos. Por isso vimos a participação feminina foi significativa e percebida neste período. Os temas debatidos nos artigos fazem parte de um caldeamento de fatos que envolvem a sociedade: amor livre, prostituição, maternidade, militarismo, condição da mulher operária, greves, educação, entre outros. Os artigos analisados fazem parte de um acervo de documentos históricos. São registros de experimentos libertários que expressam um pensamento crítico e intempestivo. Os jornais foram fotografados nos arquivos públicos em São Paulo e depois gravados em CD. Com o auxílio dessas imagens estudei o pensamento social desses escritores. Esses artigos foram catalogados em ordem cronológica, a fim de compreender a constituição da história brasileira.

**HUMOR, CULTURA E POLÍTICA NAS CHARGES DO JORNAL DA
PARAÍBA**

Dr^a. Elizabeth Christina de Andrade Lima - UFCG

O uso de charges com os temas sobre conjuntura política, acontecimentos políticos, além da construção e desconstrução de figuras políticas tem sido, ao longo da história da cultura política no Brasil um recurso altamente positivo. Pelo seu caráter burlesco, jocosos e de “neutralidade” jornalística, as charges são resultado de construção contínuas de imagens públicas de políticos e de sua atuação parlamentar ou executiva, de

instituições sociais privadas ou públicas, de visões do eleitor sobre o voto ou sobre as campanhas eleitorais. Trabalhamos nesse artigo com o pressuposto de que a caricatura é um lugar que carrega uma preciosa carga de informação e analisar a força do significado simbólico presente nas charges é o nosso objetivo. Utilizamos como campo para análise as charges do cartunista Lila, veiculados no Jornal da Paraíba – Campina Grande – PB, no período de 01 de janeiro de 2007 a 12 de setembro de 2009. Trabalhamos com a idéia de que a caricatura é um lugar que carrega uma importante carga de informação subliminar. A força do elemento simbólico, neste caso, reside exatamente naquilo que não se pode mostrar enquanto fato, logo não pode ser notícia. É desse modo que fazem parte da composição da narrativa mas permanecem protegidas pela pressuposição de um descompromisso com o conteúdo noticioso. Mesmo assim, com toda a sua despreensão, a charge é uma narrativa que diz muito sobre as variadas leituras e significados do quem vem a ser a prática política em nossa cultura. Acreditamos serem as charges um interessante veículo de comunicação para o eleitor. Dizendo verdades que parecem mentiras, por serem brincadeiras, a charge é uma forma de linguagem e de narrativa muito apropriada por uma cultura marcada pela imagem, em detrimento do discurso. A charge de conteúdo e temática política, é uma forma de espetacularização da política, mas em seu sentido negativo, pois ela não otimiza o personagem ou o fato que pretende destacar, ela ridiculariza, torna risível e burlesco políticos, fatos e situações que, fora do espaço da charge, não seria possível ou permitido aventar. A charge desnuda a política, os políticos e suas ações, e ao desnudar, deixa exposto suas “vergonhas” que nos envergonham, enquanto cidadãos e enquanto eleitores. O riso da charge, é um riso triste, se é que é possível a existência de tal paradoxo. Triste porque ele se mistura a uma gama de sentimentos outros que nos descortinam verdades, mesmo brincando de dizer mentiras.

VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NOS JORNAIS NA PARAÍBA NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX.

Maria da Paz Lopes dos Santos - UFPB

O objetivo deste trabalho é mostrar a importância do uso de periódicos como fonte para a pesquisa em História. Partindo deste pressuposto discutiremos possibilidades de análises dos conteúdos de suas notícias. Escolhemos o jornal como ferramenta de pesquisa, pensando o mesmo como uma produção diária, semanal, mensal e etc., e por carregar as visões de seu tempo. Sendo um veículo de comunicação que influencia e forma opinião, destinado a um público e tendo ciência que seu conteúdo é um discurso parcial, apresentando implícita ou explicitamente os interesses de quem o produziu, bem como o intuito de passar uma mensagem, reforçar uma idéia ou mesmo incentivar práticas culturais, nossa intenção a este respeito é discutir o jornal enquanto fonte e a violência contra as mulheres o objeto de estudo. Para que isso fosse possível buscamos nas leituras de periódicos vestígios da violência masculina. Analisamos a mesma como meio para problematizarmos as lutas femininas no processo de enfrentamento a esta modalidade de violência, na província da Paraíba na segunda metade do século XIX. Como o gênero não é neutro mas, um resultado de representações históricas e culturais, buscaremos nas notícias das páginas dos jornais, as formas pelas quais, a mulher vítima

da violência masculina aparecia na mesma e a atenção dispensada a denúncia, já que a processo de transformação do fato em notícia era uma produção masculina. Sendo assim nos utilizamos das contribuições dos estudos culturais através dos conceitos de experiência e resistência de Paul Thompson, para pensar as relações entre violência e reação a violência sofrida. Para a nossa pesquisa em específico, as notícias que coletamos, todas as mulheres que tiveram as suas vidas transformadas em notícias de jornal foram vítimas da violência doméstica, ou seja, este tipo de violência era culturalmente dissimulada, em nome do casamento pelo domínio masculino e conseqüentemente as lutas das mulheres eram socialmente silenciadas. Diante dos recortes de jornais base para fundamentar esta pesquisa, podemos constatar que a violência se dava no âmbito do privado por meio das relações afetivas.



**GT 28: PELOS BECOS E RUAS DA CIDADE: ESPAÇOS DE
SOCIABILIDADES, ESPAÇOS DE SENSIBILIDADES**

Msc. Uelba Alexandre do Nascimento - UEPB

Os estudos relacionados às cidades vêm sofrendo significativas mudanças nos últimos tempos devido à multiplicidade de tensões e sociabilidades que emergem na urbe. Os historiadores reconhecem que ela é tecida não só de uma trama político-econômica, mas fundamentalmente de um complexo cultural que marca seus fluxos e dinâmicas que tecem sua memória. O olhar sobre a cidade, e suas diversas faces, nos remete as várias experiências, quer sejam individuais ou coletivas, no âmbito das sensibilidades e sonoridades, quer sejam no cotidiano diurno ou noturno. Sob a perspectiva da História Sócio-Cultural, pretendemos reunir neste grupo temático trabalhos de mestrandos e doutorandos que dialoguem com diversos documentos, especialmente fontes judiciais, orais, musicais e jornalísticas (crônicas), que priorizem em suas investigações aspectos diferenciados das temáticas: cidade e cultura.

**“A CIDADE DE SÃO PAULO PRA MIM ELA É...” NAS FACETAS DE UMA
MIGRAÇÃO, FLASHS DO COTIDIANO NAS MEMÓRIAS DOS
QUIXADAENSES. (1980-2000)**

Vilarin Barbosa Barros (Graduado)- UECE

Ao constarmos um fluxo migratório de homens e mulheres quixadaenses, entre os anos de 1980-2000, no trajeto Quixadá – São Paulo e escutarmos histórias de idas e vindas desses sujeitos, rastreamos através de nosso objeto o cotidiano dos migrantes quixadaenses em São Paulo, possíveis significados de mundos que se desvelam e se revelam em meio a justaposições, contrastes e comparações de falas, cartas e fotografias. Quando perante os depoimentos orais, utilizamos a história oral enquanto metodologia. Porém, como através desses indícios históricos poderemos rastrear nosso

objeto, resgatar sentimentos, sensações, sentidos de um momento? Que cidades podem aflorar através das memórias de nossos colaboradores? Como se estabeleceu essa migração para São Paulo no fim do século XX? Nossa pesquisa tem apontado elementos que contribuíram para o estabelecimento dessa migração, uma fortificação dos laços de parentescos e relações de vizinhança, talvez, mas o que nos cabe aqui é pensar como isso foi vivenciado e sentido pelos quixadaenses em São Paulo? De que forma se pensou, se investiu se inventou o cotidiano? Tecer uma trama histórica comparando nossas fontes, contrastando esses vestígios e “retalhos” de vidas é um desafio a se constituir, a se construir. Contudo, até então as vozes que nos chegam como “relampejos” do passado parecem permitir enxergar traços de projetos de vida, envolvidos de presente e por valores, marcados por diferenças e identificações, por conflitos e sensações, isso em um lugar rico em historicidade, “de transformações e apropriações”. Referimo-nos nesse momento, em específico, a cidade que, por sua vez tão amada, que desperta saudade; tão rica, bonita e desejada tem ao mesmo tempo o poder de ter sido, de ser tida como indesejada. Os migrantes quixadaenses falam bem da cidade de São Paulo, dizem até que se acostumaram com sua rotina, se adaptaram facilmente, inclusive no que diz respeito às maneiras de se comportar, agir e falar. Mas na verdade ressaltam, também, não quererem mais voltar, preferem o Ceará. O que “de fato” aconteceu? Quais os possíveis significados dessas vozes? Como aflorar esse passado no presente? Qual a relevância dessa pesquisa? Acreditamos que trazer a tona histórias de vidas, histórias sentidas por esses migrantes, principalmente com a perspectiva da História Sócio-Cultural, nos levará a reconstituir e entender sensibilidades ainda encobertas em nossa contemporaneidade.

AS MIL E UMA FACES DOS AMORES ILÍCITOS

Msc. Uelba Alexandre do Nascimento - UEPB

Este texto tem por objetivo analisar as relações amorosas e as tensões entre as meretrizes e as autoridades policiais na década de 1940 na zona de meretrício na cidade de Campina Grande. A relação entre prostitutas e policiais militares era bastante complexa e quase sempre permeada pela barganha, algo comum nos locais de prostituição da cidade. Mas não era só isso, as prostitutas necessitavam de certa forma, da presença dos policiais na zona, mesmo que esta presença fosse quase sempre marcada por arbitrariedades. Portanto, a partir de alguns processos criminais, tentaremos desvendar um pouco desta relação entre as pessoas que viviam e trabalhavam na zona de meretrício, sejam elas “mariposas” e cafetinas com as autoridades policiais que, teoricamente, estavam ali para manter a ordem e preservar o “patrimônio moral” da cidade.

O “SEXO AMÁVEL” SOB O CERCO DA POLÍCIA: CONTROLE SOCIAL E VIOLÊNCIA NAS RUAS DA CIDADE DO RECIFE, NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XIX.

Grasiela Florêncio de Moraes (Mestranda) UFRPE

Dr. Wellington Barbosa da Silva - UFRPE

Esse trabalho versará sobre a relação nada amigável existente entre os aparatos policiais e as mulheres pobres livres e escravas na cidade do Recife na primeira metade dos oitocentos. Dessa forma, procuramos analisar as estratégias criadas pela polícia da época para conter e corrigir os “maus hábitos” das pessoas na cidade, pois se pretendia “fabricar” outro tipo de sujeito social, mais “dócil” e “obediente”. Contudo, tal ação contava com muitas contradições e deficiências de toda ordem. A resistência dos segmentos populares representou um grande empecilho a atuação policial nos logradouros públicos. No que se refere às mulheres populares, ao resistir criaram códigos de conduta próprios de seu grupo social que serviram como elementos valiosos na montagem do seu cotidiano, por vezes, marcado por relações conflituosas e pela exclusão social.

**CAMINHOS CRUZADOS, PAISAGENS (RE)VELADAS: MEMÓRIAS DA
CIDADE DE GARANHUNS NOS ANOS 1950.**

José Eudes Alves Belo (Mestrando) - UFPE

As cidades guardam em suas esquinas, becos, casas, vozes, silêncios, luzes, escuridão, aspectos necessitam de um olhar diferencial, de nossa atenção para ganharem significado. Neste trabalho a paisagem é Garanhuns, a referência temporal é a década de 1950, a proposta de abordagem é das histórias que ecoam das suas colinas. Histórias contadas por antigos moradores que se cruzam com fontes jornalísticas, arquivos da Paróquia, cartões postais, fotografias. O encontro dessas fontes, com fontes literárias permitem uma leitura da paisagem urbana, aberta a múltiplas interpretações e diálogos. A cidade emerge deste encontro de signos e significados, representações do passado enigmas do presente.

**POR ENTRE CONFLITOS A DIVERSÃO: O USO DE FONTES JUDICIAIS E
POLICIAIS NO ESTUDO DO DIVERTIMENTO DAS CAMADAS POPULARES
DO RECIFE (1822-1855)**

Lídia Rafaela Nascimento dos Santos (Mestranda) - UFPE

O Recife na primeira metade do século XIX era uma cidade Repleta de agitação, passava por importantes mudanças de acordo com os ideais vigentes na época. Os divertimentos eram locus privilegiados para essas mudanças. Todos divertiam-se seja seguindo os velhos costumes ou se adaptando aos novos, ainda que algumas dessas formas de diversões fossem proibidas. As camadas populares do Recife souberam aproveitar esta cidade como um palco privilegiado para a prática de seus divertimentos. No período estudado ocorreram uma série de mudanças na sociedade brasileira. Um de seus aspectos foi a efervescência da vida social das cidades. Houve uma expansão urbana e uma progressiva busca por conformação do que a elite acreditava ser

civilizado. Uma série de melhoramentos urbanos, reclamados pelo ideal de uma cidade que se civilizava e pelo crescimento urbano e demográfico pelo qual a cidade passava, foram implementados. Mas era preciso também mudar hábitos e costumes, entre eles as formas de divertimento, para conseguir atingir tal objetivo se fazia necessário regulamentar o cotidiano de ruas, becos, praças, tabernas, dos espaços que possibilitassem o ajuntamento de pessoas, especialmente os ajuntamentos das classes subalternas. A elite necessitava cada vez mais praticar atividades tidas como “civilizadas” para ocupar seu tempo de diversão. Para conseguir efetuar essas mudanças era preciso controlar práticas e costumes de escravos e homens livres pobres, que além de serem contrárias aos modelos que se buscava implementar, eram ainda perigosos a segurança a ordem e a tranquilidade pública. A análise de diversos tipos documentais possibilita- nos estudar o divertimento das pessoas comuns no Recife desse período. Nesse trabalho pretendemos focalizar o nosso trabalho na utilização das fontes judiciais e policiais para a análise dos divertimentos dos escravos e homens livres pobres no Recife. Apesar da diversão não ser um crime, é um espaço privilegiado para conflitos e constantemente conflitos se iniciam nesses espaços. Apesar dos momentos relatados por esse tipo de documento relatar apenas uma ínfima parte do que era o divertimento para esses homens.

impresso e em website aqueles interessados nesse material histórico. Neste caso, a presente comunicação visa apresentar as principais intenções do projeto, bem como seus maiores resultados até então.

O BEM MORRER NO RECÔNCAVO DA GUANABARA: UM OLHAR SOBRE A FREGUESIA DE PIEDADE DO IGUASSÚ. (SÉCULO XVIII)

Ana Paula Souza Rodrigues (Graduanda) – UFRRJ

O presente trabalho analisa concepções de morte na vila de Piedade do Aguassú, Recôncavo da Guanabara, no século XVIII, enfocando os sacramentos ministrados e as medidas tomadas para o bem morrer, isto é, evitar um longo período no purgatório ou uma estadia permanente no inferno, idéias, segundo Jacques Le Goff, introduzidas pela Igreja Católica e enfatizadas após a Reforma Tridentina (1545). Ao mesmo tempo, a pesquisa aborda hierarquias expressas na morte. As fontes primárias analisadas foram 1.048 registros de óbitos (contendo nome, data do óbito, tipo de mortalha, sacramentos recebidos, etc.) e testamentos, que, dentre outros aspectos, contém as últimas vontades do “moribundo” sobre seu sepultamento. Objetiva-se comparar o sepultamento e as concepções de morte de diferentes grupos sociais, sobretudo escravos, livres e forros. A hipótese principal é que, em uma sociedade de Antigo Regime nos trópicos, a morte expressa hierarquias sociais moldadas pela escravidão. A mortalha, utilizada para envolver o defunto, é um elemento que pode refletir tal hierarquia, a pesquisa aponta os livres como os que mais foram envoltos em hábitos, inclusive o dos santos (os mais pomposos), em relação aos forros; no caso dos escravos não há menção de nenhum tipo de tecidos para envolver seus corpos, para além do esquecimento do pároco, podemos constatar o alto custos destes panos. No que tange a participação nas irmandades, os livres são os que têm o maior número de suas covas, como afirma o autor João José Reis, essas associações garantiam sepultura, acompanhamento no funeral e realização de missas em prol da alma do defunto, garantido grandeza no funeral e a salvação. Através da análise das concepções de morte e da hierarquia expressa por elas a pesquisa apresenta uma das engrenagens do sistema colonial, o qual é norteado por concepções de Antigo Regime, vemos assim o mundo dos mortos refletindo no mundo dos vivos.

AS IRMANDADES RELIGIOSAS NA NATAL DO SÉCULO XIX: UMA HERANÇA LUSITANA

Msc. Annie Larissa Garcia Neves Pontes - UNP

As diversas Irmandades religiosas criadas no Brasil durante os períodos Colonial e Imperial tinham como modelo as organizações fraternais portuguesas, difundidas desde o medievo. Essas instituições tinham por base a solidariedade e a sociabilidade, criando uma matriz de auto-ajuda e assistência que se desdobraria, assumindo características próprias de acordo com o contexto histórico das regiões em que cada uma delas se fixou. As irmandades se constituíram a partir da necessidade de aliar a religiosidade a objetivos beneficentes e de ajuda mútua, não havendo distinção entre interesses

religiosos ou sociais, gerando um convívio social marcado pelas vertentes penitencial e festiva do catolicismo romano. Na Cidade do Natal, capital da Província do Rio Grande, existiam durante o século XIX cinco irmandades religiosas: a Irmandade do Senhor Bom Jesus dos Passos; a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário de Natal; a Irmandade do Bom Jesus dos Martírios; a Irmandade de Santo Antonio dos Militares e a Irmandade do Santíssimo Sacramento. Através de suas manifestações religiosas, essas irmandades mobilizavam a sociedade natalense com suas festas e ritos fúnebres. Tais instituições retratavam a sociedade local e suas principais categorias estruturais, proporcionando a expressão, no cotidiano, de um poder não formalizado que, se por vezes admitia as regalias da elite, também abria frestas para os anseios da população pobre, excluída do poder político.

**NAS MALHAS IDENTITÁRIAS ALAGOANAS:
PARTICULARES E ESPECIFICIDADES DE UMA CONQUISTA COLONIAL
(SÉCULOS XVII & XVIII)**

Antonio Filipe Pereira Caetano - UFA

Em se tratando de América portuguesa, a região alagoana sempre foi tomada como subjugada a capitania de Pernambuco até a conquista plena de sua emancipação em 1817, todavia alguns elementos de sua especificidade e particularidade podem ser observados durante todo esse período. Desta maneira, a presente apresentação tem por objetivo analisar a formação da identidade alagoana enquanto estava ligada a Pernambuco, trançando elementos que a dotem de autonomia política e marcas distintivas sociais. Percebendo a identidade como algo múltiplo, mutável e variável conforme o interesse de grupos e circunstâncias, tentaremos demonstrar as modificações e alterações dessa imagem que passavam pelo português, pelo pernambucano até a conquista da identidade alagoana.

**ESCRITURAS DE PERDÃO E A RELIGIOSIDADE (PORTO FELIZ, SÃO
PAULO, SÉCULO XIX).**

Gisele Dias Quirino (graduanda) - UFRRJ
Roberto Guedes Ferreira (orientador) - UFRRJ

O trabalho analisa as motivações que levavam famílias de Porto Feliz, seara localizada (grana capitania/província de São Paulo, a perdoar crimes cometidos contra si ou seu familiar no século XIX. O perdão era concedido por meio de escrituras públicas registradas em cartório denominadas *escrituras de perdão*, nas quais o criminoso era considerado inocente e ficava livre de punições, quer fosse a privação da liberdade (cadeia) ou indenizações financeiras. Para tanto utilizamos as escrituras de perdão que foram encontradas nos livros de notas que abarcam os anos de 1811 a 1900. Por meio da transcrição e da comparação das escrituras, verificamos os argumentos utilizados pelas personagens que concederam perdão. Em seguida, procedemos à tipificação dos crimes cometidos e suas possíveis punições no *Código Criminal do Império do Brasil* e nas

Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia bem como a aferição de algum possível parentesco entre os outorgantes e o criminoso. Ou seja, analisamos qualitativamente as escrituras. A própria vítima e/ou seus parentes alegavam que concediam a inocência sobretudo *pello amor de Deos*, nosso objetivo é perceber se tal argumento era retórica, se demonstrava manifestação religiosa ou, ainda, fórmula notarial. Uma fórmula notarial implica em repetição constante do registro, o que não é o caso, pois só localizamos 6 escrituras de perdão em milhares de escrituras públicas consultadas em 10 livros de notas. Aqui, a exceção evidencia a força da religiosidade. Por outro lado, caso se assuma que se tratava de mera retórica, cabe lembrar que toda retórica tem que ser plausível e factível. Com o intuito de perceber a influência da religião na sociedade buscamos na bíblia algumas passagens sobre o perdão, para confirmarmos a hipótese de que os indivíduos numa atitude de piedade cristã esperavam, depois da morte, receber a recompensa divina do ato misericordioso. A frequência da expressão *pello o amor de Deos* nas *escrituras de perdão* demonstra que a religiosidade ainda influenciava o comportamento de algumas famílias na sociedade de Porto Feliz no século XIX.

AS MILÍCIAS PARAIBANAS VISTAS A PARTIR DA DOCUMENTAÇÃO DO ARQUIVO HISTÓRICO ULTRAMARINO (1755-1799)

Bruno Cezar Santos da Silva (Graduando) - UFPB
Acácio José Lopes Catarino (Orientador) – UFPB

Essa comunicação, fruto de um trabalho de iniciação científica, orientado pelo professor doutor Acácio Catarino e encadeado à esfera do grupo de pesquisa Estado e Sociedade no Nordeste colonial (PPGH/DH/UFPB), visa analisar como a documentação do Projeto Resgate pode demonstrar as transformações ocorridas na conjuntura dos corpos militares, em especial, nas tropas auxiliares paraibanas, na segunda metade do século XVIII, época, inclusive, em que a capitania esteve anexada a Pernambuco (1755-1799). Com efeito, durante a gestão do Marquês de Pombal, encaminharam-se reformas militares que foram sentidas por todo o espaço do Império. No que concerne à América Portuguesa, as referidas medidas almejavam, fundamentalmente, dirimir a sua vulnerabilidade defensiva, tendo em vista os conflitos bélicos e diplomáticos vividos na Europa, a exemplo da Guerra dos Sete Anos (1756-1763). Nesse sentido, as fronteiras externas foram contempladas, mas houve uma preocupação especial com a dispersão interna destes corpos nos territórios coloniais, uma vez que, eram evidentes os atos de resistências ao serviço militar vindos de colonos, indígenas, e mesmo de jesuítas, expulsos há pouco. O Marquês também pensou na elaboração de um sistema de segurança integrado entre as capitanias, que estivesse centralizado na capital - Rio de Janeiro; bem como em se agregar os grupos sociais marginalizados (negros forros, pardos e índios), tornando-os igualmente súditos por meio de sua integração a corpos militares. Não obstante a fragilidade econômica da Coroa, tais reformas só seriam possíveis sem altos custos. Dentro desta perspectiva, são criados, em todo o Brasil, vários regimentos auxiliares de Cavalaria e Infantaria, caracterizados por serem gratuitos e organizados a partir de critérios etnicossociais. A proposta é demonstrar, através de um levantamento feito nos documentos avulsos do Arquivo Histórico

Ultramarino (AHU), disponibilizados pelo projeto resgate Barão do Rio Branco, como este plano de racionalização dos corpos militares se configurou (ou não) na capitania da Paraíba, isto é, verificar em que medida as reformas militares pombalinas se efetivaram nestas paragens, e como as fontes discutem o processo de atuação do oficialato e da elite política local neste contexto.

OS SANTOS E SANTAS QUE PROTEGEM E AUTORIDADES QUE VIGIAM.

Prof. Ms. José Pereira de Sousa Júnior – UFCG/UEPB

O objetivo deste trabalho é apresentar algumas discussões sobre a atuação das Irmandades religiosas na Paraíba oitocentista e perceber como eram construídos seus espaços de sociabilidades, assim como suas estratégias para se estruturarem, funcionarem e suas práticas devocionais. Sabemos através dos seus compromissos ou estatutos, documento este que regia as irmandades, que seu objetivo fundamental era o de reunir pessoas que elegiam um santo ou santa de sua devoção, que iam depositar os seus votos e ao mesmo tempo buscar proteção religiosa e física, onde aqueles que faziam parte destas irmandades tinham que comprometerem-se a mantê-la em funcionamento e promover sua devoção. As irmandades também podem ser vistas como um espaço estruturado e organizado, no qual aqueles que dela fazem parte direcionavam suas esperanças de mudança, manifestando seus anseios com relativa liberdade e autonomia, principalmente aquelas irmandades freqüentadas pela população branca, diferentemente daquelas freqüentadas por negros livres ou cativos, em que o olhar vigilante do Estado e do poder eclesiástico era freqüente e presente.

O COTIDIANO FEMININO NAS TERRAS PORTUGUESAS DA AMÉRICA

Profa. Msc. Juliana da Cunha Sampaio - UFRPE

Esta comunicação objetiva apresentar reflexões acerca do cotidiano feminino nas terras portuguesas da América, a partir da imposição de um modelo de mulher ideal realizada pelo discurso da Igreja Católica Tridentina, no sentido de moldar o comportamento das mulheres a fim de que elas servissem como instrumento de efetivação da sua missão doutrinária e cumprissem os ideais de colonização da Coroa Portuguesa. Nesse sentido, discutiremos o caso da escrava parda Isabel Caetana, que vivia em "trato ilícito" com seu senhor, relacionando este caso com os discursos da Igreja Católica sobre amancebamento, aborto e casamento, temas bastante presentes na vida cotidiana da população colonial.

PODER, ADMINISTRAÇÃO E A FORMAÇÃO DAS ELITES ALAGOANAS (SÉCULOS XVII-XVIII)

Lanuz Maria Carnáuba Pedrosa (graduanda) - UFAL
Dimas Bezerra Marques (graduando) - UFAL

Prof. Antonio Filipe Pereira Caetano (Orientador)

O presente projeto tem por intenção analisar a constituição de poder, a formação das malhas administrativas e o desenvolvimento das elites alagoanas no cenário colonial seiscentista e setecentista. Na prática, tem-se a intenção de entender o funcionamento da estrutura política local enquanto região subjugada à capitania de Pernambuco, buscando o entendimento das maneiras como aquela localidade se inseria no jogo de poder do império ultramarino português e suas possibilidades de formação de grupos políticos com uma identidade particular e específica.

**ROTEIRO DO MARANHÃO A GOYAZ PELA CAPITANIA DO PIAUHY:
SOCIEDADE E CULTURA DO GRÃO PARÁ E MARANHÃO NAS PÁGINAS
DE UM DOCUMENTO ANÔNIMO DO SÉCULO XVIII.**

Dr^a. Maria Lucia Abaurre Gnerre - UFPB

Este trabalho tem por objetivo apresentar alguns aspectos de um documento anônimo produzido nos últimos anos do século XVIII, intitulado Roteiro do Maranhão a Goyaz pela Capitania do Piauí. Este documento foi tema de nossa pesquisa de doutorado por estar presente na matriz de importantes obras da historiografia brasileira da primeira metade do século XX - como Capítulos de história colonial, de Capistrano de Abreu, e Formação do Brasil contemporâneo, de Caio Prado Jr. Em nossa apresentação discutiremos justamente os motivos e processos que transformam este documento anônimo numa fonte de grande importância dentro destas obras historiográficas. No Roteiro do Maranhão a Goyaz pela Capitania do Piauí a sociedade da América portuguesa (especificamente do Grão-Pará e Maranhão), é retratada em seus mais diferentes aspectos. O autor deste documento anônimo revela uma excepcional eloquência argumentativa ao buscar persuadir seus interlocutores, na metrópole, sobre a adequação do plano que propõe para a ocupação dos sertões entre os rios Tocantins e Parnaíba. O objetivo deste plano é levar o estado e a cultura portuguesa ao sertão da colônia. Reconhecemos, no texto do Roteiro, as marcas da ilustração portuguesa, com suas nuances bem características, formando um substrato teórico presente em seu discurso. O tema do ócio, da indolência, das terras incultas e espíritos bárbaros, são exemplos de características atribuídas à sociedade e a cultura dos sertões na colônia. Além de uma breve exposição sobre o conteúdo do documento, interessa-nos, no contexto deste encontro, apresentar sua trajetória e inseri-lo nas discussões sobre a divulgação de fontes documentais para a história da América portuguesa. Segundo consta na última página do texto do Roteiro do Maranhão, publicado pela Revista do IHGB em 1900, este teria sido copiado pelo Frei Vicente Salgado, em 1800, “bem e exactamente” como o texto do manuscrito, que fora encontrado na Secretaria dos Negócios Ultramarinos de Lisboa. Este manuscrito encontra-se hoje na Academia de Ciências de Lisboa e a ele tivemos acesso para a elaboração de nossa pesquisa. Capistrano de Abreu esteve diretamente envolvido em sua publicação, no ano de 1900, bem como nas discussões sobre a autoria do documento. Embora existam importantes indícios a cerca de sua autoria, pretendemos em nosso trabalho justamente valorizar a

importância desta fonte que, mesmo sendo anônima, passa a ter um papel central para a historiografia brasileira.

**PODER E TRANSGRESSÃO RELIGIOSA NA COLÔNIA: UM VIGÁRIO
“INIMIGO” DO VASSALO DO “EL REI” NA CIDADE DA PARAYBA DO
NORTE**

Muriel Oliveira Diniz (Graduanda) - UFCG
Prof^a. Dr^a. Juciene Ricarte Apolinário - UFCG

No Brasil colonial, a religião exercia um papel fundante para com a sua metrópole. Enquanto divulgadora da cultura portuguesa, a Igreja ‘submissa’ à Coroa pelo sistema de padroado, tinha a função de garantir e legitimar a colonização dos corpos tendo em vista a catequização das almas. Dessa maneira, poder temporal e religioso muitas vezes se imbricavam de forma a contribuir para o ordenamento social de acordo com os ditames metropolitanos. Entretanto, apesar da constante vigilância, algumas posturas/comportamentos de indivíduos (fiéis e religiosos) contradiziam e até mesmo afrontavam as imposições portuguesas. Assim sendo, em se tratando do clero, são encontradas evidências em documentos eclesiásticos ou laicos, que tanto religiosos seculares, quanto regulares - e principalmente estes, na medida em que o poder régio não se exercia com o mesma intensidade sobre as ordens missionárias - em algumas ocasiões, desafiaram o monarca ou mais diretamente, seus subordinados. Nesse sentido, o presente trabalho tem o intuito de refletir acerca das possibilidades de simbioses entre poderes religioso e político na capitania da Parayba e suas influências nas ações de transgressões e intrigas consentidas entre leigos, sacerdotes e escravo em troca de influências e em prol de negociações e conflitos. Valendo dos processos jurídico-administrativos do Arquivo Histórico Ultramarino, digitalizados pelo Projeto resgate Barão do Rio Branco, analisaremos as informações referentes a um tal vigário, Antônio Soares Barbosa, que acusado pelo governador da capitania de ter tramado seu assassinato, ofendeu, confrontou e desestabilizou o ordenamento colonial paraybano. O tema valendo-se da abordagem da micro-história, reduz a escala de observação para que com isso se possa dá ênfase à aspectos até então despercebidos pela historiografia. Não desconsiderando a conexão com o contexto mais geral, a pesquisa costurada por esse evento em específico, permite através de seu ineditismo e relevância, a reflexão acerca do poder e transgressão religiosa na Parayba setecentista. Contribui-se desse modo, para termos conhecimento de alguns pequenos fragmentos de fundamental importância para uma análise sobre uma faceta da religião colonial.

**PODER, POLÍTICA E CRIMINALIDADE NA PARAÍBA SETECENTISTA:
FONTES, METODOLOGIAS E PROBLEMAS**

Paulo Henrique M. de Q. Guedes (Doutorando) - UFPE

Neste trabalho pretendemos discutir as linhas gerais, no campo teórico-metodológico, de nossa pesquisa de doutorado que esta em andamento. Nosso estudo centra-se na

Comissão Científica

Antônio Clarindo (Presidente) (UFCCG)

Carlos Cunha Miranda (UFPE)

Dilton Cândido Santos Maynard (UFSE)

Edson Silva (UFPE)

Fátima Martins Lopes (UFRN)

Iranilson de Oliveira Buriti (UFCCG)

Jocyleia Santana dos Santos (UFT)

José Otávio Aguiar (UFCCG)

Josemir Camilo de Melo (UEPB)

Luciano Mendonça de Lima (UFCCG)

Marcos Fábio Freire Montezuma (UFSC)

Marcos Silva (USP)

Patrícia Cristina Aragão Araújo (UEPB)

Regina Célia Gonçalves (UEPB)

Rodrigo Ceballos (UFCCG)



Campina Grande, 2009

ISSN 2176-451-4

análise do universo político-cultural sertanejo consubstanciado pelas práticas do mando e da criminalidade na Paraíba setecentista. Neste sentido, pretendemos entender as manifestações do poder político no sertão, contribuindo desta maneira com o debate acerca das relações sociais no hinterland do Brasil, bem como enfatizando a diversidade destas relações numa sociedade escravista. Destacaremos assim, como especificidades desse objetivo, o mandonismo local e suas reações e conexões com as estruturas de poder regionais ou centrais, as manifestações da criminalidade na sociedade em questão e a natureza dos constantes conflitos e complementaridades entre a justiça oficial e a justiça costumeira. Importante destacar também que o recorte deste estudo insere-se num quadro de profundas mudanças institucionais levadas a cabo pela anexação da Paraíba à capitania de Pernambuco, entre 1755 e 1799. Na Paraíba, este período foi marcado por um grande crescimento da população, pela criação de muitas freguesias e vilas e pela ampla distribuição de sesmarias nas terras semi-ocupadas do sertão e do brejo (esta última foi à derradeira grande região a ser colonizada na Paraíba). Pretendemos estabelecer no trabalho que ora apresentamos o norteamento teórico e metodológico da pesquisa, discutindo igualmente as fontes utilizadas na pesquisa, com ênfase nos documentos manuscritos avulsos referentes à capitania da Paraíba do Arquivo Histórico Ultramarino. Refletimos igualmente sobre algumas questões conceituais relacionados ao espaço-sertão, pensando, sobretudo, em conceitos e abordagens que nos ajudarão a problematizar o espaço estudado em suas relações com o social, o cultural e o político. Lançamos mão também de uma discussão teórica que dialoga com a História do poder político, a História social e alguns conceitos de interesse para nossa pesquisa relacionados à História cultural. Além disso, procuramos estabelecer uma interlocução com outras áreas do conhecimento de importância especial para nossa perspectiva de estudo, principalmente no âmbito das Ciências Sociais.

CRIMINALIDADE BARROCA: BANDIDOS, CRIMES E PENALIDADES EM PERNAMBUCO NO SÉCULO XVIII.

Priscilla de Souza Mariano e Silva - UPE
Kalina Vanderlei Silva (Orientadora) - UPE

O Estado Absoluto representado pela metrópole portuguesa exercia seu poder através do controle da arte, da religião e da mentalidade criando assim um rígido código de honra, etiqueta e decoro denominado barroco. Na colônia, os estamentos sociais também eram regidos por esses códigos criando mecanismos de controle da sociedade diferenciados para cada camada social. Por exemplo, punições diferentes para o mesmo crime, sendo possível citar o caso dos assassinatos, que tinham por pena o degredo para os abastados e a morte para os pobres. Logo, analisamos as fontes primárias encontradas no AHU (Arquivo Histórico Ultramarino) e APEJE (Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano), e através dos recentes estudos em história sócio-cultural, buscamos entender como a mentalidade barroca influenciou a criminalidade e as punições em Pernambuco contribuindo assim para o estudo da sociedade e da cultura pernambucana nos séculos XVII e XVIII.

**RITOS E SACRAMENTOS NOS LIVROS DE REGISTRO DA ARQUIDIOCESE
DO MARANHÃO (1750-1800)**

Tatiane da Silva Sales (Mestranda) - UFBA

Este trabalho enfoca a importância dos livros de registro da arquidiocese do Estado do Maranhão, sobretudo os códices de registro de batismo, casamentos e óbitos, no sentido de perceber as peculiaridades dos ritos dos habitantes da mesma capitania durante os anos de 1750 a 1800. A religião católica organizava, estruturava e definia a existência social destes habitantes, mas perceber a presença de determinadas pessoas, ou da aplicação de determinadas práticas ou objetos na realização do rito pode sinalizar para a compreensão do sujeito. Nesse sentido utilizamos o exemplo de Duarte Rodrigues, figura de relativo destaque financeiro da capitania, para compreender os ritos de óbitos.

**A NORMA DE UM REI DISTANTE E A ESCRITA DE UM SERVO LOCAL: O
SENADO DA CÂMARA DE NATAL E O REGISTRO DOS TEMPOS
COLONIAIS**

Thiago Alves Dias (Mestrando) - UFRN

No início do século XVI, estabeleceu-se em todas as possessões lusitanas o sistema de governo municipal através das Câmaras. Na Capitania do Rio Grande, somente após a expulsão dos holandeses e a restauração do poder lusitano em 1659, o Senado da Câmara de Natal estabeleceu-se como o órgão administrador oficial a serviço da metrópole. Em nome do Rei e do 'bem comum do povo' (leia-se, da ordem cotidiana), os homens que compunham esse Conselho reproduziram o poder metropolitano, lançando posturas, legislando, punindo e controlando os colonos através de seus dispositivos diversos. Munidos do aparato civil e jurídico português, ensejado nas Ordenações Filipinas e nos inúmeros decretos, alvarás e leis expedidos pelo Reino, esses 'homens bons' permitiram a perpetuação do poder reinol nas mais distantes localidades do Império. Responsável por tudo tomar nota, o escrivão, único funcionário camarário pago por seus serviços especializados e com cargo vitalício, permitiu a perpetuação daquilo que era discutido e acordado dentro das Casas de Câmara. Nesse sentido, esse trabalho pretende analisar, a partir dos manuscritos coloniais existentes atualmente no arquivo do IHGRN, quais documentos são estes, atentando para sua tipologia, relevância histórica e tipos de apropriação temática que os historiadores e demais cientistas das humanidades podem realizar.

**FESTAS RELIGIOSAS E RELAÇÕES DE PODER NO RECIFE E OLINDA DO
SÉCULO XVIII.**

Ulisses Batista da Silva (Graduando) - UPE
Heriberto da Mota de Arruda Barros (Graduando) - UPE
Alberon de Lemos Gomes (Orientador)

As festas públicas religiosas, no decorrer do século XVIII, nas localidades das Vilas do Recife e de Olinda, se configuravam muito mais que um simples espaço de vivência, sociabilidade e diversão na capitania de Pernambuco. Por trás do aspecto lúdico das comemorações, construía-se uma rede de relações de interesses e poder que se mantinham indiretamente como objetivos principais a serem alcançados por aqueles que as organizavam. Dessa forma, essa pesquisa visa a trabalhar as festas nesse recorte espaço-temporal de forma a extrair delas não apenas detalhes descritivos e/ou informativos de seu funcionamento, mas buscar nelas, utilizando-as como uma janela para um estudo maior, sentidos mais profundos das quais, ao que parece, não estavam isentas. Portanto, ao estudar uma das manifestações religiosas mais importantes e populares de todo o país: as festividades, busca-se “investigar” de que forma elas estavam embebidas de referenciais políticos funcionando como um reforço aos interesses locais. Para isso, faremos dentre outros artifícios, uma revisão bibliográfica acerca do tema proposto, em que seria priorizado nesse processo de busca, o que foi produzido no âmbito deste assunto, tanto a nível geral, ou seja, referente a qualquer parte do Brasil, quanto ao específico, nesse caso, na região pernambucana, especificamente na Vila do Recife. Apoiando-se em fontes de autores como a historiadora Mary Del Priore e, em outra frente de pesquisa, a carioca Martha Abreu. Poder-se-ia usar ainda como fontes nessa metodologia, dessa vez em caráter primário, o relato de cronistas como Koster e Tollenare, a obra de Pereira da Costa, além da documentação do Arquivo Histórico Ultramarino (AHU) e as atas da Câmara Municipal do Recife. Assim, é trabalhando com um ramo temático-cultural que ganha cada vez mais espaço historiográfico, e aproveitando-se do imprescindível espaço aberto pelos trabalhos da terceira geração dos Annales ou a Nova História que buscamos desenvolver a nossa pesquisa.

O CORPO E A FRONTEIRA: A EXPERIÊNCIA DE SAMUEL FRITZ NA AMAZÔNIA

Msc. Úrsula Andréa de Araújo Silva - UnP

Considerando que a tradição jesuítica na qual o padre Samuel Fritz estava integrado tem uma clara dimensão política e institucional que se revela na iniciativa missionária colocada desde o Concílio de Trento, seu Diário é um relato de experiência como missionário na região de Maynás transcorrendo o período de 1686 até 1725. Em sua narrativa observa-se uma série de dados relativos à conquista da Amazônia, disputas entre as Coroas Ibéricas e franceses, holandeses, ingleses, transformação da cultura e do espaço às vésperas do Tratado de Madri. Explorarei aqui a relação entre espaço e o homem, neste caso, o missionário através de suas práticas espaciais, pois uma política efetiva e geométrica de controle das fronteiras foi aplicada somente a partir de 1750 com os governos reformistas e que até então a Amazônia era objeto de iniciativas autônomas não tendo sido até então ação prioritária das políticas estatais concentradas como estavam nas regiões centrais (minas de Prata) e que a ação missionária de Samuel Fritz representou naquele momento o mais importante avanço fronteiriço para a Coroa Espanhola, coincidindo ao fim com os limites acordados posteriormente em Madri e

**I SEMINÁRIO NACIONAL FONTES
DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA:
DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES
DE 01 A 04 DE DEZEMBRO DE 2009**

ISSN 2176-4514

Santo Idelfonso, coloco a questão de como e com quê políticas a experiência de Fritz em Maynás pôde representar um avanço sobre esse espaço amazônico.